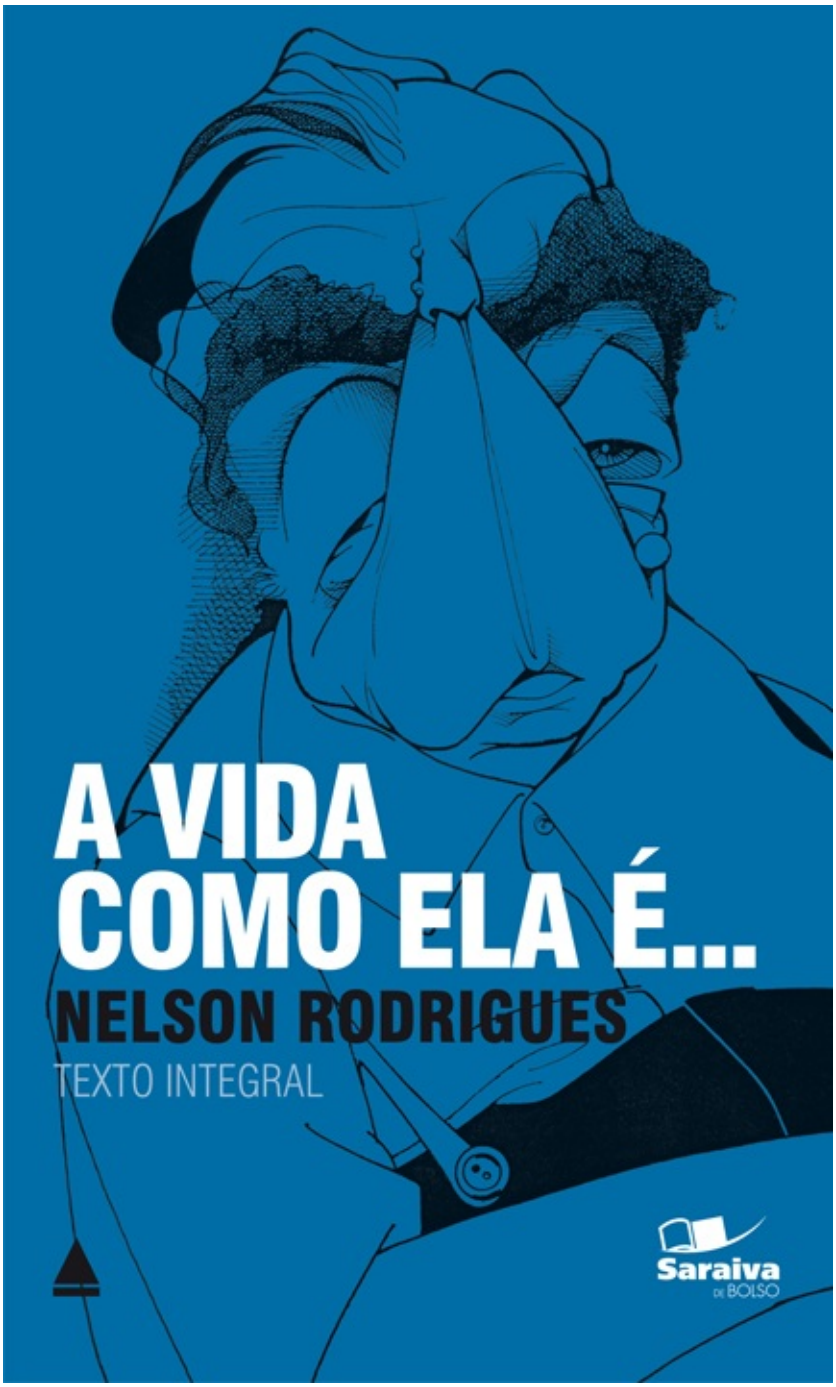
A VIDA
COMO ELA É...
NELSON RODRIGUES
TEXTO INTEGRAL
Saraiva
DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Nelson Rodrigues (1912-1980) nasceu no Recife, mas se consagrou por produzir textos em que o cenário era o Rio de Janeiro. Ainda adolescente começou a exercer o jornalismo, área em que se destacou como cronista e comentarista esportivo. Escreveu 17 peças de teatro, além de contos e romances. Sua obra teatral revela um olhar irônico sobre uma sociedade que passava por drástica transformação. Inaugurou e consolidou o modernismo no teatro brasileiro, consagrando-se como um dos maiores dramaturgos do país.

Publicada durante dez anos no jornal *Última Hora*, a coluna de nome idêntico ao título do livro, assinada por Nelson Rodrigues, conquistou de imediato o público leitor. O cenário desses dramas e tragédias do cotidiano é o Rio de Janeiro da década de 1950, e seus personagens vêm das famílias tradicionais dos subúrbios cariocas ou da classe média que começava a se instalar em Copacabana.

NOVA FRONTEIRA

Saraiva DE BOLSO

A VIDA COMO ELA É...

Nelson Rodrigues





© 2011 by Espólio de Nelson Falcão Rodrigues.

Coordenação: Daniel Louzada

Conselho editorial: Daniel Louzada, Frederico Indiani, Leila Name, Maria Cristina Antonio Jeronimo

Projeto gráfico de capa e miolo: Leandro B. Liporage
Ilustração de capa: Cássio Loredano
Diagramação: Filigrana
Conversão para e-book: Celina Faria e Leandro B. Liporage
Equipe editorial Nova Fronteira: Shahira Mahmud, Adriana Torres, Claudia Ajuz, Gisele Garcia

Preparação de originais: Gustavo Penha, José Grillo,
Bete Muniz

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
R614t
Rodrigues, Nelson, 1912-1980
A vida como ela é... / Nelson Rodrigues. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.
(Saraiva de bolso)
ISBN 9788520928592
1. Crônica brasileira. I. Título. II. Série.

CDD: 869.98
CDU: 821.134.3(81)-3

Aviso

Esta obra foi postada pela equipe iOS Books em parceria com o grupo LegiLibro para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

iOS Books

LegiLibro

Livros para todos

Esta coleção é uma iniciativa da Livraria Saraiva que traz para o leitor brasileiro uma nova opção em livros de bolso. Com apuro editorial e gráfico, textos integrais, qualidade nas traduções e uma seleção ampla de títulos, a coleção Saraiva de Bolso reúne o melhor da literatura clássica e moderna ao publicar as obras dos principais artistas brasileiros e estrangeiros que tanto influenciam o nosso jeito de pensar.

Ficção, poesia, teatro, ciências humanas, literatura infantojuvenil, entre outros textos, estão contemplados numa espécie de biblioteca básica recomendável a todo leitor, jovem ou experimentado. Livros dos quais ouvimos falar o tempo inteiro, que são citados, estudados nas escolas e universidades e recomendados pelos amigos.

Com lançamentos mensais, os livros da coleção podem acompanhá-lo a qualquer lugar: cabem em todos os bolsos. São portáteis, contemporâneos e, muito importante, têm preços bastante acessíveis.

Reafirmando o compromisso da Livraria Saraiva com a educação e a cultura do Brasil, a Saraiva de Bolso convida você a participar dessa grande e única aventura humana: a leitura.

Saraiva de Bolso. Leve com você.

Sumário

Nota do editor
1 — O inferno
2 — O escravo etíope
3 — Agonia
4 — O monstro
5 — A dama do lotação
6 — Caça-dotes

7 — Um caso perdido
8 — Isto é amor
9 — A missa de sangue
10 — Noiva da morte
11 — O aleijado
12 — O sacrilégio
13 — O dilema
14 — O justo
15 — O chantagista
16 — Ódio de cunhada
17 — Veneno
18 — A humilhada
19 — Paixão
20 — Noiva para sempre
21 — Uma senhora honesta
22 — Pecadora
23 — Cemitério de bonecas
24 — Unidos na vida e na morte
25 — O castigo
26 — A mão esquerda
27 — Anemia perniciosa
28 — O pastelzinho
29 — O primo
30 — Amigo de infância
31 — A grande mulher
32 — Vinte e cinco anos de casados
33 — O vadio
34 — Granfa
35 — Beijo no telefone
36 — A criança alheia
37 — A troca
38 — Morte pela boca
39 — Curiosa
40 — Perfume de mulher
41 — O pai
42 — Duas mulheres
43 — Cheque de amor
44 — O plural
45 — Feia demais

46 — Infidelidade
47 — O amor dos filhos
48 — Mulheres
49 — Amor demais
50 — Um chefe de família
51 — O gato cego
52 — Homem fiel
53 — Despeito
54 — A morta
55 — A inocente
56 — O fruto do amor
57 — Mausoléu
58 — Gastrite
59 — Amor-próprio
60 — Remorso
61 — Novinha
62 — Túmulo sem nome
63 — Servidão
64 — A úlcera
65 — O pó
66 — Flor de laranjeira
67 — A coroa de orquídeas
68 — O emprego
69 — O menorzinho
70 — Diabólica
71 — O perfume
72 — Os noivos
73 — O pediatra
74 — Gagá
75 — Justo pelo pecador
76 — O patife
77 — Vontade de ser mãe
78 — O desgraçado
79 — A jovem
80 — Perdição
81 — Perdida
82 — Covardia
83 — O crânio calvo
84 — O malandro

85 — Rainha de Sabá
86 — A mulher do próximo
87 — O decote
88 — O silencioso
89 — O gatuno
90 — O abismo
91 — Casal de três
92 — O netinho
93 — O grande viúvo
94 — Um miserável
95 — Fatalidade
96 — Sórdido
97 — Excesso de trabalho
98 — Caixa de sapato
99 — O beijo
100 — A desconhecida
Sobre o autor

Nota do editor

Nelson Rodrigues já era Nelson Rodrigues quando, em 1961, organizou esta antologia, que reunia em livro pela primeira vez parte da série *A vida como ela é...* Naquela altura, já era o dramaturgo revolucionário que em 1943 tinha provocado um terremoto no teatro brasileiro com *Vestido de noiva*. Já era, também, o cronista genial destes pequenos dramas e tragédias que, finalmente, botavam no papel o brasileiro como ele é.

No princípio era a realidade: Samuel Wainer, dono do *Última Hora*, queria em seu jornal uma coluna em que o autor de peças como *Anjo negro* e *Álbum de família* retratasse, com um toque ficcional, uma história da chamada "vida real". Combinação perfeita para um dramaturgo sofisticado que, desde sempre, respirara jornal: foi de periódicos que seu pai, Mário Rodrigues, tirou o sustento da família; e na redação de um deles, *Crítica*, Nelson assistiu, adolescente, ao assassinato de seu irmão, Roberto, o que deixaria marcas profundas em sua vida e obra.

A vida como ela é... estreou em 1951 e em pouco tempo era um grande sucesso popular. Como o melhor jornalismo, falava direto ao público; como a literatura mais sofisticada, fazia tremer suas convicções. Sob as manchetes, o leitor encontrava, pela primeira vez em letra de forma, ciúme e obsessão, dilemas morais, inveja, desejos desgovernados, adultério e sexo. Diagramados, estavam ali o céu e o inferno das tradicionais famílias dos subúrbios cariocas afrontadas pela emergente classe média de Copacabana.

Por seu alcance e perenidade, *A vida como ela é...* teve várias encarnações em mais de cinquenta anos. Ainda na década de 1960, foi programa de rádio, narrado por Procópio Ferreira, além de disco e fotonovela. Em 1978, deu origem a um dos filmes de maior repercussão do cinema brasileiro, *A dama do lotação*. E, na década de 1990, tornou-se um grande sucesso no teatro, em encenação premiada de Luiz Arthur Nunes, e chegou ao horário nobre na fidelíssima adaptação dirigida por Daniel Filho para a TV Globo.

Item de colecionador, disputado em sebos, os dois volumes da editora J. Ozon dos *Cem contos escolhidos — A vida como ela* é voltam às livrarias, em volume único.

1 - O inferno

Quando ela disse que tinha um filho, um garoto, já de 12 anos, Romualdo caiu das nuvens:

— Filho?

— Você não sabia?

Foi enfático:

— Nem desconfiava.

E ela:

— Pois tenho. Fez 12 anos, está no colégio.

— Engraçado!

— Por quê? Ele foi, então, gentilíssimo. Disse que ela não parecia mãe de ninguém e muito menos de um garoto, quase rapaz. E, na verdade, a idade do menino o espantara. Lucília, com seu tipo frágil e pequeno, o ar de menina, um quê de infantil nos olhos, no sorriso, nas maneiras, parecia uma garota solteirinha. E não foi somente de espanto sua reação. Experimentou também um certo alarma. Aquele filho, aquele marmanjo, inesperado e taludo, assustava. Foi, porém, bastante hábil e educado para dissimular o desconforto e bastante cínico para a seguinte promessa:

— Vou ser para ele um segundo pai!

— Deus me livre!

— Como?

Lucília suspirou:

— Eu te explico. Vamos entrar ali, um momentinho.

O filho

Entraram numa sorveteria. Depois de sentados e servidos, ela foi tomando sorvete e explicando.

— O Odésio não pode saber, nem desconfiar.

Esta era uma condição que ela impunha. Ou ele aceitava ou, então, nada feito. Romualdo ainda ponderou:

— Acho que você exagera!

— Ora, Romualdo, tem dó! Você se esquece que é casado, que vive com outra, que tem filhos, esquece?

— Realmente.

— Pois é, meu filho, pois é!

Eram seis horas quando Romualdo a largou, num ônibus, apinhadíssimo. Ela fez a viagem em pé. A promiscuidade, ali, era uma coisa abjeta. Espremida, imprensada, triturada em meio dos passageiros, teve uma sensação de ultraje, de profanação, de aviltamento. Um cavalheiro que ia saltar no poste seguinte, foi varando a massa humana; ao passar por ela quase a derruba. A sensação do ultraje recrudesceu em Lucília. Resmungou:

— Animal!

Mas ia bastante atribulada com seus problemas. E não ligou mais para os contatos indesejados e brutais que, nos ônibus cheios, são inevitáveis. O drama de Lucília era, em suma, o seguinte: o medo, o pavor, de que o filho enfim soubesse... A opinião, o julgamento do garoto era a coisa que mais a impressionava no mundo. Temia-o mais do que o Juízo Final. Ao mesmo tempo, tinha loucura por Romualdo e a vida sem ele seria de uma monotonia medonha. Pendurada no ônibus, gemeu interiormente:

— Oh! Meu Deus do céu!

História de amor

Então, começou a mais doce, a mais sofrida história de amor. Voltava, dos seus encontros com Romualdo, em sobressalto. O filho estava sempre na rua, jogando bola ou em brincadeiras turbulentas com amigos, de sua idade. Uma vez, deu um chute, e com tanta infelicidade, que a unha do dedo grande do pé saltou longe. O negócio inflamou; e Lucília, quando chegou, de uma entrevista amorosa, tomou-se de vergonha e de remorso. Pensou, lavando o pé machucado: enquanto ela se divertia com um homem, além do mais casado, o filho, sozinho, estava precisando de seus cuidados. Vamos que fosse uma coisa pior que um simples esfolamento de dedo. Que remorsos não sentiria? O menino, corajoso, quase não se queixava. E era ela quem tinha de perguntar:

— Está doendo?

— Mais ou menos.

E Lucília:

— Quando estiver doendo, diga!

No dia seguinte, Lucília apareceu triste. Suspirava:

— Que vida!

Romualdo acabou se enfezando:

— Que vida, por quê? Ela, então, pôs as cartas na mesa:

— Reconheço que a culpada sou eu, porque você, sendo casado, eu não devia... Não. Romualdo, não está direito.

Fez uma pausa, antes de completar:

— Se, ao menos, você vivesse só pra mim!

Foi brutal:

— Ora, Lucília, ora! No mínimo, você está querendo que eu deixe minha mulher! Sou capaz de apostar!

Despediram-se sem carinho. E ele, ressentido, mal se deixou beijar. Disse, apenas:

— Vai com Deus, vai!

Nessa noite, ele fez confidências a um amigo. Quando este soube que havia um filho no meio, um marmanjão de 12 anos, foi categórico:

— Abacaxi autêntico!

E Romualdo insistiu:

— Você não acha um desaforo que ela queira, imagine, que eu deixe minha mulher?

— Evidente!

No primeiro encontro, Romualdo rompeu fogo:

— Das duas, uma: ou você muda de cara, faz uma cara alegre ou então, minha filha, vamos acabar com esse negócio. Já não estou gostando, nada, nada!

Já o termo “negócio” pareceu-lhe de uma abominável grosseria, de um prosaísmo ultrajante. Além disso, a agressividade, como se ela fosse uma qualquer! Exaltou-se, também:

— Não grite! Está pensando que eu sou o quê?

— Grito, pronto, grito! Não topo chiquê! Comigo, não!

Ela não disse uma, nem duas. Apanhou a bolsa, que estava em cima da mesa: olhou-se instintivamente, no pequeno espelho; e, num passo lento, encaminhou-se para a porta. Parou um segundo, uma fração de segundo. Esperava talvez que Romualdo a chamasse. Teria, então, voltado, e tudo terminaria numa reconciliação feroz. Mas ele, esbravejou:

— Mulheres é que não faltam, inclusive a minha!

Podia haver pontapé mais claro, mais insofismável, mais absoluto? Saiu para nunca mais.

O abandono

Tinha do próprio casamento e do marido morto uma lembrança penosa. O marido era uma nobre alma, que vivia para a esposa e para o filho. Mas tudo que ele fizesse, de bom, de heroico, de sublime, esbarrava diante de sua falta de amor. E isso, essa falta de amor, era pior do que o ódio. Crispava-se quando o pobre-diabo vinha fazer-lhe festa. Houve uma vez, em que não pôde, não aguentou, explodindo:

— Não me beija! Não quero seu beijo! Que coisa aborrecida!

Ele já estava doente, na ocasião. Foi talvez este episódio que antecipou o fim.

Seis meses depois ela, sem nenhum luto interior, tinha a sua primeira experiência amorosa, na pessoa do casado Romualdo. Viu, então, que o marido a interessava menos que o mata-mosquitos anônimo que vinha pôr creolina no ralo. Foi uma paixão feroz que acabou, como vimos, da maneira mais estúpida do mundo. Durante dias, Lucília, numa tristeza obtusa, esperou um telefonema, um bilhete, um recado. Nada. Absolutamente nada. Depois soube, por terceiros, que ele andava com uma datilógrafa extranumerária numa autarquia; tinham sido vistos no Passeio Público, onde tiravam retratos, no lambe-lambe. Lucília, fora de si, encerrava-se no quarto, ficava horas, de bruços, na cama, chorando. Já o julgamento do filho não a interessava mais. O garoto, diante do seu pranto, perguntava:

— Que é que a senhora tem, mamãe?

— Não aborrece! Não amola! Sai daqui, anda!

Na presença do filho, ligava para o escritório do bem-amado. De lá, queriam saber quem era.

Lucília se identificava. Então, a resposta infalível era: “Não está.” Uma vez, porém, coincidiu que o próprio atendesse. Mas quando percebeu que era ela, explodiu:

— Me deixa em paz, sim? Quero sossego! Vê se não me chateia.

O filho não fazia comentário. Era uma testemunha muda de tudo. Guardara, porém, o nome e o repetia: “Romualdo, Romualdo.” Conhecia-o, de vista. Pensava nele, dia e noite, com essa obstinação de amor ou de ódio. E já não saía mais de casa, não jogava mais bola; passava as horas ao lado de Lucília, de olhos

muito abertos, como se esse desespero o fascinasse, apesar de tudo. Ouviu quando a mãe, numa crise maior, amadiçoou o homem que a abandonara:

— Tomara que ele morra, meu Deus! Fique debaixo de um automóvel! Tomara, meu Deus!

Por fim, ela já não queria mais nada; ou, por outra, queria morrer. Não comia e seu desmazelo, de atitudes, de roupas, de higiene, era aterrador. Passava dias com uma mesma combinação. Outras vezes, do fundo do seu desespero, fazia a reflexão: “Há três dias que não escovo os dentes.” O filho se abraçava a ela, chorava:

— Não fique assim, mamãe! Não chore mais!

Certa vez, na rua, o garoto ouviu dizer que não se nega nada a quem está morrendo, a quem vai morrer. O “último” pedido de alguém, justamente por ser o “último” é alguma coisa de terrível e sagrado, que cumpre obedecer, sob pena de maldições tremendas. Então, afirmou:

— Ele volta, mamãe! Volta, sim! Juro por Deus!

A volta

Romualdo estava, no poste, esperando o ônibus. O garoto desconhecido aproximou-se e disse que era filho de d. Lucília e falou mais:

— Volta para minha mãe. É meu “último” pedido.

Romualdo não entendeu. Ou só entendeu quando o menino se atirou debaixo de um ônibus que passava a toda velocidade. A morte foi instantânea. Alta madrugada apareceu mais alguém para fazer quarto ao menino: era o assombrado, o enlouquecido Romualdo. Voltava, sim. E continuou voltando, escravo do “último pedido” de uma criança. Quando, finalmente, ela se cansou dele e quis deixá-lo, Romualdo lembrou, apenas, o desejo do menino. Então Lucília compreendeu que estavam unidos, e para sempre, dentro de um inferno.

2 - O escravo etíope

Saiu do colégio com 15 anos e trouxe para o mundo a sua inocência maravilhada. Ninguém mais sensível e exclamativa. De uma fragilidade física impressionante, qualquer esforço dava-lhe palpitações, falta de ar; uma simples aragem a resfriava. O médico da família, que a examinou várias vezes, repetia:

— Tem uma saúde muito delicada. É preciso cuidado, muito cuidado.

Havia na família, o medo ou o presságio de que viesse a sofrer do peito como uma tia que morrera tísica. Filha de pais ricos, era tratada na palma da mão, com os mimos de uma princesa. E justamente por ser tão fina e frágil, de uma natureza tão delicada e suscetível, ninguém a contrariava. Aos 16 anos, teve o seu primeiro namorado. Era um primo, ótimo rapaz, educadíssimo, simpático e mesmo bonito, aristocrata nos modos, ideias e sentimentos. Ela se chamava Margô e ele, Paulo. Pareciam feitos um para o outro. Para as duas famílias foi, como se disse, “um achado”. Não houve duas opiniões. Todos disseram: “Ótimo, ótimo.” E o pai, que tinha a religião do dinheiro e a ideia fixa da pompa, exigia, esfregando as mãos:

— Quero um casamento de arromba! — e sublinhava: — Um casamento que deixe todo mundo besta!

Preparativos nupciais

Enfim, foi proclamado o noivado. O velho — que era de origem plebeia e tivera de criar, tostão a tostão, a própria fortuna — queria um vestido de noiva inédito e deslumbrante, que embasbacasse a cidade. Acirrava as mulheres, dando murros na mesa: “Gastem sem dó nem piedade.” Na sua mania, fazia cálculos alucinados: “Um vestido de uns cem, duzentos contos.” Tal desperdício arrepiava as presentes. A própria noiva sentia-se desfalecer. Mas ele, desvairado, batia nos próprios bolsos: “Gastem! Eu pago! Pago!” Sob esse estímulo, todas as mulheres da casa se entregaram a um verdadeiro delírio. A mania de grandeza se transmitiu e se generalizou. Catou-se por entre páginas de revistas o figurino ideal. Afinal, descobriu-se um modelo encantador. O velho olhou e deu sua adesão: “Bacana.” A filha, muito mais aristocrática que o pai, suspirou:

— Como é bonito, meu Deus!

Um batalhão de costureiras pôs-se a trabalhar, dia e noite, no vestido mágico.

Quando uma delas cansava, o velho vinha lá de dentro com a ideia do suborno. “Eu pago extraordinário! Dou gorjeta, o diabo!” Já a cerimônia estava com data marcada. E quando o vestido ficou pronto, uma meia dúzia de parentes mais chegadas, inclusive a mãe, se fecharam com a noiva no quarto. Então lânguida, delicada, com seu aspecto de flor de luxo, Margô vestiu peça por peça. Houve um momento em que só ficaram faltando a grinalda e o véu. Ao redor, havia histerismos. Primas, tias, cunhadas, suspiravam:

— Que amor! Que amor!

Na verdade, era algo de indescritível. No meio de tanta alvura, a fragilidade física de Margô era ainda mais tocante. Faltavam uns 15 dias para o casamento. E, à noite, depois do jantar, ela se queixou de palpitações. As pessoas próximas se entreolharam num pavor de pneumonia. Alguém sugeriu: “Vai ver que foi um golpe de ar!” Passou. Mas na hora de se despedir do noivo, Margô fez-lhe o pedido:

— Precisava de um favor teu.

Ele, sempre cavalheiresco, limitou-se a dizer:

— Dois.

Margô baixou a vista, fugindo do seu olhar intenso:

— Eu queria adiar o nosso casamento.

Mistério

Justiça se lhe faça: ele foi impecável. Explicou que naturalmente estaria muito interessado em que o casamento fosse o mais rápido possível. “Mas já que você quer, meu anjo...” Um pouco vaga, Margô explicou que não se sentia bem, que devia ter alguma coisa e, enfim, que andava nervosa, etc., etc. Paulo com sua polidez irrepreensível afirmou: “Por mim não há dúvida.” Quem se doeu com a transferência foi o velho. Estava mais ansioso pelo casamento do que os noivos. Gemeu, desabando numa cadeira:

— Que caso sério! Que caso sério!

Margô foi ao médico, que a examinou meticulosamente. Não achou, no seu estado, a menor novidade. Continuava fisicamente delicada, mas não apresentava nenhum sintoma que sugerisse doença. Passaram-se dois, três, cinco meses. A família do noivo estranhava:

— Que diabo! Vocês se casam ou não se casam?

Ele parecia abdicar dos próprios direitos:

— Quem decide é Margô.

Protesto geral:

— E você não pia? Ora veja! Não está certo, não está direito!

Sob a pressão dos parentes, foi conversar com a noiva:

— Meu anjo, precisamos marcar uma nova data.

Ela suspirou:

— Já? Vamos esperar mais um pouco.

Como ele insistisse, embora com um máximo de tato e delicadeza, Margô acabou concordando. Houve um conselho de família, com a presença dos noivos, fixou-se o casamento para daí a três meses. Todos se animaram de novo. Houve a febre dos preparativos. Mãe, tias e amigas se reuniam planificando a festa. Foram ver se o vestido de noiva estava com alguma mancha; fizeram, nele, uma revisão minuciosa, com medo de alguma possível barata. O pai, com sua vocação para o desperdício, foi de uma liberalidade estupenda, outra vez:

— Acho mais negócio fazer outro vestido!

A mãe, que era uma senhora fina, interrogou os noivos: “Como é? Vocês vão viajar?” Margô teve que admitir: “Não pensamos nisso.” Então, a santa senhora fez-lhe uma repreensão: “Minha filha, acho você uma noiva tão não sei como;

muito desanimada.” Sorriu, lânguida: “Sou assim, mamãe.” E a outra: “Está errado. Você deve se corrigir. Onde já se viu?” Finalmente, deu para a filha e o futuro genro a sugestão:

— Se eu fosse vocês, sabem o que eu fazia? Uma viagem! — e já animada, já excitada pela própria ideia, continuou: — Casamento sem viagem de núpcias é tão sem graça! Vocês podiam ir à Europa, aos Estados Unidos!

O noivo pareceu impressionado; comentou, grave: “Boa ideia.” Virou-se para Margô: “Você não acha, Fulana?” Ela respondeu:

— Não. Acho pau. Gosto de ficar em casa.

Dois dias depois, pediu que se adiasse, de novo, o casamento. Houve assombro na família. Crivaram-na de perguntas: “Mas adiar por quê? Qual o motivo?” Ela, desesperada, procurou um motivo, como se estivesse disposta a inventá-lo; disse, por fim: “Ando nervosa.” Insistiram, e a menina acabou perdendo cor, pulso, até desmaiar. Uma semana depois, a mãe foi sondá-la: “Você gosta mesmo do Paulo, minha filha?” Disse que sim, que gostava, mas que...

Ainda uma vez, o noivo foi magnífico: concordou com o adiamento.

A sogra

Quem não gostou foi a futura sogra. Chamou o filho. Instigou-o: “Essa menina está fazendo você de gato e sapato. Isso não é papel! Onde é que nós estamos?” Ele, que adorava a noiva, que a colocava acima de tudo e de todos, cortou o debate: “Vamos mudar de assunto, sim, mamãe?” A velha, porém, era tremenda. Largou o filho, com as seguintes palavras: “Está certo, não se fala mais nisso. Mas quero te dizer uma coisa: aqui há dente de coelho.” E o fato é que, sem dizer nada a ninguém, ela andava desconfiadíssima. De quem ou de que, nem ela própria saberia dizê-lo. Nesta mesma tarde, porém, recorreu a vários conhecidos, atrás de uma informação, até que descobriu um detetive particular. Chamou o homem; perguntou:

— O senhor é discreto?

— Um túmulo!

— Ótimo. Eu preciso mesmo de um túmulo. Trata-se do seguinte...

Incumbiu o sujeito de acompanhar os passos de Margô; advertiu: “Pode ser palpite meu, mas não custa apurar.” O Fulano concordou, grave: “Evidente! Evidente!” Deixou-o, com a super-recomendação: “Ninguém pode saber disso!” Quarenta e oito horas depois, o detetive reaparecia, de olho esgazeado. Contou, longamente, o que apurara. De vez em quando, interrompia o relatório para exprimir seu estupor: “De arder! De arder!” Assombrada, a velha balbuciou: “Eu só acredito vendo com os meus próprios olhos!” E o detetive: “Amanhã, eu mostro o homem à senhora!”

O bem-amado

No dia seguinte, encontraram-se a velha e o detetive na porta de uma companhia de ônibus. Súbito, o profissional indica: “Olha o homem!” Ela espiou. Lá vinha ele, no meio de outros motoristas, um negro gigantesco. Segundo apurara o detetive, ele saíra, no último carnaval, no rancho, de escravo etíope, com o dorso nu e retinto. A velha, fora de si, gaguejava: “Quer dizer que é esse o namorado de minha nora?” O detetive pigarreou:

— Isto é, mais do que namorado. Eu apurei tudo, direitinho. Tenho endereços, o diabo. E posso provar.

Então, a velha cambaleou. Seu estômago se contraiu, sofreu, ali mesmo, uma náusea violenta. Afastaram-se; ela pagou o preço que ele impôs e partiu num táxi. Como era uma mulher viril, de muito gênio, preferiu ir, de uma vez, à casa da menina. E, lá, fez um escândalo medonho. Quiseram expulsá-la; foi chamada de louca. Ela, em desespero de causa, virou-se para a própria Margô que, sem uma palavra, ouvia tudo:

— É verdade ou não é?

Todos se voltaram na direção da menina. Então, aquela mocinha frágil, fina, que desfalecia ao aspirar um perfume mais intenso, ergueu o olhar firme, quase cruel. Disse apenas, sem medo:

— É verdade.

A ex-futura sogra saiu dali feliz e vingada. Foi um escândalo pavoroso. O pai veio, esbravejante. Falou em dar tiros. Ela o conteve com a ameaça: “Se fizer isso, eu me mato!”

Ante a perspectiva do suicídio, a família capitulou. Tiraram o rapaz da companhia de ônibus, arranjaram um emprego. E, um dia, casaram-se às escondidas. No seguinte carnaval, quando o sogro passava, de Cadillac, pela praça Onze, viu o genro, num rancho — fantasiado de escravo etíope.

3 - Agonia

Uma semana antes do casamento, foram os dois ao cinema ver um filme, se não me engano, de Clark Gable. No fim, o mocinho era assassinado da maneira mais ignominiosa e pelas costas. E, assim, varado de balas, Clark Gable agonizou e morreu no colo da mocinha. Alberto saiu do cinema indignado:

— Ora, bolas!

— Quê, meu filho?

E ele:

— Ah, se eu soubesse que acabava assim, não vinha, nem amarrado!

— Eu gostei.

O rapaz parou, no meio da calçada:

— Gostou? Oh, toma jeito, Conceição. Tira o cavalo da chuva! Te digo mais: foi o fim mais besta que eu já vi na minha vida!

Ela, temperamento macio, doce, não insistiu. Tinha horror às discussões. Mas, no fundo, gostara mesmo do desfecho sinistro. As fitas que acabavam mal, em morte, agonia e luto, causavam nela um duplo sentimento de fascínio e repulsa. A coisa que mais adorava era ver a heroína, de luto fechado, chorando o bem-amado morto. Ou vice-versa. E quando não havia, em causa, um morto ou morta, ela, na plateia, ao lado de Alberto, bocejava, desinteressada de tudo e de todos, querendo voltar para casa.

O soluço

Era uma boa menina, delicada, de uma fragilidade física impressionante. Constava, mesmo, que sofria do coração, e a família, preocupada, vivia atrás dela, cheia de cuidados e prevenções: “Fulana, não faz isso! Não faz aquilo! Sobe a escada devagar!”

Se apanhava um resfriado trivial, se acusava uma coriza sem maiores consequências, pai, mãe, tias, se arremessavam em pânico. Era colocada na cama, quase que à força; fechavam todas as janelas, por causa dos golpes de ar; e, de dez em dez minutos, impingia-se o termômetro na axila da pequena. Havia, naquela família de emotivos, de nervosos, a ideia de que Conceição ia morrer, de repente, em plena mocidade.

Uma das tias, velha solteirona, já chorava por conta.

Quanto ao noivo, o Alberto, formava, com a menina, um contraste escandaloso. Tostado de sol, um físico de Victor Macture, carnudo, atlético, tudo nele parecia exprimir um apetite vital tremendo. Com uma saúde de ferro, não pensava na morte, julgava-se mais ou menos eterno.

Ao voltar do cinema, com a noiva, sete dias antes do casamento, fez-lhe um pedido formal:

— Queres me fazer um favor?

— Faço.

Insistiu.

— Um favor de mãe pra filho?

— Claro!

— Então não me fala mais em morte, sim? Arranja outro assunto, meu anjo. Que diabo!

Ele reclamava e, vamos e venhamos, com razão. Porque, desde o começo do namoro, o assunto de Conceição era esse. Ou falava na morte alheia ou se divertia imaginando a própria.

Fazia as perguntas mais surpreendentes, como, por exemplo, esta:

— Será que eu vou ficar feia, quando morrer?

O rapaz, mais do que depressa, procurava uma madeira, batia, ao berro de:

— Isola!

De fato, ela queria ser e fazia questão de ser uma morta bonita, dessas que

“parecem dormir”. E se não falava de si mesma, falava dos outros. Já contara e recontara ao noivo, não sei quantas vezes, todas as agonias e todas as mortes da família. Sobretudo a morte do avô. Durante 15 dias, o velho teve um soluço que resistia, bravamente, a tudo. O médico da família dera injeção, o diabo, mas em pura perda. Até que veio a morte e o ancião pode descansar.

Durante vários dias, a família, na obsessão auditiva daquele soluço imortal, julgava ouvi-lo, muito depois do enterro, nas salas, nos quartos, nos corredores.

E Alberto, apesar de sua vitalidade quase bestial, deixou-se impressionar por essa infinita agonia.

Sonhou com o soluço sobrenatural. Via o gogó do moribundo subindo e descendo. O pior é que, no fim de certo tempo, ele também começou a se interessar, a se apaixonar pelas histórias fúnebres.

De vez em quando, procurava reagir, como no caso do filme de Clark Gable. Mas, quantas vezes, sem sentir, ficou horas ouvindo Conceição falar dos parentes mortos?

Ia para casa pensando em assombração e fazia, com uma graça triste, a reflexão:

— Eu acabo maluco e a família não sabe!

O casamento

Até que chegou o dia do casamento, ou como disse o médico da família, numa satisfação profunda, o “gran-de dia”.

No quarto, vestindo-se, Conceição criava uma hipótese deslumbrante: a de morrer, no altar, com grinalda e véu. Essa morte muito linda a tentou de uma maneira quase irresistível. Quando uma das tias, com infinito cuidado, colocou a grinalda, Conceição não se conteve, fez a pergunta quase alegre e frívola:

— E se eu morresse hoje?

Em redor, houve um burburinho:

— Cruz, credo!

Foi repreendida:

— Você tem cada uma!

Deixou-se levar para a igreja, ia numa ardente meditação. Entretanto, não morreu no altar, embora tanto o desejasse. Voltou para a casa dos pais, toda iluminada.

O noivo a olhava muito e parecia dizer: “Minha!” Estava em plena euforia da propriedade.

Na saída, debaixo de uma apoteose de arroz, ele quase pragueja, pois se lembrara, sem que nem pra que, do soluço imortal do avô. Rosnou para si mesmo: “Carambolas!”

Mas a felicidade subiu-lhe à cabeça: esqueceu o velho defunto.

Durante 48 horas, foram o homem e a mulher mais felizes do mundo. Maravilhada com o amor, Conceição não falava na morte. Sem sentir, a relegara para um plano inteiramente secundário. Já admitia que a vida fosse assim, sempre, e que jamais os problemas práticos pudessem interferir na lua de mel!

Todavia, 48 horas depois, cometeu uma imprudência: levantou-se, de manhã cedinho, no seu pijama leve, de um cinza transparente, e foi, descalça, para o banheiro. As chinelinhas de arminho ficaram embaixo da cama.

Lá no banheiro, escovou os dentes, sem pressa e sempre com os pés nus no ladrilho frio.

Depois, ocorreu-lhe um voluptuoso capricho: chamou o marido e, juntos, tomaram banho. Brincaram um tempão debaixo do chuveiro.

Outra qualquer faria isso e muito mais, sem conse-quências. Conceição,

porém, era de uma fragilidade apavorante.

No café, ao pôr manteiga nas fatias torradas, experimentou um arrepio. Fez o brevíssimo comentário:

— Ué!

Mais tarde, veio a coriza. Depois, uma febrícula. À meia-noite e pouco, ela, com a temperatura mais elevada e atormentada pelo frio, chamou o marido que, ao lado, cochilava.

Baixou a voz:

— Eu vou morrer, Alberto!

— Que ideia!

— Vou sim, Alberto. Sei que vou morrer!

Ele acabou praguejando:

— Perde essa mania de morte, Conceição! Isso que você tem é um resfriado bobo!...

A promessa

Alta madrugada, ela o acordou de novo. A febre a embelezava, dava-lhe graça triste e ardente. Estava com a obsessão da morte. Repetia com uma doce e monótona tristeza: “Vou morrer, vou morrer...”

O marido, já com um começo de medo, ensaiou o protesto prosaico:

— Sossega!

Ela, surda às objeções, aos contra-argumentos, explicava que uma só coisa a apavorava na morte, era ser enterrada. Desde criança ouvia falar em “terra fria”, em “sete palmos de terra”, em “túmulo”, “jazigo perpétuo”, etc., etc. Parecia-lhe que os defuntos deviam sentir a falta de ar e de luz.

Seria tão bom que os mortos pudessem ficar em casa, na sala, no quarto, com as mãos em repouso, entrelaçadas. Era a febre, com certeza, que a fazia dizer essas loucuras.

Malgrado seu, o marido se deixava impressionar. Dir-se-ia que a febre da esposa se transmitia a ele e o embriagava, também. Pensou: “Acabo doido!”

Quase ao amanhecer, Conceição, mais febril do que nunca, fez-lhe o pedido:

— Se eu morrer,não quero ser enterrada. Você esconde o meu corpo debaixo de qualquer coisa...

Ele, alarmado, não sabia o que dizer:

— Morrer como? Ninguém vai morrer, ora essa, que bobagem!

Conceição teimava, abraçada a ele, falando quase boca com boca:

— Jura que não serei enterrada, jura!

Acabou admitindo:

— Juro.

— Por Deus?

— Por Deus!

Por sua vez, cansado, ele cochilou mais meia hora. Foi o bastante para sonhar com o soluço do avô.

Acordou e, durante alguns momentos, teve uma alucinação auditiva. Ouvia o soluço. Não podia ser, meu Deus, era impossível! Só então percebeu: quem estava com soluço era Conceição.

Quis chamar um médico, ou alguém, mas a mulher, já acordada, não deixou. E, na verdade, ele já não acreditava em nenhum remédio terreno para o mal sutil

e inexplicável que estava levando a pequena.

Vez por outra, dizia de si para si: “Não estou raciocinando direito.” Mas já a própria loucura não o assustava. Talvez a desejasse como uma solução. Durante dois dias não saiu do quarto. Encerrado, ali, o casal tinha uma companhia única: o soluço. Alberto dormia e, no próprio sonho, o escutava.

Ao despertar, lá estava ele. Mas, uma manhã, acordou e não ouviu nada. Compreendeu que a esposa estava morta.

Monte Cristo

Cinco dias depois, os vizinhos começaram a sentir um cheiro horrível.

Investiga daqui, dali, acabaram desconfiando.

Entraram no quarto e encontraram a esposa morta e o marido, sentado no chão, de barba crescida, quase à Monte Cristo.

Os mais sensíveis levaram o lenço ao nariz. Alberto, quase sem voz, explicou que a mulher pedira para não ser enterrada. Levaram-no, do quarto, moribundo e variando. Sua última pergunta foi esta:

— Não estão ouvindo um soluço?

4 - O monstro

A esposa soluçou no telefone:

— Vem depressa! Chispando! Vem!...

Não perdeu o tempo. Berrou para o sócio: “Aguenta a mão, que eu não sei se volto.” Acabou de enfiar o paletó no elevador. E quebrava a cabeça, em conjecturas infinitas: “Que será?” Não quisera perguntar a Flávia com medo de uma notícia trágica. Já no táxi calculava: “Algum bode!” Mas a hipótese mais persuasiva era a de uma morte na família da mulher. O sogro sofria do coração e não era nada improvável que tivesse sobrevindo, afinal, o colapso prometido pelo médico. Imaginou a morte do velho. E a verdade é que não conseguiu evitar um sentimento de satisfação envergonhada e cruel. Desceu na porta de casa tão atribulado que deu ao chofer uma nota de duzentos cruzeiros e nem se lembrou do troco. Invadiu aquela casa grande da Tijuca, onde morava com a mulher, os sogros, três cunhadas casadas e uma solteira. Desde logo, percebeu que não havia hipótese de morte. A inexistência de qualquer alarido feminino, numa casa de tantas mulheres, era sintomática. Descontente, fez o comentário interior: “Ora, bolas!”

Foi encontrar, porém, a esposa no quarto, num desses prantos indescritíveis. Sentou-se, a seu lado, tomou entre as suas as mãos da mulher: “Mas que foi? Que foi?” Primeiro, ela se assoou; e, então, fungando muito, largou a bomba:

— Meu filho, nós temos um tarado, aqui, em casa!

Maneco empalideceu. Por um momento, teve a suspeita de que o “tarado” fosse ele mesmo, Maneco. Chegou a pensar: “Bonito! Descobriu alguma bandalheira minha!” Engoliu em seco, balbuciou: “Mas quem?” E ela:

— O Bezerra!...

O “tarado”

Quando percebeu que não estava em causa, ganhou alma nova. Uma súbita euforia o dominou: e preparou-se, ávido, para ouvir o resto. O Bezerra era casado com Rute, a irmã mais velha de Flávia. Maneco quis saber: “Por que tarado?” Flávia explodiu:

— Esse miserável não soube respeitar nem este teto! — e apontava, realmente, para o teto. — Sabe o que ele fez? Faz uma ideia? — baixou a voz: — Aqui, dentro de casa, quase nas barbas da esposa, deu em cima de uma cunhada, com o maior caradurismo do mundo. Vê se te agrada!

Assombrado, perguntou: “Que cunhada?” Pensava na própria mulher. E só descansou quando Flávia disse o nome, num sopro de horror:

— Sandra, veja você! Sandra! Escolheu, a dedo, a caçula, uma menina de 17 anos, que nós consideramos como filha! É um cachorro muito grande!...

— Papagaio! — gemeu o marido, no maior espanto de sua vida; ergueu-se: — Sabe que eu estou com a minha cara na chão? Besta?...

Agora ela o interpelava: “É ou não é um tarado?” Então, com as duas mãos enfiadas nos bolsos, andando de um lado para outro, Maneco arriscou algumas ponderações: “Olha, meu anjo, eu sempre te disse, não te disse? Que cunhada não deve ter muita intimidade com cunhado?”

E insistiu:

— Claro! Evidente! Onde já se viu? Porque, vamos e venhamos, o que é que é uma cunhada? Não é a mesma coisa que uma irmã. E ninguém é de ferro, minha filha, ninguém é de ferro! Tua irmã menor, por exemplo. Quando ela comprou aquele maiô amarelo, de lastex ou coisa que o valha, deu uma exibição, aqui, dentro, para os cunhados. Isso está certo?...

Flávia ergueu-se, apavorada:

— Mas vem cá. Você está justificando esse cretino! Está? Então, você é igual a ele! Tarado como ele!...

Em pânico, Maneco arremessou-se: “Deus me livre! Não estou justificando ninguém e quero que o Bezerra vá para o raio que o parta!” Recuando, a mulher perguntava: “Quando você olhou para Sandra, no tal dia, você sentiu o quê? Hein?” O rapaz ofegou:

— Eu? Nada, minha filha, nada! Eu sou diferente. Eu me casei contigo, que

és a melhor mulher do mundo. Ouviste? — falava com a boca dentro da orelha da esposa. — Nenhuma mulher é páreo pra ti. Nenhuma chega a teus pés. Dá um beijinho, anda?

Agarrou-a, deu-lhe um beijo, cuja duração prolongou ao máximo de sua própria capacidade respiratória. Quando a largou, mais morta que viva, com batom até na testa, Flávia gemeu, maravilhada: “Sabes que eu gosto do teu cinismo?”

E ele jocoso:

— Aproveita! Aproveita!

O drama

Mas a situação era de fato crítica. A família, sem exclusão das criadas, passou a abominar o tarado. Até o cão da casa, um vira-lata disfarçado, parecia contagiado pelo horror; e andava, pelas salas, soturnamente, de orelhas arriadas. Quanto ao pobre culpado, estava, na garagem da casa, em petição de miséria. Atirado num canto, num desmoronamento total, cabelo na testa, gemeu para Maneco: “Só faltam me cuspir na cara!” Maneco olhou para um lado, para o outro, e baixou a voz:

— Mas que mancada! Como é que você me dá um fora desses!

Estrebuchou: “Eu não dei fora nenhum!” Agarrou-se ao cunhado: “Por essa luz que me alumia, te juro que não fiz nada. Ela é que deu em cima de mim, só faltou me assaltar no corredor. Tive tanto azar que ia passando a criada. Viu tudo! Uma tragédia em 35 atos!”

Ralado de curiosidade, Maneco baixou a voz:

— E o que é que houve, hein?

O outro foi modesto:

— Não houve nada. Um chupão naquela boca. Eu beijava aquele corpo todinho. Começava no pé. Mas não tive nem tempo. Estão fazendo um bicho de sete cabeças, não sei por quê!...

Maneco esbugalhava os olhos, numa admiração misturada de inveja: “Você é de morte!” Doutrinou o desgraçado: “Teu mal foi entrar de sola. Por que não usaste de diplomacia?” Bezerra apertou a cabeça entre as mãos:

— Só estou imaginando quando o velho souber!

Admitiu:

— Vai subir pelas paredes!

O sogro

E de fato, o dr. Guedes era o terror e a veneração daquela família. Esposa, filhas e genros, numa unanimidade compacta, tributavam-lhe as mesmas homenagens. Era de alto a baixo, uma dessas virtudes tremendas que desafiam qualquer dúvida. Infundia respeito, desde a indumentária. Com bom ou mau tempo, andava de colete, paletó de alpaca, calça listrada e botinas de botão. Com os cunhados, Maneco desabafava: “Sabe o que é que me apavora no meu sogro?” Explicava: “Um sujeito que usa ceroulas de amarrar nas canelas! Vê se pode?” Por coincidência, dr. Guedes chegou nesse dia, tarde. Já, então, Maneco, com a natural pusilanimidade de marido, solidarizava-se com o resto da família. Grave e cínico, concordava em que o Bezerra batera “todos os recordes mundiais de canalhice”. Pois bem. Chega o dr. Guedes com o seu inevitável guarda-chuva de cabo de prata. Vê, por toda a casa, fisionomias espavoridas. A filha mais velha chora. Por fim, o velho pergunta, desabotoando o colete:

— Que cara de enterro é essa?...

Calamidade

Então, a mulher o arrastou para o gabinete. Conta-lhe o ocorrido; concluiu: “Eu admito que um marido possa ter lá suas fraquezas. Mas com a irmã da mulher, não! Nunca!” Repetia: “Com a irmã da mulher é muito desaforo!” O velho ergueu-se, fremente: “Cadê esse patife?” Trincava as sílabas nos dentes: “Cachorro!” No seu desvario, procurava alguma coisa nos bolsos, nas gavetas próximas:

— Dou-lhe um tiro na boca!

E a mulher, chorando, só dizia: “Foi escolher justamente a caçula, uma menina, quase criança, meu Deus do Céu!” Mas já o velho abria a porta e irrompia na sala, dando patadas no assoalho: “Tragam esse canalha!” Houve um silêncio atônito. Flávia cutucou o marido: “Vai, meu filho, vai!” Arremessou-se Maneco. Foi encontrar o outro no fundo da garagem, de cócoras, como um bicho. Bateu-lhe, cordialmente, no ombro: “O homem te chama.” Foi avisando: “O negócio está preto. Ele quer dar tiros, o diabo a quatro!” Bezerra estacou, exultante: “Se ele me der um tiro, é até um favor que me faz. Ótimo!” Numa súbita necessidade de confidência, apertou o braço de Maneco: “Eu sei que Sandra é uma vigarista, mas se, neste momento, ela me desse outra bola, eu ia, te juro, com casca e tudo!...”

Humilhação

Na sala, foi uma cena dantesca. O sogro o segurava, com as duas mãos, pela gola do paletó: “Então, seu canalha? Está pensando que isso aqui é o quê? Casa da mãe Joana?” Houve um momento em que o desgraçado, soluçando, caiu de joelhos aos pés do velho. As mulheres paravam de respirar, vendo aquele homem receber pontapés como uma bola de futebol. Rosnavam-se, profusamente, as palavras “monstro”, “tarado”, etc., etc. Só uma estava quieta, impassível. Era Sandra, a caçula. Com um palito de fósforo limpava as unhas, muito entretida. De repente achou que era demais. Ergueu-se, foi até a porta do gabinete e, de lá, chamou: “Quer vir, aqui, um instante, pai?” E insistiu: “Quer?” Justamente, dr. Guedes escorraçava o genro: “Rua! Rua!” Mas a caçula, sem mais contemplações, agarrou-o pelo braço, numa energia tão inesperada e viril, que ele se deixou dominar. Entraram no gabinete e a própria Sandra fechou a porta. Estava, agora, diante do espantado dr. Guedes. Foi sumária:

— Papai, eu sei que o Senhor tem uma Fulana assim assim que mora no Grajaú. Percebeu? E das duas, uma: ou o Senhor conserta essa situação ou eu faço a sua caveira, aqui dentro!... — Olhou para essa filha, que assim o ameaçava, como se fosse uma desconhecida. Ela concluía: — Bezerra não vai deixar a casa coisa nenhuma. Eu não quero!... — O velho reapareceu, cinco minutos depois, já recuperado. Pigarreou:

— Vamos pôr uma pedra em cima disso, que é mais negócio. O que passou, passou. Está na hora de dormir, pessoal.

Então, um a um, os casais foram passando. Por último, Bezerra e a mulher. Ao pôr o pé no primeiro degrau, Bezerra dardejou para Sandra um brevíssimo olhar. E só. A caçula retribuiu, piscando o olho. Cinco minutos depois, estava o velho, grudado ao rádio, ouvindo o jornal falado das 11 horas.

5 - A dama do lotação

Às dez horas da noite, debaixo de chuva, Carlinhos foi bater na casa do pai. O velho, que andava com a pressão baixa, ruim de saúde como o diabo, tomou um susto:

— Você aqui? A essa hora?

E ele, desabando na poltrona, com profundíssimo suspiro:

— Pois é, meu pai, pois é!

— Como vai Solange? — perguntou o dono da casa.

Carlinhos ergueu-se; foi até a janela espiar o jardim pelo vidro. Depois voltou e, sentando-se de novo, larga a bomba:

— Meu pai, desconfio de minha mulher.

Pânico do velho:

— De Solange? Mas você está maluco? Que cretinice é essa?

O filho riu, amargo:

— Antes fosse; meu pai, antes fosse cretinice. Mas o diabo é que andei sabendo de umas coisas... E ela não é a mesma, mudou muito.

Então, o velho, que adorava a nora, que a colocava acima de qualquer dúvida, de qualquer suspeita, teve uma explosão:

— Brigo com você! Rompo! Não te dou nem mais um tostão!

Patético, abrindo os braços aos céus, trovejou:

— Imagine! Duvidar de Solange!

O filho já estava na porta, pronto para sair; disse ainda:

— Se for verdade o que eu desconfio, meu pai, mato minha mulher! Pela luz que me alumia, eu mato, meu pai!

A suspeita

Casados há dois anos, eram felicíssimos. Ambos de ótima família. O pai dele, viúvo e general, em vésperas de aposentadoria, tinha uma dignidade de estátua; na família de Solange havia de tudo: médicos, advogados, banqueiros e até um tio, ministro de Estado. Dela mesma se dizia, em toda parte, que era “um amor”; os mais entusiastas e taxativos afirmavam: “É um doce de coco.” Sugeria nos gestos e mesmo na figura fina e frágil qualquer coisa de extraterreno. O velho e diabético general poderia pôr a mão no fogo pela nora. Qualquer um faria o mesmo. E todavia... Nessa mesma noite, do aguaceiro, coincidiu de ir jantar com o casal um amigo de infância de ambos, o Assunção. Era desses amigos que entram pela cozinha, que invadem os quartos, numa intimidade absoluta. No meio do jantar, acontece uma pequena fatalidade: cai o guardanapo de Carlinhos. Este curva-se para apanhá-lo e, então, vê, debaixo da mesa, apenas isto: os pés de Solange por cima dos de Assunção ou vice-versa. Carlinhos apanhou o guardanapo e continuou a conversa, a três. Mas já não era o mesmo. Fez a exclamação interior: “Ora essa! Que graça!” A angústia se antecipou ao raciocínio. E ele já sofria antes mesmo de criar a suspeita, de formulá-la. O que vira, afinal, parecia pouco. Todavia, essa mistura de pés, de sapatos, o amargurou como um contato asqueroso. Depois que o amigo saiu, correra à casa do pai para o primeiro desabafo. No dia seguinte, pela manhã, o velho foi procurar o filho:

— Conta o que houve, direitinho!

O filho contou. Então, o general fez um escândalo:

— Toma jeito? Tenha vergonha! Tamanho homem com essas bobagens!

Foi um verdadeiro sermão. Para libertar o rapaz da obsessão, o militar condescendeu em fazer confidências:

— Meu filho, esse negócio de ciúme é uma calamidade! Basta dizer o seguinte: eu tive ciúmes de tua mãe! Houve um momento em que eu apostava a minha cabeça que ela me traía! Vê se é possível?!

A certeza

Entretanto, a certeza de Carlinhos já não dependia de fatos objetivos. Instalara-se nele. Vira o quê? Talvez muito pouco; ou seja uma posse recíproca de pés, debaixo da mesa. Ninguém trai com os pés, evidentemente. Mas de qualquer maneira ele estava “certo”. Três dias depois, encontro acidental, com o Assunção, na cidade. O amigo anuncia, alegremente:

— Ontem, viajei no lotação com tua mulher.

Mentiu sem motivo:

— Ela me disse.

Em casa, depois do beijo na face, perguntou:

— Tens visto o Assunção?

E ela, passando verniz nas unhas:

— Nunca mais.

— Nem ontem?

— Nem ontem. E por que ontem?

— Nada.

Carlinhos não disse mais uma palavra; lívido, foi ao gabinete, apanhou o revólver e o embolsou. Solange mentira! Viu, no fato, um sintoma a mais de infelidade. A adúltera precisa mesmo das mentiras desnecessárias. Voltou para sala; disse, à mulher, entrando no gabinete:

— Vem cá um instantinho, Solange.

— Vou já, meu filho.

Berrou:

— Agora!

Solange, espantada, atendeu. Assim que ela entrou, Carlinhos fechou a porta, à chave. E mais: pôs o revólver em cima da mesa. Então, cruzando os braços, diante da mulher atônita, disse-lhe horrores. Mas não elevou a voz, nem fez gestos:

— Não adianta negar! Eu sei de tudo!

E ela, encostada à parede, perguntava:

— Sabe de quê, criatura? Que negócio é esse? Ora veja!

Gritou-lhe, no rosto, três vezes a palavra “cínica”! Mentiu que a fizera seguir por um detetive particular; que todos os seus passos eram espionados

religiosamente. Até então não nomeara o amante, como se soubesse tudo, menos a identidade do canalha. Só no fim, apanhando o revólver, completou:

— Vou matar esse cachorro do Assunção! Acabar com a raça dele!

A mulher, até então passiva e apenas espantada, atracou-se com o marido, gritando:

— Não, ele não!

Agarrado pela mulher, quis se desprender, num repelão selvagem. Mas ela o imobilizou, com o grito:

— Ele não foi o único! Há outros!

A dama do lotação

Sem excitação, numa calma intensa, foi contando. Um mês depois do casamento, todas as tardes, saía de casa, apanhava o primeiro lotação que passasse. Sentava-se num banco, ao lado de um cavalheiro. Podia ser velho, moço, feio ou bonito; e uma vez — foi até interessante — coincidiu que seu companheiro fosse um mecânico, de macacão azul, que saltaria pouco adiante. O marido, prostrado na cadeira, a cabeça entre as mãos, fez a pergunta pânica:

— Um mecânico?

Solange, na sua maneira objetiva e casta, confirmou:

— Sim.

Mecânico e desconhecido: duas esquinas depois, já cutucara o rapaz: “Eu desço contigo.” O pobre-diabo tivera medo dessa desconhecida linda e granfa. Saltaram juntos: e esta aventura inverossímil foi a primeira, o ponto de partida para muitas outras. No fim de certo tempo, já os motoristas dos lotações a identificavam a distância; e houve um, que fingiu um enguiço, para acompanhá-la. Mas esses anônimos, que passavam sem deixar vestígios, amarguravam menos o marido. Ele se enfurecia, na cadeira, com os conhecidos. Além do Assunção, quem mais?

Começou a relação de nomes: Fulano, Cicrano, Beltrano... Ele berrou: “Basta! Chega!” Em voz alta, fez o exagero melancólico:

— A metade do Rio de Janeiro, sim senhor!

O furor extinguira-se nele. Se fosse um único, se fosse apenas o Assunção, mas eram tantos! Afinal, não poderia sair, pela cidade, caçando os amantes. Ela explicou, ainda, que, todos os dias, quase com hora marcada, precisava escapar de casa, embarcar no primeiro lotação. O marido a olhava, pasmo de a ver linda, intacta, imaculada. Como é possível que certos sentimentos e atos não exalem mau cheiro? Solange agarrou-se a ele, balbuciava: “Não sou culpada! Não tenho culpa!” E, de fato, havia, no mais íntimo de sua alma, uma inocência infinita. Dir-se-ia que era outra que se entregava e não ela mesma. Súbito, o marido passa-lhe a mão pelos quadris: “Sem calça! Deu agora para andar sem calça, sua égua!” Empurrou-a com um palavrão; passou, pela mulher, a caminho do quarto; parou, na porta, para dizer:

— Morri para o mundo.

O defunto

Entrou no quarto, deitou-se na cama, vestido, de paletó, colarinho, gravata, sapatos. Uniu bem os pés; entrelaçou as mãos, na altura do peito; e, assim ficou. Pouco depois, a mulher surgiu, na porta. Durante alguns momentos, esteve imóvel e muda, numa contemplação maravilhada. Acabou murmurando:

— O jantar está na mesa.

Ele, sem se mexer, respondeu:

— Pela última vez: morri. Estou morto.

A outra não insistiu. Deixou o quarto, foi dizer à empregada que tirasse a mesa e que não faziam mais as refeições em casa. Em seguida, voltou para o quarto e lá ficou. Apanhou um rosário, sentou-se perto da cama: aceitava a morte do marido como tal; e foi, como viúva, que rezou. Depois do que ela própria fazia nos lotações, nada mais a espantava. Passou a noite fazendo quarto. No dia seguinte, a mesma cena. E só saiu, à tarde, para sua escapada delirante, de lotação. Regressou horas depois. Retomou o rosário, sentou-se e continuou o velório do marido vivo.

6 - Caça-dotes

Estava comprando fósforos, no charuteiro, quando apareceu o Aarão, impressionadíssimo. Faz a pergunta:

— Sabe quem morreu?

— Quem?

— O Ernesto!

Tomou um susto:

— O marido da Suzana?

Sim, o marido da Suzana, sim!

— Morreu? E quando? De quê?

Entraram no café, sentaram-se e Aarão deu maiores detalhes:

— Morreu há uns quarenta minutos. Colapso.

Norival, mexendo com a colher no fundo da xícara, parecia assombrado: “Ora veja!” Então, vendo o outro pálido, transpirando, Aarão indaga:

— Tu gostavas dele?

— Eu?

— Gostavas?

Norival foi brutal: “Não amola! Ou tu me achas com cara da gostar de homem?” Aproxima a cadeira, baixa a voz e confessa:

— Dele, não. Da mulher, sim. Estou de olho na Suzana!

Atônito, o amigo balbuciou:

— Papagaio!

O cínico

Quando saíram do café, Norival pergunta: “O enterro vai sair de casa ou dalguma capelinha?” O outro não sabia. Andaram até a primeira esquina, lado a lado. E era evidente que Norival exultava. Antes de se despedir, Aarão pigarreia e aventura:

— Posso te ser franco?

— Claro!

Toma coragem e anuncia:

— Tu sabes que eu não acho a mínima graça na Suzana!

Norival, sórdido:

— Nem eu!

— Ué!

E Norival:

— Só me interessa o dinheiro dela. Compreendeste ou queres que eu te explique?

Era demais para o estômago do Aarão. Recuou dois passos, como que ofuscado pelo deslumbrante cinismo do amigo. Gemeu:

— Tu és de morte! Tu és de morte!...

O velório

Aarão saiu dali e foi espalhar, para os amigos de ambos, que o Norival era “o sujeito mais cínico do Rio de Janeiro”. Os dois se conheciam desde crianças. E o que fascinava Aarão era a absoluta falta de escrúpulos, o impressionante descaro do amigo. Dizia-se o diabo do Norival, inclusive que “tomava dinheiro de mulher”. Não se lhe conhecia uma ocupação, um emprego, nada. Apesar disso, Aarão jamais pensara que o outro fosse o mesmo cínico diante da morte. Benzia-se: “Parei! Parei!” De qualquer maneira, Aarão quis ver a coisa, de perto. Acompanhado de alguns amigos, comparecia, à noite, ao velório. E, lá, estava o Norival, firme, num terno azul-marinho, gravata preta e sapatos de verniz, farejando a viúva. Sempre que Suzana era acometida por um dos seus intermitentes ataques, Norival se arremessava. Ia buscar copos d’água, cafezinhos, numa solicitude tão contínua e eficaz, que, rapidamente, era o dono do ambiente. De hora em hora, ia adquirindo, sobre a inconsolável Suzana, uma macia, insidiosa e irresistível autoridade. Às três horas da manhã, já dava ordens à viúva:

— A senhora, agora, vai tomar esse mingau, aqui, d. Suzana.

Soluçou:

— Não quero!...

Insistiu:

— Vai, como não? Sim, senhora!

Por conta própria, mandara a empregadinha fazer um mingau. O fato é que Suzana acabou obedecendo. Pouco antes de sair o enterro, ele já a tratava de você. O assombro, a inveja, a admiração dos amigos não tinha mais limites. Num canto, aos cochichos, Aarão pasmava:

— O que me deixa besta é o seguinte: morreu Ernesto. Muito bem. E não é que o Norival vem dar em cima da viúva na cara do defunto!...

Todo o bairro passou a dizer, isto é, passou a clamar que o namoro começou no velório. Exagero, porque Suzana aceitara as atenções do Norival na maior e mais patética boa-fé. Ela pertencia a uma família de anjos. Seus parentes, tanto do ramo paterno, como do materno, eram homens e mulheres direitíssimos. Aarão ululava, no café, ao dizer:

— Uma família que não tem um ladrão. Vê se pode!

E o fato é que essa virtude foi o maior obstáculo às péssimas intenções do Norival. Avisaram-no: “Olha: não vão te topar!” Cheio de si, confiante na própria aparência física e na própria experiência amorosa, o rapaz estaria disposto a apostar no êxito. Batia no peito: “Batata! Batata!” Contava com a oposição da família, mas esperava “levar a pequena na conversa”. Caça-dotes confesso, tinha, diante da viúva, uma atitude habilíssima. Não se antecipou ou, para repetir suas expressões, “não forçou a natureza”. Quando achou que era chegado o momento, pronto, agarrou a menina, num desses beijos definitivos. Só a largou no limite extremo da própria capacidade respiratória. Por sua vez, Suzana, com falta de ar, já esperneava. Diante dele, no assombro do beijo inesperado e feroz, ela pôs-se a chorar. Norival arquejava: “Mas que foi? Tão natural um beijo!” Assoando-se no lencinho, ela, ainda de luto fechado, soluçou a confidência:

— Meu marido não me beijava assim!

Pouco depois, estava Norival no café, exultante. Lambia os beiços: “Beijo de meia hora, contada a relógio!” Os outros indagavam: “E a reação?” Foi categórico:

— Ficou besta! Só faltou subir pelas paredes! E desconfio, cá entre nós, que o marido era um bestalhão autêntico!...

Primeiro amor

Súbito, Suzana descobria que Norival era, de fato, o seu primeiro amor. De noite, no quarto, cotejava o falecido marido e o atual pretendente. Como eram diferentes os beijos de um e de outro. Fez confidências a uma amiga, viúva também. Soprou: “Eu não sabia que o amor era assim.” A outra, mexeriqueira que Deus te livre, perguntou: “E teu marido!” Suspiro de Suzana:

— Meu marido era outra coisa.

Apaixonadíssima, aliviou o luto antes do tempo. Mas quando a família soube do romance, andou fazendo sindicâncias. As informações, obtidas aqui e ali, eram as piores possíveis. Esboçou-se uma oposição. Mas Suzana foi categórica:

— Ou vocês deixam ou eu fujo!

Diante disso, houve um recuo geral. O pai, que era um velho bom e honrado, comoveu-se. Disse:

— O que eu quero é a tua felicidade, minha filha. Só. Nada mais...

De noite, na varanda, Norival soprava ao ouvido da pequena:

— Quando a gente se casar, você vai ver o que é lua de mel batata, lua de mel, no duro!

Essa promessa a arrepiava. Ele prosseguia: “Vou te provar que teu marido foi um mosca-morta!” Até que já sabe, enfiou a mão por dentro do vestido e apertou-lhe o biquinho do seio.

Casaram-se, um dia. Já na décima noite da lua de mel, Norival aparecia no café. Alguém fez o comentário jocoso: “Por que é que a lua de mel engorda os homens e emagrece as mulheres?” Norival sentou-se. Com a falta de escrúpulos que tanto deslumbrava os companheiros, confessou o tédio indescritível daqueles dias: “Já não suporto! Já não aguento mais!” Súbito, porém, transfigura-se. Mete a mão no bolso, extrai de lá um bolo de notas de mil cruzeiros. E admite: “O que salva a minha mulher é que ela é cheia da gaita! Podre de rica!” A partir de então, a vida de Norival foi um cotidiano esbanjamento. De três em três dias, apanhava um cheque com a esposa e ia gastar com as piores mulheres da cidade. Chegava em casa bêbado de cair. Não havia esposa mais humilhada, mais ofendida. E corria, até, que ele, nas suas bebedeiras monumentais, a castigava fisicamente. Mas havia um momento em que ela se sentia a mais amada das mulheres. Era quando, sem dinheiro, Norival queria um cheque. E, então, a

tratava com uma dessas loucuras de lua de mel. Uma vez obtido o cheque, voltava a ser brutal. Num dia, o velho pai soube que o genro esbofeteara a filha. Apareceu, lá, de rebenque. Perguntou: “Onde está o canalha do teu marido? Vou-lhe quebrar a cara!” Então, Suzana se arremessou, como uma fera:

— Olha aqui, papai: não se meta! Não dá palpites!

— Mas é um miserável! Quer o teu dinheiro!

Ergueu o rosto: “Seja um miserável! Seja o que for! Mas eu não admito que ninguém fale mal dele!” Começou a chorar. Disse ao pai atônito:

— Um carinho que ele me faça, um só, vale todo o meu dinheiro!

Caiu de joelhos; soluçava, com o rosto mergulhado nas duas mãos:

— Quando ele me beija, eu sou a mais feliz das mulheres! A mais feliz, papai!

7 - Um caso perdido

A princípio, a família foi contra:

— Esse sujeito não presta! É um bestalhão! Um conversa-fiada!

Talvez fosse isso e muito mais. Para começar não trabalhava, nem queria nada com o trabalho. Além disso, bebia, jogava, vivia metido com desclassificados de ambos os sexos, em pagodes espetaculares. Apontava-se, mesmo, uma Fulana, de péssimos antecedentes, que, segundo se dizia, o sustentava. Os parentes de Edgardina tentaram dissuadi-la da paixão inconveniente e escandalosa:

— Homem é o que não falta. Escolhe outro, escolhe um que valha a pena.

E ela:

— É de Humberto que eu gosto. Os outros não me interessam.

Amava-o desde menina; e, através dos anos, não achara graça em mais ninguém. Podiam dizer o diabo do rapaz que ela mesma explicava: “Entra por um ouvido, sai pelo outro.” A rigor, só ficou impressionada uma vez, uma única vez. Foi quando lhe disseram que o namorado vivia às custas da tal fulana. Edgardina saltou: “Mentira! Calúnia!” Mas, apesar da reação inicial, muito veemente, a dúvida ficou. Acabou fazendo, ao bem-amado, uma pergunta frontal:

— Que negócio é esse que me contaram?

— Que foi?

Ela, sem tirar os olhos dele, disse:

— Que você toma dinheiro de mulher.

A confissão

Imprensado pela pequena que, na verdade, era seu primeiro e grande amor, Humberto teve, diante de si, dois caminhos: ou negar ferozmente ou... Ia negar, em pânico. Mas quando abriu a boca, deu uma coisa nele, uma espécie de heroísmo súbito, quase histérico. De olhos esbugalhados, os beiços trêmulos, transpassou a pequena com a revelação:

— É verdade, sim! Tomo dinheiro de mulher! Sempre tomei!

A menina cobriu-se de uma palidez mortal, como nos velhos romances. Mal pôde suspirar:

— Humberto!

Foi uma cena magnífica e atroz. Ele, que pegara embalo, foi até o fim, contou tudo, sem omitir nada. Disse que, sem emprego, sem níquel, aceitava dinheiro de uma, de outra. Batia nos peitos, atirava patadas no assoalho. Por fim, flagelou-se, cruelmente, aos olhos da pequena; chamou-se de “canalha”, “patife”, “caso perdido”. E terminou, num desafio frenético:

— Você sabe tudo. E agora pode me cuspir na cara! Cospe! Anda, cospe!

Ofereceu o rosto. E como Edgardina, petrificada, não dissesse uma palavra, não esboçasse um gesto, ele caiu numa crise medonha de choro. Então, a menina, que era um anjo autêntico, teve uma dessas comoções que não se esquecem, uma dessas piedades incoercíveis. E, se já o amava antes, agora muito mais. Aos seus olhos, a confissão do bem-amado o purificara de tudo e de todos. Disse mais:

— Não interessa o que você fez, meu filho. Eu gosto de você, pronto, acabou-se.

E ele:

— Você é um anjo. Se não fosse você, eu metia uma bala na cabeça, já, imediatamente!

Então, mais calmos, os dois, combinaram tudo: data do casamento, etc., etc. No fim, Edgardina impôs apenas uma condição:

— Você vai me prometer uma coisa.

— O quê?

— Que nunca mais aceita nada de mulher. É tão feio!

— Te juro! Te dou minha palavra de honra!

O casamento

E, de fato, a partir da confissão, Humberto foi outro homem. Deixou de beber, de jogar e quando entrava num café e vinha o garçom ele, erguendo o rosto; numa espécie de desafio às potências do álcool, dizia:

— Água mineral!

E fez mais, devolveu à tal Fulana que o sustentara um relógio, um anel com suas iniciais, um cinto com fivela de prata, um porta-chaves caríssimo. Rompeu, em termos definitivos, com todas as suas antigas ligações. Os amigos tentavam seduzi-lo:

— Deixa de ser besta!

Mas ele, embora com água na boca, tinha um repelão furioso: “Esse negócio, para mim acabou. Estou noivo, vou me casar, *stop*.” Foi uma mudança tão patética que o próprio futuro sogro, que era um espírito de porco, se deixou impressionar: “Parece que o meu genro tomou vergonha.” E o resto da família em coro:

— Tomara! Tomara!

Dois dias antes do casamento, Humberto ia chegando em casa quando deu de cara com a Fulana que o sustentara. A alma caiu-lhe aos pés. Em pânico, olhou para todos os lados: “Imagine se vissem.” Arrastou-a para um canto discreto; e, lá, discutiram, em voz baixa. A mulher fez uma súplica desesperada, que o horrorizou. Insistiu, cravando as unhas nas mãos do rapaz:

— Só essa vez! Só essa vez!

— Você está maluca? Não pode ser! Vou me casar amanhã!

A outra agarrava-se a ele:

— É a despedida, Humberto! — e teimava no argumento: — Pela última vez!

Na verdade, o que a tentava, naquele momento, era o noivo alheio, o noivo da outra, na antevéspera do casamento. E ele, que era um fraco diante da mulher em geral, mesmo das feias, mesmo das sem graça, quase sucumbiu àquele assalto noturno. Lembrou-se, porém, de Edgardina e, fazendo das tripas coração, desprendeu-se histericamente, arremessou-se para dentro de casa.

Ofegante, descabelado, fechou as portas atrás de si, arriou as trancas. Já então a Fulana, do lado de fora, uivava:

— Te dei muito dinheiro, cachorro! Olha, não me troco pela lambisgoia de tua noiva!

Caras espavoridas apareciam em várias janelas. No dia seguinte, Humberto contou tudinho à noiva. Descobrira que era negócio dizer a verdade e, mesmo, exagerar a verdade. A noiva, maravilhada com esta sinceridade, deu-lhe um beijo na testa.

O destino

O rapaz não tinha emprego. Mas o sogro foi de uma magnanimidade impressionante. Chamou-o:

— O negócio é o seguinte: para mim, tanto faz que meu genro trabalhe ou deixe de trabalhar. Contanto que trate bem a minha filha.

Dito e feito. Casaram-se e nunca faltou nada naquela casa. Todos os dias, de manhã, Edgardina, da maneira mais delicada e sutil possível, enfiava no bolso da calça do marido uma cédula, ora de vinte ora de cinquenta, ora de cem mil-réis. Justiça se faça a Humberto: aceitava a situação com esplêndida naturalidade. Lá fora, nas esquinas, nos cafés e nas residências, dizia-se o diabo do rapaz. Era chamado de "palhaço", de "sem-vergonha", de "sujo". Edgardina soube; solidarizou-se com o marido:

— Não liga, meu filho. O que eles têm é inveja.

Feliz, realizada, contava para os amigos:

— Bebeto é da seguinte teoria: entre homem e mulher não há perversão. Vale tudo!

A pequena estava, então, no quinto mês de gravidez. Não deixava o marido fazer nada: ela pagava as contas, dirigia a casa. Dir-se-ia o homem ali dentro. Humberto não queria saber de nada, não assumia responsabilidade alguma, no horror de qualquer iniciativa. Dizia sempre:

— Isso é com minha mulher. Não tenho nada com isso.

Queria sossego. E quando o sogro, com autoridade de quem corre com as despesas, exigiu um neto, Humberto relutou. Teve medo do parto, do filho; confidenciou com a mulher: "As crianças são muito levadas. Dão um trabalho danado." Mas o sogro fez pé firme; queria um neto de qualquer maneira. Incapaz de resistências prolongadas, Humberto aquiesceu, afinal. E quando o velho soube que Edgardina ia ter neném, meteu a mão no bolso, tirou uma cédula de quinhentos e mandou a filha dar ao genro. O fato é que a perspectiva do filho tirou o sossego do rapaz. Vivia atribulado com as possíveis doenças que o guri pudesse ter. Gemia: "Imagine se ele apanha uma coqueluche braba." Enfim, passaram-se os meses e chegou o grande dia. Apavorado, Humberto viu a mulher pôr a boca no mundo: "Uai!" O sogro berrou: "Vai buscar a parteira que é pra já!" Ele arremessou-se pelas escadas abaixo, à procura da profissional que

morava duas quadras adiante. E não voltou, nunca mais.

Anos depois

O parto foi feito de qualquer maneira. Uma vizinha improvisou-se em parteira, enquanto a outra, a autêntica, não aparecia. E a criança nasceu perfeitíssima. Então começaram a procurar o pai. Foram à polícia, ao hospital, ao necrotério. Nada. A hipótese de fuga ou suicídio era absurda. Humberto vivera, em casa, como um paxá. Um mês depois, já não havia mais dúvida: estava morto. Não se sabia onde, mas era óbvio. E então, a viúva, no seu luto fechado começou a fazer questão do cadáver. Exigia, em brados medonhos:

— Quero o corpo! Quero o corpo!

Havia um rio próximo. Supôs-se que o rapaz se tivesse afogado. E, no mínimo, as águas o levaram para outras e longínquas terras. Edgardina teve que se conformar; mas ficou, na sua alma, o ressentimento de viúva espoliada no seu defunto. Imersa numa fúria petrificada, dizia: “Eu não enterrei meu marido.” E os anos, sem que ela percebesse, foram passando, um a um. Edgardina sempre de preto; e feliz, envaidecida, porque a dor não arrefecia no seu coração. Doze anos depois, consentiu, enfim, em ir, pela primeira vez, a um circo, que estava de passagem. Foram os dois: ela, de luto, e o filho, com 12 anos, vestido à marinheira. Assistiam à função quando, de repente, a bateria da charanga, cria a ilusão do perigo, do abismo. É um número mundial de equilibrismo. Um benemérito surge no arame, de sombrinha aberta. Edgardina crispa-se na cadeira. Não é possível, não pode ser... Sopra, afinal, ao ouvido do filho:

— Teu pai... Teu pai...

Rompe, no circo, o grito da criança:

— Papai! Papai!

O equilibrista estaca, olha, apavorado. Larga a sombrinha, larga tudo, desaba lá de cima. Depois, no hospital, houve cenas delirantes. Humberto estava de perna engessada e suspensa. Quis saber se o filho já tivera coqueluche. Quando informaram que sim, gemeu:

— Ótimo... Ótimo...

Fizeram espetacularmente as pazes.

Mas nunca se soube por que desaparecera, naquela noite, há 12 anos atrás.

8 - Isto é amor

Só gostava de homem de dois metros, forte, bonitão. Na rua, cutucava as colegas: “Viste que alinhado? Viste?” E virava o rosto, torcia o nariz, para os rapazes que não coincidissem com suas exigências. Criticava os namorados das amigas: “Muito baixinho!” Ou, então: “Muito barrigudo!” Ou, ainda: “Tão sem graça!” Por vezes, uma das colegas protestava:

— Explica, aqui, um negócio: o gosto é meu ou teu?

— Teu.

— Então, vê se não dá palpite, sim? Ora veja!...

Até que, um dia, chegou a sua vez. Ora, Emilinha vivia dizendo o seguinte: “O que me interessa, no duro, o que me interessa batata é a beleza física. Rapaz, pra me namorar, já sabe, tem de ser bonito, acima de tudo. Senão, eu não quero, nem me interessa!” Perguntavam: “Mas criatura! E a alma?” Ria, numa petulância, que tinha o seu *it*: “Pra que alma?” Parodiava o sotaque luso, para acrescentar: “Não me venhas de alma, pra cima de mim, que eu não te recebo!” Cochichava para as mais íntimas: “Fria, não sou!” Saía do banho com olheiras violentas. E, no entanto, quando escolheu um namorado, foi um assombro geral. Houve exclamações: “Mas não é possível! Não pode ser!” A informante precisou empenhar a própria palavra de honra:

— Ninguém me disse, eu mesma vi.

— Batata?

E a pessoa:

— Quero ver minha mãe morta, se eu estou mentindo!...

Fernandinho

De fato, tinha sido vista, de braço, com o Fernandinho, num desses idílios gritantes. Dependurada no braço do rapaz, bebendo suas palavras, parecia boba. O patético da situação residia na incoerência absoluta. Fernandinho, com efeito, era o inverso, o contrário, o oposto do seu ideal masculino. Não tinha nada, nem de Apolo, nem de Tarzan. Admitamos que fosse bonitinho. Mas era só. Altura abaixo da média; e, além disso, modos e feições que estavam longe de denunciar a masculinidade evidente e espetacular com que sonhara a pequena. Na família, o espanto e desassossego foram sintomáticos. Os irmãos perguntavam entre si: "Mas o que foi que ela viu nessa besta?" Ninguém sabia, nem podia imaginar. O descontentamento, porém, foi tão agudo que, um dia, o pai a convocou: "Senta aí, que eu quero conversar contigo." Sentou-se, e o velho começou:

— Minha filha, eu sempre achei o seguinte: que, em matéria de sentimento, a própria pessoa é a maior autoridade — pausa e perguntou: — Você gosta mesmo do Fernandinho? Gosta de verdade ou...

Respondeu, doce, mas definitiva: "Gosto, papai. Gosto de verdade." O velho ergueu-se. Pôs a mão na cabeça da menina; e suspirou: "Se você quer, paciência. Mas veja lá, minha filha, veja lá!..."

As glândulas

E não houve nada que a demovesse. Em toda parte, faziam espanto e, não raro, insinuações de uma maldade evidente. Das duas, uma: ou ela não ligava ou, segundo a gravidade de cada caso, reagia com violência. Uma de suas amigas, mais chegadas, perguntou-lhe: “Teu namorado tem uns modos de moça, não tem?” Foi peremptória: “Olha, fulana, eu não admito esses palpites. Você é uma cretina muito grande, percebeu?” Cortaram as relações, desde então. Mas esses incidentes se repetiram. O comovente é que o próprio Fernandinho tinha consciência disso. Explicava: “Foi a educação que eu tive.” Criara-se, com efeito, ao lado de 11 irmãs. Era o único homem da família. Emilinha, cada vez mais enamorada, respondia:

— Eu gosto de ti como tu és, assim mesmo. Os outros que se danem. Não dou a menor pelota, meu filho!...

E, assim, ficaram noivos. No dia seguinte, bate o telefone para Emilinha. Era a sogra:

— Você que dar um pulinho aqui, hoje, de tarde? — Emilinha foi. Na residência da sogra, encontrou, além desta, as 11 cunhadas. Havia, nas fisionomias, uma solenidade que espantou a pequena. Mas já a sogra tomava a palavra: “Eu sei que falam do meu filho, etc. e tal.” Emilinha, rancorosa, fez o comentário: “São uns palpiteiros muito grandes!” Suspiro da sogra: “E, ontem, eu estive no médico.” Pausa. Atônita, Emilinha balbuciou:

— Fernandinho está doente?

A velha pareceu hesitar: “Doente, propriamente não.” Venceu um escrúpulo, prosseguindo:

— O negócio é o seguinte: eu expliquei ao médico que meu filho ia se casar. Disse, também, que Fernandinho tinha tido uma criação diferente dos outros rapazes. Pois bem. O médico garantiu que isso era uma questão de glândulas.

— Glândulas? — perguntou Emilinha.

Em redor, as 11 cunhadas, num murmúrio de coro orfeônico, repetiram: “Glândulas.” Emilinha indagou: “Mas não estou entendendo tostão. Afinal de contas, meu noivo está ou não está doente?” A sogra deu uma resposta que, convenhamos, foi hábil:

— Está com uma doença moderna. Mas o médico me disse, me garantiu, de

pedra e cal, que há tratamento — baixou a voz, repetindo: — Há tratamento!...

As provas

Emilinha saiu de lá zonza. A sogra, que foi levá-la até o portão, repetiu em voz baixa, mas incisiva: “Há tratamento, percebeu?” E citou, mesmo, umas injeções norte-americanas que, segundo o médico, eram “ótimas”. Apertando a mão da sogra, Emilinha foi, ainda uma vez, categórica:

— Eu não entendo esse negócio de glândulas. Mas quero que a senhora saiba: gosto de seu filho como ele é, sem tirar, nem pôr.

Foi por essa época, mais ou menos, que apareceu, na casa da pequena, o tio Edgard, médico também e irmão do pai de Emilinha. Jantou com a família e, depois do café, virou-se para o chefe da casa: “Quero bater um papo contigo, lá dentro.” Trancaram-se no gabinete. O outro pergunta:

— Vem cá, Fulano, explica um negócio: será que tu não enxergas um palmo adiante do nariz?

— Como?

O irmão fez um autêntico comício: “Será que você não percebe que esse casamento é um absurdo? Um crime?” Insistia na palavra “crime” com especial predileção. Sem entender, o pai admirou-se: “Crime como? Crime por quê?” O outro esbravejou:

— Ora, bolas! É claro como água! Esse bestalhão é um doente! Doente, sim, senhor! Doente! Olha, ele tem, percebeste? — Tem o único defeito que um homem não pode ter! O único!...

— Será?

— Você ainda pergunta? Está na cara! Esse palhaço não pode casar nem com tua filha, nem com mulher nenhuma! Sou eu que te digo! Eu!...

O pai da Emilinha passou uns cinco minutos calado, ruminando. Ergueu-se, afinal. Mas o fato é que o travava um último escrúpulo: “Não posso fazer isso sem provas.” Era um homem sério e bom: “Não brinco com a felicidade de minha filha. Posso desmanchar esse casamento, mas...” Suspirou, concluindo:

— Quero provas. Primeiro, as provas.

Fanatismo

O tio Edgard, que era um sujeito obstinado, partiu com a promessa: “Terás as provas.” Andou uns dois dias sumido. Apareceu, no terceiro dia, triunfante. Andara até no Distrito Policial; colhera testemunhos de não sei quantas pessoas. Por último, diante do irmão assombrado, perguntou: “É ou não é batata?” O outro admitiu: “É batata, sim.” E já prevendo a medonha desilusão da filha, gemeu: “Esse casamento é impossível.” Dez minutos depois, a filha era chamada. Sem uma palavra, com o lábio inferior tremendo, ouviu tudo. De vez em quando, o tio rosnava: “Um pilantra! Um pilantra!” O pai, porém, chegava ao fim: “Você há de compreender que esse rapaz não serve, em hipótese nenhuma. É um doente, é um...”

Ela estava de pé:

— Eu não acredito, papai! Tudo isso é mentira! Tudo isso é calúnia!... Pai e tio se precipitaram: “Como mentira? Existe uma documentação!” Repetiu, transfigurada, na sua cólera: “Calúnia! Calúnia!” Rejeitou todas as provas, uma a uma: “Gosto dele, pronto, acabou-se!” Por fim, desafiou um e outro: “Para eu acreditar numa coisa dessa, é preciso que o Fernandinho, o próprio Fernandinho, me venha dizer. Só assim!...”

Solução

O velho, que adorava aquela filha, não quis ser bruto. Disse, numa melancolia bárbara: “Vai, minha filha, vai. Amanhã conversaremos.” A pequena saiu e o tio Edgard pousou a mão no ombro do outro: “Vou ter uma conversinha com esse cara.” O pai, que o sabia cruel e implacável, fez a ressalva: “Mas nada de violência.” No dia seguinte, o tio Edgard recebia, em seu escritório, o rapaz. Entrou, como ele próprio diria, “de sola”: “Eu soube isso, assim, assim. Ora, o senhor não pode se casar com minha sobrinha.” Lívido, Fernandinho quis reagir: “Mas é mentira!” Então, o velho perdeu a cabeça e a compostura; agarrou-o: “Seu canalha! Parto-lhe a cara! Dou-lhe um tiro!” Foi o bastante. O pobre-diabo, numa pusilanimidade convulsa, pôs-se a chorar: “Eu sou um desgraçado! Um infeliz!” Admitiu que tudo era verdade, tudinho. Exultante, o tio exigia: “Agora, tu vais comigo, dizer à tua noiva quem tu és!” Recuou, ante essa humilhação medonha. O outro, porém, o levou, quase de rastros. Foi uma cena pavorosa. Na sala de visitas, presente toda a família, convocaram a menina. Houve um momento em que Fernandinho quis ser viril. Mas, na presença da noiva petrificada, levou novos cachações. O tio berrava: “Não banca o homem, que eu te arrebento!” E, então, soluçou: “É verdade, sim! Tudo o que dizem de mim é verdade!” O tio virou-se para a sobrinha: “Agora, responde? Ainda queres casar com esse sujeito?” Ergueu o rosto:

— Eu?...

O noivo estava atirado, para um canto, chorando, ignobilmente. Ela atravessou a sala; parou diante dele. E, súbito, apanha entre as mãos o rosto do rapaz; inclina-se. Diz, quase boca com boca:

— Eu já sabia, sempre soube, ouviste? Mas gosto de ti! Te quero assim mesmo! Nunca te deixarei, nunca!...

Virou-se para a família:

— Pai, se eu não casar com meu noivo, eu me mato, pai! Eu me mato!...

9 - A missa de sangue

Em vida de sua primeira mulher, foi a pérola dos maridos e, sobretudo, um monstro de fidelidade. Saía do trabalho, digamos, às seis horas. Às vezes, parava um segundo, tomava um cafezinho em pé e era só. Pendurava-se no primeiro bonde, com a ideia fixa de chegar em casa. Estavam casados há seis anos. Pois se gostavam como na lua de mel; viviam num agarramento de meter inveja nos casais infelizes. O comentário geral era o seguinte:

— Parecem dois namorados!

De fato, pareciam. Namorados, noivos ou casadinhos de fresco. Ainda por cima, ciumentíssimos um do outro. Qualquer coisinha, Penteado rosnava:

— Modos!

Para evitar brigas não brincavam no carnaval. Se iam a uma festa, Clélia devia entrar mancando e espalhar, aos quatro ventos, com ar de mártir:

— Estou com o pé machucado.

Engraçadíssimo se um deles bocejava na presença do outro. Vinha o mundo abaixo. Ela, então, não perdoava, dava muxoxo, batia com o pé, fazia má-criação. Incluía o bocejo entre os sintomas clássicos, inconfundíveis, dos finais de amor. Estabelecia o seguinte raciocínio estapafúrdio: “Se ele tem sono ao meu lado, se abre a boca, é porque não gosta mais de mim.” Ou então, estava gostando menos. Penteado tinha que jurar por todos os santos que sua paixão era cada vez mais feroz, etc., etc. A briga acabava em beijo. Ele acompanhava com a ponta da língua o contorno de sua orelha pequena e sensível. Ela, morena, nortista, com propensão para engordar, terminava num dengue irresistível:

— Tu gosta muito dessa gatinha, gosta?

A catástrofe

Um dia, Penteado entra em casa e encontra Clélia com febre. Pediu o termômetro emprestado no vizinho. Findos os três minutos, ergue o termômetro e verifica a temperatura: quarenta graus! Quase caiu para trás. No seu pânico, quis telefonar para a Assistência. Chamaram-no à razão:

— Assistência pra febre? Sossega, Penteado, toma jeito!

Não faltou quem o confortasse, dizendo:

— Algum resfriado besta!

Durante dez dias fez-se o diabo. Clélia tomou tudo quanto foi remédio; injeção, soro, transfusão de sangue e até tenda de oxigênio. Penteado, que ganhava 18 mil cruzeiros mensais, gastou como um Rotschild. Quando soube do preço da tenda de oxigênio, estava no auge de sua dor, incrustou, entre os seus gemidos, um protesto:

— Que exploração!

E continuou a chorar. No drama de Clélia, havia uma coisa que o punha fora de si: o delírio. Arremessava-se, então, para fora do quarto; esbarrava nos móveis; trancava-se na privada e soluçava como uma criança. Na verdade, o delírio da doente era algo de aterrador.

Clélia dizia tudo quanto era absurdo, inclusive coisas de escandalosa inconveniência, até nomes feios. Precisavam quase amordaçá-la. Um dia, um médico de emergência, chamado às carreiras, esteve no quarto, com a doente, examinando-a. Apareceu na porta e convocou Penteado:

— O senhor quer vir aqui um instantinho, Seu Euzébio?

Penteado sobressaltou-se:

— Euzébio?

Instintivamente, olhou em torno, à procura de um possível Euzébio. No momento, porém, só ele estava na sala; tratava-se, portanto, de sua pessoa. Veio, atônito, ao encontro do médico. Este insistiu:

— Olha, aqui, Seu Euzébio...

Retificou:

— Alberto. Alberto Penteado.

Espanto do médico:

— Como? Não é Euzébio?... Mas ela só fala em Euzébio... Quer dizer que...

O delírio

Penteado invadiu o quarto, assombrado, enquanto o médico, já desconfiado de alguma inconveniência, estava, ao lado, mudo. Os dois, sem uma palavra, foram testemunhas do delírio que virava, pelo avesso, a pobre esposa. Toda a piedade anterior de Penteado se fundia agora numa curiosidade insaciável. O próprio médico, esquecido da função profissional, estava atento e sôfrego, como um ouvinte de novela. E Clélia só falava num nome e numa pessoa: Euzébio, só Euzébio, para sempre Euzébio. Dir-se-ia que não existiam no mundo outras pessoas, outros nomes. Não houve uma tênue, remota referência ao marido. De repente ergueu-se; veio descalça, cambaleando, e coincidiu que caminhou na direção de Penteado. Ele, estupefato, não fez um gesto. Sentiu-se abraçado, beijado por uma boca quente e esfomeada; Clélia gemia:

— Euzébio... Euzébio...

Em oito dias de doença, ficara irreconhecível. Fora sempre cheia de corpo: fazia, de vez em quando, regime para emagrecer. Agora, porém, estava que era um esqueleto, um rosto de caveira. Caindo em si. Penteado desprendeu-se, brutalmente. A doente desequilibrou-se e cairia se o médico não a amparasse.

O novo drama

Penteado saiu, batendo com a porta do quarto. Naquele momento, em que se capacitava, subitamente, de sua condição de marido enganado, houve uma coisa que doeu, nele, como uma nevralgia: as despesas que vinha fazendo. Com a moléstia da mulher, contraíra dívidas, recorrera a amigos, parentes, agiotas e vizinhos. E, sobretudo, teve uma raiva cega e obtusa da tenda de oxigênio, que custava um dinheirão. Andando de um lado para outro, fez uma reflexão de uma graça triste: muito cara a agonia da esposa! Pouco a pouco um furor estéril apoderou-se do pobre-diabo. Precisava fazer alguma coisa que libertasse a raiva contida. Viu uma cadeira na frente. Ótimo. Deu um chute na cadeira. E a dor física, a dor das canelas esfoladas, serviu-lhe de alívio. Repetia:

— Cínica! Cínica!

O médico, que surgiu magicamente diante dele, pôs a mão no seu ombro:

— Tenha fé em Deus!

Penteado odiou esse homem, testemunha de sua vergonha conjugal. Berrou:

— Ora, vai-te para o diabo que te carregue!

Ficou só. Disse a si mesmo que não pagaria mais uma injeção, um comprimido, para “essa cara”. Não conseguia compreender, porém, que a mulher o tivesse traído sem inspirar uma suspeita, nunca, sem deixar uma sugestão de infidelidade. Jamais um pecado se consumara com tão perfeito sigilo! Continuou a agonia. Receitaram transfusão de sangue, mais câmara de oxigênio, etc. Penteado foi brutal:

— Não sou o Banco do Brasil!

Flores

Já mudara por completo de atitude, com grande escândalo dos vizinhos e dos parentes. Todo mundo sabia, é claro, que existia na vida de Clélia um Euzébio. Seus delírios inspiravam uma curiosidade tremenda: as comadres invadiam o quarto da moribunda, na expectativa de outras revelações. Mas soubesse o marido ou não, todos achavam que, enfim... Quando a moça morreu, uma tia da morta veio buscá-lo na sala; baixou a voz:

— A um morto se perdoa.

Ele entrou no quarto. Clélia não morrera ainda. Na última golfada, de um líquido escuro, veio o nome de Euzébio. Vizinhas choravam; e Penteado, sem nenhuma simulação, voltou para a sala, lentamente. Duas ou três senhoras da rua tomaram conta do ambiente; um vizinho partiu, de táxi, para tratar do enterro. No meio das crises iniciais, surgiu um crioulinho, funcionário da farmácia, com uma conta nababesca. Penteado olhou o papel timbrado com absoluto desprezo. Devolveu-o; numa ostentação desagradabilíssima, virou os dois bolsos pelo avesso:

— Não tenho níquel!

Justiça se lhe faça: embora sem derramar uma lágrima, não se afastou um segundo do corpo, a não ser para apanhar, no guarda-roupa, uma gravata preta. Às sete horas da noite, teve uma lembrança, que causou penosíssima impressão: encomendou uma coroa, mandando assinar “Euzébio”. E ficou controlando a chegada das flores. A coroa chegou quase de manhã e era, de fato, linda, de orquídeas brancas. O próprio Penteado escolheu um lugar bem visível. Na saída, culminou sua impiedade. Na frente de todo mundo, deu a ordem:

— Esta coroa vai em cima do caixão.

A missa

Esta maldade sóbria e raciocinada arrepiava. Disseram horrores de Penteado. Parentes da morta o ameaçaram:

— Deus castiga! Deus castiga!

E ele:

— Paciência.

A tinturaria tingira, de preto, às pressas, dois ternos. Pode trajar o luto fechado: e foi, em pessoa, tratar da missa que, como de praxe, teve lugar sete dias depois, com música e canto. De preto, assistiu a tudo, incomovível: só tinha mesmo de viúvo o terno da tinturaria. Terminada a cerimônia, recebeu, na sacristia, as condolências. Uma das senhoras, ao abraçá-lo, percebeu o volume do revólver. Ficou restando um sujeitinho, magrinho, pequenininho, de barba crescida, que veio cumprimentá-lo; apertaram-se as mãos e o sujeito ciciou, ao sair:

— Euzébio de Almeida, seu criado.

— Ah, perfeitamente! Pois não!

Vieram os dois caminhando, lado a lado, por entre as imagens de santos nas paredes. Quando chegaram na rua, Euzébio despediu-se, pela segunda vez:

— Passar bem, passar bem.

Penteado deixou que ele virasse e, pelas costas, deu-lhe três tiros. Houve correrias, atropelos. Euzébio morreu, ali mesmo, na calçada.

10 - Noiva da morte

Era o único varão numa família de mulheres. E, desde garoto, ouvia dizer:

— Alipinho não casa! Nós não deixamos Alipinho casar...

O Alipinho era ele. Cresceu num ambiente de absoluta predominância feminina, cercado de mulheres por todos os lados. Foi tiranizado, ferozmente, pela mãe, irmãs, tias e primas. Quase não saía de casa, quase não ia à rua. A parentela vivia no terror de outros meninos; fazia advertências: “Você não brinca com aquele menino, não. Ele diz nome feio, meu filho.” E o Alipinho, desde os quatro anos, sabia que dizer palavrão é pecado, que “Papai do Céu não gosta”. De vez em quando, o pai, vendo o garoto estiolar-se entre saias, explodia:

— Ora, bolas! Vocês estão pensando o quê? O Alipinho é homem! — E enchia a boca, com a palavra: — Homem!

Mas as mulheres, inclusive a mãe, se atiravam em pânico, numa pavorosa histeria coletiva. Agarravam-se ao menino, absorviam o menino: a mãe, em crise, frenética, berrava: “O filho é meu!” E atirava à cara do marido o grande argumento:

— Fui eu quem teve as dores! Eu!...

O marido, mascando o charuto apagado, sentia-se impotente diante dessa conspiração feminina. Saía, furioso, batendo com as portas e uivando: “Vão pro diabo que as carregue!” Na ausência dele, rosnava-se, pelos cantos: “Homem mau!”

A flor

Enfim, o pai de Alipinho caiu de cama. E o engraçado é que, desde o primeiro momento, não teve dúvidas. Convocou a mulher, as filhas, o próprio Alipinho, e disse, sem dramaticidade, com ar apenas informativo: “Pessoal, eu vou morrer.” Houve protestos e choradeira, mas ele insistiu, sóbrio e digno: “Estou liquidado.” E, de fato, o médico mandou fazer vários exames e constatou-se apenas isto: “Câncer.” Aventurou-se, a medo, com pudor, a pergunta: “Quantos meses de vida?” Resposta: “Três.” Houve a dor necessária e compreensível. E mais do que isso: o espanto, o medo. Realmente, a morte datada impressiona e assusta muito mais. Havia, também, de uma maneira inconfessada, um sentimento de alívio. Com a morte do pai, que a ciência prometia, a educação de Alipinho deixava de ser um problema agudo e desesperador. O pai exigia, para o filho, uma educação de homem; dizia mesmo: “Quero que meu filho beba, fume, diga palavrões!” Já a mãe, com o apoio compacto das filhas, sonhava com um Alipinho doce, respeitador, doméstico. Anunciava, francamente: “Se meu filho chegasse tarde em casa, eu morria do coração!”

O pai morreu no fim dos três meses. Antes, porém, acusou a mulher: “Você é uma criminosa. Você está transformando meu filho num maricas. Escreve o que eu vou dizer: meu filho vai ser um degenerado.” Ela ouviu tudo isso, sem protesto, por se tratar de um moribundo; mas trançou os dedos, em figa. Quando voltou do cemitério, não pôde evitar um suspiro de alívio. Ia poder, enfim, educar o filho à sua maneira. Alipinho estava, na época, com 13 anos e era, realmente, uma flor.

Último desejo

Mas o que ninguém sabia era de uma conversa que, antes de morrer, o pai de Alipinho tivera com o dr. Assunção, médico da família. Já com o pé na sepultura, o moribundo dispensou-se de quaisquer cerimônias ou hipocrisias: disse o diabo. Começou assim:

— Doutor, vou lhe fazer um último pedido.

— Pois não.

O outro, no seu fôlego curto, ofegava: “É o seguinte: o senhor sabe que a cretina da minha mulher...”

Ao ouvir a expressão “cretina”, o médico pigarreou; mas o doente prosseguiu: “... a cretina da minha mulher o respeita muito, ouve muito o que o senhor diz.” O médico admitiu: “Mais ou menos.” Continuou o doente: “Pois bem. Quando chegar a época, eu queria que o senhor usasse a sua influência e fizesse meu filho casar.” O moribundo encarou o médico: “É meu último desejo, doutor. Eu lhe peço por tudo...” E numa derradeira irritação terrena, o infeliz ainda chamou o filho de “essa besta” e a mulher de “débil mental”. Dr. Assunção balbuciou:

— Pois não. Prometo.

— Jura?

— Juro. Farei o que estiver ao alcance. Pode ficar descansado.

No fundo o médico gostou de ser o depositário de um “último desejo”. Lera, não sei onde, que “a um morto não se recusa nada”. Em casa, com a mulher, dr. Assunção contou o caso e, dissimulando a vaidade, suspirou:

— Um abacaxi tremendo!

O abacaxi

Dr. Assunção julgava-se muito hábil e, piscando o olho, soprou para a esposa: “Neste caso, tenho que ser maquiavélico...” Sintoma do seu maquiavelismo foram os meios insidiosos que adotou para realizar seus desígnios. Ia à casa do Alipinho com mais frequência e opinava sobre tudo, inclusive sobre o preço do feijão. Queria ter uma participação cada vez maior na vida da família, familiarizar-se com os assuntos da casa. Um belo dia, começou de maneira indireta: “O casamento é uma necessidade social e natural.” A própria frase o encantou pela sonoridade. Virou-se para a mãe do Alipinho e fez a interpelação cordial: “A senhora não acha?” Esperou a concordância, mas a outra contra-atacou: “Ah, não. Eu não acho.” O médico espantou-se: “Como?” Ela esclareceu:

— Eu acho o seguinte: a mulher deve casar... O homem, não.

— Ora veja!

Ela teimou dardejando um olhar para o Alipinho: “Só a mulher precisa casar.” Um pouco desconcertado, o dr. Assunção resolveu ser hábil: protelou o assunto. Em casa, com a mulher, numa autossatisfação profunda, admitiu:

— Eu sou maquiavélico! Eu sou maquiavélico!

Mas o fato é que se apaixonara pela missão que, inicialmente, ele próprio achara um “abacaxi temendo”. Interessara a mulher na causa; e ela o estimulava: “Olha, Fulano, tu não podes fracassar.” Ele dava garantias:

— Deixa por minha conta.

Alipinho

Enquanto isso, o Alipinho ia crescendo, cada vez mais agarrado às saias da mãe e das irmãs. Evitava companhias masculinas e, a rigor, seu círculo de relações era estritamente feminino. Sentia-se bem lidando com moças e senhoras, merecia delas um tratamento de igual para igual. E ninguém mais fino, mais educado, mais doce. Dizia-se, a seu respeito: “É uma dama!” Quando, certa vez, o dr. Assunção sugeriu que um rapaz “deve ter modos de homem”, houve um alarido de mulheres. Frenética, a mãe do Alipinho saltou:

— Não, senhor! Absolutamente! O homem não precisa ser cafajeste! Pois eu estou muito satisfeita com os modos do meu filho!...

O Alipinho tinha, então, 18 anos de idade. Depois de alguns dias de confabulação com a mulher, o dr. Assunção achou que era o momento de agir de maneira mais efetiva. Chamou o Alipinho ao consultório e os dois tiveram uma interminável conversa. O médico quis saber se ele tinha tido alguma namorada. Não. Então, o doutor, impressionado, resolveu ser mais objetivo e contundente. Olhou para os lados, baixou a voz e soprou a confidência heroica:

— Pois, eu, na tua idade, não me escapava nem rato. Dava em cima de tudo quanto era empregada!

Alipinho voltou para casa atônito. A verdade é que as confidências pessoais do médico lhe haviam embrulhado o estômago. Mas dr. Assunção não perdeu mais tempo. Debatia o assunto matrimonial com a maior veemência. Alegava, polêmico: “É uma lei da natureza!” Ao que replicava a mãe do rapaz:

— Eu quero que a natureza vá lamber sabão! Ele recorria ao “crescei e multiplicai-vos”. Finalmente, a família capitulou pelo cansaço físico. Chorando, a mãe chamou o Alipinho: “Tu vais casar, meu filho.” Suspirou o rapaz numa docilidade de cortar o coração: “A senhora é quem sabe.”

A pequena

Começou, então, a procura frenética da namorada. Procura daqui, dali, acabaram descobrindo uma tal Marta, da idade do rapaz. Era namoradeira que Deus te livre, mas dizia-se, com otimismo: “Muda com o casamento.” Quem nadava em ouro e mel era o dr. Assunção. Via, no caso, uma vitória pessoal; invocava o testemunho da esposa: “Viste a minha habilidade?” Ela pasmava de tamanho maquiavelismo. E continuavam os preparativos do casamento. Alipinho olhava, com uma espécie de terror, a noiva, cheia de elã, de apetite vital. Entre os dois, ela era quem tinha a voracidade dos beijos. Ele, emagrecia e, de vez em quando, precisava tomar coramina, por causa das palpitações. Só deu opinião uma vez: na escolha do vestido da noiva. Exigiu um modelo de Rainha, de Princesa, de Fada, algo de inimaginável e inesquecível. Três dias antes do casamento, o vestido ficou pronto. Então, sem dizer nada a ninguém, Alipinho foi buscá-lo.

Carregou o embrulho como uma preciosidade. Saltou do táxi, entrou em casa pelos fundos, sem que ninguém o percebesse. Aliás toda a família, nesse dia, fora para a casa da noiva.

As núpcias

Sozinho, em casa, Alipinho não precisou ter pressa. Tomou um banho, com sabonete espumoso. Depois, perfumou-se com água-de-colônia, diante do espelho. Da água-de-colônia passou ao pó de arroz, ao ruge, ao batom. E, finalmente, pôs o vestido de noiva, inclusive a grinalda, o véu. Apanhou um disco da marcha nupcial, que comprara na véspera, e o colocou na vitrola. Ao mesmo tempo, acionou o dispositivo que faria repetir o disco, indefinidamente. Feito isto, deu todo o volume. Horas depois, chega a família. Já a vizinhança estava alucinada com o disco da marcha nupcial. Desligam a vitrola. Uma das irmãs vai ao banheiro e lá vê aquele vulto branco suspenso. Grita, rola em ataque. Todos correm, num atropelo. Inclusive os vizinhos invadem a casa. Vestido de noiva, com véu e grinalda, enforcara-se Alipinho.

11 - O aleijado

Era contra o casamento. E não fazia o menor mistério. Confessava, claramente, que tinha uma espécie de tara. Havia, em redor, um espanto.

— Tara?

— Pois não. Tara, sim.

— Mas como?

E ele, com alegre naturalidade:

— Só gosto de mulher casada.

— No duro?

— No duro. Tenho horror das solteiras. Não me interessam...

Este cinismo de salão causava um grande efeito, sobretudo nas mulheres.

As solteiras arregalavam os olhos, no fundo deliciadas; e as madames achavam também uma graça infinita nesse descaro. E Sandoval, lisonjeado com o sucesso, insistia:

— Palavra de honra!

A desconhecida

E, um dia, ele ia saindo de casa, quando bateu o telefone. Voltou para atender. Uma voz de mulher perguntava:

— Sandoval?

— Ele mesmo.

E a voz:

— Quem fala, aqui, é uma fã.

Sandoval, no momento, não tinha que fazer; gostou da voz e dispôs-se a perder de dez a 15 minutos. Inicialmente, a desconhecida quis saber:

— É verdade aquilo que você disse?

— O quê?

— Que só gosta de mulher casada? É verdade?

Sandoval riu:

— Mais ou menos.

— Que pena!

— Por quê?

E a anônima suspirando:

— Porque eu sou solteira. Nem tenho namorado, imagine!

Divertido com a petulância da fulana, fez a blague:

— Vamos fazer o seguinte: você se casa e depois aparece.

— Olha que eu me caso mesmo!

A casada

Moço, forte, bem-apanhado, Sandoval continuou sua vida sentimental. Mas ninguém lhe conhecia uma aventura com pequena solteira. Dir-se-ia que a mulher casada era sua fatalidade. Explicava, a sério, as vantagens ilimitadas da esposa alheia, sendo que a primeira e maior é a de já estar casada. Concluía, convicto:

— Alto negócio! E, além disso, baratíssima. Quem subvenciona, quem corre com as despesas, é o marido!

Pouco a pouco, sem que ele mesmo o notasse, foi se esquecendo de umas tantas providências elementares, de sigilo, de recato. Fazia quase ostentação. E já o dominava a vaidade de ser visto, apontado e, até, execrado. Houve dois ou três escândalos. E a coisa se tornava tão notória e imprudente que, afinal, um amigo o procurou. Fez-lhe advertências graves, sugeriu mesmo uma hipótese:

— Podes levar um tiro!

Acontece que a mulher deste amigo era um dos casos de Sandoval. E ele, muito sério e compenetrado, sem desfitar o outro, bateu-lhe nas costas:

— Obrigado, Fulano. Mas não há perigo. Eu não me caso, por quê? Porque o marido, em geral, é um idiota chapado.

O outro insistia:

— Mas você precisa fazer o negócio com mais discrição, que diabo!

Na saída, o amigo ainda o convidou:

— Queres jantar amanhã com a gente? Minha mulher reclama que você quase não aparece.

A madame

Passa-se o tempo. E a vida mesma, os fatos, as pessoas e as situações faziam de Sandoval um cidadão cada vez mais cínico. Dizia-se dele, que era um canalha. Um dos seus prazeres mais agudos era se fazer amigo, e íntimo, dos maridos enganados, de conviver com eles. Era uma maldade, que dissipava alegremente, uma maldade aliás desnecessária, quase esportiva. Até que, um dia, uma voz feminina telefona para ele. E, logo, faz a seguinte pergunta:

— Lembra-se de mim?

De momento, não se lembrava, nem aquela voz lhe sugeria qualquer antiga impressão auditiva. Ela deu maiores detalhes: “Sou aquele brotinho, assim, assim.” Acabou exclamando:

— Já sei. Agora me lembro! Como vai você?

E ela:

— Segui seu conselho. Casei-me.

Teve uma surpresa alegre:

— No duro?

— Batata. Olha, faz hoje um mês!

— Ótimo!

Dois dias depois, tiveram o primeiro encontro, num bar de praia. Ele pediu um aperitivo qualquer e ela um refresco, de canudinho. E Sandoval, sôfrego, como se aquele fosse um primeiro amor, gostou de tudo, inclusive da feliz irresponsabilidade com que ela interrompia a lua de mel e vinha ao encontro do pecado. Sandoval quis saber quem era o marido e como era. Riu, esfregando as mãos:

— Você me apresenta a ele, o.k.?

— O.k.

Ela ainda explicou que o conhecia há muito tempo, de vista, desde garotinha; que ficava, da janela, maravilhada, vendo-o passar; que fora e continuava sendo o seu amor, primeiro e único. Casara-se por quê? Para ficar livre e, então, poder abandonar-se. Não pensava no marido, não admitia que o marido pudesse converter-se numa amea-ça, num perigo ou, simplesmente, num obstáculo. Tanto que, na sua perversidade, escolhera, a dedo, entre muitos, o rapaz que lhe parecera mais cômodo e inofensivo. Então, envaidecida da própria malícia,

soprou:

— Sabe? Ele é aleijado!

O aleijado

Era verdade: Domício tinha uma perna mais curta que a outra. Daí, como dizia Sônia, o “complexo”. As coisas entre Sônia e Sandoval se passaram de uma maneira muito simples, clara e direta. Ele não precisou fazer o mínimo esforço para conquistar uma conquistada. E, de vez em quando, apesar de toda a experiência, Sandoval perturbava-se diante daquela mocinha tão segura de si e com uma predestinação tão firme e irresistível para o pecado. Exclamava, então:

— Mulher é um bicho interessante! Um caso sério!

Sem nenhum senso do bem e do mal, Sônia aproximara os dois, levara Sandoval para dentro de casa.

E Domício, numa boa-fé de cortar o coração, acompanhara-o, na saída, até a porta: “Apareça, sempre. Aqui, às suas ordens.” E, no dia seguinte, a sós com o Sandoval, ela, no orgulho da própria astúcia, gabava-se:

— Viste o golpe? Foi ou não foi espetacular?

Surpreso, Sandoval deixou-a desenvolver seu raciocínio feminino. Em suma, Sônia achava que um marido aleijado é “uma mina”, não pode reclamar nada, tem que aguentar firme tudo e olhe lá. Sandoval, com uma certa melancolia, suspira:

— Muito desagradável o defeito do teu marido.

A maldade

Dir-se-ia que a indignidade da situação era necessária para os dois. E, pouco a pouco, eles foram perdendo a prudência e encontravam na exibição um estímulo necessário. Apareciam, juntos, nas sorveterias, na praia, em todo lugar. Mesmo em casa eram cada vez mais ostensivos. Como se a doçura do outro o irritasse, Sandoval puxava o tema da infidelidade. Declarava coisas assim: “O sujeito que se casa é burro. Ninguém pode pôr a mão no fogo pela mulher.” Parecia um desafio inútil e grosseiríssimo ao pobre-diabo que, do outro lado da mesa, achava graça e celebrava:

— Você é uma bola, Sandoval! Um número!

Durante o jantar, os pés de Sônia e Sandoval trabalhavam por debaixo da mesa. Se Domício olhava para o lado, Sônia fazia a boca em bico, para o amante, numa sugestão de beijo. Outras vezes ele sugeria: “Vem de vestido em cima da pele. Sem nada por baixo!” Sônia vinha. E os dois precisavam ter o pobre-diabo no meio, como se a sua presença completasse o prazer. Por fim, tanta cegueira fazia nascer, em Sandoval, uma espécie de irritação; dizia, brutalmente: “Esse teu marido é uma boa besta!” Depois do jantar, ele os deixava conversando e se afundava na poltrona, para cochilar, escandalosamente.

O abnegado

Mas Sandoval não nascera para uma só mulher. A variedade era, na sua vida, um hábito, um vício, uma doença. Ele acabou se interessando por uma outra, também casada e também com um marido ingênuo e bom.

E, então, mancando, Domício o procurou. Disse-lhe:

— Outra não, seu cachorro! Eu não admito, ouviste? Te dou seis tiros!

De noite, Sandoval apareceu na casa dos dois. Depois do jantar, enquanto ele conversava com Sônia, Domício cochilava na poltrona.

12 - O sacrilégio

No fim de 15 dias de namoro, ele veio com a ideia:

— Sabe de uma coisa? Preciso te apresentar à mamãe.

— Quando?

Ele pensou um pouco:

— Que tal amanhã?

— Ótimo! Combinaram, então de pedra e cal, que seria no dia seguinte, de qualquer maneira. Desde que se conheciam e se namoravam que Márcio quase só falava na santa senhora. Era mamãe pra cá, mamãe pra lá. E afirmava mesmo, num desafio a qualquer outra opinião em contrário:

— A melhor mãe do mundo é a minha. Só vendo!

E de tanto ouvir falar na futura sogra, Osvaldina fazia a reflexão meio irritada: “Ora, bolas! Pensa que só a mãe dele presta e as outras não!” Fosse como fosse, preparou-se para conhecer uma senhora tão exaltada nas suas virtudes esplêndidas. Antes, Márcio, atarantado, fez-lhe mil e uma advertências: “Batom, não, meu anjo! Mamãe não gosta de pintura.” E, já a caminho, ele teve outra lembrança: “Nada de gíria, porque mamãe não tolera gíria.” Enfim, conheceram-se, a nora e a sogra. O filho precipitava-se, a todo momento:

— Não senta aí, não, mamãe. Faz golpe de ar!

As duas

Inicialmente, a velha, sem dizer uma palavra, e sem nenhuma cordialidade aparente, imobilizou a pequena com um desses olhares implacáveis, que parecem despir a pessoa, virá-la pelo avesso. Em seguida, em tom seco e inapelável de ordem, disse:

— Sente-se.

E, com o rosto impassível, inescrutável, foi fazendo perguntas sobre perguntas. Antes de mais nada, quis saber se Osvaldina era religiosa. A menina, presa de uma inibição mortal, admitiu:

— Acredito em Deus, mas não sou carola.

E a velha:

— Que bobagem é essa? Não é carola por quê? Pois devia ser carola!

Osvaldina, atônita, tinha vontade de se enfiar pelo chão adentro:

— Eu? — balbuciou.

— Claro, evidente! É alguma desonra ser carola? Diga? É? Ora veja!

Depois de duas horas de conversa, em que a futura sogra se serviu dela e a desfrutou, de alto a baixo, sem o menor tato ou contemplação, Osvaldina saiu de lá, desorientada. E quando ela e Márcio tomaram o ônibus, a pequena teve um suspiro:

— Santa Bárbara!

Márcio, sem perceber a depressão pavorosa da namorada, deu largas ao seu entusiasmo de filho e fã:

— É ou não é o que te disse? A melhor mãe do mundo? Batata...

O trio

Quando começaram a procurar apartamento, para casar, Márcio fez a advertência:

— Olha, rua de bonde não serve porque mamãe tem o sono muito leve. Acorda com qualquer barulho.

Osvaldina caiu das nuvens:

— Quer dizer, então, que ela vai morar com a gente?

E ele, quase ofendido com a pergunta:

— Mas claro! Então, você acha o quê? Que eu ia abandonar minha mãe? E sofrendo do coração? Nem que o mundo viesse abaixo!

Osvaldina suspirou, apenas. Mas sua decepção foi uma coisa tremenda. Mais tarde, contaria, em casa, a novidade. Foi um deus nos acuda. Disseram, francamente:

— Sogra e nora morando juntas é espeto!

Osvaldina admitiu, atribuladíssima:

— Eu também acho! Eu também acho!

Passaram-se dois ou três dias. E, então, a pequena, em conversa com o namorado, propõe o problema:

— Tua mãe vai morar com a gente. E quem vai ser dona de casa?

— Ela.

— Como?

Márcio explodiu:

— Mas, carambolas! Então, você acha que minha mãe, uma senhora, vai receber ordens de uma garota, como você? Que diabo! Será que você não pensa, não raciocina?

Primeira noite

Houve um momento em que, quase, quase, Osvaldina mandou o namorado passear. Mas a verdade é que o amava com um desses amores de fado, uma dessas paixões que escravizam a mulher. Aceitou a coabitação com a sogra, teve a exclamação fatalista e melancólica:

— Seja o que Deus quiser!

Casaram-se. Ela desejaria, no seu fervor de noiva, uma lua de mel fora, num hotel de montanha. Ele, porém, a desiludiu, positivamente:

— E a mamãe? Você se esquece de mamãe? Imagine se, em casa, sozinha, ela tem uma coisa, imagine!

Novo suspiro de Osvaldina:

— Paciência!

Para que negar? Essas coisas a enfureciam, a prostravam. Mas enfim casaram-se e a lua de mel foi mesmo no apartamento. Na primeira noite, aconteceu, apenas, o seguinte: à uma hora da manhã, despedido o último convidado, os recém-casados recolheram-se, no deslumbramento que se pode imaginar. Era o momento em que tanto um como o outro podiam dizer: “Enfim, sós.” A primeira providência de Márcio foi fechar a luz principal do quarto. Ficou acesa apenas a lâmpada discreta, da mesinha de cabeceira. Então, o noivo estreitando a pequena nos braços, delirou:

— Meu anjinho!

Sua mão correu por debaixo da camisola até o joelho ou pouco acima. Foi neste momento, precioso e inesquecível, que bateram à porta. Era, como não podia deixar de ser, d. Violeta. O filho, instantaneamente, desligou-se do próprio êxtase, arremessou-se. Osvaldina trincou os dentes; fez o comentário interior: “Velha miserável!” E Márcio, aflito, atendia a d. Violeta. Simplesmente ela abusara de doces, de camarões, de carne de porco, na festa do casamento. Torcia-se, agora. O filho desesperado pôs as mãos na cabeça:

— Eu não disse à senhora para não comer camarão? A senhora é teimosa que Deus te livre!

O pobre-diabo foi botar a capa de borracha, em cima do pijama, para comprar elixir paregórico. Quis que, enquanto isso, a noiva ficasse com d. Violeta. A pequena, porém, de bruços na cama, num desespero tremendo, disse,

entredentes:

— Não fico com tua mãe coisa nenhuma! Eu vou é dormir!

O furor

Osvaldina ficou abandonada, no quarto, numa solidão de viuvez, ao passo que o marido se desvelava à cabeceira materna. A sogra interrompia os seus ais para fazer a observação ressentida: “Tua mulher nem pra saber se eu morri!” De fato, a menina jamais perdoou, nem à sogra, nem ao marido, o naufrágio da primeira noite nupcial. Foi franca:

— Meu filho, nossa lua de mel foi-se por água abaixo!

Ele protestava:

— Deixa de ser espírito de porco! Teu gênio é de amargar!

Então, as duas instalaram, naquele apartamento, um inferno. Está claro que, prestigiada pelo filho, d. Violeta levava sempre a melhor. E Márcio, entre os dois fogos, virava-se para a mulher:

— Você tem assinatura com minha mãe!

Osvaldina não podia ouvir um programa de rádio, porque d. Violeta irrompia, lá de dentro, para mudar de estação. As humilhações, as incompatibilidades, os desacatos eram tantos que, um dia, chorando, a nora colocou o problema nos seguintes termos histéricos:

— Uma de nós duas tem que morrer!

Semelhante declaração transpassou Márcio. Ele recuou dois passos, de olhos esbugalhados. Dir-se-ia que a mulher era um chacal, uma hiena. Quis que Osvaldina, imediatamente, pedisse perdão pela blasfêmia. Ela foi irredutível no seu rancor. E, de noite, honestamente ressentido, o rapaz, muito sereno e viril, comunicou-lhe:

— De hoje em diante, durmo na sala. E ela:

— Ótimo. É melhor assim.

Desenlace

Durante umas duas semanas com integral apoio materno, dormiu na sala. Já d. Violeta, exultante com o incidente, soprava, ao ouvido do filho que “o negócio era separação”. Todos os dias, com método, com técnica, a velha punha mais lenha no ressentimento do rapaz, açulava o seu rancor. E ele já não olhava mais para a mulher. Fazia questão de ignorar a sua existência. Com os amigos, perdera as cerimônias; confessava: “A situação lá em casa está braba.” Pausa e admitia: “Acho que vou me separar de Fulana.”

No dia, porém, em que ia procurar um advogado amigo para tratar do desquite, foi chamado, às pressas. Voou para casa. Um desses edemas agudíssimos e inapeláveis fulminou d. Violeta. Morreu nos braços do filho. Osvaldina, que estava perto, fez seus cálculos: “É agora que ele se atira do 16º andar.” Mas não, Márcio chorou e sentiu, não há dúvida. Menos, porém, do que ele próprio poderia esperar. E tanto que, enquanto vestiam a defunta, o rapaz, na sala, choroso, surpreendeu-se a fazer uma coisa detestável e quase sacrílega. Pois não é que, sem sentir e sem querer, estava admirando a mulher, o corpo, a curva do quadril, como se visse Osvaldina pela primeira vez? Quis desviar o pensamento para rumos mais piedosos e fúnebres. Todavia, o encanto continuava. Espantado, apertando na mão o pranteadíssimo lenço, pasmava: “Ora, bolas!”

O fato é que se sentia prodigiosamente outro. Algo se extinguira nele, talvez um medo ou quem sabe? Às três horas da manhã, estavam ele, a esposa e dois ou três parentes fazendo quarto, à sombra dos quatro círios. De repente, ele não se contém; levanta-se, vai até a porta e chama a mulher. Osvaldina obedece. E, então, no corredor, o rapaz dá-lhe um beijo, rápido e chupado, na boca. Sua mão deslizou, crispando-se numa nádega vibrante. Depois, sem uma palavra, lambendo os beiços, voltou. Trêmulo, de olho rútilo, senta-se entre os parentes que cochilavam.

13 - O dilema

Conheciam-se desde crianças. Depois a vida os separou. De onde em onde, tinham encontros acidentais no meio da rua e rememoravam episódios da infância:

— Lembra-te daquela tapona que eu te dei? Tua mãe até foi fazer queixa, hein?

O outro, com a nostalgia do tapa, confirmava:

— Me lembro, sim. Houve um banzé tremendo por causa disso.

Suspiravam:

— Bom tempo! Bom tempo!

Quando se despediam, Hermes, ou Durval, fazia a ressalva:

— *Bye*, *bye*. Mas olha! Precisamos bater um papo!

— O.k.

O fato é que, embora a distância, cultivavam essa amizade velha. Hermes continuou solteiro e Durval acabou casando. E num dos seus encontros acidentais, Durval procurou nos bolsos uma fotografia e a exibiu para o amigo:

— Retrato de minha mulher. Acho que dei um grande golpe casando. Minha mulher é um anjo, só você vendo.

Hermes olhou a fotografia e não teve maior impressão. Parecia uma dessas pequenas nem feias, nem bonitas, que nem chovem, nem molham. No fim da conversa, Durval teve a ideia:

— Queres ir jantar lá em casa, amanhã?

— Boa ideia.

— Batata?

— Batata.

O primeiro encontro

E, de fato, Durval estava muito bem-casado. Talvez Clarita não fosse exatamente um anjo. Teria seus defeitos, como todo mundo; mas o fato é que fazia a vida do marido, no lar, bem suportável e trazia a casa que era um brinco. Além disso, dera ao esposo um filho então com três anos, que era insofismavelmente um primor, diziam *biscuit*. As senhoras gordas, da vizinhança, diziam do guri: “Bonito como uma estampa.” Outras gemiam: “Ai que vontade de morder, de apertar, meu Deus!” Para os pais, aquela criança era tudo. Não faziam outra coisa, na vida, senão adorá-la. E no seu fanatismo, exageravam: não iam ao cinema, não saíam quase, para não se afastar do Euzebiozinho. O próprio Hermes, que não gostava de criança, foi obrigado a admitir que esta era uma imagem inesquecível. Enfim, depois de fazer festas no Euzebiozinho, o visitante sentou-se à mesa, com o casal. A dona da casa, na cabeceira, fez-lhe a pergunta:

— Gosta de maionese?

Hermes, já íntimo, exclamou, alegremente:

— Eu topo tudo!

E Durval, no mesmo diapasão:

— Vamos tacar peito, minha gente! Estou mortinho de fome!

Foi uma pequena reunião, a três, realmente adorável. A simpatia entre Hermes e Clarita surgiu recíproca e instantânea. O marido, radiante, cutucava o amigo:

— Fez fé com tua cara!

E, então, sensibilizado, o Hermes teve uma franqueza inesperada e agradabilíssima:

— A senhora é muito melhor que no retrato! — e insistiu: — Não há comparação!

Durval fez a blague:

— Olha que eu fico com ciúmes.

Riram os três. Hermes ainda fez mágicas com um baralho, que Clarita lhe arranjou. Tinha uma agilidade de prestidigitador profissional. No fim, passada meia-noite, Clarita ralhou com ele:

— Vamos parar com esse negócio de me chamar de senhora! Não gosto

disso!

E Durval:

— Evidente! Você é íntimo, Hermes! Você é de casa, ora, bolas!

O inevitável

Então, o Hermes, que não tinha família no Rio, passou a frequentar aquela casa todos os dias. O casal vivia em cima: “Até amanhã, hein?” E para que ele não tivesse escrúpulos, diziam-lhe: “Nós não saímos nunca, por causa do garoto.” Foi uma convivência deliciosa e perturbadora. O simples fato de chamá-la de “você”, em vez de senhora, o comovia. Ele saía, de lá, furioso: “Sou uma besta.” No quarto, antes de dormir, dizia, a meia voz, para si mesmo: “Linda.” E voltava sempre. Aquela pequena, que era um conhecimento de dias, já se convertera na sua ideia fixa. Só pensava nela e já não era possível a menor dúvida: estava apaixonado, como se fosse um menino, um colegial, um idiota muito grande e irremediável. A princípio resolvera esconder este sentimento, sobretudo da principal interessada. Mas a intimidade que se criou entre eles era um estímulo, um apelo constante, uma cotidiana sugestão. E o que aconteceu, finalmente, era mais que previsível. Um dia, ele chegou antes do marido e teve um choque quando percebeu que o outro não estava. Clarita andava às voltas com um vidrinho de elixir paregórico, contando gotas. E assim que o viu teve um lamento:

— Estou tão amolada! Você nem faz uma ideia!

E contou: o filho não estava passando nada bem; amanhecera com dor de barriguinha, coitado! Hermes fez o comentário convencional:

— Que caso sério!

Estava muito pálido e trêmulo: e não por causa do menino, evidentemente. Já não gostava do Euzebiozinho, como não gostaria de ninguém que se colocasse entre ele e Clarita. E o filho era a obsessão, a loucura da moça. Sem uma palavra, ele a deixou dar remédio ao filho. Mas já decidira. Quando Clarita voltou, ainda preocupada, ele fez a pergunta, em voz baixa, sem desfitá-la:

— Posso te dizer uma coisa?

— Diz.

E ele:

— Sabe que eu gosto de ti? Que estou apaixonado por ti?

— Nem brinca!

Hermes insistiu, com o lábio trêmulo:

— Sério! Te dou a minha palavra de honra!

Era uma situação crítica que a jovem mãe e esposa contornou com muito tato e desenvoltura:

— Não acredito, não pode ser. Eu sei que você está brincando. E com licença, sim, Hermes? Eu vou lá dentro ver meu filho. Volto já.

Realmente, foi. E não voltou. Ou, por outra, só voltou quando o marido entrou em casa. Jantaram juntos, como sempre. Uma observação humilhou e desorientou Hermes: Clarita estava natural, calma, segura de si, como se não tivesse havido nada. Amargurado, o rapaz parecia distraído e triste. Durval acabou reparando: e, satisfeito da vida, fez a primeira pilhéria que lhe ocorreu:

— No mínimo estás com algum amor infeliz.

A ideia

Passou. Hermes não tocou mais no assunto. Seu primeiro impulso foi não voltar mais, nunca mais. Mas aquela casa era sua doença. Morreria de tédio, de aborrecimento, de nostalgia, se deixasse de ver aquela mulher. Diante dela, passou a ter uma nova atitude, não de alegre e íntima confiança, mas de humildade. No primeiro ensejo, balbuciou: “Desculpe, sim?” E a cortejava agora da maneira mais indireta possível: através do filho. Tomara-se de amores pela criança: trazia-lhe mimos, chicletes, balas de figurinhas. No seu incondicionalismo, ia mais longe: deixava-se montar por Euzebiozinho, era cavalgado por ele, em plena sala. De vez em quando, pedia:

— Deixa eu dar uma volta com o guri?

Saía com ele. Levava-o a passear, num jardim próximo, e para conquistá-lo, pagava para a criança passeios em charretes puxadas por bodes. Por outro lado, andou tendo encontros com Durval, na cidade, a pretexto de confidência. Contou que estava com um “caso tenebroso”. E sussurrou:

— Uma cara casada.

Durval perguntou:

— Boa?

Estalou a língua:

— Um rabinho que é um sonho.

Durval foi para casa, contar a “paixão” do Hermes. Continuaram as confidências. Durval, interessadíssimo, queria saber se a fulana “topava” ou não. O outro baixa a voz, misterioso: “Tenho uma ideia infalível, luminosa.” E prometia: “Depois te conto.” Há meses que, em segredo, ele cultivava a “ideia” e a aperfeiçoava.

Até que chegou o grande dia. Pediu para dar uma voltinha com Euzebiozinho. Uma hora depois, batia o telefone e Clarita atendeu. Era o Hermes:

— Estou com o teu filho num lugar assim, assim. Ou você vem buscá-lo, sozinha, sem dizer nada à polícia, ou ele morre. Mas olha: sozinha, ouviste? Sem teu marido. Estou da janela espiando e mato mesmo! Mato tranquilamente!

A decisão

Clarita ficou como louca. Felizmente, o marido ia entrando e, quando soube, foi outro alucinado. Súbito, compreendia tudo, compreendia que a tal mulher casada era a dele. Clarita, frenética, já via o filho morto, talvez estrangulado, como o *baby* Lindenberg. Quando o marido falou em polícia, ela berrou:

— Está maluco? Está doido?

De novo, o telefone; e a pergunta: “Vem ou não vem? Olha que eu mato!”

Durval apanhou o fone. Fez súplica, chorou. O outro sereno, irredutível, dizia apenas: “Manda a tua mulher. E já!” Durval ainda quis convencê-lo, mas sentiu que não há nenhum raciocínio possível contra uma paixão. E Hermes:

— Teu filho está aqui, comigo. E não sabe que vai morrer. Tua mulher vem ou não vem? Mas sozinha, ouviste, sozinha!

Durval percebeu que o outro estava louco. E, sobretudo, quando prometeu: “Ninguém saberá, nunca, porque, te juro, que, depois, meto uma bala na cabeça.” Clarita, do lado, chorando, perguntou:

— E então?

O marido arriou numa poltrona. Disse, apenas:

— Vai.

14 - O justo

Tinha, na ocasião, 15 anos. E era uma moreninha e tanto, linda de rosto, jeitosíssima de corpo. Mais bonita que as filhas do patrão, merecia as mesmas regalias. O dono da casa, que era solene até para beber água, costumava dizer soturnamente:

— É como se fosse da família. Tal e qual.

Uma tarde, Isaurinha parou no meio da escada. Teve uma espécie de vertigem e quase, quase, rola lá de cima. Duma impressionante palidez, molhada em suor, foi carregada. Pouco depois, estava lá o médico da família, velhinho, bom e inoperante. Tomou pressão; espiou a garganta; auscultou em cima de uma toalha fina. Depois do que, fez uma pausa; teve um muxoxo: “Caso sério!” Em seguida, pediu aos presentes que se retirassem e fechou a porta à chave. Passou, lá dentro, contados a relógio, uns 45 minutos patéticos. Do lado de fora, no corredor, a família aguardava em pânico, já pensando em câncer, tuberculose, o diabo. Por fim, o velhinho apareceu e convocou a dona da casa, d. Dinorá. Limpando as lentes dos óculos com o lenço, começou com a pergunta:

— Essa pequena tem namorado?

— Não, por quê?

Primeiro, colocou os óculos, depois, deu a notícia:

— Sem a menor sombra de dúvida, Isaurinha está nesse estado, assim, assim. Vai ter neném.

Quase d. Dinorá cai para trás, dura.

Calamidade

A velha que não dava um pio sem prévia consulta ao marido, atracou-se, soluçando, ao telefone. Dizia: “Venha! Já! Correndo!” E ele veio, de táxi, num tempo recorde. Era a grande ou, por outra, a única autoridade naquela casa. Mandava e desmandava na mulher, nas filhas solteiras e casadas, nos filhos homens, nos genros. Sua palavra era a lei inapelável e definitiva. Entre parênteses, observe-se que esta autoridade se exercia na base de uma virtude inumana. Seu Clementino, com efeito, não bebia, não fumava, não jogava; era sóbrio e contido até nos prazeres da mesa. Comia pouco, comia apenas para não morrer de fome. No dia de suas bodas de prata, surpreendeu os convidados, ao dizer, com sua voz densa:

— Só conheço uma mulher: a minha! E nunca a traí!

Veio seu Clementino para casa. Ciente da catástrofe, promoveu uma mesa-redonda de filhas, filhos, noras e genros. Só não compareceu Isaurinha. No quarto, ao lado de um balde, sofria as ânsias de um enjoo inenarrável, típico do estado. E na sala, o velho iracundo, abria a reunião com um murro na mesa:

— Esse negócio põe, sob suspeição, todos os homens da casa! Absolutamente todos!

E especificou, com o lábio trêmulo:

— Portanto, quero explicações de cada genro e de cada filho!

Os suspeitos

Ninguém disse nada. E os suspeitos eram muitos. Moravam ali, naquela casa imensa, três genros e três filhos, com as respectivas mulheres. Havia, ainda, um filho homem e solteiro, o Juca, então com 18 anos. Era o caçula e, como tal, tratado na palma da mão por todo mundo e, até, com relativa benignidade, pelo pai. Andando de um lado para outro, na sala imensa, seu Clementino tinha, no lábio, a espuma de justa cólera. E, súbito, estaca e abre os braços para o céu. Encheu a sala com sua voz de barítono:

— Deus me perdoe! Mas eu tive e tenho na vida uma vaidade: de ser justo! — Pausa, encara com os genros e filhos atônitos e completa: — E hei de ser justo contra meus filhos, contra meus genros e, até, contra minha mãe. Se Deus quiser!

Passeando os olhos pelos suspeitos, lança a interpelação indiscriminada: “Quero saber qual foi o cachorro que fez isso! Quero saber qual foi o canalha que abusou de uma menina que devia ser sagrada. Quem foi? Quem?” Nenhuma resposta. Pálidos e acovardados os homens, as mulheres começaram a chorar. D. Dinorá aventurou a hipótese desesperada:

— Quem sabe se não foi algum de fora?

O velho deu um salto imenso:

— De fora como? Não, senhora! Em absoluto! Nunca! — e foi lógico, apesar da exaltação. — Essas coisas exigem tempo, convivência, confiança e liberdade. lsaurinha nunca saiu sozinha, sempre com vocês. Não! O canalha está aqui! É um de vocês! É um genro ou um filho! Mas seja quem for, pagará por isso. Falem!

Ninguém abria a boca, embora seu Clementino os instigasse, indiscriminadamente: “Covardes! Palhações!” Por fim, arquejante, anunciou: “Já que vocês não confessam, já que vocês não têm coragem de confessar, vou usar um meio infalível!” Num riso terrível, anunciou:

— A própria vítima de um de vocês vai apontar o culpado!

Isaurinha

Abandonou a sala. Ninguém se mexeu. Enquanto o velho não reaparecia, houve cochichos entre maridos e mulheres. Estas perguntavam, em lágrimas: “Foi você? Jura!” Os pobres-diabos juravam: “Palavra de honra.” O velho demorou, com a filha adotiva, trancado, uma meia hora. Apareceu, bufando, com Isaurinha pelo braço. Sacudiu-a:

— Fala, anda! Quem foi? Diz!

Caiu de joelhos, aos pés do seu Clementino. Cobrindo o rosto com as duas mãos, soluçava. E só dizia:

— Não posso! Não posso!...

Levantou a menina. Com a sua voz potente, exigiu: “Conta! Ou te arrebento, agora mesmo!” D. Dinorá quis intervir, mas o marido a repeliu: “Vá pro diabo que te carregue!” A santa senhora arriou, de novo, na cadeira, com palpitações, faltas de ar. Esvaindo em suor, seu Clementino perguntava: “Solteiro? Casado? Fala!” Soluçou:

— Solteiro.

O velho arregalou os olhos. “Ah, solteiro, é?” Largou a menina. E veio, com um meio-riso cruel, fazendo toda a volta da mesa. Parou diante do filho Juca, o caçula. Baixou a voz: “És o único solteiro, o único!” E, súbito, com um uivo triunfal agarrou o filho, pela gola, com as duas mãos, suspendeu-o: “Foste tu, hein? Canalha!” O caçula pôs-se a chorar:

— Não fui eu! Juro! Não fui eu!...

Uma bofetada o derrubou. Durante vinte minutos, meia hora, o atormentou com insultos e pescoções, numa obstinação tremenda: “Confessa! Confessa!” Todos, ali, fascinados pela cena, não intervinham. Quase à meia-noite, fora de si, os lábios sangrando, o rapaz explodiu:

— Fui eu, sim! Fui eu! — e repetia, histericamente: — Eu! Eu!...

O velho largou o filho menor. Cansado e triunfante, veio de novo ocupar a cabeceira. Ofegava:

— Felizmente esse cachorro é solteiro. Pode reparar o mal casando-se. Desgraçado!...

O justo

A partir do dia seguinte, o próprio seu Clementino incumbiu-se das providências matrimoniais. Andava com o filho de cima para baixo. Interrogado se seria casamento de véu e grinalda, esbravejou:

— Claríssimo! De véu e grinalda, sim! Ou estão pensando que casamento é algum mafuá? Aperta-se, amarra-se e ninguém nota!...

Perante a família, era óbvio que ele conseguira seu êxito máximo. Sentindo-se alvo da admiração, do medo e do respeito unânimes, assumia, em casa, no ônibus, no escritório, um ar de estátua no próprio monumento. Quanto ao Juca, estava num desses desmoronamentos integrais, de meter dó. Não abria a boca num silêncio obtuso e selvagem. Todas as noites, o pai, severo, impunha que ele e Isaurinha "noivassem" na sala de visitas, lado a lado. Havia, porém, entre os dois, um mutismo apavorante. Nada existia de comum entre eles, nenhuma frase, nenhuma palavra, sorriso ou olhar. E, assim, graças às providências urgentes, os papéis ficaram prontos, num tempo inédito. Na véspera do casamento, cruzam o noivo e a noiva, acidentalmente, no corredor. Isaurinha barra a passagem de Juca e lança o apelo: "Perdoa! Perdoa!" Ele não fez um gesto, nem disse nada. Passou adiante, trancando os lábios.

As bodas

Casaram-se. Quase à meia-noite, despedia-se o último convidado. Recolheu-se a família, e os noivos entraram no quarto dos fundos, que lhes fora destinado. Juca torceu a chave, enquanto Isaurinha, ainda de noiva, tirava a grinalda, diante do espelho. E, então, o rapaz aproximou-se, perguntava: “Quem foi? Quem foi?”

Virou-se, assombrada. Ele continuou: “Cínica! Cínica!” A pequena estava agora de pé. Juca, rápido, a segurou pelos dois braços, com inesperada violência: “Se tu não me disseres, eu te mato!” Disse, repetiu a pior das palavras, com envenenada euforia. Torturou-a toda a noite; ela resistia, soluçando: “Não posso dizer! Não posso dizer!” E ele, atirando, a seus pés, todas as hipóteses.

— Que cunhado foi ou que irmão? Fala! Quando já desaparecia do céu a última estrela, ela, com o pobre vestido de noiva roto, amassado e sujo, gritou: “Foi ele!” Não entendeu: “Quem? Ele quem?” Isaurinha caiu aos seus pés, abraçou-se às suas pernas:

— Teu pai! Foi teu pai!...

Balbuciou, fora de si: “Meu pai? Meu pai fez isso? Mas não é possível. Meu pai?” E, súbito, pôs-se a rir, numa dessas gargalhadas que o fez torcer-se, dobrar, perder a respiração.

Castigo

De manhã, ele esperou que o pai saísse do quarto em direção ao banheiro: “Quero falar contigo, já! Vamos!” Encerraram-se no gabinete. O pai, subitamente envelhecido, esperava. E o filho: “Sei de tudo. E vou contar, tudo, a tua mulher, a teus filhos, a teus genros e a teus vizinhos.” Agarrou-se ao filho, suplicou ignobilmente: “A um morto se perdoa! A um morto se perdoa!”

A princípio, o filho não compreendeu ou só compreendeu quando a arma apareceu na mão do velho. Seu Clementino encostou o cano na fronte e apertou o gatilho. Foi um estampido tremendo que assombrou a casa, a vizinhança, a rua inteira. Morreu, antes que chegasse a Assistência. Muito mais tarde, no velório, o filho Juca chorava mais forte que os outros e mais que a própria viúva. Mas na hora em que o enterro saiu, ele, da janela, berrava:

— Vai canalha! Vai!...

15 - O chantagista

A futura sogra, que era professora e tinha um gênio adorável, dizia sempre:

— O essencial no casamento é a compreensão. E insistia, acima de tudo, num ponto que lhe parecia essencial:

— Nada de discussões! Nada de bate-bocas!

Fernando ouvia tudinho e, mais tarde, com os amigos, dava demonstrações do maior entusiasmo: “Tenho uma sogra que é a minha segunda mãe!” Os amigos ficavam impressionados. Uns, meio céticos, perguntavam: “No duro?” Fernando confirmava, com uma ênfase irresistível:

— Palavra de honra! E quero ser mico de circo se for mentira!

De fato, d. Zuleica exercia, naquele namoro, uma influência das mais estimáveis. Como sua ascendência era grande sobre a filha e sobre o genro (futuro genro), eles não faziam nada sem consultá-la antes. A sós com a filha dizia-lhe: “Certas intimidades, não! E nada de beijo de língua!” Mesmo na sua ausência, Dolores ponderava:

— Mamãe acha que isso não está direito, etc., etc.

Então, Fernando submetia-se, com impressionante instantaneidade. Assim, sob o signo de uma sogra cordial, solidária e clarividente, os dois namoraram seis meses sem um atrito, sem um ciúme, sem uma irritação, noivaram um ano com o mesmo ar idílico e, finalmente, casaram-se. Quando os dois partiram, de táxi, para um hotel de montanha, d. Zuleica voltou para o interior da própria residência. Sentou-se e fez, com certa melancolia, a seguinte reflexão:

— Agora posso morrer!

O casal

Era uma ilusão da admirável senhora. Na verdade, ela não podia morrer. A filha estava casada, é certo, mas tanto ela, como o marido, precisavam da solicitude, da assistência contínua e desvelada daquela mãe e sogra. Um e outro não possuíam, de si, nada; sem nenhuma experiência de vida, pareciam não ter nenhum sentimento, nenhuma ideia própria. E quando d. Zuleica, acometida de um edema pulmonar fulminante, entregou a alma ao Criador, eles se entreolharam, em pânico. Era como se fizessem a pergunta recíproca e irrespondível: “E agora?” D. Zuleica fora, nas suas vidas, mal comparando, um dicionário vivo, que os elucidava diariamente sobre o sentido das coisas. Como pensar, como sentir, como agir, se a benquista senhora lhes faltava, e para sempre? Voltando do cemitério, Fernandinho suspirou:

— Minha filha, estamos fritos! Não sei o que vai ser de nós!

A menina, imaginativa e romântica, pensava que, naquele momento, a mãe e o pai deviam estar, no céu, de mãos dadas, morando talvez num estrela da tarde. Tendo enviuvado há cinco anos atrás, d. Zuleica vivia na saudade infinda do marido. Para ela, ninguém mais nobre, mais enfeitado de virtudes, do que o falecido Clementino. Tanto que, ao mandar levantar o mausoléu, que custara um dinheirão, ela fizera o epitáfio em versos, gravados em letras de bronze. E, agora, após uma separação de cinco anos, estavam os dois unidos, outra vez, sendo que os corpos na terra e as almas no céu. Ao entrar em casa, Fernandinho fez o comentário filosófico para a mulher:

— Essa vida é uma boa droga!

As cartas

D. Zuleica foi enterrada numa quinta-feira. No sábado, pela manhã, Fernandinho, depois de vencer vários e naturais escrúpulos, arrisca:

— Minha filha, acho que vou dar um pulinho no Estádio.

Ela, quase, quase exprobou-lhe o procedimento. Na verdade, seu coração de filha recebeu um impacto duro. Achava que uma grande dor não comporta nenhuma distração, inclusive o futebol. Mas se conteve, e explicou por quê. Aquela casa ainda estava ressoante dos conselhos, pontos de vista e critérios da pranteada Zuleica. A santa senhora vivia dizendo: “não briguem”, “não discutam”, “discussão só traz aborrecimento”, etc., etc. Deixou de fazer as objeções cabíveis, tanto mais que o marido estava cada vez mais interessado no jogo, que era um reles Flamengo x Madureira. Só na saída é que ela se permitiu a insinuação:

— Mamãe foi enterrada na quinta-feira e você já vai ao futebol!

— Mas, filhinha, futebol é a coisa mais inocente do mundo! Te juro que não há mal nenhum!

Dolores, no seu luto fechado e com a compreensível falta de pintura, ficou, no portão, esperando que o marido dobrasse a esquina. Só quando ele desapareceu é que ela, tomando um susto, reparou que, defronte, um rapaz, seu vizinho, antigo ex-pretendente, a devorava com os olhos. Vermelhíssima, sem ter de que, entrou. Solitária, na casa triste, ela pensou em d. Zuleica e, em seguida, sem querer e sem sentir, no vizinho que a olhara de uma maneira tão intensa, quase imoral. Chamava-se Alfredinho e há três anos atrás, depois de um flerte efêmero, tinham brigado, porque ele era um ciumento atroz. D. Zuleica interviera, com sua autoridade macia, quase imperceptível: “Não serve pra ti.” Deixaram-se de falar, mas Alfredinho, no dia em que ela se casara, comparecera à igreja. Quando a noiva passara, por entre lírios, a caminho do altar, ele, no meio da multidão, a olhava com um olhar de fogo. Ainda agora, ao pensar nele, experimentava um arrepio de medo. Então, sentindo mais do que nunca a ausência materna, encaminhou-se para o quarto de d. Zuleica, em que não entrara desde a morte da boa senhora. E foi para ela um tristíssimo consolo respirar entre as coisas da morta, entre seus livros, joias e gavetas. Abriu o guarda-roupa para ver os vestidos, as combinações. Com os olhos marejados, foi

examinando uma coisa e outra, até que, no fundo, bem no fundo, de um gavetão, encontrou um pequeno cofre, que não conhecia. Abriu, numa espécie de deslumbramento, e descobriu um maço de cartas, amarrado numa fita de seda azul. Desfez o nó e, com medo, foi lendo a primeira. Começava assim: “Osvaldo.” Fez, em voz alta, a reflexão:

— Mas, papai se chamava Clementino!

Durante meia hora, quarenta minutos, leu uma carta atrás da outra. Uma delas dizia: “Sei que teu marido está doente, mas não posso passar sem ti... Nosso filho te espera... Amanhã, sem falta...” Uma outra tinha o seguinte trecho: “Fiz os versos para o túmulo do teu marido. Um milhão de beijos.” Atônita, lia e relia, já sem noção do tempo e do lugar. Eram frases claríssimas, que, entretanto, ela não compreendia. Tudo aquilo dançava no seu cérebro e houve um momento em que, numa tremenda confusão mental, julgou enlouquecer. Dir-se-ia que estava repassando um texto grego, chinês ou esquimó. Repetia para si mesma: “É mentira! Não pode ser!” Pensava no pai tão miseravelmente traído. E estava tão imersa na leitura que não percebeu a chegada do marido. De volta do jogo, ele chegara até o quarto e vira a esposa absorta, com as cartas espalhadas no colo. Fez a pergunta:

— Que negócio é esse?

A ideia luminosa

Apanhada de surpresa, ela não teve cabeça nem tempo para esconder ou destruir aquilo. E o marido, curiosíssimo, apanhava rápido, uma das cartas e a lia, de fio a pavio, assombrado e com exclamações:

— Papagaio!

Conhecido o texto de uma, adquiriu como que o direito de ler o resto. Durante uma hora, ao lado da mulher, que já chorava, tomou conhecimento daquela correspondência amorosa. Certos trechos o faziam murmurar: "Carambolas!" Quando soube que fora o amante o autor dos versos para o túmulo do marido, berrou:

— Essa é de arder! É a maior!

Por fim, uma curiosidade o ralava: quem seria aquele fabulosíssimo Osvaldo? Interrogou a mulher. Esta quebrava a cabeça havia meia hora. Das relações da família, não havia nenhum Osvaldo; ou, por outra, havia um, sim, que aparecia muito raramente. Fernandinho fez a pergunta:

— Bem-apanhado? Bonitão?

E ela, no esforço evocativo:

— Mais ou menos.

— Então é esse! Aposto minha cabeça!

Foi, então, que ocorreu a Dolores o sobrenome: Osvaldo Palhares. Fernandinho deu um tapa na própria testa, excitadíssimo. Andando de um lado para outro, frenético, dizia:

— É um milionário! Um sujeito cheio da erva! Tem prédios, avenidas, o diabo! E te digo mais: tua mãe não soube aproveitar direito, não tirou partido! Podia ter feito a independência!

Mas Dolores, fechada na sua dor, na sua desilusão absoluta, não ouvia as palavras do marido. Ergueu-se, lentamente, desfigurada; dominava-a uma obsessão:

— Fernandinho, precisamos rasgar tudo isso! Precisamos queimar essas cartas!

Era justo, já que essas cartas significavam um documento vergonhoso. O marido, porém, arremessou-se; de cócoras, catando os envelopes e papéis espalhados, protestou:

— Rasgar, uma ova! Destruir por que, ora essa? Não, senhora! Vai por mim, meu anjo! Vai no meu golpe!

Como a mulher, estupefata, não entendesse, explicou, parcialmente:

— Tive uma ideia genial! Luminosa! Depois te digo!

O assalto

Primeiro, amadureceu o plano e só depois contou à mulher: o tal Osvaldo era um figurão importantíssimo e circunspecto, casado, com filhas moças, etc., etc. Quando soubesse que ele, Fernandinho, tinha aqueles documentos tenebrosos, ia cair das nuvens:

— Te juro que me arranja um emprego. Ah! Dolores, Dolores! Tua mãe foi uma trouxa, não soube aproveitar!

A mulher, a princípio, teve a dúvida: seria direito? Correto? Ele, cruel, a emudeceu, com a contrapergunta: o que d. Zuleica fizera era direito? Era correto? Exultou:

— Vou tomar o dinheiro dele, em bruto! Vou tirar o pé da lama!

Dir-se-ia que a avidez súbita, a ideia fixa do dinheiro o transformava, inclusive fisicamente. Parecia ter outra cara, outros olhos, outras mãos. Numa espécie de histeria, exagerava ao máximo:

— Ninguém presta! Ninguém é direito! E outra coisa: o emprego só não basta! Quero dinheiro vivo!

No dia seguinte, falou, pelo telefone, com o milionário. Apresentou-se como o "genro de d. Zuleica" e anunciou que possuía "cartas comprometedoras", etc., etc. Marcaram um encontro no escritório do magnata. Este, durante a entrevista, foi de uma exemplar compostura; disse apenas:

— O marido dessa senhora sabia de tudo e me explorava. Agora chegou a vez do genro.

Convencionaram uma quantia. Na saída, o milionário concluiu:

— Tome nota: sua mulher o trairá.

No caminho do escritório para casa, aquilo não lhe saiu da cabeça. Súbito, extinguiu-se na sua alma a alegria do dinheiro. Voltou do portão e foi, de bar em bar, embriagando-se. Chegou, em casa, trocando as pernas, passada a meia-noite. Durante meia hora, com os olhos turvos, assistiu ao sono da esposa. Depois, apoiando-se ora numa parede ora noutra foi à cozinha: ferveu uma chaleira. Dez minutos depois, a vizinhança toda acordava com os gritos. Fernando despejara água fervendo no rosto da mulher adormecida.

16 - Ódio de cunhada

Vivia dizendo:

— O sujeito que trata bem mulher está desgraçado! Está frito! E dava conselhos aos tímidos:

— Dá-lhe duro! Deixa de ser besta! — e suspirava: — Ah, se fosse comigo! Os outros escutavam, no fundo maravilhados com essa ostentação de selvageria. Uns comentavam, nas suas costas:

— É potoca! Garganta pura!

Mas não era. Bonito, com uma pele fina e rósea, os olhos verdes e intensos, um bigode pequeno e aparadíssimo, um busto de estátua — ele fazia um sucesso, e tremendo, com as mulheres. O telefone, em casa, não parava; recebia bilhetinhos; dizia-se que até senhoras casadas o perseguiam, da maneira mais deslavada e frenética. Ao contar que tratava mal, a pontapés, as suas conquistas, não exagerava. As mulheres passavam o diabo com Orlando. Até apanhavam. Ainda ele, com a sua brutalidade de modos e de palavras, dizia:

— Quando uma se faz de besta comigo, eu taco a mão!

Espanto geral:

— Em qualquer uma?

— Claro, evidente! Em qualquer uma! É disso que elas gostam! Ficam doidinhas!

Citava-se o caso de uma grã-fina, rica, dona de uma baratinha bege, uma uvinha autêntica. E mais: ela morava em Copacabana, ia à praia num maiô sem alça. Pois bem, muito bem. Um dia, vendo-o flertar com outra, esbofeteou-o. Ele não conversou: arrastou-a para uma rua meio deserta, deu-lhe uma surra. A grã-fina ficou arriada; e Orlando, depois de esfregar as mãos, foi tomar o lotação, mais adiante. No seu cinismo, era insuportável:

— Uma bolacha, bem-dada, é ótimo!

O analfabeto

Mal sabia assinar o nome e o máximo que lia, no jornal, era a seção de turfe, para as acumuladas. E só tinha, de si, a estampa cinematográfica. No mais era de uma ignorância de "dar nojo", conforme a opinião textual de vários pais de família. Só falava em gíria e ninguém mais inconveniente e desbocado, neste mundo. Dir-se-ia, porém, que seus defeitos de educação, de caráter, eram outros tantos atrativos. Sabia-se que vivia nos piores meios, que tinha os piores vícios e, ainda, que "tomava dinheiro em bruto" de uma meia dúzia de infelizes. Apesar disso, meninas de família, direitíssimas, telefonavam para ele, numa verdadeira fascinação. Todo mundo fazia espanto:

— Como pode! Como pode!

Outros pressagiavam:

— Acaba levando um tiro!

Quando lia, nos jornais, casos de "mulher que mata marido", achava até graça; ou cuspia em face da infinita estupidez masculina. Se fosse com ele, sabe o que é que faria?

— Dava-lhe uma surra daquelas!

— Olha que, um dia, a casa cai!

As duas irmãs

Até que, um dia, ele saiu de casa mais cedo e viu duas caras novas na vizinhança. Estava com uma camisa esporte azul, que deixava a descoberto os antebraços possantes. Por hábito, por vício, ele olhou, uma e outra, de alto a baixo. O amigo que estava com ele o cutucou:

— Bom material!

E ele:

— Mais ou menos.

Na verdade, eram dois amores, de seus 17 ou 18 anos. Ele seguiu em frente e não lhes rendeu nem a homenagem de um olhar. O amigo é que, atento, soprou:

— A menor te deu uma bola maluca!

Durante três ou quatro dias, ainda as viu, sempre juntas, como gêmeas. Até que começou a receber telefonemas anônimos. Foi brutalíssimo, como sempre: “Ou diz o nome ou desligo!” E como a outra relutou, desligou mesmo, com espetacular grosseria. Na vez seguinte, adotou o seu processo típico em casos de trote: dizer obscenidades. Foi um Bocage medonho. Desta vez, coube à desconhecida, atônita, desligar. E, dois dias depois, a mesma voz o procura. Conversa vai, conversa vem, a revelação espocou; e ele, já curioso, já interessado, descobriu que era uma das irmãs e, justamente, a mais baixa. No fim da conversa, ele fez o convite:

— Que tal um cineminha? Topas?

A menina, no fervor dos 17 anos, teve uma brevíssima hesitação e acabou superando o medo: “Vou, sim.” Ele soprou a sugestão ignóbil:

— Leva a tua irmã.

A paixão

Suas conquistas eram assim, fulminantes. Sem o menor tato, a menor paciência, ia avisando: “Lero-lero comigo, não. O negócio tem que ser rápido, senão chateia.” Foi, em resumo, o que, a caminho do cinema, disse à menina. A irmã não quisera vir. E ao comprar as entradas, já sabia o nome das duas: Lúcia e Margô. Lúcia era, justamente, a sua companheira. Mais tarde, ela voltaria para casa, de olhos arregalados. Tremia, como se a maleita a queimasse; meteu-se no quarto, enfiou-se debaixo dos lençóis. Margô, assustada, veio perguntar:

— Mas que foi que houve? Ele te fez alguma coisa?

E a outra, tiritando:

— Nada. Não me fez nada.

Margô não insistiu. E, então, começou aquele tristíssimo namoro. A família, quando soube, por uma delação da própria Margô, pôs as mãos na cabeça: “Ele não serve, não presta, não vale nada!” E Lúcia, fechada no seu amor, dizia, apenas: “É dele que eu gosto e pronto.” Quiseram prendê-la em casa; e aí é que foi o pior. Ela se transfigurou aos olhos da irmã e dos pais; parecia outra pessoa, com a boca torcida, numa raiva que parecia impossível numa menina de temperamento tão delicado: “Eu me mato! Juro que me mato!” Margô, aterrada em face dessa paixão, que lhe parecia monstruosa, queria argumentar: “Ele tem outra! Tem uma velha, que lhe dá dinheiro!” Resposta de Lúcia: “Não faz mal. Não interessa.” Para os parentes, os amigos e vizinhos, aquilo já era um caso puro e simples de loucura, suscetível de internação. Mas o velho pai, que era humano e que adorava aquelas filhas, teve medo da ameaça de suicídio. Disse, numa mesa redonda de parentes:

— Deus me livre! Não quero ver a minha filha morta! Se ela quer casar, paciência.

Então, Lúcia correu com a grande notícia. Ele ouviu tudinho e, de vez em quando, fazia o comentário:

— Essa tua irmã é de amargar! Que sujeitinha besta!

O casamento

Casaram-se, um dia. Margô compareceu às duas cerimônias, no civil e no religioso, beijou a irmã, mas foi incapaz de um cumprimento banal para o cunhado. Tomara-se de ódio por esse homem; era uma raiva, como só as mulheres sabem ter, que a ralava, que a consumia, como um fogo interior inextinguível. Já não ia mais ao cinema, a lugar nenhum, pois precisava se dedicar a esse sentimento, entregar-se a essa obsessão. Na igreja, durante o ato religioso, repetia, no mais íntimo de si mesma: “Cachorro! Cachorro!” Conhecia a vida do cunhado, seus costumes, suas mulheres, seus vícios. Como, onde e quando obtivera informações tão precisas e autênticas? Ninguém saberia dizê-lo. Dentro dela, criava-se a obsessão de que o cunhado contaminaria a irmã de males físicos e morais, que apodreceriam juntos, etc., etc. Com uma contração no estômago, ouviu Lúcia dizer, ainda vestida de noiva:

— Sou tão feliz! Não há ninguém mais feliz!

Viu quando os dois, mais tarde, sob a chuva de arroz, entraram no automóvel e partiram para a lua de mel. Margô imaginava que aquele cínico ia macular a irmã com não sei que carícias inimagináveis.

A velha

Quinze dias depois, voltaram os casadinhos da montanha, instalaram-se num apartamento, diante do mar. Numa tarde, numa hora em que Orlando não estava, tocaram a campainha. E, súbito, Lúcia, no quimono belíssimo, viu-se diante daquela criatura, de nariz adunco e voz de bruxa.

Foi uma cena rápida e hedionda. A desconhecida identificou-se: era a "velha", a tal que, segundo os maledicentes, sustentava Orlando. Em voz baixa e intensa, começou a falar numa doença que adquirira há dois anos atrás. Doença? A princípio, Lúcia não entendeu. A outra continuou:

— Uma doença que eu peguei no seu marido e ele não sabe.

Só no fim, já de saída, é que a outra revelou, baixando a voz, o nome da doença, que ainda a unia, velha, infeliz e solitária, ao rapaz bonito, em lua de mel com outra. A velha partiu e Lúcia, como louca, pôs um vestido, correu para a casa da família. No caminho, uma palavra não lhe saía da cabeça: "Morfeia." Lembrava-se que, durante a estada na montanha, Orlando queixara-se de uma irritação na pele e... Entrou em casa e teve, nos braços da irmã, uma crise tremenda. Ela, que se sujeitara a todas as humilhações, infidelidades, ofensas diretas, evocava, instantaneamente, os defeitos do marido para repudiá-lo. E seu medo era ter apanhado, também, a mesma doença. Acabou se enfiando no banheiro, tomando um banho, durante o qual esfregou, em si mesma, um pano embebido em álcool. Quando voltou, Margô a interpelou, num espanto sem limites:

— Mas você não gostava tanto dele? Não era louca por ele?

O solitário

Separaram-se. E, subitamente, Orlando se viu só no mundo. Encerrou-se no quarto; passava horas, de busto nu, procurando manchas nos braços, no peito e sentindo todos os sintomas possíveis e imagináveis. Sua ideia fixa era que todos, mesmo os transeuntes desconhecidos e eventuais, sabiam de tudo, sabiam que ele fora contaminado pela velha. E, sobretudo, tinha medo de ser internado, um medo absoluto, uma pusilanimidade mortal, que o fazia chorar como um menino. Até que, uma vez, bateram na porta. Perguntou: “Quem é?” E ouviu uma voz que não identificou logo: “Sou eu. Abre.” Abriu a porta. E viu entrar, no quarto, sua cunhada Margô. Durante alguns instantes, olharam-se, apenas. E como ele, trancando os lábios começasse a chorar, ela disse apenas:

— Fugi de casa. Vim ficar contigo.

Ele não fez um gesto, não disse uma palavra. Então, Margô o beijou, nos lábios, muitas vezes.

17 - Veneno

Ele, a esperava, no corredor. Baixou a voz:

— Preciso bater um papinho contigo!

— Quando?

— Logo mais.

— E onde?

— No jardim, o.k.?

Mas ouviram passos na escada. Marina pediu, num sopro de voz: “Cuidado com minha filha! Cuidado com minha filha!” Fugiu ao longo do corredor, abriu a porta do quarto, entrou, trancou-se. Veio sentar-se diante do espelho; disse para si mesma: “Estou maluca, completamente maluca!” E uma coisa, sobretudo, a aterrava: que sua filha, Teresinha, de 13 anos de idade, descobrisse e desconfiasse. O fato é que, depois de 14 anos de felicidade matrimonial, ela experimentara um primeiro flerte, olhara para um homem que não era o seu marido. Uma amiga desquitada, que estava no mesmo hotel, ponderava: “Isso não é nada do outro mundo. Aproveita.” Esta palavra clara ou mesmo cínica foi de uma grande e pungente doçura para Marina. Ainda assim, perguntou, com uma expressão de tormento nos olhos e na boca:

— E minha filha?

As duas

Estavam naquele hotel de montanha há 15 dias: ela, o marido (Godofredo) e a filha única (Teresinha). O marido descera, naquela tarde, para a cidade, para atender a um chamado urgente. Teresinha, que adorava o pai, levara-o até o ônibus. Na despedida, depois de beijar e ser beijada, a menina prometera, fixando no pai os olhos serenos:

— Eu tomo conta da mamãe.

Godofredo achou graça. Homem sem imaginação e sem ciúmes, não pedira esta vigilância. Pois bem. Partiu o ônibus e as duas ficaram sozinhas. E para Marina, a pior forma de solidão era a companhia da filha. Ao longo dos anos, não conseguira conquistar a menina. Não havia entre elas nenhuma confiança, nenhum abandono, nenhum carinho possível. Desesperada, Marina perguntava a si mesma: “Mas que foi que eu fiz a essa menina? Que foi?” De fato, não fizera nada, absolutamente nada. Mas a verdade é que existia, de uma para outra, uma sutil, uma secreta hostilidade. Um dia, no confessionário, teve de admitir: “Eu não sou a mãe que devia ser.” Fez um esforço, para acrescentar: “Não gosto de minha filha. Desejaria ser como as outras mães, mas...” Qualquer tentativa que fazia no sentido de acariciar a menina a amargurava. Essa falta de amor era tão ilógica que, na sua meditação, agarrava-se à explicação espírita: “Quem sabe se em encarnações anteriores...” Agora estavam as duas sozinhas num hotel, fechada cada qual no seu mundo de solidão.

O flerte

Desde que a família chegara ao hotel começara o primeiro flerte pós-matrimonial. Para si mesma e para a amiga desquitada, ela fazia questão de sublinhar: “o primeiro, o primeiro”. Chamava-se Gustavo e estava à porta quando a família desembarcou. Ela o achou talvez bonito demais para um homem. Mais tarde, já no quarto, abrindo as malas, guardando as roupas nas gavetas, pensava naquele rosto que mal percebera nos atropelos da chegada. O pior não foi a impressão muito intensa, mas a certeza imediata de que se apaixonaria por ele. Na mesa, parecia distraída, ausente ou nervosa. De repente, porém, tomou um susto. Percebeu que a filha não a desfitava, como se lesse, com apavorante vidência, os seus pensamentos mais secretos. Dissimulou, tanto quanto possível. Riu alto, a pretexto de nada. Mas sentiu no próprio riso um som falso. Pouco depois, a amiga desquitada vinha dizer: “Viste que pedaço de homem?” Disfarçou: “Quem?” Foi ainda essa amiga quem, dia após dia, exasperou sua imaginação. Começou por dizer: “Está te olhando. Olha também, sua boba!” Foi assim que começou aquele flerte, o primeiríssimo. O marido não via, não observava nada. Marina, porém, tinha medo da filha, muito sensível, sagaz e atenta. Se não fosse a cumplicidade e o estímulo da amiga, teria talvez desistido. Mas a outra a cercava por todos os lados:

— Flerte não tem importância. É uma coisa à toa. Marina reagia:

— Mas eu sou casada!

— Ora, Fulana! Você pensa o quê? Que mulher casada é paralelepípedo? Tinha graça.

Atônita, balbuciou a pergunta:

— E minha filha?

Muxoxo da amiga:

— Manda tua filha lamber sabão!

O beijo

Era realmente flerte, apenas flerte, na sua forma mais inócua e clássica, ou seja, a distância. Limitavam-se a olhares que, entretanto, eram de uma delícia mortal. Mas jamais haviam trocado uma palavra, um aperto de mão, uma carícia. A desquitada que estava no caso esportivamente, sem nenhum interesse, já resmungava: “Vocês estão bobeando! Ah, se fosse comigo!” Marina sofria, a verdade é que sofria. Até então julgara-se feliz e, de repente, descobre que sua felicidade não existe, nunca existira. Tinha agora abstrações, melancolias; um perfume a fazia chorar ou desfalecer. Acabou admitindo para a desquitada:

— Amo este homem — e repetiu, numa espécie de angústia: — Amo.

A desquitada a instigou:

— Mergulha de cara! Mergulha de cara!

E, uma noite, pouco antes do jantar, aconteceu uma fatalidade deliciosa e terrível. Cruzou no corredor com o bem-amado. Tudo aconteceu de uma maneira irresistível. Sem uma palavra. Gustavo se apoderou de sua mão e a beijou, longamente. Foi um minuto ou muito menos. Mas ela saiu dali numa embriaguez completa. E o que tornava sua delícia mais aguda era o sentimento do pecado. Correu à amiga, pois sentia a necessidade imediata de uma confidência. Contou que o Gustavo a beijara na mão... A Fulana exclamou, abismada:

— Na mão?

Confirmou, convulsa: “Pois é.” Fez a outra pôr a mão no seu peito, para sentir as palpitações furiosas. Mas a desquitada parecia insatisfeita: “Vocês são dois moscas-mortas. Ora veja!” Para Marina, porém o episódio se revestia de um significado terrível. Pela primeira vez o caso saía da espiritualidade pura e se materializava. Foi nessa noite que o marido recebeu o chamado. A desquitada esfregou as mãos:

— Está pra ti. Ou é agora ou nunca!

O fato

O marido partiu. E à noite, no corredor, Gustavo pedira um “papinho”, no jardim. Marina teve de esperar que a filha, que dormia com uma coleguinha, se recolhesse. Até o último momento, teve um pavor: “Será que ela vai cismar de dormir comigo?” Felizmente a menina, sem desconfiar, foi, com a colega, para o quarto. Então, deslizou, como uma criminosa, com o coração aos pinotes e uma sensação de crime. Parecia-lhe, então, que jamais tivera qualquer amor, qualquer carinho, qualquer afinidade com o marido. Pensava nele como o último dos estranhos. Ficou no jardim com Gustavo uma meia hora. Desde o primeiro instante, sentiu-se frágil, indefesa, derrotada. Lembrava-se de que o marido voltaria no dia seguinte e que só lhe restava uma noite livre. Esta urgência do pecado era fascinadora. Por outro lado, Gustavo foi ativo, ousado, quase brutal. E a deslumbrou com um argumento de cinismo absoluto: “Uma vez só. Uma vez não são todas.” Ela hesitava, embora sabendo que se abandonaria. Na verdade, resistia à ideia de capitular sem luta, sem conquista, sem namoro. Imóvel, ia escutando:

— Deixa a porta encostada, apenas encostada... À meia-noite, eu vou lá e... Sim?

Respondeu, num sopro:

— Sim.

Voltou, correndo. Mas o deslumbramento inicial se extinguira. O que havia, no mais íntimo de si mesma, era uma angústia intolerável, a vontade de fugir e, ao mesmo tempo, um ressentimento contra o marido que não se fizera amar. Pensava, também, na filha. “Imagina se ela sabe, imagina!” De repente, aparece a desquitada e, ao saber que está tudo combinado, pisca o olho: “Felicidades!” E sai.

À meia-noite, em ponto, Gustavo empurra a porta encostada.

Abandonou-se. Primeiro, ele a beijou na boca; depois no pescoço e desceu para o seio. Fez-lhe carícias que ela não conhecia.

O remédio

Marina acordou tarde. Toda a sua angústia desaparecera; estava, de novo, feliz e com a sensação de que só agora começava a viver. Levantou-se, pôs as chinelinhas róseas e na camisola muito leve, que era quase a nudez, correu ao espelho, como se quisesse ver a própria imagem depois do pecado. E, pelo espelho, viu quando Teresinha entrou. Trazia um copo, com um líquido qualquer. Marina virou-se, mas a simples presença da filha feriu de morte todo o seu encanto de viver. Estavam as duas, no meio do quarto, face a face. Até aquele momento, havia entre mãe e filha uma polidez que era o disfarce de um sentimento mais turvo, mais profundo e mais envenenado. E, pela primeira vez, ambas viam o rosto verdadeiro da outra. Naquele instante, ocorreu novamente a Marina a explicação espírita de que em outras encarnações... Então, com o rosto erguido, quase sem mover os lábios, Teresinha foi dizendo:

— Eu me escondi detrás do guarda-vestidos... Fiquei lá a noite toda... — e repetiu, trincando nos dentes as palavras: — Detrás do guarda-vestidos...

O dilema

Marina sentiu que a mentira seria inútil. Teve um brusco pavor daquela filha. Foi fraca, pusilânime, indefesa. Perguntou:

— Que queres que eu faça?

A resposta veio, sumária, quase doce: “Bebe isto.” Não compreendeu, imediatamente. Apanhou o copo; ergueu-o contra a luz. Tornou a perguntar: “Mas isso é o quê?” E a outra, com os lábios meigos:

— Veneno.

Recuou, aterrada, sem coragem de atirar longe aquele copo, de parti-lo em mil estilhaços. Sentiu-se agarrada. Teresinha dizia-lhe: “Então, bebo eu. Ou tu, ou eu. Uma de nós tem de beber.” Marina olhou, com assombro, o líquido, claro, enquanto a filha repetia:

— Ou tu, ou eu.

Marina fechou os olhos, foi bebendo, até o fim. Largou, então, o copo, que se estilhaçou no chão.

18 - A humilhada

No segundo dia do casamento, às três horas da tarde, o marido lia um jornal. E, de repente, boceja. Regina não pôde evitar a exclamação:

— Ih, meu filho!

— O quê?

E ela:

— Tão feio o que você fez!

Teve um espanto honesto: “Mas o que foi que eu fiz?” Ela repreensiva, embora sem prejuízo de sua doçura habitual, observou:

— Bocejou, na minha frente!

— Ué! E não posso? Por quê? Todo mundo não boceja, inclusive você?

O protesto veio imediato e irreprimível:

— Eu, não! Tenha a santíssima paciência, mas na sua frente nunca bocejei! É ou não é? É, sim!

E, com efeito, fina, educada, escrupulosa, Regina conseguira eliminar dos seus hábitos e modos tudo o que ela própria achava deselegante. Tinha horror de espirrar diante de terceiros. Acordava mais cedo do que o marido, para que ele não lhe visse a cara de sono; e se havia doença que a exasperasse eram os resfriados que dão as corizas. Idealizara para si e para o marido uma vida conjugal muito doce e perfeita. Houve um momento, durante o noivado, em que sugeriu quartos separados para quando se casassem. Alegava que assim preservariam melhor a ilusão amorosa. Mas Guilherme saltou como uma fera:

— Não senhora! Em absoluto!

— Por quê?

— Porque, sim, ora, bolas! Ou está me achando com cara de palhaço?

Dura realidade

Casaram-se, um dia. Ela, com 17 anos, criança e lírica; ele, com vinte anos, amigo da sinuca, torcedor do Flamengo, meio farrista. Esperava-se que mudasse com o casamento. Regina, que o adorava, punha a mão no fogo pelo seu amado: "Muda, sim! Há de mudar!" Reagia, bravamente, contra os venenos: "Guilherme é perfeito!" E o fato é que entrou na vida matrimonial pronta para ser a mais feliz das mulheres. Na primeira manhã da lua de mel, tomaram banhos juntos. No décimo quinto dia, sua mãe telefona, curiosíssima:

— Como é que vai o negócio?

Respondeu, com o fervor da esposa recente:

— Ah, mamãe. Nunca pensei que o casamento fosse tão bom! Sou tão feliz, mas tão!

— Antes assim, antes assim.

Mas certas coisas já a aborreciam. Antes de mais nada, o prosaísmo do marido. Após uma relativa e efêmera cerimônia, que durou de dois a três dias de lua de mel — ele relaxava, evidentemente. Por exemplo: ela pedira ao marido que não usasse gíria. A princípio, Guilherme controlou a linguagem. Mas era, por índole e educação, um desbocado. Acabou explodindo: "Sossega, leoa de chácara! Sou contra chiquê!" Regina gemeu: "Paciência!" E teve que suportar a gíria deslavada do marido. Por fim, ela se contagiou e já usava certas expressões, tais como "velhinho", "de arder", "araqueado", etc., etc. Justificava: o hábito e a convivência são um caso sério. Mas o fato é que suas ilusões iam, rapidamente, desaparecendo. Não que se julgasse infeliz. Isso, não. Quanto mais não fosse, tinha certeza de uma coisa: da fidelidade do marido. Dizia:

— Enquanto ele não me passar pra trás, não me trair, vai tudo num mar de rosas.

Uma vizinha fez o veneno: "Mas olha que não há homem fiel. O homem fiel nasceu morto." Regina insultou-se:

— Não sei se outros não são, nem me interessa. O meu é.

Romance

Não tardou a acusar os sintomas de gravidez. Quando o médico confirmou o estado, voltou para casa, comovidíssima. No ônibus, veio de pé, enquanto sujeitos fortes, atléticos, viajavam solidamente sentados. Pensou: “Se eles soubessem que eu estou grávida...” E só imaginava a surpresa maravilhosa do marido quando ela desse a notícia. À tardinha, chegou Guilherme. Deu-lhe um beijo frívolo na face. Já em mangas de camisa, sentou-se para ler, no jornal, a página de futebol. Então, nervosíssima, os olhos marejados. Regina diz:

— Eu estou!

— O quê?

Baixa a cabeça:

— Vou ter neném!

Guilherme encostou o jornal, atônito: “No duro? Batata?” Na sua emoção, na sua candura. Regina suspira:

— Assim disse o médico.

Garantiu.

Apanhou, de novo, o jornal; rosnou:

— Que espeto!

Passado o encanto da lua de mel, via na maternidade só os aspectos desagradáveis, sobretudo o problema econômico. Perdia muito dinheiro no jóquei, na sinuca e... Continuou a ler o jornal de cara amarrada.

O inferno

Dois, três meses depois, estava tão desenvolvida que uma vizinha arriscou a hipótese: “Vai ver que são gêmeos!” Aterrada, bateu na madeira: “Isola!” Deu para enjoar, tinha vertigens constantes. O pior, porém, não eram as atribulações naturais do estado. O pior era a conduta do marido. Ele mudara por completo. Chegava tarde e, quase sempre, com o hálito de álcool; era desatencioso, grosseiro mesmo. Ora, Regina era muito doce, muito amorosa, doida por um carinho. Tinha, porém, seu amor-próprio. Fechou-se em si mesma, com a reflexão: “Deus é grande!” No dia em que sentiu as dores do parto, o marido não estava em casa. Alguém foi, correndo, levar o aviso, na sinuca. Ele passava o giz no taco, para tentar uma bola difícil. Ouviu a notícia e, com toda a calma e segurança, fez a jogada; e mais: completou a partida. Só, então, veio para casa. Quando chegou, a filha já estava em cima da toalha felpuda, nuazinha e perfeita. Entrou no quarto e ia sair quando a mulher, exausta de tanto sofrer, perguntou:

— Você não me beija?

A filha

Chamou-se Sônia, a menina. E seu nascimento não mudou a vida do casal. Os anos se passaram, um a um. E, com o tempo, todos os escrúpulos do marido desapareceram. Não tinha hora de chegar em casa. Certa vez, Regina, desesperada, ia protestar. Ele, porém, cortou: “Não admito, ouviu? Não admito!” Regina ergueu o rosto, sem medo: “Está bem, está bem. Mas você fica avisado: no dia em que eu souber que você me traiu, já sabe.” Ele rosnou um “não amola” e encerraram, ali, o incidente.

Três anos mais tarde, ela encontrou, na camisa do marido, marca de batom. Fez a advertência sintomática: “Olha que eu ainda sou bonita!” Já naquela época, seu consolo único era a filha, que crescera, doce e linda, e muito agarrada à mãe. Com pouco mais, não houve dúvida possível: tinha a certeza, líquida, definitiva, de que ele a enganava de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Recebeu cartas e telefonemas anônimos. Doía-se na carne e na alma; uma vez, teve a reflexão desesperada: “Ah, se eu tivesse coragem de trair, também!” Um primo, de segundo ou terceiro grau a cortejava, há algum tempo, com discrição, de uma maneira quase imperceptível. Essa ternura constante e suave lhe fazia um bem imenso. E quando, afinal, ele se declarou, Regina, chorando, foi muito clara:

— Eu sei que meu marido não presta, não vale nada, mas... É minha filha. Deus me livre que, um dia, minha filha me acuse...

O rapaz admitiu:

— Tem razão. Eu compreendo. Mas, assim mesmo, espero, esperarei sempre.

Decisão

Quando Soninha fez 13 anos, o pai andava com um caso mais complicado que os anteriores. Era um romance tenebroso com uma morena cheia de corpo, desbocada e agressiva. A Fulana vivia telefonando para Regina e a descompunha nos termos mais vis. Sônia, já mocinha, via e ouvia tudo, sem um comentário. Era um tipo fino, frágil, cujo olhar intenso fazia supor uma alma profunda. Regina vivia alarmada; dizia para a primo: “Imagina se Sônia desconfia que eu e você...” Não tinha havido, entre os dois, nada: era o que se chama um amor rigorosamente platônico. Todavia, no seu escrúpulo, Regina não queria que a menina desconfiasse nem do sentimento. Até que, um dia, o pai apareceu bêbado em casa. Viu a mulher e teve uma maldade gratuita e obtusa de irresponsável. Esbofeteou-a e, depois, riu ignobilmente, como se a bofetada despertasse não sei que sombria, que misteriosa crueldade nas profundezas do seu ser. Então, a filha, que aparecera na porta, atraída pelo barulho, caminhou para Regina. Agarrou-a pelos dois braços, sacudindo-a com inesperada energia:

— Larga esse homem agora! Larga! Sai desta casa! Agora, anda!...

Toda a sua doçura de menina se fundia em paixão, ódio. Então, subitamente serena, Regina compreendeu que certas esposas precisam trair para não apodrecer.

19 - Paixão

Tinha um apetite de passarinho. E a mãe, as tias, viviam reclamando:

— Verita não come: belisca.

Era um sacrifício na hora das refeições. Não queria isso, não queria aquilo, enjoadíssima para comer. Tinha um fastio nato, que a ralava, que a consumia. A mãe, que adorava aquela filha, vivia criando quitutes especiais e fabulosos, inventando mingaus, doces. Mas Verita refugava tudo, manhosa como uma convalescente. Se insistiam, acabava se contorcendo em ânsias, em náuseas. A mãe, atribuladíssima gemia:

— Que mal fiz eu a Deus?

De vez em quando, o médico da família vinha auscultá-la. Comandava:

— Diga trinta e três.

E ela, com a toalha nas costas:

— Trinta e três.

— Agora tussa.

Tossia. O doutor, que era uma simpatia, mas de uma ineficácia comovente, avisava:

— No pulmão não tem nada.

Receitava injeções fortificantes, que a menina, em pânico, repelia, no pavor da agulhada. E, na rua, entre os vizinhos, murmurava-se que Verita sofria do coração, que tinha um “sopro no coração”.

O namorado

De repente, o amor entrou na sua vida. Ninguém soube quando, onde e como Verita começou a gostar. O fato é que, um dia, os vizinhos cochicharam:

— Verita tem namorado.

— E que tal?

— Mais ou menos.

Esse “mais ou menos” não definia o rapagão que era Alcides. Criado em praia, com um busto moreno de havaiano, formava um contraste impressionante com Verita. Quando passavam, os dois, de braço, pela calçada ou quando conversavam no portão, os transeuntes se voltavam para admirá-los. Diante dele, solidamente belo como um bárbaro, ela se fazia menor, duma feminilidade ainda mais delicada e mais intensa. Foi, com certeza, este contraste escandaloso, quase patético, que os aproximou e uniu. À primeira vista, Alcides se impressionara com a graça doentia da menina, as olheiras fundas, os pulsos finos e diáfanos, as mãos ardentes e macias. Qualquer esforço a cansava e parecia desfalecer num susto, numa emoção mais forte. Quando ele a beijou nos lábios, pela primeira vez (e foi um beijo rápido), Verita ficou sem uma gota de sangue no rosto e com palpitações angustiosas, falta de ar. Mas, de qualquer maneira, o namoro mereceu, desde logo, a aprovação da família. Diziam de Alcides que era um rapaz direito, de ótima família baiana. Na verdade, só uma coisa assustava no amor de Verita. A mãe e as tias, entre si, discutiam a hipótese, ainda remota, mas assustadora: a maternidade da moça. Embora o namoro tivesse em começo, havia quem sugerisse:

— É preciso avisar a Alcides que nada de filhos. É bom que ele saiba, já!

Realmente, um parto, mesmo normal, seria uma prova medonha para a natureza frágil, quase infantil, de Verita.

O velório

O amor tornou a pequena ainda mais delicada, mais leve. E o drama do fastio fez-se mais agudo. A menina não variava:

— Não tenho fome! Não quero comer!

De fato, quem é muito feliz não tem vontade nenhuma de comer. E Verita o era. Apaixonara-se por esse rapaz tostado como um havaiano, deslumbrava-se com sua vitalidade e não se cansava de revê-lo, todas as tardes, sempre forte e viril. Os diálogos entre eles eram de uma desesperadora trivialidade:

— Tu gostas de mim?

— Sou louco por ti!

— Mentira!

— Te juro!

Mas um dia... Bateu o telefone e a própria Verita foi atender. Era Alcides.

Avisou:

— Meu anjinho, hoje não posso te ver.

— Por quê?

E ele:

— Imagina só que abacaxi. Tenho que fazer quarto. Que caso sério! No dia seguinte, explicou: era uma prima, não sei em que grau, que morrera, de repente, de edema pulmonar. Passara a noite, de fio a pavio, velando a defunta; num fundo suspiro, repetiu a expressão “abacaxi”. Ela, muito sensível à ideia de morte, pediu detalhes, num misto de repulsa e fascinação por esse velório a que não assistira. E teve uma curiosidade inesperada. Perguntou se a morta estava bonita ou feia. Ele deu a opinião convicta:

— Bonita!

Nesse dia, pouco antes de se despedir, Alcides fez uma pergunta, que a assombrou:

— Você tem medo de morrer?

— Ideia!

Ele ainda brincou:

— Tem medo, sim! Eu sei que tem! Tão criança!

Verita, num arrepio, perguntou:

— Natural! E não é natural?

A falsa morte

Então, nos dias que se seguiram, ele não teve outro assunto. E fazia reflexões assim:

— Parece incrível que todos nós tenhamos de morrer, um dia. De amargar, hein?

A princípio, a pequena quis protestar:

— Cruz, credo!

Mas, pouco a pouco, também Verita foi contagiada; achava nessas conversas não sei que fascinação, que encanto triste, mas irresistível. Mais tarde, fazia sugestões, a que ela se submetia, com impressionante docilidade. Por exemplo: ele queria que ela não se pintasse mais. E dizia:

— Tu ficas melhor sem pintura. Aposto contigo!

— Deus me livre! Fico um pavor! Um cadáver. Ele pigarreou:

— Eu pedi. Mas se você não quer, paciência.

No dia seguinte, Verita apareceu sem pintura nenhuma. Alcides a olhou maravilhado.

— Pareço uma defunta.

Então, o rapaz foi encantador e, durante uma boa meia hora, rendeu-lhe as homenagens mais delicadas. Disse que a palidez a embelezava, que o seu tipo pedia aquela brancura. Verita, resistente, admirou-se: “Que teoria!” Ele insistiu:

— Palavra de honra! Quero que Deus me cegue se minto!

E, na verdade, era uma sinceridade apaixonada, que a tocou e comoveu. Foi mais longe, num galanteio mais ousado: afirmou que “há mortas que são um espetáculo.” Por fim, disse, ia pedir um favor muito grande. Disfarçou com um tom alegre e frívolo o que o pedido pudesse ter de estranho:

— Você topa? Em bruto?

Depende.

Ele queria simplesmente isto: que ela se deitasse no divã; que fechasse os olhos; que entrelaçasse as mãos na altura do peito. Verita, sem entender, apavorada diante da exigência, ensaiou uma resistência. Mas Alcides encrespou-se; foi grosseiro ou quase:

— Então, você não gosta de mim. O seu amor é conversa fiada!

Vendo-o ressentido, incomunicável, ela, que o adorava como a um jovem

deus, submeteu-se. Deitou-se, fechou os olhos, entrelaçou as mãos, uniu os pés. E ficou assim, nessa atitude de falsa defunta, cinco, dez minutos. Quando abriu os olhos, ele, despertando de obstinada contemplação, pediu:

— Mais um tiquinho, sim!?

A loucura

Se ela sempre parecera uma doente do peito, agora muito mais. A falta de pintura a transformara numa imagem inverossímil, extraterrena. A família, numa unanimidade comovente, pedia: “Põe um pouco de pintura, de ruge!” Ela, porém, se conservava irredutível; pasmava, no espelho, diante da própria palidez. Tinha horror da comida e refugava a canjinha leve, sem gordura, que a mãe preparava, e que apeteceria a um anjo. Ela já não sabia se amava ou não o namorado; mas uma coisa era certa: tinha-lhe medo. E este medo a escravizava. Ele a levava para diferentes lugares, repetindo a cena do velório simulado. Por último, quis tornar mais intenso o realismo; colocava a moça entre quatro velas acesas. Era, porém, incapaz de uma liberdade maior de namorado; limitava-se a uma contemplação castíssima. Às vezes, exclamava, na sua paixão contida:

— Um dia hás de morrer!

De fato “um dia” ela amanheceu com uma tossezinha. E tudo aconteceu num ritmo implacável. A tosse foi-se tornando mais frequente e exasperante. Estiolava-se a olhos vistos. Pediu, então, já com a laringe tomada, numa voz que quase não se escutava:

— Não deixem este homem entrar no meu quarto!

Com a lucidez dos doentes do peito, na fase final da moléstia, Verita compreendeu tudo. Ele a respeitara, ele a tratara como uma irmã, porque ela estava viva. E esperava a morte, esperava que ela morresse. Meio delirante, chamou a mãe, engrolou as palavras. Disse, em suma, o que ninguém entendeu, isto é, que nenhum cemitério servia para ela; pediu que a enterrasse num cemitério desconhecido, num túmulo que ele não pudesse achar. Delirava, então, e só com túmulos violados, com terra remexida, com velórios feéricos, deslumbrantes.

A fuga

Até que um dia aconteceu o impossível. A tia, que estava no quarto, fazendo companhia à moribunda, cochilou uns dez minutos. Quando acordou, deu um grito medonho. Verita desaparecera. Procuraram a casa inteira; depois, na rua; e, afinal, chamaram a polícia. A agonizante não aparecia em lugar nenhum. Dir-se-ia um rapto fantástico. Ninguém sabia, nem podia imaginar que ela estava fugindo de um homem diferente, que só amava as mulheres mortas. Três dias depois, a vizinhança começou a se queixar de um cheiro intolerável. Procura daqui, dali, até que se lembraram de investigar no porão. Lá estava a menina, morta, naturalmente. Arrastara-se, sem que a tia, adormecida, percebesse, e se finara ali certa de que o namorado a procuraria em todos os túmulos, menos naquele.

20 - Noiva para sempre

Quando as duas moças subiram, para dormir, eram quase 11 horas. O pai, fumando de piteira, ainda ouviu o jornal falado. Findo este, convocou a mulher:

— Vem cá, Rosinha, vem cá.

A mulher veio, bocejando. E ele:

— Senta aí. Vamos bater um papinho.

Colocou outro cigarro na piteira, sem pressa. Riscou o fósforo, tragou e expeliu a fumaça. Novo bocejo de d. Rosinha. Dr. Maciel inclinou-se; baixou a voz:

— Como é esse negócio?

— Que negócio?

E o marido:

— Desse rapaz. Maurício frequenta nossa casa há quantos meses, mais ou menos?

— Seis.

— Pois é. Seis meses. E, até agora, nem eu, nem você sabemos a quem ele prefere, se Dorinha, se Elena. Como é isso? Não está direito!

— Paciência.

Protestou:

— Alto lá! Paciência, uma ova! Você se esquece que está em jogo a felicidade de nossas filhas? Maurício trata as duas da mesma maneira. E se ambas gostarem dele? Já imaginaste o angu de caroço, o bode?

Pela primeira vez, d. Rosinha, que era curta de ideias, considerou a hipótese. Alarmou-se:

— É mesmo!

Dr. Maciel andava de um lado para outro, preocupadíssimo. Exagerava:

— Eu já estou vendo minhas filhas se devorando por causa do mesmo homem! Deus me livre!

As duas irmãs

Nem dr. Maciel, nem d. Rosinha dormiram direito nessa noite. Quanto a d. Rosinha, acresce que, além das apreensões maternais, teve de resolver o problema das pulgas, que se mostravam particularmente ferozes. Por fim, Dr. Maciel decidiu: “Amanhã eu vou falar com esse cara.” E de fato, no dia seguinte, ligou, à tarde, para o emprego de Maurício e o requisitou: “Passa por aqui, já.” Dez minutos depois, encontravam-se. Dr. Maciel foi objetivo:

— Você está, todos os dias, em minha casa. Isso nos dá muito prazer, claro. Ao mesmo tempo precisamos considerar a situação de minhas filhas. São novas, são bonitas.

— Perfeitamente.

Dr. Maciel pigarreia e continua:

— Por outro lado, você não é nenhum Boris Karloff, nenhum Frankenstein. Pode impressionar, qualquer mulher, inclusive minhas filhas. E é natural que eu, como pai, queira saber o seguinte: qual das duas você prefere? Dorinha ou Elena?

— Não sei.

— Como?

Maurício ergue-se. Vai até a janela. Volta. Senta-se. Passa o lenço no suor da testa. Repete:

— Ainda não sei. Porque são duas meninas tão formidáveis que, francamente, não sei como escolher e...

Engasgou-se. Durante alguns momentos, olharam-se, em silêncio. Dr. Maciel levantou-se. Foi sóbrio e definitivo:

— Sinto muito, mas dou-lhe 24 horas para você se decidir. Ou uma ou outra. Do contrário, você deve se afastar da minha casa.

Desespero

Maurício saiu dali tonto. Pensou, quebrou a cabeça, sem achar uma solução. Em desespero de causa, partiu para a casa do Alípio, que era seu maior amigo e confidente. Entrou e foi dizendo: “Vim descalçar contigo uma bota daquelas!” Contou para o outro o *ultimatum* feroz que recebera; e dizia:

— Estou apaixonado. Apaixonadíssimo. Mas não sei por quem.

— Sossega!

Pôs, dramático, a mão no peito:

— Sob minha palavra de honra! Tanto pode ser Elena, como Dorinha!

Alípio pigarreou:

— Ou as duas.

— Como?

Alípio acendeu um cigarro e insistiu na tese:

— Sim, senhor! As duas, por que não? Ou tu pensas que não se pode amar duas, três, quatro, até cinco mulheres, ao mesmo tempo?

— Não brinca, que o negócio é sério, sério pra chuchu!

Conversaram uns quarenta minutos, estudando todas as possibilidades. No fim, jocoso, Alípio sugeria:

— Tira par ou ímpar.

Maurício ergueu-se, amargurado; admitiu: “Aqui, entre nós, se fosse coisa que eu pudesse, te juro que me casava com as duas.” Despediu-se. Alípio veio trazê-lo até a porta. Perguntou:

— Queres que eu banque o profeta?

— Mete lá.

Alípio baixou a voz:

— De qualquer maneira, ficarás com as duas. Uma será a tua esposa. E a outra dará em cima de ti, mais cedo ou mais tarde. Toma nota.

Escolha

No dia seguinte, Maurício comparecia ao escritório do velho. Ainda não se decidira. E só quando apertou a mão de Dr. Maciel é que disse o primeiro nome que lhe ocorreu:

— Elena.

Dr. Maciel esfregou as mãos:

— Ótimo. Ótimo!

Mas já o rapaz experimentava uma surda nostalgia de Dorinha, como se a tivesse perdido para sempre. De noite, foi visitar a família da pequena. Sentia-se noivo para todos os efeitos. E um sintoma da nova situação foi a ausência de Dorinha. Teve vontade de perguntar por ela, de chamá-la, mas um escrúpulo o travou. Houve um momento, em que, na sua euforia, Elena o levou para a janela. Pôs-lhe a mão no braço:

— Só quero uma coisa de ti. E ele:

— Fala.

Sem desfitá-lo, quase sem mover os lábios, Elena suspirou:

— Se tiveres de me trair, algum dia, escolha qualquer mulher. Menos uma: Dorinha.

Vestido de noiva

Dois dias depois, Elena descobria, numa página de revista, um fabuloso figurino de noiva. Andou mostrando aquilo a parentes e vizinhos. Pedia o parecer de todos: “Não é lindo?” Só não pediu a opinião de Dorinha. Por sua vez, esta calava, retraía-se, numa espécie de pudor diante da felicidade que arrebatava a irmã. Mas Elena não perdia tempo. Num instante, arranjou costureira, comprou metros e metros de fazenda, numa alegria de todos os segundos, de todos os minutos. Dorinha quase não abria a boca. Emagrecera, tornara-se mais fina e mais frágil, e tinha, quase sempre, um olhar de sonho. Um dia, o pai faz a pergunta imprudente: “Mas que ar é esse, minha filha?” Ela o emudeceu, dizendo apenas isto:

— Não me pergunte nada, meu pai. Eu não quero, nem devo falar.

Só na véspera do casamento é que, com um misterioso sorriso, diria: “Quem sabe se eu também não tenho meu vestido de noiva?” Na manhã do dia, Dorinha chama o pai. Foi suscinta: “Eu não vou a este casamento. E não me pergunte por quê.” Dr. Maciel teve bastante tato para não insistir. Ao meio-dia, houve o casamento do civil; às cinco horas, no religioso. Depois, uma breve reunião na casa dos pais da noiva. E, às nove horas partem os dois para uma pequena casa, lírica e discreta, na Tijuca.

Primeira noite

Lá passariam a lua de mel. Pela manhã, a família fora fazer uma revisão na casa, colocando lacinhos de fita nas chaves, nos trincos, flores nos jarros. Segundo d. Rosinha, tudo estava um “brinco”, uma “teteia”, etc., etc. A caminho da nova residência, Elena tinha saudades do fabuloso vestido de noiva, que não usaria, nunca mais. No fundo, gostaria de ser uma noiva mais ou menos eterna. Finalmente, chegam. Descem. De braço, entram. No meio do jardim, ele a carrega no colo. Há um beijo selvagem. Estão na varanda e Maurício abre a porta. Novo e mais desesperado beijo. Ele a carrega, outra vez. E, assim, entra no quarto, ainda escuro. Aninhada nos braços do ser amado, Elena acende a luz e... O primeiro grito partiu da noiva. Havia alguém no leito nupcial. Uma mulher, vestida de noiva, antecipara-se. Estava deitada, ali. Cortara os pulsos, morrera docemente, com os braços em cruz. Era Dorinha. E na parede estava escrito a lápis, com a letra da que morrera, aquela maldição: “Nem meu, nem teu.” Elena gritava, enlouquecida. Vizinhos e transeuntes invadiram a casa.

Horas depois houve autópsia. Depois, por vontade da família, Dorinha foi vestida como para um fantástico casamento. Enterrada de branco. Noiva para sempre.

21 - Uma senhora honesta

Era muito virtuosa e, mais do que isso, tinha orgulho, tinha vaidade dessa virtude. Casada há seis meses com Valverde (Márcio Valverde), ouvia muita novela de rádio. E se, por coincidência, a heroína da novela prevaricava, ela não podia conter sua indignação. Dizia logo:

— Esse negócio de trair o marido não é comigo!

Fazia uma pausa rancorosa. E concluía:

— Acho muito feio!

Vigiava as colegas, as vizinhas, sobretudo as casadas. Quando surpreendia um olhar suspeito, um sorriso duvidoso, vinha para casa em brasas. Perdia a compostura:

— Fulana devia ter mais vergonha naquela cara! Então, isso é papel? Uma mulher casada, com filhos! E até me admira!

Durante horas, não falava noutra coisa. Na sua irritação, acabava implicando com o marido. Valverde, metido num pijama listrado, tremia diante dessa virtude agressiva e esbravejante. Refugiava-se detrás da última edição, como se fosse uma barricada; ciciava:

— Fala baixo, Luci! Fala baixo!

— Fala baixo, por quê? Ora essa é muito boa! Afinal, estou ou não estou na minha casa?

— A vizinhança pode ouvir.

— Bolas pra você! Bolas pra vizinhança!

Valverde sofria de asma. Bastava o tempo esfriar um pouquinho; a umidade era um veneno para ele. E, então, passava mal, tudo quanto era brônquio chiando e o acometia o pavor da asfixia iminente. Sendo tímido, talvez a timidez decorresse de sua condição melancólica de asmático. Mirrado, com um peito de criança, uns bracinhos finos e longos de Olívia Palito — o pobre-diabo não tinha a base física da coragem. Por vezes, nas suas meditações, imaginava a hipótese de uma luta corporal entre ele e a esposa. Embora mulher, Luci era bem mais alentada. E não há dúvida de que levaria vantagem esmagadora. A superioridade da moça, porém, não era apenas física. Não. O que a tornava intolerável e agressiva era justamente a virtude que a encouraçava. Como se sentia uma

esposa corretíssima, acima de qualquer suspeita, vivia esfregando na cara do marido essa fidelidade. Não passava um santo dia que não alegasse:

— Mulher igual a mim, pode haver! Mais séria, não! E duvido!

— Eu disse o contrário, disse?

— Não disse, mas insinuou!

— Oh, Luci!

Ela espetava o dedo no peito magro do marido; e explodia:

— Os homens são muito burros! Não sabem dar valor a uma mulher honesta. Só te digo uma coisa: devias dar graças a Deus de teres uma esposa como eu!

Não há dúvida: ela o tratava mal, muito mal mesmo; desacatava-o, inclusive na frente de visitas. Justificava-se, porém:

— Não sou de muito chamego, de muito agarramento, mesmo porque tudo isso é bobagem. Mas nunca te traí? Compreendeste?

O trote

Era funcionária pública, já que o marido ganhava pouco. Ia para a repartição cedinho. Para evitar equívocos, amarrava a cara. Andar de cara amarrada era uma de suas normas de mulher séria. Fosse por essa ferocidade fisionômica ou por outro motivo qualquer, não tinha maiores aborrecimentos na rua. E não que fosse feia. Podia não ser bonita, mas era cheia de corpo. E há, indubitavelmente há, conquistadores que se especializam em senhoras robustas. Por outro lado, enfurecia-se contra um simples olhar. Certa vez, no ônibus, um senhor, de meia-idade, que ia no banco da frente, virou-se, umas duas ou três vezes, durante os quarenta minutos da viagem. Luci perguntou, então, bem alto, para que todos ouvissem:

— Nunca me viu, não?

O cavalheiro, com as orelhas em fogo, só faltou se afundar no banco. Uns rapazolas, sem compostura, riram. E quando Luci chegou na repartição esbravejava:

— A gente encontra cada sem-vergonha que só dando com a bolsa na cara!

Não saberia viver sem essa honestidade profunda. Um dia a vizinha veio bater na porta:

— D. Luci! D. Luci!

Apareceu, de quimono. Era o telefone. Admirou-se:

— Pra mim?

Veio atender assim mesmo. Era uma voz de homem, disse mais ou menos o seguinte:

— Aqui fala um seu admirador.

Antes da indignação, houve o pasmo:

— Como?

— Tenho pela senhora uma grande simpatia.

Era demais! Apesar de estar na casa dos outros ou por isso mesmo, fez tremendo escândalo:

— Olha seu cachorro, seu sem-vergonha! Eu não sou, ouviu?, quem você está pensando! E fique sabendo que meu marido é bastante homem para lhe partir a cara!

O anônimo, do outro lado, não perdeu a calma. Eliminou o tratamento de

senhora e declarou simplesmente o seguinte, fazendo uso de expressões, as mais desagradáveis e chulas:

— Tu deixa de ser besta, porque tudo isso é conversa fiada, etc., etc., etc.

O explorador

A família do vizinho, maravilhada, regalava-se com tamanha virtude. Luci voltou para casa transpirando, mas na euforia de sua fidelidade. Nunca, como durante o telefonema, sentira tão inequivocamente a sua condição de senhora honesta. De noite, quando o marido chegou contou-lhe tudo. Valverde estava constipado e, pois, no pânico da asma. Ouviu, sem um comentário. Luci soltou a bomba, afinal:

— Desconfio de um cara.

— Quem?

Primeiro, vou apurar direitinho. Mas se for quem suponho, vou te pedir um favor.

— Qual?

E ela:

— Você vai me dar um tiro nesse camarada!

— Eu? Logo eu?! Tem dó!

— Porque se você não der o tiro, te garanto que eu dou!

Sim, ela desconfiava de alguém. Há seis meses que, ao sair de manhã e ao voltar de tarde, um vizinho vinha para a janela assistir à sua partida e à sua chegada. Ora, desde que se capacitara da própria honestidade, um simples olhar bastava para a conspurcar. Ela própria sustentava a teoria de que nada é tão imoral no homem quanto o olhar. E o vizinho em apreço, sem dizer uma palavra, sem esboçar um sorriso, dardejava sobre ela os olhares mais atentatórios. A coisa era de tal forma tenaz, obstinada e impudica que Luci acabou pedindo informações sobre o camarada. Soube de coisas incríveis, inclusive uma que a arrepiou: embora moço (teria seus trinta e poucos anos) vivia às custas de uma velha rica. Sofria desfeitas, humilhações da megera que chorava cada tostão. Mas o rapaz, com um estoicismo e um descaro impressionantes, suportava tudo, para não morrer de fome. E Luci, apesar de achar feio, horrível, esse negócio de homem sustentado por mulher, teve uma pena relativa das desconsiderações infligidas ao sem-vergonha. Reagiu, porém, contra essa debilidade sentimental, porque enfim o rapaz estava nutrindo a seu respeito intenções desonestas, embora não expressas. Posteriormente, soube do nome do conquistador: Adriano. Era, como se vê, nome de vinho e, ao mesmo tempo, nome de fogos de

São João. À noite, antes de dormir, e já na espessa camisola, fazia comentários enigmáticos, cujo sentido Valverde não captava:

— Hoje em dia os homens não respeitam nem mulher casada!

Dizia isso diante do espelho, repassando no rosto um remédio para espinha, que lhe tinham recomendado. O marido, quieto e esquálido na cama, no pavor permanente da asma, olhava de esguelha para a mulher. E calado fazia suas reflexões. Tinha um amigo que era traído da maneira mais miserável. Apesar disso ou por isso mesmo a mulher o tratava como a um príncipe. E sempre que voltava de uma entrevista com o outro, trazia para o esposo uma lembrancinha. Valverde quase invejava o colega. Ainda diante do espelho, Luci prosseguia, indireta e sutil:

— Mas comigo estão muito enganados! Eu não sou dessas!

Calava-se, porque, evidentemente, não podia pôr o marido a par de suas atribulações.

No dia seguinte, ao passar, a caminho do ponto de ônibus, lá estava o conquistador de velhas. Foi ilusão de Luci ou ele entreabrira para ela um meio-sorriso sintomático. Ficou indignada, disse, entredentes:

— Que desaforo!

No ônibus, viajou preocupadíssima. Era óbvio que o miserável já não se limitava a uma admiração distante, quase respeitosa. Não. Apertava o cerco. Durante todo o dia, no trabalho, ela se sentiu acuada. O pior foi na volta, à tarde: o Fulano estava, na calçada, numa camisa esporte, verde-claro, de mangas curtas. Pela primeira vez, Luci constatou que tinha braços fortes e bonitos, o que não era de admirar, dado que, aos domingos, o cínico jogava voleibol de praia. Esta exibição deslavada de braços tornava mais patentes do que nunca as intenções de conquista. E só faltava, agora, uma coisa: que o rapaz lhe dirigisse a palavra. Se fizesse isso, Luci seria bastante mulher para lhe quebrar o guarda-chuva na cara. Finalmente, a moça apanhou uma gripe e resolveu ficar em casa.

Orquídeas

O marido saiu, muito alegre, dizendo que ia jogar no bicho; sonhara com não sei que animal e planejava o jogo. Muito imaginativa, ela ficou cultivando as piores hipóteses, sobretudo uma particularmente eletrizante: de que o vizinho, aproveitando a ausência de Valverde, invadisse a casa. Podia ter passado a tranca na porta, mas não ousou. Às quatro horas da tarde, explodiu o inconcebível: um mensageiro veio trazer uma caixa de orquídeas. Nenhuma indicação de remetente. Luci tremeu. Pela primeira vez, em sua vida, compreendia toda a patética fragilidade do sexo feminino, todo o imenso desamparo da mulher. Diria ao marido? Não, nunca! Valverde, apesar da asma, do peito de menino, podia dar um tiro no Casanova. Por outro lado, já admitia que o vizinho nutrisse por ela mais que um simples entusiasmo material. Quem sabe se não seria um amor? Grande, invencível, fatal? De noite, chegou Valverde, eufórico. Ao vê-lo, Luci teve um choque como se o visse pela primeira vez: que figurinha lamentável! E não pôde deixar de estabelecer o contraste entre os bracinhos do marido e os do "outro". Valverde quis beijá-la; ela fugiu com o rosto, azeda:

— Sossega!

O pobre esfregou as mãos:

— Ganhei no bicho!

Ela, nem confiança. Ligou o rádio; mas o seu pensamento estava cheio de orquídeas. De repente. Valverde, que fora lá dentro, reapareceu de calça de pijama e a camisa rubro-negra, sem mangas, que usava na intimidade. Fez, então, a pergunta:

— Recebeste as flores?

— Que flores?

— Que eu mandei?

Empalideceu:

— Ah, foi você?

E ele:

— Claro! Ganhei no bicho e já sabe!

A alma de Luci caiu-lhe aos pés, rolou no chão. Fora de si, não queria se convencer:

— Foi então você? Mas não é possível, não acredito! Onde já se viu marido

mandar flores!

Ele com os bracinhos de fora, os bracinhos de Olívia Palito, insistia que fora ele, sim, e explicou o anonimato das flores como uma piada. Quando Luci se convenceu por fim, deixou-se tomar de fúria. Cresceu para o marido, já acovardado, e o descompôs:

— Seu idiota! Seu cretino! Espirro de gente!

Acabou numa tremenda crise de pranto. Sem compreender, ele pensou na esposa do colega, que era infiel e, ao mesmo tempo, tão cordial com o marido!

22 - Pecadora

Quando viu o Chagas, no meio da rua, abriu os braços, numa efusão tremenda. Dando-lhe grandes e cordialíssimas palmadas nas costas, indagava, aos berros: “Como vai essa lua de mel?” O outro respondeu, na alegria do encontro inesperado: “Vai navegando! Vai navegando!” Amigos íntimos, de infância, não se viam desde o casamento de Chagas, dois meses atrás. E veio de Armando a sugestão: “Vamos comemorar o encontro.” Chagas tinha um compromisso para daí a pouco, mas o outro travou-lhe o braço; só faltou arrastá-lo:

— Deixa de ser besta! Vamos embora! Eu pago!

Chagas acabou aceitando. Entraram no primeiro café, abancaram-se numa mesa do fundo e pediram chope. E, então, no terceiro ou quarto copo, o Chagas, lambendo os beiços, começou:

— Sabe que foi um alto negócio eu ter te encontrado? — acrescentou, suspirando: — Estou numa situação dramática. Precisava me abrir com alguém, de confiança, fazer uma autêntica confissão!

Armando fincou os dois cotovelos na mesa, na expectativa de grandes confidências. Animou o amigo: “Mete lá!” Chagas pigarreou, lutando contra um derradeiro escrúpulo; baixou a voz: “Imagina tu a calamidade: arranjei uma pequena e...” O amigo o interrompeu, assombrado.

— Arranjaste uma pequena como? Conta este negócio direito. Não estás em plena lua de mel? Casadinho de fresco?

— Pois é, estou.

Armando deu um murro na mesa:

— Então, parei contigo! Isso é uma sujeira, que diabo! O fim do mundo!

Chagas, lambendo a espuma do chope, e fazendo uma patética autocrítica, concordava em que era uma sujeira, um papel vergonhoso. Gemia, desarvorado: “Caso sério!” E, então, após se saturar de chope, já com a sensibilidade moral embotada, Armando quis saber que tal a Fulana: “É boa?” Resposta frenética: “Espetacular!” E, na hora de pagar a despesa, o atribulado Armando desabafou: “Preciso chutar a cara.” Ao que o outro, num riso pesado e sórdido de ébrio, respondeu:

— Manda pra mim! Manda pra mim!

Grande ideia

No dia seguinte, à tarde, o Chagas irrompia pelo escritório do Armando. Logo de entrada foi avisando: “Olha: jantas hoje com a gente.” Armando que, na véspera, já faltara a um compromisso, quis resistir: “Hoje não posso. Fica para outro dia.” Mas o Chagas tiranizava, desde os tempos da meninice, aquele amigo:

— Pode, como não? Já avisei à minha mulher. Quero te apresentar à minha cunhada.

O outro, vencido, coçava a cabeça: “Você é de amargar, hein?” Foram, juntos, de táxi: e, no caminho, Chagas trovejou: “Você é uma besta!”

— Por quê?

— Evidente! Um sujeito, da tua idade, devia estar arquicasado! O casamento é a grande solução! Estás perdendo tempo e bancando o palhaço!

Armando riu, meio cético:

— Às vezes.

— Sempre! Sempre! É outra coisa! Falo de cadeira!

Quando chegaram na casa do Chagas, este foi enfático. Apresentou Armando à esposa nos seguintes termos:

— Tomem nota: este é o melhor sujeito do mundo. Por esse cara, ponho a minha mão no fogo.

Confiança

Desde o primeiro momento, Armando se sentiu, ali, como em sua casa. Criou-se instantaneamente entre ele e Dora (esposa de Chagas) e Lucila (cunhada) uma intimidade cheia de confiança, quase terna. Dora foi dizendo: “Meu marido só fala em você.” Ao apresentar Lucila, Chagas diria:

— É ou não é um biju?

E Armando:

— Lógico!

Depois do jantar e do cafezinho, Chagas arrastou a mulher para o corredor:

“Que tal o Armando?” Dora admitiu: “Simpático.” E Chagas, num entusiasmo total:

— Não te disse? Batata! E olha: sujeito decentíssimo. Não vejo partido melhor pra tua irmã. Um achado!

Mas a mulher, reticente, sugeriu uma hipótese possível: “E se ela não gostar?” O outro protestou, veemente: “Ora essa! Não gostar por quê? Vai gostar sim! Aposto contigo!” Quando os dois voltaram, encontraram Armando e Lucila entretidos numa conversa imensa. Chagas piscou o olho para a mulher, como quem diz: “Tiro e queda!”

O romance

Foi um romance meio a muque. Todos os dias Chagas telefonava para o amigo: “Contamos contigo para o jantar.” E Armando, sem forças para resistir, dizia: “Não quero abusar. Tua mulher pode não gostar.” Chagas exagerava: “Vai te catar, vai. Pois se ela e minha cunhada fazem questão!” De vez em quando, inventava: “Olha: Lucila acaba de me telefonar perguntando se não ias lá hoje. Eu disse que sim.” E, um dia, Lucila, enfezada, foi ao escritório do cunhado. Interpelou-o, violenta: “Que negócio é esse?” Ele, pálido, perguntou: “Como?” E a pequena veemente: “O que é que você está tramando?”

— Eu?

— Você, sim! Ora veja! Afinal, quem é que escolhe o meu marido, hein? Você ou eu mesma? Que graça!

Chegara o momento de uma explicação que não podia ser mais adiada. E, então, com o máximo de autocontrole, ele fechou a porta à chave e veio se sentar ao lado da moça. Usou a sua voz mais doce e foi, de fato, de uma ternura cheia de humildade.

Começou assim:

— Presta atenção: não percebeste, ainda, que teu casamento é um grande golpe, um golpe espetacular? Pensa um pouco, pensa!

Ela o interrompeu, agressiva: “Ora, não amola! Golpe como?” Chagas desenvolveu o seu raciocínio: “Mas evidente! Mais cedo ou mais tarde você teria de casar. Não é mesmo? E é melhor que seja com o Armando, que é um bom sujeito, em vez de ser com um cafajeste.” Ela, pensativa, não sabia o que dizer. Fez a pergunta: “Isso não é um chute que você está me dando?” Chagas dramatizou:

— Pelo amor de Deus! Não faça esse juízo de mim! — baixou a voz: — Tu sabes, não sabes? Que és tudo para mim? — repetiu, com os olhos marejados: — Tudo!

Amor

Sem querer, sem sentir, Armando foi envolvido. Houve um momento em que, desconcertado, procurou o Chagas. Era uma boa alma, de uma ingenuidade desesperadora. Admite para o outro a sua perplexidade: “Não há dúvida que eu gosto muito de tua cunhada. Mas será isto amor?” Chagas bateu nas costas, cínico:

— Se isso é ou não é amor, só Deus sabe. Mas uma coisa te digo: casamento não tem nada a ver com amor. E nem se deve amar a própria esposa. Não é negócio e só dá dor de cabeça. Compreendeste?

Essas ideias, que o desconcertavam pelo cinismo, faziam Armando sofrer. Chagas continuava: “A esposa é a companheira, a sócia.” Em suma: só faltou dizer que só a rua, e não o lar, era compatível com o amor. Mais tarde, com Lucila, Chagas esfregava as mãos de contente: “O Armando está indo que nem um patinho. Não enxerga dois palmos adiante do nariz. Qualquer conversa meio confusa o convence.” Fazia projetos:

— Quando tu casares, eu estarei lá rente que nem pão quente. Acabo sendo o padrinho de vocês.

Olhava a cunhada: “Que vontade de chupar esses peitinhos!”

O padrinho

E, de fato, quando fez o pedido oficial, Armando virou-se para o amigo: “Eu e Lucila fazemos questão que tu sejas o nosso padrinho.” Nessa altura dos acontecimentos, o pobre Armando perdera as dúvidas anteriores. Acreditava-se apaixonado. Uma vez por outra, perguntava ao Chagas:

“E aquele teu caso?” O outro, cheio de si, mentia: “Dei um chute naquela cara.” E ria, piscando o olho:

— Imagina a calamidade — duas luas de mel, ao mesmo tempo. Isola! E tudo correria no melhor dos mundos, se, às vésperas do casamento, Lucila não começasse a ficar triste. Suspirava pelos cantos. E, um dia, a sós com o Chagas, teve uma explosão: “Acho horroroso trair um homem!” Era este, de fato, o seu drama, esta a sua crise. E dizia: “Não sei se terei essa coragem...” Chagas acabou perdendo a paciência; foi até brutal:

— Que tanto escrúpulo é esse? — e completou, incisivo: — Trair o marido não é pior do que trair a irmã!

Lucila, então, num desespero maior, gritou: “O marido não me interessa! O que eu não queria era trair você!”

Agarrou-se a ele; apertou entre suas mãos o rosto do rapaz: “Será que eu te posso trair, meu anjo?” E ele, tocado por esse amor, desorientado, balbuciava:

— É preciso! É preciso! — e argumentou: — É para nosso bem!

As núpcias

Na véspera do casamento, temeroso de que ela fraquejasse, o Chagas sussurrou: “Depois que tiveres um marido, vai ser um chuá pra nós!” Chegou o dia. Muito linda, Lucila casou-se no civil e no religioso. E veio, de noiva, para a casa, no automóvel iluminado, com o comovido Armando. Finalmente, quando se viram sós, na casa silenciosa, e o noivo quis beijá-la, ela se desprendeu, com violência. Recuou gritando:

— Não me toque! Não me toque! — torcendo e destorcendo as mãos, dizia: — Eu quis ser de dois, mas não posso, não está em mim!

Meia hora depois, a chamado do marido, Chagas e Dora compareciam. Lucila, é claro, escondia, ferozmente, a identidade do outro. Trancaram-se as irmãs numa sala. E vendo que não extorquia o nome, Dora deu-se por satisfeita:

— Eu não te condeno! Tua atitude é linda! — repetiu: — Linda!

23 - Cemitério de bonecas

Tinha 45 anos e usava ceroulas, dessas que se amarram nas canelas, com duas voltas. Cumprimentava todo mundo, sem distinção de classe, idade ou cor. Essa cordialidade indiscriminada impressionava muitíssimo. Dizia-se dele, de uma maneira entusiasta e unânime:

— Aquilo é um santo!

E ele:

— Faz-se o que se pode! Faz-se o que se pode!

Não podia ver uma criança que não tirasse um níquel do bolso, que não fizesse festinhas no rosto. E essa tendência para os pequeninos era mais que uma simples ternura; era uma espécie de doença, de mania. Se, por acaso, via uma senhora batendo no filho, promovia um comício: “Mas não faça isso, minha senhora! Não é batendo que se educa!”

A mãe, reacionária, explodia:

— Criança precisa apanhar!

Ele perdia a compostura:

— Quem precisa apanhar são os adultos! Sim, minha senhora, os adultos, únicos responsáveis por este belo mundo de crimes, adultérios e atropelamentos! E fique sabendo: nós, marmanjos, devíamos aprender com as crianças!...

Dr. Basílio

Chamava-se Basílio e era doutor. Uma simples dor de dentes de criança, ou de ouvidos, o atormentava mais do que a morte de um adulto. E nada o comovia mais do que encontrar um órfão. Fazia, então, as indagações intermináveis:

— Órfão de quê?

— De mãe.

E se era de pai e de mãe, comovia-se até as lágrimas. Tinha uma úlcera no duodeno. Sua piedade pelos pequeninos se refletia, diretamente, na lesão. Por fim, já o desamparo dos órfãos o afligia como um problema pessoal. Um dia, acordou de olho aceso e lábio trêmulo: “Tive um sonho...” Tremia, ao referir o fato, como se uma febre o consumisse. Alguém pediu:

— Conta, conta!

Sonhara que uma voz o induzia a sair, pelo mundo, em prol das crianças órfãs do Brasil. Os amigos, assustados, inclinaram-se a ver, ali, um sintoma de insanidade mental. Houve um, mais íntimo e confiado que os demais, que sugeriu: “Você precisa casar! Olha: eu conheço uma viúva daqui!” Mas já o destino do dr. Basílio estava traçado. Em casa, na repartição, no bonde, gemia: “Como é que eu não pensei nisso antes?” Pediu demissão do ministério, do qual era chefe de seção. O ministro admirou-se:

— Mas que foi que houve, dr. Basílio? Aborreceu-se?

E ele, sóbrio, mas irredutível:

— Sr. ministro, cansei-me de ser um inútil, um egoísta. Vou dedicar minha vida às criancinhas.

No corredor sozinho, depois da conversa com o ministro, o dr. Basílio abriu os braços e murmurou, com as lágrimas caindo, de duas em duas, pela face:

— Vinde a mim os pequeninos!

Desde o próprio ministro até os serventes, todos foram categóricos:

— O velho está tantã!

Mas dr. Basílio estava convicto de que chegara o momento de cumprir sua grande missão terrena. Tinha dinheiro no banco e tratou de movimentá-lo. Dias depois, alugava um casarão na Tijuca, de salas e quartos imensos, porões habitáveis, varanda fresca e larga. Na frente, havia um jardim inculto, com dois ciprestes, finos e fúnebres, em cada lado do portão; nos fundos, um quintal

imenso, cheio de árvores, inclusive uma jaqueira. O velho esfregou as mãos:

— Ótimo! Ótimo!

Ele próprio, com suas calças listradas de vinco impecável, dirigiu os trabalhos de reforma. De vez em quando, descobriam, no corredor escuro ou no banheiro, algum escorpião, alguma lacraia. No fim de 15 dias, aquele prédio, do tempo de d. João Charuto, estava, no dizer do novo proprietário, “um brinco”. Por outro lado ele tomava todas as providências práticas para instalação, ali, de um educandário de órfãs. Andando de um lado para outro, com ar de inspirado, sacudindo ambos os braços, ele vociferava:

— Aqui, senhores, as órfãs terão um novo lar!

O santo

Já então não havia mais dúvida possível — o dr. Basílio não era, como erroneamente se supôs, um velho tantã. Inesperadamente, fazia gelar a ironia do mundo, com a sua doçura sem igual. Dir-se-ia um santo. E fora mais coerente com esta condição um par de sandálias. Mas um homem tão superior tinha, como vaidade única e desculpável, umas polainas inatuais, que usava, obstinadamente. Mas seus gestos, suas inflexões, traíam a dignidade dos seus desígnios. Num instante, de um dia para outro, aquela casa encheu-se: quarenta órfãs! Um dia, apareceu um menino, surdo-mudo. Dr. Basílio, num misto de ternura e intransigência, declarou:

— Nós, aqui, só aceitamos meninas.

Era um ponto de vista da maior circunspeção. Alegava o dr. Basílio que a convivência entre os dois sexos é "abacaxi". Foi mais claro, quando acrescentou: "Acaba em bandalheira." Achava o sexo uma coisa vil. O surdo-mudo teve de voltar, com as mãos abanando. E no "Asilo Dr. Basílio" as crianças sem pai, sem mãe, encontravam todo um ambiente de lar, de família. De vez em quando, fotógrafos e repórteres apareciam por lá. Tiravam retratos de todo mundo, inclusive do dr. Basílio e da diretora, uma d. Emília, ex-parteira, gorda e cheia de varizes. E o velhinho tinha iniciativas verdadeiramente espetaculares: convidava os jornalistas e os fotógrafos para comerem na mesma mesa que as internas. Pedia desculpas:

— Hoje até que a comida não está muito boa!

O repórter, estalando a língua, protestava:

— Está ótima! Espetacular!

De fato, por coincidência ou não, o fato é que as visitas jornalísticas calhavam com os cardápios mais impressionantes: galinha ao molho pardo, imaginem! A sobremesa era compota de pêssegos ou, nos dias mais pobres, goiabadas com catupiri. Na saída, o jornalista ia com a seguinte impressão secreta:

— Esse pessoal tem um vidão!

A glória

As reportagens foram saindo nos jornais, com abundante ilustração fotográfica. Havia uma circunstância que jamais deixou de ser lembrada: o dr. Basílio renunciara, franciscanamente, a um emprego público nababesco, para se dedicar à sua missão. O velho não parava: cercado de respeito, saía, de porta em porta, angariando donativos. Fazia um gesto, explicando:

— Aceitamos qualquer contribuição.

A partir de dez tostões, tudo servia. Queriam saber detalhes que ele ia fornecendo, abundantemente. Fazia questão de esclarecer que "não morava lá". Por quê? E ele:

— Mas evidente! Lá é um lugar cheio de meninas. Que diriam de mim?

E o interlocutor:

— Ninguém desconfiaria do senhor!

O velho suspirava:

— Quem sabe?

Todos os dias, às sete horas da noite, o dr. Basílio, com a pasta debaixo do braço, saía, ostensivamente, do estabelecimento. Vinha pela calçada, prodigalizando cumprimentos a todo mundo, inclusive desconhecidos. Tinha a mania de dizer que os desconhecidos também são filhos de Deus. À sua passagem, as senhoras, à janela, suspiravam: "Quando morrer, vai diretinho para o céu!" Graças à imprensa, a opinião nacional estava crente de que o dr. Basílio era um desses homens, tão raros, tão raros, que já caíram em desuso e não existem mais. Um dia, porém, em plena madrugada, toda a rua ouviu gritos, que partiam do "Asilo". Que foi? Que não foi? Bateram lá. Então, apareceu, com um candeeiro de querosene na mão, a diretora; explicou:

— Foi uma menina, que foi mordida por um escorpião. De manhã, o dr. Basílio confirmou:

— Esse negócio de casa velha é o diabo! Espeto!

O cemitério

O modelar educandário alcançara, então, seu décimo ano de vida. Tinha subvenções do Governo, o diabo. A correspondência do dr. Basílio parecia de cantor de rádio. E ele vivia, assim, tranquilo e glorificado, quando um jornalista de escândalo publicou uma reportagem, anunciando, entre outras coisas: que o "Asilo Dr. Basílio" era uma arapuca e que a d. Emília não passava de uma sinistra "fazedora de anjos", etc., etc. O santo velhinho teve um desgosto medonho; mergulhou numa tristeza irremediável. E, numa tarde, mordido nos calcanhares pela ingratidão humana, teve um colapso e morreu. Armaram a câmara-ardente na sala principal do educandário; o corpo foi exposto à visitação pública. Às dez horas da noite, quando era mais intensa a afluência, ouvem-se gritos, no fundo do corredor. D. Emília, vestida de preto, ergue-se e avisa: "Não foi nada! Não foi nada!" Mas os gritos continuaram; o corredor foi invadido. Abre-se, então, uma porta: uma das internas surge, anda, cambaleia, encosta-se na parede. E, por fim, cai. Os presentes espiam o rastro de sangue, percebem a hemorragia medonha. É uma mocinha, de 15 anos, talvez; olha para os estranhos e geme:

— Foi ele! Foi ele!

Parece indicar a sala, onde está exposto o cadáver. O velório foi abandonado; ninguém se interessa mais pelo morto. E um mensageiro, que viera trazer uma coroa, pasma, no corredor, para o desperdício de sangue. Levaram a pequena para um quarto; alguém telefonou para a Assistência. E ela, agonizando, contava que fora o dr. Basílio, sim... No corredor, uma das internas, com o vestido azul, de fazenda ordinária, gritava: "Eu também! Eu também!" Foi um alarido infernal. Uma delas chamava e corria para o fundo do quintal. Num instante, as moças cavam com as próprias mãos. Então, foram aparecendo os pequenos esqueletos tão frágeis e pequenos como se fossem bonecas. E o dr. Basílio era o pai múltiplo e implacável. O anjo mais recente fora enterrado naquele dia mesmo. Como era de cinco meses, menorzinho ainda que os outros, d. Emília o enterrara dentro de uma caixa de sapatos. Quando se destampou a caixa, lá estava ele, o anjo, nu e roxinho.

24 - Unidos na vida e na morte

Era bonitinha, embora enjoativa. Asdrúbal a viu, pela primeira vez, numa festa, em casa de família. Perguntou ao Penaforte:

— Conheces aquela cara?

— Qual delas?

— A de verde. Conheces?

Penaforte, que se dava com todo mundo, identificou-a:

— Conheço. Chama-se Odete. Boa pequena, mas tem um defeito.

— Qual?

E o outro:

— Gruda como carrapicho. Não larga mais o sujeito. Abre o olho.

Embora advertido, Asdrúbal deixou-se iludir pela aparência, realmente simpática, da garota. Era jeitosa de corpo e de rosto. Ao primeiro ensejo, tirou-a para dançar. Pronto. Até o fim da festa, não se separaram mais. E quando Asdrúbal se despediu, às duas horas da manhã, tinha o endereço, o telefone da menina e um encontro marcado para a tarde. Penaforte, que saiu com o rapaz, bocejou:

— Que tal?

Asdrúbal resumiu:

— Mais ou menos.

Amor

A verdade é que ele gostara dos modos, ideias e sentimentos da pequena. Adiante, baixa a voz para o amigo, no desabafo sórdido:

— É o que eu chamo um rabinho premiado!

Ao cair da tarde, tiveram um primeiro encontro. No dia seguinte, foram a um cinema, ver uma fita de mocinho. Uma semana depois, Asdrúbal procura Penaforte no emprego. Senta-se, puxa um cigarro e faz a síntese:

— Estou cheio!

Penaforte não entende:

— Cheio de quê?

Acende o cigarro e começa a confidência:

— Da Odete. É um chute, compreendeu? Um autêntico chute! Já não aguento mais!

Penaforte acha graça:

— Não te disse? Batata!

Asdrúbal ergue-se. Anda de um lado para outro, numa amargura medonha, ao mesmo tempo que descreve a sua tragédia:

— O pior, o patético é que é uma flor de pequena, o anjo dos anjos, mas chata, coitada! Faz tudo o que eu quero, nunca diz não, é capaz de se atirar debaixo de um bonde por minha causa. Eu quero acabar com o negócio, mas não tenho um pretexto, não encontro um motivo. Dá um palpite. Devo fazer o quê?

O outro coça a cabeça, incerto:

— Sei lá, rapaz! Talvez o golpe seja inventar um troço, pregar uma mentira bem cabeluda.

— Como? Como?

O amigo explica:

— Uma mentira que torne impossível o romance. Odete é uma menina séria, direita e outros bichos. Você diz que é, por exemplo, casado. Uma pequena como Odete não topa homem casado, evidentemente. Pronto! E o namoro acaba!

Asdrúbal, que se sentara, ergue-se, de novo. Esfrega as mãos:

— Boa ideia! Vou aplicar essa chave!

A grande pequena

Quando saiu, para se encontrar com a garota, ia certo de que a sugestão do Penaforte era genialíssima. Não lhe ocorreu pensar no choque, na desilusão brutal de Odete. Queria ver-se livre de um namoro que, passado o encanto das primeiras 48 horas, o enchia de um tédio, de um aborrecimento, de um desinteresse mortal. Mas quando a viu, mais terna do que nunca, mais abandonada, indefesa, teve um breve escrúpulo. Acabou, porém, dominando a própria consciência. Suspira:

— Sabe que esse vai ser o nosso último encontro?

Assombra-se:

— Por quê?

E ele, vermelho da mentira cruel:

— Pelo seguinte: eu sou casado, percebeu? Casado e... — continua, gaguejando: — Seria uma indignidade da minha parte continuar iludindo você... Você, naturalmente, não há de querer namorar um homem casado... Não é mesmo?...

Silêncio. Asdrúbal arregala os olhos, espiando a reação. Súbito, Odete vira-se para ele; apanha entre as suas as mãos do rapaz. Num desvario, diz tudo:

— Eu quero você e não o casamento. Meu problema é amor, é amor!

Asdrúbal não diz nada, apavorado. Ela continua, com a cabeça recostada no ombro do namorado, chorando baixinho:

— Se você puder casar comigo, muito bem. Se não puder, paciência. Preciso de você, do seu carinho!

Num desconforto monstruoso, ele pigarreia:

— E os outros? Que dirão teus parentes, teus conhecidos, teus vizinhos?

Odete, no seu heroísmo de apaixonada, parece desafiar o mundo: “Não me interessam os outros. Interessa você, só você e mais ninguém!” Treme, ao dizer isso, como se uma súbita maleita a acometesse. E, de repente, une-se a ele, num arrebatamento que o intimida e consterna:

— Quero de ti apenas o seguinte: que tu digas, agora, neste momento, que gostas de mim. Não precisa ser muito. Um pouquinho que seja. Fala! Gostas um tiquinho de mim? Gostas?

O pobre-diabo capitula e concede:

— Um tiquinho, gosto.

Foi o bastante. Ela se crispa, num desses frêmitos que eletrizam uma mulher:

— Obrigada, meu anjo! — chora de felicidade: — Pra mim, esse tiquinho é muito, é tudo, ouviste?

O torturado

Deixou-a na porta de casa e partiu, fora de si. Caminhando, dentro da noite, falava sozinho: “Essa é a maior! A maior!” Às dez horas da noite, vai bater na porta do Penaforte. Por acaso, o amigo, gripado, recolhera-se mais cedo. Asdrúbal esbraveja:

— O tiro saiu-me pela culatra! Estou mais cedo amarrado. — Asdrúbal esbraveja.

Metido num pijama de não sei quantas cores, às voltas com uma coriza inexaurível, Penaforte permitiu-se um humor sinistro:

— Estás frito! E só tem um jeito: Emigra, rapaz, para a China, a Conchichina, o diabo que te carregue!

O outro, porém, estava num desespero sincero e profundíssimo:

— Vou te dizer o seguinte: a convivência com certas mulheres produz o câncer! Não é blague, não. É batata! E se eu continuar com essa pequena, vendo essa pequena, conversando com essa pequena, vou acabar com câncer ou, no mínimo, com úlcera! Escreve!...

O anjo

A princípio, Penaforte não levou a sério a angústia do amigo. Calculou que Asdrúbal exagerasse para fazer graça. Uns 15 dias depois, porém, encontra-o na avenida numa depressão pavorosa. Penaforte o interpela: “Como é? Acabaste o namoro?” A resposta foi um fundo gemido: “Pois sim!” Sentaram-se os dois, num bar, e Asdrúbal desfiou as suas provações: “Sou um vencido! Um miserando!” Penaforte, curioso e impressionado, indagou:

“E a pequena?” O outro ri, sordidamente:

— A Odete continua cada vez mais cada vez. Não tem um defeito, uma falha, nada. É a única pequena perfeita, cem por cento, batata. E já me convenci do seguinte: não conseguirei, nunca, chutá-la, nunca!

Penaforte quis chamá-lo à ordem:

— Espera lá! Também não é assim! Ninguém é obrigado a namorar, ninguém, carambolas! Desaparece, some!

Soluçou:

— Não posso! Ela iria atrás! Ela me perseguiria até os confins do quinto inferno!

Solução

E, de fato, Asdrúbal não fazia nada que ela não soubesse ou não controlasse. Durante o dia, Odete submetia-o a um implacável cerco telefônico. Chegara ao cúmulo de telefonar, certa vez, para sua casa, às quatro horas da manhã. E se ele a tratava mal, quase a pontapés, ela se fazia mais doce, meiga e humilde do que nunca: “Não precisa que me ames, basta que eu te ame.” Esse amor incondicional, esse fanatismo de mulher produzia, nele, um colapso de vontade. Diante dela sentia-se um indefeso, um derrotado. Não podia vê-la sem que seu estômago se contraísse. E negava qualquer carícia à pequena. Mas Odete, cada vez mais enamorada e submissa, sussurrava: “Não faz mal, não faz mal.” Até que ele caiu doente, muito doente. Vendo, em torno de si, caras assustadas, lágrimas, desconfiou. Tanto insistiu e tanto atormentou o médico que este acabou dizendo a palavra e a doença: “Câncer.” Então, Asdrúbal crispa-se no fundo da cama, numa euforia hedionda:

— Oh! Graças, graças!

Via a morte como uma liberdade. Morrer era ficar sozinho, livre de Odete, livre de seus carinhos, livre. Enganava-se, porém. Na véspera de sua morte, tinha um restinho de lucidez. E, então, Odete debruça-se sobre ele, para dizer: “Estás vendo esse frasquinho? É veneno. Morrerei contigo.” Devorado pela febre, Asdrúbal já não raciocinava direito. Imagina uma dupla morte, dele e dela, um caixão e um túmulo também duplos, onde apodreceriam juntos, assim unidos na vida como na morte. Morreu com esse pavor.

25 - O castigo

Estava ruim de saúde. Queixava-se de excitações, vertigens e dores de cabeça e uma série de outros sintomas desagradáveis. Os amigos, os parentes e até o patrão aconselharam:

— Você precisa se tratar. Por que não vai ao médico?

Ele acabou indo, de carona. O doutor fez todos os exames possíveis e imagináveis. No fim, concluiu:

— O negócio é o seguinte: faz um exame de sangue. Teu mal é sífilis, rapaz. Tens sífilis até na alma.

Ora, como todo cliente carona, era mal-agradecido. Saiu dali esbravejante: “Mas que zebu! Que animal! De qualquer maneira, como continuasse nervoso, com angústias misteriosas, armou-se de paciência, fez o tal exame e voltou com o resultado, ao médico. Este passou a vista e exultou:

— Não te disse? Batata! Teu sangue é um cemitério, rapaz!

Ele empalideceu:

— No duro?

— Claro! Olha só. Viste?

— De amargar!

E o médico, subitamente grave:

— Você vai ter que se tratar, direitinho. Vai tomar essas injeções todas. Tem quem aplique?

— Só vendo.

O médico explodiu:

— Só vendo, uma ova! Estou falando sério. Olha que você acaba no hospício!

O maluco

O fato é que o médico dramatizou tanto que Odésio saiu, de lá, impressionado. Não tinha dinheiro; foi ao patrão, que era um santo homem, mostrar a receita. O patrão não teve dúvidas:

— Passa no caixa e faz um vale. E, querendo, fica em casa uns dias. Com a saúde não se brinca.

Levou Odésio até a porta do gabinete; repetiu:

— Em primeiro lugar, a saúde.

Do escritório, Odésio rumou, amargurado, para a primeira drogaria. Enquanto era servido, pôs-se a pensar: “Todo mundo tem sífilis e ninguém se trata. Estão me fazendo de palhaço.” Pagou a conta, apanhou o embrulho e saiu. Mas ia resmungando, interiormente: “Esse negócio de injeção é muito chato.” Sem querer, começou a reexaminar a hipótese de loucura, com que o doutor o ameaçara. Achou, na situação, uma graça triste: “Imagine eu, maluco, rasgando dinheiro.” Então, não tendo para onde ir, pensou numa visita à casa de Abelardo. Àquela hora, a mulher do amigo estaria sozinha. Odésio coçou a cabeça, temeroso de uma inconveniência. Mas como se sentia, para todas os efeitos, doente, e grave, decidiu-se: “Vou lá, sim.” Tomou um lotação e, no caminho, já achava um alto negócio uma doença que permitia aquela visita à Laurinha, na ausência do marido. Lembrou-se da última vez em que a vira. Suspirou no lotação: “A besta do Abelardo não sabe a mulher que tem!”

Laurinha

Sempre que via Laurinha tomava um choque. Na sua ilusão de apaixonado, tinha a ideia de que de dez em dez minutos ela ficava mais bonita. Pareceu espantada, ao vê-lo, àquela hora; mas fez o convite formal:

— Entre, entre!

Ele foi entrando, perturbadíssimo. Laurinha, que fizera na cabeça uma espécie de turbante, explicou:

— Acabei de tomar banho e lavei a cabeça. Mas sente-se. Então, como vamos?

Odésio desabou na primeira poltrona. Exagerou:

— Vou muito mal, muito mal.

— Por quê?

E ele:

— A pior saúde do Brasil é a minha. Vim do médico, agorinha mesmo. Está vendo esse negócio aqui?

— Remédio?

— Pois é. O médico disse que ou eu me trato ou acabo no hospício.

— Nem brinca!

— Sério!

E ela, que tinha uma pequena toalha nas costas, por causa dos cabelos molhados, animou-o:

— Qual o quê! Os médicos exageram muito!

Vendo aquela moça tão linda e próxima, cheirosa do banho recente, ele fez uma reflexão, que, de momento, parecia uma blague:

— Sabe que, às vezes, o maluco tem suas vantagens?

— Deus me livre!

Odésio insistiu na pilhéria:

— Claro! A loucura pode ser um alto negócio! O louco é o sujeito mais livre do mundo. Pode fazer o diabo, sem dar satisfações a ninguém. Está acima da justiça de Deus e dos homens. Um negocião!

Laurinha ria:

— Que horror!

E ele:

— Mas é ou não é? No duro que é! Queres ver uma coisa? — baixou a voz sem a desfitar: — se eu fosse louco, sabe o que podia fazer agorinha, neste momento? Segurar você, beijá-la e... Compreende? E seríamos ambos inocentes...

Durante alguns momentos, olharam-se apenas. Laurinha surpresa e com um certo mal-estar. Ele já não aceitava a própria blague como tal; rompia das profundezas do seu ser, o desejo, o sonho de enlouquecer. Laurinha balbuciou: “Não brinca assim, que Deus te castiga!”

E, então, diante da pequena atônita, ele teve um gesto espetacular e desagradável. Rápido, apanhou o embrulho de injeções em cima da mesa e o atirou pela janela. Laurinha exclamou: “Que bobagem!” Já de saída, ele explodiu:

— Não vou me tratar coisa nenhuma. Quero ver como se fica louco. Até logo, Laurinha.

O sono

Pouco depois, a pequena, sozinha, enxugando os cabelos fazia o comentário interior: “Esse Odésio é uma bola!” E não pensou mais nele. A partir de então, a vida do rapaz mudou por completo. Todas as manhãs, já sabe: acordava com uma dor de cabeça medonha. Pediu licença no emprego, sua existência passou a ser uma vadiagem confortabilíssima. Nada o fascinava mais do que a ideia de se subtrair das justiças humana e divina através da loucura. A perspectiva da impunidade absoluta o deslumbrava: “Vou poder fazer tudo, tudinho!” Ele próprio já não sabia o que era falso e autêntico nos seus gestos e palavras. Fazia sucesso, no café, com os amigos, ao anunciar a um e outro: “Vou ficar maluco.” Esfregava as mãos vitorioso:

— Sífilis, rapaz! No último grau!

A princípio achavam graça. Ele, então, argumentava! Tornava-se exaltado e polêmico. Seu raciocínio impressionava os pobres rapazes, jogadores de sinuca, torcedores de futebol, ou, ainda, sujeitos que viviam sonhando com corrida de cavalos: “Vocês são uns bestalhões! Não podem fazer nada, têm medo de tudo! Eu posso! Por exemplo: eu gosto de uma boa. E qualquer dia, vocês vão ler meu nome nos jornais!”

Apaixonado

Os amigos mais sensatos ponderavam: “Acaba com isso. Estás bancando o palhaço!” Ele replicava: “Pois sim!” As dores de cabeça não o largavam mais. Encharcava-se de comprimidos. No café, tomando guaraná, parecia envaidecido da própria astúcia: “Foi uma ideia genial, que eu tive!” Um mês depois, foi bater na casa de Abelardo, numa hora em que ele não podia estar. Quem atendeu de quimono, chinelinhas de arminho, foi a própria Laurinha. Assim que o reconheceu, fez a pergunta alegremente:

— Já ficou maluco?

E ele, no mesmo tom:

— Já.

Ela suspirou:

— Você é um número, Fulano! Uma bola!

Amarrou a cara:

— Acha?

— Então, não é?

Foi essa euforia irresponsável que a perdeu. Ele se irritou de vê-la tão linda e frívola, quase ordinária. Ergueu-se apertou entre as mãos o rosto da moça e a beijou, várias vezes, na boca. Laurinha, branda, balbuciou: “Que é isso? Não faça isso!” E ele, num surdo sofrimento: “Enlouqueci... Estou louco...” Queria dizer que uma mulher pode beijar um louco sem pecar. Aquilo era tão inesperado e brutal que a moça já começava a experimentar uma certa volutuosidade. Súbito, as mãos de Odésio desceram e se fecharam sobre aquele pescoço de mulher. Teve uma sensação muito remota de que a estrangulava. Viu como Laurinha se tornava feia, roxa, os olhos brancos, umas bochechas de máscara de carnaval. Uma das chinelinhas estava tombada, outra mais adiante e os dois pés, livres e nus, apareciam com pequenas veias em relevo. Pronto. Ela estava morta a seus pés. Então, gritou. Foi preso, arrastado, e houve quem lhe cuspisse na cara. Mas ele estava numa calma apavorante. Frio. Essa impossibilidade de sofrer foi seu castigo.

26 - A mão esquerda

Uma coleguinha de escritório sugeriu a hipótese: “Vê lá se é casado, vê lá!” Estava fazendo uma verificação de contas na máquina de somar. Tomou um susto:

— Casado?

E a outra, coçando a cabeça com o lápis:

— Quem sabe? E tudo é possível, compreendeste? Sabe como é.

Até o fim do expediente, Aída ficou com aquilo na cabeça. Conhecera há quatro dias o seu novo namorado. Era uma menina afetiva, ou, como ela própria dizia, “romântica”. No fim do terceiro encontro, estava apaixonada. Mas nunca, em momento nenhum, lhe ocorrera a hipótese de que Lauro pudesse ter um compromisso. A sugestão da amiga apavorou-a. Depois do serviço, foi encontrar-se com o rapaz. E perguntava, de si para si: “Será?” Ele a esperava, como das vezes anteriores, na esquina da rua México com Araújo Porto Alegre. Saudou-a com alegre carinho:

— Como vai essa figurinha difícil?

A mão esquerda

Desceram a rua México, a caminho do bonde, que costumavam apanhar na Sete de Setembro. Caminhando ao lado de Lauro, tratava de verificar se ele usava ou não aliança. E até o momento de subir no bonde, continuava na mesma, porque o rapaz não tirava, do bolso, a mão esquerda. Fizeram a viagem conversando. Todavia, Aída parecia distraída, triste e inquieta. Dizia, de si para si: "Está escondendo a mão!" Na altura do Estácio, ela não resistiu. Vira-se para Lauro, põe a mão no seu braço e pergunta:

— Queres me fazer um favor?

— Dois.

Ela, baixo e sôfrega, pede:

— Mostra a tua mão esquerda, mostra!

Admirou-se:

— Pra quê?

Teimou:

— Eu quero! Mostra!

Pausa. De perfil para a pequena, atônito, ele estava de todas as cores. Por fim, respondeu:

— Não posso — mas logo retificou: — Agora, não. Depois te mostro. Quando a gente descer.

Aída balbucia:

— Ora veja!

Surpresa

A seu lado, em silêncio, ela pensava: “No mínimo é casado!” E não lhe ocorria o expediente, que tantos usam, de tirar a aliança, de embolsá-la ou, simplesmente, de não usar aliança. Fizeram o resto da viagem em silêncio. Quando saltaram, na Saens Peña, Aída cobrou a promessa. Atravessaram a rua em direção à praça. E, lá, a pequena exigiu: “Agora, mostra. Quero ver. Mostra.” Lauro continua com a mão no bolso. Durante alguns momentos, os dois se olham, calados e expectantes. Lauro baixa a cabeça:

— Sinto, mas não posso.

Rápida, ela pergunta:

— És casado? Responde! És casado? Sim ou não?

Balbucia:

— Não. Claro que não. Por que casado? Que ideia!

Na sua angústia, ela insiste:

— Jura que não estás escondendo a aliança?

E ele, respirando fundo:

— Juro.

O mistério

No dia seguinte, ao chegar no escritório, ela requisita a coleguinha. Conta-lhe o incidente da mão no bolso. A outra foi sumária: “Você bobeou, minha filha!” Espanto de Aída: “Eu?” A outra explica:

— Evidente. Isso é mais que suspeito. Você não vê que não tem cabimento? Esconder a mão por quê?

Sim, raciocina: por quê?

Admitiu:

— Sou uma errada.

Então, a outra inclina-se sobre a mesa; propõe: “Faz o seguinte: exige que ele te mostre a mão. É o golpe. Tu não és palhaça de ninguém, ora, bolas!” Pouco depois, as duas concordam num ponto: se ele fosse realmente casado, podia, já prevenido, retirar a aliança. A coleguinha teve um muxoxo: “Caso sério!” Após o expediente, Aída encaminha-se para o local do encontro. A distância, viu o rapaz, em pé, junto do poste, e com a mão esquerda no bolso: “Outra vez!” foi seu comentário interior. Na sua irritação, aproxima-se e, antes de qualquer cumprimento, diz-lhe:

— Das duas, uma: ou tu mostras tua mão, ou, já sabes, não falo mais contigo. Não compreendo essa tua mania, francamente.

Lauro vacila, resiste: “Eu te mostrarei depois.” Ela agarra-se ao namorado: “Ou agora ou nunca.” Pausa. Agoniado, ele não entende: “Por que essa insistência? A troco de quê?” E numa angústia maior, pergunta:

— E se eu te disser que não te mostrarei a minha mão, nem agora, nem nunca?

Aída o encarou, grave, irredutível: “Nesse caso, eu acabo com tudo. Escolhe.” Novo silêncio. Afinal, ele diz a última palavra:

— Não mostro. Não devo mostrar.

A pequena respira fundo: “Então, paciência. Adeus.” Sem estender a mão, virou-lhe as costas e afastou-se, como se fugisse. Minutos após, estava na Sete de Setembro, esperando o bonde, quando Lauro reapareceu. Muito pálido, inclinou-se diante da garota: “Olha: ali, na esquina, tem um café. Vamos conversar, lá, um instantinho?” Aída deixou-se levar. Entraram, sentaram-se numa mesa do fundo. Sem uma palavra, ele põe em cima da mesa a mão

esquerda:

— Querias ver, não querias? Eu te faço a vontade. Olha.

Aída espiou, maravilhada: nenhuma aliança! Num impulso de carinho, põe sua mão em cima da do rapaz. Com o lábio inferior tremendo, Lauro quer saber: “Não viste nada? Não reparaste?” A garota não entende: “O quê?” Lauro completou:

— Conta os dedos. Seis — e continua, num soluço estrangulado: — Eu sou o homem dos seis dedos!

Choque

Aída foi incapaz de um comentário. Naquele momento, teve uma dupla sensação de pena e náusea. Tomaram uma média simples, de café. E depois, já com a mão no bolso, ele saiu com a pequena, numa tristeza e numa humilhação absolutas. Ela queria dizer uma palavra, mesmo convencional, de carinho, de ternura. Mas seus lábios e seu coração estavam trancados. Foi ele quem falou. Durante toda a viagem, resumiu a sua história, a história daquele defeito físico, que o marcara para sempre. Desde garotinho, que os outros meninos o chamavam de “o seis dedos”. E, mesmo os irmãos, quando altercavam com ele, nas brigas infantis, atiravam-lhe na face aquele defeito. Ele teria preferido uma perna a menos do que um dedo a mais. Quando se fez rapaz, não namorava ninguém; fugia das mulheres. Achava que jamais seria amado, jamais. Baixou a voz, numa confidência sofrida:

— Tu és meu primeiro e último amor. Se eu brigar contigo, te juro que nunca mais gostarei de ninguém. Ouviste?

Num arrepio, ela admite:

— Ouvi.

E ele, com os olhos marejados:

— Agora, que viste minha mão; agora, que conheces o meu defeito, eu quero que me respondas: isso faz alguma diferença? Faz? Ou não?

— Eu direi quando descermos.

Última palavra

Chegaram ao poste do Metro. Atravessaram na direção do jardim. Ela quebrou o silêncio, que já era insuportável: “Você quer saber a verdade? Apenas a verdade?” Lauro teve medo; balbuciou: “Fala!” Ela torce e destorce as mãos:

— Eu pensei que gostasse mais de você... Mas sinto que me enganei e que...

O outro interrompeu, brutalmente:

— Diz coisa com coisa! Estás me escorraçando? Isto é um bilhete azul? Diz!

Aída mergulhou o rosto nas duas mãos e explodiu em soluços. Ele a contemplou sem pena, sem amor, o rosto contraído de ódio. Agarrou-a pelos dois braços: “Escuta!” Trincando os dentes, perguntou:

— Se era para me chutar, por que me fizeste mostrar a mão, a mão dos seis dedos, por quê? Mas quero que saibas: tu pagarás por isso. Pagarás por essa humilhação. E só!

Abandonou-a no jardim público e afastou-se, em passadas largas e firmes, sempre com a mão no bolso.

Desenlace

Passou. Aída nunca mais viu Lauro, nem ele a ela. Uma vez por outra, porém, ela sonhava com a mão de seis dedos. Tempos depois, ela se enamora de um outro rapaz, o Cantuária. Houve um namoro de um ano, um noivado de sete meses; chegou, afinal, o dia do casamento. Às dez horas, uma coleguinha de Aída bate o telefone, em pânico; conta, que, na véspera, Lauro fora encontrado morto, no seu quarto. Aída sai do telefone com o estômago contraí-do, numa náusea medonha. Dez ou 15 minutos depois, chega um mensageiro, com uma encomenda para a noiva. Ainda impressionada, a garota desembrulha o presente; era uma caixa de sapato que, na sua normalíssima curiosidade, ela vai destampar. Súbito, começa a gritar. Todos acudiram. E viram o presente, que Aída atirara no chão: uma mão hedionda, de seis dedos ensanguentados. Quem a teria mandado, se um morto não pode amputar-se a si mesmo?

Aída não se casou nem naquele dia, nem nunca mais.

27 - Anemia perniciosa

Apanhou o envelope que acabava de chegar e, bocejando, fez a si mesmo a pergunta: “De quem será?” Antes de começar a ler, procurou, com os olhos, a assinatura. E teve, então, a surpresa: era uma carta anônima, a primeira que recebia em seus 36 anos de vida. Com uma sensação de mal-estar, quase de medo, leu a primeira frase: “Você é um idiota muito grande.” Continuou: “Sua mulher passa você pra trás, direitinho.” O missivista desconhecido continuava nesse tom e terminava com o conselho prático: “Deixa de ser burro e abre o olho.” Sem querer, fez a meia-voz, o comentário irreprimível:

— Cachorro!

Leu e releu aquilo, dominado por uma raiva cega e impotente. Logo, porém, se convenceu de que era inútil um rancor sem destinatário. E, então, andando de um lado para outro, pensou na mulher, tão linda e tão nova, com seus modos sóbrios e bonitos de juvenil senhora. A verdade é que, casado há dois anos e alguns meses, punha a mão no fogo pela esposa. Chamava-se Maria de Lourdes e não se podia exigir mais de uma criatura. Sempre com a mesma cara, terna e alegre, incapaz de irritações, de grosserias. Leu ainda uma vez a carta anônima e, depois, começou a sua minuciosa destruição. Rasgou o papel infame em mil pedacinhos. E só então respirou, mais ou menos compensado. Nessa noite, quando chegou em casa, foi mais amoroso do que nunca. Entrou e, sem uma palavra, agarrou a mulher e a beijou com uma ferocidade de lua de mel. Dir-se-ia que, nessa efusão tremenda, queria desagravá-la da ofensa que ela ignorava. E mais: fê-la sentar-se no seu colo e teve o seguinte arroubo:

— Tu és a mais pura das esposas!

Ainda no namoro, ela o advertira: “Sou normal.” E acrescentou, com jeito: “Lugar errado, não.”

O amigo

No dia seguinte, porém, fez o que não devia. A caminho do ônibus, passou pela casa de um vizinho e amigo, o Godofredo. E teve a inspiração súbita: parar e chamar o Godofredo, para irem juntos. De fato, o amigo já estava de saída. Com pouco mais, os dois, lado a lado, caminhavam, na calçada. E, então, um pouco constrangido, Alcides fez a pergunta: “Que ideia faz você das cartas anônimas?” Godofredo parou, em plena calçada. Era um cidadão que tinha teorias, as mais extravagantes, a respeito de tudo. Viu, na pergunta feita, o ensejo de brilhar. Então, começou:

— Respeito profundamente as cartas anônimas. São as únicas que dizem a verdade!

Alcides gaguejou, atônito: “Como?” O outro, inflamado, continuou:

— Claro! O fato de não ser assinada é uma garantia de veracidade. O anônimo não mente!

— Você acha?!...

E o outro categórico: “Lógico!” Nessa altura dos acontecimentos, Alcides começou a transpirar. Sabia que o Godofredo era um pobre-diabo, mas... Quase no fim da viagem tomou coragem e fez mais uma consulta ao outro: “Dá um palpite. Eu tenho um amigo assim, assim...” Godofredo se antecipou:

— E teu amigo recebeu uma carta anônima? Exato. Uma carta dizendo que a mulher dele o traía, etc., etc. Mas eu conheço o casal: é uma senhora honestíssima!

Godofredo teve um risinho: “Meu caro, a mulher é honesta até o momento em que... Compreendeste?” Alcides já não sabia o que dizer. A lógica trivial do outro o intimidava e emudecia. Antes de se despedirem, Godofredo sugeriu:

— Diz a teu amigo o seguinte: para simular uma viagem. Isso é um velho golpe que ainda produz seus resultados.

— E depois?

— O resto é claro como água: às 11 horas da noite, quando a vizinhança estiver dormindo, o cara há de aparecer... E teu amigo, se estiver nas redondezas, poderá cavar um flagrante em grande estilo!

Dúvida

Diante da sugestão, Alcides não disse uma, nem duas. A verdade é que estava fora de si, praticamente incapaz de ligar duas ideias. Só no escritório é que, mais lúcido, pôde raciocinar. E deliberou, em termos definitivos: “Se eu fizesse isso, seria um patife, um canalha!”

A simples perspectiva de duvidar de Maria de Lourdes parecia-lhe uma indignidade. De noite, porém, ao entrar em casa, dizia:

— Imagina tu o abacaxi. — Ela fez, cordialmente, a pergunta: “Qual?” Alcides, na vergonha antecipada da mentira, anunciou:

— Amanhã tenho de ir a Barra Mansa e passar lá três dias.

— E eu?

Beijou-a na face e suspirou: “Você fica. O chefe vai comigo e...” Maria de Lourdes deu um muxoxo: “Que coisa aborrecida!” Ele, porém, julgou perceber, no tom, nos olhos, em toda a atitude da esposa, um frêmito suspeito. Nessa noite, não dormiu direito. Virava e revirava na cama, repetindo para si mesmo: “Eu sou um cretino!” Pela manhã, a mulher quis levá-lo ao aeroporto. Improvisou uma desculpa e a dissuadiu. Veio o táxi e, com a mala pequena, de mão, partiu. Antes beijara a mulher na boca. Maria de Lourdes insistiu, até o fim:

— Não deixa de me telefonar — e repetiu, sobretudo, a recomendação: — Juízo!

Durante todo o dia, ele pensou: “A mulher infiel não tem ciúmes. E ela pediu ‘juízo!’” Andou pela cidade, sem destino e numa melancolia pavorosa. O pior de tudo era o sofrimento moral: sentia-se infame, sentia-se abjeto. Às dez horas da noite, enfim, um vulto se colocava, debaixo de um árvore, a espreita: era ele mesmo que, de gola levantada, vigiava o próprio lar. De vez em quando, olhava o relógio de pulso. Dez e dez, dez e vinte, dez e meia. Nada, absolutamente nada. O aspecto de sua casa era o mais honesto. Às dez para as 11, ele, saturado da sórdida espionagem, crispou-se de remorso, de vergonha. Para maior degradação, armara-se. E o peso do revólver, no bolso traseiro da calça, era uma ignomínia. Às 11 horas, em ponto, decidiu-se: ia invadir a própria casa e atirar-se aos pés da mulher. De joelhos, confessaria tudo, a mistificação da viagem, o aviltamento da dúvida. Abraçado às suas pernas, pediria perdão...

Deu um passo e estacou. Alguém vinha, no princípio da rua: era um vulto

masculino qualquer. Enquanto o outro se aproximava, Alcides fazia seus cálculos: “Deve ser o namorado de alguma empregada ou...” Ele quase não respirava e, sem querer, sem sentir, abriu o colarinho, afrouxou a gravata. Pôde, enfim, identificar o transeunte: seu amigo Gouvea que, por coincidência, Maria de Lourdes achava de uma antipatia única. Abafou uma exclamação, quando viu o Gouvea abrir o pequeno portão de sua casa, dele, Alcides, e entrar, com a decisão e a agilidade de quem não pode ser visto. A porta da frente estava apenas encostada: tanto que o miserável a empurrou e desapareceu lá dentro. Durante uns cinco segundos, foi tal o horror de Alcides que quase se sentou no meio-fio. Tinha as pernas bambas e a vista turva. Gemia:

— Miseráveis!

Vingança

Durante quarenta minutos, pensou nos meios e modos de vingança possíveis e imagináveis. Pouco a pouco, adquiriu uma raiva fria, lúcida, como jamais conhecera. A casa continuava em trevas e, súbito, iluminou-se a janela do quarto. O pecado, com luz elétrica, exasperou-o ainda mais, enfureceu-o como uma ostentação de impudor. Então, sem rumor, atravessou a rua. Ainda sem rumor, empurrou o portão e entrou. Colocou-se, de cócoras, junto à caixa de gás, com a seguinte convicção: “Ele tem que passar por aqui...” Esperou uma hora, duas horas. De repente, chegou aos seus ouvidos o riso da mulher, livre, límpido, incontrolável. Doeu-lhe, ainda mais, que ela risse pecando. Mais uma hora e, súbito, sente que a porta se entreabre. Os dois se despediam e... Então, rápido, com o revólver na mão, a maneira de um gângster experiente, empurrou com o pé a porta e entrou. Naquele momento foi o único sereno. Bateu no comutador e iluminou a saleta. Os culpados, apavorados, estavam diante dele. Maria de Lourdes no seu pijama cinzento-claro, leve e transparente. E Gouvea, lívido, tremia, numa pusilanimidade abjeta. Alcides parecia cordial, alegre:

— Bonito! Muito bonito!

Maria de Lourdes, sem desfitar o revólver, balbuciou: “Não me mate!” Foi preciso que Alcides dissesse, rindo: “Matar por quê? Ninguém vai morrer, minha filha...” Virou-se para Gouvea, que tinha na face, na boca, um jeito de choro, fez a pergunta: “Já pagou?” O outro não entendeu. Ele insistiu: “Pague à minha mulher.” E acrescentou: “Minha mulher não fia. Pague, anda.” O pobre-diabo olhou para Maria de Lourdes e para Alcides. Perguntou, quase sem voz.

— Quanto?

Veio a resposta:

— Cinco mil réis.

Ainda quis resistir: “Mas eu não posso...” Alcides encostou-lhe o revólver no peito: “Ou paga ou morre!” Meteu a mão no bolso, apanhou a carteira, e escolheu, entre muitas cédulas, a de cinco cruzeiros. O marido comandava: “Entrega à minha mulher. Agora pode ir e passar bem.” Gouvea, sem uma palavra, passou por eles, de cabeça baixa, e correu, pela rua, dentro da noite.

O martírio

Então, começou para o casal uma vida nova. Não tocaram mais no assunto. Ele, porém, apanhou aquela cédula de cinco cruzeiros e a espetou, com o punhal, na parede da sala de jantar, bem no centro. Era notável de se ver. Aquela nota, traspassada, tinha qualquer coisa de lírico como uma imagem de borboleta. Parentes e amigos viam aquilo e não compreendiam. Todos os dias o casal tomava café, almoçava e jantava sob a obsessão da cédula. Mas enquanto o marido comia muito bem, a mulher não comia nada. Vendo os cinco cruzeiros — apunhalados como um coração — seu estômago se contraía numa náusea mortal. Acabou apanhando uma anemia perniciosa. Em nenhum momento, a cédula atravessada deixou de estar presente. Só desapareceu quando a moça, devorada pela anemia, expirou, afinal. O marido foi lá, arrancou o punhal e embolsou a cédula. Alta madrugada, durante o velório dissimulou, entre os cravos e as dálias do caixão, os cinco cruzeiros.

Assim foi enterrada Maria de Lourdes.

28 - O pastelzinho

Uma noite, duas semanas antes do casamento, conversava com alguns amigos, no café. Súbito, um deles, baixa a voz, e faz-lhe a pergunta:

— Sabe quando é que se decide um casamento?

— Não.

E o outro:

— Na primeira noite. O sujeito que capricha na primeira noite, está feito como marido.

Sérgio ouviu, sem comentário. O outro era casado, bem-casado, e tinha a autoridade de quem conhecia o problema. Continuou e mudaram de assunto. Mas quando, uma hora depois, desfez-se o grupo, o amigo o levou até a esquina. E, lá, repete:

— Não te esqueças: é preciso caprichar na primeira noite. *Bye*, *bye*.

O impressionado Sérgio balbuciou:

— *Bye*, *bye*.

Emoção

Morava na rua Adriano, Méier. A caminho de casa, no lotação, ia pensando na advertência do amigo que passava por ser uma enciclopédia amorosa. E Sérgio que era, por natureza, um emotivo, sujeito a angústias inenarráveis, começou a entrever possibilidades nupciais, as mais desagradáveis. Durante a noite sonhou, repetidas vezes, com o amigo, que lhe repetia, sinistramente: "Olha a primeira noite. Capricha." Acordou, banhado em suor. Mais tarde, no trabalho, permanecia o mal-estar. E a situação parecia-lhe de um grotesto hediondo: faltavam duas semanas para o casamento e já estava nervoso. Durante uma semana, não pensou em outra coisa. Acabou indo a um médico. Chega lá e abre o coração:

— Doutor, o que há é o seguinte: vou me casar daqui a uma semana. E sou uma pilha, doutor. Tenho medo, justamente, do meu sistema nervoso, das minhas inibições.

O médico insinua:

— Quer um calmantezinho?

E ele, de olho aceso:

— Talvez fosse negócio, não, doutor?

Mas o outro volta atrás:

— Não precisa. Pra quê? A solução é ter confiança em si mesmo, procurar distrair as ideias.

Agoniado, quer saber: "E não vou tomar nada?" O médico, cheio de otimismo, deu-lhe conselhos:

— Faz o seguinte: no dia do casamento evita salgadinhos e doces. O ideal seria um bife, um bom bife. Carne sadia, sangrenta. E, antes de comer, procura cheirar, discretamente. Nada de pastéis, de empadinhas, de coisas apimentadas.

Ao lado, o noivo escutava:

— Compreendo, compreendo.

Saiu crente, do consultório, que a chave de uma lua de mel sucedida era o aparelho digestivo. Ao descer do médico, dá de cara, por uma dessas fatalidades cômicas, com o tal amigo. Este diz-lhe, em tom cavo e voz profunda:

— A primeira noite é tudo!

Núpcias

Eis a verdade: a conversa com o médico dera-lhe novo ânimo, novo elã. Passou a pisar mais firme, a olhar os outros de cima para baixo e, no telefone, ao despedir-se da pequena, encostava a boca no fone:

— Um beijo bem molhado nessa boquinha!

Entre parênteses, a garota, com 18 anos, jeitosa de corpo e de rosto, era, como dizia o próprio Sérgio, um “doce de coco”, um “arroz doce”. Educadíssima ou, segundo se comentava, muito “espiritual”, era incapaz de usar uma expressão de gíria, ou dar uma gargalhada ou, simplesmente, cruzar as pernas. Fisicamente, era um tipo fino, de poucas cadeiras, uma linha muito aristocrática. Havia quem cochichasse a objeção: “Não tem rabo.”

Sérgio vivia dizendo: “Nunca espirrou na minha frente. E outra coisa: não transpira. Te juro que nunca vi a Dalva suada.” De fato, nenhuma pele mais isenta de espinhas, de manchas, mais fresca, mais cheirosa e mais suave. Custava crer que essa imagem de graça intensa, essa flor de espiritualidade, tivesse nascido e pior do que isso: ainda morasse na Saúde. Muito carioca, estabanado, Sérgio mudava muito diante da noiva assim doce e assim macia. Sem querer, ele a tratava com relativa e involuntária cerimônia. O chamado “beijo bem molhado” era a máxima liberdade verbal que se permitia. Mas na véspera do casamento ela o chamou, de lado. No seu jeito manso, começou:

— Vou te pedir um favor, meu filho.

Abriu-se:

— Pois não!

E ela:

— Eu não queria que você falasse mais em “beijo molhado”. Acho tão sem poesia!

Pela primeira vez, Sérgio quis resistir:

— Mas meu bem, escuta cá: por quê?

Explicou:

— É o seguinte: quando você fala assim eu penso logo em saliva.

O outro animou-se:

— Mas por isso mesmo. A graça do beijo está justamente na saliva, meu anjo. — E insistia, já inspirado: — Na mistura de saliva.

Dalva encerrou a discussão, com a sua doçura irredutível: “Eu não penso assim.” Sérgio transigiu, imediatamente:

— Está bem, coração. Todo o meu interesse é te agradar!

A tragédia

No dia, houve o casamento, no civil e no religioso. Na igreja, de joelhos diante do altar, ele julgava ouvir, alternadamente, a voz do amigo e do médico. Uma dizendo: “A primeira noite é tudo.” E a outra: “Nada de salgadinhos! Nada de doces!” De fato, desde as primeiras horas do dia, que observava um extremo rigor na alimentação. Renunciara ao leite, que podia afetar o fígado; alimentara-se, sobretudo, de frutas acima de qualquer suspeita: bananas e mamão. Não almoçara, porque a hora do almoço coincidira com a do civil. Ao sair da igreja, sentia fome. Chegara, de volta, na casa dos sogros, com fome. Viu os salgadinhos, os doces e, a despeito de uma tentação violenta, manteve-se irredutível. De vez em quando, pessoas da casa passavam com pratos de sanduíches, de pastéis, de doces. Perguntavam:

— Aceita um?

Respondia, heroico:

— Não, obrigado.

Ficou, assim, inexpugnável, até o fim. A noiva que, por natureza, tinha um apetite de passarinho, não tocou em nada. Minto: aceitou um pastelzinho. Ele ainda teve vontade de sugerir-lhe: “Não faça isso.” Calou-se, porém. Por fim, saíram de táxi, para um hotel, no Centro, onde tinham alugado um apartamento, no 12º andar, para a lua de mel. Ao entrar no carro, Dalva balbucia: “Não sei, mas não estou me sentindo bem.” Sem nada dizer, aguardou para si a intuição: “Foi o pastelzinho.” No meio do caminho, novo lamento: “Estou me sentindo tão mal!” Falara de dentes trincados; disse ainda: “Tomara que a gente chegue logo, tomara!”

Sentindo a angústia do ser amado, comandou o chofer: “Quer andar mais depressa?” Ao lado, Dalva crispava-se toda, gelada de dor. Sérgio baixa a voz:

— Queres que eu compre elixir paregórico?

— Não diz isso. Não diz nada. Só quero é chegar, meu Deus!

Ia balbuciando: “Não sei se aguento! Não sei se aguento!” Ele, finalmente, diz: “Foi aquele pastelzinho, não foi?” Ela arquejava, chamando a atenção das pessoas. Sobe no elevador, com o marido, que apanhara a chave. Lá em cima, exige: “Não entra, fica no corredor!” Ele espera vinte minutos. Nada. Empurra e

vem, então, lá de dentro, o berro: “Não!” Da porta, pergunta: “Queres elixir paregórico?” Outro “não” violento. Mais meia hora, ele quer forçar a situação. Entra. Mas quando Dalva percebe que o marido está ali, alucina-se. Ele a viu correr, em direção da janela, trepar no parapeito, atirar-se lá de cima, do 12º andar, deixando no ar seu grito em flor. Meia hora depois, chegam parentes, amigos, simples conhecidos. Diante da morte de uma noiva, em sua primeira noite, insinuou-se, em todos os espíritos, a ideia de um tenebroso crime sexual. O sogro de Sérgio agarrou-o pela gola e o sacudiu, aos berros:

— Ela matou-se por quê?

Respondeu, num soluço imenso:

— Uma cólica a matou! Foi o pastelzinho!

29 - O primo

— Qual é o drama?

E ela, varrendo o chão:

— Estou outra vez!

Foi lacônico:

— Há coisas piores.

A mulher continuou, esbravejante: “Eu acabo nem sei!” A verdade é que cansara de ter filhos. Seis, em sete anos de casada! Como o marido ganhasse pouco, ganhasse uma miséria, cada parto era um inferno. Tinha que se internar na maternidade, enfermaria de indigentes. E lá, segundo seu próprio depoimento, só faltava apanhar na cara. Então, desabafava, com os vizinhos: “Pobre não tem vez!” Quanto ao marido, era uma boa alma, tolerante e humilde. Dizia para a mulher: “Você é gozada!”

— Por quê?

— Mas evidente! Não teve o filho de graça?

— Tive, ora, bolas!

Olhava a mulher de alto a baixo:

— Você fala de barriga cheia! Que diabo!

Desesperada com a lógica de Aparício, Emengarda saltava, e até praguejava: “Eu só queria que você tivesse um filho! Bastava um!” Insistia: “Homem precisava ter filhos, pra ver o que é bom.”

O fato é que os dois se davam muito bem, menos nos meses atribulados de cada gravidez. Nessas ocasiões, Emengarda passava a um estado de irritação contínua, de hostilidade, de intolerância. A toda hora puxava uma discussão. E provocava tanto que Aparício, apesar do temperamento brando, acabava se enfurecendo também. Dir-se-ia que a mulher o acusava de alguma coisa, que o responsabilizava por todo o sofrimento físico e mental da gravidez. E, sobretudo, batia na seguinte tecla:

— Um sujeito como você, que ganha pouco, não devia pôr filhos no mundo.

— Quem põe filhos é você — retificava o marido e sublinhava, com alegre crueldade: — Você. Percebeu?

Mais um

De filho em filho, completou meia dúzia. Com 35 anos estava uma mulher envelhecida, gasta, desagradável. Desta vez, porém, deliberou consigo mesma: "*Stop*! Este eu não quero!" No dia seguinte, pela manhã, estava no médico. Era um doutor muito camarada, que não explorava ninguém e que, até, conforme o caso, dava dinheiro aos doentes. Emengarda expôs a situação:

— Meu marido ganha uma miséria, doutor. Não dá pra nada. E eu não posso ter mais esse filho.

O doutor suspirou: "Caso sério." Emengarda fez, no fim de tudo, o apelo:

— Queria, doutor, que o senhor desse um jeito. Era um favor desse tamanho.

O médico tirava a luva:

— Sinto muito, minha filha. Mas eu não faço isso, não é direito. Nem que o presidente da República viesse me pedir... — E, para convencê-la, fez a comparação: — Você está pedindo para matar um filho seu, está querendo que eu seja um assassino.

Desesperada, a moça ergueu-se: "Bem, doutor, paciência. E Deus é grande." O médico levou-a até a porta: "Reze, minha filha, reze."

Ódio

Aparício não levava em conta as atitudes e palavras da esposa nesse período. Sabia que, posteriormente, Emengarda voltaria a ser boa, amiga, solidária. Desta vez, porém, a conduta da mulher foi mais extravagante do que nunca. Implicava com ele, em tudo por tudo. Começou da seguinte maneira:

— Não janto, nem almoço mais contigo.

— Por quê?

E ela:

— Você faz muito barulho quando come.

Mas isso não foi nada. Dois dias depois, surgia a novidade: “Já descobri por que você me empurra um filho por ano.” Fez uma pausa e concluiu: “Pra me arrebentar.” Ela mesma desenvolvia o próprio raciocínio até as últimas consequências: “Claro como água. A mulher que tem tantos filhos não interessa a ninguém! E o homem, então, fica por cima da carne-seca, seguro, garantido. Agora confesse: não é isso?” Atônito com essa argumentação, Aparício limitou-se ao comentário jocoso:

— Sossega, leoa!

Ela, porém, exaltada, deixava-se dominar pela própria ideia: “Mas olha! Tu acabas dando com os burros n’água! Eu posso não ser nenhuma beldade, mas sou melhor do que muitas.” Encarou o marido e teve a explosão:

— Além disso, há sempre um chinelo velho pro pé doente calçar!

O primo Dodô

Nem de propósito: 24 horas depois, chegava do Norte, remetido diretamente para a casa de Aparício, um primo em segundo ou terceiro grau. Chamava-se Dodô, tinha cerca de trinta anos e trazia, nos bolsos, duzentos e poucos cruzeiros, no máximo. Muito generoso, Aparício, coçou a cabeça: "Vai ficando por aí até arranjar emprego. Dorme na sala, lá no sofá." Emengarda, ao lado, espantada, ouvia só. Depois arrastou o marido para o quarto, deu-lhe um sabão: "Quer dizer que você me acha mesmo um bucho horroroso, hein!" Admirou-se: "Por quê?" E ela: "Evidente! Põe um homem aqui dentro, certo de que ele jamais..."

Insinuou a ameaça:

— Eu te avisei. Posso estar velha, acabada, mas há outras piores...

Aparício acabou perdendo a paciência:

— Ora, não amola! Não aborrece! Vai ver se eu estou na esquina, vai!

Foi sarcástica:

— Depois não se queixe!

O tal primo era um malandro nato. Ficava em casa o dia todo, lendo histórias em quadrinhos, de pijama. Era evidente que não queria nada com emprego. Aparício podia ter estourado com o rapaz. Mas para evitar aborrecimento, disse de si para si: "Deixa pra lá." De vez em quando utilizava o vadio para comprar cigarros, cerveja preta, etc., etc. Quem não gostava era Emengarda. Vinha lá de dentro reclamar: "Você está humilhando o coitado! Explorando!" Nessa altura dos acontecimentos, ela estava pesadona, imensa. Várias vizinhas, considerando o volume, sugeriram: "Ih, d. Emengarda! Quem sabe se a senhora não vai ter gêmeos?" Explodia:

— Só faltava mais essa!

Seu ressentimento contra o marido crescia com a aproximação do parto. Vivia enchendo a casa com lamentos: "Enquanto eu como o pão que o diabo amassou, tu levas a vida que pediste a Deus!" E, súbito, largava a ameaça: "Mas essa sopa há de acabar!" Finalmente chegou o dia. Como os partos anteriores, o sétimo foi normalíssimo. A criança nasceu perfeita e, com um pouco mais, a mãe podia dizer para as vizinhas, envaidecida:

— Não levei nenhum ponto!

Surpresa

Mudou por completo. Dir-se-ia outra mulher. Quando o marido queria beijá-la, fugia com o rosto: “Não gosto de amolação comigo!” E como ele fizesse um ar de espanto, completava: “Você não me acha um bucho? Dane-se!” Passou a dizer, a todo mundo, que o marido a considerava feíssima. Fazia, então, o comentário sardônico: “Ele acha. Mas talvez os outros não achem.” E a verdade é que cuidava mais da própria aparência física. O marido foi encontrá-la, várias vezes, passando água-de-colônia nos braços e no pescoço. Fez umas economias e pôde comprar pulseiras e brincos ordinaríssimos. Deu para usar batom roxo, e, pela primeira vez, pintou as unhas dos pés. Um dia, avisou ao marido: “Tenho uma surpresa pra ti!”

Certa tarde, o marido sentiu-se mal no emprego. Fez uma surpresa e dispendiosíssima extravagância: apanhou um táxi e chegou em casa muito antes da hora habitual. Não entrou pela frente; fez a volta e passou pela cozinha. E, então, ao entrar na sala de jantar, estacou diante da seguinte cena: a mulher no colo do primo, aos beijos, as saias levantadas. Antes da indignação, teve o espanto. Na sua boa-fé, jamais imaginara que aquilo fosse possível. Balbuciou, apenas: “Sim, senhor!” Já Emengarda, rápida, erguia-se, e defendia com o corpo o apavorado rapaz. Mas Aparício foi exemplar. Na gaveta do móvel estava o velho revólver, que ele pensara em vender. Pegou a arma e só faltou enfiar o cano na boca dos dois. Intimava um e outro:

— Continuem, continuem! — Obrigou a mulher a sentar-se de novo no colo do amante. Parecia reger a cena com o revólver. — Agora, um beijinho! — Não satisfeito, exigia: — Outro! — Os dois, aterrados, obedeciam. Por fim, Aparício virou-se para o rapaz: — Olha aqui, sua besta. Tu me fizeste um favor de mãe, ficando com minha mulher e meus sete filhos! Vou-me embora, mas toma nota: se eu souber, um dia, que um filho meu está passando fome... — fez uma pausa e concluiu — tu és um homem morto! Sirvam-se! Sirvam-se!

Saiu daquela casa assobiando.

30 - Amigo de infância

Quando soube que o Antunes estava, de táxi, na porta, desceu para o avisar:

— Mas olha: eu estou assim, de pijama, e ainda vou tomar banho.

Antunes, fumando de piteira, entra, senta-se:

— Não faz mal. Eu espero. Mas chispa.

— Aguenta a mão.

O outro ficou, na sala, lendo jornal. Debaixo do chuveiro, esfregando-se briosamente, Chagas perguntava a si mesmo: “Que será?” Tomou o banho e vestiu-se, num tempo recorde. Antes de descer, já pronto, num terno branco, comentou para a mulher, baixo: “Estou achando meio esquisito esse negócio do Antunes aparecer, aqui, cedo. É alguma complicação!” Julinha fez um ar de nojo:

— Sabe que eu acho o Antunes tão chato!

— Que o quê! Ótimo sujeito! Meu amigo até debaixo d’água!

Mas Julinha, peremptória como são as mulheres nas suas antipatias, ainda resmungou: “Um falso!” Cinco minutos depois, Chagas instalava-se no táxi do Antunes, lado a lado com o seu maior amigo. Curiosíssimo, indaga:

— Qual é o drama?

O drama

Colocando outro cigarro na piteira, Antunes responde com uma pergunta:

— Confias na tua mulher?

— Como?

— Pergunto se confias na tua mulher.

Pálido, encarava Antunes. Pausa. Interpelou o amigo:

— Mas que palpite é esse? Por que essa pergunta?

Antunes não respondeu imediatamente. Com o dedo de mindinho, batia na cinza do cigarro. Sereno, e metódico, começou:

— Bem. O negócio é o seguinte. Tu sabes que és meu do peito, não sabes?

— Toca o bonde.

Continuou:

— E eu sou um sujeito nessas condições: se há uma coisa que eu levo a sério, na vida, é a amizade. Pra mim, o amigo está acima de tudo. Acima de dinheiro, de mulher e outros bichos. E eu soube de um negócio e...

Trincando os dentes, Chagas exigiu:

— Desembucha.

E Antunes, implacável:

— Chagas, tudo me faz crer que tua mulher, que Julinha, te trai.

Durante uns dois, três minutos, houve um silêncio entre os dois. Chagas repetia mentalmente: “Julinha me trai... Julinha me trai...” Súbito, vira-se para o amigo. Está branco:

— Quero provas.

— Provas, como?

Repetiu, na sua cólera contida:

— Provas. Você acusa minha mulher. Muito bem. Deve ter provas. Onde estão?

O outro parecia desconcertado:

— Mas, Chagas! É muito difícil provar essas coisas. Só se eu fosse olhar pelo buraco da fechadura.

Chagas insistia, numa calma apavorante:

— Se você provar, muito bem. Mas se não provar, eu juro, por tudo, por essa luz que me alumia, você está desgraçado comigo.

Quando saltaram, no mesmo lugar, porque trabalhavam no mesmo edifício, Antunes suspirou:

— Escuta, Chagas. Você faça o que quiser. Cumpri meu dever e pronto.

Os inimigos

Era o fim de uma amizade que durava, ao longo dos anos, desde a infância. Chagas entrou no emprego doente. Pensava: “Devo estar com febre.” Sentado na cadeira giratória, procurava reconstituir, de cabeça, toda a sua vida conjugal. Numa meditação ardente e obstinada, tentava lembrar-se de um gesto, de uma palavra, de uma frase de Julinha que pudesse sugerir a existência de um amante. Sua memória, porém, não a acusava de coisa alguma. Quatro anos depois do casamento, a pequena era a mesma mulher, sempre igual a si mesma, duma ternura que não mudava. Na hora do lanche, Chagas vira-se para um companheiro. Faz a confidência gratuita:

— Pela primeira vez, eu conheço o ódio. Pela primeira vez, eu sei o que é odiar.

E, de fato, odiava Antunes. Por outro lado, descobria que há no ódio mais obstinação, mais exclusividade, mais fidelidade do que no amor. Só se pode odiar uma pessoa. E Chagas pensava em Antunes, segundo a segundo, minuto a minuto. Nessa tarde, saiu mais cedo e desceu ao andar onde o outro trabalhava. Sentou-se a seu lado. Perguntou:

— Aquilo que tu me contaste. Tens certeza ou é desconfiança?

— Certeza.

— Absoluta?

— Absolutíssima.

Devia bastar. Mas Chagas teimou:

— Certeza como? Certeza por quê? Tu mesmo não disseste que, certeza, nesses casos, só mesmo olhando pelo buraco da fechadura?

Antunes pôs-lhe a mão no ombro:

— Eu não olhei pelo buraco da fechadura, claro. Mas...

— Fala!

Baixou a voz:

— Mas vi, com meus próprios olhos, eu vi tua mulher entrando num lugar assim, assim, no Leblon.

Chagas ergueu-se. Andou de um lado para outro. Sentou-se, outra vez. E quis saber: “Explica uma coisa. Por que me contaste isso? Por quê?” O outro foi lacônico:

— Achei que era meu dever de amigo.

Desesperado, protestou:

— Dever como? Dever por quê, carambolas? Oh, tu não sabes que minha mulher é tudo para mim, absolutamente tudo?

Antunes inclinou-se. Sem desfitá-lo, explicou:

— Eu não quis que bancasses o palhaço. Por isso contei.

A prova

E, então, a vida de Chagas mudou por completo. Não fazia a barba, não tomava banho, não mudava a camisa. Perdera todo o capricho; ou, por outra, só caprichava no desleixo. Tinha uma espécie de orgulho, de vaidade, de parecer um maltrapilho, um miserável. Julinha, impressionada, pedia: “Faz a barba, ao menos, criatura!” Ele ria, amargo; respirava fundo:

— Há coisas mais importantes do que a barba!

Todos os dias, conversava com Antunes, embora o odiasse cada vez mais.

Uma tarde explodiu:

— Ah, se isso fosse uma calúnia, uma mentira tua, sórdida!... — soluçava: — Eu te agradeceria, de joelhos, se tivesses mentido, se tivesses caluniado a minha mulher!

O outro encarniçava-se:

— É verdade! Juro que é verdade! Quero que Deus me cegue se minto! Tens que tirar esta mulher de tua vida! Não admito que um amigo meu banque o palhaço!

Rápido, Chagas levantou-se. Segurou o outro pelos dois braços e o sacudia: “Eu só acredito vendo! Tua palavra não basta!” Sem medo, com uma determinação de amigo fanático, Antunes replicou:

— Eu incumbi uma pessoa de acompanhar os passos de tua mulher. Tu verás.

Vingança

Uma semana depois, Antunes telefona para Chagas: “Olha, eu soube, pela tal pessoa, que tua mulher, hoje, às quatro da tarde, vai ao Leblon.” Às três horas, os dois partiam, de táxi, para o local. Durante a viagem, Chagas ia dizendo, numa obsessão: “Por que não me deixaste iludido? Ela me enganaria sempre e eu não saberia nunca!” Ria, entre lágrimas: “Nenhum marido precisa saber! Saber pra quê?” E confessava: “Eu nunca farei nada contra minha mulher, nunca! É absolutamente sagrada para mim. Por que não me deixaste ser traído, em paz?” O outro respondeu, lacônico:

— Sou teu amigo — e repetia: — Ponho o amigo acima de tudo.

Às quatro horas, Chagas estava, no táxi, espiando a porta central do edifício.

Viu quando a mulher descia, de outro táxi, acompanhada. A seu lado, Antunes exultou:

— E agora? Viste ou não viste com teus próprios olhos? Não foi batata o que eu te disse? Foi ou não foi?

Então, arquejante, a boca torcida, Chagas virou-se para o delator. Disse:

— Eu te perdoaria se tivesses mentido, se tivesses caluniado. Mas não mentiste, nem caluniaste. Disseste a verdade. E eu não te perdoo a verdade.

Deu-lhe dois tiros, à queima-roupa. E ainda puxou o gatilho, uma terceira vez, para acabar de matar o homem que não mentira.

31 - A grande mulher

Ia com o amigo pela calçada quando a viu.

— Olha!

— O quê?

— Espia!

Os dois abriram alas para que ela passasse. E Nilson fez o comentário maravilhado:

— Que uva!

Mas já o outro a identificara:

— É a Neném!

— Quem?

O amigo repetiu e explicou que se tratava de uma mercenária do amor. O espanto de Nilson foi indescritível: “Parece uma menina de família!” Exagerava, porém. Era sensível à condição de Neném. Percebia-se no olhar, de uma doçura viva e proposital, no sorriso persistente, no batom violento, que pertencia a uma profissão muito especial que, segundo já se disse, “é a mais antiga das profissões”. Nilson suspirou:

— Ah, se eu não fosse casado! Te juro que hoje mesmo metia as caras!

Neném

De fato, era casado e podia dar graças a Deus, porque tivera muita sorte. A esposa, que se chamava Geralda, possuía todas as virtudes possíveis e desejáveis. Pertencia a uma das melhores famílias do país, sabia dois ou três idiomas, era física e espiritualmente um modelo. De resto, saíra de um colégio interno para casar-se, seis meses depois. O pai de Geralda, com indisfarçável vaidade, pôde dizer ao genro:

— Meu caro Nilson, minha filha é pura da cabeça aos pés. Nunca houve, note bem, nunca houve uma noiva tão decente.

E Nilson respondeu, grave e emocionado: “Realmente, realmente.” Estavam casados há um ano e meio, e, até aquela data, jamais um atrito, um equívoco, uma discussão turvara a sua felicidade conjugal. Geralda não elevava a voz, não se exaltava, falava baixo e macio; e quando achava graça jamais ultrapassava o limite do sorriso. Eliminara de seus hábitos e modos a gargalhada. Por força da convivência, o próprio Nilson, que era exuberante por natureza, um pouco desleixado, continha-se. Em casa, era incapaz de rir mais alto; de usar gíria. Por vezes, tinha a impressão de que, no seu lar, estava amordaçado. No dia em que viu Neném, pela primeira vez, voltou para casa com um remorso pueril. Disse mesmo ao amigo que, na ocasião, o acompanhava:

— Homem não presta mesmo!

— Por quê?

E ele:

— Veja você; sou casado com o anjo dos anjos. Mas bastou passar uma mulher ordinaríssima, como essa tal Neném, e eu já estou com água na boca!

O fato é que desejaria não olhar, nem sonhar com outra que não fosse a esposa tão nobre e tão amada.

A surpresa

Mas nessa noite aconteceu, na vida do Nilson, um fato muito interessante. Ele tinha, geralmente, um sono ótimo, fácil e contínuo. Dormia sempre antes da mulher e acordava no dia seguinte. De madrugada, porém, despertou com uma azia tremenda e golfadas ácidas sucessivas e desagradabilíssimas. Deduziu: “Alguma coisa que eu comi!” Fez ainda a blague irritado: “Estou com gosto de guarda-chuva na boca!”

Levantou-se, foi tomar um sal amargo qualquer e voltou para a cama. Geralda Maria dormia profundamente. Mas a azia de Nilson continuava; gemeu: “Bolas!”

E, de repente, em pleno sono, Geralda virou-se na cama, resmungou uma porção de coisas sem nexo e, por fim, sussurrou o pedido nítido: “Me beija...” Evidentemente dormia, ou por outra, sonhava. Como ele não se mexesse, ela teve a iniciativa: arrastou-se na cama, aproximou o próprio rosto do dele e entreabriu os lábios para o beijo. Repetia o apelo: “Me beija, Carlos...” Automaticamente Nilson deu o beijo, mas o nome desconhecido estava dentro dele. Ela insistia: “Carlos, Carlos.” Acariciava-o com a mão no rosto, nos cabelos. Então, no escuro, Nilson fez a revisão de todos os amigos, conhecidos e parentes. Quebrava a cabeça: “Conheço algum Carlos?” Acabou se convencendo: não, não conhecia. Sempre em sonho, Geralda puxa a camisola e passa a perna por cima dele.

De manhã, diante do espelhinho, fazendo a barba, pergunta: “Você conhece algum Carlos, meu anjo?” Houve, antes da resposta, um silêncio muito grande, um silêncio grande demais. Finalmente, no quarto, Geralda Maria disse, com naturalidade que Nilson achou esquisita:

— Não, não conheço. Por quê?

Ele pigarreou: “Por nada!” Mas já começava a sofrer.

Carlos

Depois da barba e do banho, desceu para o café. Neste momento bateu o telefone. Atendeu e teve que repetir “alô” três vezes, porque a pessoa que estava do outro lado da linha pareceu hesitar. Finalmente, uma voz masculina perguntava:

— Quem fala?

Deu o número e a pessoa disse: “Engano!” E, de fato, podia e devia ser engano. Nada mais comum, nada mais trivial de que uma ligação errada. Todavia, Nilson foi tomar café com uma brusca e definitiva certeza: a pessoa que falara era o Carlos! Foi tão agudo, o seu sofrimento, que saiu. Na cidade, sentia-se numa prostração absoluta. E, de repente, teve uma iniciativa sem nenhuma lógica aparente: ligou para o amigo da véspera pedindo o endereço de Neném. O outro achou uma graça infinita.

— Mas o que é que há contigo? Estás apaixonado?

Foi malcriado: “Vai lamber sabão!” De noite, depois do serviço, bateu na porta de Neném. Ela o atendeu, com um quimono muito bonito, bordado de ponta a ponta. Sentaram-se. Nilson, num humor sinistro, fez uma graça triste: “Estou sem níquel!” A pequena riu, ao mesmo tempo que punha uma pedrinha de gelo no copo de uísque.

— Não faz mal.

E ele, surpreso e encantado: “Você fia?” Confirmou com a cabeça. Nilson, divertido, prolongou a brincadeira: “Olha que eu posso te dar o beiço!” Neném ria, ainda.

— Então, meu filho, o azar é meu!

Duas horas depois ele apanhou a carteira: “Brinquei contigo. Tenho dinheiro, sim. Toma.” Estendia uma nota de quinhentos cruzeiros, que ela recusou. Advertiu, porém: “Mas não conta a ninguém, não, que foi de graça. Se a madame sabe, vai subir pelas paredes.”

Dupla existência

E então começou a ter “duas vidas”, uma em casa, com a esposa; outra, na rua, com a Neném. Dia e noite pensava no tal Carlos. No escritório, distraído, escrevia dez, vinte vezes esse nome. Depois, picava o papel e o punha na cesta. Suspirava: “Acabo maluco.”

E só vivia, realmente, quando estava com a Neném. Ela teimava em não aceitar um tostão de Nilson. Explicava: “Você não me deve nada, você é meu convidado.” Chegava-se para perto do rapaz:

— Fiz fé com tua cara. Eu sou assim. Gostei, pronto, acabou-se.

Era assim, com ele. Em compensação só faltava arrancar o couro dos outros fregueses. No seu entusiasmo, Nilson abria-se com os amigos: “Que pequena! E faz tudo, percebeste? Topa tudo!”

Tanto fez propaganda que um dos seus amigos resolveu fazer uma experiência pessoal e direta. E, de noite, procurou Neném. Esta, que nunca o tinha visto mais gordo, recebeu muito bem, sentou-se no seu colo, e, enfim, fez a festa necessária e convencional e súbito, acontece o imprevisto. O sujeito se lembra de dizer: “Sou amigo de fulano.” Ela estacou:

— Do Nilson?

— Sim. Do Nilson. Por quê?

Foi terminante. Ergueu-se e pôs tudo em pratos limpos: Paciência, mas com um amigo do Nilson não queria história.

Houve um verdadeiro escândalo. As colegas de profissão intervieram: “Você está maluca? O que é que tem? Ora veja!” Mas Neném foi irredutível. “Se fosse outro qualquer, muito bem. Mas um amigo de Nilson, nunca.” O rapaz soube e, embora não o dissesse, experimentou um sentimento de vaidade e de pena. Brincou, comovido:

— Você é o que é. E vale mais do que uma dona que eu conheço!

A troca

Um dia, na casa do sogro, houve uma festa grã-finíssima. Nilson compareceu, de braço com a mulher. E bebia uma primeira taça quando o sogro se aproxima: “Você conhece o Carlos?” Virou-se, atônito. Diante dele estava, realmente, o Carlos. Já não era apenas um nome. Súbito, convertia-se em pessoa viva, material, tangível. Agora, se quisesse, podia, até, matá-lo. Houve, de parte a parte, um “muito prazer”. Carlos, simpático e quase bonito, inclinava-se, pedia licença e se afastava. Dentro em pouco, Nilson o via dançando com Geralda Maria. Ela se deixava levar, transfigurada. Gradualmente o álcool foi agravando, exasperando seu ressentimento. De repente o sogro bateu-lhe no ombro. Em voz baixa pergunta:

— Você não dança com sua mulher?

Espantou-se: “Eu?” E o velho: “Vá dançar com sua mulher.” Nilson, com os olhos injetados, pousou a taça e disse: “Vou, sim. Vou dançar com minha mulher.” Caminhou, com um passo incerto para o telefone, e fez uma ligação. Dez minutos depois ele, que fora para o portão, voltava de braços com a maravilhada Neném. Assim que ela descera do táxi, ele completamente bêbado, anunciou-lhe: “De hoje em diante, és minha mulher para todos os efeitos.”

O sogro o viu, entre os outros convidados, dançando com aquela desconhecida. E quando o genro passou quis repreendê-lo. Então, Nilson, largando Neném, espetou-lhe o dedo no peito:

— Olha aqui, seu cretino. Minha mulher é esta! E você, sua filha, o Carlos, que vão para o diabo que os carregue!

Trôpego, mais bêbado do que nunca, abandonou a festa, levando a assombrada Neném.

32 - Vinte e cinco anos de casados

O amigo foi no escritório buscá-lo:

— Vamos tomar um drinque.

E ele:

— Fica para outro dia. Hoje, não posso.

Mas o amigo, que era íntimo, que tinha confiança, fez pé firme:

— Outro dia uma ova! Tem que ser agora! Vamos, põe o paletó, anda!

O dr. Hildegardo pôs o paletó e, tirando os óculos e guardando-os no bolsinho do lenço, foi dizendo:

— Vou chegar tarde em casa! É o diabo!

— Por que, ora essa?

E ele, entrando no elevador:

— Minha mulher não gosta! Minha mulher fica tiririca!

Dirigiram-se para o bar da esquina, sentaram-se lá. Enquanto esperavam o garçom, pensava na mulher, na cozinheira e na filha. Suspirou, feliz quando o garçom os serviu. E, depois de beber um e mais outro, o dr. Hildegardo estalou a língua e, com certa euforia, fez a revelação envaidecida:

— Estou casado há 25 anos. E nunca traí minha mulher.

— Nunca?

Repetiu, já inspirado pelo terceiro drinque:

—Nunca.

O marido fiel

O amigo não acreditou; exaltou-se, até:

— Não existe homem fiel! Nunca existiu!

— Pois eu sou. Fidelíssimo. Te juro, te dou minha palavra de honra. E te digo mais: no fim do mês comemoro minhas bodas de prata. Estás convidado!

— O homem fiel é uma besta! Podia andar de quatro, trotar no meio da rua!

Meia hora depois, dr. Hildegardo teve um lampejo, no fundo de sua embriaguez; catou o relógio; espiou os ponteiros: “Oito horas!” Gemeu: “Minha mulher deve estar bufando!” Pagou a despesa, arrastou o amigo: “Vai comigo. Tens que ir! Minha mulher me mata!” O amigo foi, resmungando, mas foi; entraram num táxi e, durante toda a viagem, o assunto pouco variou. Dr. Hildegardo, em pânico, excitava o chofer: “Mete o pé, com apetite!” De repente, bate na testa:

— Vais me fazer um favor, de mãe pra filho.

— Qual?

E ele:

— Vais dizer à minha mulher que já jantaste.

— Ué!

Debruçado no ombro do outro, num bafo de bêbado, ia explicando:

— Pelo seguinte: minha mulher não gosta que eu leve ninguém pra jantar. Não topa. Nem ela, nem a cozinheira. Estrilam.

O outro arregalou os olhos:

— Já vi tudo!

O jantar

Entraram em casa, preocupadíssimos. Mesmo o amigo contagiara-se do terror e do sentimento de culpa. D. Odete, assim que viu o marido, nem ligou para o acompanhante. Via-se logo que era uma senhora distintíssima. Dr. Hildegardo estacou; e ela, pondo as mãos nos quadris e depois de olhá-lo do alto a baixo, balançou a cabeça:

— Sim, senhor!

O marido, quase normalizado ao impacto da mulher, arremessou-se. Deu-lhe dois beijos estalados, em cada face. Engrolou uma explicação qualquer relativa a um negócio misterioso e imprevisto. Ela, ressentida, interpelava-o:

— Isso são horas!?

A filha sussurrava para o namorado:

— Papai é um caso sério!

Dr. Hildegardo pendurava-se no ombro da esposa: “Trouxe um amigo, filhinha, mas ele já jantou!” Então, a esposa, satisfeita com o sabão passado no marido, condescendeu em ser apresentada ao amigo que já jantara. A cozinheira, fula, batia com todas as tampas de panela. E d. Odete invocou o testemunho do visitante:

— Imagine o senhor, se é possível! Isso não é hora de jantar! Minha cozinheira fica por conta e com razão, com toda razão!

O amigo, que se chamava Bezerra, com um sono danado de bêbado, rosnou:

— Realmente... Realmente...

Durante o jantar, o dr. Hildegardo fez a corte à mulher, da maneira mais servil e deslavada. Batia nos peitos: “Sou um sujeito de sorte, seu Bezerra! Minha mulher é uma santa!”

Insistiu com o amigo:

— Estás convidado para as bodas de prata!

A serpente

No dia seguinte, o Bezerra compareceu ao escritório do dr. Hildegardo; baixou a voz:

— É sério aquilo que me disseste? É batata?

O dr. Hildegardo confirmou, categórico:

— Mas, evidente. E trair minha mulher por quê? A título de quê?

— Realmente, realmente.

Dr. Hildegardo ergueu-se. Ficou andando de um lado para o outro, no gabinete, na comovida emoção de sua felicidade matrimonial:

— Vinte e cinco anos não são 25 dias. O maior golpe que eu dei na minha vida foi o casamento. Um alto negócio! Aquilo já não é esposa, é mãe, é o diabo!

O Bezerra, que estava afundado na poltrona, levantou-se; hesitou, antes de fazer a sugestão:

— Olha aqui; hoje eu vou passear com duas fulanas. Uma é minha, claro; mas a outra não tem companhia. Que tal?

Aproximou-se mais do amigo; segredou, numa tentação: “Material de primeira!” Dr. Hildegardo recuou, como se duvidasse da própria vista e dos próprios ouvidos:

— Mas você tem coragem, Fulano? Conhecendo minha mulher e sabendo que eu, nunca, ouviste, jamais? Você se esquece que no fim do mês comemoro as bodas de prata? Francamente!

O amigo explodiu:

— Deixa de ser besta, Hildegardo, tira o cavalo da chuva! Que é que tem? Todo mundo faz isso! Em matéria de amor, qualquer homem é um canalha!

— Eu, não! Eu, absolutamente! Ora veja! E digo mais: no terreno sexual, só tolero uma posição, a clássica, a tradicional. Sou do “papai-mamãe” rasgado.

O outro, porém, insistiu, numa obstinação quase indecente; seus conselhos tinham o seguinte nível: “Só uma vez, seu imbecil! A pequena é um pirãozinho.” Dr. Hildegardo, já transpirando, resistia: “Não! Nunca!” Novos argumentos e, por fim, a exaltação. O Bezerra segurava, com as duas mãos, e pela gola, o amigo indefeso: “Escuta, ó cara! O sujeito que só conhece uma mulher é um cretino! Tenha vergonha!” Quarenta minutos depois, o derrotado dr. Hildegardo telefonava para casa: “Filhinha, imagina só o abacaxi. Estou tão amolado!

Apareceu um negócio importante, de forma que eu não posso jantar...” Quando desligou, virou-se para o amigo, que, do lado, numa satisfação inteiramente gratuita e torva, esfregava as mãos; e disse, com ar de mártir:

— Estás querendo ver minha caveira. No duro que estás!

Desceu o elevador com o amigo, rumo à primeira infidelidade, com o ar típico e insofismável do condenado à morte; gemia: “Estou metendo os pés em 25 anos de felicidade.”

A outra

No dia seguinte, era o próprio dr. Hildegardo quem andava atrás do Bezerra; assim que o encontrou, fez a pergunta sôfrega: “Vamos lá outra vez?” O amigo exigiu um relatório: se tinha gostado; se o material era ou não um grande material; se a fulana era um pirãozinho ou... Dr. Hildegardo, evocativo, maravilhado, dava o seu depoimento autorizado: “É muito liga, sim; uma grande praça.” O outro o catucava:

— Não te disse? Vai por mim, que você vai bem! Aproveita!

Foram lá essa vez e mais outras. De quando em quando tinha crises morais: “Mas não está direito! Eu amo a minha mulher.” Um dia, beberam juntos, dr. Hildegardo e o Bezerra. E este, depois de entornar vários chopes, teve uma sinceridade feroz de ébrio: “Tua mulher é uma jararaca! Um bucho!” Dr. Hildegardo, então, chorou. E houve, na mesa do bar, entre eles, uma polêmica de bêbados. O marido pretendendo que a esposa era uma santa, uma mãe — uma adoração de mulher.

As bodas de prata

Enfim, chegou o dia das bodas de prata. O Bezerra estava lá, firme e grave. Vieram parentes, até, do Norte. O namorado da filha única do casal compareceu, também, de azul-marinho. E, quando não faltava mais ninguém, dr. Hildegardo, no meio da sala, fez um gesto; e pediu: “Silêncio! Silêncio!” Todos se calaram; pensou-se num discurso. E então, o dr. Hildegardo, em voz bem alta e nítida, disse:

— Comunico que, neste momento, deixo esta casa! Silêncio profundo, enquanto cada um dos parentes ia assimilando o fato. A primeira a reagir foi d. Odete: caiu dura. Houve um tumulto, na casa toda. As hipóteses estavam no ar, vivas: Loucura? Embriaguez? Pilhéria? Mas já o dr. Hildegardo, seguido do triunfante Bezerra, varava a muralha dos convidados, a caminho da porta, atropelando as senhoras enchapeladas. A filha tinha um desmaio. E o futuro genro se arremessava no encalço do sogro. Na calçada, o rapaz o alcançou; balbuciou a pergunta: “Mas que foi que houve? Não faça isso!” Então, o dr. Hildegardo abriu-se:

— O que houve foi o seguinte: há 25 anos que minha mulher me faz de palhaço! E chega! Uma chata!

— Mas sua filha?

Dr. Hildegardo, que já ia mais adiante, estacou: “Ah, sim, a filha!” Veio ao encontro do genro:

— Queres um conselho, rapaz? Manda a minha filha passear. Puxou ao gênio da mãe, imagina! Vai no meu golpe; deixa de ser burro! Chuta a minha filha!

33 - O vadio

Tomou um banho implacável, que levou, no mínimo, uns quarenta minutos, contados a relógio; cantou, debaixo do chuveiro, assoviou, bufou. A mãe, que o tratava como a uma criança, fez, do corredor, a recomendação:

— Olha as orelhas, meu filho, limpa as orelhas!

Depois do banho, pediu o talco; veio o talco. E ele o usou com uma profusão de primadona decotada. Enfim, estava diante do espelho, passando e repassando brilhantina, da braba, da suburbana. A mãe continuava:

— Olha a hora, Fulano!

Quando saiu, de terno branco, era outro homem. A mãe, enchapelada, com o melhor vestido, o acompanhava. Iam à casa de Moema pedir, para o rapaz, a mão da pequena. Pouco depois, desembarcavam, lá, de um táxi, que a velha pagou. Senhora de princípios rígidos, ela fez questão de um troco de quinhentos réis. Na casa da noiva, houve uma cerimônia rápida e comovente. d. Laura (chamava-se d. Laura) fez o pedido e, no meio, começou a chorar: a mãe de Crisálida a acompanhou; e a garota, idem. Depois, serviram refrescos de maracujá. E, então, os noivos sentaram-se num canto, para conversar com maior intimidade. Crisálida baixa a voz:

— Meu filho, estamos noivos e sabe como é: nós precisamos tratar do apartamento.

Ele tomou um choque: “Que apartamento?” E ela:

— Ora, benzinho! Que apartamento pode ser? O nosso! Ou tu achas que vamos morar na rua?

Sogra

Em tempo, informe-se que o rapaz chamava-se Euzébio Magalhães e era filho único de mãe viúva. Ouvindo falar em apartamento, fez o natural espanto:

— Pra que apartamento?

— Mas claro!

Euzébio foi pôr, em cima do piano, o copo vazio de refresco. Voltou, sentou-se novamente, ao lado da noiva e indagou: “Então tu achas que, com a casa de mamãe à nossa disposição, vamos pagar um dinheirão de aluguel?” Ela balbucia:

— Vamos morar com tua mãe?

— Mas, claro, evidente, minha filha!

Crisálida ficou calada algum tempo. Por fim, suspirou:

— Eu pensei que a gente ia ter a “nossa” casa!

O noivo protesta:

— Tem dó, Crisálida! E até me admira, francamente, certas ideias que você tem! Acaso você ignora que minha mãe sofre do coração? E se ela tiver um troço? Já imaginaste o bode? Já imaginaste o teu, o meu remorso? Deus me livre!

O vadio

Passou. A vida de Euzébio estava dividida da seguinte maneira: dormia até o meio-dia; jogava sinuca, depois do jantar, no bilhar da esquina; e, à noite, ia para a casa de Crisálida, noivar. Com o noivado oficial, porém, ficava, de fora, um problema e grave: a data do casamento. Mas d. Laura considerava essa questão de data um detalhe secundário ou nulo. Virou-se para a futura nora:

— Para que pressa, não é mesmo, se já estão noivos? — e prometia: — Quando Euzebiozinho arranjar um emprego, a gente marca o negócio.

O emprego

Ficou dependendo tudo do emprego do rapaz. No fim de quatro meses, as amigas de Crisálida já a interpelavam no meio da rua:

—Sai ou não sai esse troço?

Disfarçava:

— Sai.

Mas houve uma colega, despeitadíssima, que fez o veneno:

— Só se for no dia de São Nunca!

Crisálida traçou os dedos, em figa. Ao primeiro ensejo, porém, puxa o assunto: “E o teu emprego, Euzebiozinho?” Ele parou, no meio da rua, escandalizado:

— Já começa você! Você já está me enchendo, ouviu? Muda a chapa, ora que pinoia!

Insistência

Mas Crisálida, que não era criança, queria casar depressa. De vez em quando, voltava à carga, meiga, mas tenaz. Um dia, ele cravou na pequena a pergunta irônica:

— Vem cá: você vai se casar comigo ou com o meu emprego?

Ela gagueja:

— Bem. Contigo, é claro. Mas você não acha que o emprego é necessário? Sem teu emprego, vamos passar fome, meu filho!

Euzebiozinho exagerou:

— Tinha alguma coisa demais? Seríamos, por acaso, o primeiro casal a passar fome? Responde!

Crisálida engasga, envolvida por uma dialética superior. Sua única atitude foi a de refugiar-se, por detrás das próprias lágrimas. Ele, então, comoveu-se. Baixando a voz, e olhando para os lados, pisca o olho:

— Estás pensando que eu estou dormindo no ponto? Sou meio maquiavélico, percebeste?

Esfregava as mãos, eufórico. Crisálida, curiosa, e já num prévio deslumbramento, indaga: “Conta. O que é que há?” Euzébio deu as explicações:

— O meu lema é o seguinte: “devagar e sempre”. Estive pensando e cheguei à conclusão de que não adianta casar agora. Espera-se mais um pouco e fazemos um *big* casamento!

Crisálida não entende:

— Esperar o quê, meu bem? Estavam na casa da sogra. Euzébio levanta-se. Em pé, com as duas mãos enfiadas nos bolsos, e olhando as paredes, o teto, o lustre, os móveis, como um futuro proprietário — prossegue:

— Presta atenção: minha mãe tem uma lesão cardíaca incurável. Mais dia, menos dia, morre. E ela morrendo, já sabe: sou o herdeiro único. Mamãe tem prédios, avenidas, o diabo! Manjaste o golpe? E eu, com a gaita no bolso, vou fazer misérias! Que tal uma lua de mel na França, Itália e outros bichos?

Diante da noiva, atônita, fez as confidências que sempre calara. D. Laura era somítica como ela só. Chorava cada tostão. Além do mais, tinha a mania desagradabilíssima de empregá-lo. Queria que ele trabalhasse, que se matasse de trabalhar. E o rapaz considerava isso de uma tirania e de um pão-durismo

intoleráveis.

Crisálida devia dar-se por satisfeita. No dia seguinte, porém, indaga:

— Quer dizer que temos de esperar esse tempo todo?

Bufou:

— Esperar coisa nenhuma! Você conhece o dr. Belisário, não conhece? Pois é. Ontem, o dr. Belisário me chamou no consultório e disse o seguinte: que eu tomasse muito cuidado com mamãe, porque de um momento para outro, o negócio rebenta. Basta uma contrariedade, um susto, uma emoção, e pronto!

Crisálida, que acreditava em inferno, teve seu drama; seria lícito um casamento baseado numa defunta hipotética? Olhava para d. Laura e via, na boa senhora, a morta próxima. Mas, Euzebiozinho tinha argumento para tudo:

— Você até me decepciona, francamente! Quem vê diz que sou alguma hiena, algum chacal! Responde! Eu tenho culpa que minha mãe não seja eterna?

Essa lógica arrepiava Crisálida. E Euzébio ainda acrescentava, sem muita propriedade: “Rei morto, rei posto!” Então começou a longa espera. Criou-se, em Crisálida, menina de bons sentimentos, incapaz de matar uma mosca, o hábito daquela ideia. Se d. Laura apanhava um mísero, um vago resfriado, ela corria, atarantada, para visitá-la. Fazia o falso espanto:

— Ih, d. Laura! Estou achando a senhora abatida hoje! Mas, a velha, na sua obstinação vital, resistia; impávida, aos resfriados, às gripes e, até, a um ameaço de pneumonia. Passou-se um ano; e mais outro e outro. No verão, parecia até castigo: Crisálida ficava coberta de brotoejas. Apareceram espinhas no seu rosto. A mesma colega que pressagiara o seu casamento para o dia de São Nunca fez outra insinuação: “Quem tem espinhas é solteirona.” Quanto ao noivo, continuava na sua vadiagem desenfreada, sem querer saber de emprego. Crisálida caiu em pânico. Não aguentou mais: uma tarde vai, sozinha, falar com o médico da sogra, o já citado dr. Belisário. Perguntou se era verdade que a sogra tinha lesão cardíaca. O médico achou graça:

— Conversa!

— Como?

E ele:

— Tem um coração de cimento armado! Ela é que me fez inventar esse negócio de lesão para ver se o filho tomava emenda!

Crisálida ainda pediu um remédio para as suas espinhas, cada vez mais numerosas, e despediu-se. Ia fora de si, num dilaceramento medonho. Atravessa a rua como uma sonâmbula e nem viu o automóvel, em disparada, que a atropelou. Morreu, ali mesmo, de olhos abertos. Durante algum tempo, ninguém mexeu no corpo, nem se lembrou de compor suas roupas. Mas os homens a olhavam sem maldade.

34 - Granfa

Foi uma mudança que deu na vista. Muito alegre, brincalhão e, até moleque, tornou-se grave, taciturno, fúnebre. Os amigos estranharam: “Que cara é essa? Estás doente?” Respondia, soturno:

— Não há nada. Vou muito bem, obrigado.

Ia mal, porém, a julgar pelos seus novos ares e pelos suspiros, em profundidade, que extraía do próprio peito. Até que Eunápio, que era seu amigo mais íntimo, uma espécie de irmão, veio interpelá-lo com a autoridade das estimas fiéis. A princípio, o Freitas relutou: “Não há nada. Juro que não há nada!” Mas o outro insistiu: “Tens um segredo, um mistério na tua vida. Ou não confias em mim?!” Freitas levanta-se, vai até a janela e volta. Senta-se novamente, acende um cigarro. Resolve abrir o coração. Põe a mão no joelho do Eunápio e baixa a voz:

— Adivinhaste. Tenho um mistério na minha vida. Aliás, um drama, percebeste? Um drama em 25 atos e 32 apoteoses. É o seguinte: estou amando uma senhora casada!

— Oba!

E o Freitas:

— Pois é. Eu gosto dela, ela gosta de mim. Te juro o seguinte: é a minha primeira e última paixão!

Eunápio faz a pergunta: “Boa?” O outro explode:

— Se é “boa”? Um monumento, compreendeu? Dessas mulheres que derretem edifícios. Quando eu penso ou falo nela, começo a tremer. Olha só como eu estou tremendo, olha!

Estendeu a mão, que, efetivamente, tremia. Eunápio, impressionado, começa a raciocinar, em voz alta: “Mas se tu a amas, se ela te retribui e se é ‘boa’ pra chuchu, não vejo drama.” Freitas protesta:

— Há drama, sim — e repetia: Há! Imagina tu que a pequena é “granfa”, e eu, um pé-rapado. Ela tem dois automóveis, inclusive um Cadillac; e eu só não ando de “taioba”, nem sei por quê. A dura realidade é a seguinte: eu não a mereço, está muito acima de mim!

O pobre e a rica

Ele próprio, com seus 22 anos de vida, não sabia explicar aquilo. Era um rapaz modesto, cuja experiência limitava-se a cinco ou seis namoros suburbanos. Sua penúltima namorada tinha, na frente, um inenarrável dente de ouro. Pois bem. Um dia, o Freitas dá, de cara, no Maracanã, com um amigo de infância, colega de colégio e, por sinal, riquíssimo. Coincidiu que torcessem pelo mesmo time e a paixão clubística os reaproximou. O outro, filhinho de papai, levou-o, de automóvel, até a porta de casa. Fez, na despedida, o convite formal:

— Olha, aqui, seu zebu! Tu, amanhã, jantas, lá em casa, nem que chova canivete. Toma nota do endereço, toma. Ou eu venho aqui te buscar de automóvel, queres?

Quis. A amizade com um milionário deslumbrou o Freitas. E uma coisa o entusiasmava, ainda mais: a intimidade com que o amigo o chamara de “zebu”. No dia seguinte, o outro reaparece, na hora marcada, com o espetacular Cadillac. Várias coisas esmagaram o Freitas neste primeiro jantar. Antes de mais nada, o ambiente, de um luxo deprimente; depois, os talheres de prata autêntica; e, por último, a beleza da dona da casa e mulher do amigo. Acresce que foram servidos por um garçom engravatado. Tudo isso ofuscava um rapaz sem pretensões, que residia no Jacaré. Freitas jantou, lá, outras vezes, porque o dono da casa era de uma efusão irresistível. No fim de quinze dias, faz um exame de consciência e conclui pelo seguinte: estava apaixonado. Apaixonado, até a raiz dos cabelos, pela esposa do amigo. E uma circunstância agravou, em seguida, o caso: a retribuição inequívoca. Amava e era amado. Se fosse um romance normal, teria agido normalmente, também. Mas, naquela casa tudo o intimidava, inclusive o formalíssimo garçom de gravata-borboleta. No seu quarto do Jacaré, Freitas perguntava, de si para si: “Pra que garçom?” Por sua culpa ou, antes, por culpa de suas inibições, aquele amor não andava. Até que a pequena, impaciente, soprara, ao seu ouvido:

— Arranja um lugar! Arranja um lugar!

O problema

O lugar! Eis o problema cruciante. Desabafando com o Eunápio, Freitas explicava:

— Se fosse uma qualquer, não teria importância. Mas essa, não! Essa é muito "granfa", ouviste? Eu não posso, evidentemente, levá-la pra qualquer lugar. Mas onde? Não conheço ninguém. É uma calamidade!

Eunápio pergunta:

— Ela não é mulher?

— É.

— E tu não és homem?

— Sou.

O outro simplifica a questão:

— Sendo ela mulher e tu homem, está tudo resolvido. O resto não interessa. Qualquer lugar é lugar. Ou tens complexo?

Tinha. Em pé, andando de um lado para outro, Freitas geme abundantemente: "Não penso assim. Das duas, uma: ou arranjo um ambiente em condições ou então prefiro desistir, é melhor desistir." Eunápio calca a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro; e indaga:

— Queres o meu?

Estaca:

— O teu o quê?

E o amigo:

— O meu apartamento. Eu te empresto. Queres?

Esbugalhou os olhos:

— O teu, não. Obrigado, mas não quero.

Eunápio, porém, enfia-lhe a chave na mão: "Deixa de ser burro. Sabes em quanto ficou a mobília do meu apartamento? Duzentos 'pacotes'. Podes ir: alinhadíssimo." Despediu-se, com um adeusinho de dedos: "*Bye*, *bye*." Sozinho, Freitas sente que a chave queima na sua mão.

A fulana

Quando cai em si, corre para o telefone e liga para o seu amor: “Acaba de acontecer uma coisa incrível, meu anjo! Incrível!” Toma respiração e continua:

— Saiu daqui, agorinha mesmo, o teu marido! O Eunápio, sim! Eu contei-lhe o nosso negócio.

Ratifica:

— Tu?!

— Escondendo os nomes, claro. E o pior tu não sabes. O pior é que como estou em dificuldades para arranjar um lugar decente, teu marido ofereceu o próprio apartamento! Vê se pode! Contado não se acredita!

Do outro lado da linha, a pequena perdia o fôlego de tanto rir. Freitas não entendia esse riso incoercível: “Mas o que é que há? Rindo por quê? Não vejo motivo!” Enfim, a garota pôde falar: “E tu aceitaste? Ah, eu gosto de teu cinismo.” Ele protesta:

— Não. Espera lá. Não aceitei coisa nenhuma. Ele é que pôs a chave na minha mão. Mas eu não vou usar isso. De jeito nenhum.

— Por quê? Foi veemente, no telefone: “Que ideia você faz de mim? Assim também não, que diabo!” Ela, rápida e decisiva, o interrompe: “Ora, não amola! Vai, sim, senhor!” Pausa. Freitas arrisca a pergunta: “Mas você acha direito?” A pequena irritou-se.

— Direitíssimo. Ele não me trai lá? Eu pago na mesma moeda e no mesmo lugar.

Combinaram o encontro, para a tarde seguinte. Ele ditou, pelo telefone, o endereço.

Reação

Foi pontualíssima. Entrou no apartamento do marido e olhava para tudo, com uma divertida curiosidade. Virou-se para o Freitas que, ao lado, taciturno, esperava. Deixou a bolsa em cima de uma mesinha; perguntava: “Quer dizer que é aqui?” Suspira, deliciada; e quer beijá-lo. Freitas, porém, a empurra, brutalmente. A moça faz espanto. “Que é isso?” Então acontece o seguinte: o rapaz corre, abre a porta; trinca os dentes:

— Rua, ouviu? Rua! Tenho nojo de ti, só nojo! — e repetia, numa alucinação: — Cínica! Cínica!

Ela passou por ele sem olhá-lo, de cabeça baixa. Fugiu, apavorada, pelo corredor. Dois ou três dias depois, o Freitas era visto, de braço, com a antiga namorada do dente de ouro, residente também no Jacaré.

35 - Beijo no telefone

Caiu das nuvens:

— Você é casada?

E ela:

— Não sabia? Põe as mãos na cabeça:

— Nem podia imaginar. Mas casada mesmo, no duro?

Sorriu, refazendo a pintura:

— Casadíssima! Estavam numa sorveteria.

Depois do breve lanche, Angelita passara batom nos lábios, Sérgio paga a despesa, ainda impressionado. Levanta-se e sai com a pequena. Lá fora, ele continua:

— Pois olha: estou besta, ouviu? Com a minha cara no chão! E sabe o que é que me espanta, em vocês, mulheres? É a naturalidade! Você encontra-se comigo, anda comigo e nem parece!

Pararam na esquina. Antes de se despedir, Angelita ergue o olhar sereno:

— Faz diferença?

Vacila:

— Bem. Fazer diferença, não faz. Em todo caso, acho gozadíssimo.

Três dias antes, ele vinha passando, de automóvel, quando a viu, numa fila de ônibus. Angelita tinha vinte anos e aparentava muito menos. Havia, nela, na sua figurinha e modos, algo de adolescente. Foi esta frescura de menina e de mulher que o atraiu. Sérgio arriscou um convite. Não houve resistência. Imediatamente, Angelita abandonou a fila, sentou-se, na frente, ao seu lado. E o automóvel — um conversível — arrancou, numa velocidade macia, quase imperceptível. Cinco minutos depois, a caminho de Copacabana, pareciam íntimos. Conversaram sobre muitos assuntos, mas não coincidiu nenhuma referência ao estado civil de ambos. Sérgio a deixou numa esquina da avenida Atlântica, com um encontro marcado para o dia seguinte. E, assim, começou o romance. Na terceira vez, ele, sabe, com imensa surpresa, que Angelita era casada. Baixa a voz:

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro!

E ele:
— É a primeira vez que você faz isso?
— Evidente!

Uma opinião

Deixou a pequena e encontra, mais adiante, seu amigo Queiroz. Arrastou-o para uma mesa de bar. Conversa vai, conversa vem, e resume para o amigo o novo romance. Termina num desabafo:

— Não gosto de mulher casada, percebeste? Acho meio chato!

— Por quê?

— Pelo seguinte: ela trai o marido comigo; e me trai com o marido. Tipo da mágica besta!

O amigo foi cínico, foi brutal:

— Ora, não amola! E te digo mais: nada como mulher dos outros, a mulher alheia! Deixa de ser burro e mergulha de cara!

Restava o problema do medo:

— E se o marido for violento? Se me der um tiro?

O outro achou graça:

— Ninguém dá mais tiro em ninguém! Hoje, o sujeito sabe e finge que não sabe! Vai ver que o marido da tua pequena quer sombra e água fresca!

— Sei lá, rapaz, sei lá!

Continuavam com os encontros, com os passeios. Mas Sérgio era uma vítima dos próprios escrúpulos. A princípio, fez, de si para si, os seguintes cálculos: “Vai ver que o marido a trata mal, não a compreende!” Sondou a pequena. Angelita, porém, o desiludiu: “Ele até que me trata muito bem e me dá tudo.” No seu espanto, Sérgio pergunta: “Mas vem cá. Explica uma coisa.” Pausa e prossegue:

— Não te dói, não te dá remorso fazer isso?

Protesta, aborrecida:

— Mas isso não é nenhum bicho de sete cabeças, carambolas! Francamente, não sei por que você está fazendo esse cavalo de batalha!

E ele:

— Não é cavalo de batalha. Afinal de contas, é seu marido, você se casou com ele!

Angelita perdeu a paciência:

— Quer saber uma coisa? Você já está enchendo com esse negócio! Ele não é o primeiro marido enganado, nem o último! Responde apenas uma coisa: você

me quer ou não me quer?

Teve bruscamente o medo de perdê-la. Balbuciou:

— Quero!

— Então, já sabe: fala de mim, fala de ti, mas não fala do meu marido. Combinado?

Admite:

— Sim.

Lua de mel

Foi uma lua de mel de novela, de filme. Três vezes por semana, Sérgio vinha buscá-la, depois do almoço, de automóvel. A menina e o automóvel partiam, a toda velocidade, numa espécie de fuga. Dir-se-ia um rapto maravilhoso. Iam para uma pequena casa, de paredes brancas e janelas azuis, que Sérgio alugara na Gávea. Passavam, lá, de cada vez, três ou quatro horas, delirantes. De vez em quando, ocorria-lhe ideias voluptuosas: "Vem amanhã sem calça, vem! Saia colante e sem calça!" E a felicidade de Sérgio só não era absoluta por causa do outro, do marido. A existência de um traído, de um enganado, era algo de perturbador. Angelita parecia esquecida de tudo e de todos. Mas esse abandono não a impedia de controlar o tempo. Às seis horas, erguia-se: "Preciso ir, preciso ir." O marido chegava em casa às oito horas, quase sempre. Angelita fazia questão de estar, lá, para recebê-lo. Às vezes, Sérgio queria retê-la:

— Fica mais um pouco. Dez minutos. Fica!

Corria nua para o banheiro:

— Não, não. Está na hora. Tenho que ir.

No telefone

Viveram assim uns três meses. E a única restrição que ele fazia à pequena era a sua absoluta naturalidade no pecado. E, com efeito, nada turvava a sua felicidade. Ele não compreendia que uma esposa pudesse trair, assim, sem pena, sem dor, sem remorso. Uma tarde, porém, os dois pareciam mais enamorados do que nunca. Foi como se, de repente, tudo tivesse cessado de existir. Perderam noção de tempo, de espaço; e houve um momento em que apertando o rosto do ser amado, entre as mãos, Angelita teve um soluço: “Eu queria morrer agora! Num momento assim!” Era tarde. E, súbito, ela apanha o relógio de pulso, na mesa de cabeceira. Toma um susto: “Já?” Vira-se para Sérgio: “Oito horas!” Levanta-se e faz seus cálculos: àquela hora o marido estaria chegando em casa. Pergunta: “E agora?” Ainda imerso no sonho, ele balbucia: “Inventa uma desculpa!” Ao lado da cama, estava o telefone. Nervosíssima, Angelita disca. Do outro lado, atende uma voz masculina. Era ele, o marido. Com uma das mãos, Angelita segura o fone; com a outra, puxa a cabeça de Sérgio. Seus rostos estão unidos. E ela fala com o marido:

— Meu bem, eu estou aqui, na casa de fulana, ouviu?

E vou chegar um pouquinho mais tarde.

O esposo faz um comentário qualquer, Angelita ri e continua:

— Não desliga, já, não, que eu quero te dar um beijo bem gostoso, daqueles. Está ouvindo?

A boca de Sérgio está bem perto. Ela aproxima, mais e mais, o telefone. Une os seus lábios aos do amante, num beijo estaladíssimo. Fala de novo:

— Você ouviu? Gostou? E olha: vou já, chispada!

Ideia fixa

Quando larga o telefone e olha para Sérgio, toma um susto. Com um esgar de nojo, ele passa as costas da mão na boca, como que para limpá-la da lembrança de todos os beijos. Em seguida, põe a cabeça para fora da cama e cospe no chão. Sem entender, Angelita faz espanto: “Que é isso!” E ele, em pé, no meio do quarto, crispado de ódio:

— Não quero mais teus beijos! Nunca mais! Tenho nojo de ti! — e soluça: — Cínica! Cínica!

Angelita teve que sair, dali, às pressas, escorraçada. E, então, aconteceu o seguinte: aquele moço rico e bonito, que vivia conquistando uma e outra, nunca mais beijou uma mulher. Encerrou-se em casa. Mas se via, da janela, uma menina, uma senhora, uma moça, torcia-se em náuseas medonhas. Primeiro, odiou uma mulher determinada; depois, todas as outras; e por fim, a própria vida.

36 - A criança alheia

Parecia tão desinteressada do noivo, que a mãe a chamou:

— Vem cá, minha filha, vem cá.

Detinha aproximou-se:

— Pronto, mamãe.

D. Ofélia pigarreia:

— Posso te fazer uma pergunta? E tu me respondes com sinceridade?

Admirou-se:

— Ora, mamãe! Mas evidente!

A velha baixa a voz:

— Você gosta de Lauro?

Pausa. Detinha limpa o rosto:

— Gosto, sim. Como não? É meu noivo, não é? Devo gostar.

D. Ofélia ergueu-se, descontente. Pôs a mão no ombro da filha:

— Isso não é resposta. Quero saber se você o ama ou não.

A pequena custou a responder: “Não, mamãe. Não amo meu noivo.” Pasmo da mãe:

— Então, você me desculpe, minha filha, mas acho muito feio seu procedimento. Não ama e vai casar? Por quê?

Trincou as palavras nos dentes:

— Porque quero um filho. E preciso ser esposa para ser mãe!

D. Ofélia pôs as mãos na cabeça:

— Que mentalidade!

O instinto materno

Sempre gostara de criança, mesmo das sujinhas, de pé descalço e cheias de lêndeas e feridas. Aos dez anos, surpreendia e escandalizava parentes e vizinhos, ao dizer: “Eu queria ter um filho, mamãe!” O pai, mordendo um charuto, bufou:

— Mas que palpite indigesto!

Não sei se a própria mãe ou uma tia explicou que para ter filho era preciso casar. Primeiro, casar. Três anos depois, começava a namorar. D. Ofélia zangou-se; passou-lhe um carão: “Ainda cedo, muito cedo. E os estudos? Você se esquece dos estudos? Não, senhora! Onde já se viu?” A menina não argumentou; não discutiu. Disse apenas, quase sem mover os lábios: “Quero um filho, mamãe!” D. Ofélia simplificou: “Tem tempo.” No fundo, porém, estava preocupada. Conversa com o marido. Teve uma espécie de presságio:

— Não sei, não. Mas essa menina ainda vai dar muita dor de cabeça.

O velho explodiu:

— Sossega o periquito! Dar dor de cabeça por quê? Que mania!

O namoro

Era uma menina de gênio brando e ótima filha. Geralmente, pensava pela cabeça dos pais. Naquele caso, porém, desobedeceu. Sem dizer nada a ninguém, continuou o namoro, às escondidas, com Lauro. Era o idílio mais doce, mais inofensivo do mundo. Ele, mais velho do que a pequena, dois anos, parecia mais um irmão que um namorado. Uma vez, em que mais afoito, quis beijá-la, na face, ela o travou:

— Olha que eu não falo mais com você!

Acovardou-se:

— Está bem, está bem.

Suas conversas pouco variavam. Detinha sonhava: “Eu quero ter muitos filhos. Meia dúzia, no mínimo.” Lauro fazia espanto: “Meia dúzia?” E ela: “Por que não?” Durante uns três anos, esconderam o romance. Mas, uma tarde, alguém surpreendeu-os no cinema. Foi interpelada em casa: “Isso é verdade?” Respondeu:

— É, mamãe. É verdade, sim. Eu queria que a senhora consentisse, porque eu já tenho 16 anos e queria casar.

O noivado

A princípio, houve uma resistência férrea. D. Ofélia estrebuchou: “Onde é que nós estamos? E fique sabendo: você não se governa!” Tratava, ainda, a filha, como se fosse uma menina irresponsável, sem vontade, sem personalidade. Todavia, Detinha, pela primeira vez, enfrentou-a, de igual para igual. Sóbria, mas irredutível, assombrou a mãe com uma determinação de adulta:

— Ou a senhora consente ou eu fujo. Depende da senhora.

D. Ofélia ficou gelada ante o desafio. Teve medo. Sentiu que esta adolescente era uma mulher feita. Num esgar de choro, balbuciou:

— Consinto. Não é isso que você quer? — soluçou, repetindo: — Consinto, pronto!...

Pouco tempo depois, houve o pedido oficial. Mas logo se notou que não havia, nem por parte de Detinha, nem de Lauro, o menor arrebatamento, a menor paixão. Os comentários começaram a surgir: “Que coisa tão esquisita!” Ao lado do noivo, Detinha era a menos enamorada das mulheres. Nem nos seus modos, nem nas suas palavras, a noiva traía o mais vago, o mais tênue carinho. Bocejava muito. Duas semanas antes do casamento, d. Ofélia, intrigadíssima, chamou-a para uma explicação. Detinha pôs tudo em pratos limpos:

— Mamãe, tanto faz que seja Lauro ou qualquer outro. O que eu quero, apenas, é um pai para meus filhos. Só. O resto não interessa nem me preocupa.

D. Ofélia teve uma última curiosidade: “Acho esse noivado, tão sem graça, que vou te fazer a seguinte pergunta: Ele já te beijou?” E ela: “Não.” A mãe:

— Logo vi! Está na cara!

Bodas

Houve o casamento. Quinze dias depois, Detinha bate o telefone para a mãe: “Ainda não estou sentindo nada.” D. Ofélia achou graça:

— É cedo, minha filha! Calma no Brasil!

Mais um mês, e Detinha corre ao médico, com a pergunta nos lábios: “Será que eu estou, doutor?” O médico, que a conhecia desde garotinha, ri, com uma ternura trêmula de avô: “Vamos ver isso direitinho.” Meia hora, depois, ele, tirando a luva, dá a notícia:

— Por enquanto, não há novidade.

Voltou para casa, desesperada. Dramatizou: “Todo mundo tem filho. Será que só eu que não?” Vira-se para o marido, malcriada: “Parei contigo, puxa!” Nervosíssima, espera mais um mês e volta ao médico. No fim do exame, pergunta: “E, então, doutor?” Ele suspira: “Nada.” Quando Lauro chegou, nesta noite, encontrou a esposa aniquilada. Assim que o viu, porém, Detinha encrespou-se:

— Você sabia, porque eu lhe disse, que eu não o amava. Casei-me para ter um filho! Só. E será que eu não vou ter essa sorte?

Ele, muito doce, numa humildade de adoração, pede:

— Vamos esperar, meu anjo. Vamos esperar mais um pouco.

Detinha o olha, de alto a baixo:

— Se não me deres esse filho, eu vou te odiar até meu último dia de vida.

O fracasso

Mais quatro meses e nada. Detinha perde-se em especulações definitivas: “Será que o nosso sangue não combina?” Um dia, recebe o marido com quatro pedras na mão:

— Você vai ao médico, ouviu? Eu quero saber se você pode ou não pode ter filhos.

Lauro empalideceu. Começa: “Ir ao médico?” E, súbito, tem, diante da mulher, uma crise medonha de choro:

— Eu não preciso ir ao médico, porque já fui! Não posso ter filhos! Não posso!...

Durante alguns momentos, Detinha contemplou sem pena, com desprezo, e asco, este homem que chorava. Disse, por fim, cruzando os braços:

— Tomarei minhas providências.

Desfecho

Viviam debaixo do mesmo teto, eram marido e mulher e passavam dias inteiros sem uma palavra, um olhar, um sorriso. Até que, uma tarde, ele encontra-se com uma tia de Detinha, na cidade. A velha abre os braços: “Até que enfim!” Estende-lhe a mão: “Meus parabéns!” O rapaz parece espantado:

— Parabéns por quê?

E a outra:

— Soube que Detinha vai ter neném!

Largou a tia e veio voando! Chega em casa e surpreende a esposa, na sala, valsando, sozinha, ao som do rádio. Ela estaca, ao vê-lo. Lauro pergunta: “É, então, verdade?” A pequena recua, apavorada: “E se for?” Ele sente que é verdade, sim. Fora de si, aperta a mulher bruscamente:

— Eu amarei essa criança como se fosse meu filho!

37 - A troca

No fim de oito dias de namoro, tomou coragem e perguntou:

— Me dá um beijinho?

Foi um Deus nos acuda! A menina saltou, de dedo em riste:

— Fique sabendo que eu não sou quem você está pensando!

E, de fato, parecia ofendida da cabeça aos pés. Ele, que não tivera a mínima intenção de ofendê-la, caiu das nuvens. Suou frio, gaguejou sem compreender a reação frenética; e perguntava: “Mas que foi que eu fiz, meu Deus? É uma coisa tão natural, meu anjo!”

E ela, batendo com o pé, queixo empinado:

— Ora veja! Pensa que pode fazer de mim gato e sapato? Comigo não, violão!

Foi um custo para acalmá-la. Quando se despediram, a menina fez a advertência: “Nunca mais, ouviu? Nunca mais!” Ele disse que sim, que estava bem, e chegou mesmo a um compromisso dramático, concebido nos seguintes termos: “Te juro por tudo que há de mais sagrado!”

A verdade é que estava maravilhado com tamanha virtude. Foi dizer aos amigos, na esquina:

— É a menina mais séria que eu já vi na minha vida!

E contava, para assombro geral: “Quase me comeu vivo! Só porque eu pedi um beijo!”

A virtuosa

A maior vaidade de Menezes foi a de dizer, abertamente, que jamais dera um beijo na Fany. Muitos achavam graça e ponderavam: “Você está dormindo no ponto!” E ele: “Pois sim! Minha pequena não é como muitas.” E ia por aí, além, desfazendo das outras e pondo Fany nas nuvens.

Um dia, porém, estava no emprego quando bate o telefone. Um amigo berrava, do outro lado da linha:

— Corre, fulano, que tua pequena está morrendo!

Arremessou-se pelas escadas. Na casa da menina só viu, diante de si, caras de espanto e cochichos. Alguém soprou-lhe: “Hemorragia e daquelas!” Atônito, repetiu:

— Hemorragia?

Acabou descobrindo a verdade: Fany cultivava dentro de um sigilo feroz um romance secreto com um homem casado! Quando as consequências se fizeram sentir, ela procurou uma fazedora de “anjos”. Veio de lá com uma perfuração. Assombrado, o rapaz dizia e repetia: “Não é possível. Não pode ser!” Mas a verdade, o fato concreto e irrefutável, é que a menina estava no quarto, esvaindo-se.

O enganado

Alguém veio lá de dentro chorando: “Como é possível, meu Deus!” Morreu ao cair da noite. Menezes saiu, pasmo, e entrou no primeiro botequim. Daria tudo para chorar uma lágrima, fosse de pena, de ódio, de amor. Mas se sentia pétreo, numa dor estática e terrível. E, de repente, sua calma se fundiu. Teve uma crise medonha: debatia-se nos braços dos amigos, berrando:

— Cínica! Cínica!

Complexo

Desde então, passou a revelar o que os amigos semianalfabetos chamavam de “complexo” contra o casamento. Dizia, mesmo, com amargurado cinismo: “Casar pra quê? Pra arranjar mulher para os outros?” Benzia-se ou batia na madeira. Na menina mais angélica via uma Fany disfarçada. Esfregava as mãos, no café da esquina: “Comigo é assim. Só quero vantagem.”

Namorava várias, ao mesmo tempo. Apontava as pequenas no meio da rua: “Com aquela eu fiz misérias!” Parecia um irresponsável. Dizia-se, mesmo, que era indigno de entrar numa casa de família. Soube que falavam mal dele e achou graça:

— O que eu não sou é palhaço de mulher nenhuma! Não durmo de touca!

Várias meninas sérias, dignas, de família, gostaram dele; mas Menezes não tinha cerimônias. Quando percebia no ar uma sugestão matrimonial, explodia: “Ora, vai ver se eu estou na esquina! Não enche!”

Nova paixão

Parecia um caso perdido. E, súbito, quando menos esperava, apaixonou-se outra vez. Foi ao Maracanã, assistir a um Vasco x Flamengo, com alguns companheiros, e lá encontrou Marília. Foi um caso sério. Houve, de parte a parte, um interesse instantâneo e profundo. Soube, então, por intermédio de um dos amigos, que a pequena era viúva de um coronel e que, no momento, tinha uma ligação.

Menezes empalideceu:

— Ligação?

Explicou que se tratava de um senhor de meia-idade, bem-instalado na vida, com seus mil contos no banco, prédios, o diabo. Na primeira oportunidade, Menezes teve um desabafo: “Que azar tremendo.” Ela admirou-se: “Por quê?” O rapaz, amargurado, explicou:

— É “espeto” esse cara na tua vida!

Mas a viúva piscou um olho:

— Dá-se um jeito!

Casamento

Bastaram mais dois ou três encontros. E o Menezes pegou fogo. Exigiu: “Dá um chute nesse palhaço!” Prometeu: “Deixa por minha conta!” Mas quando os amigos souberam, houve protestos e muxoxos:

— Viúva?

— Pois é.

— Mas você está maluco? Bebeu? Com tanta pequena novinha!

Ficou indignado; xingou: “Vão tomar banho!” E arranjou uma teoria sutil e capciosa: “Mulher pra ser mulher tem que ter experiência!”

No fundo estava honestamente convencido de que a viuvez aumenta os encantos femininos.

O certo é que, com oposição de alguns parentes e amigos, casou-se no civil e no religioso.

Três meses depois, recebe uma carta. Procura assinatura e nada. Lê, relê; eis o que dizia o infame papel: “Seu animal, tua mulher gosta de um fulano assim, assim.” Menezes viu aquilo e teve um gesto esplêndido: entregou o bilhete à mulher. Marília passou os olhos e devolveu a carta. Suspirou:

— Essa gente não tem mesmo o que fazer!

Cartas anônimas

Dias depois, nova carta, com a sugestão: “Simula uma viagem e aparece de repente.” E nada de assinatura. Mais alguns dias: outra carta. Trazia maiores detalhes sobre o pseudoapaixonado de Marília: “Trata-se de um português, dono de uma fábrica de sapatos, casado e pai de três filhos.”

Foi se confessar a um amigo. Este pigarreou: “Sou suspeito porque fui contra teu casamento, mas...” Teve escrúpulo de continuar. Menezes autorizou: “Fala.” E o outro:

— Acho que não custa nada tentar. Simula a tal viagem. É golpe.

Menezes foi categórico: “Nunca! Minha mulher é a honestidade personificada. Incapaz de um ato menos digno.” O amigo, que se chamava Carlos, coçou a cabeça: “Então já não está aqui mais quem falou. Lavo minhas mãos.” Volta o Menezes, atormentado. A insistência das cartas anônimas estava fazendo um desgaste nos seus nervos. Refugiava-se num argumento que lhe parecia de melhor qualidade: “Nenhuma mulher trai o marido na lua de mel.”

O tal amigo, o mesmo que sugerira a experiência, insinuou: “Quem sabe?” No dia seguinte outra carta anônima, com as mesmas infâmias. Na hora do jantar, tomando a sopa, Menezes anunciou:

— Imagina tu o “abacaxi”! Vou ter que ir a São Paulo.

— Quando?

A viagem

Vacilou; acabou dizendo: “Amanhã.” Acrescentou que passaria lá de três a quatro dias. Marília suspirou: “Que amolação, meu filho!” Já o rapaz não gostara de seu tom, olhar, modos; uma suspeita se cravou no seu espírito: “Eu acho que ela até gostou.”

No dia seguinte, teve que representar a comédia: meteu pijama, camisas, na mala. Julgou perceber, nos olhos da mulher, um brilho suspeito; gemeu interiormente: “Será o Benedito?” A mulher queria acompanhá-lo até o aeroporto. Ele, porém, foi irredutível: “Oh, que bobagem! Não precisa!” Tomou o táxi e a mulher entrou, antes que o carro dobrasse a esquina. Menezes respirou fundo, numa melancolia tremenda.

A última carta anônima trazia o endereço do tal industrial. Na sua angústia, teve a ideia de passar pela porta do “outro” e mandou que o motorista seguisse para lá.

O “outro”

Na rua indicada, o carro moderou a velocidade. E Menezes pôde ver, numa das janelas da casa do homem, uma jovem e bonita senhora, limando as unhas. Pareceu-lhe muito bonita ou, como ele próprio admitiu, “boa”.

De noite, a pé, estava Menezes embaixo de uma árvore, espionando a própria casa. Viu quando um indivíduo, bem-vestido, de capa, cabeça baixa, entrava no seu jardim e desaparecia pelos fundos. Durante alguns momentos, a única coisa que ouviu na Terra foram as batidas de seu coração. De repente, ocorreu-lhe a lembrança da mulher bonita, limando as unhas. Esperou, debaixo da árvore, uns quarenta minutos, depois esgueirou-se, entrou como gatuno, na própria casa, penetrou no seu interior. Ninguém embaixo. Descalço, ou de meias, subiu a escada; torceu o trinco e empurrou. Mas a porta estava fechada por dentro. Percebeu vozes no interior do quarto, barulho de cadeira derrubada. Berrou: “Abram, seus cachorros!” A própria mulher, chorando, abriu. O industrial, porém, se arremessara pela janela, caíra no jardim, pulara o muro e sumira na noite.

Marília choramingava: “Não me mate!” Menezes olhava em torno. O outro fugira, deixando paletó, calça e os sapatos. Com calma, com método, o rapaz fez um embrulho de tudo aquilo em papel de jornal. Só, então, falou: “Olha aqui, sua cretina, não quero mais nada com você. Nunca mais!” Espantado com a própria serenidade, embrulho debaixo do braço, apanhou um táxi.

A troca

Marília chamou parentes, amigos, conhecidos. Umas dez pessoas se reuniram na casa, à espera de Menezes, para a reconciliação. Ela batia nos peitos: “Reconheço minha culpa!”

Alta madrugada, um automóvel encosta na porta. A dedução foi instantânea e coletiva: “É ele! É ele!” Era, de fato, ele. Mas vinha acompanhado. Entrou em casa de braços com a outra, a jovem senhora que vira limando as unhas. O assombro foi unânime. Em meio de apavorante silêncio, anunciou para a esposa e os demais: “Você vai ficar com seu amante e eu com a mulher dele.” Como ninguém se mexesse, nem a própria esposa, vociferou, possesso:

— Rua! Rua!

No dia seguinte, despertando em seu novo lar, a mulher do industrial sacode Menezes, que dormia. E, então, vingada e feliz, faz a pergunta: “Como é o teu nome?”

38 - Morte pela boca

Qualquer impontualidade o irritava. Quando chegou, com um atraso de meia hora, Egberto explodiu:

— Demoraste, puxa! Luíza pôs a bolsa em cima da mesa, arrancou as luvas, sentou-se, nervosa, zangada.

— Quase não vim!

— Por quê?

Ergue-se, possessa:

— Por causa do animal do meu marido!

Ah, sujeitinho asqueroso! Imagina tu: não foi ao emprego, hoje, ficou em casa!

Egberto empalideceu, assustado:

— Vê lá se ele te seguiu, se anda por aí!

Então, mais calma, Luíza explicou que não havia perigo, porque o Chaves estava doente, de cama. Egberto esfregava as mãos, numa satisfação profunda: "Doente?" Ela apanhou na bolsa um cigarro:

— Pois é. E queria que eu ficasse em casa. Vê se pode! Uma gripezinha muito reles, mambembe! De amargar!

Na sua irritação nervosa, chegou a chorar. Egberto, que já sabia de sua infelicidade matrimonial, veio, por trás, abraçá-la. Beijou-a no pescoço e pronto: num minuto ela esquecia a sua imensa frustração matrimonial. Meia hora depois, estava diante do espelho retocando a pintura dos lábios. Em dado momento, suspira:

— A mulher sofre muito.

Romance

Conheciam-se há um mês e meio. Preliminarmente, achou a pequena meio sem graça, enjoativa. Os amigos viviam dizendo: “Te olha muito!” “Te dá muita bola!” Embora lisonjeado, fazia-se de superior, de inconquistável: “Não interessa!” Um dia, porém, um conhecido vem com a notícia:

— Tu sabes que a tal fulana é casada?

— Casada?

O interesse do Egberto, que era ralo, quase inexistente, cresceu de uma maneira fantástica. Puxou o informante pelo braço; levou-o para o fundo de um café. E lá, num canto conspirativo, teve, por assim dizer, a biografia-relâmpago da pequena. Soube que o marido era um tal de Chaves, sujeito magro, de peito fundo, com propensão para tísico. De olho brilhante e o lábio trêmulo, Egberto já admitia:

— Sabe que tem sua graça dar em cima da mulher dos outros?

O amigo piscou o olho:

— Aproveita! Aproveita!

O conquistador

Era um rapaz de escassa experiência amorosa. E foi a condição de casada que o atraiu em Luíza. Passou a retribuir olhar com olhar. Três ou quatro dias depois, tinham o primeiro encontro numa sorveteria da cidade. Desde o princípio, Luíza disse horrores do marido: “Quem tem o marido que eu tenho, não precisa usar aliança!” Impressionado, Egberto atalhava: “Ainda há quem seja contra o divórcio!” O amigo do café, confidente do romance, antecipou-se. “A título de colaboração, eu te empresto o meu apartamento!” Impôs, porém, uma condição: “Mas tu tens que contar tudinho!” E o que houve de bom, no caso, foi a sua insólita facilidade. Em nenhum momento Luíza resistiu. Essa gana de trair, essa urgência de pecar, assombrou Egberto. Logo da primeira vez, ela o surpreendeu anunciando:

— Faço questão de telefonar “daqui” para meu marido.

E, de fato, fez a ligação, com desenvoltura, uma naturalidade e um cinismo quase doces. Ainda brincou: “Se você soubesse onde eu estou!” Do outro lado da linha, o pobre-diabo, na presunção de uma pilhéria, ria:

— Sossega, leoa!

Consciência

E não se passava um dia sem que Luíza não dissesse o diabo do marido. Mas como não mencionasse fatos objetivos, Egberto quis saber: “Mas, afinal de contas, o que foi que esse cara te fez de concreto?” E ela, suspirando: “É melhor nem tocar no assunto!” No café, com os amigos, Egberto baixava a voz:

— O marido é um monstro!

E, súbito, começa a acontecer o pior: o tédio. A verdade é que ele já ia aos encontros com esforço, com sacrifício. Ao lado da pequena, bocejava de uma maneira contínua e escandalosa. Luíza reclamava: “Quem vê diz que eu te dou sono, ora, bolas!” Ao mesmo tempo, esse declínio de interesse facilitou uma crise de consciência. De noite, em casa, dizia de si para si: “Não se faz isso com um homem!” E como se não bastasse, houve uma coincidência arrepiante: é apresentado ao homem que traía. Apertou a mão do outro, com um remorso de Judas. Ainda perguntou, como se tivesse ouvido mal:

— Chaves?

O outro, com sua respiração certa de asmático, um peito de menino, confirmava por inteiro:

— Segismundo Chaves.

Entraram num bar próximo. Com a alma nos pés, Egberto procura sentir, naquele rapaz esquálido, a sombra de monstro. Todavia, o outro parece um simples, um doce, um terno. E, súbito, não sei a que propósito, rompe a falar da esposa que tem:

— Uma santa! Só o senhor vendo! E que dedicação!

Por alguns momentos, Egberto, lívido, suspeitou de alguma ironia hedionda. Mas logo viu que não.

O santo

Quando o pobre-diabo saiu, Egberto, aflito, agarra-se ao amigo que os apresentara. Perguntou: “É verdade que esse cara faz miséria com a mulher?” O amigo saltou:

— Que blasfêmia! O Chaves é o anjo dos anjos! Com umas alpercatas e uma camisola, seria um autêntico São Francisco de Assis!

Atônito, Egberto despediu-se. Nessa noite, não conseguiu dormir. É o cúmulo! No dia seguinte, força o encontro com a pequena. Entrou, como ele próprio diria, *de sola*. “O que você fez não se faz. Nenhuma mulher tem o direito de caluniar o marido!” Foi uma cena atroz. Luí-za explodiu em soluços e, finalmente, fez uma confissão total. Então, com uma sensação de úlcera no estômago, Egberto percebeu tudo: o que a inferiorizava e irritava era, justamente, a nobreza do marido, sempre terno, sempre nobre, sempre manso, incapaz de uma grosseria, de uma maldade. Abraçado a Luíza, ele explodiu: “Bom demais! Bom demais!” Frio por dentro, incomovível, Egberto afastou a pequena: “Foi a última vez! Não quero mais nada contigo, nada!” Luíza sentiu que o perdia para sempre. Enfureceu-se:

— Você está com chiquê agora! Mas eu sei porque: — e ela própria respondeu: — Porque se cansou de mim, quer dar o fora! Mas olha: eu não sou mulher que se chute! Espere pela volta, cachorro!

Apanhou a bolsa. Ao passa por ele, cuspiu-lhe no rosto. Sem uma palavra, Egberto apanhou o lenço e, numa tristeza mortal, enxugou a face.

Intriga

Fora de si, ela foi buscar o marido no emprego: “Vamos pra casa!” Meia hora depois, estavam no quarto, trancados. Luíza começou: “Dá-se isso, assim, assim.” Contou o caso, ocultando o nome. Ao acabar, chorando, diz: “Agora você sabe de tudo. Sabe que eu traí você. Muito bem: e qual sua providência?” Silêncio do marido. Ela insiste: “Você me perdoa?” O que houve, em seguida, foi indescritível. Ele se lançou nos braços da mulher. Com a cabeça pousada no seu peito, soluçava como uma criança: “Coitadinha!” Luíza sempre contara com o perdão. Todavia, admirou-se. Coitadinha por quê? Essas lágrimas de homem já a enjoa-vam. Pediu. “Para com essa choradeira!” E ele: “Não sou ninguém para te julgar!” Então, na sua cólera contida, ela o segurou pela gola e sacudiu:

— Que você perdoe a mim, está certo. Mas a ele, não. Ele tem que pagar. Direitinho.

Chaves pareceu surpreso. Na sua dor de marido, só pensara na esposa, excluindo sumariamente o outro. Tremeu, ao ouvi-la dizer: “Você precisa matar!” Esbugalhou os olhos, como se achasse absurdo que alguém possa matar alguém. Luíza passou a noite inteirinha convencendo o infeliz. Argumentava: “Com que cara eu posso viver, sabendo que ele vive?” Estraçalhava as sílabas nos dentes, instigando-o: “Mata! Mata!” Pela manhã, Chaves pareceu convencido. Foi na gaveta apanhar o revólver. Possessa, a mulher o levou até o portão:

— Dá-lhe um tiro na boca! Na boca!

Ao dobrar a esquina, ele experimentou uma alucinação auditiva. Ouvia a voz da mulher: “Na boca! Na boca!” Então, não resistiu mais. Encostou-se numa parede. Uma dona de casa, que aparecera numa janela próxima, viu quando aquele homem puxou o revólver, introduziu o cano na boca e puxou o gatilho.

39 - Curiosa

A princípio não ligou, não prestou atenção. Mas, certa vez, numa festa, o Carvalhinho o cutucou:

— Abre o olho, rapaz! Abre o olho!

Não entendeu:

— Por quê?

— Esse teu negócio com a mulher do Paiva está dando na vista.

Esbugalhou os olhos:

— Nem brinca! Sou amigo do Paiva até debaixo d'água! E para com essa brincadeira, sim?

Discutiram em voz baixa; o Carvalhinho insistiu: "Não amola! Ela não tira os olhos de ti! Te dá cada bola tremenda!" Em vão, o Serafim, realmente assustado, bateu nos peitos: "Te juro! Te dou minha palavra de honra!" Carvalhinho acabou criando a alternativa:

— Ou tu dás em cima dela ou ela dá em cima de ti. Não tem escapatória!

O seduzido

Então, alertado pelo amigo, Serafim começou a reparar. E, de fato; até o fim da festa, fez uma série de observações, que aumentaram a sua confusão. De perto ou de longe, dançando ou descansando, Jandira o olhava de uma maneira intensa, permanente e comprometedora. A princípio, o rapaz quis polemizar consigo mesmo: “Faz isso sem maldade!” Mas teve que se convencer, afinal. Esse olhar, que o perseguia, não comportava duas interpretações e... Tomou um susto quando ouviu o convite inesperado:

— Vamos dançar essa, Serafim?

Era Jandira. Ele balbuciou, num constrangimento dramático: “Pois não! Pois não!” Saíram, dançando, e, instantaneamente, teve, fisicamente, a sensação de que todos os olhares se crivavam nele e Jandira. Possivelmente, o Paiva, como o principal interessado, estaria olhando também e com a pulga atrás da orelha. Ela colava o corpo, juntava o rosto. De repente, em pleno foxe, Jandira, quase sem mover os lábios, pergunta:

— Você não percebeu nada, ainda?

— Como?...

E ela, frívola e lânguida:

— Ih, meu Deus do Céu! O pior cego é aquele que não quer ver!...

Quando a música parou, Jandira, desencantada e com certa irritação, suspira:

“Você é mais bobo do que eu pensava!” Ele, fora de si, foi inteiramente incapaz de um comentário. Desgovernado, afastou-se, atropelando várias pessoas. Durante uns cinco minutos, esteve na varandinha que dava para o jardim, recebendo no rosto, no peito, a frescura noturna. O Carvalhinho foi lá interpelá-lo, alegremente: “Como é? Negas agora?” Pendurou-se no amigo:

— Vou te pedir um favor, um favor de mãe pra filho.

— Fala. Baixou a voz:

— Não comenta isso com ninguém, pelo amor de Deus! Nem com tua mãe!...

Carvalhinho, impressionado com o romance descoberto, indagava: “Mas quer dizer que é batata?” Tentou resistir: “Não!” Bateu na mesma tecla: “Sou amigo do Paiva e a Jandira é como se fosse minha irmã!” O amigo bufou:

— Você é um vigarista! Parei com teu cinismo!...

O romance

Cinco dias depois, estava o Serafim no escritório, quando aparece o Carvalhinho. Baixa a voz: “Você foi visto, ontem, nas Laranjeiras, de braço com a Jandira!” Serafim quis falar, não saiu o som. E Carvalhinho, numa satisfação cruel, permitiu-se ao luxo de dar conselhos: “Vocês andam se expondo muito. Cuidado!”

Então, o Serafim, inteiramente indefeso, sem moral, puxou o outro: “Senta aí! Senta aí!” Gemeu: “Estou numa sinuca de bico!” Faz para o amigo, curioso e voraz, um apanhado da situação. Era, de fato, velho amigo do casal. Durante anos e anos, jamais lhe roçara o espírito, a hipótese de que pudesse ser outra coisa senão amigo de Jandira, fraterno amigo. E, súbito, há a tal festa, na qual recebe a primeira insinuação. No dia seguinte, a pequena telefona e, com pasmo e horror para Serafim, faz-lhe uma declaração completa. Tentou resistir, mas foi envolvido irremediavelmente. Passaram aos encontros. Agora, no escritório, Serafim desabafava:

— Vê se pode! É ela quem tem a iniciativa, quem propõe os passeios, quem dá os beijos!

Carvalhinho, maravilhado, exclamou: “Não é nada sopa, hein?” O pior de tudo era o remorso de Serafim: “É uma sujeira ignóbil. Sou amigo do marido, veja você!, amicíssimo!” Carvalhinho ergueu-se:

— Quer um conselho? Aproveita, rapaz! Mete as caras! Mulher não se enjeita!

Serafim dramatizou:

— Estou me sentindo um canalha! Um patife!...

Pérfida

Durante uns dois dias, quebrou a cabeça: “Isso não se faz! Se fosse um estranho, vá lá. Mas mulher de amigo é sagrada...” Enfim, chegou a uma decisão e prometeu, heroicamente, a si mesmo: “Vou acabar com esse negócio.” No telefone, procurou ser viril: “Vou te avisando: é o nosso último encontro! O último!” No dia seguinte, houve a derradeira entrevista no Cosme Velho. Discutiram. Insistiu: “Você não vê que não está certo? Não está direito?” Jandira, porém, cega e dominada, não atendia a nenhum raciocínio: “Quero e pronto!” Diante dessa obstinação, ele fez-lhe uma série de perguntas:

— Vem cá, explica um negócio: eu me lembro que, há pouco tempo, tinhas uns ciúmes danados do Paiva.

— Ainda tenho.

Estacou, assombrado: “Mas tem como? Se você não gosta dele?” Respondeu com simplicidade:

— Gosto, sim. Quem foi que disse que eu não gosto do meu marido?

Recuou atônito. E, de um momento para outro, o remorso de pouco antes se fundia num sentimento agudo e novo, de ciúme, de raiva, despeito. Perguntou, brutalmente: “Então que apito toco eu nisso tudo?” Pousou dois dedos nos lábios do rapaz:

— Não faz perguntas. Deixa pra lá. Eu estou aqui, contigo, não estou? O resto não interessa.

Serafim, porém, ressentido, bufava: “Essa história está malcontada! Muito malcontada.” No momento da despedida, como ele se mantivesse de cara amarrada, a pequena deu-lhe um tapinha, na face:

— Também gosto de ti, bobinho! Também gosto de ti!...

Ciúmes

E a partir dessa tarde, sempre que a via, cada vez mais bonita, pensava no outro. Enfurecia-se, então. Com alegre e frívola surpresa, a própria Jandira caracterizou as novas reações do Serafim: “Estás com ciúmes, é?” Divertia-se cruelmente com o rapaz: “Mas não eras tão amigo dele? Não tinhas tanto chiquê?”

Ele, confuso, não sabia o que responder. Mas, pouco a pouco, deixou-se tomar de irritação e, por fim, de ódio, contra o Paiva. Já dizia: “Aquela besta do teu marido!” Outras vezes trincava as palavras: “Tenho vontade de te bater, só de lembrar que tu está à disposição desse cara!” E, não raro, ocorria-lhe a curiosidade envenenada: “Ele te beija muito? Te beijou ontem? Te vê nua?” Sua compensação, seu melancólico desagravo, era dizer, com um riso pesado: “Se ele soubesse que tu estás aqui, comigo, hein?” Jandira ria, também: “Saber como?” E criava a hipótese estapafúrdia: “Só se tu fores contar!” Até então, porém, tinham se limitado àqueles passeios de namorados, através das ruas mais quietas das Laranjeiras, Tijuca e Santa Teresa. Mas agora que passara a ter raiva do marido, nenhum escrúpulo o travava. Uma tarde, apertou o braço de Jandira e soprou: “Tenho um lugar, assim, assim, discretíssimo. Vais lá?” Em pé, na calçada, ela teve um longo frêmito; declarou:

— Até que enfim! Como demoraste, puxa!...

Curiosidade

No dia, às quatro horas da tarde, ela chegava no lugar combinado, com um vestido novo e colante, que mandara fazer, expressamente, para o pecado. Antes de se deixar beijar, disse:

— Eu não fiz isso com ninguém, nunca!

E, como se não bastasse a força das próprias palavras, acrescentou: “Quero ver minha filha morta, se estiver mentindo!” Em seguida, começaram os beijos. Não satisfeita, ela pedia: “Morde!” Uma hora e quarenta minutos depois, estava ela diante do espelho, refazendo a pintura dos lábios. Então, Serafim, que a contemplava numa espécie de febre, aproximou-se: “Diz o seguinte: se gostas do teu marido, por que fizeste isso? Por quê? Acabara a maquilagem; levantou-se. Face a face com Serafim, respondeu, fixando nele os olhos verdes e frios: “O único homem que tinha me beijado, o único homem que eu, enfim, conhecia, era meu marido.” Pausa e continuou: “Eu quis fazer uma experiência...” Concluiu dizendo a palavra justa: “Questão de curiosidade...” Serafim recuou lívido, esbravejou: “Quer dizer que eu sou a experiência? Eu sou a cobaia?” Em desespero, pôs-se a vociferar contra o marido: “Aquela besta! Aquele cretino!” Rápida, ela cortou: “Não fale assim do meu marido! Eu não admito!” E ele:

— Falo, sim! Idiota, palhaço!

Na sua fúria terrível, segurou-a pelos dois braços:

— Agora vais me dizer, ouviste, qual foi o resultado da experiência. Diz!

Respondeu, tranquila, sem medo. “O pior possível! Você não chega aos pés do meu marido. Foi a primeira e última vez. Daqui em diante, nem você, nem nenhum outro idiota, põe a mão em cima de mim... Só meu marido...”

Saiu de lá, sem olhá-lo, deixando no quarto, por muito tempo, o seu perfume bom, a desiludida do pecado.

Nos dias seguintes, perseguiu-a, como um alucinado, pelo telefone. Ela respondia: “Não quero mais conversa contigo.” E desligava. Deu para esperá-la na esquina. O marido acabou sabendo. Na primeira oportunidade, quebrou-lhe a cara.

40 - Perfume de mulher

Tomou coragem e começou:

— Tenho uma coisa para te contar.

— Conta.

E ela:

— É o seguinte: eu tive na minha vida uma grande desilusão.

Admirado, repetiu a palavra: “Desilusão como?” Guida mexia, com o canudo do refresco, no fundo do copo vazio. Sem olhá-lo, confirmou:

— Pois é. — E, na sua tristeza evocativa, foi contando: — Aos 15 anos, gostei de um rapaz. Namoramos, tal e coisa, mas ele foi ingrato comigo, ingratíssimo.

Pálido, com o coração batendo mais rápido, ele esperou o resto. Guida, porém, parecia não ter pressa. Então, irritado, forçou a confissão:

— Desembucha, anda!

Encarou-o, baixando a voz:

— Não adivinhaste ainda?

Aterrado, balbuciou: “Quer dizer então, que...” Controlando a voz, explodiu:

“Logo vi! Mulher quando dá muita sopa é aquela água! Bem que eu estava achando tudo muito fácil!” Debalde a moça, espantada com a reação, explicava: “Naquele tempo, eu era muito bobinha, não sabia de nada...” Mas ele, na fúria retrospectiva, virava-se para os fundos do bar: “Garçom!” Pagou a despesa, de cara amarrada. Ergueu-se, formal:

— Passar bem. E a abandonou, sumariamente, sem esperar o troco.

Amor

Ao sair dali, encontrou um conhecido. Arrastou-o, numa brusca necessidade de confidência. Disse horrores da mulher em geral e da Guida, em particular. Exagerou: “Com aquela cara de santinha, imagina!” Riu, sardônico: “E eu bancando o palhaço!” Então, o amigo, que era mais experiente e estava com a cabeça fria, chamou-o à ordem:

— Deixa de ser burro. Bancando o palhaço por quê? Ela te conhecia naquele tempo?

— Não.

E o outro:

— Se não conhecia, pronto, acabou-se. Ora que graça!

Mas ele, teimoso, deblaterava, ainda: “Eu dou muita importância ao passado de uma mulher.” E sublinhava: “O passado é tudo.” O outro riu: “Então, você está num mato sem cachorro. Porque hoje, todas têm passado, todas!” Com as duas mãos enfiadas nos bolsos, feroz, assumiu, ali mesmo, um compromisso irrevogável: “Presta bem atenção: se algum dia tu me vires, outra vez, com esta gaja, podes me cuspir na cara. Percebeste?” Despediram-se, e no dia seguinte, ao cair da noite, o Paiva estava, de novo, com a pequena, mais apaixonado do que nunca. Passara a noite, em claro, quebrando a cabeça. Pela manhã, ao ir para o emprego, pensava: “Mulher que foi de outro, não me interessa.” Mas acabou não resistindo, telefonando: “Fui estúpido contigo. Mas ando nervoso, esgotado. Desculpe, sim?” E, debaixo da árvore, numa mistura de humildade e imposição, a crivava de perguntas: “Mas como foi o negócio? Conta, me conta!” Guida, meio vaga, gaguejava: “Sabes como é...” Paiva, num requinte de minúcia, indagava se tinha sido de tarde ou de noite. Resposta: “De manhã.” Espantou-se: “Ora, bolas! Isso não é hora de se pecar.” Restava, ainda, uma pergunta:

— Onde?

A pequena, que morava com umas tias, confessou:

— Lá em casa.

Quase chorou:

— Na tua casa? Na casa de tuas tias? Você não tinha outro lugar? Fala!...

Parecia-lhe que o fato de ter sido em casa e não alhures tornava a falta mais lamentável e indigna. Teve uma vontade, quase irresistível, de lhe dizer

desaforos, insultos pesadíssimos. Mas se conteve. Olhou para os lados e, já enfraquecido, deu-lhe um beijo sofrido. Queria outro, mas Guida objetou: “Tem gente olhando, meu filho.” Depois, no passo lento dos namorados, vieram caminhando pela calçada, de braço. Súbito, à queima-roupa, ele propôs:

— Queres casar comigo?

Maravilhada, suspirou:

— Se quero!

O casamento

Durante uma semana, discutiram, em termos práticos, os problemas matrimoniais. Paiva indagava: “Como é? Tu preferes casa ou apartamento?” E ela, cada vez mais doce, respondia:

— Tanto faz.

E, com isso, queria dizer que, ao seu lado, viveria em qualquer lugar. Foi exagerada: “Morava até debaixo de uma ponte.” Uma vez por outra, o rapaz tinha uns acessos de ciúmes: “Vem cá. Quem é que beijava melhor. Eu ou o outro?” Guida era mais do que enfática: “Nem tem comparação.” Ele, com os olhos marejados, dizia: “Quando me lembro que o outro cara já te beijou, eu tenho vontade, nem sei.” Guida o repreendia: “Parece criança.” Ele já estava em plena fase das medidas práticas para o casamento. Economizava dinheiro, fumava menos e fazia serões no emprego. De repente, a pequena começou a notar que o noivo empalidecia, que tinha olheiras e que se cansava ao subir escada. E, então, velando por ele, passou a fazer pressão: “Tira umas férias! Tira umas férias!” E era sinistra: “Olha que tu podes apanhar uma fraqueza!” Tanto empenho em fazê-lo ir para fora, irritou o Paiva: “Quem vê, diz que você está me chutando!” Acabou indo passar uns vinte dias numa estação qualquer. A correspondência, entre os dois, era diária e delirante. Ambos se confessavam mortos de saudades. No décimo segundo dia, Paiva não resistiu mais. Arrumou as malas e veio para o Rio. Aqui chegando, correu para a casa das tias. A criada deu a notícia:

— Está pra fora. Esbugalhou os olhos, sem entender. Insistiu: “Ué! Ela não me disse nada?”

Como a pequena tivesse família no interior, a hipótese que lhe ocorreu foi de uma doença de parente, talvez do pai, que sofria do coração. A criada, porém, não dizia coisa com coisa. Aflito, o Paiva lhe pôs, na mão, duas cédulas de vinte cruzeiros. Então a outra cochichou:

— Foi se casar. Casou-se, ontem.

Traição

Com mais dois ou três dias, viria a saber de tudo. Ela já estava casadinha, no civil e religioso, com um antigo namorado, que a esperava na cidadezinha natal. Paiva interpelava todo mundo, sem acreditar no que lhe diziam. No seu ar de alucinado, repetia: “Como pode? Como pode?” O espanto precedeu a indignação. Finalmente, tomou-se de fúria. Andava com um vasto revólver e avisou: “Mato aquela desgraçada, por Deus que mato!” Tentavam dissuadi-lo: “Não faça isso. É mancada!” E ele, para mostrar que não mentia, puxava o revólver, exibia o revólver: “Eu sou é homem!” Era amargo: “Esse negócio de namoro é pros trouxas! O golpe é pagar.” Com a alma em carne viva, fazia-se de cínico:

— Eu, quando quiser mulher, já sabe: pago ali na bucha! À vista!

Até que, um dia, um amigo avisa: “Sabe quem chegou?” E dá a notícia: “Imagina! Guida, com o marido!” Sentiu a vista turva, uma espécie de clamor nos ouvidos. De noite, no quarto, apanhou a arma e andou examinando se todos os buraquinhos tinham as balas. Imaginou a pequena morta, as duas mãos entrelaçadas, os pés unidos, à sombra de quatro círios. Mas, na manhã seguinte, mal chega ao emprego, bate o telefone. Quase desmaiou quando reconheceu a voz de Guida. Todo o seu ódio sumia numa onda de ternura irresistível. Ela perguntava, com alegre naturalidade:

— Queria bater um papinho contigo. Pode ser?

Combinaram o encontro. Ele fez questão, porém, que fosse longe do centro da cidade. Seu pânico era que um conhecido, um amigo, os encontrasse juntos. Quando a viu, linda e mais cheia de corpo, com um costume cinza-claro, teve impulsos simultâneos e contraditórios. Se fosse coisa que pudesse, cairia de joelhos, ali mesmo, abraçado às suas pernas. Sentaram-se num canto e ele, sem exaltação, sem ódio, começou: “O papel que você fez comigo não se faz!” Disse e repetiu: “Tu és tudo para mim!” E, por fim, sentindo que não poderia viver sem ela, pediu, com lágrimas nos olhos: “Deixa este homem! Deixa este homem!” Ela parecia espantada: “Mas é meu marido, que diabo!” Foi este o seu argumento: “Um marido não é a mesma coisa que namorado!” Sensata, prática, explicou:

— Mas ele não atrapalha, não, seu bobo! Não vai fazer diferença nenhuma!

Vou te provar, queres ver? — Com seu olhar de uma doçura intolerável, disse: — Marca um lugar e eu estou lá rente que nem pão quente.

Paiva balbuciou, no seu espanto: “Topas ser de dois?” Irritou-se: “Estás fazendo um bicho de sete cabeças. Ou pensas que eu sou a primeira?” Por último, vencido, escreveu o endereço de um apartamento que mantinha, de sociedade com um amigo. Disse, sem desfitá-la:

— Às quatro horas. Não precisa bater, não. Vou deixar a porta encostada. É só empurrar.

E, então, sentindo a pusilanimidade daquele homem, seu escravo para sempre — ela foi doce e voluptuosa: “Te dou um doce se tu me resistires, alguma vez!” Respondeu, errado, com um comentário:

— Mulher de dois... Minha e de outro...

No dia seguinte, à hora marcada, num lindo casaco, vestido colante, pintadíssima — ela empurra a porta e entra. Não vê ninguém. Surpresa, passa da sala para o quarto. Ainda ninguém. Veio espiar no banheiro e estaca. Vê uma sombra, que pende da bandeira da porta. No próprio cinto, e enfim libertado de sua paixão — enforcara-se o Paiva. Prendendo nos lábios um grito, ela voltou atrás. Fechou a porta e deslizou no corredor, sem ser vista — deixando um rasto de perfume bom.

41 - O pai

O pai, seu Alfredo, tinha uma frota de trezentos lotações, rodando, dia e noite, pela cidade. Era um homem rico, muito rico, milionário. No dia em que a filha ficou noiva, ele, numa satisfação bárbara, a chamou:

— Vem cá, minha filha, vem cá. Diga-se de passagem que seu Alfredo, em que pese a sua fortuna imensa, tinha instrução primária e era de origem bem humilde. Sabia fazer três das quatro operações: somar, diminuir e multiplicar. Dividir, não; aos cinquenta anos de vida, não sabia ainda dividir. Por outro lado, seus modos ou, por outra, sua falta de modos clamava aos céus. Tinha uma educação mais que discutível. E não faltava quem, despeitado com a sua prosperidade, rosnasse: "É um cavalo!" Pois bem, no dia em que sua filha, Dorinha, ficou noiva do dr. Fernando, ele a convocou: "Tudo bem, minha filha! Tudo o.k.?" A menina suspirou: "Tudo!" Mascando um charuto infecto, o velho olhava em torno: "Não está faltando nada?" Num gesto grosseiro, bateu no bolso, e insistia:

— Dinheiro há! Dinheiro há! Se quiserem alguma coisa, é só pedir. O que tu queres? Fala! Queres alguma coisa?

Dorinha vacila. E, então, diante do pai, sonha em voz alta:

— Papai, o senhor sabe qual é a coisa que eu mais desejo na vida? Sabe?

— O que é?

E ela:

— Um filho. Quero, sempre quis um filho, ouviu papai?

Seu Alfredo esfrega as mãos:

— Mas isso é pinto, é canja, minha filha — e repetia: — É o de menos. Casa e pronto, compreendeste? Batata, minha filha, batata!

Flor de menina

Havia entre pai e filha um contraste de arrepiar. Enquanto seu Alfredo representava uma espécie de gângster, de Al Capone dos lotações, Dorinha era uma figurinha frágil, delicada, ou, como diziam, um *biscuit*. Aprendera nos melhores colégios, sabia correntemente o francês, o inglês, bordava com um gosto de fada e era uma pianista de mão cheia. Aos 16 anos, apaixonara-se pelo advogado da companhia do pai, o dr. Fernando, rapaz bonito, vagamente afetado, que beijava a mão das senhoras e tinha sempre o ar de quem lavou o rosto há dez minutos. Mas a sua característica que mais impressionava e deslumbrava o sogro era a seguinte: chovesse ou fizesse sol, o dr. Fernando andava de colete e polainas. De resto um homem que sabia viver. Seu Alfredo, com sua contundente falta de tato, e sua bestial espontaneidade, dizia, abertamente:

— Gosto de meu futuro genro porque é um puxa-saco! Geralmente, o puxa-saco dá um marido e tanto! — Presunção, como se vê, um tanto precária. Mas o fato é que o noivado ia de vento em popa. Seu Alfredo vivia açulando as mulheres das famílias:

— Quero um casamento de arromba! Gastem sem pena, nem dó! — e mostrava a carteira recheada, repetindo: — Dinheiro há! Dinheiro há!

O neto

No dia do casamento, foi, até, interessante e impróprio. Seu Alfredo, sem nenhuma noção da própria inconveniência, dava tapas imensos nas costas do genro:

— Quero um neto, ouviu? Um neto caprichado! A jato!

Ria, ao clamar a pilhéria. E tinha, mal comparando, um riso grosso e soluçante de cachorro de desenho animado. Os convidados riram, também. Mas um vizinho, aliás um frustrado, cochichou ao ouvido do outro: “Que animal!” Referia-se, é claro, ao destemperado dono da casa. Muito bem. Na altura da meia-noite, partem os noivos para a lua de mel. Mas antes que o automóvel arrancasse, seu Alfredo enfiou o carão no interior do carro:

— Olha o meu neto! Quero o meu neto!

E o genro grave:

— Perfeitamente, perfeitamente.

Calamidade

No fim de uns vinte dias, voltou o casal. A mãe, d. Eduarda, de olho rutilante, quer saber: “Tudo bem, minha filha?” Tudo bem, sim. Todavia, a pequena parece inquieta: “Mamãe, o negócio é o seguinte: eu ainda não estou sentindo nada.” D. Eduarda acha graça: “Ainda é cedo. Calma, minha filha, calma!” No dia seguinte, dr. Fernando vai reassumir o cargo, na firma. O sogro, porém, quase irritado, mandou-o de volta:

— Não, senhor! Em absoluto! O seu lugar é ao lado de sua esposa!

O outro reluta: “E o emprego?” Seu Alfredo trovejou:

— Você agora só tem o emprego de marido de minha filha, só. Percebeu?

Como resistir a um sogro que tinha trezentos lotações rodando, independente de prédios, avenidas, terrenos, o diabo? O velho veio trazê-lo, cordialmente, até a porta. Olha para os lados, e baixa a voz:

— O negócio do meu neto está caminhando direitinho? Ótimo! E olha, no dia em que o médico disser que é batata, tu passa por aqui, que eu te dou um cheque de cem mil cruzeiros, pra teus alfinetes!

Decepção

O tempo passou. No fim de quatro meses, a decepção era trágica: nada, absolutamente nada. Dorinha voltava, de suas visitas mensais ao médico, numa depressão medonha: “Minhas amigas têm filhos até em pé. E eu não, por quê?” O sogro perdeu a paciência com o genro: “Mas o que é que há contigo, rapaz? Estás dormindo no ponto?” Metido no seu eterno colete, nas suas indescritíveis polainas, dr. Fernando abria os braços: “Não compreendo.” A título de espicaçá-lo, o velho piscava o olho:

— Sou homem de uma palavra só. Disse que te dava cem contos por neto, não disse? Pode contar. É dinheiro em caixa!

Desesperado, dr. Fernando corre a um médico: faz todos os exames. E recebe um impacto, quando o médico, batendo no seu ombro, anuncia:

— Não pode ter filho, ouviu? Não pode.

Desespero

Dr. Fernando teve medo da reação da mulher, dos sogros. Guardou para si, e só para si, o resultado. Com um descaro, que as circunstâncias impunham, simulava um espanto imenso: “Mas eu não posso compreender!” Verificava-se o seguinte: a lânguida, meiga, diáfana Dorinha tinha uma única e selvagem paixão: a maternidade. Queria ser mãe, eis tudo. Acuado pelo sogro, dr. Fernando refugiava-se na seguinte desculpa: “Mas eu não posso fazer milagres!” O sogro partiu para ele, de dedo espetado: “Fazer filho não é milagre, nunca foi milagre, seu bestalhão!”

O fim

Transcorreu mais um ano, dr. Fernando andava, em casa, pelos cantos, numa humilhação treda e torva. Quanto a Dorinha, perdera o viço, a alegria de viver, petrificada no seu desgosto. E, de repente, acontece realmente o milagre: Dorinha vai ao médico e volta com a grande notícia: “Estou, estou!” No delírio geral, houve uma única exceção: a do pai presuntivo que, sentado, as duas mãos em cima dos joelhos, esbugalhou os olhos, incapaz de uma palavra. Finalmente, ele ergue-se: vira-se para a mulher: “Vou dar a notícia, pessoalmente, a teu pai.” Apanha o automóvel e voa para a firma dos lotações. Salta lá, precipita-se para o gabinete do velho. Seu Alfredo teve um choque tremendo. Abraçou-se chorando, ao genro: determinou que se encerrasse o expediente mais cedo. Enfim, um autêntico carnaval. Finalmente, vira-se para o rapaz: “Eu te prometi quanto mesmo? Cem, não foi?” Então, o genro aproxima-se e, com um meio-riso ignóbil, conta-lhe o exame feito, no médico: “Não posso ser pai, compreendeu?” Respira fundo e completa:

— Nessas condições, quero mais. Acho pouco cem. Trezentos, no mínimo.

O velho levantou-se, assombrado. Súbito, pôs-se a berrar: — Ah, não é teu? O filho não é teu? Então, tu não vais levar um níquel, um tostão! Agora, rua, ouviu? Rua!

O genro saiu, de lá, debaixo de pescoções.

42 - Duas mulheres

No quarto ou quinto encontro, ele bebendo refresco no canudinho, fez a revelação:

— Sou casado.

E ela:

— Mentira!

— Te juro!

— Casado?

Ele mexendo com o canudo no fundo do copo vazio, continuou:

— Casado e dois filhos.

— E a aliança?

Suspirou:

— Às vezes ponho, outras, não. Varia.

Luba, sem desfitá-lo, duvidava, ainda:

— É verdade, Olinto? Sério? Não brinque!

— Palavra de honra!

Então, apanhando a bolsa, a pequena ergueu-se. “Bem, se é assim, paciência...”

Mas ele, rápido, a segurou, pelas duas mãos:

— Não vá, ainda. Sente-se. Precisamos conversar, direitinho. Minha vida em casa é um inferno. Passo o diabo.

A sedução

Aquele era o quarto ou quinto encontro. Ela, com 16 anos, russa de nascimento, moça direitíssima e costureira. Viera para o Brasil, aos quatro anos, com a família, que se fixou, afinal, em Belo Horizonte; e trabalhava num ateliê de costura. Ele, com 25 anos, advogado, uns olhos verdes e frios que impressionavam as mulheres, muitos ternos e um automóvel. Conheceram-se num bonde e foi uma dessas paixões instantâneas e irresistíveis. Quanto a Luba havia, no caso, um aspecto numérico, que a emocionava e predispunha: Olinto era o seu "primeiro" amor. E, agora, numa sorveteria de arrabalde, ele, tomando refresco, dizia-lhe aquilo, de repente, sem a menor preparação. Ela, na sua fragilidade de menina enamorada, refugiava-se detrás de um argumento realmente patético:

— Eu sou uma menina de família. Deus me livre!

Então, no medo de perdê-la, Olinto, em voz baixa e emocionada, começou:

— Escuta, meu anjo, presta atenção. Você fez espanto como se "homem casado" fosse bicho. Eu me casei antes de conhecer você. Foi ou não foi?

Luba, com os olhos marejados, admitiu:

— Foi, claro! Mas não está direito! Imagine se minha família sabe. Faz uma ideia!

E, ele, num apelo:

— Raciocina comigo, benzinho. E quem foi que disse que tua família precisa saber? Não vamos meter tua família nisso. Para que, não é mesmo? Te digo mais: casamento é uma coisa e o amor é outra.

Luba, porém, erguia-se, definitivamente:

— Você não me conhece, Olinto. Eu não sou quem você pensa. E, por favor, não me telefone, nem me procure mais.

Dois dias depois, ele a esperava, na saída do trabalho. Gemeu:

— Estou doente, estou com uma febre danada. Acho que a gripe me pegou de jeito!

A outra

Luba amava e pronto. Vê-lo resfriado, tossindo, expectorando, as mãos escaldando, foi, para ela, uma emoção deliciosa e cruel. Tomou-se de pena e foi amiga, solidária, maternal:

— Mas que imprudência! Por que não ficou em casa? Você não sabe que a coisa mais fácil do mundo, com esse tempo, é uma pneumonia?

Ele, tiritando, enfiou as duas mãos nos bolsos; dramatizou:

— Seria um alto negócio para mim uma pneumonia dupla.

— Nem brinca!

E o cínico:

— Assim, eu morria logo de uma vez. Era ótimo para todo o mundo, inclusive para você.

Estavam, então, no interior do automóvel, sentados e agarradinhos. Ela, atribulada com a febre do rapaz, exigia: “Você vai me prometer uma coisa.” E ele: “O quê?” “Vai me prometer que toma uma injeção, assim que chegar em casa. Toma?”

Foi uma tarde deliciosa, entre os dois. E Olinto, pouco a pouco, foi contando a sua vida conjugal, que era de uma melancolia tremenda:

— Minha mulher só falta me dar na cara!

— Por quê?

— Ora, por quê? Porque não gosta de mim.

Luba parecia espantadíssima:

— Mas não gosta como? Você é tão bom!

Olinto teve o desabafo:

— Foi um golpe errado o meu casamento! Ah, se arrependimento matasse!

E quando se despediram, Olinto, cada vez mais enamorado, disse: “Olha aqui: se eu não fosse casado e não tivesse medo de te pegar esta gripe, te dava um beijo na boca.” Luba o surpreendeu com uma audácia linda:

— Por que não dá?

— E a gripe?

— Não faz mal.

As duas mulheres

Tudo aconteceu com uma impressionante facilidade. Quinze dias depois, ele tomou coragem; foi dizendo:

— Meu bem, eu tenho um lugar assim, assim. Discretíssimo. Você vai?

— Vou.

Esta docilidade inesperada o maravilhou. E, de fato, no dia seguinte, Luba pôs um vestidinho bonito, o melhor do seu guarda-roupa, e apareceu, no tal lugar, que era num bairro afastado e realmente sossegado. Duas horas depois, quando se despediram, ela foi muito clara e de uma coragem que o comoveu. Disse, muito doce e muito firme: “Eu não fiz nada demais. Nem você me deve nada. Vim aqui porque quis e se há um culpado sou eu.” Tanto desprendimento o arrebatou; chorando, ele beijou as mãos da pequena, e só faltou mesmo prostrar-se a seus pés, em adoração. E só dizia: “Minha mulher não vale o teu dedo mindinho!” A partir de então, quase todos os dias, encontravam-se, no mesmo lugar. Quando Olinto, num cuidado muito cavalheiresco, meteu a mão no bolso, disposto a oferecer dinheiro, ela recuou, magoada, como se o rapaz a tivesse desfeiteado: “Em absoluto! Dinheiro, não! Eu me zango com você!” O outro, assombrado, não entendia o gesto: “Mas por quê, ora essa? Que mal há?” A menina esclareceu, de vez, a situação.

— O dinheiro é de tua mulher e de teus filhos! De ti, eu só quero amor e pronto!

Olinto saiu dali e foi dizer aos amigos, aos conhecidos, que Luba era a melhor mulher do mundo. E, então, ele passou a ter duas vidas: a do apartamento, com Luba; a do lar, com a mulher e os filhos. Através dos meses e dos anos, não se passava um dia que ele não se queixasse, amargamente, da esposa. Se deixava cair um pouco de cinza no tapete, a mulher dava autêntico show: “Seu porco! Seu isso, seu aquilo!” Invocava o testemunho dos filhos: “É difícil de aturar um homem como o teu pai!” Nos braços de Luba, Olinto tinha repelões selvagens: “Estou cheio!” E Luba, espremendo os cravos do ser amado, apaziguava esse furor inofensivo: “Você precisa ter mais paciência, meu anjo. É tua mulher, mãe dos teus filhos!” Ele, azedo, clamava: “Minha verdadeira mulher és tu!” De vez em quando, Olinto desabafava:

— Sabe uma coisa que me deixa besta? Como é que você não tem ciúmes de

minha esposa?

Realmente, era a própria Luba que o obrigava, com sua macia e irredutível autoridade, a chegar mais cedo em casa. Ele, numa docilidade de menino, ia direto para o lar, onde a mulher o esperava com maus modos, irritações e desfeitas. Não podia fumar na mesa, que a outra não explodisse: “Vira esse cigarro pra lá, criatura!”

Os filhos

Enfim os filhos estavam crescidos: a menina, com 16 anos, já com namorado; e o garoto, com 17, desenvolvidíssimo, mais alto e mais forte que o pai. Um dia, telefonaram para a casa de Olinto. Ele não estava. A filha foi atender, mas ninguém respondia do outro lado. Voltou, admirada; e, então, o namorado soprou a revelação: “Teu pai tem uma amante.” A menina caiu das nuvens; foi convocar o irmão; e os três, cochichando, concordaram que aquilo era uma infâmia. Passaram a olhar a mãe, com mais respeito, com veneração, agora que a sabiam traída. O namorado disse horrores de Luba. E o filho, andando de um lado para outro, estrebuchante, dava largas à sua raiva: “Gasta todo dinheiro com essa cachorra!” Quando o pai chegou, houve uma cena extremamente desagradável. No gabinete, com o filho, Olinto foi destratado da maneira mais abjeta. O garoto acabou com a proclamação: “Tenho vergonha de ser seu filho!” E, quando, na hora de dormir, ele foi beijar a filha, a moça fugiu com a face. Ergueu, para ele, um rosto duro, mau e irreconhecível: “Não, meu pai, não!” Olinto olhou, espantado, para as próprias mãos, como um leproso que procura as próprias chagas. Já grisalho, envelhecido, ele compreendeu, então, que jamais fora amado naquela casa. Nem pelos filhos, nem pela mulher.

O desenlace

No dia seguinte com a amante, foi patético:

— Vou me separar de minha mulher. Não volto mais para casa. E ela:

— Você está maluco? Deixar sua esposa, seus filhos? Nem pense nisso. Eu é que estou sobrando, eu é que sou de mais!

Queria ir embora e fez um gesto para apanhar a bolsa, em cima do camiseiro. Então, o pobre-diabo, fora de si, caiu aos pés da mulher amada, abraçando-se às suas pernas, chorando como um menino. Luba, numa pena infinita, acariciou os cabelos embranquecidos. E, de repente, ambos tiveram a sensação de que não estavam sós, de que havia mais alguém no quarto. Espantada, Luba virou-se, lentamente. Na porta com efeito, aparecia um rapaz, empunhando um revólver. Foi alvejada três vezes e, na verdade, só uma bala a atingiu. De maneira mortal, porém. Enquanto a amante tinha a sua breve agonia, pai e filho se atracavam, rolavam no chão. O rapaz queria estrangulá-lo:

— Velho canalha!

Veio gente, os dois foram presos e levados para a delegacia. No dia seguinte, pela manhã, parentes levaram Olinto para casa. A mulher, intransigente, berrava, para quem quisesse ouvir: “Não quero ver esse sujeito nem pintado!” Mas, enfim, graças à intervenção de terceiros, aquiesceu em recebê-lo de volta: Fez, porém, a exigência: “Tem que dormir na sala!” Então, rodeado de parentes, sob o controle feroz da filha e com o retrato nos jornais — Olinto não pôde nem pensar em acompanhar o enterro da amante.

43 - Cheque de amor

Filhinho de papai rico, fez o diabo até os 22 anos. Embriagava-se de rolar nas sarjetas. E era preciso que os amigos ou a polícia o levassem, para a casa, em estado de coma. De vez em quando, o pai perdia a paciência. Chamava o rapaz, passava-lhe um carão tremendo: “Te deixo a pão e laranja, sem um níquel!” Como não cumprisse nunca a ameaça, Vadeco perseverava na mesma vida. Um dia, numa boate, excedeu-se a si mesmo, promoveu um conflito pavoroso. Foi um escândalo. De manhã, o velho estava no quarto do filho, esbravejante:

— Você é a vergonha da família!

Vadeco não abriu a boca. Com todos os seus defeitos, que eram muitos e graves, respeitava o pai. No fim, o velho disse a última palavra: “Você agora vai trabalhar, seu animal!” E, de fato, já no dia seguinte, Vadeco tomava posse do seu primeiro emprego, como gerente numa das empresas do pai. Seu primeiro ato foi nomear secretário um amigo e companheiro de farras, o Aristides. No primeiro dia, não fizeram absolutamente nada, senão olhar um para o outro. De vez em quando, um dos dois tinha a exclamação: “Que abacaxi!” Mas, na hora do lanche, o Aristides foi dar umas voltas pelo escritório. Voltou outro. Esfregando as mãos, anunciou:

— Parece que tem, aí, umas pequenas ótimas!

D. Juan

E, então, rapidamente, com a colaboração do Aristides, Vadeco foi tomando conta do ambiente. Nem um, nem outro faziam nada; mas, em compensação, enchiam o gabinete de funcionárias. Era uma pândega ao longo de todo o horário de trabalho. De vez em quando, o Vadeco, de olhos injetados, virava-se para o secretário:

— Fecha a porta à chave!

O outro obedecia, e o resto dos empregados, atônitos, faziam as suposições mais espantosas. Uma das funcionárias quis se engraçar com o Aristides: este, porém, foi claro, leal, definitivo: “Comigo, não! Absolutamente!” A outra não entendeu e ele teve que ser mais explícito. Explicou, então, que, no escritório, o chefe tinha prioridade absoluta. E insistiu: “Primeiro, ele; depois, eu.” A verdade é que Vadeco não precisava fazer esforço nenhum. O Aristides é que, com um tato e uma eficiência admiráveis, convencia as companheiras. Usava todos os argumentos, inclusive os de ordem prática: “Ele te aumenta o ordenado, sua boba!” De vez em quando, havia maior ou menor resistência. Foi, por exemplo, o que sucedeu com a nova telefonista, uma loura cinematográfica, que se notabilizava pelos vestidos colantes. Assim que a viu, Vadeco chamou o Aristides: “Mete uma conversa nessa cara!” O outro não discutiu: pendurou-se na mesa telefônica. O grande argumento da telefonista era este:

— Mas e o meu noivo?

Aristides foi rotundo.

— Teu noivo não precisa saber. Não saberá nunca!

E ela, no pavor de possíveis delações:

— É espeto! É espeto!

Acabou indo. Primeiro, houve o cinema; depois do cinema, um passeio delirante de automóvel. No dia seguinte, pela manhã, Aristides perguntava: “Que tal?”

Vadeco bocejou:

— Serve.

A inconquistável

Até que, uma tarde, Vadeco dá de cara, no corredor, com uma menina desconhecida. Toda sua vida sentimental se fazia na base de variedade. Correu para o Aristides: “Quem é essa Fulana?” O outro foi dar uma volta e regressou com as informações:

— Dureza!

— Por quê?

— É noiva. E vai casar no mês que vem. Séria pra chuchu!

Vadeco foi lacônico:

— Vai lá e mete uma conversa.

E era assim Vadeco. Ele próprio admitia: “Tenho uma tara na vida: só gosto de mulher séria.” Gostava das outras também; mas a sua paixão era a pequena difícil, a pequena quase inconquistável. Aristides voltou meia hora depois. Sentou-se, bufando, e admitiu:

— O negócio está duro. Eu te avisei; é séria. Só faltou me dar na cara.

Mas o filhinho de papai rico não aceitava impossibilidades. Quase esfrega o livro de cheques na cara do outro; esbravejou: “Sou rico, tenho dinheiro. E mulher quer é isso mesmo. Gaita.” Aristides suspirou:

— Nem todas. Nem todas.

Angústia

Então, aquela funcionária se converteu na ideia fixa de Vadeco. Aristides quis distraí-lo com outras sugestões: “Fulana também é muito boa. E topa.” Vadeco respondia: “Não interessa. Quero essa. Só essa. Ah, menino! Eu beijava aqueles peitinhos!” Agarrou Aristides pela gola do casaco e o sacudiu:

— Ou tu me arranjas essa “zinha” ou estás sujo comigo!

Aristides voltou à carga. E encontrou a mesma resistência ou, por outra, uma resistência mais exasperada. A menina, que se chamava Arlete, gostava do noivo, era louca por ele. Aristides procurava tentá-la: “É um alto negócio pra si, sua frouxa!” A menina acabou explodindo: “Não sou o que você pensa. Ora veja!” E Aristides, com medo de barulho, de escândalo, escapuliu. Nessa tarde, Vadeco foi de uma grosseria tremenda: “Você é uma zebra!” Concluiu, dizendo:

— Eu mesmo vou liquidar esse assunto!

Era, porém, outro homem. Sua alegre, sua esportiva irresponsabilidade, fundia-se numa angústia de todos os minutos, de todas as horas. Dir-se-ia que só havia no mundo uma mulher e que esta mulher era Arlete. Esperou ainda dois dias. Findo este prazo, nomeou a menina sua secretária. Avisara Aristides: “Vou entrar de sola.” E, com efeito, não teve maiores cerimônias. Começou com uma pergunta, aparentemente inofensiva: “Você ganha aqui quanto?” Um pouco surpresa, ou contrafeita, Arlete respondeu:

— Dois mil cruzeiros.

— É uma miséria! Uma vergonha!

E foi só por esse dia. Mas, de noite, em casa, Vadeco não conseguiu dormir.

Aristides, que o levara em casa, lembrou-lhe: “Não te disse. É batata.” Vadeco, do fundo de sua angústia, teve o desabafo feroz:

— O dinheiro compra tudo!

No dia seguinte, entrou no escritório com uma garrafa de uísque debaixo do braço. Pouco depois, o contínuo trazia o copo e, então, no seu desespero contido, começou a beber. O álcool o tornava cruel e cínico. Fez, de repente, a pergunta:

— Você é séria?

Arlete, que procurava no arquivo de aço uma ficha qualquer, virou-se, espantada. Não ouvira direito: “Como?” Repetiu. E ela, sem desfitá-lo, respondeu: “Sou.” Ergueu-se, aproximou-se:

— Tem certeza?

— Absoluta.

Durante alguns instantes, olharam-se apenas. Ele voltou para a secretária, sentou-se na cadeira giratória. Arlete parara o serviço e não perdia nenhum de seus gestos. Foi então que Vadeco, com a voz estrangulada, disse:

— Queres ganhar cem mil cruzeiros?

A princípio, Arlete entendeu “cem cruzeiros”. Teve que repetir:

— Cem mil cruzeiros. Cem contos! Queres?

Encostara-se no arquivo de aço, como se lhe faltassem forças. E duvidava ainda: “Cem contos?” Mas já não estava mais segura de si mesma. Quis saber: “A troco de quê?” Vadeco estava, de novo, a seu lado; implorava:

— Basta que passes, comigo, uma hora, no meu apartamento. Só uma hora. Cem contos por uma hora!

E, ali mesmo, diante da menina atônita, encheu o cheque e o passou a Arlete. Num breve deslumbramento, a moça lia: “Pague-se ao portador ou à sua ordem...” Reagiu, desesperada, gritando:

— Mas eu sou noiva! Não percebe que eu sou noiva? Que vou casar no mês que vem?

Tiritando, como se uma maleita o devorasse, disse-lhe que a esperava, no dia seguinte, às dez horas, no apartamento. Escreveu o endereço num papel, que entregou à garota.

— Cem contos por uma hora. Só por uma hora e nunca mais. Voltarás com este cheque. Cem contos, ouviste? Cem contos! — e parecia possesso.

O cheque

Quando o Aristides soube, tomou um choque: “Cem contos? Você está maluco, completamente maluco!” Fora de si, Vadeco repetia a pergunta: “Será que ela vai?” O outro fez a blague desesperada: “Por cem contos, até eu!” E o fato é que, na sua febre, Vadeco estaria disposto até a dobrar a quantia. Queria vê-la nuazinha, em pelo.

Mas no dia seguinte, pela manhã, Arlete, que não dormira, levantou-se, transfigurada. Jamais uma mulher se vestiu com tanta minúcia e deleite. Escolheu sua calcinha mais linda e transparente. Ela própria, diante do espelho, sentiu-se bonita demais, bonita de uma maneira quase imoral. Aristides marcara uma hora matinal, de propósito, para evitar suspeitas. E foi assim, bem cedinho, que ela tocou a campainha do apartamento, em Copacabana. Antes que Vadeco, maravilhado, a tocasse, Arlete fez a exigência mercenária:

— O cheque!

O rapaz apanhou o talão na carteira e entregou. Arlete leu, ainda uma vez, verificou a importância, assinatura, data, etc. E, súbito, numa raiva, minuciosa, rasgou o cheque em mil pedacinhos. Vadeco ainda balbuciou: “Que é isso? Não faça isso!” Ela o emudeceu, atirando os fragmentos no seu rosto, como confete. Petrificado, ele a teria deixado ir, sem um gesto, sem uma palavra. Ela, porém, na sua raiva de mulher, esbofeteava-o, ainda. Depois, apanhou entre as suas mãos, o rosto do rapaz, e o beijou na boca, com fúria.

44 - O plural

Foi avisado:

— Cuidado com o De Paula! Cuidado com o De Paula!

— Por quê?

O informante atrapalha-se:

— Bem. O De Paula é um veneno, percebeste? Fala mal de todo mundo!

Quintanilha pôs o cigarro no cinzeiro:

— De mim também? Desembucha! Fala mal de mim?

E o outro:

— Mais ou menos. Anda dizendo, a teu respeito, coisas bem desagradáveis.

Quintanilha ergueu-se. Bem-sucedido na vida, feliz nos negócios e no casamento, não tinha invejas, nem complexos. Ao passo que o De Paula, mirrado, pequenino, com catarata numa das vistas, era um amargurado, um revoltado. Apanhando outro cigarro, Quintanilha acha graça:

— Você acha que eu vou ligar para o que De Paula diz? Eu, logo eu? É um pobre-diabo, um cretino de pai e mãe. Deixa pra lá!

De Paula

E, de fato, podia dar-se ao luxo desse desprendimento, dessa superioridade. Dois dias depois, porém, é procurado, no escritório, por outro amigo, o Leon. Quintanilha abre os braços, numa efusão patética: “Quem é vivo aparece!” Depois dos abraços, dos tapinhas nas costas, pergunta, alegremente: “A que devo a honra dessa visita?” Leon pigarreia, faz a pergunta:

— Tens visto o De Paula?

Confirma:

— Vi. Ainda hoje, vi. Dei-lhe um abraço. Por quê?

Leon levanta-se. Anda de um lado para outro e, por fim, decisivo, estaca diante do amigo:

— O De Paula não merece o teu abraço. Merecia, sim, que lhe partisses a cara. Um canalha muito ordinário!

Surpreso e divertido, Quintanilha repete: “Você acha que eu vou dar confiança de me zangar com o De Paula? Deus me livre! Ele pode falar de mim à vontade! Tanto faz, como tanto fez! Considero o De Paula um verme!” Então, Leon resolve pôr as cartas na mesa:

— Mas a questão é a seguinte: não é de ti que ele fala mal.

— Então, ótimo. Se não é de mim, qual é o drama? E de quem fala ele, afinal?

O amigo foi sumário:

— Da tua mulher. Compreendes agora por que eu disse que o De Paula merecia que lhe quebrasses a cara?

O anjo

Ora, Quintanilha era um homem casado e muito bem-casado, aliás. Adorava a esposa, embora tivesse as amantes eventuais. No seu temperamento alegre, extrovertido, costumava dizer: “Sou o único marido que gosta da esposa, o único!” E, vamos e venhamos: Ada era um anjo. Vivia para o marido e o lar, só. Trazia a casa, que era um brinco, uma teteia. O deslumbrado Quintanilha reconhecia para a própria mulher:

—Sabe que eu ainda não descobri um defeito em ti?

Ada punha as mãos na cabeça: “Está me pondo uma máscara tremenda!” E aduzia: “Não há ninguém perfeito, meu filho!” Pois bem. Era essa a mulher, que o De Paula queria macular com sua irresponsável maledicência. Fora de si, o Quintanilha arremessa-se:

— Fala mal de Ada? Tem essa coragem? Ah, cachorro! Eu mato o De Paula! Por essa luz que me alumia eu mato! Esborracho-lhe o crânio!

Atirava patadas no assoalho, num furor magnífico e inútil. Súbito, vira-se para o Leon; agarra-o pelos dois braços:

— Eu não me incomodo que falem mal de mim. Podem me chamar, até, de ladrão de galinhas. Mas não concebo que se diga nada de minha esposa. É uma santa de alto a baixo.

Ao lado, Leon parecia impressionado e, mesmo, arrependido. Já admitia que a revelação pudesse ter conse-quências funestas. Quis reduzir as proporções de um revide mais que provável; e aconselhou:

— Tiro pra quê? Corta-lhe a cara a chicote, a rebenque!

Súbito, Quintanilha põe a mão no ombro do outro, numa curiosidade que o distraiu, por momentos de sua dor: “E que diz esse patife de minha esposa? Fala. Quero saber! Como marido tenho o direito de saber!” Leon relutou; quis ficar no vago, no teórico. Mas o amigo o ameaçou: “Rompo contigo!” Quase sem voz, baixando a vista, num desconforto físico e moral, tremendo, bufa, por fim:

— O De Paula diz que tua mulher tem amantes!

Quintanilha recua dois passos, num espanto maior que a dor, que a indignação, que tudo. Repete, desvairado: “Amantes?” Aperta a cabeça entre as mãos:

— E nem ao menos é um só. São vários!

Agarra-se ao Leon: “Se ele põe no plural é porque tem vários!”

Ódio

Leon deixa-se cair numa cadeira:

— Não liga, dá o desprezo!

Leon passou, lá, umas duas horas argumentando. Vendo o estado do amigo, já achava desaconselhável e imprudente o simples desagravo do chicote. Insistia: “Todo mundo sabe que o De Paula é um mentiroso, um débil mental, capaz de caluniar a própria mãe.” Materialmente enfermo, Quintanilha já não reagia mais, ouvia, só, de olhos injetados, a alma destruída. Leon, no remorso de ter falado, de ter criado a situação, continuou:

— Basta cortar relações, negar-lhe o cumprimento. O tiro é um golpe errado. É uma solução heroica, que a besta do De Paula não merece! E agora? Vais fazer o quê?

Balançou a cabeça:

— Não sei. Estou incapaz de pensar, de raciocinar. Amanhã, fala comigo, sim?

Leon saiu, afinal. Praguejava interiormente: “Sou um imbecil completo! Que mania besta de dar palpites na vida dos outros.” Aflito, tratou de procurar, por toda a cidade, o De Paula. Mas em vão. Acabou desistindo, deixando para o dia seguinte.

O plural

Quintanilha não conseguiu dormir nessa noite. Pela manhã, saiu de casa normalmente, depois de beijar a mulher na boca e de adverti-la: “Hoje, tenho que resolver uma parada duríssima.” Foi só. Ela, curiosa, ainda perguntou: “Qual?” Quintanilha brincou: “Depois eu conto!” Vinte e poucos minutos depois, estava no escritório do De Paula. Sóbrio e suscinto, declarou o seguinte: “Eu soube que você anda falando mal de minha mulher.” Lívido, o outro gaguejou: “Eu?” E Quintanilha, quase cordial:

— Perfeitamente. Você, sim. E de duas uma: ou você prova o que diz ou eu o mato como se mata um cão danado. Escolha.

De Paula balbucia, apavorado:

— Provarei.

A prova

Segundo o De Paula, Ada encontrava-se com o amante três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas, num edifício de quatro pavimentos. Era uma terça-feira e Quintanilha teve que esperar ainda 24 horas. Advertira, porém, o miserável: “Não adianta fugir, porque eu te matarei ainda que seja no inferno!”

O canalha quis saber: “E se eu provar? Não farás nada?” Jurou: “Nada!” Ficou assim combinado. Na tarde seguinte, do interior de um táxi, e na companhia do abjeto De Paula, Quintanilha viu a esposa descer de outro táxi, com um homem, e entrar no edifício. De Paula vira-se para ele numa euforia hedionda: “E agora? Estou livre?” Quintanilha nega:

— Ainda não. Tu disseste que minha mulher tem amantes. Por enquanto, eu conheço um. Quero os outros.

De Paula tem um esgar de choro:

— Mas é só um! Só tem esse! Só tem esse amante!

Rápido, Quintanilha o abotoa:

— Se tem um, apenas um, por que disseste que minha mulher tem amantes? O que eu não te perdoo é o plural. Vais morrer por causa desse plural!

Ali mesmo, deu-lhe dois tiros.

45 - Feia demais

Quando chegou em casa e as irmãs o esperavam com a pergunta sôfrega:

— Você está namorando aquela pequena?

— Estou.

Houve um espanto indignado:

— Não é possível, não pode ser!

— Por quê?

E todas, num coro feroz:

— Porque é um bucho horroroso! Arranja uma pequena melhor, mais interessante, bonitinha!

O rapaz empalideceu, ressentido com a grosseria dos comentários. E teve uma atitude muito bonita e viril. Primeiro chamou todo mundo de “espírito de porco”. Em seguida, anunciou:

— Pois fiquem sabendo que eu vou me casar com esse bucho! Té logo!

Virou as costas e foi jogar sinuca no boteco da esquina.

A pequena

Mãe e filhas se entreolharam, assustadas. Uma das pequenas suspirou: “O caso é sério.” Houve, em derredor, a aprovação: “Seríssimo.” E a mãe, que gostava muito daquele filho, fez um voto de abstenção, usando da seguinte alegoria:

— Amarra-se o burro à vontade do dono. Ele quer casar, não quer?

Admitiram: “Parece.” Ela concluiu:

— Pois que case e seja feliz.

Havia, porém, a esperança ou o desejo de que, com o tempo, o Herivelto se convencesse da fealdade da menina. Mas que esperança! Estava realmente apaixonado, disposto a se casar de qualquer maneira e no mais breve prazo. Um dia, a mãe, que se caracterizava por um senso comum tremendo, chamou-o: “Vem cá, meu filho. Vamos conversar direitinho.” Herivelto atendeu; fez, porém, a ressalva solene, quase ameaçadora: “Converso, minha mãe, desde que a senhora não fale mal de Fulana.” A outra admitiu, mais do que depressa: “Evidente! Eu até gosto da menina.” Pigarreou e prosseguiu:

— Você quer casar, não quer?

— Quero.

Veio, então, a pergunta à queima-roupa:

— Mas com quê, meu filho? Casar com a roupa do corpo, não é possível. E você, aqui pra nós, não ganha o suficiente.

O rapaz ergueu-se. Ficou andando de um lado para outro, com as duas mãos nos bolsos. E, de repente, estacando, definiu-se:

— Minha mãe, sabe qual é a minha opinião? É a seguinte: o que decide na vida é o peito. Vou me casar no peito!

De noite, com a pequena, contou o episódio. Interpelou-a: “Topas morar num quarto comigo?” Era um momento crucial. Jacira, porém, foi magnífica. Respondeu à altura:

— Com você, meu filho, eu topo tudo!

Feia como a necessidade

A verdade é que, num clima de paixão, tanto o rapaz, como a pequena, estariam dispostos a morrer de fome. Herivelto teve o trabalho de burilar uma frase a propósito dos matrimônios pobres: “O casamento”, dizia ele, “é uma questão de amor e não de boia.” Em vão o advertiam: “Olha que vais dar com os burros n’água.”

Replicava, otimista: “Paciência.” Um dia, após um namoro agradabilíssimo, casaram-se. Quando Jacira entrou na igreja, de braço com o padrinho, estava, segundo testemunhas visuais, “um pavor”. Houve quem perguntasse: “Essa menina tem dinheiro?” Não, não tinha. E ninguém compreendia como um rapaz bem-apanhado, como o Herivelto, a tivesse escolhido, entre todas. A família do noivo se agarrava, com unhas e dentes, ao seguinte e melancólico consolo: “Não é bonita, mas tem bom coração.”

Só no sétimo ou oitavo dia de lua de mel é que Herivelto começou a desconfiar da verdade. Jacira estava diante do espelho espremendo espinhas. E fazia isso com um deleite, uma volúpia extraordinária. Em silêncio ou, por outra, assoviando, o rapaz contemplava a mulher. Sem querer, sem sentir, estava fazendo um julgamento físico de Jacira. Esta ainda se virou e fez o comentário:

— Ih, meu filho! Estou com uma pele infame!

As outras

A partir de então, quando estava em casa, ele não fazia outra coisa senão espiar, espreitar a fealdade de esposa. Uma coisa o espantava e amargurava: “Eu estava cego, completamente cego!” Olhava agora Jacira e se saturava de sua falta de graça e de feminilidade. Por outro lado, começava a experimentar uma irritação doentia e contínua. Um dia, em que Jacira estava particularmente desinteressante, fez uma pergunta perversa:

— Será que uma mulher feia não desconfia da própria fealdade?

A outra não percebeu a sugestão. Coçando a cabeça com um grampo, ria:

— Que nada! Pergunta a um bucho se ele é bucho, pergunta?

Durante dois ou três segundos, quase Herivelto a interpela: “E tu?” Conteve-se, porém. Mas sua ilusão se extinguira até o último vestígio. Sabia, agora, que sua mulher, a mulher com quem se casara para sempre, era feia, excepcionalmente feia, feia de uma maneira constrangedora, intolerável. Começou a ter resistências com Jacira, uma espécie de alergia, de incompatibilidade física tremenda. Precisava desabafar com alguém. Correu à própria mãe:

— Mamãe, eu estava bêbado, completamente bêbado, quando casei!

Fora de si, apertando a cabeça entre as mãos, gemia: “Feia demais!” E repetia: “Demais.” Certos deveres ou hábitos de marido já o enfureciam. Por exemplo: ao sair para o trabalho e ao voltar acostumara-se a beijar a mulher na boca. E se, agora, simulava um engano, uma distração, e roçava os lábios na face de Jacira, esta fazia a reclamação amorosa: “Na boca, meu filho, na boca!” Ele se crispava. Esse beijo na boca se transformou, com o tempo, numa fobia. Por outro lado, na rua, no ônibus, ficava fazendo confrontos entre as transeuntes e Jacira. Se encontrava uma mais jeitosa, delirava: “Isso é que é corpo!” Ou, então: “Que rabinho!” E se estivesse com um amigo, cutucava: “Olha que espetáculo!”

A amante

O pior de tudo é que Jacira tinha um temperamento carinhosíssimo. Gostava de dar e receber carinho. De noite, quando Herivelto chegava, ela vinha sentar-se no seu colo e se derramava em dengues: “Tu gostas da tua gatinha, gostas?” Exasperado, e fazendo um esforço para se conter, rosnava: “Sossega. Há hora pra tudo. Vamos jantar.” E se iam a um cinema, Jacira voltava de lá impossível:

— Eu não acho a Lana Turner nada essas coisas. Vulgar.

De fato, a pobre pequena era exigentíssima, sempre vendo defeitos nas outras mulheres. A Barbara Stanwick parecia-lhe “tão sem graça”. Herivelto caiu das nuvens, estacou, furioso: “Barbara Stanwick sem graça?! Você bebeu?” Teve vontade de fuzilar a esposa com a pergunta: “Se ela é sem graça, você o que é?” Mas a situação matrimonial tornara-se insolúvel. Era, agora, dominado por uma obsessão. Dizia para si mesmo: “Tenho que arranjar uma cara.” Arranjou uma, com efeito, que trabalhava numa casa de modas. Era uma fulana alta, que na opinião de muitos, lembrava um cavalo de corrida. De uma maneira ou de outra, o fato é que Herivelto se apaixonou. Uma vez, de longe, a fulana viu Jacira. Ao primeiro ensejo, fez, para Herivelto, o comentário:

— Bem feinha tua mulher, hein?

Ele esbravejou: “Um bucho horroroso!” A fealdade da mulher o humilhava.

E o interessante é que Jacira não desconfiava de nada, não percebia que era abominada pelo esposo.

O infiel

Até que aconteceu o inevitável. Uma noite, Herivelto chegou em casa, bêbado. E pior do que isso: com manchas de batom no pescoço, no lenço, etc. Ela, então, que jamais admitira a hipótese de uma infidelidade, virou uma autêntica leoa. Avançou para o marido, de dedo em riste; esganiçava-se: “Que é isso? Que negócio é esse?” Bambo em cima das pernas, o marido teve uma sinceridade de ébrio:

— Tenho uma amante... Tenho uma amante...

A princípio, ela não compreendeu. Repetiu, no seu assombro: “Uma amante!” Mas já o rapaz rolava na cama, ficava de bruços, resmungando coisas ininteligíveis no seu idioma de bêbado. Ela, subitamente feroz, o revirou; segurava-o pela gola do paletó, sacudia-o e gritava: “Eu também vou te trair, ouvistes?” De manhã, quando Herivelto acordou, ela, que não dormira, repetiu:

— Vou fazer o que você me fez. Por essa luz que me alumia!

Tragédia

Não teve pressa. Durante 48 horas, debateu-se em dúvidas medonhas. Trair era ou devia ser facílimo; restava, porém, a pergunta: “Com quem?” Passou em revista todos os amigos e conhecidos. Ia excluindo um por um, através de um processo eliminatório. Acabou se fixando num amigo do marido, um tal de Mascarenhas. Telefonou-lhe, sem dizer quem era. E o outro, ouvindo uma voz feminina, inflamou-se. Queria um encontro imediato, num lugar assim, assim. Ela foi bastante feminina para adiar a entrevista. Depois de uns 15 dias de telefone, Jacira submeteu-se. O outro marcou hora e deu o endereço de um apartamento que mantinha para tais aventuras. Duas horas depois, ela estava lá, apertando o botão da campainha. O próprio abre e Jacira invade o apartamento. Ele parece atônito, não compreende. Jacira percebe nos seus lábios uma expressão de descontentamento quase cruel. Espera uma palavra, uma iniciativa. E como ele não faz, nem diz nada, o interpela: “Então?” O fulano balbucia:

— Desculpe, mas não é possível... Sinto muito... Desculpe...

Pela primeira vez, Jacira sente parcialmente a verdade. Foge dali, como uma criminosa. Em casa, no quarto, coloca-se diante do espelho grande. Revia-se, de corpo inteiro. Compreende tudo. Compreende porque fora quase escorraçada. Coincidiu que, nessa noite, bêbado outra vez, o marido a ultrajasse com a palavra: “Bucho! Bucho!” Teve ódio, um ódio inumano, indiscriminado, contra si mesma, contra o marido, contra o mundo. Esperou que Herivelto mergulhasse no sono de embriagado. Então, já serena, derramou álcool em cima dele e riscou o fósforo. Por entre chamas, ele se revirava, se contorcia, como se tivesse cócegas. Fugiu, uivando, perseguido pelas labaredas. Vizinhos atiraram baldes d’água em cima dele. Herivelto morreu, porém, ali mesmo nu e negro.

46 - Infidelidade

O amigo sentou-se a seu lado e não foi direto ao assunto. Primeiro, fez o preâmbulo:

— Tu sabes que eu sou do teu peito, não sabes?

— Adiante.

E Euzébio, pigarreou:

— Bem, o caso é o seguinte: eu tenho sabido de uns rumores bem desagradáveis.

— Que rumores? Fala!

O outro olhou para os lados e baixou a voz: “Tens confiança na tua mulher?”

Houve um lampejo nos olhos frios de Orozimbo:

— Como?!...

Euzébio ergueu-se, foi até a janela e voltou. Pôs a mão no braço do amigo:

— Orozimbo, eu sei, de fonte limpa, que tua mulher tem um caso, assim, assim. — Silêncio. Orozimbo apanhou um cigarro e o acendeu, com a mão firme. Vira-se para o amigo:

— Olha, Euzébio: você está fazendo uma acusação muito séria. Seríssima. Tem certeza do que está dizendo?

— Tenho, infelizmente.

O outro insistiu: “Pergunto se tem certeza absoluta. Tem?!” Suspirou: “Sim.” E Orozimbo:

— Espera um pouco. O que eu chamo certeza, nesses casos, é a seguinte: você “viu” minha mulher me trair? Viu?

Atônito, balbuciou:

—Não. — E acrescentou: — Mas é o que todo mundo diz...

Orozimbo pôs-se de pé. Foi taxativo:

— Se você não viu, ponha-se daqui para fora, já, antes que eu lhe parta a cara. Seu cachorro indecente!...

Os amigos

Parecia o fim de um afeto de vinte e tantos anos. Desde garotos, com efeito, que Euzébio e Orozimbo conservavam aquela amizade, cada vez mais intensa e mais perfeita. Quando o Orozimbo namorou Elvira, foi pedir o conselho do outro: “Que tal?” Situação delicada e desagradável. Sabia que a pequena namorara, já, quase que o bairro inteiro. Por outro lado, sentindo que Orozimbo estava apaixonado, não quis desiludi-lo. Foi vago: “Não gosto de dar palpites!” Limitou-se a uma sugestão: “Abre o olho!” O fato é que Orozimbo, numa paixão tremenda, casou-se seis meses depois. Tanto na cerimônia civil como na religiosa Euzébio esteve presente. Na sacristia, abraçou a noiva, de quem se tornara amigo; soprou-lhe ao ouvido:

— Você arranjou o melhor marido do mundo!

Elvira, desenvolta e muito linda no vestido de noiva, respondeu, alegremente:

— Só vendo!

Foi só. Depois, Euzébio passou a frequentar, quase diariamente, a residência do casal. O amigo vivia fazendo convites: “Vem jantar hoje com a gente!” E insistiu: “Olha, nós te esperamos, ouviste?” Ele ia, porque gostava, e, muitíssimo, de conviver com o casal. Houve um momento em que, sem exceção de um dia, jantava com os dois, de domingo a domingo. Os vizinhos pasmavam para tamanha assiduidade. Fazia-se o comentário, não isento talvez de malícia: “Mas que amizade!” E, um dia, no meio do jantar, a três, a própria Elvira, na sua inconveniência simpática, virou-se para Euzébio:

— Queres saber duma? Como estás sempre aqui, sempre conosco, sabe que, às vezes, eu penso que tenho dois maridos? No duro?...

Orozimbo estourou numa gargalhada incoercível. Euzébio riu também, mas com um certo constrangimento. Rubro, teve a exclamação: “Que piada infame!” Mas Elvira continuava, numa festiva irresponsabilidade:

— Ficou vermelhinho! Vermelhinho!...

O íntimo

E, pouco a pouco, o Euzébio, que era a própria estátua do escrúpulo, foi vendo certas coisas que o faziam pensar. Por exemplo: entrava, naquela casa, com uma liberdade de marido. Criou, para si mesmo, o problema: “Que dirão os vizinhos?” Por coincidência, julgou perceber certos sintomas na vizinhança. Quando passava, à noitinha, para jantar com os amigos, perguntavam: “Já vai, hein?” Talvez não existisse nenhuma maldade consciente. Mas ele, com a pulga atrás da orelha, julgava perceber malícia onde só havia cordialidade. Uma tarde, chegou, por infelicidade, muito antes do amigo. Sentado, na sala, diante de Elvira, coçava a cabeça, num desconforto evidente. Acabou não se contendo:

— É uma situação meio pau, Elvira.

— Por quê?

— Pelo seguinte: há limites para um amigo. Afinal de contas, o simples amigo não é como o marido. Meu caso, por exemplo. Eu não devia estar aqui, sozinho, com você. Não está direito! Não está certo!...

Ela fez um verdadeiro escândalo: “Ora, não amola, Euzébio! Tira o cavalo da chuva!” Interrogava-o: “O que é que não está direito?” Ele, de mãos nos bolsos, exaltado, congesto, dizia: “E a vizinhança? Sabe como é esse negócio! Nada mais delicado que a reputação de uma mulher!” Teimava: “Eu tenho que espaçar as minhas visitas!” Discutiram, cada qual mais irredutível que o outro, na defesa dos seus pontos de vista. Elvira foi categórica:

— Queres que te diga uma coisa? A vizinhança que vá tomar banho, que vá para o diabo que a carregue! Eu não tenho que dar satisfação de minha vida a ninguém! — e repetia, inflamada: — a ninguém!...

Os filhos

Talvez fosse mais interessante que Euzébio fincasse pé, e, de fato, espaçasse as visitas. Mas, se por um lado era escrupuloso, por outro, era sentimental, de alto a baixo. Muito afetivo, sentiu necessidade daquele afeto que fazia parte de sua vida. Continuou comparecendo, todas as noites, para o jantar. Aos domingos, o casal o requisitava para o almoço também. E lá vinha ele feliz e inquieto. De vez em quando, Elvira — sempre na frente do marido — insistia na blague que o amargurava: “Olha o meu segundo marido! Olha o meu segundo marido!” E, assim, passam-se os anos. Elvira teve um filho e depois outro. Euzébio foi padrinho do primeiro e um tal de Linhares, padrinho do segundo. Pois bem. De repente, há o episódio, já referido. Euzébio que, na véspera, jantara com marido e mulher, amicíssimos de ambos, entra no escritório de Orozimbo e diz o que sabe. Corrido de lá, desapareceu, sucumbido. De noite, em casa, Orozimbo entra amargo, e envelhecido. Faz um comentário que a mulher não percebe:

— Ninguém presta! Ninguém vale nada! É um caso sério!...

Os dois homens

No dia seguinte, Elvira perguntou: “Quedê o Euzébio?” Riu, amargo: “Morreu!” E ela, num muxoxo: “Você é tão sem graça!” Orozimbo suspirou:

— Estou desconfiado de que ele não virá nunca mais.

E foi só. Durante uns quatro dias, não se falou, naquela casa, no desaparecido. Por fim, Elvira não se conteve. Uma tarde depois do almoço, maquilou-se toda, pôs o melhor vestido e apareceu no emprego de Euzébio. No corredor, conversaram. Inicialmente, ele quis ser enérgico: “Não quero conversa com a senhora!” Então, durante uns cinco minutos, ela falou, baixo, mas veemente, sem que ele, pálido, a interrompesse: “Quer conversar, sim senhor!” Desafiou-o: “O que você tem é medo de mim, percebeu?” Com um olhar intenso, continuou: “Gosta de mim e foge. Afinal de contas, você é ou não é homem? Responda.” Com os olhos marejados, Euzébio contou a visita que fizera ao marido. E, diante dessa mulher tão fresca e linda, que se oferecia, perdeu a cabeça; disse palavras duras: “Como se pode ser tão cínica? Imagina se ele soubesse que é a mim que você persegue?” Durante alguns momentos, olharam-se apenas, num atormentado silêncio. Ela perguntou, afinal:

— E se ele tivesse acreditado, hein? Se tivesse me dado um tiro? Repetiu, com um ar de louco: “Um tiro?”

E, então, pensando em que poderia ter sido o causador de sua morte, teve uma crise súbita e irresistível. Trincou as palavras nos dentes: “Eu não quero que morras! Não quero!” Estava deserto o corredor. Numa sofrida ternura, agarrou-a, ali mesmo, beijou-a, em delírio. No intervalo de um beijo para outro, gemeu: “Sou um canalha! Sou um canalha!”

O marido

Não resistia mais. Dizia de si para si: “Eu avisei e se ele não acreditou, bem feito.” Passaram a se encontrar num apartamento, em Copacabana. Era um amor sem felicidade. Em meio dos beijos mortais, ele esbravejava: “Eu sou o último dos homens e tu és a última das mulheres!” Esta grandiloquência aplacava, um pouco, o seu remorso.

Quanto a ela, tinha um estremecimento de volúpia ao ser chamada “a última das mulheres”. Pedia mesmo: “Diz desaforo! Diz!” Até que, um dia, Orozimbo vai procurá-lo no escritório. Foi sóbrio e definitivo: “Eu sei de tudo. E não a mato, sabes por quê? Porque a mãe dos meus filhos é sagrada.” Lívido, Euzébio ergue-se; disse: “Estou às suas ordens.” E o outro, firme: “Também não te mato, porque seria atingir a mãe dos meus filhos.” Baixou a voz, cordial:

— Mas olha: eu não sou o único traído; tu também o és. — pausa e acrescenta: — Ela me trai contigo e a ti, com o Linhares. Percebeste?...

Retirou-se, vingado. Então, sozinho, no corredor, Euzébio caiu de joelhos. Com o rosto mergulhado nas duas mãos, soluçava como uma criança.

47 - O amor dos filhos

Um dos seus primos, rapaz desabusado, meio irresponsável, esperou-a na saída do colégio:

— Vem cá, Terezinha, vem cá. Tenho um negócio pra conversar contigo. A menina, com a pasta debaixo do braço, fez sinal às coleguinhas, para que esperassem. Então, o primo a interpelou:

— Sabe que eu estou besta contigo?

— Por quê?

Ele olhou para os lados, baixou a voz:

— Ouvi dizer que você estava namorando o dr. Moreira. Me garantiram. É verdade?

— E se fosse?

Esbravejou:

— Um cara que podia ser teu pai! Não está vendo que é um papel ridículo? Que vão rir de ti, hein?

Foi sóbria e definitiva:

— Olha aqui, Fulano; não tenho que lhe dar satisfações. Vê se não dá palpite na minha vida, sim? Até logo.

Largou o rapaz, no meio da calçada, atônito, e foi se reunir às colegas.

Escândalo

Com 17 anos, acabando o ginasial, Terezinha aparentava menos. Pertencia a essa classe de mulheres que não envelhecem. Muito quieta, reflexiva, com uns modos lindos, não tivera ainda um namorado. E como as colegas, sapequíssimas, soubessem que não fora jamais beijada, diziam: “Você não sabe o que é bom, sua boba!” Em compensação, seu pai e sua mãe podiam dizer com o natural orgulho: “Por Terezinha, ponho a mão no fogo!” Pois bem, um dia, Terezinha chega do colégio, vai direto à mãe e anuncia:

— Mamãe, eu gosto do dr. Moreira!

A santa senhora, que tinha pressão baixa, quase caiu, dura. O fato é que se Terezinha soltasse uma cabeça de negro na sala de jantar, teria causado menos sensação. Entre parênteses, diga-se que d. Maria Sabina, no primeiro momento, desconfiou das faculdades mentais da filha. O dr. Moreira, médico da família, completara, dias antes, seu quadragésimo oitavo aniversário. O primeiro argumento de d. Maria Sabina, foi o mesmo do primo: “Podia ser teu pai!” E houve mesmo quem, exagerando, dissesse, em vez de “pai”, “avô”. Durante cerca de duas semanas, a família fez o diabo para dissuadir a menina. A mãe explicava: “Você ainda é muito criança e não sabe; mas não pode haver tanta diferença entre marido e mulher. É um crime!” Doce, mas firme, replicava:

— É dele que eu gosto, mamãe. Outro não interessa. D. Maria Sabina punha as mãos na cabeça:

— Daqui a dez anos ele está gagá e você na flor da idade. E sabes o que é que vai acontecer? A mulher moça que se casa com velho, acaba...

Interrompeu-se para não dizer uma barbaridade. A verdade é que desejaria ter dito o seguinte: que o velho que se casa com mocinha está arranjando mulher para os outros. Ponto de vista, como se vê, muito discutível e exagerado. Falharam todos os esforços e raciocínios. Por fim, a família, amargurada, aceitou a situação. Dr. Moreira, com seus cabelos raros e grisalhos, a calva quase espetacular, pôde ir namorar, dentro de casa. Acabou fazendo o pedido e se tornando noivo oficial. Tinha muita pressa no casamento e explicando, para a família, a questão da urgência, dizia: “Já não sou mais criança!” Quanto à d. Maria Sabina, esbanjava as próprias lágrimas nas costas do feliz noivo. E seu consolo, não revelado, era o seguinte: como dr. Moreira sofria do coração, ela,

intimamente, afagava a esperança de um colapso antes de velhice total.

Os quartos

Como explicar essa atração de uma menina de 17 anos, ainda colegial, por um senhor de 48? O pai, meio vago, dizia que amor não tem lógica. O primo, rancoroso, via, no amor de Terezinha, uma manifestação mórbida. A verdade é que Terezinha parecia imersa numa felicidade de novela. Dia e noite, só pensava nos problemas de casamento. Certa vez, o dr. Moreira acende um cigarro, sopra a fumaça e diz:

— Quando a gente se casar, já sabe: vamos dormir em quartos separados.

Espantou-se Terezinha. E o médico, pondo cinza no cinzeiro, argumentou:

— Esse negócio do marido ver a mulher com cara de sono, e vice-versa, tira a poesia. Deve haver sempre, num casal, uma certa cerimônia, um limite.

D. Maria Sabina, quando soube, foi às nuvens; deblaterou: “Isso pode dar certo nos Estados Unidos. Aqui não.” Já o marido, mais ponderado, ralha: “Não se meta.” E ela, fora de si:

— Estou com essa história de quartos atravessada na garganta!

Coincidiu que, dias depois, o dr. Moreira, acariciando Terezinha nos cabelos finos e sedosos, dissesse: “Às vezes, eu penso que gosto de ti como de uma filha.” D. Maria Sabina precipitou-se para fora da sala. Foi chorar lá dentro: “Minha filha, em vez do um marido, arranjou um pai: se é possível!”

Família

Casaram-se, um belo dia. A mãe compareceu à cerimônia como se fosse ao enterro da filha. Em dado momento, já em casa, desabafou com o marido: “Nenhuma mulher moça tem obrigação de ser fiel ao marido velho!” O marido a fulminou com a pergunta: “Você bebeu?” Passou. Dali os noivos partiram para a lua de mel, na montanha. Nove meses depois, nascia o primeiro filho. Mais um ano e vinha a filha. Dr. Moreira parecia satisfeito: “Chega!” E, Terezinha, que sofrera muito com os dois partos, suspirou: “Também acho.” O fato é que ela, embora muito boa de coração, duma afetividade imensa, não sabia lidar com os filhos. Quando eles eram pequenininhos, tinha os receios mais pueris; de machucá-los, de deixá-los cair. Quando eles choravam com dor de barriguinha, caía num desespero obtuso e ineficaz. Não lhe ocorria uma medida, uma providência, um remédio. Felizmente, uma tarde, dr. Moreira apareceu, radiante: “Meu anjo, resolvi o problema da babá.” A exclamação de Terezinha foi imediata, irreprimível:

— Oh! Graças! E, de fato, no dia seguinte, apareceu a mocinha, asseada, bonitinha, modos aristocráticos. Chamava-se Ema e foi logo dizendo: “Sempre gostei de crianças.” Quando viu o menino e a menina maravilhou-se. Numa espécie de frenesi, de voracidade, agarrou um e outro, com as exclamações naturais: “Oh, que amor! Que encanto, meu Deus!” Pouco depois, no jantar, abrindo o guardanapo, dr. Moreira sublinhou a coincidência:

— Tem a tua idade!

Ema

Foi um descanso fabuloso para o casal a presença de Ema. Dia e noite, ela não fazia outra coisa senão prostrar-se, em adoração, diante das crianças. Dir-se-ia a verdadeira mãe, cercando o menino e a menina de todos os cuidados possíveis e imagináveis. A própria d. Maria Sabina ficou impressionada: “Que dedicação!” A boa senhora continuava fula com a separação dos quartos. Confessava: “Isso não me entra!” Ou então, era mais contundente: “Considero isso uma autêntica cretinice!” Ao que Terezinha, com o seu bom gênio, replicava:

— Meu marido me adora. É louco por mim!

Sempre que d. Maria Sabina aparecia na casa da filha cravava no genro um olhar crítico, fazendo uma estimativa dos possíveis estragos causados pela velhice.

Passaram-se cinco, seis, sete anos. E, de repente, sucede uma coisa estranha: d. Maria Sabina que, no mais íntimo de si mesma, sonhava com a morte do genro, caiu de cama. O colapso, que desejava para o dr. Moreira, matou-a. Deixou assim de existir a única pessoa que reclamava contra a separação de quartos. Terezinha vivia, felicíssima, com o marido e o casal de filhos. Era, porém, uma mãe apenas nominal. Seus dois filhos estavam inteiramente dominados pela jovem e formosa Ema, que lhes fazia todas as vontades. Por vezes, a mãe se queixava: “Meus filhos nem me ligam!” Quanto ao dr. Moreira, continuava na mesma: sua velhice estabilizara e parecia muito bem-disposto. Terezinha, um pouco mais gorda, podia dizer: “Não tenho do que me queixar.” Uma madrugada, porém, tem um pesadelo. Acorda, gritando. Acende a luz, e o medo continua. Então, nervosíssima, ergue-se, enfia nos pés as chinelas de arminho e, na leve e transparente camisola, abandona o quarto e vai ao do marido. Passa a mão no trinco e abre. Mas estaca: Ema estava lá completamente nua.

Tragédia

Fora de si, voltou ao quarto. Dizia e repetia: “Cínicos! Cínicos!” Mas já o marido, de pijama, entrava e fechava a porta, à chave. Gaguejou: “Vou explicar...” Berrou: “Não quero ver nem você, nem essa miserável!” Ele, então, lívido, o lábio inferior tremendo, foi sóbrio, mas enérgico:

— Miserável por quê? Sim, por quê? Gosta tanto de mim como você, ora essa!

Foi uma cena atroz e brutalíssima, no seu furor, Terezinha já excluía o marido, para se virar, só e só, contra a outra. Gritava: “Ela tem que sair daqui, agora, já!” Foi, então, que o dr. Moreira, teatral, perguntou: “E as crianças? Você se esquece das crianças?” Avançou para o marido, quase o agrediu: “Ela não me põe mais a mão nos meus filhos!” O marido saiu, de lá, resmungando: “Veremos.” Durante meia hora, ela, no quarto, andou de um lado para outro, quase louca. Continuava na obsessão da babá maravilhosamente nua. Depois, instintivamente, vestiu-se. Tomara uma resolução: ia, ela mesma, em pessoa, expulsar a miserável. Abriu a porta do quarto e... diante dela, à espera, estava um grupo: o marido, Ema e as duas crianças, transidas, agarradas às saias da babá loura. Terezinha ficou chumbada no lugar. Era aquele um bloco unido e solidário. Então, enlaçando Ema com o braço, e depois de pigarrear, dr. Moreira proferiu a última palavra:

— Você está vendo! As crianças preferem Ema!

De fato, o menino e a menina abraçavam-se, gritando, às pernas da Fulana.

Muda, com os olhos muito abertos e sem lágrimas, Terezinha passou por eles — corrida do próprio lar.

48 - Mulheres

Foi o diabo quando a Fulana veio morar na rua. Primeiro, encostou um táxi na porta da casa vazia. Desceram uma senhora, uma menina e a babá, uma preta gorda, imensa, de busto ilimitado. Nessa altura dos acontecimentos, já a vizinhança em peso, numa curiosidade sôfrega e unânime, apinhava-se nas janelas. E o fato é que, à primeira vista, a impressão não foi boa. A tal Fulana, com efeito, podia ser vistosa. Mas havia, nos seus modos, roupas e risos, um exagero suspeito. Além do mais, o decote deixava bem nítido — nítido demais — o princípio do seio. D. Edgardina, que estava na janela, numa curiosidade tremenda, teve um muxoxo significativo:

— Hum!

As outras mulheres da rua também ficaram com a pulga atrás da orelha. Procurou-se o marido da recém-chegada e só meia hora depois cochichou-se: "Viúva." As comadres fizeram suas deduções: "Aqui há dente de coelho." Quando chegou a mudança, com o mobiliário, as trouxas de roupa e a gaiola com passarinho, ela se expandiu. Tratava os carregadores com festiva intimidade. Dizia para um e outro, com uma desenvoltura plebeia:

— Põe isso aqui, "velhinho"!

Soltava grandes gargalhadas. Enfim, foi quase um escândalo. D. Edgardina, quando o marido chegou, fez cara de nojo; suspirou:

— Gentinha!

Jararaca

No dia seguinte, estourou a bomba: a nova vizinha era uma fulana assim, assim. Por outras palavras: “Não era séria.” Foi d. Edgardina quem deu o alarme e pôs as famílias em polvorosa. Perguntaram: “Batata?” Confirmou, numa ênfase esmagadora: “Palavra de honra!” Houve quem dissesse: “Logo vi!” D. Edgardina, no entusiasmo da novidade, dramatizava:

— Profissional, no duro! — e, pigarreava, para acrescentar o detalhe definitivo: — E de janela!

— Credo!

A partir de então, d. Edgardina se incumbiu de promover a sistemática difamação; e, assim, foi revelando a idade, os endereços anteriores, os escândalos. E, uma manhã, surgiu, triunfante, com um recorte de jornal; chamou, pelo telefone, as outras vizinhas: “Vem cá, que eu vou te mostrar uma coisa.” As amigas pasmavam para o recorte. Era a notícia de um conflito numa pensão alegre, entre mulheres de “vida airada”. O jornal dizia: “A mundana Aurora de tal, de 25 anos, residente...” Houve um frêmito quando se leu, em voz alta, a palavra “mundana”. Já não havia mais dúvidas. Uma das senhoras, abismada, suspirou:

— Como pode! Como pode!

Vergonha

Na sua falta de modos, Aurora dava na rua verdadeiros espetáculos. Pela manhã, punha-se a escovar os dentes à janela, com a boca espumando de dentifrício. Recebia os fornecedores em quimonos espetaculares e semiabertos; punha todo o volume do rádio, como se ela ou os outros fossem surdos. E, da janela, queria dar e receber cumprimentos. Muito cordial, cordialíssima, andou distribuindo "bons-dias", com a mais patética efusão. Mas, as mulheres que passavam por ela amarravam a cara e olhavam para o outro lado. Por sua vez, os homens a evitavam. Cada esposa da rua exigira do marido: "Não me cumprimente essa gaja, não, hein?" Um deles, ou por distração ou por leviandade, retribuiu um "boa-tarde" de Aurora. Para quê? Quando chegou em casa, a mulher quase o comeu vivo:

— Seu sem-vergonha! Você é igual a ela!

Aurora acabou percebendo. Mas o que tinha de cordial, de conversada, tinha de desaforada. Rosnou: "Essas cretinas!" Foi para a janela, exaltada; disse, em voz bastante alta: "São uns buchos horrorosos!" Atribuía a má vontade existente à inveja. Fez mesmo uma frase: "A maior inimiga da mulher é a própria mulher."

Greve de crianças

Mas o que doeu em Aurora, o que machucou seu coração, foi o que fizeram com a filha. Nos exageros do sentimento materno, dizia: “Podem fazer o diabo comigo. Podem até me cuspir na cara. Mas não toquem na filha...” E, com efeito, tratava aquela criança como a uma princesa. Agarrava a filha; balbuciava, numa histeria: “Meu Deus! Que vontade de te apertar, de te morder!” A babá protestava: “Credo!” Mas era amor, alucinado amor. Pois bem. As mulheres sérias da rua também declararam guerra à menina que, na ocasião, mal completara os quatro anos. As mães advertiam aos filhos: “Não te quero brincando com aquela menina!” Outras positivavam: “Olha que tu apanhas de chinelo!” E o fato é que, sob o peso das amea-ças, a menina não tinha com quem brincar. Sem idade para compreender, insistia, teimava, mas as outras crianças fugiam, como se ela tivesse coqueluche ou outra doença qualquer, mais grave. Quando Aurora soube, quando percebeu fez, na calçada, uma cena terrível. Com a pequena no colo, abraçada a ela, chorou, soluçou publicamente. Interpelava a vizinhança:

— Mas que foi que minha filha fez? Digam! Que foi?

E, na verdade, o que a desesperava, o que a punha fora de si, praticamente louca, era a injustiça. Gritava:

— Eu não presto, eu posso não prestar. Mas minha filha não tem culpa! Minha filha é inocente!

D. Edgardina

Foi, não resta dúvida, uma situação desagradabilíssima. Os homens tiveram pena, mas cruzaram os braços com medo das respectivas esposas. Estas é que exultavam, sobretudo, d. Edgardina. Enquanto a outra chorava, na calçada, com a filha nos braços, d. Edgardina rosnava: “Isso é carnaval!” E como continuasse o escândalo, fechou a janela violentamente. Outras vizinhas fizeram o mesmo. Houve um instante em que Aurora não teve para quem falar. Sempre chorando, meteu-se em casa; e, então, cobriu a filha de beijos, de mimos de toda a sorte. De repente, teve a ideia. Foi apanhar uma cédula de quinhentos cruzeiros e a deu à filha, para brincar. Desafiava, frenética:

— Rasga esse dinheiro, minha filha! Mostra a esses mendigos que tu és rica e que tua mãe há de ganhar muito dinheiro pra ti!

O verdadeiro ódio de Aurora, porém, era d. Edgardina. Nem se lembrava direito das outras. D. Edgardina, porém, não lhe saía da cabeça. Prometia a si mesma: “Ela me paga direitinho. Deus é grande.” Não há dúvida que planejava uma vingança. E houve um momento em que pensou, até, em macumba.

Perdida

As senhoras honestas ficavam acordadas até altas horas da noite, num controle feroz. E, assim, foram verificadas as visitas masculinas que Aurora recebia, a partir de 11 horas da noite. Era um movimento de homens que saíam e entravam, com intervalos regulares, como se obedecessem a um cronômetro fantástico. Embora se tratasse de um pecado alheio que, em absoluto, não a conspurcava, d. Edgardina se enchia de um furor medonho. Chegava a chorar de raiva. O marido tentava apaziguar: "Deixa pra lá! Deixa pra lá!" Mas d. Edgardina espiando, no escuro, pela janela entreaberta, uivava: "Cachorra!"

Um dia, a menina de Aurora fez anos. A mãe, com sua mania de grandeza, comprou doces, numa quantidade astronômica, encheu a casa de bolas multicores, iluminou tudo. Não compareceu ninguém da rua, é claro. Na hora de acender as cinco velas, no bolo, a mundana teve que cantar sozinha, e chorando, o "Parabéns pra você". O único acompanhamento foi da babá negra. Finda a festa, Aurora responsabilizava d. Edgardina pela solidão da filha. Dizia, trincando as palavras nos dentes: "Essa desgraçada!"

Não se passava um dia, sem que Aurora soubesse de novidades. Disseram, por exemplo, que d. Edgardina espalhava o seguinte: "Ela está rica de tanto cinco mil réis que já ganhou."

As comadres concordavam: "Isso mesmo! Isso mesmo!" Mas d. Edgardina, sendo uma senhora de família, honestíssima, tinha um defeito: falava demais. E, certa vez, referindo-se a uma outra vizinha, d. Odete, taxou-a de "unha de fome". D. Odete soube e ficou indignada. Foi pedir satisfações; houve desaforos, de parte a parte. As duas se tornaram inimigas mortais. Até que certa ocasião, Aurora estava em casa fazendo limpeza de pele, quando bateu o telefone. Foi atender e ouviu a pergunta: "É d. Aurora?" Era voz de mulher, mas a pessoa fazia questão de anonimato. A princípio, Aurora imaginou um trote. Com o correr da conversa, porém, animou-se e, pouco a pouco, ia deixando escapar as exclamações:

— Imagino! Faço uma ideia! Ora veja!

O seu interesse era tanto maior quanto se tratava de d. Edgardina. Durou meia hora a conversa. Antes de se despedir, Aurora, fremente, foi dramática: "Eu não sei quem a senhora é. Mas Deus a abençoe." Saiu do telefone, transfigurada.

Chamou a babá da filha; anunciou:

— Vou à forra, direitinho.

Os cinco cruzeiros

Aurora passou dois ou três dias pensando. Recebeu outros telefonemas. Uma manhã, ligou para o marido de d. Edgardina, no escritório. Fora da vigilância da esposa, o homem teve uma alegre surpresa com uma voz feminina àquela hora. Aurora identificou-se: “É Fulana.” Em suma: marcou o encontro, às tantas horas. Ele, de lábio trêmulo e olho brilhante, virou-se para um colega de trabalho; confidenciou: “Tudo que é proibido, já sabe.” Compareceu ao encontro, supondo-se irresistível. E, de táxi, foi, com Aurora, para um lugar, que só ela conhecia. Desceram numa rua deserta e entraram numa casa suspeitíssima. Estavam agora num corredor; e, então, Aurora disse: “Vamos esperar, aqui, no corredor, um casal que vai sair dali.” O homem não entendeu; ou só entendeu quando, de repente, abriu-se a porta indicada e apareceram d. Edgardina e um vizinho, aliás compadre do casal. D. Edgardina vinha dizendo: “Meu bem...” Cortou a frase, estacando, diante do marido e de Aurora. Esta abriu a bolsa, tirou uma cédula de cinco cruzeiros que passou ao marido da outra:

— Dê esse dinheiro à sua mulher. Esse bucho não vale nem isso.

Não houve escândalo. Marido e mulher voltaram para casa. Mas daí por diante, todas as manhãs, antes de sair para o emprego, ele puxava cinco cruzeiros e entregava à mulher:

— Toma!

49 - Amor demais

Foi um deus nos acuda, quando chegou. A mãe veio, lá de dentro, interrogá-lo:

— É verdade, meu filho?

— O quê?

E ela:

— Que você está namorando a Zizi?

Desconversou:

— Por quê?

— Sim ou não?

Afrouxou a gravata, sentou-se e admitiu: “É verdade, sim.” A mãe, que dramatizava tudo, pôs as mãos na cabeça: “Você é maluco? Onde já se viu?” E deu uma tremenda lição de moral no filho:

— Você não sabe que a família de Zizi não presta, que é ordinária, não vale nada?

O rapaz ergueu-se:

— Ora, mamãe. O que é que tem a família de Zizi com o peixe? A família que se dane, que vá plantar batatas!

E a velha, profética: “Esta fulana vai te fazer de palhaço. Toma nota!” Antes de sair, chorando, completou:

— Ela quer o teu dinheiro! Só o teu dinheiro!

Apaixonado

Dia a dia, seu interesse era maior. Houve quem formulasse o prognóstico: “Acaba casando.” Um dia, porém, a mãe o convoca para uma conversa particular. Na defensiva, ele pergunta:

— Que é que há, mamãe?

A velha baixou a voz:

— Meu filho, eu compreendo que um rapaz solteiro tenha suas distrações. É a lei da vida, paciência. Mas — e faz a sugestão vil — por que você que tem dinheiro, que é rico, que pode, enfim, não dá uns presentes à tua pequena e...

Silêncio. A mãe continua, excitada:

— Família influi muito. Você se esquece das irmãs?

De fato, Zizi tinha duas irmãs que eram dois autênticos casos de polícia. Casadas, com filhos, faziam uma vida de escândalo e dissolução. Não satisfeita, a santa senhora continuou:

— Pague, meu filho! Compre os carinhos dessa pequena, as vantagens, percebeu?

Ergueu-se, lívido:

— Mamãe, a senhora está muito enganada! Enganadíssima!

Pausa e acrescenta, firme:

— A senhora não tem o direito de fazer este juízo de sua futura nora!

— Nora?

Confirmou, patético: “Eu vou me casar com Zizi, de qualquer maneira, nem que o mundo venha abaixo!”

Zizi

A primeira reação frenética da velha foi gritar: “Tu és de maior idade e eu não posso impedir. Mas corto as relações contigo!” Foi sóbrio mas irredutível:

— Perfeitamente. E seja o que Deus quiser.

Quarenta e oito horas depois, no entanto, d. Zenaide perseguia o filho, em todas as direções, com recados histéricos. Quando ele apareceu, houve uma cena terrível. Atirou-se nos seus braços soluçando; e só dizia: “Traz tua noiva! Traz tua noiva!” No dia seguinte, Zizi comparecia à casa da futura sogra. D. Zenaide foi esplêndida de cordialidade. Beijou-a na testa: “Minha filha! Minha filha!” Mais tarde, numa satisfação profunda, Décio manifestou nestes termos o seu reconhecimento:

— Minha mãe, a senhora é uma santa!

Matrimônio

Casaram-se. Depois da lua de mel, d. Zenaide atracou-se com o filho:

— Que tal se eu morasse com vocês?

Ele riu, sem jeito:

— Sogra e nora, juntas, mamãe?

— Por que não? Zizi é como se fosse minha filha!

O rapaz ainda relutou: “Não dá certo! Não é negócio!” Ela, porém, usou da chantagem sentimental infalível: “Sofro do coração e qualquer dia destes morro!” Impressionado, o rapaz foi falar com Zizi. A pequena achou graça: “Tua mãe quer me controlar.”

Mas acabou concordando: “Pra mim, tanto faz.” Justiça se lhe faça: d. Zenaide foi, desde o primeiro dia, uma sogra exemplar; ou mais do que isso: “mãe”. Se teve um defeito, foi o de exagerar nas suas expansões. Até que, um dia, pôs as mãos no ombro da nora; e disse: “Gosto tanto de ti, como do meu filho.” Dois dias depois, retifica: “Gosto mais de ti que de meu filho.” E como sentisse que Zizi estava surpresa ou incrédula, solenizou: “Quero que Deus me cegue se minto!”

Talvez fosse o íntimo propósito de d. Zenaide conquistar a confiança absoluta da nora. Pedia mesmo: “Quero que me contes tudo, tudinho. Quero que não tenhas segredos para mim.” E prosseguiu:

— Meu anjo, se um dia traíres meu filho, eu ficarei contigo, sob minha palavra de honra!

O drama

De repente, d. Zenaide começa a fazer uma série de observações. Primeiro, que Zizi saía todas as tardes; segundo, que se enfeitava muito para sair; terceiro, que andava esquisita, uns olhos de sonho e umas abstrações súbitas. Pôs a nora em confissão: “Fala comigo como se eu fosse tua mãe!” E Zizi: “Não há nada, absolutamente nada!” Disfarçava: “Eu é que não estou me sentindo bem.” Suspirou: “Mas isso passa.” Uma tarde, porém, quando Zizi chegou, a sogra a esperava. Chamou-a: “Vamos conversar lá dentro.” Trancaram-se e a velha foi sóbria e direta: “Sei de tudo.” Zizi recuou, espantada:

— De tudo como? De tudo o quê?

E a outra:

— Mandei te acompanhar. Sei que tu te encontras com um sujeito assim, assim, que foi teu namorado. Queres o nome? Galvão.

Negou, selvagem:

— Nunca! É mentira! É mentira!

Rápida, a sogra a segurou pelos pulsos: “Você se encontra no hotel tal e...”

Zizi baixou a cabeça e a outra viu que a nora chorava. Largou-a, então. Sem excitação, numa euforia contida, foi dizendo:

— Eu sabia! Eu tinha certeza! E desejei isto! — pausa e elevou a voz: — Agora, rua! Eu te expulso da minha casa! Rua!

O filho

Zizi saiu quase com a roupa do corpo. D. Zenaide, que a levou até a porta, trincou a palavra nos dentes: “Sua isso!” Quando, porém, o filho chegou e não encontrou a mulher, quase pôs a casa abaixo. A mãe tentou ser enérgica. Arrastou-o para o gabinete; baixou a voz: “Tem um amante!” Desprendeu-se nos braços maternos, num repelão feroz: “Ou a senhora pensa que eu não sabia?” Caiu de joelhos, mergulhou o rosto nas duas mãos e soluçou como um menino. Atônita, ela dizia: “Sabia? Você sabia?” Teve uma contração no estômago: “Sabia e deixava? Então você não é homem, não é nada!” O rapaz, desvairado, levantou-se:

— Vou buscar minha mulher! D. Zenaide levantou-se:

— Escolha, meu filho: ou eu ou tua mulher, escolhe! Encarou-a:

— Ela.

O encontro

Encontraram-se, marido e mulher, dois dias depois, numa confeitaria. Ela, sem pintura nenhuma, triste e altiva. Ele, desgrenhado, um olhar fixo e ardente, a barba crescida. Décio começou: “Vamos passar uma esponja no passado. Faz de conta que não houve nada. E tu voltas.” Ergueu para ele um olhar sem medo:

— Impossível. Gosto de outro e jamais gostei de ti. Entre nós está tudo acabado.

Sentindo que a perdia, tomou-se de verdadeiro pavor. Fez, ali, uma cena ignóbil: “Eu sou rico. Tenho dinheiro.” E com os olhos marejados, acrescentou: “Tudo é teu.” Ela foi irredutível. Dizia que não, não e não. Deixou-o, petrificado, diante de uma garrafa vazia de guaraná.

Amor

Durante dois dias, ele esteve a alguns passos do suicídio. Por fim, ocorreu-lhe uma solução alucinada. Soube que o amante era um ex-investigador, expulso da polícia e que, segundo o informante: “tomava dinheiro de mulher”. Balbuciou: “Ótimo!” Décio procurou o fulano. Antes de qualquer palavra, pôs na frente do outro um cheque de duzentos mil cruzeiros. O outro recebeu um impacto tremendo; gaguejou: “Eu tenho que fazer o quê?” E Décio:

— Embarcar para Paris, já, de avião e sozinho. O outro lambeu os beiços antes de dizer: “Topo!” De fato, o malandro partiu uma semana depois. Décio ainda lhe promoveu uma representação jornalística. Mais 72 horas e Zizi voltava ao lar. O marido chorou, abraçado a ela:

— Eu te amo, te amo, te amo!

50 - Um chefe de família

Foi um amigo que chamou sua atenção:

— Fulana te dá cada bola tremenda!

— Mentira!

E o outro veemente:

— Palavra de honra! Não tira os olhos de ti!

Mas como o amigo fosse quase um débil mental, tido como irresponsável, Anacleto duvidou, ainda:

— Estás querendo me pôr máscara!

Passou-se. Mas no dia seguinte, coincidiu que ele e a garota fossem no mesmo bonde para a cidade. Então, Anacleto instalou-se no banco dos sem-vergonhas, de frente para todo o mundo, inclusive para a pequena. Fez seus planos: “Vou tirar isso a limpo!” E, com efeito, não fez outra coisa, durante a viagem, senão tomar conta de Netinha. A princípio, olhava com certa discrição e, por fim, com o maior descaro. Num instante, os outros passageiros acompanharam, interessados, o flerte escandaloso. Desde o primeiro instante, qualquer dúvida era impraticável: “Está me dando bola!” pensava o rapaz. Envaidecido da conquista, que já reputava consumada, exagerada para si mesmo: “Notabilíssima!” Na cidade, telefonou para o amigo:

— Teu palpite foi batata!

O outro exultou:

— Estava na cara!

Anacleto baixou a voz:

— Vou entrar de sola!

Namoro

Netinha podia não ser um deslumbramento. Mas era jeitosa de corpo e de rosto. Anacleto que, na ocasião, dizia-se “vago”, viu naquele namoro um passatempo dos mais estimáveis. Ao primeiro ensejo, saiu atrás da pequena. Fez a pergunta melíflua:

— Posso acompanhá-la?

Sorriu:

— Não vale a pena.

Mas o simples fato da resposta implicava numa aquiescência. Anacleto instalou-se, a seu lado, no bonde. Quando veio o condutor, ele anunciou, alto, dando uma nota de dez cruzeiros:

— Duas.

Num instante, segundo sua expressão textual, “o negócio pegou fogo”. Foi um interesse súbito, recíproco e feroz. Suspirando, dizia ela: “Sou muito romântica.” Ele não ficava atrás: “Eu, idem.” E ela:

— Ah! Que bom!

Esse romantismo conjunto parecia assegurar um romance em grande estilo, uma novela de primeira ordem. Cada vez mais interessado, mais conquistado, foi avisando:

— Quero te ver todo santo dia!

— Todo dia?

— Natural!

E ela:

— Todo dia, não, meu filho! Não pode!

— Por quê?

— Papai não quer, não deixa.

Na sua decepção, Anacleto esbugalhou os olhos: “Essa é a maior!” Então, Netinha explicou, com muito tato e doçura, que o pai era um caso sério, enérgico que Deus te livre. Antes de se despedir, ela combinou, de pedra e cal:

— Tu vais me ver às terças, quintas e sábados, o.k.?

Bufou:

— O.k.

Sogras

Mas foi-se embora descontente. Desabafou com os amigos: “Não devia existir sogro. Nem sogra. São os maiores empatas do mundo.” No dia seguinte, porém, experimenta uma nova e amarga decepção. Planejara ir com Netinha ao cinema, à Quinta da Boa Vista, ao Pão de Açúcar. Netinha, porém, o dissuadiu: “Nem brinca!” O pai era contra namoro em portão, esquina. Vivia dizendo: “Nada de rua. Quero namoro em casa, na sala!” Nessa altura dos acontecimentos, Anacleto gostava demais. E foi na base da paixão que aceitou o romance na própria residência de Netinha. Foi apresentado ao sogro, que era a antipatia personificada; à sogra, que costurava em casa; às cunhadas, que eram duma clamorosa falta de graça. Às sete horas da noite, batia ele na residência da garota. A sogra, que estava costurando na sala, levantava-se:

— Esteja à vontade! Com licença!

Justiça se faça àquela família, inclusive ao próprio sogro. A despeito de seus escrúpulos severos, nem ele, nem a sogra, nem as cunhadas, apareciam. Ficavam os dois em plena, total liberdade. De vez em quando, ocorria uma dúvida a Anacleto:

— Imagina tu se teu pai me entra aqui, de repente! É capaz de dar tiros!

Foi taxativa: “Vai por mim que não há perigo!” Passavam três, quatro horas, naquela sala, sem que ninguém os incomodasse. Ele fazia justiça: “Teu pessoal é muito camarada! Muito liga!” Mas um dia a própria sogra o chamou: “Sabe como é, não sabe? Vocês ocupam a sala eu não posso trabalhar...” Custou a compreender que devia indenizar o espaço e o tempo. Acabou estabelecendo uma contribuição mensal de quinhentos cruzeiros. Continuava, porém, contrariadíssimo. Raro era o dia em que não abrisse o coração para a pequena:

— Esse negócio de só te ver às terças, quintas e sábados ainda não me entrou! Por que três vezes por semana e não todos os dias? Por quê?

Coçando a cabeça com o grampo, ela repetia:

— Costume da casa! Papai não gosta! Papai não quer!

A denúncia

Uma terça-feira, estava passando goma no cabelo, para ver a pequena, quando aparece o amigo, o mesmo de sempre. O Fulano vê uma cadeira vaga, senta-se. E mascando um palito de fósforo, começou:

— Olha, Anacleto, tu sabes que eu sou um sujeito discreto.

— Mais ou menos.

O outro pigarreou:

— E, além disso, não gosto de dar palpites na vida de ninguém.

Anacleto foi sumário:

— Desembucha!

Já de pé, com as duas mãos nos bolsos, o amigo disse o resto: “Queres saber por que só te deixam ver a pequena às terças, quintas e sábados?” Anacleto virou-se: “Fala.” O outro baixou a voz:

— Pelo seguinte: porque às segundas, quartas e sextas vai outro em teu lugar. Percebeste o golpe? A marmelada? Sujeira e das grossas!

Durante uns trinta segundos, reinou um silêncio compacto no quarto. Anacleto foi incapaz de um gesto, de uma palavra, de uma ideia. Súbito, arremessou-se contra o outro aos berros: “Seu isso! Seu aquilo!” Agarrou-o, pela gola do casaco, com as duas mãos, sacudia-o, frenético: “Mentiroso!” O delator, lívido, asfixiado, mal podia dizer: “Eu vi! Eu vi!” Anacleto perguntou: “Quando?” E o pobre-diabo: “Ontem. A vizinhança sabe, comenta. Palavra de honra!” Anacleto exigia:

— Jura pela honra da tua mãe como viste? Jura!

— Juro, pela honra de minha mãe!

Então, já abalado, Anacleto andava de um lado para outro, no quarto. Dava murros na própria cabeça. “Não é possível! Não pode ser!” Estrebuchava ainda: “Eu admito que Netinha seja isso e aquilo... Em matéria de mulher, só acredito na minha mãe... Mas o meu futuro sogro!” Via no velho um padrão de intransigência. “Ele não toparia essa pouca vergonha! É um sujeito batata, cem por cento!” Mas o amigo, que tinha uma vocação nata e irresistível para a delação, forneceu maiores detalhes: “O tal cara é despachante, tem automóvel, o diabo!” No meio do quarto, Anacleto decidiu, patético:

— Vamos tirar isso a limpo! Amanhã, é o dia do outro, não é? Pois

estaremos lá, na hora, espiando. Mas toma nota: se for mentira, te arrebento essa cara!...

Tragédia

No dia seguinte, com efeito, debaixo de uma árvore próxima, os dois espionavam a casa. Súbito, encosta um carro que Anacleto, mentalmente, classificou como "*big* automóvel". Desceu um camarada, de meia-idade e barrigudo, de charuto entre os dedos, um ar de prosperidade quase ultrajante. O amigo o cutucou: "Viste?" Roendo as unhas, rosnando nomes feios, Anacleto esperou quatro horas. Espiando o próprio relógio, à luz de um fósforo, gemia: "Demora mais que eu!" Por fim, na altura de meia-noite, saía o outro, obeso e feliz, num terno branco acintoso. A própria Netinha veio trazê-lo. E do portão, deu adeusinho, quando o carro dobrou a esquina. Para Anacleto, era demais. Arremessou-se como um alucinado, e invadiu a casa, aos gritos: "Sim, senhora! Que papelão!" Mas a pequena o enfrentou, viril: "E não grita comigo que eu não admito!" Do fundo da casa veio o sogro. Interpelou-o: "Está pensando que isso é a casa da mãe Joana? Em absoluto!" Face a face com o velho, Anacleto esbravejava:

— Não me admira a sua filha! Mas o senhor, hein? O senhor!...

— É isso mesmo!

E Anacleto: "Como é que o senhor admite que, na sua casa... Isso é papel, é? Um dia eu, outro dia aquele palhaço, nas suas barbas!" O velho foi esplêndido. Dedo em riste, arrasou-o:

— Você fala de barriga cheia! Pois fique sabendo que ele dava muito mais que você! O triplo, ouviu? O triplo! — e berrou a importância: — Mil e quinhentos cruzeiros, todo mês! Você nunca passou dos quinhentos! Suma-se da minha vista! Suma-se!...

Foi corrido daquela casa aos berros de "pão-duro! Unha de fome! Mendigo!". Muito tempo depois em casa, em meio à solidariedade da mulher e das filhas, aquele chefe de família, ainda excitado, ainda heroico, resmungava:

— Desaforo!...

51 - O gato cego

O menino era a adoração daquela família de mulheres. Homens, ali, só mesmo o pai, um médico frustrado, e Bebeto, o filho único, então, com cinco anos. Criado nas saias da mãe, das tias, da babá negra, submetido a um carinho extremo e histérico, o guri saíra um fenômeno. Apesar da idade, ainda usava chupeta e, na falta desta, metia os cinco dedos na boquinha glutona e os chupava, ferozmente. No dia em que completou os cinco anos, fez-se na sala um círculo de tias, no centro do qual colocaram Bebeto. Então, uma das tias inclinou-se e fez a pergunta:

— Meu filho, quando você crescer, quer ser o quê, hein, meu filho?

Nenhuma resposta. Com o dedinho no nariz, intimidado, o pirralho parecia incerto da própria vocação. Uma das tias, com a habitual falta de graça dos adultos, sugeriu a blague antediluviana:

— Presidente da República, é?

Risos. Então, o pai, que estava fumando um charuto ordinaríssimo, aproximou-se. Espiou, por cima de vários ombros e decidiu:

— Vai ser médico, pronto. Médico como o pai!

Medicina

De noite, no quarto, dr. Sinval, que era o pai, e d. Detinha, que era a mãe, tiveram um pequeno bate-boca conjugal, a respeito. No seu preconceito contra a medicina, a mulher perguntava:

— Médico pra quê? Pra morrer de fome, como tu?

Em pé, no meio do quarto, o marido desabotoava a camisa. Ofendeu-se:

— Você já morreu de fome, já? Sossega, leoa?

A verdade é que o dr. Sinval carregava nas costas o peso de um duplo fracasso, na clínica e no lar. Ele próprio, com uma brutal amargura, bufava: “Sou um fósforo apagado na minha própria casa!” Todas as suas opiniões eram consideradas, textualmente, “palpite errado”. Desconsiderado pela esposa e pelas cunhadas, seu único e escasso prazer na vida limitava-se aos charutos, cujo odor sufocava. Mas com o hábito da derrota, dr. Sinval já se preparava para uma nova frustração na pessoa do filho. E, súbito, aconteceu um pequeno fato transcendente que fez inclinar a balança a seu favor. Tinha Bebeto oito anos quando o surpreenderam, certa vez, de canivete em punho, raspando as pernas de um passarinho vivo. Pronto! Como discutir uma evidência tão espetacular? Apanhando a avezinha ainda latejante, d. Detinha precipitou-se para dentro, numa euforia convulsiva. Exibiu o pássaro sem pernas, como um troféu minúsculo e incomparável.

— Dá pra médico! Dá pra médico! De noite, quando o marido chegou, d. Detinha anunciou, patética:

— Vai ser cirurgião!

Destino

Passou. Bebeto, tratado sempre na palma da mão, cresceu, faz o ginasial, etc., etc. Quando estava para entrar na Faculdade, o dr. Sinval o requisitou: “Vem cá, meu filho, vem cá!” Catou nos bolsos um charuto, cortou nos dentes a ponta do charuto e indagou: “Qual é o ramo de medicina que você prefere?” O rapaz não titubeou. Olhou para o teto e largou a bomba:

— Quero ser veterinário.

Estava sendo sincero. O ex-estripador de passarinhos virara a mão: tomava-se, agora, de uma piedade atroz dos animais. Não podia ver um cão vadio e sarnento no meio da rua, que não lhe fizesse festas, o diabo. Mas o pai, que sonhava para o filho uma clínica fabulosa, caiu das nuvens. E, pela primeira vez, perdeu a paciência e a compostura: “Veterinário, imagine!” E foi para a cidade rosnando: “Esse meu filho saiu-me uma boa besta!” Durante uma semana, andou amarguradíssimo, ruminando o problema. E chamou o filho, outra vez, para uma nova conversa, entre quatro paredes. Tratou de dissuadi-lo: “Sabes o que é que interessa, em medicina? Batata? Queres saber?” Baixou a voz: “Psiquiatria!” E o rapaz: “Por quê?” Acendendo um dos seus hedionos charutos, o velho expandiu-se:

— Porque psiquiatria é uma mina, um negócio da China.

— No duro?

Dr. Sinval, veemente, repetiu: “No duro, sim.” Argumentou com o próprio caso:

— Eu sou médico parteiro. E que ganhei com isso? — ele próprio respondeu, com um humor sinistro: — Dívidas e calotes. Ninguém me paga. As clientes espetam, ouviste? Penduram as contas, vê se te agrada?

O drama

A mãe de Bebeto e as tias benziam-se só de ouvir falar em psiquiatria. D. Detinha interpelou o marido: “Você quer que o Bebeto vá tratar de malucos?” Acrescentava, para os lados: “Deus me livre!” No fundo o que a assustava era a possibilidade de que um dos futuros clientes do filho o esganasse, num acesso homicida. Dr. Sinval teve que esclarecer:

— O Bebeto pode fazer psicanálise.

Explicou que a psicanálise não oferecia o menor perigo, nem para o médico, nem para o doente. Aventurou uma blague segundo a qual o mais perigoso dos dois era, ainda, o psicanalista. Impressionada, d. Detinha pediu outras explicações. Então, o dr. Sinval, mascando o charuto, afirmou:

— Sabe o que é a psicanálise, para encurtar conversa? Um bate-papo.

— Como assim?

E ele, convicto: “O médico senta e o cliente deita. Os dois se põem a conversar e pronto. Isto é a psicanálise.” Houve, em torno, uma impressão profunda, que tocou o próprio Bebeto. D. Detinha engoliu em seco: “Só?” Confirmou: “Só.” E foi acrescentando:

— Ainda por cima, o seguinte: o analisado não é doente nem aqui, nem na Conchinchina. Na maioria das vezes, tem uma saúde de ferro e vai lá porque não tem o que fazer e pode pagar duas mil pratas por sessão.

Boate

Ao longo dos meses, dos anos, dr. Sinval foi defendendo seus pontos de vista com obstinação. E não há dúvida que, em casa, as mulheres estavam tentadas por tamanha facilidade. Finalmente, Bebeto chegou ao último ano de medicina. Sem que o dissesse a ninguém, trazia, no mais íntimo de si mesmo, a melancolia do veterinário frustrado. Capitulara ante a psiquiatria porque era um fraco da vontade e porque a mãe e as tias haviam concordado. Avisara, porém, com a necessária antecedência: “De maluco, eu não trato.” Formou-se. Mas os colegas juravam, num exagero jocoso e cruel, que ele não saberia aplicar uma injeção, nem receitar um comprimido de dor de cabeça. No dia em que voltou da missa de formatura, reuniu-se, de novo, à família. Dr. Sinval disse, na ocasião:

— Agora, só está faltando um consultório, mas olha: é indispensável que seja um consultório com ar de boate. O ar de boate é o “X” do problema.

Então, com seu jeito de triste, Bebeto permitiu-se um desabafo: “O diabo é que eu não entendo tostão de psiquiatria!” Mas o pai estava lá, vigilante e atalhou; definitivo:

— Não entende, nem precisa entender. Além disso, não te esqueças disso: tu vais tratar de pessoas absolutamente sãs.

O filho, que não tinha um caráter muito firme e fora estragado pelos mimos, rosnou, numa pusilanimidade total: “Espeto! Espeto!” De noite, na hora dormir, a mãe foi levar-lhe, como de hábito, uma xícara de mate morno. Bebeto suspirou. Teve um lamento arrancado de suas profundezas:

— Eu quis tanto ser veterinário!

Inauguração

Aquelas mulheres, economizando tostão a tostão, através dos anos tinham juntado uma quantia substancial. E, assim, pôde montar-se, no centro da cidade, um consultório que parecia extraído das *Mil e uma noites* e oferecia no seu aspecto todo o ar necessário de uma boate. Era uma coisa tão bonita e insólita que d. Detinha exigiu do marido: “Olha, Sinval, você não pode fumar, aqui, seus charutos. Fume onde quiser. Aqui não.” Prontamente ele atendeu. Foi à janela, atirou em cima de um bonde um dos seus mata-ratos inenarráveis. No fundo, deu razão à mulher, pois lhe pareceu que fumar um charuto barato naquele ambiente seria uma profanação. Inaugurou-se, numa quinta-feira, o consultório quase oriental. Dr. Sinval, com as duas mãos nos bolsos, olhando de um lado para outro, inclusive para cima, com uma euforia de pai do proprietário, exclamou:

— Com esse troço aqui, tu podes cobrar, no barato, duas mil pratas por sessão!

Mas nessa noite, o novel analista entrou em casa com um gatinho que encontrara numa sarjeta, miando com a mais patética das sinceridades. Na cozinha deu leite num pires ao pequeno e solitário animal. Depois sentou-se na cadeira de balanço, com o gatinho no colo. E o afagou, horas a fio, com a mais desesperada das ternuras.

Primeira cliente

A primeira cliente que se submeteu à psicanálise do Bebeto foi uma grã-fina, loira e linda, que pagou as duas mil pratas da sessão, com lânguida naturalidade. Estava, ali, porque, 15 dias atrás, enfiara um cigarro aceso na vista de um gato, cegando-o. Fumando um outro cigarro, e com divertida curiosidade, perguntava ao jovem médico, dono de um consultório tão bonito:

— Isso quer dizer o quê?

Durante um longo, um infinito minuto, ele não respondeu nada. Súbito, estendeu a mão:

— Quer me ceder, um momento, o seu cigarro? Sem compreender, a grã-fina atendeu. Ele arremessou-se, então. Dominou-a rapidamente. Calcou, num dos seus olhos azuis e lindos a brasa do cigarro. Largou-a, cega, enchendo o edifício com seus gritos. Quando arrombaram a porta e invadiram a sala de psicanálise, ele, de braços cruzados, esperava, sem medo e sem remorso. Primeiro, foi levado para a delegacia. Depois, tiveram que interná-lo.

52 - Homem fiel

Até o quinto encontro, Simão foi um namorado exemplar. Tratava a pequena como se fora uma rainha e mais: levava-lhe, todos os dias, um saco de pipoca, ainda quentinho, que comprava num automático da esquina. Encantada, Malvina vivia dizendo, para a mãe, as irmãs e as vizinhas: “É o maior! O maior!” Mas no sexto encontro, faz-lhe uma pergunta:

— Tu acreditas em Deus?

Respondeu:

— Depende.

Admirou-se:

— Como depende?

Simão foi de uma sinceridade brutal:

— Acredito, quando estou com asma.

Malvina recuou, num pânico profundo. No primeiro momento, só conseguiu balbuciar: “Oh, Simão!” Mas ele, com a sinceridade desencadeada, continuou:

— Com asma, eu acredito, até, em Papai Noel!

Então, Malvina, que tinha suas alternativas místicas, rebentou em soluços.

Por entre lágrimas, exclamava: “É pecado! É pecado!” E gemeu, ainda:

— Deus castiga, Simão, Deus castiga!

O asmático

O pranto da menina não estava nos seus cálculos. Era, no fundo, um sentimental, um derramado e só faltou ajoe-lhar-se aos seus pés. Pedia, fora de si: “Perdoa, meu anjo, perdoa.” A garota apanhou o lencinho na bolsa, assoou-se e teve a acusação inofensiva: “Você é mau, Simão!” Apaixonado pela menina, tratou de reconquistá-la: “Escuta, coração.” E começou a explicar que não perpetrara nenhuma troça cruel e sacrílega. Afirmou que todos os seus defeitos e todas as suas qualidades, inclusive a fé, eram de fundo asmático.

Exemplificou:

— Quando eu me casar, hei de ser fiel. Mas podes ficar certa: como tudo o mais, a minha fidelidade de ser de fundo asmático.

A menina toma um choque. Por um momento, esqueceu a irreverência que, a princípio, lhe parecera diabólica. Já que ele falava em fidelidade, ela dispõe-se a esquecer a duplicidade de ateu intermitente e de crente eventual. Era uma dessas criaturas para quem tudo se resume no problema de “ser ou não ser traída”. Agarrou-se a ele:

— Responde: tu não me trairás nunca?

Bufa:

— Com minha asma, eu não aguento nem com uma, quanto mais com duas mulheres!

E ela:

— Meu filho, quero te dizer uma coisa: topo fome, pancada, tudo, menos traição. Traição, nunca!

Simão agarrou a pequena. Beijou-a na face, na boca e no pescoço. A mão correu pelas costas, afagou-a nos quadris. Com as nádegas crispadas, Malvina sentia-se agonizar, morrer. Ele disse, já com dispneia:

— O asmático é o único que não trai!

Até o dia em que se fizeram noivos, foi este o único incidente. Daí por diante, não se podia desejar maior concordância de tudo: de educação, de temperamento, de gosto, de inteligência. Ele se dividia entre as duas: a garota, que era a sua paixão, e a asma que, de quando em vez, o acometia. Na primeira vez em que o viu com acesso, ela compreendeu, subitamente, tudo. Na casa dos pais, de bruços sobre a mesa, o infeliz pedia:

— Andem sem sapatos, andem de meia!

Até um som parecia agravar as suas tremendas dificuldades respiratórias. E a família andava realmente na ponta dos pés, ou descalça, falando baixo ou não falando. Malvina voltou apavorada. Na sua impressão profunda, disse para a mãe e para as irmãs:

— Agora eu compreendo porque um asmático não pode ter amantes!

Ficaram noivos e marcaram o casamento para daí a seis meses. Malvina adquirira ideias próprias sobre a felicidade matrimonial. Doutrinava as amigas:

— Descobri que o marido doente é uma grande solução. Pelo menos, não anda em farras!

Protestaram: “Nem oito, nem oitenta!” Então, na sua veemência polêmica, ela argumentou com o próprio caso pessoal:

— Por que é que eu briguei com o Quincas? Ele tinha uma saúde formidável e que me adiantou? Me traía com todo o mundo e não respeitava nem minhas irmãs!

Era verdade. O antecessor de Simão era um rapaz atlético, de impressionante perfil, moreno como um hawaiano de Hollywood. Mas Malvina, que o amava com loucura e, além disso, tinha vaidade do seu físico, rompera por causa de suas infidelidades constantes e deslavadas.

As bodas

Graças a Deus, não teve, jamais, com o Simão, o problema da fidelidade. Até com a noiva ele era moderadíssimo. E se a menina, na sua patética vitalidade, expandia-se demais, o rapaz atalhava: “Não exageremos, meu anjo.” Ela, que se gabava de ter controle, obedecia, imediatamente. Até que chegou a véspera do casamento. Na altura das duas da noite, Simão despediu-se. Malvina, amorosíssima, veio levá-lo até o portão. Suspirava: “Falta pouco, não é, meu filho?” E quando o noivo já partia, Malvina o retém, com o pedido: “Dá um beijo, mas daqueles!” E já entreabria, já oferecia a boca, num anseio de todo o ser. Ele, porém, recua: “Não, meu bem, não!” Pergunta, sem entender: “Por quê?” E ele:

— Bem; é o seguinte: fui, hoje, a um novo médico e ele disse que eu não devia me emocionar.

— Ué!

O noivo insistiu:

— Pois é. Pediu que eu tivesse cuidado com a lua de mel, porque esse negócio de amor mexe muito com a gente e pode provocar uma crise.

Atônita, Malvina não teve o que dizer. Contentou-se com o beijo que Simão lhe deu na face e voltou, houve o casamento: no civil, às duas e meia, e o religioso, às cinco. Como ameaçasse chuva, Simão voltou da igreja atribuladíssimo. No automóvel, veio dizendo, já ofegando:

— Imagina tu a calamidade em 28 atos: estou sentindo uns troços meio esquisitos!

Malvina, muito doce e muito linda no vestido de noiva, balbucia:

— Isola!

Primeira noite

Passaram, rapidamente, pela casa dos pais da noiva. No convite, estava a advertência: “Cumprimentos na igreja.” Malvina mudou a roupa, despediu-se dos parentes de ambos os lados e partiram, de táxi para a nova residência, um apartamento não sei onde. Estava ventando e Simão, no pavor da asma, explodiu: “Espeto! Espeto!” De braço com o marido, no táxi, Malvina quis ser otimista: “Não há de ser nada!” Pois bem: chegam no apartamento. A pequena que, há tanto tempo, sonhava com aquele momento, atira-se nos braços do noivo: “Beija-me! Beija-me!” Há esse primeiro beijo, que a menina, fora de si, quer prolongar. Súbito, Simão desprende-se. Ela tenta retê-lo, mas o rapaz a empurra. Arquejante, uns olhos de asfixiado, está dizendo:

— A asma! A asma!

Atira-se em cima de uma cadeira, imprestável. Estupefata ela protesta: “Mas logo agora!” E ele, liquidado: “O beijo atrai a asma!” Malvina está desesperada. Vem sentar-se ao seu lado. Simão, porém, a escorraça: “Pelo amor de Deus, não fala comigo! Vai dormir...” A pequena ainda quis acariciá-lo nos cabelos, mas ele a destratou: “Vocês só pensam em sexo!” Era demais — sem uma palavra, ela foi para o quarto, ao passo que o marido, na sala, desmoronado, arquejava como um agonizante. Assim passaram a primeira noite e mais: as 15 noites subsequentes. Só na 16ª é que Simão começou a melhorar. Então, Malvina foi visitar a mãe. E, lá, diante da velha, explodiu em soluços:

— Eu sou a esposa que não foi beijada, mamãe. A velha quis, em vão, consolá-la. Saiu, de lá, mais desesperada do que antes.

O marido a recebe com a seguinte ideia: “Descobri, minha filha, que o beijo provoca asma. Vamos rifar o beijo.” Resposta: “Você é quem sabe.” Mas três dias depois, Malvina liga para o Quincas:

— Você pode ser cínico, sujo, canalha, mas sabe amar.

Conversaram uma meia hora. No fim, Quincas passou-lhe a rua e o número de um apartamento, em Copacabana. No dia seguinte, Malvina foi lá.

53 - Despeito

O marido era ciumento ou, como ela dizia, suspirando, “ciumentíssimo”. Se Marlene ria um pouco mais alto, pronto. Vinha o mundo abaixo. O fato é que ele achava a gargalhada da mulher quase uma demonstração de impudor. Marlene esboçava um protesto:

— Mas que foi que eu fiz, criatura? Eu não fiz nada!

E ele, ressentido, quase ultrajado:

— Fez, sim! Quem ri desse jeito é gentinha!

Teve que eliminar a gargalhada dos seus hábitos. E, junto de Rafael, sofria de inibições tremendas, incapaz de olhar, de sorrir, de conversar com naturalidade. A família e as amigas estranhavam: “Que é que há? Você que era tão alegre.” Respondia, com involuntária amargura: “Rafael é um caso sério!” Em voz baixa, dizia para as amigas íntimas: “Não me dá uma folga. Faz uma marcação tremenda. Desconfia, até de poste!” Houve quem sugerisse:

— Não seja boba! Reaja!

Reagir como? E o que ninguém sabia, nem Marlene estava disposta a confessar, é que tinha medo do marido. Rafael possuía um desses temperamentos de ópera, de “Cavalaria Rusticana”; era um bárbaro contido. Certa vez, fizera uma ameaça concreta. Apertando entre as mãos o rosto da esposa, disse, falando quase boca com boca:

— Se me traíres um dia, eu te mato, juro que te mato!

Fidelidade

Marlene podia dizer, a propósito dos ciúmes do marido: “Rafael fala de barriga cheia.” Semelhante desabafo podia ser prosaico, mas era expressão da verdade. Casada há três anos e meio, jamais sua conduta permitira a mais tênue suspeita, o mais vago equívoco. Nenhuma vida mais límpida, mais sem mistério. Chegava a exagerar a compostura de esposa. Não privava com outro homem que não fosse com o marido, os cunhados e os próprios irmãos; não dançava senão com Rafael ou, no máximo, com Leocádio, o único amigo que merecia do marido confiança total. Rafael vivia dizendo:

— Confio mais em Leocádio que em meus irmãos. Assim honesta, assim fiel, ela pasmava as amigas que, com alegre frivolidade, de uma maneira desapaixonada e apenas esportiva, tinham romances extraconjugais. Seu espanto era sincero e patético: “Como é que você tem essa coragem?” Muitas replicavam mais ou menos assim: “Teu dia chegará!” E houve uma, mais desabusada que as outras, que a desafiou:

— Tu ainda gostas do teu marido?

— Evidente!

— Não acredito. Tem santa paciência, mas não acredito.

— Por quê?

E a outra:

— Porque nenhuma mulher pode gostar do mesmo homem por mais de dois anos. E já é muito!

— Que horror!

— É isso mesmo! Batata, minha filha!

A viagem

De qualquer maneira, a conversa com a amiga irresponsável fez-lhe um mal pavoroso. Pela primeira vez, esboçou a hipótese: “Será que eu?...” Experimentou um arrepio de medo e volúpia; e tratou de pensar noutra coisa. Daí a dias, o marido aparece com a notícia: ia ter que correr as praças da Europa, com o chefe. Ela fez a pergunta: “E eu?” Rafael suspirou:

— Você fica. Mas o negócio é rápido. Um mês, no máximo.

A tal amiga, quando soube, telefonou: “Parabéns, parabéns! Aproveita, sua boba.” E reforçou: “A título de experiência. Uma vez só.” Marlene protestou, com veemência, de uma maneira quase agressiva. Mas experimentou, outra vez, um arrepio. A verdade é que levava, no mais íntimo de si mesma, as palavras da outra: “Nenhuma mulher pode gostar do mesmo homem por mais de dois anos.” Fechou os olhos e fez os cálculos: estava casada com o marido há três. Gostava dele ainda? Era o mesmo sentimento? A mesma coisa? Pouco depois, estava diante do espelho pondo ruge e pó; e olhando a própria imagem, pensou: “Não, não é a mesma coisa.” Na véspera da partida, Rafael teve com a mulher uma conversa patética. Antecipando os ciúmes, repetiu a ameaça: “Se, na minha ausência... Eu te mato, ouviste?” Dez minutos depois, ele confessava, com heroica sinceridade: “Não, eu não te mataria, nunca. A ti, não. Mas sim o cara que tivesse a coragem, a ousadia!...”

No dia seguinte, pela manhã, Marlene levava o marido ao aeroporto. Quando o avião de quatro motores levantou voo — ela experimentou um sentimento de liberdade absoluta.

O amigo

Voltou para casa, eufórica. Antes de embarcar, o marido a advertira: “Não te quero de conversinha com homem nenhum. Tu só podes conversar com o Leocádio. É o único!” Já em casa, ela cantarolou, passou os dedos no piano. A sensação de uma liberdade completa a embriagava. Tomou um banho muito longo e delicioso; acariciou a própria nudez como uma lésbica de si mesma. Pintou-se, perfumou as mãos, os braços, o pescoço; vestiu o seu melhor quimono, calçou as chinelinhas de arminho. Não tinha nenhum plano concreto, nenhuma vontade definida e, no entanto, preparara-se com deleite e com minúcia, como se esperasse alguém. Sentou-se perto do telefone, e discou um número. Atendeu, do outro lado, uma voz de homem. Marlene identificou-se e fez o pedido: “Eu queria um favor teu, Leocádio.” Ele foi dizendo: “Pois não, pois não.” Baixou a voz: “Quer dar um pulinho aqui em casa? Agora?” Leocádio parecia surpreso: “Alguma novidade?” Ela evitou a resposta direta: “Queria conversar contigo.” O telefonema, o chamado, tudo nascera de um impulso misterioso e inexplicável. Estava agindo sem premeditação e ela própria não reconhecia a si mesma nessa leviandade. Finalmente, Leocádio chegou. Parecia triste o nervoso. Ela explicou o chamado: “Estou me sentindo muito só... Queria que você me fizesse companhia...” Leocádio, que estava sentado, ergueu-se. Perdera a naturalidade:

— Bem. Vamos fazer o seguinte: eu tenho um compromisso agora. Volto, dentro de meia hora, quarenta minutos, o.k.?

Perseguição

E não voltou. Até então, Marlene estava incerta dos próprios desígnios. Sentia-se confusa e espantada. Correu ao espelho e se olhou, com uma atenção nova e grave. Dir-se-ia que a imagem refletida era a de uma desconhecida. Livre da sujeição ao marido, queria não sei que experiências inéditas e encantadas. As amigas falavam de carícias que Rafael não admitia. Esperou a volta de Leoacádio quarenta minutos, uma hora, duas. E nada. Irritou-se e a irritação clareou seus sentimentos. Sabia agora o que queria. Ligou para a amiga leviana. Esta aplaudiu logo, interessada: “Tens peito, hein? Assim que eu gosto!” Deu uma orientação: “Quando o homem começa com chiquê, com nove horas, a mulher deve ter a iniciativa. Claro! O golpe é dar em cima! Por que não?” Marlene balbuciou: “Deus me livre!” Mas a outra, empenhada no caso como se estivesse em jogo um interesse pessoal, insistiu: “Vai por mim!” Ficou Marlene sem saber o que fazer. Havia, no cinismo da outra, uma perversão que a atraía e repugnava. Acabou ligando para Leocádio. Ele foi o mais efusivo possível:

— Você vai me desculpar, meu anjo. Mas sabe como é: houve um contratempo e eu não pude ir. Mas apareço aí, de noite, com minha noiva.

Então, Marlene teve uma atitude de inesperada audácia. Disse: “Com sua noiva, não!” Foi um grito tão espontâneo, irresistível, que surpreendeu a ambos. Leocádio, sem entender, perguntava: “Por que não com minha noiva?” Ela já se adiantara muito e não podia recuar. Firme, viril, mordendo as palavras, foi dizendo: “Quero você. Só você. E ninguém mais. Compreendeu?” Admitiu, num sopro: “Compreendi.” Ela ainda sublinhou: “Pelo amor de Deus, não me faça ser mais clara.” Mais tarde telefonou para a amiga, para contar as novidades. A outra desmanchou-se em felicitações:

— És das minhas! És das minhas! E amanhã, já sabes, quero um relatório completo!...

A espera

Deu folga à empregada. Queria estar só, absolutamente só. Preparou-se, de novo, com um requinte absoluto. Fez questão, sobretudo, das chinelinhas de arminho, que achava, não sei por que, um detalhe bonito e voluptuoso. De repente, batem na porta. Corre, vai abrir. Era um mensageiro, com um cabograma do marido. Leu, com uma espécie de náusea: “Milhões beijos, morto saudades.” Rasgou a mensagem e atirou os pedacinhos de papel pela janela. Continuou a expectativa, até duas, três horas da manhã. Foi-se deitar, chorando com exclamações: “Cretino! Cretino!” Pela manhã, telefonou, magoadíssima: “O que você fez comigo, não se faz. Não é papel!” Acabou, num desafio: “Você parece que tem medo de mim!” Ele definiu a situação:

— Pois tenho medo de você. Muito. Medo. Porque eu gosto de você, sempre gostei.

Marlene agarrou-se às suas palavras: “Eu também. Eu também.” Então, o rapaz, na sua calma amargurada, concluiu:

— Mas eu não traio meu maior amigo. Nunca. Prefiro meter uma bala na cabeça a trair meu maior amigo. É só.

Marlene teve uma explosão histérica no telefone:

— Sua múmia! Seu imbecil! Palhaço!...

A vingança

Não saiu mais de casa, não foi a lugar nenhum. Só despertava da sua dor extática, obtusa, para descompor Leocádio, no telefone. Usava as expressões mais baixas, os termos mais ordinários. Ele ouvia tudo até o fim, sem desligar. Finalmente, findo o prazo de um mês, voltou o marido em outro avião de quatro motores. Vinha, realmente, louco de saudades, certo de que a maior mulher do mundo era a sua. Tomaram o táxi e, durante a viagem, Marlene disse, com o rosto marcado pelo sofrimento e pelo ódio:

— Esse teu amigo, o cachorro de Leocádio, sabe o que me fez? Me pegou à força, me deu um beijo e anda atrás de mim como um cão!

Uma hora depois, Rafael entra pelo escritório de Leocádio. Ao vê-lo, este teve uma exclamação de afetuosa surpresa. Rafael puxou o revólver e atirou nele quatro vezes, à queima-roupa. Leocádio morreu e não teve tempo, ao menos, de desfazer a expressão de cordialidade, quase doce.

54 - A morta

Basta dizer o seguinte: era uma pequena cidade, quase inexistente, metida nos cafundós do Judas. Nem rádio, nem telefone, nem dentista. E o que a caracterizava acima de tudo, era a falta de mulher. Ao todo uma meia dúzia para uns 150 seringueiros. Acresce que estavam todas casadas, que os maridos eram válidos e com um senso feroz e homicida de propriedade.

Eles avisavam:

— Quem se meter a besta, já sabe. Passo fogo!

E ninguém mexia com as infelizes. Elas viviam encerradas nos seus buracos, sob controle tremendo, sem alegria nenhuma. Quando abriam a boca, era um rir de dentes cariados. Não cuidavam de si, não se enfeitavam. Enfeitar para quê? Para o próprio marido? De pé no chão e imundas, não interessariam a ninguém, salvo ao esposo e aos 150 seringueiros, coitados, que viviam no mato e que já nem se lembravam da própria condição humana. E foi nesta cidade, esquecida de Deus, que o Quincas bateu um dia. Chegou, foi espiando e perguntando, a um e outro:

— Como é que é o negócio aqui, hein?

Disseram:

— Uma droga.

Resposta vaga que não satisfez a quem vinha de fora, e não conhecia coisa nenhuma da cidade, nem suas pessoas, nem seus costumes. No único boteco do lugar, com um companheiro acidental, o Quincas explicou que fora para ali, sabe por quê? Baixou a voz:

— Matei uma cara. Estou fugindo da polícia.

A mulher

Com a tremenda vitalidade dos seus 25 anos, trazia uma ideia fixa. E perguntou:

— Aqui tem boas pequenas?

— Tem e não tem.

Espantou-se:

— Como?

O outro foi mais claro:

— Todas as mulheres aqui são casadas.

— Todas?

— Todas.

E o Quincas, na febre dos 25 anos, insistiu:

— Mas não se dá um jeito? Não se arranja uma solução?

O companheiro cuspiu, por cima do próprio ombro, e foi categórico:

— Não há solução.

Não houve limites para a decepção de Quincas. Pulou:

— Essa é a maior! — e, cutucando o outro: — Nem pagando mais? Muito mais? O dobro?

Batia no próprio bolso:

— Faz uma forcinha, faz!

A fome

Então, desanimado, o Quincas começou a perambular pela cidade. E, pouco a pouco, foi perdendo as ilusões. No fim de dez dias, era outro homem: fez uma meia dúzia de amigos e perguntava:

— Como é? As mulheres daqui não dão as caras?

— Você é besta!

— Por quê?

Riram na cara dele:

— Você pensa que os maridos vão deixar? A mulher que meter o nariz do lado de fora está frita.

Quincas coçou a cabeça, praguejou:

— Terra amaldiçoada!

Nostálgico da cidade, nostálgico do litoral, acabou se lembrando da pequena que matara. Contou que ela o passara para trás. Mas, naquele fim do mundo, em pleno Território do Acre, suas ideias sobre a fulana já eram outras. Dir-se-ia que o ódio ia, gradualmente, extinguindo-se no seu coração. Admitia:

— Tinha suas qualidades.

Os amigos, com água na boca, faziam perguntas diretas e sôfregas:

— Bom corpo?

E ele, fincando os cotovelos na mesa, numa convicção profunda:

— Que coxas!

Os outros se entreolhavam, numa inveja medonha. Houve quem explodisse:

— Você é uma boa besta. Não devia ter matado.

Que palpite infeliz! Quincas acabou reconhecendo:

— Foi um golpe errado!

E, agora, já se contentaria com o mínimo, ou seja, "ver" uma das mulheres locais. Seria uma satisfação visual, uma espécie de triste e idiota compensação. Interpelava os habitantes: "Como é que vocês aguentam?" Os outros respondiam: "A gente se acostuma." E ele, passando a mão pela cabeleira imensa, à Búfalo Bill, dava murros na mesa:

— Pois olha! Eu não aguento. Qualquer dia estouro!

A falta de uma mulher doía mais nele do que fome, sede. Perguntava a si mesmo: "Se, ao menos, um desses pilantras morresse!"

A ideia

Um dia, no boteco, aventurou:

— Sabe o que é que mais me admira? Que me deixa besta?

— O quê?

E ele, na sua fúria contida:

— Que ninguém, aqui, tenha se lembrado de matar um pilantra desses e ficar com a mulher!

Houve um silêncio. Todas as caras presentes pareciam espantadas. Um fulano, que catava lêndeas na cabeça de outro, interrompeu esta função. Estava de boca aberta, num assombro absoluto. Deixou-se cair numa cadeira, como se a ideia, que jamais lhe ocorrera, o deslumbrasse. O Quincas, vendo o efeito, tratou de explorá-lo.

Era direito aquilo, era? Enquanto uma meia dúzia tinha mulher, 150 sujeitos, não. Deu outro murro na mesa:

— Não somos palhaços de ninguém! — E esbravejava, cada vez mais exaltado: — Está errado, erradíssimo!

Então, pouco a pouco, as bocas, as mãos, os olhos foram se transformando. Dir-se-ia que a loucura do Quincas contagiava todo mundo. E o rapaz, arregimentando adesões, berrava: “Por que é que o marido há de ter mais direito do que nós?” Formulava o problema, com uma expressão de triunfo: “Respondam.” E, fora de si, aduzia o argumento numérico: “O marido é um só e nós somos 150!” Queria, em resumo, que fossem, de casa em casa, arrancar as mulheres. Houve um súbito berro coletivo no boteco. E teria acontecido o diabo se, de repente, não irrompesse, ali, um sujeito, de pés descalços e barbudo como os outros. O sujeito anunciou:

— A mulher do Baiano está morrendo!

O rosto

De um instante para outro, a fúria se fundiu em espanto. Quincas apertou a cabeça, entre as mãos, gemendo:

— É o cúmulo! É o cúmulo!

E, sem mais palavra, aqueles homens, atormentados, dirigiram-se, num maciço e solidário grupo, para a casa do Baiano. Iam fazer o quê? Nem o próprio Quincas poderia dizê-lo. Crispavam as mãos e suas gargantas estavam secas e ardentes. À medida que iam avançando, pelo mato, o Quincas tomava-se de uma fúria obtusa contra as potências misteriosas do destino. E só dizia, entre dentes: "Como é que pode? Como é que pode?" Parecia-lhe provação demais que morresse uma mulher num lugar em que existiam tão poucas. Enfim, chegaram diante da casa do Baiano. Quincas adiantou-se, mas não chegou a bater, porque o próprio Baiano surgia, diante do grupo, apontando a carabina. Lá dentro ninguém chorava pela mulher que, doente do peito, acabara de morrer. E o dono da casa, com os olhos injetados, a boca torcida, avisou:

— Ninguém toca em minha mulher! O primeiro que der um passo come fogo!

Era taciturno e mau e cumpriria a ameaça. Então, Quincas, mais moço que os outros, com a memória ainda recente das mulheres da cidade, pediu, implorou:

— Não queremos nada demais. Só espiar tua mulher. Um pouquinho só.

O marido acabou deixando. E houve o desfile, maravilhado, pelo quarto, onde estava a infeliz, um esqueleto com um leve, muito leve, revestimento de pele. Eram homens praticamente loucos, possessos. Mas respeitaram a morte. Alta noite, o marido apanhou, de novo, a carabina e foi enxotando:

— Fora daqui, todo mundo! E não pensem que eu sou besta de enterrar minha mulher! Não confio em nenhum de vocês, seus cachorros!

Saíram todos, já na antecipada nostalgia do rosto feminino. Sozinho, o marido fechou tudo, arriou as trancas da porta. E, então, encerrado com a mulher, derramou querosene na defunta e em si mesmo; riscou um fósforo e fez a dupla fogueira. Do lado de fora, os homens rondavam, enfurecidos.

55 - A inocente

Sempre enxergara otimamente. Dizia mesmo:

— Graças a Deus, tenho uma vista fantástica!

A namorada fazia a insinuação:

— Você, meu filho, enxerga até demais!

Iam os dois. A menina o acusava de ver maldade onde não havia tal. Num ciúme danado de tudo e de todos. Balduíno fazia toda sorte de reclamações.

— Pensa que eu não vi, hein?

E ela:

— Mas viu o que, filho de Deus?

— Você olhando pra aquele cara!

— Ah, que blasfêmia! Olha, Balduíno, olha que Deus te castiga!

Um dia, ele começou a ter uma série de perturbações visuais. Eram pequenos pontos na visão que, com o correr dos dias, se multiplicaram. Assustou-se. E vamos e venhamos: quem não tem medo de ficar cego? Correu para o oculista. Escolheu um bem caro, na presunção de que a tabela alta significasse uma esmagadora eficiência clínica. O homem o submeteu a um milhão de exames. No fim de tudo, chegou à conclusão:

— Vamos tirar os dentes!

— Todos?

— Todos.

Assoviou.

— Papagaio! Em quatro ou três sessões, ficou com a boca vazia; uma boca de velha. E o pior ainda não foi isso: o pior é que não havia um só foco dentário, um único granuloma, nada. Ficou furioso; disse horrores da Medicina oficial. Com a mão na frente, tapando, pudicamente, os beiços murchos, concluiu: “Fizeram comigo um papel sujíssimo.”

Um homem triste

Não apareceu mais à namorada. Ela mandava recados, verdadeiros S.O.S. Balduíno foi irredutível: desenvolveu-se, nele, uma altivez, uma dignidade, um pudor de desdentado. A mão estava sempre na frente, servindo de folha de parreira. Aprendeu a difícil arte de não sorrir, em hipótese nenhuma. Ninguém mais triste, ninguém mais fúnebre. E subjugado pelo complexo dentário, não olhava para mulher nenhuma. Ia de casa para o trabalho e vice-versa, vergonha, que já era doença, que poderia mesmo transformar-se em loucura. Reclamavam:

— Toma jeito, rapaz! Sossega!

Ele, porém, sem nada dizer, tramava a própria salvação. Recorreu a um dentista, sempre na base de que "o mais caro é o melhor". Quando soube que dr. Fulano cobrava mil cruzeiros a hora, esfregou as mãos, de contente. E fez o comentário:

— Esse é dos meus!

Lá compareceu, no sonho de uma dentadura dupla. Já fizera um orçamento principesco: 35 contos! Segundo os seus cálculos, uma dentadura de 35 contos seria a mais cara do Rio de Janeiro. Calculava: "Vou ficar com uma boca de anjo!" O dentista chamou um protético, tiraram os moldes; e Balduíno, na cadeira do dentista, pedia uma dentadura genial, que fosse uma obra de arte, para já. Ponderaram:

— Não pode ser assim, não, que diabo!

— Ué!

— Claro! Pimeiro, tem que deixar a gengiva murchar. Depois, então...

A estreia

No dia em que saiu do gabinete com o aparelho, parecia ter um ovo na boca. Gemia:

— Como dói esse troço!

Fora, porém, advertido. O dentista explicara que nos primeiros dias era assim mesmo. De qualquer maneira, e embora com o céu da boca em petição de miséria, andou, pela cidade, com outro elã. Olhava de cima os demais, como se viajasse num andor. Esta sensação de andor não o abandonou nunca mais. Seu horário normal, de entrada em casa, era nove horas. Apareceu às 11, depois de circular vastamente. Ainda não podia falar direito, mas usou o sorriso, da maneira abundante. Uma moça, que, aliás, ia acompanhada talvez pelo marido, retribuiu o seu olhar. Ele voltou para casa com uma certa pena, e fazendo a seguinte reflexão: “Ah, se não estivesse acompanhada!” Teve que mostrar à família os dentes novos. Mandavam:

— Ri!

Ele ostentava, deleitado, a superabundância de dentes. Numa última dúvida, fez uma enquete com o pessoal:

— Está parecendo postiço, está? Houve uma unanimidade feroz. Todos afirmaram que não, que não parecia absolutamente postiço. E uma coisa o empolgava, de uma maneira particular: o preço do serviço, que atingia o total invejável dos 35 contos.

Conquistador

Mudou por completo. Dir-se-ia outra pessoa, seja física ou psicologicamente. Ria por tudo, ria por coisa nenhuma. Às vezes, diante de uma piada boba ou idiota, fazia um escândalo:

— Essa é a maior! Essa é a maior!

Queria o pretexto do riso escancarado. As senhoras, meio assustadas com essa exuberância, diziam:

— Você deve gostar de uma boa pândega!

Ele não dizia que sim, nem que não. Antes, fugia das mulheres, nem as olhava. Agora, em função dos dentes novos, não podia ver uma pequena, ou dava em cima ou dizia que dava em cima. Não importava muito o namoro, a conquista. O que o interessava, realmente, era a possibilidade de surgir como um galã irresistível ante os conhecidos. Soprava para um, para outro:

— Viste aquela?

— Vi.

— Que tal?

E o amigo:

— Um espetáculo!

Ele suspirava:

— Pois não me dá uma folga. O dia todo.

Assim não é possível. Qualquer mulher que passasse por ele, já sabe. Apregoava logo:

— Que bola ela me deu, viste?

Fazia questão, sobretudo, das sérias, das inatacáveis e, em especial, das casadas. Contava episódios arrepiantes em meio da admiração geral. Alguém observava:

— Mas não é possível, não pode ser!

— Por que, ora essa?

E o outro:

— Porque eu conheço aquela senhora; é honestíssima. Doida pelo marido!

Balduíno recostava-se na cadeira; atirava, no meio dos parvos, a sua teoria predileta:

— A mulher é séria até o momento em que deixa de ser!

Batom no lenço

Na rua José Antunes, onde ele morava, veio residir d. Branca, casadinha de fresco. Era doce, linda e tudo o mais que se possa atribuir a uma jovem em lua de mel. Com cinco dias de casados, ela e o marido quase não saíam. Uma vez ou outra, quando o esposo não estava em casa, d. Branca surgia um momento, na janela. Numa dessas vezes, coincidiu que Balduíno passasse. De noite, na esquina, ele deblaterava:

— É o cúmulo!

— O quê?

Parecia realmente enojado:

— Eu não diria nada se, enfim, tivesse mais tempo de casada... Mas não fez nem 15 dias e quando acaba...

Contou, para o auditório embevecido, a felonia miserável:

— Só vocês vendo a bola, meninos, que ela me deu! Uma pouca vergonha! Por isso é que eu não me caso, que não sou besta!

Durante seis meses, não fez outra coisa. Deixou mesmo de se interessar pelas outras mulheres. Era como se só existisse a pobre de d. Branca na face da terra. Cada noite trazia uma novidade e concluía sempre com um comentário:

— Não se pode fiar em mulher! É tudo a mesma coisa!

Seu maior êxito, porém, foi quando exibiu, para a roda de amigos desocupados, o lenço sujo de batom. Lambia os beiços, o miserável: chamava os amigos para a luz e sondava:

— Vê se o batom já saiu, vê! Os outros, em brasas, queriam saber:

— Mas que foi? Que foi?

Ele, teatral, revelou, baixando a voz e olhando para os lados, que dera um beijo tremendo na infeliz senhora. Queriam detalhes, perguntavam que tal, etc. E ele, já num princípio de tédio, de fastio daqueles lábios de mulher:

— Mais ou menos.

O câncer

Foi pura coincidência ou castigo sobrenatural? É o que ninguém saberá jamais. O certo é que a notícia correu: “Balduíno está com câncer na língua.” Foi a tudo quanto era médico e não evitou a operação. Um dia, o marido de d. Branca invadiu o quarto do moribundo. Recebera uma carta anônima e, dentro do envelope de ofício, um lenço sujo de batom. Fora de si, queria saber se era verdade ou se... Balduíno estava, de novo sem os dentes, com a boca de velha. O marido perguntava:

— É verdade? Diga! É verdade?

Sem língua, Balduíno não podia falar. Pediu um lápis; já no limite entre a vida e a morte, escreveu:

— É verdade.

Estava horrendo sem dentes e sem língua. O marido partiu. A esposa estranhou que ele chegasse cedo e ia fazer uma observação amiga qualquer. O pobre-diabo disse, então:

— Teu amante confessou. D. Branca quis gritar, fugir, mas não conseguiu nem uma coisa, nem outra.

Imóvel e muda, recebeu quatro tiros. Seu medo se extinguiu na morte.

56 - O fruto do amor

Pareciam-se tanto, fisicamente, que suporiam a pergunta:

— Irmãs?

E Moema:

— Primas.

Eram ligadas por uma série de afinidades profundas. Moema nascera primeiro, isto é, quatro dias na frente da outra. Suas mães, além do parentesco, eram vizinhas. Acresce a circunstância de se terem casado no mesmo dia, na mesma igreja, no mesmo altar. O mesmo padre as abençoou. Após a lua de mel, uma telefonou para a outra:

— Será que vamos ter neném no mesmo dia?

E a outra:

— Tomara!

Mas está claro que uma nova coincidência seria inverossímil. Houve de um parto para outro a diferença, já referida, de três ou quatro dias. Pena é que tivessem nascido duas meninas e não o menino e a menina que ambas desejavam. A diferença de sexos teria permitido, talvez, um casamento futuro, embora se diga geralmente: “Casamento de primos não é negócio.” Enfim, Moema e Abigail nasceram e se criaram tão íntimas, tão amigas como o seriam duas gêmeas. Era uma amizade de tal forma constante, perfeita, que as duas mães viviam dizendo:

— Não briguem nunca! Nunca!

O namorado

Quando ambas completaram 17 anos, Moema viu Flávio, pela primeira vez. Catucou a prima:

— Olha!

— Onde?

— Ali.

Abigail olhou na direção indicada. Quis certificar-se: “A-que-le de azul-marinho?” Moema confirmou perguntando:

— Que tal?

Admitiu:

— Bacana.

E Moema:

— Não é?

Estavam numa festa, em casa de família. Quando saíram, Moema, animadíssima, avisou:

— Sabe como é. É meu.

— Por quê?

Baixo e incisiva, disse:

— Por que eu vi primeiro, ora!

De momento, Abigail não fez nenhum comentário. Mas quando dobraram a esquina da rua, onde moravam, ela se permitiu ironizar:

— Você é um número, uma bola!

— Eu?

— Claro! Nem conhece o homem, nunca o viu mais gordo, e já toma uns ares de proprietária! Parei contigo!

Briga

Tiveram, então, um aborrecimento, que era o primeiro de uma amizade que parecia definitiva. O argumento de Moema era sempre o mesmo: “Eu vi primeiro! Eu vi primeiro!” E a interpelava a prima: “Foi ou não foi?” Numa surda irritação Abigail replicava:

— Até aí morreu o Neves, ora, bolas! Sabe lá se ele vai fazer fé com tua cara?

Moema punha as duas mãos nos quadris:

— Você não viu? Flertou comigo, o tempo todo, escandalosamente!

Sem dar o braço a torcer, Abigail reagia:

— Mas que mascarada você é, puxa!

Esfriaram por uns dias. Foi um caso tão desagradável que as duas mães, preocupadas, procuraram servir de mediadoras: “Vamos fazer as pazes! Vamos fazer as pazes!” Deram-se as mãos, abraçaram-se. Moema, comovida, teve um gesto muito nobre:

— Você quer que eu desista?

— Deus me livre!

Insistiu:

— Vê lá, Abigail. Não quero que depois, você diga que eu...

Mas Abigail, muito positiva, cheia de altivez, deu a última palavra:

— Em absoluto! E, até, pelo contrário, faço questão, fechada, que você continue, claro!

O grande amor

E, então, sanado o mal-entendido, Moema pôde dedicar-se, de corpo e alma, ao seu romance. Era um primeiro amor. Mas ela, com o seu arrebatamento de mulher enamorada, sublinhava: “Primeiro e último.” Assim que o namoro se definiu, ela fez questão de apresentar Abigail a Flávio. Solenizou:

— É mais que uma irmã.

Houve, de parte a parte, um “muito prazer” e, logo, se criou entre o rapaz e Abigail uma grande e doce confiança. Na ocasião do noivado, a própria Moema sugeriu:

— Por que é que você não beija Abigail?

O noivo, contrafeito, incerto, sorria:

— E posso?

— Mas, evidente! Assim, todas as vezes que chegava ou saía, Flávio roçava, de leve, com os lábios, a face de Abigail, num beijo de irmão. Em redor, toda a família aprovava, gravemente. Só o pai de Moema é que, uma única vez, falando à mulher, permitiu-se uma restrição:

— Sabe que eu não aprovo esse beijo?

A mulher caiu das nuvens:

— Mas é na face, Fulano!

O outro, teimoso, continuou: “Não interessa! Abigail não é feia, é até muito bem-apanhada...” Afrontada, a mulher o interrompeu:

— Você põe maldade em tudo, carambolas! Que imaginação depravada você tem!

O trio

Um belo dia, casaram-se. Após a lua de mel, surgiu a ideia de morar Abigail com Moema ou, pelo menos, de passar com a prima longas temporadas. Novamente, o único que, extraoficialmente, manifestou-se em desacordo foi o pai de Moema. Dentro do quarto, a sós com a mulher, soprou: “Não acho negócio!” Pânico e indignação da mulher: “Que espírito de porco você é! Sempre do contra! Por que é que você não toma sal de frutas, criatura!” Mas essa oposição, que não chegou a ser conhecida, não mudou, em nada, o curso dos acontecimentos. Abigail, muito fresca e linda, instalou-se na residência do casal. O velho pai de Moema rosnou:

— Lavo minhas mãos!

Face e boca

Para Moema a companhia da outra fora um achado. Interrogava a própria Abigail: “Não foi uma ideia luminosa que eu tive? Genial?” Eram cada vez mais amigas, mais unidas. Moema não sabia ir a lugar nenhum, com o marido, sem levar Abigail, atrás. Uma tarde, Flávio veio mais cedo para casa. Moema estava no quarto, cochilando. E Abigail, na sala, lendo revistas. Como sempre fazia, Flávio inclinou-se e a beijou, de leve, na face. Sem alterar a voz e sem se mexer, Abigail perguntou:

— Por que na face?

— Como?

E ela, baixo, sem desfitá-lo:

— Por que na face e não na boca?

A princípio, não compreendeu. Repetia, pálido: “Na boca?” Sem consciência do próprio ato, curvou-se e a beijou, rapidamente, nos lábios. Depois, recuou, diante dele:

— Isso não é beijo! Quero um beijo, de verdade! Um só e pronto!

Arquejou, olhando para um lado e outro:

— Um só?

Teve uma espécie de vertigem vendo, tão próxima, a boca que se oferecia. Depois, numa audácia linda, a menina puxa a blusa: “Agora aqui.” Alucinado, beija o seio muitas vezes e, por fim, morde, de leve, o biquinho.

Trama

Foi mais ou menos por essa época, que o médico da família anunciou: Moema não poderia ter filhos, nunca. Foi uma tristeza, porque mulher e marido adoravam crianças. Passa-se o tempo. Um dia, entra Abigail no quarto de Moema. Pela primeira vez, revela a obsessão antiga: “Tu me tiraste o homem que eu amava e eu...” Pausa. Diz, sem desfitá-la:

— Vou ter um filho. Sabes de quem?

Moema, que estava sentada, ergueu-se. Pousou a mão no ombro da outra, num cuidado instintivo: “Senta, senta!” A outra obedeceu, atônita. Moema continuou, já chorando:

— Deus abençoe o filho do homem que eu amo!

Durante largo tempo, choraram em silêncio, unidas e amigas como duas irmãs, duas gêmeas.

57 - Mausoléu

Durante uma hora maciça, deixou-se ficar, em pé, numa contemplação espantada. Lá estava a mulher, de pés unidos, as mãos entrelaçadas, entre as quatro chamas irmãs dos círios. Parentes e amigos tentavam convencê-lo: “Senta! Senta!” Mas ele, fiel à própria dor, era surdo a esses apelos. Como insistissem, acabou explodindo: “Não me amolem, sim?” E continuou, firme, empertigado. No fundo, achava que sentar, em pleno velório da esposa, seria uma desconsideração à morta. Uma hora depois, no entanto, cansou. E esta contingência física e prosaica fê-lo transigir. Ocupou uma cadeira entre dois amigos. Uma senhora gorda, aliás vizinha, inclinou-se, suspirando:

— É por isso que eu não topo viajar de avião!

Pronto. A dor do viúvo, que estava provisoriamente amortecida, reagiu. Ergueu-se, alucinado. E foi um custo para contê-lo. Apertando a cabeça, entre as mãos, encheu a sala:

— Sabem o que é que me dana? Hein? Sabem? — interpelava os presentes; prosseguiu: — É de que do Rio para São Paulo ou vice-versa, não cai avião nenhum, ninguém morre. É o tipo da viagem canja, que todo mundo faz, com um pé nas costas. É ou não é?

— É.

Mergulhou o rosto nas duas mãos, soluçando:

— Então, como é que Arlete vai morrer nessa viagem besta? Como?!...

Várias pessoas vieram confortá-lo:

— Calma, Moacir, calma!

Debateu-se nos braços que procuravam contê-lo: “Eu quero morrer também, oh, meu Deus!...”

História de amor

Estavam casados há um ano. E, agora, no meio do velório, desgrenhado, Moacir fazia confidências públicas: “Nossa vida foi uma lua de mel tremenda!” Rilhava os dentes, evocando o beijo cinematográfico que dera no aeroporto, pouco antes de partir o avião. A esposa ia a São Paulo visitar uma tia doente e Moacir, retido no Rio por uma série de negócios, não pôde acompanhá-la. Agora se arrependia de uma maneira atroz; esbravejava: “Ah, se eu soubesse! Se eu pudesse adivinhar!” E sustentava a tese de que teria sido, para ele, um altíssimo negócio, um negócio da China, ter despencado no mesmo avião, abraçado à mulher. E repetia:

— Como vai ser? Como vai ser?

Às dez horas da manhã, saiu o enterro. E, então, foi uma tarefa hercúlea controlar a dor furiosa do Moacir. Ele se arremessava contra as paredes; atirava-se no chão. Os pais da morta, as irmãs paravam de chorar, intimidados, ante uma dor maior. Não queriam deixar o viúvo ir ao cemitério; ele teve que prometer: “Eu fico quietinho! Juro que eu fico quietinho!” E, de fato, comportou-se, lá, relativamente bem. Na saída, virou-se para o coveiro, numa recomendação patética: “Trate direitinho da sepultura, que eu dou uma gratificação, ouviu?” Enfiou a mão no bolso, apanhou cem cruzeiros, que passou ao fulano:

— Pra uma cervejinha! Mas não se esqueça! Sim?

A dor

Encerrou-se na própria residência, disposto a viver em função de sua dor. Estava disposto a sofrer para o resto da vida. Encheu a casa de retratos da esposa. Segundo a maledicência jocosa da vizinhança, havia retratos, até, na cozinha. Os amigos e parentes, apreensivos, já comentavam entre si: “Isso já é loucura!” Por outro lado, adotara um luto fechadíssimo. Ofendeu-se, quando o sócio sugeriu, de boa-fé: “Põe fumo. Basta fumo. É mais moderno e não impressiona tanto.” Recuou, vários passos; enfureceu-se:

— Que negócio é esse de modernismo pra cima de mim? Tira o cavalo da chuva!...

O outro quis argumentar:

— Mas vem cá, Fulano, sou teu amigo, que diabo! Luto é uma coisa mórbida, doentia, desagradável!

Exultou, numa satisfação feroz:

— Pois que seja! Ótimo! Eu gosto de ser mórbido, eu pago pra ser doentio!...

O sócio saiu dali, assombrado. Foi dizer para as relações comuns: “Quero ser mico de circo se o nosso Moacir não está meio lelé!” Permitiu-se, ainda, o comentário profético: “Vai acabar rasgando dinheiro!”

O sócio

Chamava-se Escobar o sócio. Podia não ser muito amigo do Moacir, mas havia, entre os dois, vínculos mais eficazes que os simplesmente afetivos: os interesses comuns. E a verdade seja dita — o Moacir fazia uma falta imensa na firma. Ele era, no negócio, o gênio administrativo, ao passo que o Escobar contribuía com as ideias. Absorvido pela viuvez, ocupado em chorar a esposa, não tinha a cabeça para pensar na vida prática. Com razão, o Escobar alarmou-se: "Assim, não vais. Ou o Moacir volta, ou damos com os burros n'água!" Dedicou-se, então, a arrancar o sócio de suas pesadas atribulações. Todos os dias ia visitá-lo: "As coisas, lá, na firma, estão calamitosas!" O outro, de barba crescida, olhos incandescentes, cabeleira, um vago ar de Monte Cristo, resmungava: "Não interessa!" Insistia o Escobar, escandalizado: "Como não? Você tem interesses, deveres, responsabilidades!" Desta vez, Moacir não respondia. Imergia numa ardente e fúnebre meditação. Era óbvio que seu pensamento pairava em alturas inimagináveis. E, súbito, sem a menor relação com os assuntos do amigo, empreendia a exaltação da mulher. Era taxativo: "Tu não imaginas, tu não podes fazer a mínima ideia! Era a melhor mulher do mundo!" Dramatizava:

— Qualquer outra não chegava aos pés da minha! Não era nem páreo pra minha! — e, pondo a mão no braço do Escobar, acrescentava — Nunca mais, ouviste, nunca mais quero nada com mulher nenhuma. Te juro! Te dou minha palavra de honra!...

Escobar erguia-se, atônito:

— Toma jeito, Moacir! Nem tanto, nem tão pouco! Isso não é normal! Isso é contra a natureza!

Moacir, trêmulo, replicava:

— Pois eu quero que a normalidade e a natureza vão para os diabos que as carreguem!

Seu consolo, agora, era o mausoléu, à base de anjos, que mandara erguer para a falecida.

A ideia

Passaram-se mais dois meses e o Moacir continuava imprestável. Escobar quebrava a cabeça: “Tenho que descobrir um jeito, um modo, uma maneira de salvar essa besta!” Como era sujeito fantasista, que se envaidecia das próprias ideias, acabou descobrindo uma solução. Convocou uma mesa redonda de parentes do sócio. Avisou:

— O negócio está nesse pé: ou o Moacir vem trabalhar ou a firma vai direitinho para o beleléu. Vocês confiam em mim ou não?

A resposta foi reconfortante e unânime: “Confiamos.” Escobar pigarreou, para clarear a voz: “Eu tive uma ideia, que me parece genialíssima. Deve ser tiro e queda. E quero saber se vocês me autorizam, no escuro, a usar essa ideia. Autorizam?” Silêncio. Os parentes se entreolhavam. Um porta-voz indagou: “Podia-se saber que ideia é essa?” Respondeu o Escobar:

— Não. O segredo é a alma do negócio. E considero minha ideia boa demais para antecipá-la. Direi apenas que se trata de uma mentira. Mentira necessária e salvadora. Vocês me autorizam a mentir? Sim ou não?...

Novo silêncio e nova manifestação do porta-voz: “Sim.” Escobar esfregou as mãos, radiante: “Então vou mergulhar de cara.”

A mentira

Seguro de si, invadiu a casa do amigo e sentou-se, a seu lado; entrou, como ele próprio diria depois, de sola: “Olha aqui, Moacir: teu problema é mulher, percebeste? Tens que arranjar, imediatamente, uma ou várias mulheres. Ou então, estás liquidado.” O outro, que estava sentado, ergueu-se trêmulo: “Estás maluco? Doido?” Mas Escobar continuou num impressionante descaro, com a pergunta: “Topas uma farrinha, hoje? Conheço um lugar que tem um material de primeira. Olha! Cada pequena daqui!” Moacir disse, numa espécie de uivo: “Nunca! Nunca!” Chegara o grande momento. Escobar esmagou a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro; dizia, sem desfitar o amigo: “Tu sabes que tu és meu, do peito, não sabes?”

— Mais ou menos.

— Pois bem. Há uma coisa que tu precisas saber e que saberias mais dia menos dia. Vou te contar porque, enfim, não gosto de ver um amigo meu bancando o palhaço.

— Fala.

Escobar pousou a mão no ombro do sócio: “Tua mulher foi a São Paulo pra quê? Por causa de uma tia?” E o próprio Escobar, exultante, respondeu: “Não! Pra ver o amante! Sim, o amante!” Foi uma cena pavorosa. Quase, quase, o Moacir estrangula o amigo. Mas Escobar sustentou até o fim. Tornou sua mentira persuasiva, minuciosa, irresistível: “Eu mesmo vi os dois, juntos, em Copacabana...” Decorara, ao acaso, o nome de um dos passageiros do mesmo avião e o repetia: “Vê, na lista, se não está lá, vê! Inventou o pretexto da tia para acompanhá-lo!” Uma hora depois, Moacir arriava na cadeira, desmoronado; rosnava: “Cínica! Cínica!” Em pé, vitorioso, Escobar perguntava: “Topas agora a farrinha! Topas?” Ergueu-se, desvairado:

— Topo.

Os querubins

Foi, com o amigo, e já sem luta, ao lugar combinado, que era a casa de uma tal Geni. Saiu de lá, bêbado e quase carregado, ao amanhecer. No dia seguinte, sem dizer nada a ninguém, dirigiu-se ao cemitério. Durante uns quinze minutos, ficou vendo os operários que trabalhavam no mausoléu da finada Arlete. Era um mausoléu caríssimo, baseado numa alegoria de querubins, coroando a pureza da morta. Súbito, teve o acesso. Apanhou a picareta mais próxima e investiu, num desvario, fendendo os querubins de mármore. Quando o dominaram, o chão estava cheio dos anjos mutilados. Foi arrastado; e vociferava:

— Não pago mais as outras prestações dessa droga! Não dou mais um tostão! — esganiçava a voz — Minha mulher era uma cachorra!

58 - Gastrite

Sentado na mala, no meio do quarto, chorava como uma criança:

— Nunca pensei, te juro! Nunca pensei que alguém pudesse sofrer tanto! — pausa e tem um novo arranco: — A única dor que existe é a de cotovelo. As outras dores, físicas ou morais, são conversa fiada, perfumaria!

Ao lado, o Eurialo contempla, num assombro mudo, este desespero selvagem. Num misto de pena, vergonha, e asco, ele põe a mão no ombro do Juca:

— Calma, rapaz, calma!

Ergueu-se, num repelão:

— Calma, uma pinoia! Calma porque é comigo e não contigo! O fato é o seguinte: sou um homem morto e enterrado, percebeste?

Então, o Eurialo arrisca:

— Olha: queres que eu fale com tua pequena? Que eu meta uma conversa na tua pequena?

Juca balbucia:

— Tu?

E o outro:

— Eu, sim. Tu sabes que ela é minha do peito, liga pra chuchu! Quem sabe? Não custa tentar!

Juca agarra-se ao amigo, numa brusca euforia:

— Boa ideia, boa ideia! Ela vai muito por ti, te considera muito! É um favor que tu me fazes! Um favor de mãe pra filho! Mas vai, já, agora, neste instante! Eu te espero, aqui. E olha! — repetia — Tu és uma mãe!

O outro suspira:

— Amém.

Briga de namorados

Juca era namorado, quase noivo de Jandira. Havia, de parte a parte, um desses amores de novela, de filme, de ópera. De vez em quando, entre um beijo e outro, a menina suspirava: “Eu só sei amar para sempre!” E ele, arrebatado: “Eu também, eu também!” Jandira, porém, avisara, de maneira sóbria, mas irredutível: “Meu anjo, eu perdoo tudo, tudo. Só não perdoo uma coisa: infidelidade!” Muito bem. Naquela tarde, Juca chegara atrasado no encontro, desculpando-se com a condução. Sentam-se num banco de jardim e, súbito, Jandira pergunta: “Que é isso vermelho que você tem no pescoço?” Ora, o Juca fora, depois do almoço, com uma pequena sem compromisso, a um cinema. E, lá, na última fila, andara aos beijos, aos abraços, com a fulana. Ao ouvir falar em mancha vermelha, tomou um susto. Atarantado, improvisa uma desculpa: “Deve ser brotoeja!” Mas Jandira insiste:

— Brotoeja onde? Nunca foi brotoeja! — examina e conclui: — Batom! Isso é batom, no duro!

Erguem-se, quase que ao mesmo tempo. Lívido, Juca gagueja ignobilmente. Ela, porém, foi categórica:

— Se tu fosses ladrão, batedor de carteiras, assassino, eu perdoaria. Só não perdoo ao homem vira-latas, ao homem que anda atrás de tudo quanto é mulher! Adeus!

Vira-lhe as costas e vai andando. Fora de si, ele sai atrás. Então, Jandira estaca: arrasa-o:

— Ou você vai embora ou eu chamo o guarda!

O intermediário

Ele correu para a casa, alucinado. Pouco depois o Eurialo fora encontrá-lo, de bruços, na cama soluçando. Eurialo, conhecia os dois. Prontificou-se a falar com Jandira, a servir de intermediário. E, com efeito, uma meia hora depois, estava diante da garota Jandira. Repete: “Acabou. Não quero mais ver o Juca nem pintado.” Eurialo puxa o cigarro e, sem desfitar Jandira, começa:

— Eu vim aqui, porque o Juca me pediu. Mas o fato é que, aqui entre nós, eu acho que você fez bem. O Juca é muito mulherengo, demais. Doente por mulher.

Ela, intransigente, continua:

— Eu sou assim: faço questão de exclusividade. Ou o homem é só meu ou não interessa.

Eurialo pigarreia: “Eu penso igualzinho a você.” Silêncio e pergunta: “Quer dizer que não há hipótese de pazes entre vocês?” Jandira tem um meio-sorriso:

— Você diz ao Juca o seguinte: eu só faria as pazes se ele caísse doente de morte; se não houvesse a menor, a mais vaga possibilidade de cura; se fosse uma doença incurável, no duro. Então, sim. Mas do contrário, não.

Fuga

Eurialo volta à casa do amigo; conta-lhe a conversa que tivera com a pequena. Juca, desesperado, abre os braços:

— Quer dizer que eu tenho de morrer para ser perdoa-do? Essa, não, essa, não!

O outro admitia, fúnebre:

— Pois é, pois é!

E Juca, num desvario maior:

— Desisto, pronto! E já sei o que devo fazer; tenho uma oferta de emprego, no Amazonas. Pois bem: vou aceitar. É o golpe! Assim eu me acabo por lá e não se fala mais nisso!...

— Lá, você esquece, arranja outra!

Juca mergulha o rosto nas duas mãos e soluça:

— Arranja outra, uma pitomba! Eu quero que as outras mulheres se danem! Ou essa ou nenhuma!

Tudo indicava que fosse o final definitivo daquele amor. Uns 15 dias, depois, o Eurialo, solidário como nunca, ia levar o Juca ao avião. Já na fila dos passageiros, abraça-se ao Eurialo:

— Pelo menos, esse consolo eu tenho: a tua amizade! Foste meu amigo até o último momento, amigo até debaixo d’água!

O outro teve que disfarçar a própria emoção.

Nostalgia

No Amazonas, Juca viveu no dilaceramento de uma nostalgia inconsolável. Fez relações, amizades. Mas sua vida obedecia à seguinte rotina: da casa para o emprego, do emprego para casa. Os novos amigos queriam arrastá-lo para a farra. Respondia: “A única mulher que me interessa brigou comigo. As outras não existem!” Um ano depois, recebe a notícia: Jandira casara-se. Quando soube o nome do marido, quase caiu para trás, duro: Eurialo. Fosse qualquer outro, e o impacto teria sido menor. Mas o amigo, o intermediário!... Passou três dias, em casa, sem ir ao emprego, numa meditação ardente e vazia. Ao fim desse tempo, ergue-se e vai-se olhar no espelho: era uma ruína de homem. Dir-se-ia um tuberculoso em último grau ou coisa pior. Mais 24 horas e Juca larga tudo no Amazonas e vem para o Rio, de avião. Chegando aqui, trata de saber onde Jandira passava a lua de mel. Liga para ela.

— Sou eu. Tu disseste, não disseste? Que me perdoarias, se eu tivesse uma doença incurável? Pois tenho essa doença e vou morrer. Quero o teu perdão e te quero.

Do outro lado da linha, vem a pergunta: “Que doença?” E ele:

— Câncer. E olha! Antes de morrer, eu preciso que tu... — e soluça: — Tu me deves essa última alegria!

Ela chorava também: “Sim, sim!” Ele arranjara um apartamento emprestado, com um amigo. Passa o endereço para a menina. No dia seguinte, à tarde, encontram-se, lá. Há um primeiro beijo, por entre lágrimas. Ela balbucia: “Eu te amo, te amo e te amo!” A própria Jandira, fora de si, arrancou o vestido; tirava a anágua.

Estava só de calcinha. Quando ele a beijou no pescoço, sentiu-se morrer. Duas horas depois, ele baixa a voz:

— Eu menti. Não tenho câncer. A única coisa que eu tenho é uma gastrite. Ela parece acordar no fundo do sonho. Suspira:

— Bendita gastrite!

59 - Amor-próprio

Foi um pasmo geral:

— Não é possível! Não pode ser! E Ismênia:

— Te juro! Te dou minha palavra de honra!

Insistiram:

— Mas você viu?

Foi categórica:

— Ninguém me contou. Eu mesma vi, eu, os dois no cinema, agarradíssimos. Sabe que minha cara caiu no chão?

Já convencidas, as outras se entreolharam. Uma delas suspirou:

— Então, a Dorinha tirou a sorte grande!

O namorado

Ismênia, colega e confidente de Dorinha, não mentia, nem exagerava. Fora ao cinema, na véspera, ver um filme de pele-vermelha e lá descobrira, num canto, Dorinha e Sandoval, num desses idílios tenebrosos. Caiu das nuvens e com razão. A amiga podia ser jeitosa de corpo e de rosto. Mas era de uma graça trivial e um pouco enjoativa. Ao passo que o Sandoval, bonito, forte, atlético, soma às suas virtudes físicas excepcionais, uma outra, não menos considerável: a fortuna. Filho de papai rico, tinha automóvel, o diabo. E, além disso, conhecia e namorava pequenas cem, duzentas vezes melhores do que a Dorinha, seja em beleza, seja em elegância, seja em educação. O problema da família no caso, adquiria a sua importância e assumia a feição de um contraste patético. Enquanto Sandoval, paulista de quatrocentos anos, com bandeirantes no sangue, era um aristocrata autêntico, a pobre da Dorinha era filha de um contínuo da Câmara. Morava no Posto 3 ou 4, numa avenida, mas era, se assim posso dizer, uma suburbana de Copacabana. Suas conhecidas, suas amigas, fizeram o natural espanto, achando que aquele partido caíra do céu por descuido. Mas uma vizinha, senhora gorda, de muita experiência, teve um comentário inesperado e alegórico:

— Esmola grande o pobre desconfia!

— Por que, d. Fulana?

E a vizinha:

— Isso não vai dar certo! Não pode dar certo!

Dorinha

Se as vizinhas, a família, as colegas estavam maravilhadas, Dorinha muito mais. De feitio imaginativo, sonhador, sempre desejara, para si, um desses amores fabulosíssimos. Mas é de justiça reconhecer: a realidade saíra muito mais bonita, muito mais enfeitada, que a imaginação. Com seus dons de corpo, a qualidade de educação e o esplendor de família, Sandoval superava, de muito, o mais desvairado ideal amoroso. Acresce uma circunstância patética: era o primeiro namorado de Dorinha. O fator numérico o valorizou ainda mais. Diga-se, ainda, que a pequena se comportou, diante dele, com uma comovente facilidade. Nenhuma resistência, mesmo convencional, mas um lírico, um imediato abandono. Bastou que, uma tarde, Sandoval encostasse o automóvel no meio-fio e a convidasse:

— Quer dar uma voltinha?

Ele reparava em Dorinha, pela primeiríssima vez. Ela, porém, já o conhecia de vista e, em silêncio, sem nada dizer a ninguém, já o amava. Entrou no automóvel, vermelha, as orelhas em fogo, o coração disparado. Ao lado do rapaz, dominada por uma fascinação irresistível, indefesa, limitou-se a balbuciar:

— Não abuse de mim, sim?

Ele riu da ingenuidade. Disse, arrancando:

— Claro!

O beijo

Quando a mãe soube, pôs-se a sonhar. Era uma dona de casa laboriosa, carregada de filhos e de varizes, mas sentimental ao extremo. A hipótese de um casamento rico para a filha mais velha a deslumbrou. Perguntou, de si para si: “Quem sabe?” Era, porém, uma mãe de família, inquieta com o destino dos filhos. Julgou-se no dever de dar conselhos a Dorinha, de doutriná-la. Baixou a voz:

— Cuidado, ouviu? Cuidado!

— Por quê?

E ela:

— Nada de beijo na boca. Beijo na boca é um perigo! Um perigo!

De olhos arregalados, a pequena ouvia, só. No fim, balbuciava: “Eu sei, mamãe, eu sei!” Mais dois ou três dias, e a santa senhora pergunta:

— Já te falou em casamento, já?

Titubeava:

— Ainda não.

E a mãe:

— Isso é que é o diabo! Mas olha: nada de passeios de automóvel!

Quando o pai soube que a filha namorava um rapaz rico de família fabulosa, tomou um susto: “Rico?” Esteve alguns momentos pensando, grave e triste. Por fim, pôs de lado a última edição e comentou, descontente:

— Não acho negócio!

— Mas por quê?

Virou-se para a esposa:

— Sabe lá as intenções desse cavalheiro!

Era um bom homem, incapaz de uma maldade, duma honradez feroz. Vivia uma vida de sacrifícios, para educar as filhas e sustentar a casa. No momento, só tinha um ideal na vida: casar as meninas, e, depois, morrer. Teria preferido, um milhão de vezes, que o namorado da filha fosse, em vez de um grã-fino, um simples, prosaico e miserando barnabé. Achava que marido e mulher devem ter a mesma classe, a mesma cultura ou incultura. Chamou a filha e a pôs em confissão: “Você tem certeza que gosta desse rapaz?” A resposta veio, leal, taxativa: “Gosto, sim, papai.” Ele coçou a cabeça, numa amargura que queria

esconder:

— Você é quem sabe, minha filha.

Ergueu para o velho o seu olhar tranquilo:

— Pode confiar em mim, papai.

E ele, já comovido:

— Deus te abençoe, minha filha.

O convite

Uma semana depois, Sandoval dá-lhe um beijo e, em seguida, indaga: “Você é corajosa?” Admira-se: “Por quê?” O rapaz acende um cigarro perfumado; tira uma fumaça e prossegue: “Pergunto pelo seguinte: tu irias a um lugar assim, assim?” Dorinha recebe um impacto. De perfil para ele responde, afinal:

— Não.

E Sandoval, amargo, atirando fora o cigarro: “Logo vi!” Continuou no mesmo tom: “Você não gosta de mim coisa nenhuma! Se gostasse, iria comigo até o fim do mundo!” Pausa e suspira:

— As mulheres não sabem amar!

Ela, impressionada, quer saber: “Você duvida do meu amor?” O rapaz enfia as duas mãos nos bolsos; bufa: “Claro! Você acha que isso é amor? A mulher que ama topa tudo!” Durante uma semana, ele não foi o mesmo. De vez em quando, em meio de uma conversa, lá vinha Sandoval com uma exclamação extemporânea: “Você é uma conversa fiada! Você não tem coração!” E ela, suspirando: “Tenho coração até demais!” Uma tarde, desesperado, Sandoval a beija, longamente, numa espécie de fúria. Dorinha larga os braços, pende a cabeça, mais morta do que viva. Sentindo a sua debilidade absoluta, ele quer tirar partido da situação: “Você vai? Hein? Vai?” Dorinha se desprende. Sem desfitá-lo, pergunta:

— Se eu for, você — pausa — casa comigo!

Ele parece atônito:

— Casar?

E Dorinha, sôfrega: “Sim.” Sandoval ergue-se. Anda de um lado para outro, e, finalmente, estaca diante da pequena. Balbucia: “Caso.” Transfigurada de amor, de gratidão, ela se atira nos seus braços:

— Meu amor! Meu amorzinho!

O pecado

Foi uma vez e muitas outras. Desde a primeira tarde, foi de um abandono muito lindo. Despiu-se toda, ou por outra: deixou apenas o sutiã. Tinha vergonha dos seios. Só queria mostrá-los na noite do casamento. Dois meses depois, ela telefona, em pânico: “Vou ser mãe!” Do outro lado da linha, Sandoval explode: “Que abacaxi!” E, então, começa a evitar a pequena. Nunca estava nem em casa, nem no trabalho. Até que chegou um momento em que não mais foi possível esconder da família o seu estado. O desgosto do pai, o velho, amargurado e grisalho contínuo da Câmara, foi uma coisa medonha. Só faltou morrer. Mas não teve uma palavra dura para a filha; e surpreendeu todo mundo ao dizer: “Agora você precisa mais de mim e eu estou aí, minha filha, estou aí.” Nesse dia mesmo, procurou o rapaz, o pai e a mãe do rapaz. E, então, aconteceu o seguinte: todos ofereceram dinheiro, muito dinheiro, mas não queriam nem ouvir falar em casamento. O contínuo perdeu a cabeça. Disse que dava tiros, o diabo. E o dilema que se criou para Sandoval, foi este: casar ou morrer! A menina soube que nem o seu amado, nem a família queriam a solução matrimonial. Caiu numa tristeza sem remédio. Mais tarde, porém, houve um acordo. No medo do tiro prometido, o pai de Sandoval rosnou; por fim: “Vá lá, vá lá!” O próprio rapaz, envenenado, bufou: “Que vigarista!” Finalmente, um dia houve a cerimônia civil. Quando o juiz perguntou a Sandoval se era por sua livre e espontânea vontade, etc., etc., etc., ele pigarreia e admite, com cara de nojo: “Sim.” Em seguida, foi feita a mesma pergunta à menina. Ela ergueu-se. Responde, nítida, irredutível:

— Não.

Houve um silêncio de assombro. Ela repetiu três vezes, ainda, o “não” vingativo. E completou: “Eu me caso com qualquer um, menos com esse cachorro!” Então, o velho contínuo, numa alegria convulsiva, bateu palmas, aplaudindo como uma criança:

— Bravos! Bravíssimos!

60 - Remorso

No telefone, Tavares combinou:

— Vamos fazer o seguinte: você vem e passeia comigo uns dez minutos, no máximo, contados a relógio.

Do outro lado da linha, Eliete hesita:

— Só dez minutos? Batata?

— Sob minha palavra de honra! Pode vir!

Restava, porém, um último problema: o local. Eliete era casada, aliás, com um amigo íntimo de Tavares. E tinha medo, verdadeiro pavor, de ser vista por um conhecido. Perguntou:

— Mas onde?

Vacila e acaba sugerindo:

— No meu escritório. Você passa aqui os dez minutos e sai como entrou. Juro, por tudo que há de mais sagrado, que não tocarei em ti.

Suspira, derrotada:

— Está bem, está bem. Irei.

Diabólica

Desligou o telefone, já com o remorso. Virou-se para Dagmar, sua amiga, sua vizinha, que ao lado, ouvira a conversa, num interesse profundo. Diz:

— Prometi que iria mas não vou, não vou e não vou!

Baixou a voz, nervosíssima:

— Ora por quê? Porque sim! Então, você acha bonito, que eu casada, mãe de filho, embarque numa canoa dessas? Deus me livre!

A outra riu-se dela, de cima a baixo: “Deixa de ser boba, deixa de ser errada!” E, subitamente séria, continua:

— Olha! Você não será a primeira, nem será a última, percebeu? Eu também não sou casada? E não fiz o mesmo? Outra coisa: você pensa que seu marido é fiel? Duvido e faço pouco! Minha filha, parta do seguinte princípio, não há homem fiel!

Chorosa, Eliete apanha um cigarro na bolsa:

— Digamos que eu vá; talvez eu resolva ir. Antes, porém, eu quero saber por que você vive em cima de mim buzinando meus ouvidos? Não compreendo esse interesse!

Dagmar explica:

— Muito simples: sou tua amiga e acho que você precisa viver. Até agora, você não viveu, você não conhece a vida.

— Ué!

— Sim, senhora! Você pensa que tomar conta de filho, dar de mamar a filho, mudar fralda de filho é vida?

Experiência

Apesar de mil e um escrúpulos acabou indo. Até o último momento, Dagmar a doutrinou: “Põe perfume! Homem gosta de mulher cheirosa!” Ela, que não se perfumava para o marido, obedeceu. Dagmar, esfregando as mãos, o olho rutilante, numa satisfação gratuita e profunda, cicia:

— Felicidades! E olha! Depois, eu quero um relatório completo!

Às quatro horas, em ponto, Eliete morta de susto, de vergonha, de arrependimento, batia no escritório do Tavares. Este, pálido, contido, as mãos geladas, explica que mandara o sócio passear. Ato contínuo, fecha a porta à chave. Eliete sobressalta-se. Nova explicação do Tavares:

— Pode chegar alguém, meu anjo. Sentando-se, com os nervos em pandareco, a pequena insiste:

— Só dez minutos! Não fico nem mais um segundo!

E ele, também trêmulo, também nervoso:

— Claro! São quatro horas e dois minutos. Pois bem. Daqui a dez minutos você vai embora!

Quer segurar a mão da garota. Eliete pula como uma cabritinha assustada:

— Quieto! Eu vim aqui pra conversar, só pra conversar.

Tavares tratou de ser jeitoso:

— Mas, perfeitamente, claro!

Eliete olha para o rapaz com uma curiosidade nova e um certo espanto. Sem desfitá-lo, deixa escapar um lamento: “Eu preferiria que você fosse um desconhecido, um estranho.” Tavares, cada vez mais agitado, toma coragem:

— Meu anjo, eu quero te dizer o seguinte: você pode ter confiança em mim. Confiança absoluta, ouviu? Confiança, no duro!

Ela ia responder qualquer coisa. O outro, porém, mas rápido, brutal, arremessou-se, fechou-lhe a boca com um beijo esfaimado. Eliete esperneia:

— Não faça isso! Você prometeu!...

Feito louco, Tavares não estava em condições de obedecer, de raciocinar. Era o inevitável. Quando Eliete deu acordo de si, olha em torno e pergunta: “Que horas são?” O quarto estava na sombra. Tavares levanta-se, acende a luz e espia no relógio de pulso. Sujo de batom até a alma, espanta-se:

— Oito horas!

Eliete ergue-se. Repete, apavorada: “Oito horas?” Interpela-o: “Nós passamos aqui quatro horas?” E, de fato, nem um, nem outro, fechados no seu deslumbramento, haviam sentido o tempo, que fruíra doce, imperceptível. Fez ela virar-se, para vestir a calcinha. Ainda por cima, o vestido estava todo amarrotado. Fora de si refaz, chorando, a pintura dos lábios; exclama:

— Meu filho, meu filho!...

Tavares, já realizado e, até, com uma sensação de tédio, pondera: “Calma, calma!” E ela, desesperada: “Calma, uma ova!” Pronta enfim, vai saindo, sem se despedir. De repente estaca. Vira-se para ele; pergunta, dilacerada:

— Agora? Com que cara vou olhar meu marido? Você acha que eu posso olhar meu marido?

Ele foi positivo:

— Por que não, ora, bolas? Questão de hábito, minha filha! Pura questão de hábito!

Eliete, porém, deixara para o fim o lamento maior:

— E meu filho? Você acha que agora, eu posso dar o seio ao filho? Posso...

Volta

Voltou para casa voando. Pediu ao chofer do táxi: “O senhor podia ir mais depressa, por obséquio?” Durante toda a viagem, seu espírito foi torturado pela obsessão: “Quatro horas!” Parecia-lhe inverossímil que tivesse passado tanto tempo do primeiro ao último beijo. Ao chegar em casa, deixa na mão do chofer uma nota grande e afasta-se sem esperar o troco. Entra em casa e vai encontrar o marido com o garoto, de seis meses, no colo, tratando de niná-lo. Ao ver a mulher, esbraveja:

— Onde é que você se meteu, papagaio!?

Desorientada, balbuciou a desculpa:

— Condução, meu anjo! Acabei apanhando um táxi e...

Humilde, apanha o guri: “Coitadinho, coitadinho!” Por cima do seu ombro, o marido indaga:

— Não está na hora de mamar?

Suspira:

— Está, está!

E o marido, impaciente:

— Então, anda!

Naquela casa, era assim: nem ele, nem ela suportavam o choro da criança.

Bastava que o pequeno resmungasse para que Eliete, no seu exagero de mãe, tirasse o seio, estivesse ou não dentro do horário. E já ia saindo com a criança, quando se lembra não sei de quê. Vira-se para o marido e, com os olhos cheios de lágrimas, diz-lhe:

— Eu queria te dizer uma coisa, meu coração. É o seguinte: eu namorei, noivei e casei contigo. Mas só agora, só neste momento, é que eu soube o quanto te amo! — E sublinha, com sofrida ternura: — Homem nenhum chega a teus pés!

O marido ficou na sala, fumando e lendo jornal. Eliete entrou no gabinete, onde costumava dar o peito ao guri. Senta-se. Está claro que o menino agita as perninhas e abre a boquinha voraz, ante a visão do seio nu e farto. Mas coisa estranha! Estão passando os minutos e o pequeno continua chorando. O marido acaba estranhando: Levanta-se, vai espiar. Estaca na porta do gabinete, assombrado: a mulher chora também. Chora ao mesmo tempo que nega o peito à

criança. O esposo explode: “Mas que é que há?” Ela ergue-se, um soluço maior. Passa o filho para os braços do marido. E grita:

— Eu pequei! Eu pequei! Meu leite seria veneno para nosso filho! Arranja outro seio para nosso filho!...

Caiu de joelhos. Com o rosto mergulhado nas duas mãos, soluçava ainda:

— Não posso ser mãe! Não quero ser mãe!...

61 - Novinha

Era um marido enjoadíssimo. Implicava com a mulher, com as criadas, com todo mundo. Se faltava um botão, na camisa, um mísero botão, só faltava pôr a casa abaixo. A mulher vinha, lá de dentro, esbaforida:

— Qual é o drama? Qual é o drama?

Ubirajara exibia a camisa, só faltava esfregar a camisa na cara da mulher:

"Cadê o botão? Será o Benedito! Mas assim não há cristão que aguente!" E Glória, atarantada:

— Calma, meu filho, calma! Há jeito para tudo!

Enquanto a esposa, com uma passivilidade impressionante, pregava o botão, Ubirajara, andando de um lado para outro, vociferava:

— Você devia despedir essa lavadeira! Pôr no olho da rua! E uma coisa eu te garanto: sei passar a ferro melhor que essa cara!

Doença

E, assim com suas implicações e seu gênio execrando, o fato era o seguinte: não havia criada que durasse: arrumadeira, cozinheira, lavadeira, o diabo. A pobre da Glória, com a sua paciência de cambaxirra, era obrigada a ir para a pia, o fogão, o tanque, fazer o serviço. Naquela casa, marido e mulher diferiam como água do vinho. Enquanto o Ubirajara era um neurastênico nato e hereditário, Glória tinha um temperamento adorável. Para ela, tudo estava bem, ótimo e, se fosse o caso, era capaz de pagar para não discutir. E, o que afligia não era o seu problema, o problema dos maus-tratos que recebia do marido. Não. Isso não teria maior importância. O drama era o das criadas, que iam embora, uma atrás da outra. Coçando a cabeça com um grampo, Glória suspirava: “Caso sério, caso sério!” Um dia, porém, Ubirajara foi ao médico e, súbito, descobriu-se a verdade: Ubirajara estava doente sem que ninguém, nem ele mesmo, desconfiasse. O mal insidioso, tenaz, subterrâneo, que o minava, atendia pelo nome de “distonia do simpático”. E se não era isso, devia ser coisa parecida. Tudo explicado! As impertinências com a esposa e as empregadas, as suas fúrias quando faltavam botões na camisa e, enfim, uma série de outros sintomas. O médico, bocejando, adverte à Glória:

— Seu marido não deve ser contrariado, compreendeu?

Patético

Se, antes, Glória era incapaz de contrariá-lo, agora muito menos. Com a doença do marido, ela passou a comer isso a que chamamos “o pão que o diabo amassou”. Qualquer coisinha, fazia-o saltar, atirar patadas no chão:

— Como é que eu posso ficar bom nesta casa?

— Mas meu anjo!...

E ele:

— Sou tratado, aqui, como um cachorro! Sim, como um cachorro!

Protegido e justificado pela “distonia do simpático”, Ubirajara foi além de todos os limites. Soube que a criada falara mal dele no vizinho. Desta vez, foi de uma tal violência que assustou a si mesmo. Resumindo, ele berrou, entre outras coisas, o seguinte:

— Se você fosse homem, eu lhe partia a cara!

E a outra:

— Desgraçado!

Tal cena, no portão, com as janelas da vizinhança apinhadas de gente, foi algo de inesquecível. Durante dias Glória, sem criada, incumbiu-se de todo o serviço. O resultado foi o seguinte: nessa lida de sol a sol, não tinha tempo de lavar o rosto, tomar banho, e nem de observar os cuidados habituais, como seja: perfumar os braços, as mãos, o pescoço, etc., etc. O suor enxugava na roupa. O marido, no pijama listrado, lendo jornal, fungava, com cara de nojo:

— Estás com cheiro de bode, puxa! Dá um jeito nisso, criatura!

Com bons modos e um abnegado sorriso, Glória ponderou:

— Meu filho, uma dona de casa sem criada não pode cheirar bem.

Nova empregada

Felizmente, Glória arranjou, por intermédio de um contraparente, uma criada. No telefone, ainda perguntou:

— Para todo o serviço?

— Tudinho!

Fazia, sim, todo o serviço, por quinhentos cruzeiros. Glória deu graças a Deus.

E antes que a fulana chegasse, fez o apelo patético ao marido: “Meu anjo, vê se com essa...” Ubirajara explodiu: “Não tem disso, não! Comigo, sabe como é: escreveu, não leu, o pau comeu!” Veio, o dia seguinte, a empregada. Antes de mais nada, era uma garota, uma criança. Glória pergunta:

— Qual é a tua idade?

— Quinze.

Glória fez seus cálculos: doente dos nervos, o marido ia implicar, preliminarmente, com a idade da pequena. E, de fato, quando Ubirajara chegou, de noite, Deborá (era seu nome) estava dormindo. Mas quando soube que a nova empregada tinha 15 anos, praguejou:

— Bonito!

— Por quê?

E ele:

— Imagine! Minha casa jardim de infância! — e interpelou a mulher — O que é que você tem nessa cabeça, carambolas?

Glória, muito desapontada, quis argumentar. Explicou que a outra, embora novinha, sabia fazer o serviço. Então, o marido, que andava perdendo muito dinheiro nas corridas, aproveitou o ensejo para experimentar a ideia que vinha ruminando:

— E para quê empregada? Você não é aleijada, não é inválida e pode fazer o serviço, compreendeu? O batata, num casal, é o seguinte: o marido trabalha na rua, a esposa em casa!

Desta vez Glória quase, quase explodiu. Mas era um coração de passarinho. Lembrou-se, que, além do mais, o marido era doente; e suspirou:

— Manda-se a menina embora, pronto.

Diabinha

No dia seguinte, faltou água na caixa de cima. Ubirajara teve que descer para tomar banho no banheiro da empregada. Viu, de passagem, Deborá. E quando voltou, chamou a mulher. Queria dizer, com a incoerência dos nervosos, o seguinte:

— Bem. Vamos fazer o seguinte: deixa a garota aí até a segunda ordem, percebeste?

Glória só faltou benzer-se. Felizmente, Deborá aprovou cem por cento. No fim de 15 dias, o próprio Ubirajara, apesar de toda a doença, fazia propaganda, junto aos vizinhos, aos amigos: "Arranjamos uma criada que é a última palavra!" Só uma coisa o preocupava: a hipótese de um namorado, noivo ou marido para aquela menina. De noite, antes de dormir, virava-se:

— O grande golpe seria que Deborá nunca mais deixasse a gente!

Sem que ninguém percebesse, nem o próprio Ubirajara, o fato é que ele devia estar muito melhor. Pelo menos, não tinha mais aquelas explosões, que faziam tremer as paredes. Por outro lado, não saía quase de casa, não ia ao cinema, ao teatro. Tornara-se caseiro como nunca. Acabou achando que Deborá trabalhava demais: insinuou que Glória devia dar uma mão à criadinha. E foi, até, meio demagógico: "Sejamos humanos, que diabo!" Como Deborá aparecesse com uns brincos, umas pulseiras, Glória correu ao marido, já imaginando um namoro. Ele ralhou:

— Será que só você é que pode ter joias? Que graça!

Aconteceu o resto, de repente. Uma manhã, Glória chamou a polícia sob a alegação de que desaparecera a sua joia mais cara. O marido, ao lado, lívido, não dizia nada. A primeira providência de Glória foi levar o investigador ao quarto de Deborá. Ia na frente, guiando: "Tenha a bondade!" No quarto, ainda ela sugeriu:

— O senhor já viu debaixo do travesseiro?

Estava, lá, com efeito, a joia. O investigador segurou Deborá pelo braço e como a menina, desesperada não quisesse ir, a autoridade perdeu a paciência e deu-lhe um tapa na boca, com as costas da mão.

Então, Deborá caiu, de joelhos, com os lábios sangrando, e berrava:

— Ela me acusa, eu sei por que: porque viu o marido me beijando! Ergue-se

e, cara a cara, com a patroa, diz-lhe:

— Pois me beijou, sim! E não foi uma vez só! Uma porção de vezes!

De tarde, na companhia da esposa, que o cutucava de vez em quando, Ubirajara prestou declarações na delegacia. Chamou Deborá de ladra para baixo.

62 - Túmulo sem nome

Doutrinava a pequena:

— Meu anjo, sabe qual é a coisa mais cretina do mundo? E ela:

— Qual?

— O ciúme.

— Por quê?

Andando de um lado para outro, metido no seu inevitável e imaculado terno branco, ele continuava:

— Porque sim! Ciúme é uma estupidez do tamanho de um bonde, percebeste? E vem cá: o que é o amor, bolas? É um problema de confiança. Muito bem. Das duas, uma: ou o marido tem confiança na mulher e a mulher no marido ou devem ambos plantar batatas!

Norma arregalava-se toda:

— Que teoria!

E ele, na sua convicção profunda:

— Mas, evidente! Natural!

O bonitão

Namoravam-se há oito meses. E quando Norma foi beijada na boca, pela primeira vez, teve uma tal comoção que, no dia seguinte, apareceu com urticária. Ela amava Jubileu com o desespero, o fanatismo, de um primeiro amor. De resto, era um belo rapaz, forte, espadaúdo, de olhos verdes e dentes perfeitos. Além do mais impressionava por uma particularidade muito interessante: a obstinação com que usava ternos brancos; e só ternos brancos, fizesse chuva ou sol. Essa predileção por uma cor, em detrimento das outras, dava o que pensar. Muitos aventuravam a blague: “Lá vem Fulano vestido de noiva!?” Outros indagavam: “Vais fazer a primeira comunhão?” Jubileu não ligava; ria também, e continuava exibindo os ternos brancos mais bem-passados do Rio de Janeiro. Parecia gostar de Norma e já prometera:

— Aguenta a mão que eu fico noivo quando arranjar emprego!

Desempregado

O emprego de Jubileu! Com seus 28 anos bem-contados, não se lhe conhecia uma ocupação passada, presente ou futura. Era o que se pode chamar um desempregado nato e talvez hereditário. Essa condição de vadio devia comprometê-lo aos olhos, pelo menos, das famílias. Mas não. No limiar dos trinta anos, já namorara a metade do Rio de Janeiro e sempre fora tratado na palma das mãos, pelas mães e pelos pais mais severos. Baseado na própria experiência, Jubileu piscava o olho para os amigos: “Esse negócio de não trabalhar dá cartaz!” De todas as pequenas, a primeira que estranhou esse total desemprego foi Norma. Meio sem jeito, sugere:

— Você precisa arranjar trabalho, meu filho!

No momento, Jubileu estava limpando as unhas com um pau de fósforo. Ergueu o rosto, encarou-a:

— Estou agindo, estou agindo!

E mais não disse. Fosse como fosse, Norma deu-se por satisfeita. Daí a dois dias coincidiu que o pai da pequena, velho ranheta, fizesse um comício, dentro de casa, contra a ociosidade do futuro genro. Com carradas de razão, ele queria saber, em síntese: como é que, sem emprego, Jubileu podia ter uma impressionante coleção de ternos brancos? Como podia pagar a lavagem dos referidos ternos? A própria Norma embatucou. Engolindo em seco, desculpou o namorado como pôde:

— Está procurando emprego! Está agindo!

Cínico

Mais 24 horas e Jubileu aparece, radiante: “Meu anjo, parece que a pátria está salva!” Senta-se ao lado da pequena, na sala de visitas, acende um cigarro e começa:

— Eu sempre te disse, não foi? Que ciúme é bobagem, estupidez e outros bichos?

— Disse.

Jubileu baixa a voz e desenvolve o tema: “Quando eu digo ciúme, quero dizer também fidelidade.” Pausa. Norma esbugalha os olhos: “Como?” Ele trata de escolher as palavras:

— É o seguinte: fidelidade não deve ser uma obrigação. Compreendeu? — e repete: — Se a fidelidade passa a ser uma obrigação, deixa de ter graça, evidente. É ou não é?

A pequena ergueu-se, em câmara lenta, estupefata. “Você quer dizer o quê? Que eu posso ser infiel? É isso?” Impressionado com a reação da garota, Jubileu teve medo e, claro, efetuou uma fulminante marcha a ré. Pigarreia e nega, cinicamente:

— Você interpretou mal. E que ideia faz você de mim, carambolas?

Ela senta-se de novo, abana-se:

— Puxa! Que susto você me deu!

Então, para debilitar a pequena, começa: põe-lhe a mão em cima do joelho e vai subindo, por debaixo do vestido.

Miserando

Finalmente, Jubileu conta, por alto, um fabuloso negócio que significava, nada mais, nada menos, que a “salvação da pátria”. Insiste, esfregando as mãos:

— Saindo esse negócio, a gente podia casar amanhã mesmo!

Norma pula:

— Opa!

Jubileu levantou-se, deu-lhe as mais solenes garantias: “Mobília de quarto, sala, tudo!” Então, na sua impressão profunda, a menina quis saber que prodigioso negócio era este, em que consistia e o que era preciso fazer. Jubileu vacila. Larga o cigarro no chão, pisa a brasa e conclui, coçando a cabeça:

— Depois te conto. Basta que saibas o seguinte: espero ganhar nunca menos de cem contos!

Os cem contos

Nessa noite, Norma não dormiu direito, com a cabeça cheia de contos. E vamos e venhamos, a quantia era realmente deslumbrante — cem mil cruzeiros! Nos dias seguintes, não deixou o noivo em paz: “E o tal negócio? Como é? Sai ou não sai?” Ele achou que era mais tático despistar, fazer mistério: “Ainda não está na hora! Eu te aviso!” A pequena, que era curiosa por natureza, fazia mil e uma especulações: “Que será, meu Deus?” Aquilo já a estava pondo doente. Uma noite, agarrou o namorado: “Conta, conta!” Jubileu tem um derradeiro escrúpulo: “Não sei se devo...” Norma, já nervosa, ameaça: “Zango contigo!” Ele suspira:

— Bem. Pra início de conversa, é um negócio que depende de ti, exclusivamente de ti.

Empalideceu:

— De mim? Como? E por quê?

E ele:

— Tu conheces o Sampaio, não conhece?

Fez que sim, com a cabeça. Então, Jubileu diz, textualmente, que o Sampaio era “tarado” por ela. Com o lábio inferior tremendo, a garota indaga: “E que mais?” O noivo prosseguia, gaguejante, atropelando as palavras. Rico, podre de rico, e cheio do burro do dinheiro, o Sampaio estava disposto a pagar caro, caríssimo um “capricho”. Norma perguntava: “Qual?” Jubileu já não sabe se deve prosseguir ou parar. Há uma pausa incômoda e interminável. É instigado: “Acaba!” Jubileu ergue-se. Com as duas mãos enfiadas nos bolsos, anda de um lado para outro. Finalmente, estaca diante da pequena:

— O Sampaio propôs o seguinte, vê só: na véspera do nosso casamento, tu dás um passeio com ele, de automóvel. Por esse passeio, ele paga cem mil cruzeiros! Na bucha!

Novo silêncio. Norma aperta a cabeça entre as mãos, fechando os olhos. Tenta assimilar o fato. Abre os olhos, emenda as perguntas: “Passeio como? Sozinha? E só passeio? Responde, é apenas passeio?” Acuado, Jubileu explode: “Sei lá! Isso é com ele!” E, súbito, agarra-se à pequena: “Compreendeste o golpe?” Ela não diz nada, e Jubileu continua:

— Olha, que cem contos não são cem mil réis! Com essa gaita, nós vamos

tirar o pé da lama. Tu podes comprar as duas mobílias, televisão, enceradeira, aspirador de pó, o diabo! O negócio é toma lá, dá cá!

Reação

Norma levanta-se, branca. E receia diante do namorado. Na sua violência contida, aponta: “Saia, já! Saia!” Desconcertado Jubileu gagueja: “Mas que é isso? Calma!” Quer tocá-la, mas a garota se crispa, rente à parede:

— Cachorro! Seu cachorro!

Apavorado, o rapaz, no seu terno branco, baixa a cabeça e sai. Imediatamente, Norma reúne toda a família e foi lacônica, definitiva: “Desmanchei tudo!” Tremia, ao dizer isso, torturada de febre. Os pais, que não gostavam do pretendente, entreolharam-se, sem comentário. E, então, com os braços cruzados, atormentada de arrepios, a menina recolheu-se. Era jeitosa de corpo e de rosto, doce de coração e ainda nova. Teria, se quisesse, a seus pés, partidos bem melhores e mais honestos. Não quis, porém. Olhava o caso de Jubileu como um fim de mundo. Dir-se-ia que a infâmia de um único homem implicava todos os demais. Passou a noite em claro, dizendo, de si para si, num ódio indiscriminado: “São uns bandidos!” E não resta dúvida que a febre alimentava seu desespero. Quase ao amanhecer, quando já sumia a última estreia da noite, Norma escreveu, a lápis, na parede: “Os homens não gostam de mulher fiel.” E foi só. Mas quando a criada acordou e passava pelo corredor, viu, ao fundo, o vulto suspenso. Certa de que nenhum homem lhe daria o direito de ser fiel — enforcou-se a pequena. No seio, encontraram um bilhete, onde a suicida pedia que não pusessem nome no seu túmulo.

63 - Servidão

Trabalhava no café-expresso. Não era bonita, nem feia. Talvez magra demais. Mas tinha um quê misterioso, indefinível, que atraía os homens. E, além disso, possuía uma qualidade que exaspera velhos e moços: não dava confiança. Até com o gerente do café era um caso sério. Uma vez, na hora da saída, o gerente se permitiu a seguinte e sintomática pergunta: “Pode ser ou está difícil?” Respondeu:

— Está difícil.

Com a freguesia, a mesma coisa. Amarrava a cara, distribuía as xícaras; muitos fregueses faziam convites: “Vamos meter um cineminha?” Ou ainda: “Vamos dar uma voltinha de automóvel?” Um velho foi mais longe: balbuciou a oferta: “Quinhentos cruzeiros adiantados e já sabe...” Nem respondia, nem olhava. Sua reação única e quase imperceptível era o jeito sardônico na boca. As colegas de trabalho pasmavam: “Você é mesmo burra.” Outra suspirava:

— Por quinhentos cruzeiros eu fazia miséria! E ela, na sua obstinação inexplicável:

— Não interessa! Não interessa!

Andava sempre só e ninguém conhecia um caso de amor em sua vida. Com o tempo, as companheiras de trabalho passaram a explicar assim a atitude de Julinha: “É fria.” Até que, uma tarde, houve um frêmito muito especial entre as pequenas do café. Uma delas cochichou para a mais próxima:

— O filho do patrão!

O filho do patrão

De vez em quando, ele aparecia por lá. Chamava-se Reinaldo e era forte, bonito, de um moreno intenso que fazia pensar nos havaianos de fita de cinema. Com tantas virtudes e, ainda por cima, com automóvel e dinheiro, julgava-se irresistível. Tinha não sei quantas namoradas e conseguia não gostar de nenhuma. Uma vez ou outra experimentava um certo tédio das grã-finas e começava a perseguir mocinhas plebeias, inclusive empregadinhas. Naquele dia, Reinaldo estava justamente num estado de crise, de fastio, de saturação. Virou-se para um amigo; admitiu: “Hoje, eu estava querendo uma pequena bem ordinária.” Passou pelo café do pai e se lembrou das meninas de lá. Fez seus cálculos: “Vou ver se tem alguma que valha a pena.” E, então, com sua pele morena de Apolo de praia, correu com os olhos, uma por uma. O gerente, ao lado, esperava o resultado da seleção. Por fim, Reinaldo perguntava: “Como é o nome daquela?” O gerente identificou, à distância:

— Julinha.

— Que tal?

O gerente coçou a cabeça; mas foi franco:

— Meio chata.

— Por quê?

— Mascarada. Um caso sério.

Mas esta informação, em vez de esfriar, estimulou Reinaldo. Cutucou o gerente: “Mete as caras.” Rápido e eficiente, o gerente foi chamar a pequena. “Pode ir. Pode ir.” Ela não fez nenhum comentário. Largou o que estava fazendo, encaminhou-se para o vestiário. O gerente ainda fez a advertência: “Depressinha.” Sem que ele ouvisse, Julinha trincou nos dentes a má-criação: “Não amola.” Uma das colegas; de passagem, soprou-lhe:

— Vais passar bem! Aproveita!

Entrevista

Demorou-se bastante no vestiário. O gerente, que devia o emprego a Reinaldo, foi bater na porta. De dentro, veio a resposta, meio insolente: “Calma! Calma no Brasil!” O gerente rosnou.

Finalmente, senhora de si e dos próprios nervos, Julinha saiu. Reinaldo a esperava, de fato, na esquina, já impaciente. Quando Julinha apareceu à distância, ele sorriu, esperando que a menina viesse, disciplinada, ao seu encontro. Julinha, porém, caminhava olhando para a frente e ia passar acintosamente, ao largo. Instintivamente, Reinaldo pôs as duas mãos nos quadris, estupefato. E como a menina, em passos rápidos e firmes, já fosse longe, correu-lhe, ao encalço. Agora, lado a lado interpelava:

— Que diabo! Eu esperando e você nem pelota!

Interrompeu:

— Como vai o senhor? Vai bem?

Desconcertado, balbuciou:

— Bem. O automóvel está lá embaixo. Quer uma carona?

— Muito obrigada.

— Não quer?

— Não.

— Mas não quer por quê? É tão natural!

Deu a resposta fria: “Prefiro o ônibus.” Inclinou-se diante do rapaz espantadíssimo: “Passe bem.”

Virou-lhe as costas e foi-se embora.

Obsessão

Indignado, Reinaldo voltou ao café. Levou o gerente para um canto. Contou o episódio. O gerente coçou a cabeça:

— Essa gaja é assim mesmo, metida a besta.

Mas Reinaldo, no seu despeito de filhinho de papai, com o hábito de conquista fácil, queria uma explicação: “Tem algum compromisso? É noiva? Casada?” O outro suspirou:

— Pois é. Não tem compromisso nenhum. Não é noiva nem casada. Não gosta de ninguém — e resumiu tudo numa síntese feroz: — Uma chata!

— Paciência — resmungou Reinaldo. — Que se dane! Saiu dali, foi-se encontrar com uma pequena, uma loura realmente linda, que era um dos seus casos mais recentes e espetaculares. Na companhia da loura, porém, experimentou a crise mais séria, mais aguda de tédio, de toda a sua vida. E só pensava na outra, na garçonete do café-expresso. No dia seguinte, estava de novo, na esquina. Mais senhor de si, não se deixou perturbar como da véspera. Era geralmente cínico com as mulheres e costumava tirar partido do próprio cinismo. Quando a pequena apareceu, foi direto, claro, contundente. Começou, propondo: “Queres fazer um trato comigo?” Não sabia o que era, nem podia imaginar o que fosse. Ainda assim, com um meio-sorriso de mofa, disse:

— Não.

E ele:

— Mas você não sabe o que é, carambolas!

— Não interessa.

Então, Reinaldo perdeu a paciência. Foi de uma grosseria abjeta. Disse:

“Quero você para isso, isso, isso. Pago. Tenho dinheiro. Mil cruzeiros, por uma hora comigo, um lugar assim, assim.” Apesar da proposta ignóbil, Julinha não perdeu a calma. Deixou que ele falasse; saturou-se, bem, da infâmia. Quando o rapaz, enojado subitamente das próprias palavras e dos próprios sentimentos, concluiu, ela respondeu:

— Topo tudo isso. Contanto que você se case comigo. Tonteou: “Casar?” E ela:

— Só casando, ouviu? Só casando!

Apaixonado

Todos os dias, vinha esperá-la, cada vez mais dominado, cada vez mais submisso à própria paixão. O gerente do café, apavorado, ponderava: “Mas aqui há outras muito melhores, que, inclusive, topam.” Reinaldo respondia, como um maníaco: “Quero essa. Só essa!” Admitia: “Eu sei que é uma aberração.” Sabia, sim. Mas, dia e noite, só pensava nela. Encarniçava-se em sua perseguição. Não raro, praguejava: “Sua isso! Sua aquilo!” Brigou com uma série de meninas, perfeitas, finas, graciosas. Nenhuma mulher o interessava, a não ser aquela. Julinha continuava impassível. Sua única reação era o meio-riso sardônico que lhe arregaçava o lábio superior:

— Só casando. Só casando.

Ele queria replicar: “Mas você não percebe que somos de classes diferentes? Meu pai é milionário, minha mãe, neta de barão. Ao passo que você...” Cravava nela o olhar cruel, completando: “Você é quase uma vagabunda.” O termo vagabunda a fazia crispar-se, como se doesse na sua carne. Ainda assim, continha-se: “Case comigo e terá tudo.” Ele, fora de si, oferecia dinheiro ou, então, prometia: “Te dou um automóvel, queres?” Ela, porém, queria apenas o casamento, nada mais. O gerente do café, muito prático, sugeria a hipótese:

— Tem um parafuso a menos.

Solução

Reinaldo sentiu que chegava ao limite de suas forças. Combinou com Julinha um encontro numa sorveteria. E, lá, com duas taças de sorvete, na mesa, disse o que tinha a dizer:

— Você não vale um níquel. É um bucho, eu sei que você é um bucho — e tomou respiração para acrescentar: — Mas eu caso, pronto, caso, sua cretina.

Parecia um louco, ao dizer isso. Quando a família soube, foi um escândalo tremendo. A mãe, que tinha a pressão baixa, quase morreu. O pai, esbravejante, disse que aquilo era caso de internação. Mas acabaram cedendo. Julinha, porém, se mantinha implacável. Foi avisando: "Já sabe como: beijos e outros bichos só depois do casamento." Reinaldo, possesso, tinha vontade de chorar, de espernear como um menino. Encharcava-se de bebida: "Ela me põe maluco. Faz de mim gato e sapato", gemia ele. E parecia encontrar, nessa sujeição, nesse progressivo aviltamento, um deleite mortal. Enfim, casaram-se. No dia, ele parecia um louco, com uns olhos fixos e brilhantes. À meia-noite, quando os dois ficaram sozinhos, ele, como um esfomea-do, quis beijá-la, Julinha se desprendeu. E, erguendo o rosto, disse:

— Tu me chamaste de vagabunda, de bucho. Nunca terás nada de mim, nunca!

Reinaldo compreendeu que seria assim. Para sempre assim. Então, sentindo-se perdido, caiu de joelhos, cobrindo o rosto com as duas mãos. Chorava loucamente.

64 - A úlcera

Primeiro, houve um conselho de família, grave, quase fúnebre. Até os sogros compareceram. Todos presentes e instalados na sala, inclusive o médico da família, formulou-se a questão:

— Opera ou não opera?

Silêncio. O médico da família olhou para um, para outro e, finalmente, tomou a palavra; sentado e com as duas mãos espalmadas sobre os próprios joelhos, opinou:

— Acho negócio a operação.

Pronto. Todos, imediatamente, começaram a falar ao mesmo tempo. Uns, mais positivos e entusiastas, eram taxativos:

— Deve operar, sim!

Outros coçavam a cabeça, numa pusilanimidade evidente:

— Não seria melhor esperar? Quem sabe se dieta não resolvia?

Voltaram-se para Oliveira, o marido:

— E você, Fulano? É contra ou a favor da operação?

O marido ergueu-se, enfiou as duas mãos nos bolsos, foi até a janela, em meio da expectativa geral; sentou-se outra vez, e desiludiu todo mundo:

— Eu não me meto. Eu não dou palpite.

Houve um oh de indignação. Mas ele teimou. Era, por natureza, inimigo de tudo que cheirasse a sangue e fosse mutilante. Considerava a cirurgia uma coisa de açougue; via cada cirurgião como um Jack, o Estripador, licenciado. Numa reação puramente afetiva, exagerava, dramatizava: “Sou contra esse negócio de cortar! Não topo!” A sala encheu-se de exclamações: “Mas que bobagem! Ora veja!” Ele acabou se levantando, saindo da sala, de uma maneira quase indelicada. Então, na ausência do marido, agarraram-se à principal interessada, que estava num canto, um ar de prostração, de ausência, desprendida de tudo e de todos. Estendida numa espreguiçadeira, muito pálida, um perfil nítido, os pulsos finos e transparentes — Dagmar parecia ignorar que era dela que se tratava, de sua operação. Quando se sentiu interpelada, abriu os olhos; e, na sua fadiga de corpo e de alma, suspirou:

— Vamos acabar com isso... Eu me opero, sim...

Primeira noite

Dagmar e Oliveira estavam casados há cinco anos. E, já no namoro, ela costumava dizer: “Sofro muito do estômago.” Tinha azias tremendas, golfadas secas e ardentes, dessas que queimam a garganta. Queixava-se, apertando o ventre com as duas mãos: “Sabe qual é a minha impressão direitinho? Que há uma chaga aqui dentro!” Calcava o ponto: “Aqui!” E foi trágica a sua primeira noite nupcial. Já na igreja, diante do altar, fora atormentada de azias. E, de noite, quando entrou no apartamento, Oliveira, sôfrego, deu-lhe um beijo na boca. Ela, porém, atirando longe a grinalda, desprendeu-se dele:

— Tem paciência, meu filho! Você vai me desculpar, mas é que eu estou sentindo o diabo! Ai que eu não aguento, meu Deus!

Fez o marido pôr a mão na altura do estômago:

— Aí mesmo. Viu como lateja?

E ele:

— Deita um pouco, que passa.

Ela se deitou, sim, gemendo, mas aquilo não passou. De manhã cedinho, insone, o Oliveira fazia o comentário interior: “Que azar tremendo!” Passaram-se os dias, os meses. Dagmar, logo que se apanhava melhorzinha, facilitava; e recaía, fatalmente. Repetia a suspeita de úlcera; fugia das radiografias, no pânico da operação. A irmã, Verinha, de 17 anos, muito bonitinha e viva, vivia aconselhando:

— Se eu fosse você, entrava logo na faca e liquidava o assunto!

Dagmar batia na madeira:

— Isola!

A esperança de Dagmar era que fosse fígado ou coisa parecida. Só não queria que fosse úlcera. Tinha horror da palavra.

E como a irmã teimasse na operação, ela explodiu: “Você parece que quer ver a minha caveira!”

O martírio

Mas acabaram tirando a radiografia, constatando a úlcera. Houve a tal reunião de família e a própria, cansada de sofrer, pôs um ponto final no problema: “Eu me opero, sim.” O médico da família, esfregando as mãos de contente, ainda fez o comentário otimista:

— Operação de úlcera, minha filha, é café pequeno! Barbada!

Nessa noite, quando marido e mulher fecharam a porta do quarto, ele, tirando a gravata e desabotoando a camisa, teve o desabafo:

— Foi bom assim, foi ótimo. Você faz logo essa operação e acaba com isso.

Dagmar que, diante do espelho, desprendia os brincos, sugeriu:

— E se eu morrer?

O marido exaltou-se:

— Ah, meu Deus do céu, já começa você! Que mania!

Mas Dagmar, doce e firme, insistiu:

— Posso morrer, sim, por que não? Posso, até, ficar na mesa. Mas não interessa — e baixando a voz, debruçada no ombro do marido, com humildade: — Se eu morrer, você se casa outra vez, casa?

— Não amola!

E ela, numa surda irritação que gradualmente a foi dominando:

— Você se casa, sim, que eu sei. Eu conheço os homens. E é natural. Mas só uma coisa eu quero de ti: que te cases com qualquer mulher, menos uma: Verinha. Com minha irmã, não, ouviste? Nunca!

E ele, pálido, o lábio trêmulo:

— Oh, Dag!

Ela, já chorando, continuou: “Sempre achei indecente o casamento de um viúvo com a irmã da mulher. E se, apesar do meu pedido, tu teimares, eu te juro que...” Oliveira, comovido, se abraçou à mulher que soluçava, perdidamente: “Mas que bobagem! Que criancice!”

A operação

Finalmente, chegou o dia da operação. Oliveira, nervosíssimo, avisou a todo mundo:

— Não vou ao hospital, pelo seguinte: quando vejo um cirurgião, tenho vontade de dar um soco na cara. Palavra de honra!

Na hora em que se despediu da mulher e a beijou, esta, abraçada a ele, sussurrou ao ouvido: “Tenho certeza que Verinha deseja a minha morte. Mas Deus é grande!” Oliveira ficou em casa, fumando um cigarro atrás do outro. Ao seu lado, Verinha. E uma coisa não lhe saía da cabeça: o pedido estranho e fúnebre que lhe fizera a esposa. E este pedido era tanto mais estranho quanto as duas irmãs tinham uma recíproca adoração. Na expectativa de uma notícia e saturado dessa espera, ele se afundou na poltrona, fechou os olhos. E, de repente, sentiu que uma mão pousava na sua. Abriu os olhos: era, e só podia ser, Verinha. Ele não se mexeu, deixou, até, de respirar. Olharam-se apenas, como pessoas que se veem pela primeira vez. Mas, neste momento, bateu o telefone. Os dois correram: era a primeira notícia. E Oliveira, transfigurado:

— Quer dizer que foi tudo bem, tudo o.k.?

Partiram os dois, de automóvel, para o hospital. E lá, de saída, encontraram o médico. Este deu o braço ao rapaz e o trouxe para um canto. E disse, então, que a operação correra muito bem, mas acontece que, aberta a barriga, verificou-se que não era úlcera. Assombrado, Oliveira, pergunta:

— Era, então, o quê?

O médico, com um olhar muito firme, deu a notícia:

— Câncer.

Agonia

Durante três eu quatro dias, Oliveira esbravejou contra a medicina em geral e a cirurgia em particular. Apertando a cabeça entre as mãos, clamava: “Mas que operação cretina, meu Deus do céu!” Olhava para o alto, perguntava aos céus: “Então, foi para isso que abriram a barriga de minha mulher?” Dagmar, no leito, com um olhar intenso e fixo de condenada, os braços cada vez mais finos, o fôlego curto, parecia feliz: julgava-se fora de perigo, convalescente, queria saber:

— Quer dizer que eu vou poder comer de tudo?

O médico, com o descaro profissional e necessário, respondia: “Mais tarde, mais tarde.” As pessoas entravam no seu quarto como numa câmara ardente. E já se sabia que teria de três a quatro meses de vida, no máximo. Certa noite, em que Oliveira e Verinha tomavam conta da moribunda, esta passou pior. Febril e sem ver as duas testemunhas do seu delírio, Dagmar chamava a irmã de “indecente”, de “cínica”. Debatia-se, gritando: “Tu casa com qualquer uma... Menos com essa desgraçada.” Oliveira, do lado, apavorado, pedia a Deus que a fizesse calar. Quanto à Verinha, ouvia só, com o rosto impassível, inescrutável. Parecia saturar-se do ódio da outra. E quando, enfim, Dag emudeceu, talvez para sempre, Verinha, que estava do outro lado da cama, fez a volta, em passos lentos e firmes. Diante do cunhado, curvou-se rápida; imobilizou o seu rosto entre as mãos e o beijou longamente na boca. Depois, voltou para o seu lugar, sentou-se e pôs-se a rezar. A irmã morreu ao amanhecer.

65 - O pó

Casou-se na presunção de que não poderia ter filhos. Trinta dias depois, porém, chamou o marido:

— Armindo, estou sentindo uns negócios.

Ele, que estava lendo um jornal, virou-se para a mulher: coçou a cabeça e concluiu:

— Deve ser gripe.

Era um desses homens que veem gripe em qualquer sintoma. E foi preciso que a mulher dissesse que não era gripe, explicasse que era um enjoo misterioso e muito especial. O marido pôs de lado o jornal:

— Enjoo?

Pois é. E ando muito nervosa. Não sei o que é que eu tenho. Uma coisa, não sei.

— Amanhã vai ao médico, sem falta — decidiu Armindo. Antes que o mal cresça.

No dia seguinte, com efeito, estava no consultório. O médico examinou; e, no fim, perguntou, divertido:

— Que doença pode ter uma mulher que se casou há um mês? Hein? Diga?

Ela, atônita, balbuciou a pergunta:

— Será que eu estou?

— Evidente!

De noite, em casa, o marido, excitado com a notícia, esfregava as mãos:

— Nós somos dois imbecis! Como é que não vimos logo, de cara, que era isso? Só podia ser isso!

A filha

A filha nasceu, na data prevista. Era uma coisa miúda, de uma fragilidade inverossímil, que caberia, perfeitamente, numa caixa de sapato. O pai interpelou o médico no corredor:

— É defeituosa?

— Por quê?

— Tão pequenininha!

O médico bateu cordialmente nas costas do pai:

— Que nada! Normal. Não tem nada demais, nem de menos.

Mas não era normal, não. Era um sopro de vida que se poderia extinguir a qualquer momento. O primeiro mês foi uma coisa patética. Ninguém dormia, à espera de que a menina morresse. Só a custa de muito trato, de muito amor, de uma assistência de todos os minutos, ela pôde, aos pouquinhos, ir reagindo. Era, porém, doentinha, e continuava de fragilidade impressionante. Chorava muito, chorava horas inteiras. A mãe ia apanhar a pequena no berço; ficava, com a menina no colo, andando de um lado para outro. Dava o seio, que Eliete (chamava-se Eliete), rejeitava; tentava em seguida a chupeta, com o mesmo insucesso. Acabava perdendo a paciência:

As tias, desesperadas, sugeriam:

— Criança quando chora assim, já sabe. É dor de barriguinha. Batata que é!

Vinham as sugestões: “Dá isso, dá aquilo!” Terceiros lembravam: “Um chazinho de erva-doce. Que tal?”

A mãe, chorando, passava Eliete adiante e esbravejava:

— Que mal fiz a Deus?

Fim de amor

De noite, era um verdadeiro inferno. Dir-se-ia que o misterioso mal de Eliete tinha hora marcada. À meia-noite, a menina começava a chorar. E pronto. Não havia colo, nem afagos, nem cantorias, que aplanasse aquele choro sem fim. Armindo ficava fora de si. O sofrimento de qualquer criança o alucinava e, sobretudo, o sofrimento de uma filha. Sugeria à mulher:

— Dá uma massagem na barriguinha, dá?

A princípio, ela procurava controlar os próprios nervos. Mas acabou não se contendo. Virava-se para o marido:

— Toma, carrega tua filha, carrega. Eu já não posso mais, não aguento!

Armindo não dizia uma, nem duas; apanhava a filha e perdia noites, com a menina no colo. E uma coisa o assombrava como um crime: enquanto Eliete chorava ao longo das horas, a mãe dormia, docemente, um sono de anjo. Com a filha nos braços, ele fazia a exclamação: “Como pode! Como pode!” Aguentou a situação uma temporada; explodiu, afinal:

— Você parece que não tem sentimento!

Ela o encarou:

— Ora, Fulano! Eu sou a mãe, você é o pai!

— Mas você nem liga!

A partir de então, começaram os atritos entre pai e mãe por causa da filha.

Mas a intolerância da mulher era cada vez maior. Abandonava todos os disfarces: “Essa menina é manhosa que Deus te livre!” Durante o dia, na ausência de Armindo, largava Eliete na cama e não admitia que ninguém a carregasse no colo. Passou a defender certas teorias que horrorizavam o esposo:

— O choro é bom para desenvolver os pulmões, ótimo!

E quando Armindo, certa vez, condenou sua insensibilidade, enfureceu-se, definitivamente:

— Ela estragou o nosso casamento!

Então, o marido, saturado de discussões, passou a cuidar da filha quando estava em casa. A mulher ia aos cinemas, aos teatros, com amigas, com famílias da vizinhança, ao passo que ele, conformadíssimo, dizia:

— Pode ir que eu fico. Eu tomo conta da Elietinha.

Mudava as fraldinhas da menina. E, uma tarde, a esposa se enfureceu:

— Você quando mudar a fralda da menina, vê se depois lava as mãos, que diabo!

O outro

Nem o marido, nem a mulher tinham mais dúvidas: o amor estava morto, enterrado. Até que, de repente, Eliete parou de chorar. Passava noites de anjo, sem acordar uma única vez. Tanto que, certa vez, impressionado com o sossego, Armindo se levantou e veio espiar assustado. Pôs a mão no peito da garota e só voltou quando sentiu as batidas no peitinho.

Pela manhã, escovando os dentes, disse:

— Eliete já não chora mais de noite.

E a mulher, da cama:

— Nem de noite, nem de dia.

Ele parecia intrigado:

— Gozado, não é?

Foi então que, depois de hesitar um segundo, a esposa revelou: “Arranjei um remédio fabuloso. Ponho na mamadeira e é batata.”

— Que remédio?

— Você não conhece.

Foi por essa época que Armindo começou a notar que a mulher já não era a mesma. Era uma transformação que ele não sabia definir. Inclusive fisicamente. De vez em quando, sentia nos seus olhos um novo brilho e em toda a sua atitude como que um deslumbramento. Fosse o que fosse, uma coisa era verdade: ela não estava normal nesses momentos. Até que, um dia, adoeceu no trabalho; voltou para casa muito antes da hora. A esposa estava, no momento, preparando a mamadeira da filha. De costas, não viu quando o marido chegou. Ele poderia ter falado ou feito um barulho qualquer. Mas não. A mulher misturava um pó no leite da filha. E, ao mesmo tempo, reservava, para si, certas quantidades desse pó, que aspirava. E, de repente, põe o bico da mamadeira e se vira. Assombra-se ao ver o marido. Num movimento instintivo, quer esconder a mamadeira. Esse gesto de medo, de fuga frustrada, iluminou subitamente tudo. Lívido, Armindo balbuciou:

— Cocaína!

O pó

Era, de fato, cocaína, que a mãe aspirava e que misturava ao leite da filha. Então, fora de si, ele se precipitou, chegou a segurar a mulher pelo pulso. Com uma força insuspeitada, ela se desprendeu. Foi mais rápida do que ele. Passou pela porta e corria para o quarto. Só depois Armindo compreenderia porque a mulher não procurara a porta da rua. Entraram no quarto quase ao mesmo tempo. Ela ainda fez uma tentativa desesperada de fechar a porta atrás de si, e não o conseguiu. Mas Armindo, que ia disposto a todas as violências, estacou, desconcertado. Dentro do quarto estava um homem, sentado na cama, com os olhos de êxtase. Não pareceu surpreso; dir-se-ia fechado no seu mundo. A mulher se colocou entre o marido e o outro. Erguia o rosto, parecia desafiar o marido:

— Não encosta a mão nele! Não encosta a mão nele!

Mas Armindo, cego de ódio, empurrou-a, para longe. Segurou o desconhecido pela gola, suspendeu-o, trincava as palavras:

— Foi você, seu cachorro!

O outro não fez um gesto, indefeso diante dessa raiva. A mulher, porém, corria; apanhava a filha no berço, carregava a filha. Naquele momento, as mãos de Armindo se fechava sobre o pescoço do desconhecido. Ia matar o homem que dera cocaína para sua filha. O outro estava roxo e... E, então, a mulher pôs-se a berrar:

— Eu mato tua filha! Mato! Mato!

Armindo virou-se, espantado. Largou o outro; disse e repetiu, quase chorando: “Não! Não! Não!” Ela dominou a situação, comandou daí por diante as atitudes do marido. E, por fim, disse:

— Você vai ficar aqui, enquanto eu saio. Eu deixo a pequena na vizinha. Mas se fizer um gesto, já sabe.

O desconhecido parecia, agora, espantado. Vestia o paletó. Armindo não fez um gesto, não disse uma palavra, quando eles passaram.

66 - Flor de laranjeira

Baixou a voz:

— Sabe qual é o golpe?

— Qual?

E ele, com a boca encostada no seu ouvido:

— Você mata o serviço hoje e vamos ao cinema. Topas?

Hesitou, numa tentação deliciosa. Antes de capitular, porém, bateu na mesma tecla:

— Então, jura que não és casado, jura.

Recuou, quase ofendido: “Mas você duvida? Não te jurei umas quinhentas vezes? Não te dei minha palavra? Parece, até, que você não tem confiança em mim!” Era um namoro recentíssimo, de três ou quatro dias. Educada no santo e necessário horror ao homem casado, Carmelita duvidava ainda, duvidava sempre. Acabou admitindo o cinema, com uma última condição:

— E você promete que, lá, fica quietinho, promete?

Enfiou as duas mãos nos bolsos:

— Prometo, prometo. E vamos chispar que está em cima da hora!

Mas quando chegaram no Metro e Carmelita viu que era filme nacional, refugou: “Não gosto de cinema brasileiro. Não tolero!” Cabeleira perdeu a paciência. Na porta do Metro, foi cínico, foi brutal:

— Tu pensas que eu vim ao cinema contigo para ver fitas? Tem dó. Vamos entrar, anda. Olha que eu zango contigo.

O beijo

Lá dentro, ele atrás da pequena, soprou: “Vamos para cima.” Argumentou: “É mais discreto.” Nova resistência: “Não vou. Pra cima, não vou.” Então, Cabeleira resolveu ser enérgico. Segurou a pequena pelo braço, arrastou-a: “Que bobagem! Vamos!” Sentaram-se no canto mais discreto e vasto do cinema. Uns cem segundos depois, no apogeu do suplemento nacional, resolve desfechar seu primeiro beijo. Agiu de maneira decisiva e fulminante, esmagando qualquer resistência. Teve, então, a surpresa. Beijada, Carmelita punha-se a respirar alto, forte, como se faltasse ar, numa dispneia tremenda. Ao mesmo tempo, ele sentia que as mãos da pequena gelavam. Olhou para os lados, assustadíssimo, já prevendo que o vaga-lume aparecesse ali e fizesse incidir sobre eles a lanterninha acusadora. Chamava, em voz baixa: “Fulana! Fulana!” E pedia:

— Não faz escândalo! Não faz escândalo!

Cinco minutos depois, percebendo que Carmelita estava mais ou menos recuperada, teve a iniciativa de propor: “Vamos embora, vamos?” Saíram. E, na rua, impressionado, perguntou:

— Mas que foi que houve contigo?

Ainda arrepiada, admitiu, doce e triste:

— Gostei demais!

Drama

Procurou disfarçar o mais possível. Mas já era outro homem e seu interesse sofrera uma queda vertical. Quando se despediram, ela apertou na sua a mão do rapaz:

— Vou te dizer uma coisa.

— Diz.

Baixou os olhos:

— Eu nunca tinha sido beijada. Quero ver minha mãe morta se estou mentindo. Você foi o primeiro homem a me beijar — pausa e completou: — E eu espero que seja o último.

Deu a face para que ele a beijasse e balbuciou o pedido: “Telefone, sim?” Saiu dali, desesperado. E, mais tarde, com um amigo, contou o episódio: “Beijei uma pequena, um beijo sem maiores pretensões e ela só faltou subir pelas paredes.” O outro, de lábio trêmulo, confessou:

— Essa é das minhas. Gosto de mulher assim.

Cabeleira suspirou:

— Nem oito, nem oitenta. Tomei um tal enjoo, que já não acho mais a mínima graça na Fulana. Vou chutá-la.

O chute

No dia seguinte, ela o esperava no seu melhor vestidinho, gordinha e linda. Recebeu-o com um ar de humildade, de adoração e anunciou: “Sabe que eu tive um sonho contigo? Mas não posso contar, porque...”

— Por que, o quê?

Desviou a vista:

— Porque é impróprio para menores.

Foi essa ternura que o decidiu. Pigarreou e disse:

— Preciso te contar um negócio muito sério.

E ela:

— Fala.

Sem uma palavra, ele enfiou a mão no bolso, apanhou uma aliança, que colocou no dedo adequado. Atônita, Carmelita parecia entender. Mas era óbvio: Cabeleira pousava agora a mão esquerda em cima da mesa, com a aliança evidente, inequívoca, insofismável. Durante alguns momentos, olharam-se em silêncio. Com uma doçura inimaginável, ela perguntou:

— Casado? Você é casado?

— Sou. Casado no civil e no religioso. Pai de filhos e outros bichos. Moro com minha mulher, gosto dela, não me separo nem a bacamarte.

Quando Carmelita começou a chorar, ele, tomado de uma pena súbita, apanhou-lhe a mão: “Mas que é isso? Ora essa!” De repente, começou a falar de si mesmo: “Fiz um papel contigo indecentérrimo. Sabes que eu me sinto um canalha, a teu lado?” A pequena assoou-se no lencinho. Apanhou a bolsa, ergueu-se:

— De hoje em diante, nunca mais fala comigo.

Perseguição

Em casa, Cabeleira custou a dormir: “Que sujeira abominável!” Só conseguiu anestesiar a consciência quando chegou, de boa-fé, à seguinte conclusão: “Foi melhor assim. Foi mais negócio, inclusive pra pequena.” Mas, no dia seguinte, a própria Carmelita, em carne e osso, comparecia ao seu escritório. Conversaram no corredor. E a menina, com uma dignidade muito doce, deu o dito por não dito. Esteve realmente lancinante ao concluir: “Gosto de ti assim mesmo, de qualquer maneira, casado ou solteiro, com filhos ou sem filhos.” Durante umas 48 horas, Cabeleira viveu dominado pela maior e mais dolorosa perplexidade. Não sabia o que pensar, o que fazer. Andou saindo com a menina e insistia: “Pensaste bem?” Respondia, com uma coragem alarmante: “Contigo vou ao fim do mundo!” Foram ao cinema e, na saída, Carmelita tem um lamento:

— Você não me beijou. Você não me deu nem um beijinho.

O amigo

Coincidiu que, por essa época, Cabeleira encontra-se na rua com o Carvalhinho. Este se arremessou de braços abertos, numa efusão de arrepiar. Dois anos atrás, ele arranjara um convite do High-Life para o Carvalhinho. Este se tomara de uma gratidão agressiva e selvagem. Desde então, queria, a todo transe, manifestar o seu reconhecimento. E não lhe ocorrera uma fórmula mais eficaz do que oferecer o seu apartamento. Sempre que encontrava o Cabeleira, oferecia, lembrava: “Quando tiveres uma pequena, já sabes: o apartamento está às ordens.” Celebrava as vantagens do local: “Discretíssimo. Água fria e quente, vista para o mar.” Até àquela data, o Cabeleira não tivera oportunidade de recorrer à gentileza do Carvalhinho. Ao vê-lo agora, porém, bateu na testa: “Tenho uma pequena, assim, assim...” O outro o interrompeu, aos berros:

— Pois então? Leva pra o apartamento. Não dorme no ponto. Mulher não se enjeita.

A chave

Era óbvio que a gratidão do Carvalhinho estava mais acesa do que nunca. Não havia hipótese de esquecer o convite. Quando o amigo se despediu, deixou a chave do fabuloso apartamento. Criou-se, para Cabeleira, o dilema. Quando viu a pequena fez o convite; mas insistiu: “Olha que eu sou casado e não posso me casar.” E ela:

— Não faz mal. Vou assim mesmo.

O pecado

Segundo a combinação feita, ela devia estar lá às quatro horas da tarde. Muito antes, já o Cabeleira entrava no tão falado apartamento do Carvalhinho. E justiça se lhe faça: esse apartamento, decorado não sei por quem à maneira árabe, abismou o Cabeleira. Esteve no banheiro, experimentando a água fria e quente; afundou nas poltronas, que eram realmente espetaculares. Torturado de escrúpulos pensava: “Não tenho direito de fazer isso. Vou desgraçar essa pequena.” Na hora certa, com uma pontualidade patética, chegava Carmelita. Vinha tão segura de si, com tão firme e desesperada determinação de pecar, que o rapaz se crispou: “E não tens medo?” Encarou-o, serena:

— Por que e de quê? Não há mulher mais feliz do que eu.

Então, Cabeleira, que era sentimental como diabo, segurou a pequena pelos dois braços: “Sua boba, eu não sou casado, nunca fui casado. Essa aliança é de araque!” Pausa e já com vontade de chorar, disse o resto:

— Tu vais sair daqui, agorinha mesmo, já. Nem te beijo. Faço questão de me casar contigo, de véu, grinalda e outros bichos.

67 - A coroa de orquídeas

Estava levando um filme ótimo e, pela manhã, antes de sair, Rodolfo combinou: “Vamos, hoje, ao cinema, sessão das oito.” De tarde, porém, Jupira telefona; deu a notícia:

— Meu filho, gorou o nosso cinema!

— Por quê?

Ela respirou fundo:

— Imagina tu: morreu o Maciel!

— O marido da tua amiga?

— Pois é. E não há escapatória: tenho que ir fazer o quarto. Vou já pra lá.

Rodolfo arriou na cadeira: “Papagaio!” Não podia ouvir falar na morte alheia que não pensasse na própria. De vez em quando fazia o comentário: “Acho a morte o tipo da mágica besta. Morrer por quê, ora, bolas?” Por sua vontade, ninguém morreria, nunca. Impressionado, foi, de noite, fazer quarto ao marido de Alaíde. Entrou na câmara ardente e, diante dos quatro círios, ocorreu-lhe a reflexão desagradabilíssima: um dia, ele teria também a sua câmara ardente, etc., etc. Cumprimentou a viúva que gemia num canto, entre amigas solidárias. Jupira arrastou-o, em seguida, para o corredor. Recomendou, como se ele fosse um menino indócil:

— Meu filho, faz cara triste!

A viúva

Não houve grande diferença entre este velório e qualquer outro. De vez em quando, Rodolfo olhava para a viúva, observando aquele rosto que a dor transformava numa máscara feia, desagradável, quase grotesca. Pensava: “Tomara que esse negócio acabe logo de uma vez!” E sempre que podia suspirava para a esposa: “Isso é muito chato!” Ao que a outra replicava: “Coitada de Fulana!” Quando, afinal, puderam ir para casa, Rodolfo exclamou: “Graças, puxa!” Só em casa é que, já deitada, bocejando, Jupira anunciou:

— Olha: convidei Alaíde para passar uns dias conosco.

Ele, que enfiava o paletó de pijama, virou-se para a mulher: “Que ideia sinistra, a tua!” Então, a esposa, que era muito boa de coração, passou-lhe um sermão, de alto a baixo:

— Até me admira você, Rodolfo! Você acha o quê? Que eu vou abandonar uma amiga como Alaíde, de infância, quase uma irmã? Pelo amor de Deus! Não faça essa ideia de mim!

O marido estirou-se na cama. Ia faltar ao emprego por causa da noite perdida. Mas não estava conformado:

— Sou contra esse negócio de meter estranhos dentro de casa. Um abacaxi tremendo!

Dolorosa

E, subitamente, contra vontade, Rodolfo se viu obrigado a participar de uma dor que não era a sua. A sós com a mulher, desabafava: “É de amargar, meu anjo! Eu não tenho nada com o peixe e quando acaba...” Dois dias depois da morte do marido, Alaíde se passava para a casa do casal. Adeus cinema, teatro, passeios, liberdade. Rodolfo vinha do trabalho para casa e não saía mais. Ele e mais a mulher ficavam pajeando a viuvez de Alaíde. Desesperado, Rodolfo ironizava: “Renunciei ao mundo!” Com os dias, porém, foi adquirindo um certo hábito, e, no fim, já não estranhava a presença daquela senhora de preto, chorando um morto dia e noite, com uma constância na dor realmente impressionante. A verdade é que Alaíde fazia questão fechada de cultivar o próprio sofrimento. No fundo, talvez tivesse uma certa vaidade de uma dor que desafiava o tempo e parecia estar sempre viçosa. O próprio Rodolfo acabou impressionado: “Mas tua amiga gostava do marido, hein?” Jupira explicou, então, que Alaíde e Maciel tinham um amor de novela, de romance, de filme. Rodolfo deixou passar alguns minutos e fez a pergunta: “Será que ela não casa outra vez?” No dia seguinte, como se respondesse essa pergunta, Alaíde diria: “Morri para o mundo!” Então, o casal sentiu como se a amiga levasse consigo um amor imortal.

O beijo

Um mês e meio depois, houve uma cena penosíssima. Depois do jantar, na presença da viúva, Rodolfo fez uma coisa que, vamos e venhamos, é banal entre esposos: deu na mulher um rápido e convencional beijo na boca. Tanto bastou para que Alaíde se levantasse, corresse, numa explosão de soluços. O casal, em pânico, foi no seu encalço. Que foi? Que não foi? Então, chorando suas lágrimas vivas e fartas — a viúva explicou:

— É que eu me lembrei... Quando vocês se beijaram, eu me lembrei que não serei mais beijada... Que Maciel não me beijará nunca mais, oh, meu Deus!...

Marido e mulher se entreolharam, com um atroz sentimento de culpa. Mais tarde, no quarto, mudando a roupa, Rodolfo bufou: “Ora veja!” E Jupira: “Pois é, meu filho, pois é!” Deitaram-se e Rodolfo já estava dormindo, quando a mulher o acorda para dizer:

— Meu filho, sabe qual é a solução? A solução batata?

— Qual?

E ela:

— Vamos casar Alaíde. Ela é moça, bonita, parecida à beça com a Kay Francis. Tu te lembras da Kay Francis?

Amor

O marido quis pôr um pouco de água fria no entusiasmo da mulher: “Não te metas nisso. Não dá palpite.” Mas a própria Jupira confessava: “Quando cismo com uma coisa, sou um caso sério.” Dedicou-se, com todas as forças de sua alma, à sua missão. Justiça se lhe faça: foi bastante hábil, maneirosa, oportunista. Deixou que passasse algum tempo e começou a agir de maneira mais indireta e insidiosa possível. Assim é que, um dia, sugeriu: “Por que é que você não se pinta?” A reação foi drástica: “Deus me livre!” Dias depois, Jupira, com extrema naturalidade, voltava à carga:

— Faz o seguinte: põe ruge. Um pouquinho de ruge nas faces. Só. Encontrou resistência, embora não absoluta, mas ela se ofereceu: “Eu mesma ponho.” E, de fato, coloriu, levemente, as faces de Alaíde. Ato contínuo, convidou-a para ver o efeito no espelho. Durante um minuto, dois, Alaíde viu a própria fisionomia, com surpresa e encanto. De noite, com o marido, Jupira esfregava as mãos, radiante: “O negócio está indo que é uma beleza!” A partir de então, passou a ser mais clara com a amiga, foi dizendo as verdades: “Minha filha, tu deixa de ser boba. Quem tem um palminho de cara, como o teu, e esse corpo, não tem o direito de se enterrar.” Batia sempre na mesma tecla: “Teu corpo põe qualquer homem maluco.” Pouco a pouco, sem querer, sem sentir, Alaíde foi se deixando tocar, envolver pela sugestão doce e contínua. Por vezes, com falsa modéstia, suspirava: “Já não dou mais no couro.” Jupira, então, exagerava:

— Olha aqui: um homem para não gostar de ti, tem que ser de pedra! Teu corpo abafa!

Fatalidade

No dia em que tirou o luto, Alaíde telefonou para a amiga. Embora com certo escrúpulo, deu a notícia: “Parece que eu estou amando...” Jupira, efusiva, escandalosa, deu parabéns e crivou a outra de perguntas: queria saber tudo, na sua minuciosa curiosidade de mulher. Mas Alaíde foi discreta: “Por enquanto, é segredo... Um dia você saberá...” Jupira correu para o marido: “Sabes da última?” Rodolfo ouviu e bocejou: “Queres um conselho? Deixa pra lá!” A mulher, entusiasmada, acrescentou: “E desconfio que o cara é casado.” De qualquer maneira, Jupira foi uma animadora do romance:

— Aproveita, minha filha, aproveita! — e fez a exigência: — Mas quero estar a par de tudo, faço questão!

No dia seguinte, novo telefonema de Alaíde, à noite: “Deu-se a melodia!” Jupira perguntou, sôfrega: “Já?” A outra confirmou: naquela tarde, num lugar assim, assim... Veio outra pergunta de Jupira: “Que tal?” A amiga suspirou: “Espetacular!” Quinze dias depois, Alaíde faria a revelação extrema, sacrílega: “Muito mais interessante que o meu marido.” Dir-se-ia que só agora, e pela primeira vez, conhecia o amor. Repetiu: “Amor é isso. Isso é que é amor.” Quanto a casamento, havia uma impossibilidade: o ser amado era casado, vivia com a mulher. E Jupira teria continuado com a mesma e insaciável curiosidade, se, de repente não acontecesse o imprevisto: Rodolfo caiu doente, gravemente doente.

O golpe

Fez-se tudo. Durante cerca de dois meses, desfilaram os médicos. E o enfermo cada vez pior. Passou a viver na câmara de oxigênio. O médico da família, porém, já advertira os parentes das possibilidades mais desagradáveis. Até que, um dia, no limite da tarde para a noite, teve uma breve, quase imperceptível agonia: morreu nos braços da esposa. Horas depois, num terno azul-marinho, sapatos de verniz, estava ele deitado entre quatro círios, na sala. A viúva preferira que o enterro saísse da casa, onde tinham sido tão felizes, e não de uma capelinha qualquer. Uma amiga apanhara no guarda-roupa um vestido preto e sóbrio, e, assim, se improvisou o luto. A partir da meia-noite, começaram a chegar as flores. E, de repente, aparece uma coroa de orquídeas, tão descomunal que houve entre os presentes um murmúrio de assombro. De quem seria? A própria viúva, embora a sua dor, não reprimiu um movimento de curiosidade. Era uma dessas coroas que fariam sensação mesmo num enterro de rei, de chefe de Estado. Foi colocada na sala, perto do caixão e o mensageiro desdobrou a fita. Que misterioso impulso fez a viúva erguer-se e vir, espantada, olhar a dedicatória, em letras de ouro sobre o fundo negro? Lá estava escrito: “Leva todo meu amor. Tua Alaíde.” Durante duas horas, Jupira sofreu na carne e na alma a humilhação. Teria perdoado talvez o amor secreto, inconfessado. Mas aquela ostentação súbita e cínica, aquele desafio à luz dos círios fundiu seu desespero. Todos viram quando, de repente, encaminhou-se para a escada, subiu — o rosto inescrutável como uma máscara de teatro. Alguém quis acompanhá-la e desistiu. Voltou uns quarenta minutos depois. Substituíra o luto de emergência e retornara com um vestido quase juvenil, estampado, leve e gracioso. Pintara-se escandalosamente. Acompanhada por uma amiga ou parente, deixou aquela casa, sem olhar para o morto. Ao amanhecer, chegava Alaíde.

Abraçou-se ao caixão, gritando:

— Meu amor!

68 - O emprego

Foi uma sensação:

— Marília tem namorado!

— No duro?

— Parece.

A mãe, as tias, as visitas e mesmo a pretinha que criavam, todas, fizeram a torcida:

— Tomara!

Há vários anos que existia, naquela casa, uma mágoa secreta, um despeito corrosivo: todo mundo tinha namorado, noivo ou marido. Menos Marília. As suas colegas de escola, na maioria absoluta, estavam casadas e com filhos. Marília constituía um fenômeno solitário e lamentável, porque jamais inspirara o interesse amoroso de ninguém. Minto. Houve alguém que se interessou pela moça. Mas fez-se sindicância e constatou-se apenas isto: o cínico era casado, pai de filhos! Dr. Estêvão de Assunção, pai da moça, falou em quebrar caras, dar tiros. No fim, optou por uma solução menos agressiva, qual seja:

— É melhor dar ao desprezo!

As solteironas

Certas mulheres são naturalmente predispostas à solidão. Não Marília. Pelo contrário. Assistia atônita à passagem dos dias, sem que aparecesse um pretendente. Insinuava-se, dissolvia-se em risos, em amabilidades e, segundo a maledicência de suas amigas, só faltava agarrar, à força, os homens solteiros do seu conhecimento. Como suas tentativas falhavam, umas atrás das outras, tinha melancolias irremediáveis. Recorria, então às crianças, dissipava com as crianças toda a afetividade contida. Não podia ver um guri, sobretudo os de colo; sua vontade era morder a carne rósea e tenra, apertar os bracinhos, puxar as bochechas. Nesse carinho espasmódico, gemia:

— Meu Deus, eu morro!

As mães é que não gostavam do exagero:

— Credo!

Dr. Estêvão e d. Leontina sentiam-se, como pais, interessadíssimos no drama da filha única. Na cama, antes de dormir, quebravam a cabeça, pesquisando as razões dessa contínua frustração. Marília não era bonita, mas a gente vê, no meio da rua, fulanas horrorosas com namorados, noivos, maridos, amantes. Aliás, não sendo nenhuma Vênus, tinha contudo uma virtude de alta feminilidade; cuidava-se muito, vestia-se muito bem, estava sempre arranjadinha. Tão caprichosa que, se aparecia uma cárie, ínfima, imperceptível, em qualquer dente, ia correndo ao dentista. E mais: escovava os dentes depois de cada refeição, por causa do hálito; punha água-de-colônia debaixo do braço. Se fazia calor, era incapaz de coçar possíveis brotoejas. Dr. Estêvão virava-se para a mulher:

— Não compreendo, te juro que não compreendo!

A mulher bufava:

— Nem eu!

Assim Marília fez 24, 25, 26 anos. Depois, 29, 32, 35 anos. Para os outros, reduziu heroicamente a idade. Atribuía-se 25 anos, no máximo. As amigas, já casadas e com filhos, cochichavam entre si:

— Vinte e cinco, fora os que mamou!

Único amor

De repente, aconteceu o inimaginável. Marília estava, justamente, na calçada da rua General Glicério, em Laranjeiras, às voltas com um moleque de dois ou três anos, mulatinho, metido numa camisolinha de pagão. Doida por criança, perdia o senso dos limites, das conveniências. E como o garoto estivesse com uma coriza braba, o narizinho escorrendo, a moça apanhou o próprio lenço pequeno e com monograma e ficou ensinando o garoto:

— Assoa, meu filho, assoa!

Depois alisou com a mão a própria saia, deu um níquel ao moleque e... Foi, então, que o viu. "Ele" estava a quatro ou cinco metros, parado, atento à cena de ternura. Marília sentiu-se materialmente atravessada por esse olhar de homem. Podia ter dissimulado a sua impressão profunda. Mas não o conseguiu. Olhou também, sorriu. Foi caminhando, num passo lento e convidativo; virava-se para trás, tornava a olhar, tornava a sorrir. Falaram-se na esquina. No fim, Marília deu o telefone. Com medo de que ele esquecesse o número, sugeriu:

— Quer tomar nota?

O rapaz procurou por todos os bolsos; não tinha lápis. Marília teve que dar o próprio. Despediram-se. Ela insinuou:

— Quer dizer que você telefona amanhã?

— Batata!

Quando chegou em casa, era outra. E estava de tal modo transfigurada que a primeira impressão de d. Leontina foi de que a moça ia ter um ataque. As perguntas choveram: Que foi? Que não foi? Marília, porém, foi irredutível:

— Depois, eu conto, mais tarde.

— Ora essa!

E ela, justificando-se:

— Pode dar peso, mamãe.

Enfiou-se pelo quarto, trancou-se, e mergulhou, da cabeça aos pés, num sonho contínuo. Agora que tinha um namorado ou, por outra, agora que quase tinha um namorado, as crianças deixavam de ser o seu derivativo. Se alguma se aproximava dela e do seu amado (pois já o amava), Marília a enxotava, sem a menor contemplação. Não admitia empate. A mãe deixara de fazer perguntas, com medo de dar peso. Cochichava, porém, para os demais.

— Deve ser namorado.

Chamava-se Lourival o rapaz. Não tinha grandes atrativos físicos, mas a opinião de Marília, a respeito, era taxativa: homem não precisa ser bonito. Além do mais, nesta altura dos acontecimentos, ela não estava em condições mentais de escolher, de discernir entre o bom e o mau, o certo e o errado. Era solteiro? Era. Então, pronto, acabou-se. Uma coisa, desde logo, foi óbvia: Lourival estava longe de ser um requintado. Exprimia-se da maneira que, por vezes, arrepiava. Aliás, não fazia segredo da humildade de sua condição social, dizendo mesmo:

— Não tenho o intelectual muito desenvolvido!

Situação social

Esfomeada de amor, ou, por outra, de casamento, passou por cima disso e de outros defeitos. Como notasse que as unhas do Lourival eram maltratadas, deu para limpá-las, com a ponta do grampo. Percebia, entretanto, que havia, na vida do rapaz, um segredo, um mistério qualquer, uma vergonha secreta. Puxou por ele; disse que o aceitaria de qualquer maneira, mesmo que ele fosse um bandido como o Giuliano, da Sicília. Lourival coçou a cabeça, recalcitrante ainda avisou:

— Olha que tu vais cair de cara no chão!

Acabou confessando: era porteiro de cinema no Méier. Embora tal cargo não desonrasse ninguém, a verdade é que ele não podia evitar um certo constrangimento e... calou-se, atônito, porque Marília rompia numa crise tremenda de pranto. A princípio, não entendeu. Soluçando, de chamar atenção, ela só dizia:

— Coitadinho! Coitadinho!

A função de ficar, numa porta de cinema, de uniforme, recebendo e rasgando ingressos, parecia-lhe uma provação só comparável às de Jó. Nunca se condoeu tanto de ninguém, tanto mais que, no caso, a piedade era temperada pelo amor. Lourival ficou, também, de olhos marejados; julgou-se um desgraçado e teve quase a vaidade dessa desgraça. Chegando em casa, pouco depois, Marília reuniu a mãe, a pretinha, contou tudinho: o romance, a perspectiva de casamento e a função de porteiro. Novo fluxo de emoção e a certeza, que se apoderou das presentes, de que a solução era uma melhoria de emprego. D. Leontina prometeu:

— Deixa que eu falo com teu pai. Fica por minha conta.

Emprego de príncipe

Dr. Estêvão, alto funcionário, andava em automóvel de chapa branca, tinha prestígio, relações, o diabo. A hipótese matrimonial subiu-lhe à cabeça; mas impôs condições:

— Arranjo o emprego, se ele casar, no duro.

Lourival assegurou que sim, deu a palavra de honra. O velho pôde, então, empenhar-se na batalha desse emprego. Incomodou céus e terras, até ministros; por fim, estava disposto a recorrer ao presidente da República. Não foi preciso tanto; um ministro o atendeu. Dr. Estêvão avisou:

— É para meu genro, meu futuro genro. Um rapaz preparadíssimo!

Começaram a procurar um emprego. Acabaram descobrindo um, feito sob medida, que não exigia nada do funcionário, senão que fosse receber o ordenado, no fim do mês. Dr. Estêvão, sôfrego, perguntou:

— De quanto?

— Vinte e oito contos.

— Serve.

Dr. Estêvão foi exemplar de dinamismo, eficiência e prestígio. Em coisa de uma semana, Lourival tomava posse. Comprara ternos, sapatos; mandara obturar dois dentes. Estava, enfim, pintado de novo.

A carta anônima

Enfim, já de emprego garantido, Lourival arranjou uma máquina, não sei onde. Batendo com o dedo, letra por letra, redigiu o seguinte: “Seu noivo Lourival Pereira é casado no Rio Grande do Sul, etc., etc.” Foi esta a carta anônima que remeteu para Marília. A moça teve uma crise tremenda; quis se atirar do décimo andar. Dr. Estêvão procurou imediatamente Lourival. Chamou-o, na cara, de canalha. Mas o ex-quase futuro genro reagiu à altura:

— Canalha é você! Ou está pensando que eu me vendo por um emprego?

Trôpego, já sem a dignidade de alto funcionário, dr. Estêvão procurou o ministro. Queria que S. Excia. botasse no olho da rua o canalha. O ministro achou que o estavam fazendo de peteca. Esbravejou:

— Não senhor! Absolutamente! Isso aqui não é a casa da mãe Joana!

Corrido do ministério, e pelo próprio titular, voltou para casa. Foi tal a vergonha da família que acabaram se mudando, para outro bairro. Marília, porém, tinha constantes acessos; foi preciso interná-la.

69 - O menorzinho

Com 38 anos, aparentava muito mais. Os aborrecimentos e a lida da casa a envelheciam mais que a idade. O marido, Gaspar, ganhava uma miséria. Ele próprio tinha uns repentes de humor sinistro: “Não ganho nem para morrer de fome.” Adquirira, em função do salário miserável um conformismo quase alegre. Recebia por semana. Subtraía, com tranquilo cinismo, uma importância X. E ia beber. Voltava para casa, trocando as pernas, cantando, praguejando; ou, então, carregado, em estado de coma. A mulher vinha abrir a porta, vesga de sono. Resmungava:

— Não sei porque esse diabo não morre.

A verdade, porém, é que não gostava, nem desgostava do marido. Chegara a um estado tal de esgotamento, de indiferentismo, que não tinha forças para odiar ninguém. A rigor, o problema não era o marido, mas os filhos. Em meio de uma miséria abjeta, os dois punham no mundo, quase todo o ano uma criança. Dez filhos, ao todo! Os mais velhos, dois rapazinhos e duas moças e o resto guris, sem saúde, sem alegria, que viviam empilhados na casa pequena e miserável. E o fato é que o casal não tivera sorte com os filhos. Os menores faziam as piores artes. A mãe vivia atrás deles:

— Seus isso! Seus aquilo! Olha que eu te meto o chinelo!

Mas eles nem ligavam. Respondiam, eram malcriados, andavam aos tapas entre si. Por fim, a mãe desistiu. Avisou mesmo:

— Não me meto mais, não dou palpite. Seja o que Deus quiser.

Maternidade

Chamava-se Mariana. A rigor, não sabia se gostava ou não dos filhos. De vez em quando, morria um. A causa era sempre a mesma, invariável; ou seja, a fome. Durante o velório, a mãe chorava e na hora de sair o enterro rolava em verdadeiros ataques. E só. Não tinha ócios para sofrimento a longo prazo. E justificava: “Tenho muito que fazer. Não posso perder tempo.” Até que, uma noite, Mariana, que estava catando as lêndeas de uma filha pequena, disse para o marido:

— Mais um.

Ele não entendeu. Fez, num bocejo, a pergunta:

— Mais um o quê?

— Filho. Mais um filho.

O marido foi sintético no seu comentário

— Espeto.

E mais não disse. A gravidez, porém, era, na vida de Mariana, um estado normal, inevitável, permanente. Gemia: “Acho que vou ter uns duzentos filhos.” Não dava a menor importância ao fato. Daquela vez, porém, preocupou-se mais. Disse a uma vizinha:

— Tomara que seja homem.

A outra suspirou:

— Homem ou mulher, tanto faz. Filho não é negócio. Só dá dor de cabeça.

Mariana olhava para um ponto vago, sonhadora:

— Quem sabe?

Sonho

Das outras vezes, fora de um desmazelo medonho. Quando sugeriam exames, vetava: “Isso é luxo. Isso é bobagem.” Alguém sugeria:

— A senhora já viu se está perdendo albumina?

Punha as duas mãos nos quadris:

— Não acredito em albumina. Tapeação de médico.

Agora, porém, chamou o marido, mostrou-lhe as pernas:

— Olha só, olha. Eu enterro o dedo e afunda. Viste?

— Vi.

E ela: Acho bom a gente ver essa história direito. Pode ser albumina.

Foi, pela primeira vez a um médico parteiro. De graça, mas foi. O médico impôs-lhe uma dieta e avisou:

— Comida sem sal, percebeu?

Comovia-se pensando no filho que ia ter. Chorava, com medo da morte ou, então, no pavor de que a criança saísse com defeito. Ouvira falar, vagamente, num menino que nascera com um olho na testa. O marido acabou estranhando:

— Quem vê, diz que é o teu primeiro filho! Ela sabia que não, evidentemente. Mas o fato é que esperava o caçula de uma maneira mais terna, muito mais emocionada, como se fosse o primeiro e não o último. Por vezes parava uma conversa, para dizer, com uma expressão, quase infantil, de encantamento:

— Está mexendo! Está mexendo!

Por sugestão sua, as vizinhas punham a mão no seu ventre crescido, para sentir o movimento do neném. Havia, então, um alarido de comadres: “É mesmo! É mesmo!”

À medida que se aproximava o dia do parto, sentia que todos eram seus filhos, sim, mas que, por uma razão qualquer ou sem razão nenhuma, gostava mais do próximo. Tinha a impressão ou o desejo de que fosse mais bonito, mais doce, que os demais. Para os outros, relaxara no enxoval. Para este economizara um dinheirinho e, assim, pudera comprar uma meia dúzia de camisolinhas de pagão. Na véspera do nascimento, exclamou, como se desafiasse as potências do destino:

— Se Deus quiser, esse há de ir à escola!

A escola

Este era o sonho inconfessado de Mariana. Tivera tantos filhos e não conseguira que nenhum estudasse. E não queria muito; bastava o curso primário. Mas de nada valeram as ameaças, as surras, os cascudos. O pai confessava: “Puxaram a mim. Eu nunca estudei e estou aqui.” No fundo, estava satisfeito de ver o próprio analfabetismo transmitido aos filhos. Mariana acabou perdendo a paciência. Farta das gazetas dos filhos, explodiu:

— Vocês não querem estudar, não é? Pois danem-se!

Assim encerrou a questão. Mas a mágoa, a humilhação, o amargor da derrota ficaram. Doía-se de ver os filhos dos vizinhos a caminho da escola, passando de ano, tirando boas notas. Resmungava: “Deixa pra lá! Deixa pra lá!” Dizia isso, porém, da boca para fora. Agora, com a nova gravidez, voltava o sonho de um filho instruído. Dia e noite, não pensava em outra coisa; já via o guri, indo para a aula, com os cadernos, o lápis (lápis de ponta bem afiada) e a merenda. Quanto à merenda, já escolhera; pão com goiaba. E quando as dores começaram a se tornar mais intensas e menos espaçadas, ela continuou pensando na instrução do filho. Quem a atendia nos seus partos era uma vizinha. Justamente porque não era parteira formada, fazia preços camaradas e chegava, mesmo, ao requinte de fiar. Nessa noite, a parteira entrou no quarto bem-humorada, fazendo a pergunta:

— Esse negócio é pra já ou pra quando é?

Fez os exames e, com sua tremenda experiência, concluiu:

— Está na horinha!

Tomou todas as providências; e advertiu:

— Minha filha, já sabe como é: fé em Deus e deixa o resto por minha conta!

Era de um gênio singular essa curiosa. Podia vir o mundo abaixo, que ela não se perturbava. Alegre, brincalhona, fazia pilhérias, mesmo nos partos mais complicados e dramáticos. Diga-se que essa maneira de ser melhorava o ânimo das parturientes. Como das outras vezes, o novo parto de Mariana foi de impressionante facilidade. No espaço de uma hora, a criança estava em cima da toalha felpuda, com os pequenos punhos cerrados, chorando que Deus te livre. Ainda exausta, a mãe perguntou:

— Perfeito?

E a parteira, pondo talco no recém-nascido:

— Nem se discute.

Adoração

Desde o primeiro momento, a mãe adorou o caçulinha. E não só ela. O próprio pai, que era um irresponsável, tomou-se de amores pelo pequenino. Os irmãos, idem. Deram o nome de João, mas é claro que a família e a rua inteira passaram a chamá-lo pelo diminutivo. Era Joãozinho pra cá, Joãozinho pra lá. Vivia de colo em colo. E como a mãe tinha pouco leite, uma vizinha, que tivera neném na mesma ocasião, veio oferecer: “Tenho leite demais. Querendo, não faça cerimônia.” Aceitaram. E como se tratasse de uma senhora forte, sadia, o Joãozinho pôde fartar-se. Era uma criança adorável. Uma delícia o seu riso de gengivas vazias. Passava dias inteiros pedalando o ar. E nenhum menino menos manhoso, quando chorava já se sabia: estava com dor de barriguinha. O mulherio, em êxtase, suspirava: “Que anjo! Que anjo!” A mãe, vigilante, exigia das fãs: “Não beijem na boca, que dá sapinho!” Além do mais, era lindo, como um anjo de estampa. Mariana vivia anunciando: “Esse vai estudar!” E repetia: “Vai estudar e há de ser alguém na vida!” Nesta altura dos acontecimentos, parecia ter renegado os outros filhos e só reconhecer o caçulinha. Quando completou um ano, Mariana teve um capricho, foi na papelaria e comprou um lápis. Apanhou uma gilete velha e ela mesma, com infinito requinte e paciência, fez-lhe a ponta. Depois guardou o lápis, dizendo: “Quando ele for à primeira aula, há de levar este lápis!” Joãozinho tinha na ocasião um ano.

Primeira aula

Foi à primeira aula, aos cinco anos. Era o garoto mais bonito da rua e, ao contrário dos irmãos, tinha uns modos lindos de pequeno príncipe. Os olhos eram de um azul intenso, quase triste. Aceitou a ideia da aula, da escola, como de uma coisa encantada. A mãe fez-lhe um terninho, comprou sapatos novos. Antes, catou-lhe as lêndeas nos seus cabelos anelados. E foi levá-lo, pela mão, à escola. Na porta, entregou-lhe o lápis, que comprara há quatro anos e cuja ponta fizera com tanto amor. Joãozinho entrou na classe, com sua gravidade tocante. A mãe foi-se, chorando de felicidade. Ao meio-dia, estava ela de volta. Viu quando o guri veio descendo a escada, apertando, na mão, o lápis. E, súbito, ela gritou, Joãozinho tropeçara e rolava pelos degraus. Atirou-se, como louca, carregou o anjo no colo, em meio ao pânico das outras crianças. Só então viu: o lápis enterrara-se numa narina da criança, profundamente. Era um simples lápis, no entanto, cravou-se na carne tenra como uma punhalada mortal.

Foi uma breve, imperceptível agonia. A mãe não sentiu quando o menino morreu nos seus braços.

70 - Diabólica

Na noite do pedido oficial, Dagmar, de braço com o noivo, foi até a janela; que se abria para o jardim. Então, com uma tristeza involuntária, uma espécie de presságio, suspirou. E foi meio vaga:

— Caso sério! Caso sério!

E Geraldo, baixo e doce:

— Por quê?

Dagmar vacila. Finalmente, tomando coragem, indica com o olhar:

— Estás vendo minha irmã?

— Estou.

Durante alguns momentos, olharam, em silêncio, a pequena Alicinha, de 13 anos, que, na ocasião, apanhava uma flor, no jarro, para dar não sei a quem. Dagmar pergunta: “Bonita, não é?” Geraldo concorda: “Linda!” Então, pousando a mão no braço do noivo, a pequena continua:

— Por enquanto, Alicinha é criança. Mas daqui a um ano, dois, vai ser uma mulher e tanto.

— Um espetáculo!

Sorriu, triste:

— Um espetáculo, sim! — Pausa e, súbito, tem uma sinceridade heroica: — Há de ser mais bonita do que eu.

Geraldo interrompeu:

— Protesto!

Foi quase grosseira:

— Não me põe máscara, não! Eu tenho espelho, ouviu?! Agora, que sou tua noiva, quero te dizer o seguinte.

— Fala.

E ela:

— Você é homem e eu sei que esse negócio de homem fiel é bobagem. Mas toma nota: se você tiver que me trair, que não seja nem com vizinha, nem com amiga, nem com parente. Você percebeu?

Surpreso e divertido, exclama:

— Você é de morte, hein?

As irmãs

Havia entre as duas uma diferença de quatro anos; Dagmar tinha 17, Alicinha 13. Até então, Geraldo via a cunhada como uma menina irremediável. No fundo, talvez imaginasse que ela seria para sempre assim, criança, criança. A observação da noiva o apanhou desprevenido. Pouco depois, olhava, para Alicinha, com uma nova e dissimulada curiosidade. Sentiu que a mulher, ainda contida na menina, começava a desabrochar. Esta constatação o perturbou, deu-lhe uma espécie de vertigem. Na hora de sair, despediu-se de todos. A noiva veio levá-lo até o portão. Ao ser beijada na face, disse:

— E não se esqueça: Alicinha é sagrada para você!

Era demais. Doeu-se e protestou:

— Mas que palpite é esse? Que ideia você faz de mim? Sabe que, assim, você até ofende?

Cruzou os braços, irredutível:

— Ofendo por quê? Os homens não são uns falsos?

— Eu, não?

Replicou, veemente:

— Você é como os outros. A mesma coisa, compreendeu?

Família

Mas quando Dagmar confessou, aos pais, que advertira o noivo, foi um deus nos acuda. A mãe pôs as mãos na cabeça: “Você é maluca?” Quanto ao pai, passou-lhe um verdadeiro sabão:

— Foi um golpe errado. Erradíssimo!

— Eu não acho.

O velho tratou de ser demonstrativo: “Você pôs maldade onde não havia!

Despertou a ideia do seu noivo!” Replicou, segura de si:

— Papai, eu sei muito bem onde tenho o meu nariz.

O pai andava de um lado para outro, nervoso. Estacou, interpelando-a:

— E agora com que cara o teu noivo vai olhar pra tua irmã? Vocês, mulheres, enchem! E, além disso, parta do seguinte princípio: uma irmã está acima de qualquer suspeita! Família é família, ora, bolas!

E Dagmar, obstinada:

— Meu pai, gosto muito de Alicinha. É uma pequena ótima, formidável e outros bichos. Mas intimidade de irmã bonita com cunhado não! Nunca!

Ciúmes doentios

Num instante, criou-se o caso no seio da família. Não houve duas opiniões. Segundo todo o mundo, aquilo não era normal, não podia ser normal. Um dos grandes argumentos foi a idade de Alicinha: “Como pode? Como pode?” O pai, mascando o charuto, argumentava: “Que você desconfie de todo mundo, até de poste, vá lá! Acho que uma mulher deve defender com unhas e dentes o seu homem! Mas irmã é outra coisa! Irmã é diferente!” Na sua tristeza, ela replicava: “O que eu não sou é burra!” E o pai: “Nem sua irmã, nem seu noivo merecem isso!” Por fim, já se falava, abertamente, em caso. Um primo da pequena, que era pediatra, sugeriu:

— Por que é que não levas Fulana a um psiquiatra?

Ela acabou indo, vencida pelo cansaço da própria vontade. Lá, o psiquiatra depois de um interrogatório medonho, chega à seguinte conclusão: “O negócio é extrair os dentes!” O pai da pequena caiu das nuvens, chorou, amargamente, o dinheiro da consulta:

— Mas que animal! Que palhaço! — e, jocoso, criava o problema: — Isso é psiquiatra ou é dentista?

Mas o fato é que, pouco a pouco sem sentir e sem querer, Dagmar foi-se deixando dominar pela pressão da família. O próprio noivo colaborou nesse sentido. Era hábil:

— Você não precisa ter medo de mulher nenhuma. Pra mim, não existe no mundo mulher mais bonita do que você. Palavra de honra!

O maiô

Só quem não se dava por achada e parecia ignorar o disse que me disse era a própria Alicinha. Tratava a irmã e o cunhado com a mesma naturalidade. E era tão sem maldade, tão inocente, que, certa vez, comprou um maiô fabulosíssimo e apareceu, com ele, na sala, diante de Dagmar e do Geraldo. Foi uma situação pânica. Por um momento, o embasbacado cunhado não soube o que dizer, o que pensar. Empalidecera e... Girando como um modelo profissional, Alicinha perguntava:

— Que tal?

Por uma fração de segundo, Dagmar pensou em explodir. Mas convencera-se de que precisava reeducar-se; dominou o próprio impulso. Com um máximo de naturalidade, admitiu: “Bonito!” O atônito, o ofuscado, o desgovernado Geraldo, gemeu: “Infernal!” Mas quando deixou a casa da noiva, nesse dia, ia numa impressão profunda. Mais tarde, no bilhar, com uns amigos, fez o seguinte jogo de palavras:

— Não há mulher mais bonita que uma cunhada bonita!

Sonsa

No dia seguinte. Alicinha passa por ele e pisca o olho: “Deixei de ser criança! Já não sou mais criança!” Isso poderia significar pouco ou muito. De qualquer forma, desconcertado, ele chegou a transpirar. Mais dois ou três dias, e Alicinha vai procurá-lo no escritório. Senta-se a seu lado; diz: “Você tem medo de mim?” O pobre-diabo gaguejou: “Por quê?” E ela, com um olhar intenso, não de criança, mas de mulher: “Tem, sim, tem!” Parece divertida. E, subitamente, séria, ergue-se e aproxima-se. Estavam no gabinete de Geraldo. Alicinha inclina-se, pede:

— Um beijo.

Lívido, obedeceu. Roçou, de leve, a face da pequena. Ela insistiu: “Isso não é beijo. Quero um beijo de verdade.” Geraldo levanta-se. Recua, apavorado como se aquela garota representasse uma ameaça hedionda. Numa espécie de soluço, diz: “Eu amo minha noiva! Amo tua irmã!” E ela, diante dele: “Só um!” Petrificado, deixou-se beijar uma vez, muitas vezes. E não podia compreender a determinação implacável de uma menina de 13 anos. Antes de sair, ela diria: “Você é meu também!” E o ameaçou, segura de si e da própria maldade: “Vou te avisando: se começares com coisa, eu direi a todo mundo que houve o diabo entre nós!” Geraldo arriou na cadeira; uivou:

— Demônio! Demônio!

O beijo

Foi, desde então, um escravo da menina. E, coisa interessante: ao mesmo tempo que se sentia atraído, tinha-lhe ódio. Sentia, nela, uma precocidade hedionda. E, por outro lado, era um fraco, um indefeso, um derrotado. Até que, uma tarde, entra numa delegacia; soluçando, anuncia: “Acabei de matar minha cunhada, Alice de tal, num lugar assim, assim.” Ainda prestava declarações, quando Dagmar invade a delegacia. Passara pelo lugar em que Alicinha fora assassinada; vira a irmã, de bruços, com o cabo do punhal emergindo das costas. Então, fora de si, correu para a delegacia. E houve uma cena que ninguém pôde prever. Avançou, apanhou entre as mãos o rosto do noivo e o beijava, na boca, com loucura. Foi agarrada, arrastada. Debatia-se nos braços dos investigadores. Gritava:

— Oh, graças! Graças!...

71 - O perfume

Quando completaram 15 dias de namoro, Áurea fez anos. Na véspera. Carlos consultou Deus e todo mundo. Explicava:

— Minha pequena faz anos amanhã. Que presente eu devo dar a ela?

— Depende.

Insistia:

— Dá uma opinião, um palpite. Mulher gosta de quê?

— Sei lá!

Recorreu a umas dez pessoas. Todavia, nenhuma das sugestões o satisfez.

Acabou decidindo:

— Eu próprio vou escolher e pronto. No dia seguinte, apareceu, à pequena, com um embrulhinho amarrado com barbante de ouro. Áurea quis adivinhar:

— Perfume?

— Acertou.

A menina agradeceu:

— Você é um anjo!

O perfume

Deixou passar dois, três, quatro dias. No quinto, pigarreia e indaga:

— Você não está usando o perfume? O perfume que eu dei?

— Não.

Áurea esclareceu: não estava usando, nem ia usar. Surpreso e descontente, Carlos coçava a cabeça:

— Ué!

E ela:

— Vou guardar como lembrança, percebeste? Está lá na penteadeira e...

Passou. Mas quando se despedia, Carlos prometeu:

— Olha: vou comprar outro para ti, o.k.?

Ganhava pouco, mas fez o sacrifício. No dia seguinte, surgia com o mesmo embrulhinho. Áurea, que era doida por presentes, ainda brincou:

— Você acaba abrindo falência.

Ele não resistiu à vaidade de dizer a marca e o preço:

— É Ma Grife. Sabe quanto custou? Setecentas pratas. E me faz um favor: vê se desta vez usa esse negócio, sim?

Prometeu que sim, que usaria o segundo frasco. Todavia, quando se encontraram teve que admitir:

“Ah, meu amor. Não tive coragem!” Ao lado, o rapaz não conseguia disfarçar a própria irritação. Chegou a gaguejar: “Ora, bolas!”

E ela:

— Mas vem cá, meu filho: você não acha bobagem gastar um perfume tão caro?

Protestou:

— Em absoluto! Bobagem por quê? Não, senhora! E vou dizer mais: não há, no mundo, homem que não goste de mulher cheirosa. Ou você pensa que basta tomar banho? Não basta, não. O perfume é indispensável!

— Que exagero!

Mas ele insistiu, polemizou. Andando de um lado para outro, argumentava:

— Queres saber de uma coisa? Batata? — pausa e com certa ênfase conclui: — Muitos amores morrem pelo olfato!

Espantada, perguntou:

— Como?

Catou um cigarro, ao mesmo tempo que explicava: “Presta atenção: nós estamos num país tropical, onde se transpira pra chuchu. Muito bem. E nada mais natural que as pessoas cheirem mal. É ou não é? Eu te pergunto: é possível amar uma mulher que cheira azedo?”

Com o vidrinho de perfume na mão, Áurea não sabia o que pensar. Balbuciou, semiconvencida:

— Que graça!

Mania

A partir de então, sempre que se encontrava com a menina, Carlos tratava de apurar de uma maneira disfarçada ou ostensiva, se Áurea tinha posto o perfume ou não. Às vezes, ela se esquecia. E ele, descontente, zangado, reclamava: “Aposto os tubos como não puseste o perfume!”

Era obrigada a admitir o esquecimento.

Com surda irritação, tratava de doutriná-la:

— A criatura humana cheira mal, percebeste?

Ela protestava:

— Menos eu? Eu não!

Despistava:

— Não personalizemos, meu anjo. Falo de uma maneira geral. Escuta: a pele do homem ou da mulher exala um odor meio chato. Até eu, que sou marmanjo sem graça, barbadão hediondo, até eu me perfumo.

Áurea ouviu calada. Mas não compreendia essa obsessão. Por vezes, ensaiava uns protestos. Dizia, então, que há coisas mais importantes que o perfume, tais como o caráter, a alma, a religião, etc., etc. Esta resistência exasperava Carlos. Acabava explodindo:

— O primeiro dever da mulher é cheirar bem. Qual grande vantagem da grã-fina sobre as outras mulheres? É que ela usa perfumes bacanérrimos. Só.

Afinal, Áurea submeteu-se. Gostava muitíssimo do rapaz, queria o casamento. Todas as tardes, antes de ir ao seu encontro, passava perfume nos braços, no pescoço e na ponta da orelha. O rapaz andou perguntando: “Tomas banho de chuveiro, ou de banheira?” Resposta: “De chuveiro.” Ele teve, então, a ideia:

— Faz o seguinte: de agora em diante tomas banho de banheira e põe perfume na água. É o golpe!

Disse que sim. Mas era da boca para fora. No fundo, a insistência do namorado a humilhava. Queixava-se em casa:

— Quem vê, diz que eu sou uma gambá!

A esposa

Fora dócil, como namorada e como noiva. Mas uma amiga, aliás, sabidíssima, a industriara: “Primeiro casa. E, depois, abre o jogo.” Assim fez. Casou-se. Ainda foi macia durante as duas semanas da lua de mel. Mas no vigésimo dia de casamento, houve, entre os dois, o primeiro incidente. Há três dias que ela, de propósito, a título de provocação, não usava nada, nem mesmo a simples água-de-colônia. Ele fez a observação que lhe pareceu cabível. Áurea pulou: “Sabe que você está me enchendo com essa mania de perfume?” Perguntou:

— Isso é mania, é tara ou que diabo é? Normal não pode ser!

— Ora, fulana! Estás aí para dar o teco?

Exaltada, ela cheirou as próprias mãos, dizendo: “Graças a Deus eu tomo banho.” Intimidado com sua veemência, procurou convencê-la com bons modos: “Meu anjo, o que há é o seguinte: você transpira como todo mundo, não é? O suor seca no corpo, na roupa.” O fato é que levaram nessa discussão boba uns quarenta minutos. Por último, envenenada, Áurea impôs:

— Você tem que gostar do cheiro de minha própria pele. Essa história de perfume é fricote! E eu não topo, absolutamente!

Angústia

Contou à amiga o episódio. Esta a felicitou: “Dá-lhe duro! Dá-lhe duro!” E aduziu: “Marido, sabe como é: a gente dá a mão e ele quer o pé!” E a verdade é que Áurea se mostrou irredutível. Carlos pedia, implorava: “Que custa você fazer isso? É algum pecado? Algum crime?” E Áurea, num ressentimento infantil: “Acho humilhante!” Argumentava: “Basta o banho que eu tomo!” Fora de si, ele negava:

— Não basta o cheiro neutro; eu quero perfume e só entendo mulher perfumada!

Não há dúvida que não só se tratava de uma simples questão de gosto, mas de uma obsessão estranhíssima. De vez em quando, fazia a insinuação, dava a indireta: “Olha que muitos amores acabam pelo olfato!” E quando olhava, na penteadeira, os vidros de perfume intatos, tomava-se de uma melancolia atroz, sentia-se um miserando. Até que, uma noite, na hora do jantar, Áurea sente, no ar, de uma maneira intensa, o perfume que era a mania do marido. Espanta-se e, súbito, fixa a copeira, uma morena escura, que ia e vinha trazendo e levando os pratos. Não se sabe que espécie de suspeita, de presságio tocou o seu espírito. O certo é que se inclinou, para o marido que, no momento, parecia insolitamente feliz. Diz: “Vou despedir a Fulana!” A moreninha vinha chegando, jeitosa e adolescente. Carlos saltou. Como um possesso, os lábios trêmulos, berrava:

— Ela põe o perfume que tu não quiseste usar. E eu vou atrás dela, ouviu?

E saiu, de braço, com a perfumadíssima empregada.

72 - Os noivos

Quando Salviano começou a namorar Edila, o pai o chamou:

— Senta, meu filho, senta. Vamos bater um papo.

Ele obedeceu:

— Pronto, papai.

O velho levantou-se. Andou de um lado para outro e senta de novo:

— Quero saber, de ti, o seguinte: esse teu namoro é coisa séria? Pra casar?

Vermelho, respondeu:

— Minhas intenções são boas.

O outro esfrega as mãos.

— Ótimo! Edila é uma moça direita, moça de família. E o que eu não quero para minha filha, não desejo para a filha dos outros. Agora, meu filho, vou te dar um conselho.

Salviano espera. Apesar de adulto, de homem feito, considera o pai uma espécie de Bíblia. O velho, que estava sentado, ergue-se; põe a mão no ombro do filho:

— O grande golpe de um namorado, sabe qual é? No duro? — e baixa a voz: — É não tocar na pequena, não tomar certas liberdades, percebeu?

Assombro de Salviano: “Mas, como? Liberdades, como?” E o pai:

— Por exemplo: o beijo! Se você beija sua namorada a torto e a direito, o que é que acontece? Você enjoa, meu filho. Batata: enjoa! E quando chega o casamento, nem a mulher oferece novidades para o homem, nem o homem para a mulher. A lua de mel vai-se por água abaixo. Compreende?

Abismado de tanta sabedoria, admitiu:

— Compreendi.

A sombra paterna

Na tarde seguinte, quando se encontrou com a menina, tratou de resumir a conversa da véspera. Terminou, com um verdadeiro grito de alma:

— Muito bacana, o meu pai! Tu não achas?

Edila, também numa impressão profunda, conveio:

— Concordas?

Foi positiva:

— Concordo.

Pouco antes de se despedir, Salviano batia no peito:

— Dizem que ninguém é infalível. Pois eu vou te dizer um negócio: meu pai é infalível, percebeu? Infalível, no duro.

O beijo

Nesse dia, coincidiu que a mãe de Edila também a doutrinasse sobre as possibilidades ameaçadoras de qualquer namoro. E insistiu, com muito empenho, sobre um ponto, que considerava importantíssimo:

— Cuidado com o beijo na boca! O perigo é o beijo na boca! A garota, espantada, protestou:

— Ora, mamãe?

E a velha:

— Ora o quê? É isso mesmo! Sem beijo não há nada, está tudo muito bem, o.k. E com beijo, pode acontecer o diabo. Você é muito menina e talvez não perceba certas coisas. Mas pode ficar certa: tudo que acontece de ruim, entre um homem e uma mulher, começa num beijo!

O idílio

Foi um namoro tranquilo, macio, sem impaciências, sem arrebatamentos. Sob a inspiração paterna, ele planificou o romance, de alto a baixo, sem descurar de nenhum detalhe. Antes de mais nada; houve o seguinte acordo:

— Eu não toco em ti, até o dia do casamento.

Edila pergunta:

— E nem me beija?

Enfiou as duas mãos nos bolsos:

— Nem te beijo, o.k.?

Encarou-o, serena:

— O.k.

Dir-se-ia que este assentimento o surpreendeu. Insinua:

— Ou será que você vai sentir falta?

— De quê?

E Salviano, lambendo os beiços:

— Digo falta de beijos e, enfim, de carinho?

Sorriu, segura de si:

— Não. Estou cem por cento com teu pai. Acho que teu pai está com a razão.

Salviano não sabe o que dizer. Edila continua, com o seu jeito tranquilo:

— Sabe que essas coisas não me interessam muito? Eu acho que não sou como as outras. Sou diferente. Vejo minhas amigas dizerem que beijo é isso, aquilo e aquilo outro. Fico boba! E te digo mais: eu tenho, até uma certa repugnância. Olha como eu estou arrepiada, olha, só de falar nesse assunto!

O velho

Desde menino, Salviano se habituara a prestar contas, quase diárias, ao pai, de suas ideias, sentimentos e atos. O velho, que se chamava Notário, ouvia e dava os conselhos que cada caso comportava. Durante todo o namoro com Edila, seu Notário esteve, sempre, a par das reações do filho e da futura nora. Salviano, ao terminar as confidências, queria saber: “Que tal, papai?” Seu Notário, apanhava um cigarro, acendia-o e dava seu parecer, com uma clarividência que intimidava o rapaz:

— Já vi que essa menina tem o temperamento de uma esposa cem por cento. A esposa deve ser, mal comparando, e sob certo aspecto, um paralelepípedo. Essas mulheres que dão muita importância à matéria não devem casar. A esposa, quanto mais fria, mais acomodada, melhor!

Salviano retransmitia, tanto quanto possível, para a namorada, as reflexões paternas. Edila suspirava: “Teu pai é uma simpatia!” De vez em quando, o rapaz queria esquecer as lições que recebia em casa. Com uma salivação intensa, o olhar rutilante, tentava enlaçar a pequena. Edila, porém, era irredutível; imobilizava-o:

— Quieto!

Ele recuava:

— Tens razão!

Catástrofe

Um dia, porém, o dr. Borborema, que era médico de Edila e da família, vai procurá-lo no emprego. Conversaram no corredor. O velhinho foi sumário: “Sua noiva acaba de sair do meu consultório. Para encurtar conversa: ela vai ser mãe!” Salviano recua, sem entender:

— Mãe?!

E o outro, balançando a cabeça: “Por que é que vocês não esperaram, carambolas? Custava esperar?” Salviano travou-lhe o braço, rilhava os dentes: “De quantos meses?” Resposta: “Três.” Dr. Borborema já se despedia: “O negócio, agora, já sabe: é apressar o casamento. Casar antes que dê na vista.” Petrificado, deixou o médico ir. No corredor do emprego, apertava a cabeça entre as mãos: “Não é possível! Não pode ser!” Meia hora depois desembarcava e invadia, alucinado, a casa do pai. Arremessou-se nos braços de seu Notário, aos soluços.

— Edila está nessas e nessas e condições, meu pai! — e, num soluço mais fundo, completa: — E não fui eu! Juro que não fui eu!

Misericórdia

Foi numa conversa que se alongou por toda uma noite. No seu desespero inicial, ele berrava: “Cínica! Cínica!” E soluçava: “Nunca teve um beijo meu, que sou seu noivo, e vai ter o filho do outro!” O pai, porém, conseguiu, aos poucos, aplacá-lo. Sustentou a tese de que todos nós, afinal de contas, somos falíveis e, particularmente, as mulheres: “Elas são de vidro”, afirmava. Alta madrugada, o pobre-diabo pergunta: “E eu? Devo fazer o quê?” Justiça se lhe faça, o velho foi magnífico: “Perdoar. Perdoa, meu filho, perdoa!” Quis protestar: “Ela merece um tiro!” Mais que depressa, seu Notário, atalha:

— Ela, não, nunca! Ele, sim! Ele merece!

— Quem? Baixa a voz: “O pai da criança! Esse filho não caiu do céu, de paraquedas! Há um culpado.”

Pausa. Os dois se entreolham. Seu Notário segura o filho pelos dois braços:

— Antes de ti, Edila teve um namorado. Deve ter sido ele. Se fosse comigo, eu matava o cara que...

Ergue-se, transfigurado, quase eufórico: “Tem razão, meu pai! O senhor sempre tem razão!”

O inocente

Pôde, assim, desviar da noiva o seu ódio. De manhã, passou pela casa de Edila. Com apavorante serenidade, em voz baixa, pediu o nome do culpado. Diante dele, a garota torcia e destorcia as mãos: “Não digo! Tudo, menos isso!” Ele sugeria, desesperado: “Foi o Pimenta?” O Pimenta era o antigo namorado de Edila. Ela dizia: “Não sei, não sei!” Salviano saiu, dali, certo. Procurou o outro, que conhecia de nome e de vista. Antes que o Pimenta pudesse esboçar um gesto, matou-o, com três tiros, à queima-roupa. E fez mais. Vendo um homem, um semelhante, agonizar aos seus pés, com um olhar de espanto intolerável, ele virou a arma contra si mesmo e estourou os miolos. Mais tarde, desembaraçado o corpo, foi instalada a câmara ardente na casa paterna. Alta madrugada, havia, na sala, três ou quatro pessoas, além da noiva e de seu Notário. Em dado momento, o velho bate no ombro de Edila e a chama para o corredor. E, lá, ele, sem uma palavra, aperta entre as mãos o rosto da pequena e a beija na boca, com loucura, gana. Quando se desprendem, seu Notário, respirando forte, baixa a voz:

— Foi melhor assim. Ninguém desconfia. Ótimo.

Voltaram para a sala e continuaram o velório.

73 - O pediatra

Saiu do telefone e anunciou para todo o escritório:

— Topou! Topou!

Foi envolvido, cercado por três ou quatro companheiros. O Meireles cutuca:

— Batata?

Menezes abre o colarinho: “Batatíssima!” Outro insiste:

— Vale? Justifica?

Fez um escândalo:

— Se vale? Se justifica? Ó rapaz! É a melhor mulher do Rio de Janeiro! Casada e te digo mais: séria pra chuchu!

Alguém insinuou: “Séria e trai o marido?” Então, o Menezes improvisou um comício, em defesa da bem-amada:

— Rapaz! Gosta de mim, entende? De mais a mais, escuta: o marido é uma fera! O marido é uma besta!

Ao lado, o Meireles, impressionado, rosna:

— Você dá sorte com mulher! Como você nunca vi! — e repetia, ralado de inveja: — Você tem uma estrela miserável!

O amor imortal

Há três ou quatro semanas, que o Menezes falava num novo amor imortal. Contava, para os companheiros embasbacados: “Mulher de um pediatra, mas olha, um colosso!” Queriam saber: “Topa ou não topa?” Esfregava as mãos, radiante:

— Estou dando em cima, salivando. Está indo.

Todas as manhãs, quando o Menezes pisava no escritório, os companheiros o recebiam com a pergunta: “E a cara?” Tirando o paletó, feliz da vida, respondia:

— Está quase. Ontem, falamos no telefone quatro horas!

Os colegas pasmavam para esse desperdício: “Isso não é mais cantada, é *E o vento levou...*” Meireles sustentava o princípio que nem a Ava Gardner, nem a Cleópatra, justificam quatro horas de telefone. Menezes protestava:

— Essa vale! Vale, sim, senhor! Perfeitamente, vale! E, além disso, nunca fez isso! É de uma fidelidade mórbida! Compreendeu? Doentia!

E ele, que tinha filhos naturais em vários bairros do Rio de Janeiro, abandonara todos os outros casos e dava plena e total exclusividade à esposa do pediatra. Abria o coração no escritório:

— Sempre tive a tara da mulher séria! Só acho graça em mulher séria!

Finalmente, após 45 dias de telefonemas desvairados, eis que a moça capitula. Toda a firma exulta. E o Menezes, passando o lenço no suor da testa, admitia: “Custou, puxa vida! Nunca uma mulher me resistiu tanto!” E, súbito, o Menezes bate na testa:

— É mesmo! Está faltando um detalhe! O apartamento! — Agarra o Meireles pelo braço: — Tu emprestas o teu?

O outro tem um repelão pânico:

— Você é besta! Rapaz, minha mãe mora lá! Sossega o periquito!

Mas o Menezes era teimoso, argumenta:

— Escuta, escuta! Deixa eu falar. A moça é séria. Séria pra burro. Nunca vi tanta virtude na minha vida. E eu não posso levar para uma baiuca. Tem que ser, olha: apartamento residencial e familiar. É um favor de mãe pra filho caçula.

O outro reagia: “E minha mãe? Mora lá, rapaz!” Durante umas duas horas, pediu por tudo:

— Só essa vez. Faz o seguinte: manda a tua mãe dar uma volta. Eu passo lá,

duas horas no máximo!

Tanto insistiu que, finalmente, o amigo bufa:

— Vá lá! Mas escuta: pela primeira e última vez!

Aperta a mão do companheiro:

— És uma mãe!

Decisão

Pouco depois, Menezes ligava para o ser amado:

— Arranjei um apartamento genial.

Do outro lado, aflita, ela queria saber tudinho: “Mas é como, hein?” Febril de desejo, deu todas as explicações: “Um edifício residencial, na rua Voluntários. Inclusive, mora lá a mãe de um amigo. Do apartamento, ouve-se a algazarra das crianças.” Ela, que se chamava Ieda, suspira:

— Tenho medo! Tenho medo!

Ficou tudo combinado para o dia seguinte, às quatro da tarde. No escritório, perguntaram:

— E o pediatra?

Menezes chegou a tomar um susto. De tanto desejar a mulher, esquecera completamente o marido. E havia qualquer coisa de pungente, de tocante, na especialidade do traído, do enganado. Fosse médico de nariz e garganta, ou simplesmente de clínica geral, ou tisiólogo, vá lá. Mas pediatra! O próprio Menezes pensava: “Enquanto o desgraçado trata de criancinhas, é passado pra trás!” E, por um momento, ele teve remorso de fazer aquele papel com um pediatra. Na manhã seguinte, com a conivência de todo o escritório, não foi ao trabalho. Os colegas fizeram apenas uma exigência: que ele contasse tudo, todas as reações da moça. Ele queria se concentrar para a tarde de amor. Tomou, como diria mais tarde, textualmente, “um banho de Cleópatra”. A mãe, que era uma santa, emprestou-lhe o perfume. Cerca do meio-dia, já pronto e de branco, cheiroso como um bebê, liga para o Meireles:

— Como é? Combinaste tudo com a velha?

— Combinei. Mamãe vai passar a tarde em Realengo.

Menezes trata de almoçar. “Preciso me alimentar bem”, era o que pensava.

Comeu e reforçou o almoço com uma gemada. Antes de sair de casa, ligou para Ieda:

— Meu amor, escuta. Vou pra lá.

E ela:

— Já?

Explica:

— Tenho que chegar primeiro. E olha: vou deixar a porta apenas encostada.

Você chega e empurra. Não precisa bater. Basta empurrar.

Geme: “Estou nervosíssima!” E ele, com o coração aos pinotes:

— Um beijo bem molhado nessa boquinha.

— Pra ti também.

Espanto

As três e meia, ele estava no apartamento, fumando um cigarro atrás do outro. Às quatro, estava junto à porta, esperando. Ieda só apareceu às quatro e meia. Ela põe a bolsa, em cima da mesa e vai explicando:

— Demorei, porque meu marido se atrasou.

Menezes não entende: “Teu marido?” e ela:

— Ele veio me trazer e se atrasou. Meu filho, vamos, que eu não posso ficar mais de meia hora. Meu marido está lá embaixo, esperando.

Assombrado, puxa a pequena: “Escuta aqui. Teu marido? Que negócio é esse? Está lá embaixo! Diz pra mim: teu marido sabe?” Ela começou:

— Desabotoa aqui nas costas. Meu marido sabe, sim. Desabotoa. Sabe, claro.

Desatinado, apertava a cabeça entre as mãos: “Não é possível! Não pode ser! Ou é piada tua?” Já impaciente, Ieda teve de levá-lo até a janela. Ele olha e vê, embaixo, obeso e careca, o pediatra: desesperado, Menezes gagueja: “Quer dizer que...” E continua: “Olha aqui, acho melhor a gente desistir. Melhor entende? Não convém. Assim não quero.”

Então, aquela moça bonita, de seio farto, estende a mão:

— Dois mil cruzeiros. É quanto cobra o meu marido. Meu marido é quem trata dos preços. Dois mil cruzeiros.

Menezes desatou a chorar.

74 - Gagá

Era jeitosa de rosto e de corpo. Já no seu primeiro dia de repartição, foi advertida pelas companheiras:

— Abre o olho?

— Por quê?

Em meio de risinhos e cochichos, continuaram a maledicência:

— O seu Maviel não é sopa!

Ingênua por natureza e por educação, alma sem malícia, encarou as outras, surpresa. Interpelou-as: “Vem cá. Não é sopa como?” Deram informações mais copiosas e precisas:

— Não pode nem ver mulher. Já deu em cima de todas as funcionárias da secção. Uma fera!

Lourdinha ainda resistiu, na sua ilimitada boa-fé. “Mas é batata isso?” Houve uma confirmação geral:

— Batatíssima! E uma das colegas, Arlete, mais petulante do que as outras, foi mais longe:

“Aposto o diabo contigo como, na primeira oportunidade, ele dá em cima de ti.” Mais do que depressa, a pequena trançou os dedos, numa figa preventiva. Disse: “Eu, hein? A outra insistiu: “Queres apostar?” Quase ofendida, empinou o queixo:

— Mas eu sou noiva, o que é que há?

Recrudesceram os risinhos. Explicaram, então, que não fazia a menor discriminação de casadas, noivas, viúvas e desquitadas. Segundo Arlete, ele era um pouco dessa lógica patética, segundo a qual o que cai na rede é peixe. A rigor, seu Maviel só tinha uma predileção especial: os “brotinhos”. Rodeando Lourdinha, as outras teimavam:

— Espera e verás!

O velho

Lourdinha ficou com a pulga atrás da orelha. Mas quando viu o chefe, com cabelos ralos e grisalhos, de óculos, uma aparência de cinquenta anos bem-vividos, caiu das nuvens. E foi, correndo, reclamar da outra: “Ora, não amola! Um velho gagá!” Arlete debruçou-se sobre a máquina e repetiu: “Vai por mim; abre o olho!” Durante, os primeiros sete dias de serviço, Lourdinha teve, por exigências do serviço, uma série de aproximações com o chefe. Este, porém, justiça se lhe faça, foi de uma correção, de uma polidez, de uma cerimônia verdadeiramente exemplares. E era até engraçado vê-lo chamar de “dona” e “senhora”, apesar dos seus 17 anos. Jamais dissera uma palavra suspeita, jamais esboçara um gesto equívoco. No exercício de suas funções e durante o expediente, era o burocrata e nada mais. As colegas é que não se conformavam. Sempre que ela saía do gabinete, com pastas debaixo do braço, a crivavam de perguntas:

— Como é? Ele te deu em cima? Conta, conta!

Lourdinha era categórica:

— Vocês são de amargar, puxa! Deu em cima de quem? Que mania! — e reafirmava: — Me trata com o máximo respeito!

Um dia, porém, foi fazer uma consulta ao seu Maviel, quando este, pigarreando, perguntou: “Que idade tem a senhora, d. Lourdes?” Parecia uma curiosidade natural e platônica. Respondeu:

— Dezoito.

Tirou os óculos, limpou a lente com um lenço fino:

— Sabe qual é a minha — repôs os óculos e continuou: — Vamos ver se você adivinha. Que idade eu pareço ter?

Balbuciou, perturbada: “Não sei, não senhor.” Ele, porém, cordial, animava: “Pode dizer. Diz.” Sob a pressão do outro, arriscou: “Quarenta e cinco?”

Seu Maviel riu, divertido; e retificou alegremente: “Errou!” E então, tocada pela cordialidade, pela confiança do chefe, quis saber: “Quantos?” Estufou o peito:

— Cinquenta! Percebeu? Meio século! Quer dizer, tenho 33 anos mais que a senhora. Podia ser seu pai! — e suspirando, acrescentou: — Já não dou mais no couro!

Ergueu-se, fez a volta da secretária e veio até onde estava a moça. Pousou a mão na sua cabeça. Em voz baixa, disse: “Não se esqueça nunca do seguinte: eu podia ser seu pai. Não podia, hein? Fala, meu anjo...” Confusa, balbuciou: “Podia.” Ele esfregou as mãos, numa satisfação profunda; pigarreou, concluindo:

— Pode ir! Pode ir!

O protetor

As amigas continuavam curiosas: “Deu-se alguma piada?” Respondia: “Nenhuma.” No dia seguinte, pela manhã, o *boy* veio chamar Lourdinha, a mando do seu Maviel. Pela primeira vez, ele a convidou: “Senta. Pode sentar.” E, então, com extrema naturalidade, indagou: “Você tem namorado?” Disse: “Sou noiva.” E ele: “Ótimo! Ótimo!” Quis saber, em seguida, se o noivo ganhava bem. Quando soube que não, que tinha um salário de fome, suspirou, grave:

— Isso é que é mau! Isso é que é mau!

Estava sentado na cadeira giratória. Levantou-se e começou a andar, de um lado para outro, com as mãos nos bolsos. Dir-se-ia um conferencista. E foi dizendo uma porção de coisas, inclusive isto: “Quero ser teu protetor.” Prevenindo uma interpretação errada de suas palavras, explicou: “Posso te falar assim, pelo seguinte, sou um velho. Tenho uma filha da tua idade. E, contigo, é até engraçado: eu me sinto uma espécie de pai.”

Sem querer e sem sentir, já a chamava de “tu” e “você”, misturando os dois tratamentos. Transformava a própria velhice num argumento invencível: “O velho tem suas vantagens. Primeiro: não ameaça ninguém.” Novamente, pousou a mão na cabeça da pequena: “Sou uma ameaça pra ti, um perigo?” Ele próprio daria a resposta terminante: evidentemente não. Com meus cabelos brancos, a única coisa que eu posso ser, no duro, é uma espécie de Papai Noel.” Estacou e, já agora, segurava a ponta do queixo de Lourdinha. Baixo, perguntou: “É ou não é?” Admitiu:

— É.

Arrependeu-se logo de ter concordado. Mas o fato é que o outro, com a ascendência dos anos e de hierarquia, com a lógica aparente dos argumentos tornava naturais as coisas mais incríveis. Houve um momento em que seu Maviel prendeu entre as mãos o rosto atônito de Lourdinha. Ela mal respirava, numa passividade de todo o ser. E tinha uns olhos fixos de hipnotizada. Quando saiu de lá, as coleguinhas a esperavam com o comentário:

— Olha que esse cara tem uma papa tremenda. Com a conversa de que é velho, vai longe!

O cinema

Durante dois dias, não recebeu nenhum chamado do gabinete. Via o chefe, a distância, e de passagem. A princípio, respirou, feliz: “Graças a Deus!” Mas outras funcionárias entravam e saíam de lá. Menos ela. E isso foi, com o correr das horas, criando, no mais íntimo de si mesma, uma certa irritação. À tarde, quase à hora de fechar o expediente, seu Maviel veio ver um processo numa mesa próxima. E não teve um único olhar, uma única palavra, para ela. Batendo à máquina um ofício, Lourdinha comentou, de si para si: “Que graça!” Nesse dia, saiu do emprego de mau humor. O noivo a aguardava, na esquina. Enquanto esperavam o ônibus, o rapaz foi advertindo: “Me contaram que teu chefe é um velho sem-vergonha. Se ele se engraçar pra teu lado, tu me diz, que eu vou lá e sabe como é, parto-lhe a cara!” Lourdinha, que não gostava de homem genioso, ralhou:

— Deixa de valentia, sim?

Na manhã seguinte, seu Maviel mandou chamá-la, logo cedo. Desta vez, foi mais direto ainda. Confessou: “Gostaria muito, imenso, de ajudar, você, no seu enxoval, etc., etc.” E, sem desfitá-la, perguntou: “Queres ir a um cinema comigo?” E insistia: “Um cineminha?” Durante um minuto, dois, foi incapaz de uma resposta: não estava indignada e... com esforço, balbuciou:

— Não vale a pena.

Seu Maviel, amargo, lembrou: “Olha que eu tenho uma filha da tua idade!” Mas, nessa tarde, cruzaram-se, acidentalmente, na rua, depois do expediente, os três: de um lado, Lourdinha e o noivo e do outro seu Maviel. Ora, o noivo de Lourdinha, forte, atlético, bonitão, era desses homens que viram a cabeça de qualquer mulher. E, pela primeira vez seu Maviel teve a amargura da idade e sofreu, de uma maneira aguda e intolerável, a humilhação de ser velho. Havia entre seus cinquenta anos e a vitalidade do outro um contraste esmagador. Entrou, em casa à noite, numa tristeza irremediável. A mulher estranhou:

— Que cara sinistra é essa?

Explodiu:

— Ora, não me aborrece você também!

A esposa, meio neurastênica, replicou, num tom equivalente: “Que cavalo!” E foi só. Por coincidência ou por autossugestão, acordou, no dia seguinte, com

dores nas articulações. Ironizou: “Reumatismo da idade!” Entrou na repartição com uma dessas melancolias que arrasam os mais resistentes. Chamou um companheiro de trabalho, idoso como ele, e fez as confidências mais patéticas: “O negócio é o seguinte, Fulano: o velho não tem vez, o velho nem devia existir.” O outro, impressionado com esse lamento, indagou: “Que bicho te mordeu?” Teve vergonha de entrar em maiores confidências; despistou: “Sou um palhaço muito grande.” Pois bem. Passou uns três dias, de cara amarrada, sem olhar para Lourdinha. E não lhe saía da cabeça a imagem do noivo juvenil, com seus ombros, seu busto de Tarzan de praia. Até que, um dia, estava sozinho, quando Lourdinha entra no seu gabinete e faz a pergunta: “Seu Maviel o senhor está zangado comigo?” Ergueu-se, pálido. Gaguejou: “Eu?” Continuou, sem desfitá-lo:

— O senhor nunca mais me chamou. Parece até, que está me evitando!

O velho arriou na cadeira giratória: “Estou velho, muito velho...” Teve ainda um desabafo brutal: “Não sou nada, nada, diante do teu noivo. Aquilo é que é homem!” Então, aquela menina de 17 anos, fez a volta da mesa, numa espécie de fascinação. Apertou o rosto do chefe entre as mãos, beijou-o na boca, muitas vezes.

75 - Justo pelo pecador

De repente, ela começou a se interessar pelos passarinhos que via nas árvores, em cima do muro e pousados nos fios telefônicos. Quando saíam os dois, marido e mulher, de braço, ela estacava, de repente:

— Ah, que amor!

E ele:

— O quê?

Apontava:

— Aquela cambaxirra. Às vezes, não era cambaxirra; era pardal ou coisa que o valha. Outras vezes, Lúcia não via, mas ouvia um bem-te-vi. Começava a procurar. E se, por acaso, descobria o pássaro, puxava o marido pela manga do paletó e fazia questão fechada que ele olhasse, também:

— Ali, meu filho, ali!

— Onde?

— Em cima daquela árvore, assim, assim. Malvino era míope e, além de ser míope, tinha um prosaico e irremediável desinteresse pelos pássaros, sem exceção de cor, feitio e nome. Para fazer a vontade da mulher, acabava admitindo:

— Agora estou vendo.

Ela, inflamada, continuava, no mesmo lugar, interessadíssima, vendo o bichinho pulando de galho em galho. De repente, o bem-te-vi batia as asas, desaparecia e Lúcia, ainda excitada, tinha pena de ir embora, na secreta esperança de que o pássaro voltasse. E, um dia, depois do jantar, mexendo o café, fez a comunicação:

— Sabe de uma coisa, meu filho?

— Que é?

— Vou comprar uma gaiola, amanhã.

Malvino achou aquilo sem pé, nem cabeça; e fez o natural espanto:

— Gaiola sem passarinho?

A própria Lúcia, por um momento, ficou meio sem jeito, como percebendo o absurdo da própria ideia: Afinal, explicou:

— O passarinho se arranja!

O canário

Malvino não ligou muito. Estava em vésperas de um clássico do futebol carioca e ele não pensava senão no jogo que se aproximava. Botafogo fanático, esfregava as mãos, antegozando as alternativas do *match*:

— Vai ser uma barbada! Vamos papar o Flamengo, direitinho!

E fazia o gesto respectivo, querendo significar que iam fazer a barba e o bigode do Flamengo. De noite, sonhava com os *goals* do Botafogo; uma vez por outra amargava pesadelos medonhos, no decorrer dos quais o juiz marcava pênaltis contra seu *team*. Ao acordar, batia na madeira:

— Isola!

Ora, um torcedor passional não tem discernimento para observar e interpretar umas tantas modificações da vida conjugal. Por exemplo: a mulher trouxera da casa dos pais uma gata, por quem nutria verdadeira paixão. Chamava-se Bonifácia, não sei por que cargas d'água e era o ai-jesus de Lúcia. Ela chegava ao exagero de querer dormir com o bicho. E, no princípio, Malvino tivera que achar ruim e fazer prevalecer sua autoridade de marido:

— Ah, não, tem paciência. Esse bicho não dorme na cama, não, que esperança!

E Lúcia:

— Que mal há, meu bem? Sempre dormiu comigo!

— Dormiu, enquanto você foi solteira! Agora a coisa mudou de figura! E tinha graça! Pois bem.

Passou-se o tempo, até que sobreveio, em Lúcia, a mania súbita, intempestiva e sem precedentes, pelos pássaros. Malvino, se não andasse tão absorvido pelo campeonato, poderia, perfeitamente estranhar e perguntar: "Que negócio é esse? Você nunca, na sua vida, se interessou por passarinho?" Mas achou, talvez, que aquilo fosse uma mania passageira; e não viu que Lúcia já não ligava para Bonifácia. Há 15 dias, com efeito, que ela não levava, em mão, o pires de leite para a gata. Esta miava, de vez em quando, numa saudade justificada do antigo afeto e da antiga assistência.

Um dia, Malvino chegou do emprego e deu com a mulher, na cozinha, muito entretida com uma gaiola. Ele caiu das nuvens:

— Que é isso?

E ela, radiante:

— Você não está vendo? A gaiola, meu filho!

Sim, comprar a gaiola, alpiste, o diabo. De martelo em punho, bateu um prego na parede. E em cima de um banquinho, pôs lá a gaiola. Então, Malvino fez o único comentário que a situação comportava:

— Você é maluca, é? Onde já se viu! Uma gaiola com alpiste e sem passarinho? Mulher é um bicho engraçado.

Lúcia insistiu em que o passarinho se arranjava e o assunto passou, porque era hora da resenha esportiva e Malvino ligou o rádio. No dia seguinte, encontrou Lúcia, na cozinha, em cima do banquinho, a cara quase dentro da gaiola, no interior da qual estava instaladíssimo um canário de papo de ouro. O espanto de Malvino não teve limites.

— Onde é que você arranjou esse bicho?

Ela, dependurada, chamou-o: Puxou outro banco, trepou e, por alguns momentos, ficou também entretido, e namorando o canário. A mulher, para excitar o bichinho, assoviava. O canário, porém, conservava-se num mutismo intransigente. Malvino perguntou:

— Não canta?

— Canta, sim. Canta até muito.

E começou uma nova fase na vida do casal. De manhã, o pássaro inaugurava o dia com verdadeiras árias. De fato, cantava muito, cantava talvez demais. Lúcia, na obsessão do canário, acordava mais cedo, vinha vê-lo. Mudava a água, renovava o alpiste e trazia a gaiola que era um brinco. Alta madrugada, acordava e vinha espiar. Seu medo constante era de que a gata pudesse derrubar a gaiola e devorar o bichinho. Certificava-se de que o canário estava intacto e, mais tranquila, voltava para o quarto. O pior era quando o passarinho por um motivo ou outro emburrava, deixava de cantar e se metia, num canto, triste, como se estivesse doente: O pânico de Lúcia era uma coisa de irritar pelo exagero:

— Ele tem alguma coisa! Ah, tem, sim!

— Tem o que, mulher! Tem coisa nenhuma! Que mania!

No fim, já Malvino fazia blagues amargas:

— Minha mulher não me liga mais! Dá muito mais importância ao passarinho!

Não deixava de ter sua razão, porque o canário era a paixão, a mania, a doença da mulher. Não tinha outro assunto e já não queria sair, não ia mais ao cinema, com medo que, na sua ausência, a Bonifácia papasse o canário. Por conta dessa possibilidade vaga, enfurecia-se:

— Ah, eu matava essa gata!

A revelação

Até então, não ocorrera a Malvino interessar-se pela procedência do passarinho. De fato, que maldade pode haver na aquisição de uma avezinha. E existem, na cidade, casas que negociam com aves, de todos os gêneros. Há também os vendedores a domicílio. Um dia, porém, apareceu, em casa de Malvino, uma vizinha, uma autêntica jararaca. Era uma senhora geralmente malquista e temida, em função de sua maledicência. Via maldade em tudo e dissimulava o seu veneno por detrás de uns modos melífluos, que irritavam. Nem Malvino, nem Lúcia, gostavam dela, mas a respeitavam. D. Lourdes conversou sobre vários casos de infidelidade. De repente, disse, com o ar mais inocente do mundo:

— D. Lúcia, sabe quem tinha um canarinho igualzinho ao seu? O dr. Linhares! Ah, ele também é louco por tudo que é passarinho! Tem um viveiro, que é uma maravilha!

Lúcia não fez comentário nenhum. E, depois, d. Lourdes saiu, muito amável. Ainda disse, no portão: “Apareça.” Já era tarde e o casal estava com sono. No quarto, antes de apagar a luz e num bocejo, Malvino perguntava:

— Eu conheço esse dr. Linhares? Conheço? Ficou sabendo que ele morava no fim da rua e que, realmente, gostava muito de passarinho. No domingo seguinte, o Botafogo perdeu e Malvino, ao voltar do jogo, num mau humor execrando, viu uma senhora cumprimentar um cavalheiro; e dizia a senhora: “Como vai, dr. Linhares?” Malvino olhou e constatou que era, insofismavelmente, um belo tipo de homem. Imediatamente, houve nele uma associação de ideias, pois lembrou-se da alusão que d. Lourdes fizera ao passarinho do dr. Linhares. Já estava furioso com a derrota e semelhante estado psicológico facilitou uma meditação sobre o canário, a mulher, d. Lourdes e o bonitão. Entrou em casa e foi encontrar a mulher, trepada no banquinho, assoviando para o pássaro. Não disse nada ou, por outra, rosnou apenas:

— Esse passarinho já está me enchendo!

O inocente

Até que, 15 dias mais tarde, recebeu no escritório uma carta sem assinatura: “O dr. Linhares está com tudo e não está prosa.” Ele virou, revirou o papel; leu aquilo muitas vezes. Ao sair do emprego, mudou de itinerário e passou pela casa do dr. Linhares. Olhou o viveiro de pássaros. E tomou sua decisão. Entrou em casa sem beijar a mulher. Foi à cozinha, enfiou a mão na gaiola e trouxe o pássaro vivo. A mulher, atônita, não esboçou um gesto nem disse uma palavra. E ele, também em silêncio, fez apenas isto: torceu e arrancou o bico do canário. Então a mulher teve um verdadeiro ataque. Gritava, como uma possessa, para que todos os vizinhos ouvissem:

— Pois é verdade, ouviu? É verdade, sim! Eu gosto é do Linhares!

Ele então, saiu de casa. Durante muitas horas andou pelas ruas. De repente, sentiu uma coisa na mão: era, ainda, o passarinho sem bico.

76 - O patife

Chegou, furioso:

— Vem cá, Luzia, vem cá!

Foi, com a noiva, para a varanda, sentou-se lá, e apanhando um cigarro, começou:

— Quero saber de ti o seguinte, é verdade que viajaste, ontem, com o Chaves, de lotação?

— Por quê?

— Responde.

Admitiu:

— Viajei, sim. É verdade.

Cantuária atira fora o cigarro:

— Bem. O negócio é o seguinte, tu sabes que eu não sou ciumento, não sabes?

— Sei.

Continuou:

— Pois é. Mas tudo tem um limite. E o meu limite é, justamente, o Chaves. Tu podes viajar, de lotação, com qualquer outro; viajar de bonde, de lotação e, até, de taioba. Mas o Chaves, não. Com o Chaves não quero.

— Ué!

Cantuária ergue-se. Em pé com as duas mãos enfiadas nos bolsos, disse a última palavra:

— O Chaves é um canalha. Basta dizer o seguinte, não respeita nem as cunhadas!

O miserável

Espantada com a indignação do noivo, Luzia caiu na asneira de objetar: “Mas o Chaves parece tão bonzinho!” Foi um deus nos acuda. Diante da noiva em pânico, ele armou um barulho tremendo; e repetia: “Qualquer um, menos o Chaves!” Para esclarecer a pequena, em termos definitivos, fez uma biografia relâmpago do patife. Ela ficou sabendo, assim, que o acidental companheiro de lotação só pensava em mulher, sem discriminação de casadas, solteiras, viúvas, desquitadas, brotos e balzaquianas. Por último, Cantuária referiu um episódio, que parecia anedota, mas por cuja autenticidade jurava de pés juntos:

— Imagina tu que morreu um amigo do Chaves, amigo de infância, quase um irmão. Pois bem. Tu sabes que fez ele, o canalha? Em pleno velório, deu em cima da viúva, nas barbas do cadáver! Apalpou a viúva!

Ingenuidade

Cantuária devia dar-se por satisfeito. Durante uma hora e cinquenta minutos, incumbira-se de arrasar o Chaves, sem deixar pedra sobre pedra. E não há dúvida que Luzia ficara para sempre esclarecida. No dia seguinte, porém, ocorreu uma coisa bastante curiosa: Cantuária chega e retoma o assunto da véspera. Excitado, bufava:

— Te digo, com pureza d'alma, é o único canalha puro que eu conheço! O único!

Ao lado, trânsida, Luzia não dizia nada. E Cantuária, no exagero do seu escrúpulo, exigia: "Não quero nem que cumprimentes esse miserável!" Ela fez espanto: "Nem cumprimento?" Pigarreia e acaba transigindo:

— Cumprimentar, pode. Mas só cumprimentar, percebeste? Nada de conversa, de bate-papo.

Insinuou:

— Conversa não tira pedaço, meu filho!

Pulou:

— Tira, sim. Às vezes, tira. Como é que se conquista? Pela papa. E dizem que nem um poste resiste à papa do Chaves. Um bico-doce! Não, senhora, distância, ouviu? Muita distância.

— "Bom-dia", "boa-noite" e só!

Curiosidade

Chaves passou a ser a ideia fixa do Cantuária e, também, ideia fixa de Luzia. Uma tarde, ela protestou:

— Tem dó! Você só fala no Chaves! Muda de chapa, criatura! — e confessa: — Até sonhei com o Chaves, imagine!

— Sonhou?

Suspira:

— Tenho sonhado! Mas é natural, você só fala nele!

Com um cigarro apagado nos lábios, ele catava os fósforos nos bolsos. Mas a verdade é que experimentava uma surda irritação. Deixa passar um momento e, súbito, quer saber:

— Que espécie de sonho você teve com o Chaves? O que é que houve no sonho? Houve bandalheira?

Crispou-se:

— Não digo!

E o Cantuária, atônito:

— Por quê? Não diz por quê? — e insistia, lívido: — Houve alguma pouca vergonha no sonho?

Mas não houve meio de lhe arrancar uma palavra, nada. Limitava-se a responder: “Bobagem, bobagem!”

O noivo, humilhado, ofendido, explodiu: “O sonho é uma coisa infecta!” E ao despedir-se, diz para a noiva, ainda emocionado:

— Nunca te esqueças, o Chaves é o único canalha integral do Brasil!

Obsessão

Sonhara, sim, com o Chaves. Não uma vez ou duas, mas umas dez, no mínimo. E o pior é que ao sonhar pela quarta vez, resolvera ligar para o patife. Conversaram, no primeiro telefonema, uns quarenta minutos. A princípio, pôde esconder a identidade. Súbito, o Chaves exclama: “Já sei! Você é a Luzia!” Ainda quis negar, mas teve que admitir: “Sou a Luzia, sim.” Vacila, porém acaba confessando:

— Meu noivo fala tão mal de ti que resolvi te telefonar.

Então, começou um romance telefônico que era, a um só tempo, uma delícia e um martírio. Luzia deixava o telefone sentindo-se a última das mulheres. Mas o diabo é que o remorso valorizava o prazer. Adorava a voz do Chaves, o riso, a gíria especialíssima, a ternura persuasiva e viril. Ele perguntava, com bom humor: “Tu me achas um tarado?” Suspirava:

— Pelo contrário, te acho normalíssimo. O fato é que o Chaves se converteu no grande e, talvez, único problema de sua vida.

Queria fugir, mas faltavam-lhes forças. Até que chegou o momento em que ele começou a desejar os encontros pessoais. Luzia caiu das nuvens: “Você se esquece da minha situação? Que eu sou noiva e meu noivo tem horror de ti? Deus me livre!” Chaves deixou passar o pânico. No dia seguinte argumenta:

— Você não pode ser vista comigo, claro. Mas há um remédio, uma solução, meu anjo. É a seguinte, eu arranjo um lugar discretíssimo, onde possamos conversar, calma e docemente. Tu não achas que é uma ideia fabulosíssima?

O abismo

Ao ouvir falar em apartamento, quase desmaiou no telefone: “Que ideia faz você de mim?” Mas ele, que já esperava esta resistência inicial, insiste: “Te juro que não tocaria num fio do teu cabelo! Quero conversar contigo, só!” Ela, trêmula, resistia: “Não acredito em homem!” E Chaves, fatalista: “Paciência!” Mas não desistiu. A partir de então, com amorosa tenacidade, trabalhou o espírito da garota. Prometia:

— Você sairá, como entrou. Faz a experiência, faz! Juro que não te darei nem um beijinho!

Durante dois meses, ela resistiu dia após dia. Até que, uma tarde, soluçou no telefone: “Vou, pronto, vou!” E foi, realmente, no dia seguinte, com um casaquinho vermelho, uma pequena echarpe e um ar de menina indefesa. O apartamento era num 12º andar; ao entrar, viu uma janela, que se abria para a tarde. Vira-se para o Chaves e, fazendo beicinho, ameaçou:

— Se você tocar em mim, eu me atiro por ali, ouviu?

O sedutor

Passaram no apartamento, umas duas horas. Nos primeiros dez minutos, Luzia viveu na expectativa do assalto iminente, do ultraje inevitável. Todavia, o Chaves, muito senhor de si, apenas cordial, não teve um gesto suspeito. Colocou entre si e a menina, uma mesinha protetora. Então já sem medo, à vontade, ela começou a experimentar uma sensação de profundo bem-estar. Esqueceu-se de tudo e de todos. Foi ele que, em dado momento, olhando o relógio, ergueu-se: "Já está na hora de ir, meu anjo." Luzia levantou-se, apanhou a bolsa. Ele diz: "Não te disse que não te tocaria? Você está mais pura, até, do que antes." Luzia chegou a dar dois ou três passos em direção da porta. Súbito, estaca. Volta-se e corre para o rapaz. Agarra-se a ele numa espécie de cólera:

— Se tu não me beijas, eu te beijo!

Sua boca procurou a do rapaz. No fim do terceiro ou quarto beijo, a pequena ainda dizia, fora de si:

— Bobo! Bobo!

77 - Vontade de ser mãe

Ainda eram noivos e já discutiam a questão dos filhos. Muito positivo, Olavo não fez cerimônias: não, não e não. Houve o natural espanto da pequena e respectiva família:

— Mas que é isso? Que mentalidade!

Ele argumentava:

— Se eu fosse mulher, te juro que não queria filhos nem amarrado!

Achavam graça:

— Nossa mãe! E não queria por quê? Tão natural!

— Por quê? — e acrescentava — Pelo seguinte, não há mulher grávida bonita.

— Mas, oh! Nem diga isso! A maternidade é uma coisa sublime!

Citavam, então, o caso dos ônibus lotados. Sempre havia um abnegado que cedesse seu lugar às senhoras em estado interessante. E como dissessem que o parto era uma coisa natural, exaltava-se:

— Vocês falam tanto em natureza. Ora, bolas! A natureza dá cada fora tremendo!

— Como?

E ele, de mãos nos bolsos, polêmico e agressivo:

— Evidente! Onde já se viu? — e espetando o dedo na cara dos opositores: — Pois fique sabendo que eu não vou atrás da natureza, coisa nenhuma. Ela quer que eu tenha filhos, não é? Pois muito bem. Eu, não quero, compreendeu? Cismei, pronto, acabou-se!

Essas ideias alarmavam Guida. Mas o pai da pequena, que era esclarecido e cordial, ria francamente: “Você não vê logo? Isso é literatura, minha filha!” Guida perguntava: “Literatura?”

E o velho:

— Claro! Conversa fiada!

A alegria

Um dia, os dois fizeram uma espécie de pacto. Aproveitando um momento em que o noivo estava de muito bom humor, ela o chamou:

— Meu anjo, vamos combinar um negócio direitinho.

Ele, que recebera um aumento de ordenado e ainda estava sob o impacto do acontecimento, deu-lhe um rápido beijo na boca. Pendurada a seu ouvido fez a pergunta:

— Unzinho só está bem?

Olavo não entendeu: “Unzinho, como?” Fez-lhe cócegas, com a ponta do dedo, na orelha:

— Um filho, meu bem. A gente tem um e pronto, não se fala mais nisso:

— Como você é teimosa! Filho só dá dor de cabeça! E, além disso, eu tenho uma alergia danada à mulher grávida.

Guida, porém, com muito tato, com sua autoridade macia de mulher amada, foi envolvendo o rapaz. No fim, ele estava eufórico, capitulou: “Vá lá! Vá lá!” Fez, porém, a ressalva:

— Mas olha! Só no segundo ano de casada. No princípio, não.

Quando ele saiu, a moça correu para a família: “Olavo topa. Disse que topava.” O pai exultou: “Não te disse? Conversa fiada.” Mas no dia seguinte, o noivo já era outro.

— Pra que filho? Colégio hoje em dia é uma exploração! Vai por mim! É um grande golpe casal sem filho. Muito mais negócio!

Como a menina fizesse uma cara de desapontamento, usou o argumento estético: “Olha, meu bem. Você é um biju, um autêntico biju. Imagine você pesadona, como essas infelizes que andam por aí, imagine!”

Núpcias

Casaram-se. No fundo, Guida estava certa de que a resistência de Olavo era bobagem e que ele acabaria se conformando. O pai, grande conhecedor da vida, assegurava:

— Vai ser um pai ótimo!

— Tomara, papai, tomara!

No 15° dia de lua de mel, Guida telefonou para casa: “Mamãe, mamãe!” A pobre senhora tomou um susto: “Que foi?” Ela vinha enunciar:

— Estou sentindo uns negócios, mamãe!

— Ainda é cedo, minha filha. Pode ser rebate falso.

Pendurou-se no telefone:

— Ah, mamãe! Eu queria tanto, mas tanto!

— Quem sabe?

Desde criança, com efeito, que sonhava com a maternidade futura. Não podia ver um neném que não lhe desse ganas de carregá-lo, beijá-lo, mordê-lo. E quando voltou, para a planície, contou todos os sintomas. Alguém se antecipou: “Batata!” Ela pediu aos presentes:

— Pelo amor de Deus, não digam nada a meu marido. Quero ser eu mesma a dar a notícia. Sim?

Foi ao médico; este parecia indeciso: “Certeza, não posso dar. Tem muito pouco tempo. O negócio é fazer exame de cobaia.” Guida fez o exame. Ansiosíssima, telefonou para o laboratório: “O exame assim, assim, qual foi o resultado?” O empregado foi lá dentro ver e voltou:

— Positivo.

O choque

Foi este o momento mais feliz de sua vida. Ligou o telefone para todo o mundo:

— Sabe que eu estou?

— Batata?

Ela, na sua euforia, dizia apenas:

— Graças a Deus! Foi esperar o marido no portão. Deu-lhe a notícia à queima-roupa: “Fulano, vou ter neném”. Ele ficou pálido: “Mentira!” Apoiando-se no braço do rapaz, foi enfática: “Palavra de honra.” Estava muito feliz, linda e comovida. Olavo plantou-se, na calçada, atônito; e a olhou, de alto a baixo, como se a moça já pudesse ter a deformação da gravidez. Ela sonhava: “Para mim, tanto faz menino ou menina.” Suspirou: “Não faço questão.” Só quando entraram em casa é que ele, sem tirar o paletó, assumiu atitude:

— Você vai tirar isso, já, já!

— Como? Tirar o quê?

Durante dez ou 15 minutos, sem uma palavra, viu e ouviu o marido esbravejante. De vez em quando, ela pensava: “Só falta me dar pancada.” E as palavras de Olavo a enchiam de pavor:

— Você pensa que eu estou brincando? Falo sério! Não suporto mulher grávida, compreendeu? Eu perderia o amor, o amor que tenho! Quero que Deus me cegue, se minto! Amanhã mesmo vamos no médico e liquida-se o assunto!

Guida já não reconhecia o marido. Dir-se-ia um homem cruel e vingativo, que via pela primeira vez. Mas soube ser corajosa e irredutível. Disse-lhe: “Nunca, ouviu? Nunca! Nem você nem dez como você, tocam no meu filho! Duvido!” Instintivamente, recuou colocando-se detrás de um móvel numa espécie de proteção para a maternidade que começava. Berrou a perguntar:

— Quer dizer que você não tira?

— Não, não tiro! Nunca!

Durante três dias, quase não se falaram. Debaixo do mesmo teto, marido e mulher, eram como dois estranhos ou, pior, como dois inimigos. Ela estava sob a ideia fixa: “Odeia meu filho!” Afinal, no quarto dia, ao entrar em casa, Olavo teve um gesto inesperado que a comoveu até as profundezas do ser: tomou-a nos braços, beijou-a, longamente, na boca. Houve uma doçura mortal nessas pazes.

O marido pediu perdão: “Você vai ter filho, sim, e eu quero que tenha. Juro que vou ser um grande pai.” Em meio do carinho recíproco, Guida fez a revelação: “Sabe que eu tinha feito uma promessa para você mudar?” Naquele momento era o casal mais feliz da face da Terra. Na hora de dormir, ele bocejando, avisou: “Amanhã, vou te levar a um médico de confiança. Ele, inclusive, poderá fazer o parto.”

O médico

O consultório não tinha nada de convidativo, e, pelo contrário, transmitia uma impressão de falta de higiene absoluta. Olavo ainda brincou: “Quem vê cara, não vê coração.” Guida passou, lá, uns quarenta minutos e, por vezes, teve que cerrar os dentes para não gritar. O marido, de um lado, e a enfermeira do outro animavam: “É assim mesmo.” O próprio médico fez a blague:

— A senhora é muito manhosa.

Saiu triste e atormentada. Ao passar pela sala de espera, viu as outras clientes, moças humildes e de cor, com um ar de domésticas e uma expressão de espanto e de medo. Em casa, horas depois, começou a hemorragia. Apertou a cabeça entre as mãos: “Sangue por quê, meu Deus.” O marido voltara para a cidade; ela quase telefonou para ele. No último instante, discou para o médico da família: “Venha, doutor, que eu estou perdendo muito sangue!” O velho compareceu; fez o exame e parecia assombrado: “Mas o que foi que você andou fazendo, minha filha? Que foi?” Ela não entendeu: “Eu não fiz nada, eu...” E, súbito, compreendia tudo. Ouviu o médico: “Ainda por cima, uma curetagem muito malfeita.” Quando o marido chegou, ela se levantou da cama, de camisola, os pés nus. Veio ao seu encontro, deixando no chão um rastro de sangue. Com suas últimas forças, gritou-lhe: “Você me enganou... Você matou meu filho...” E perdeu os sentidos.

O drama

Andou entre a vida e a morte. Acabou reagindo, porque era muito sadia e tinha vontade de viver. Quando já convalescia, disse ao marido: “Vou te pedir um favor: não me beijes nunca.” Durante alguns momentos, observaram-se, em silêncio. Ele sentiu, no olhar da mulher, fixo e intenso, um ódio mortal. Apavorado, correu à família de Guida. O sogro o confortou: “Isso passa. É assim mesmo, mas passa.” Agora que a sentia tão fria e irredutível ele a amava muito mais. Um dia, entrou em casa. O rádio tocava uma valsa qualquer. A mulher cantarolava e, sozinha, volteava, na sala. Mas quando o viu, estacou, empalidecendo. No dia seguinte, o médico da família o procurou: “Sua mulher está assim, assim. Mas esse você vai deixar, não vai?” Respondeu simplesmente:

— Vou.

Voltou para casa; balbuciou para a mulher: “Eu te perdoo...” Ela ergueu então o rosto duro, em desafio:

— Não quero o teu perdão.

78 - O desgraçado

Numa roda de amigos, queixou-se amargamente. Rosnava para um e outro:

— Vivo uma tragédia! — e repetia, com o olho rútilo: — Uma tragédia!

Então, um dos presentes, o Pimentel, bate-lhe nas costas e passa-lhe um pito jucundo:

— Você fala de barriga cheia! Tragédia de araque! Um sujeito como tu, cheio de mulheres! Escuta, Peixoto. Você não sabe o que fazer de tanta mulher!

Peixoto abre os braços:

— Pimentel, olha. Escuta, Pimentel. Aí é que está. A minha tragédia é, justamente, essa. Entende? Essa! Tenho mulher demais! Deixa eu falar! Eu nasci com um temperamento que Deus me livre. Não posso ver uma. Enfrento buchos horrorosos!

Em redor, houve um espanto divertido:

— Chuta tuas mulheres! Passa adiante!

Assim espicaçado, ele começou a dar chutes no ar. Estava ridículo e terrível:

— Chuto, sim. Estou disposto. Ouve aqui. Estou disposto a fazer uma liquidação das minhas mulheres — e trincava os dentes: — Uma liquidação de mulheres na avenida Passos!

Doença

Pouco depois, abandonava o grupo. O Pimentel, que tinha um encontro, o acompanhou. E o Peixoto, particularmente deprimido, fez-lhe confidências ainda mais dramáticas:

— Imagina tu. Vê se pode. Hoje, em minha casa. No meu próprio lar, Pimentel!

O amigo pensou na empregada. Mas Peixoto foi taxativo:

— Antes fosse a empregada. Antes fosse. Cunhada, Pimentel! Percebeste? Cunhada!

— Qual delas?

Param numa esquina, à espera do sinal. Peixoto esbraveja:

— A viúva! Perdeu o marido há dois meses. Ou nem isso. E, hoje, eu quase pulo no pescoço da infeliz. Se minha mulher não aparece. Por acaso, foi uma casualidade. Se não aparece, eu atracava! E já imaginaste o bode?

Pimentel pigarreia: “Bem, mas. A tua cunhada vale. De mais a mais, o luto desperta, inspira.” Peixoto respira fundo:

— Qual nada! Isso é doença! Vou ao médico! Doença, no duro! Até logo, lembranças, até logo!

O médico

No dia seguinte, consultou os colegas do escritório:

— Qual é o médico que trata de sujeito que só pensa em mulher?

O subcontador, o Carvalhinho, faz espanto: “Isso é doença, é?” Peixoto rosna:

— Não faz piada! No meu caso, é doença!

Ante a alegre curiosidade dos amigos, explicou que era portador de um desejo indiscriminado e universal. Não fazia discriminação de cor, de idade, de estado civil, de nada. Repetia para os colegas: “Isso não é normal, não pode ser normal!” Deixa passar um momento e torna: “Deve haver um remédio. É impossível que não haja um remédio!” O Carvalhinho deu a ideia:

— Vai ao Ribas. Psiquiatra de mão-cheia.

Quis saber: “É caro?” E o Carvalhinho:

— Puxado, mas vale.

Depois do almoço, lá foi o Peixoto para o Ribas. Deixou com a enfermeira mil pratas e pensava: “Esses médicos são uns gângsteres!

Finalmente, pôde entrar. E viu-se diante de um sujeito de avental, esguio e lívido. Na sua cadeira giratória, o dr. Ribas faz a primeira pergunta e o Peixoto começa, ansiosamente:

— Doutor, o meu problema é o seguinte, eu acho que tenho um excesso de energia.

Batendo com o lápis na mesa, o médico quis saber: “Como excesso de energia?” Com uma certa vergonha, explica:

— Não posso ver mulher, doutor. Qualquer, já sabe. Mesmo as feias, as horrorosas, doutor. Eu não faço seleção. Não seleciono.

O médico levanta-se. Andando de um lado para outro, fala:

— Em amor, a seleção é um equívoco ou, pior, uma deficiência. Só os insuficientes é que escolhem muito, escolhem demais. Meu amigo, a natureza não manda o senhor preferir a Ava Gardner, a Lollobrigida. Para a natureza, qualquer mulher é mulher. E os buchos também são filhos de Deus, que é que há?

Confuso, balbuciou:

— Mas, doutor, o meu problema...

O médico atalha: “Meu amigo, não chame isso de problema. Isso nunca foi problema, nem aqui, nem na China.” Peixoto gagueja: “Quer dizer que...” E o dr. Ribas:

— Meu amigo, se todos os maridos fossem como o senhor, a loucura feminina seria mínima. O que põe a mulher no hospício, quase sempre, é a falta de amor. Batata!

Peixoto já não sabia mais o que dizer, o que pensar. Interiormente, chorava amargamente os mil cruzeiros da consulta. Perguntou, finalmente:

— Não tenho, então, doença, doutor?

Dr. Ribas pôs-lhe a mão no ombro:

— Doença? Meu amigo, sossega! Você tem uma mina. Escuta, um momento. Você tirou a sorte grande. Vou lhe dizer mais, atrás dessa doença, ando eu. Eu queria que isso fosse contagioso. Palavra de honra!

Levou-o até a porta. Baixou a voz, grave:

— Está de parabéns!

O infeliz

Ao sair do consultório, Peixoto não sabia se estava radiante ou desesperado. Mas, no elevador, via uma gorducha, vestido colante, decote espetacular e toda uma cintilação de joias. Peixoto dardeja-lhe o primeiro olhar, e já começou a respirar forte. Embaixo, a baiaca sai na frente e o Peixoto, alucinado, atrás. Mais adiante, o lábio trêmulo, uma luminosidade no olhar, pergunta, por cima do ombro da desconhecida:

— Posso acompanhá-la?

A mulher vira-se. Olha-o de cima a baixo:

— Quer que eu chame o guarda!

E ele, ofegante:

— Perdão. A senhora me interpretou mal.

Não se controlava mais. Em sentido contrário, vinha uma Fulana qualquer.

Bonita? Feia? Peixoto não saberia dizê-lo, nem era problema. Deixa uma por outra. Com uns olhos imensos e fixos de Svengali, balbucia:

— Minha senhora, olha, escuta. Sinto por si uma forte simpatia.

A Fulana apressa o passo. O rapaz via outras. Fora de si, dirige-se a um senhor. Pede, chorando:

— O senhor me segura? Quer me fazer o favor de me segurar? Ou me segura ou eu agrido todas as mulheres, todas!

O outro não compreendia. Ele soluçava:

— Eu quero ser amarrado! Preciso ser amarrado!

Uns dez tiveram que agarrá-lo.

79 - A jovem

O pai dava pulos de meio metro:

— Eu não admito, ouviu? Não admito!

Chamava-se Rosas, seu Rosas e não era o único a não admitir. Com efeito, além dele, todos os parentes, amigos, conhecidos, vizinhos condenavam o namoro de Livinha com o Alexandre. Perguntava-se: “Quem é o Alexandre?” Não tinha onde cair morto. De mais a mais, um vadio nato e hereditário. Vivia de expediente, mordendo amigos, conhecidos, a partir de dez cruzeiros. Livinha era interpelada:

— Quer morrer de fome?

Teimava:

— Quero!

Amava o rapaz. Diga-se de passagem que tinha uma afetividade tremenda.

Gostava de tudo e de todos. Queria bem até aos gatos vira-latas. Sabia que o Alexandre não era “flor que se cheire”. Ele a atraía por isso mesmo. Achava que podia regenerá-lo. E o rapaz também a amava. A princípio, a família dava conselhos, doutrinava. Mas Livinha era uma garota de caráter, de personalidade. Desafiava a feroz oposição familiar:

— Caso e pronto!

Foi então que seu Rosas avisou à mulher e aos vizinhos: “Vou apelar para a ignorância!” D. Adelaide, a mulher, ainda lhe fez a sugestão:

— Bate, mas não machuca!

A surra

Jamais dera um cascudo na filha. Naquela tarde, arregaçou as mangas e, com o cinto na mão, chamou a menina:

— Como é? Você desiste ou não desiste?

Com o lábio inferior tremendo, respondeu:

— Não!

O velho ergueu o cinto. A vizinhança, já informada da surra, apurava o ouvido. Efetivamente, ouvia-se o estalo de cada lambada. Mas a menina não deu um “ai”. Enquanto ele batia, os moradores cochichavam entre si: “Olha a Livinha apanhando!” Por fim, cansado, bufando, seu Rosas pergunta:

— E agora? Desiste?

Ergueu o rosto duro:

— Não!

Ele ia talvez continuar. Mas a mulher, a criada e um vizinho atracaram-se com ele:

— Chega! Basta!

Livinha, com lanhos nos braços, nas pernas, trincava os dentes de ódio.

O namorado

Seu Rosas já não sabia o que fazer. Restava-lhe um único e medíocre consolo — é que Livinha, se bem tivesse um corpo de mulher, fizera recentemente 16 anos. Como menor, não podia casar-se sem autorização da família. E o seu Rosas já pensava numa segunda surra, quando sopraram a ideia:

— Por que é que, em vez de bater na sua filha, o senhor não bate no namorado?

Seu Rosas esfrega as mãos:

— É mesmo! Ela não desiste, mas o namorado pode desistir!

O vizinho insiste:

— Pau nele, seu Rosas! Pau nele!

O velho tinha, em casa, uma garrucha hereditária que talvez não matasse nem cambaxirra. Fosse como fosse, a arma serviria de efeito moral.

No dia seguinte, foi procurar o rapaz. Encontrou-o no bar e o chamou para uma esquina escura. Lá, houve ajuste de contas. Ele começa perguntando:

— Escuta aqui, rapaz! Por que é que você anda atrás de minha filha? Ou você não percebe que você não é do mesmo nível? Fala!

O outro gagueja:

— Mas eu gosto de sua filha!

Explodiu:

— Gosta nada! Você não pode gostar de ninguém! Você é um desclassificado! E olha aqui, seu crápula!

Quando o rapaz viu, na mão do seu Rosas, a garrucha quase centenária, caiu num pânico abjeto. Chorou como um menino. Pedia, pelo amor de Deus:

— Não me mate! Não me mate!

Exultante da própria ferocidade, seu Rosas ditou condições:

— Por esta vez, passa! Mas se eu souber que você falou com a minha filha, meto-lhe um tiro na boca!

Ainda deu uns empurrões no pobre-diabo.

A pequena

No primeiro telefonema de Livinha, Alexandre pôs os pingos nos “ii”:

— Estive pensando melhor e não convém. Seu pai tem razão. É melhor acabar. E faz um favor: Não telefona mais! Com licença.

Ainda berrou no telefone: “Alexandre! Alô! Alô!” Ele desligara. Ela, que falara de um armarinho, voltou para casa fora de si. Entra, aos soluços:

— Mas o que é que papai disse ao Alexandre? Que foi?

Tinha vontade de bater com a cabeça nas paredes. Súbito, volta-se para a mãe, para as irmãs:

— Olha aqui! Vou avisar uma coisa, eu queria me casar, direitinho, com véu e grinalda e vocês não quiseram. Depois, não se queixem.

Durante uns dois dias, ficou no quarto, de bruços, na cama, chorando todas as suas lágrimas. No terceiro dia, levantou-se. Ainda fez graça: “Acabou-se o que era doce.” Foi ligar o rádio, como se o amor tivesse desaparecido, de sua alma, até o último vestígio.

Vingança

Passou. De vez em quando, ela dizia, em casa: “Vocês não quiseram o meu casamento. Eu não me caso mais, pronto.” Uma tarde, já no fim do expediente, Livinha aparece no escritório do pai. Já quando a menina entrou, ele percebe que ela não está normal. Tinha o andar meio incerto e no rosto um rítus da embriaguez. Começa:

— Acabei de me vender a um desconhecido. Bebemos no apartamento, pintamos o caneco. Ele me deu uma abobrinha.

Lívido, o pai ergue-se em câmara lenta. Tenta realizar mentalmente o fato. Livinha continua:

— Não é o primeiro e olha, foi você que me jogou nessa vida. Você, meu pai! Merece a metade do dinheiro. Toma!

Amassa uma porção de cédulas e atira, na cara do pai, o dinheiro da prostituição.

80 - Perdição

Chegou em casa e abriu o coração:

— Mamãe, a senhora sabe da última?

— Não!

Pôs a bolsa em cima da mesa, sentou-se na primeira cadeira disponível e suspirou:

— Imagine a senhora que defronte lá do escritório trabalha um rapaz.

— Já vi tudo!

Ismênia confirmou, numa felicidade misturada de melancolia:

— Pois é, mamãe, adivinhou. Eu acho que estou gostando desse rapaz e...

Então, d. Crisálida, que ouvia cinco novelas por dia e era sentimental como diabo, largou o pano de prato e a louça, e veio ouvir a filha, de perto. Perguntou:

— Como é o nome dele?

A menina confessou:

— Não sei.

— Ora, bolas! Não sabe como? Não é teu namorado?

Coçando a cabeça com um grampo, Ismênia teve que explicar:

— Namorado coisa nenhuma! Nunca falou comigo, nem eu com ele. Por enquanto, não há nada, mamãe. Ele olha pra mim, eu pra ele e pronto. Só.

Desiludida, d. Crisálida voltou à louça, que estava em cima da pia. Resmungava:

— Quer dizer que você gosta de um “cara” que não conhece. E vai ver que é algum sujeito casado. No mínimo!

Replicou otimista:

— Não tem cara de casado, não, mamãe. Aposto que é um solteiro!

Namorado

No dia seguinte, pela manhã, quando Ismênia saiu do banheiro, d. Crisálida, que vinha passando, parou; e por um desses lampejos inexplicáveis de mãe, advertiu: “Abra o olho, minha filha!” De combinação, diante do espelho, pondo talco debaixo do braço, virou-se para a mãe: “Abrir o olho por quê?” Já nem se lembrava mais do assunto da véspera. D. Crisálida continuou:

— Sabe o que é que está dando mais no momento — e ela própria respondeu: — Menina solteira com homem casado. Uma vergonha!

Enfiando o vestido pela cabeça, Ismênia até achou graça: “Que bobagem, mamãe!” A outra saiu, resmungando: “É o fim do mundo!” Pouco depois, já no ônibus, Ismênia ia pensando no seu primeiro amor. Com 17 anos e bonitinha, conhecera alguns rapazes, mas sem gostar de nenhum. O primeiro homem que a impressionava era, justamente, aquele desconhecido que trabalhava defronte do seu escritório. Há 15 dias que se olhavam, de janela a janela. Mas não existia, até então, entre os dois, um vínculo. Não se tinham falado nunca, nem pelo telefone. Mas que delícia absoluta esse namoro sem palavras, esse romance sem frases, essa história só tecida de olhares. Coleguinhas de Ismênia a cutucavam: “Telefona pra ele, sua boba!” Outras sugeriam um trote. Ela, porém, resistiu: “Não, senhora. Pra quê? Ele é que é homem. Ele é que deve telefonar e não eu.” Finalmente, nessa manhã, ao entrar no escritório, avisaram:

— Telefonaram pra ti.

Perguntou:

— Homem ou mulher?

— Homem.

Empalideceu, guardando suas coisas na gaveta. E já pensava, numa hipótese inefável; que fosse dele o telefonema. Mas as horas se escoaram, uma após outra, e não se repetiu o chamado. Como das outras vezes, ele estava no seu lugar de trabalho, olhando muito para ela, com obstinado encanto. E nada mais. Na saída, ia descontente com o bem-amado desconhecido. Comentava de si para si: “Um palhação!” Mas na porta estaca. O rapaz parecia esperar, no meio da calçada. E vinha ao seu encontro. Diante dela, inclinou-se:

— O meu nome é Osmar Braga. E ela, trêmula:

— O meu, Ismênia.

O drama

Deixou-se levar numa espécie de embriaguez. Muitos transeuntes paravam ao vê-los passar. E, de fato, era quase escandaloso o contraste físico: ele, grande, de passos firmes e largo, um todo de lutador de *catch-as-catch-can*; e ela, miúda, duma fragilidade que tornava patética sua graça de mulher. Pouco depois, sentavam-se num café da Cinelândia. E foi então que sofreu o seu desencanto tremendo. O rapaz acabava de pousar a mão em cima da mesa. E aparecia, nítida, indiscutível, insofismável, a aliança de casado. Experimentou um sofrimento tão agudo, que não conteve o lamento. “Que pena!” Ele não entendeu a princípio: “Por quê?” Ela indicou a aliança. Instintivamente, Osmar teve um gesto inútil: escondeu a mão. Estiveram calados alguns momentos. Por fim, ele começou:

— Pois é, sou casado — e admitiu: — Nem eu nem você deveríamos estar aqui.

Quase chorando, ela apanhou a bolsa: “Vou-me embora.” Mas, o rapaz, que sonhara longa e apaixonadamente com aquele momento, perguntou: “Posso lhe pedir um favor?”

— Qual?

Hesitou, como se escolhesse as palavras:

— Eu sou um homem casado e você, uma menina de família. Portanto, não pode existir nada entre nós dois.

— Lógico.

Continuou:

— Este é o nosso primeiro e último encontro — pausa e fez o apelo: — Que tal se a gente fosse ao cinema, juntos, também pela primeira e última vez? Seria uma espécie de adeus, compreende?

Durante alguns momentos, Ismênia lutou consigo mesma. Osmar insistia, baixo e sôfrego: “Uma vez só. Uma vez não são todas.” Apertando o braço da pequena, insistia: “Vamos?” Teve um fundo suspiro:

— Vamos.

Entraram num cinema, sem noção nenhuma, nenhuma, do programa. Ismênia levava em si a sensação deliciosa e lancinante do pecado. Foram de uma doçura dantesca aquelas duas horas passadas no escuro, diante de uma tela que não

viam, dizendo uma série de coisas, algumas das quais bobagens. Tinham a impressão de que se tinham gostado sempre, talvez em encarnações anteriores. Por fim, saíram. Ele dizia, sóbrio e definitivo:

— Nunca mais falo contigo. Nunca mais. Foi esta a última vez.

Mas já então a menina, que era amorosíssima, teve uma desesperada coragem: “E se eu quiser continuar?” Olharam-se com espanto, medo, pena. E ele, firme: “Mesmo que você queira, eu não quero.” Balbuciou: “Por quê?” Foi quase brutal: “Porque seria a tua desgraça.” Por fim, ele diria: “Vou te dar o último beijo.” Deixou-se beijar e retribuiu. Nos braços de Osmar, teve uma espécie de morte, de aniquilamento delicioso. Deixou-a, atônita, dizendo:

— Adeus!

Obsessão

Quando saiu de casa, na manhã seguinte, foi misteriosa com d. Crisálida: “Mamãe, reza por mim.” Passara a noite em claro, pensando; e estava decidida: “Gosto dele, pronto, acabou-se.” Ao chegar no escritório, pendurou-se no telefone. Mas Osmar foi de uma fria polidez: “Para seu próprio bem, eu não devo falar mais com você.” E repetia: “Você é uma menina de família e eu, um homem casado.”

Ela replicou: “Mas eu não me incomodo. Quero você. O resto não interessa.” Por último, Osmar alegou uma razão sentimental que lhe parecia definitiva: “Tenho uma irmã de sua idade. E não farei com você o que não quero que façam com minha irmã.” Ismênia não esperava por essa resistência, explodiu:

— Você é homem ou não é homem!? Ora, bolas!

Sem perder a calma, ele se despediu: “Com licença, mas tenho o que fazer.”

Ismênia apertou o rosto entre as mãos, alucinada. Uma coleguinha veio perguntar: “Que foi?” Respondeu: “É aquela besta!” Parecia indignada. Todavia, na hora do lanche, falando com a mesma colega, no lavatório, teve uma tremenda crise de nervos. Soluçando, dizia: “Não posso viver sem ele, oh, meu Deus!” Durante uns três dias, conteve-se. No quarto dia, porém, estava humilde à sua espera. Novamente, ele foi muito claro: “Não pode ser. Se fosse outra mulher, qualquer outra, eu toparia. Mas você, não. Você é uma criança. Eu penso em minha irmã e...” Humilhou-se; e repetia, chorando: “Eu sou mulher, sim.” Osmar, grave e triste, com uma pena doida, explicava: “Deus me livre que você se perdesse por minha causa.” Em voz baixa, e já de olhos enxutos, perguntou: “Você não quer que eu me perca?” Ele, pensando na irmã, disse, com apaixonada sinceridade: “Nunca!” Ismênia exaltou-se, de novo:

— Olhe aqui, seu cretino: você será o culpado, o único culpado, de tudo que me acontecer! Palhação!

O culpado

Passou-se o tempo. Ela não o procurara, nunca mais. E, de vez em quando, em pleno trabalho, ele caía em ardente meditação. Doía-lhe, então, na carne da alma, uma brusca e aguda nostalgia daquela menina, que tinha uns olhos de anjo. Abriu-se com vários amigos. Estes o ridicularizavam: “Bobeaste, foste burro. Devias ter aproveitado!” Replicava: “Que o quê! Fiz eu muito bem. Sabe lá o que é um remorso?” Nunca mais, porém, o abandonou a melancolia daquele amor frustrado. Até que,um ano depois, uns amigos o convidaram para uma pândega noturna. Foi, com os outros, para uma dessas casas de mulheres mercenárias. Estava bebendo num grupo, com uma loura no colo, quando vê descendo da escada, de braço com um cliente eventual, uma mulher que... Era ela, talvez mais bonita e menos menina. Estava vestida como as outras, decotada como as outras, num vestido colante, de cetim roxo. Vira-o, e, depois da surpresa, aproximava-se. Ele afastou brutalmente a loura. Ergueu-se, face a face com Ismênia, balbuciou: “Você? Aqui?” A pequena cruzou os braços como se tivesse frio; disse, sem desfitá-lo:

— O culpado és tu. Por tua causa, virei o que sou — e, como se estraçalhasse as palavras nos dentes: — Não fui de ti, agora sou de todo o mundo! Bem feito!

Sem compreender aquela vingança, olhou-a longamente, com os olhos marejados. E, súbito, diante daqueles ombros nus, do vestido colante, ele experimentou uma brusca e mortal vontade de amor. Quis beijá-la e... Mas Ismênia se desprendeu, possessa: “Qualquer um, menos você!” E repetia: “Você, nunca!” Osmar sentiu que a perdera novamente e para sempre. Então, ali mesmo, na frente de todos, caiu de joelhos. Com o rosto mergulhado nas duas mãos, soluçou alto como uma criança.

81 - Perdida

Primeiro, foi o pulmão. Depois, a laringe. E como ele não pagava consulta, o médico chamou d. Branca e foi de uma clareza meridiana:

— Minha filha, teu marido está muito mal!

— Tanto assim, doutor?

O médico fez os cálculos:

— Dura uns três meses, no máximo!

Durou dois e olhe lá. E morreu, segundo o testemunho da própria d. Branca, "como um passarinho". Nos últimos dias, a tuberculose, que devorava os dois pulmões, subiu para a laringe. O doente quase não podia falar; sua voz era um sopro; e estava que era um esqueleto com leve revestimento de pele. Antes de morrer, ele, atacado de dispneia, pediu água. Bebeu, aos grandes goles. Foi sua última sede, seu último copo d'água. Cinco minutos depois estava morto. Durante o velório, consolaram a viúva:

— Foi melhor assim!

E uma vizinha, loura e cheia de sardas, suspirou:

— Esta vida é uma boa droga!

O morto deixava uma filha, de oito meses; coincidiu que, durante o velório, a menina teve, ao que parece, dor de barriguinha; chorava e esperneava. D. Branca, que podia ter sofrido muito mais, como convém a uma viúva, foi obrigada a dividir-se equitativamente entre a saudade do marido e os cuidados maternais. Fizeram o diabo para calar a menina. Açúcar na chupeta não deu resultado; depois, impingiram colherinha de chá, com a maior ineficácia; e, por último, uma velha parenta deu massagens na barriguinha da pequena. D. Branca já estava fora de si; sentia que o marido não fora convenientemente chorado e isto a irritava de uma maneira atroz. Por fim, surgiu uma solução, que a própria viúva considerou ótima: levaram a garotinha para uma casa da vizinhança. D. Branca respirou aliviada e pôde comportar-se como uma viúva inconsolável. Via aproximar-se a hora do enterro, com certo pânico e certa inibição. Tinha medo de que suas manifestações de desespero não fossem satisfatórias e decepcionassem os presentes. Meses atrás, morrera um senhor da vizinhança. Sua mulher dera um espetáculo memorável, de que ainda se falava, quisera

morrer também; batia com a cabeça nas paredes; e tivera um achado de causar inveja. Assim é que, ao ser fechado o caixão, pedia:

— Quero ser enterrada junta.

Em vez de dizer “junto” dizia “junta”. Tiveram que arrastá-la; e mais: foi preciso tapar sua boca, porque a infeliz blasfemava, aos berros. De qualquer maneira, essa dor causou a melhor impressão na rua, no bairro e foi comentada de um modo amplamente lisonjeiro. Eis por que d. Branca não queria ficar atrás e pretendia mesmo, se possível, suplantar a outra. Felizmente, na hora da saída, houve nela uma mistura de sentimentos vários e rompeu, das profundezas do seu ser, uma dor autêntica, que facilitou uma série de manifestações. E quando beijou o marido, pela última vez, teve um grito não premeditado, um grito de uma espontaneidade, de uma sinceridade, que a surpreendeu:

— Leva-me contigo! Eu vou contigo!

Numa palavra: um cotejo imparcial entre a sua dor e da anterior viúva teria como resultado honroso um empate. Dias depois, ao evocar aquele momento, d. Branca não podia evitar um sentimento de vaidade. E fazia de si mesma uma ótima ideia. Amigas, com secreta inveja daquela dor sem consolo, admiravam-se:

— A senhora gostava muito do seu marido, hein, d. Branca?

E ela, no luto fechadíssimo:

— A vida acabou para mim!

A criação de Das Dores foi a pior do mundo. Manhosa da cabeça aos pés, cheia de vontades, de caprichos, desaforada, a menina vivia explorando a sua patética fragilidade. De fato, não tinha a mínima saúde; qualquer coisinha a punha de cama, com febre, suores, e numa prostração de morte. D. Branca, que era até bonita, enfeiou depressa, pois o pior inimigo da beleza são os cuidados de mãe. Vivia atrás da filha:

—Olha o sereno, Das Dores!

A menina, com as coleguinhas, fazia o comentário:

— Mamãe não me dá uma folga, puxa!

Sem saúde nenhuma, sofrendo do fígado, dos rins, dos intestinos, Das Dores tinha, porém, uma virtude: era um encanto de garota; e possuía, sobretudo, um quê que as pessoas captavam, mas não definiam. Seria dos olhos castanhos e intensos? Dos lábios finos e meigos? Como explicar a sua graciosidade irresistível? D. Branca via a menina transformar-se em mulher num verdadeiro deslumbramento. Chegava a ter medo, pavor, dessa feminilidade adorável. Ralhava:

— Das Dores!

— Que é, mamãe?

— Não quero você conversando com esses meninos!

— Ora, mamãe!

Mas claro que a d. Branca não podia controlá-la. Primeiro, porque ela era uma cabritinha incontrolável. Depois, porque a pobre senhora vivia se matando de trabalho: lavava, passava, costurava para fora; e ainda por cima, cosia os vestidos, as combinações da filha. Das Dores não tinha papas na língua. Se a mãe não dava dinheiro para o cinema, desacatava:

— Engraçado!

— O que, minha filha?

— Se a senhora não pode nem me pagar um cinema, então por que me botou no mundo?

Era esse seu grande argumento:

— Eu pedi, pedi, para a senhora me botar no mundo?

E a grande mágoa da menina, a paixão, a tristeza, era não ter joias. Parava diante das vitrines, namorava os escrínios; se via uma dona, na rua, com um colar, uns pingentes, uma pulseira, ralava-se de inveja. Voltava para casa fora de si, batia com as portas e qualquer observação, a mais inocente, de d. Branca, fazia a menina explodir:

— Sossega, mamãe, sossega!

Como não podia ter as joias caras, autênticas e deslumbrantes, arranjou uma melancólica, uma desesperada compensação: as imitações. De vez em quando aparecia com uma bugiganga; e ia para o espelho, de olhos brilhantes, namorar a própria imagem. Tinha uma caixa, onde guardava as fantasias mais variadas. Se fosse coisa que pudesse, encheria as duas mãos com bugigangas e as esfregaria pelo corpo. Pouco a pouco, ia odiando aquela casa, aqueles móveis. De noite, acendia a luz, furiosa e malcriadíssima; acordava d. Branca:

— Será o Benedito?

Referia-se às pulgas que, para o mal dos seus pecados, infestavam o quarto. Só se sentia bem fora da casa. Deu para sair com amiguinhas, ir ao cinema, voltar tarde; e uma vez chegou em casa à meia-noite. D. Branca, que pensara em atropelamento, o diabo, quis ser severa:

— Lembre-se que você é uma moça de família!

Ela teve um risinho de pouco caso:

— Grande vantagem ser moça de família!

Como a mãe insistisse, pôs um ponto final:

— Vai dormir, mamãe, vai dormir que seu mal é sono!

Cada dia voltava para casa com uma bugiganga. Mostrava, exibia:

— Que tal, mamãe?

D. Branca fazia a crítica, embora aquela vaidade a aterrasse:

— Muito bonito!

Agora, Das Dores não fazia mais cerimônia. Tinha 18 anos, vivia dizendo que era “dona do seu nariz”. Arranjara amiguinhos de automóveis; se a mãe a advertia, ela saltava; fazia cara de nojo:

— Ih, como a senhora é atrasada!

E d. Branca, passando na tábua de engomar:

— Não aprovo certos modernismos! No meu tempo...

Das Dores interrompia:

— A senhora é um xarope, hein, mamãe? Olha que para aguentar a senhora é preciso ter estômago!

Um dia, Das Dores saiu para ir a uma festa num clube náutico. Antes, trouxe suas bugigangas para a sala e as espalhou na mesa, para uma seleção. Acabou escolhendo uns brincos, umas pulseiras, um colar. Como era desmazelada, deixou tudo na sala e partiu. Pouco depois, batiam na porta. D. Branca foi abrir e identificou, logo, a pessoa: era um primo, em segundo ou terceiro grau que, em outros tempos, quisera namorá-la. O primo que, de vez em quando olhava as bugigangas, disse, no meio da conversa:

— Agora estou trabalhando em joias!

Ato contínuo, apanhou uma das bugigangas de Das Dores. Examinou, com um ar meio profissional:

— Que é isso!

E d. Branca:

— São as imitações de Das Dores!

O visitante fez o espanto:

— Como imitações? Imitações, pois sim! Imitações coisa nenhuma!

D. Branca soube, então, tudo: cada uma daquelas bugigangas era uma joia autêntica e cara. O primo foi categórico:

— Você tem em casa uma fortuna em joias!

Repetiu:

— Um dinheirão!

Ela, assombrada, não sabia articular uma frase:

— Quer dizer que...

Depois, o primo saiu. D. Branca ficou, dentro da sala, como alucinada. Então, tudo aquilo era verdadeiro? A mesma inibição de lágrimas, que a acometera no velório do marido, repetia-se agora. Queria chorar e não podia; queria gritar e arrancar os cabelos, mas estava muda e imóvel. De madrugada, quando Das Dores abriu a porta, recebeu no rosto, no peito, as joias que a mãe, do fundo da sala, atirava como pedras; a velha gritava:

—Você é uma ordinária muito grande! Sua isso, sua aquilo!

E quando não restou mais nada que atirar, ela parou e, para sua felicidade, pôde chorar. Teve uma crise tremenda de lágrimas, enquanto a filha, sem uma palavra, ia catando as joias pelo chão.

82 - Covardia

Durante meses, atracado ao telefone, pedia: “Vem querida, vem!” Rosinha, que era uma nervosa, uma irritada, tinha vontade de explodir:

— Escuta, Agenor! Pelo amor de Deus! Já não te disse, ah, criatura! Será que.... Escuta. Você não é capaz de um amor espiritual?

E o rapaz:

— Sou, mas... Uma coisa não impede a outra. Você é matéria e espírito. — E insistia: — Não é matéria e espírito?

Acabou perdendo a paciência:

— Você só pensa em sexo!

Agenor danou-se, também:

— Minha filha, não fui eu que inventei o sexo. De mais a mais, escuta, o sexo pode ser sublime, entendeu? Sublime! Por que é que nós estamos no mundo? — e concluiu, triunfante: — Por causa do sexo!

Até que, um dia, Rosinha disse a última palavra:

— Não serve assim, paciência. O que você quer, eu não posso dar. Sou casada e não está certo, não está direito. Nem meu marido merece.

Sentindo que a perdia, humilhou-se:

— Te juro. Olha. Nunca mais, está ouvindo? Nunca mais eu tocarei no assunto, juro.

Rosinha teve uma pena brusca desse rapaz que a amava tanto. Sorriu no telefone, como se Agenor pudesse vê-la. Disse, com uma ternura triste:

— Olha. Amizade vale mais do que sexo.

Amor infeliz

Ela teria traído talvez um outro marido. Mas o Marcondes era um triste, um humilde, um desses mansos natos e hereditários. Já o pai (e possivelmente o avô), fora também um tipo singular, delicado e pungente, incapaz de uma irritação, de uma grosseria. Marcondes não lhe ficava atrás. Tinha adoração pela mulher. Olhava Rosinha de um jeito como se a lambesse com a vista. Ela gostava de Agenor, que era um íntimo da casa e não saía de lá. Desde o primeiro dia, porém, fora muito clara, muito leal:

— Gosto de você. Gosto. Não nego. Mas você acha que alguém pode trair o Marcondes? Não faz mal a ninguém.

O Agenor, apesar do seu despeito, de sua frustração, teve que admitir, textualmente, que o Marcondes era "um colibri". Mas como era um sujeito forte, de uma saúde tremenda, um apetite vital esmagador, doeu-lhe aquele amor sem esperança.

Quero crer que Rosinha jamais trairia o Marcondes. Um dia, porém, ocorre um desses episódios fatais. Eis o fato: uma manhã, o padeiro bate na porta de Marcondes. Este acabara de sair. Rosinha atende e manda: "Passa amanhã." O sujeito, um latagão insolente, pergunta, alto:

— Amanhã, uma conversa! Você paga ou não paga?

Enfureceu-se: "Escuta aqui! Quando foi que eu lhe dei essa confiança de me chamar de você?" Com a sua vitalidade animal, o pescoço grosso e bovino, o sujeito ameaça: "Não tem mais fiado!" E ela, fora de si: "Seu moleque!" Defronte, uma vizinha apareceu na janela. Resposta do fulano: "Moleque é a senhora!" Rosinha esganiçou-se:

— Patife! Se meu marido estivesse aqui, quebrava-lhe a cara!

O rapaz tem um riso farto:

— Logo mais, eu volto! Quero ver seu marido me quebrar a cara, quero ver!

Deixou-a berrando e saiu, muito tranquilo e muito cínico.

No emprego, Marcondes nem teve tempo de tirar o paletó. A mulher berrava no telefone: "Fui agredida! Larga tudo e chispa!" Quando entra em casa, a mulher soluçava, cercada de vizinhas solidárias. Ao vê-lo, Rosinha atira-se nos seus braços: "Oh, meu filho! Imagina!" Conta-lhe, tumultuosamente, tudo. E termina com a exigência histérica: "Você vai me fazer um favor. Vai me dar um

tiro nesse cachorro!” O Marcondes desprende-se, num repelão feroz:

— Tiro? Eu? Mas eu não sou de dar tiros! E tiro nunca foi solução! Brincadeira tem hora!

Um silêncio varre a sala. Rosinha olha em torno, espavorida. Vira-se para o marido: “Você está com medo?” No seu pânico selvagem, ele ia responder: “Medo é apelido.” Mas havia estranhos. Conteve-se. E tiritava, varado de arrepios. Mas a pusilanimidade era tão evidente, tão confessa, que Rosinha não teve ânimo para mais nada.

Vira-se para as vizinhas: “Vocês me dão licença, sim?” As outras saíram, uma a uma. E quando Marcondes soube que o caixeiro voltaria, pulou na sala como um índio de filme: “Eu não estou! Quando ele vier, eu não estou! Pra ninguém!” Rosinha olhava-o, sem uma palavra. De noite, quando bateram, ela teve um esgar maligno:

— Vai lá, anda,vai!

Marcondes ia correr para o quarto, trancar-se lá. Mas a vergonha o travou.

Chegou a dar três ou quatro passos na direção da porta. Súbito, estaca, levando a mão ao estômago. Em seguida, retrocede. Rosinha o vê passar, correr para o banheiro, em náuseas medonhas. Ela vai ver quem é: era alguém pedindo uma esmola. Disse: “Deus o favoreça.” Volta e não vacilou mais: liga para o Agenor. Enquanto o marido tem o vômito do medo, ela está no telefone dizendo:

— Mudei de opinião. Vou, sim. Onde é? Deixa eu apanhar um lápis.

Fatalidade

O marido sai do banheiro, arquejante. Balbucia: “Era o cara?” Soube que não. Desaba na cadeira. Faz o comentário lúgubre: “Eu devia aprender jiu-jítsu.” Passou. No dia seguinte, ela nem almoçou. Tomou um banho, perfumou o corpo, pôs talco nos pés. Espia debaixo do braço. E teve o cuidado de passar gilete. Por fim, olhou-se no espelho: estava linda para o pecado. Uma hora depois, saltava na esquina da Viveiros de Castro. Para um momento, diante de uma casa, para ver a numeração. Súbito, ouve uma voz alegre:

— Por aqui, d. Rosinha? Volta-se, aterrada. Era o dr. Eustáquio, um amigo da família e advogado da prefeitura. Com 48 anos, bem-posto, uma polidez impecabilíssima,ele inclinava-se diante da moça. Rosinha mentiu, desesperada: “Estou aqui esperando uma amiga. Marcamos um encontro e...” Dr. Eustáquio foi esplêndido:

— Eu faço companhia, até sua amiga chegar.

Olhou-o com terror. Diz, quase sem voz: “Não precisa se incomodar.” O outro curvou-se vivamente: “Pelo contrário. É um prazer.” E repetia, em tom profundo, com uma cintilação no olhar: “Um prazer.” Ela pensava: “Chato!” E sua vontade era chorar. Imediatamente, o dr. Eustáquio, que ganhava 72 contos na prefeitura, fez-lhe a pergunta:

— A minha amiga tem lido o Drummond, o Carlos Drummond de Andrade! O poeta! Pois é. A gente vive aprendendo. O Drummond é contra Brasília. Mete o pau em Brasília. Acompanhe o meu raciocínio. Se o Drummond não aceita Brasília, é um falso grande poeta. Não lhe parece? A senhora admitiria um Camões que não aceitasse o mar? Um Camões que, diante do mar, perguntasse: “Pra que tanta água?” Pois minha senhora, creia. Recusando Brasília, o Carlos Drummond revela-se um Camões de piscina ou nem isso: um Camões de bacia.

Desatinada, Rosinha via o tempo passar. O dr. Eustáquio fazia-lhe outra pergunta amável: “Gosta de poesia?” Quase chorando, diz: “O Araújo Jorge, aprecio.” E odiava aquele velho de unhas bem-tratadas, cheiroso, sempre com o ar de quem lavou o rosto há dez minutos. Quis enxotá-lo: “O senhor não faça cerimônia.” Com uma polidez grave e irredutível, atalha: “Disponho de tempo.” Com fina malícia, acrescenta: “Hoje, não fui lá. Matei o serviço.” De resto, era de opinião que o Estado existe para isso mesmo, ou seja, para subvencionar

“gazeta” dos funcionários inteligentes. Esperaram, ali, dez, vinte, trinta, quarenta minutos. O dr. Eustáquio não parava; e estava dizendo: “Nós tivemos um Homero. O Jorge de Lima. Morreu. Brasília está lá, profetizada, em ‘Invenção de Orfeu’.” Subitamente, Rosinha corta:

— Minha amiga não vem mais. Vou-me embora.

Imaginava desfazer-se daquela companhia abominável, saltar adiante e voltar. Mas ele foi admirável: “Levo-a em casa! Levo-a em casa!” Rosinha sentiu que era inútil. Pensa, no seu ódio: “Esse palhaço não me larga!” Veio de Copacabana a Aldeia Campista, com aquele homem ao lado. Ele dizia: “Lá na procuradoria, temos um talento, o Otto Lara Resende.” Ouvia só, atônita. Dr. Eustáquio deixou-a na porta de casa. Despedia-se: “Recomendações! Recomendações!” Rosinha entra. Apanhando o lotação, dr. Eustáquio concluía: “Linda rapariga! Linda!” De noite, o marido chega. Ela o agarra: “Tu gostas de tua gatinha, gostas?” Ofereceu ao marido toda a frenética voluptuosidade que não pudera dar ao quase amante.

83 - O crânio calvo

A mãe resolveu pôr a questão em pratos limpos:

— Vem cá, minha filha, vem cá! Passando a escova nos cabelos, Julinha aproximou-se:

— Pronto, mamãe.

D. Matilde, que era uma gorda senhora, de busto imenso, indescritível, não sabe por onde começar. Finalmente, toma coragem:

— Quero que você me explique uma coisa, você gosta ou não gosta do Aluízio?

— Gosto.

E a mãe:

— Pergunto se gosta pra casar, minha filha.

Julinha suspira.

— Talvez.

— Ah, não! Tem santíssima paciência, mas isso não é resposta. Afinal de contas, esse namoro, já dura há quanto tempo? Dois anos!

— Três, mamãe.

A velha retifica:

— Ou três. Pois é. Três anos. Tempo mais do que suficiente. Você decide se quer, ou se não quer e pronto, acaba-se com isto.

Novo suspiro de Julinha:

— Vou resolver, mamãe. Por essa semana, eu liquido o assunto.

Estranho namoro

De fato, era um estranho namoro, que se arrastava ao longo dos dias, semanas e meses, justificando a pergunta: “Sai ou não sai esse casamento?” Tanto a pequena, como a família, os conhecidos, coincidiam na seguinte opinião: Aluízio era um partido ótimo. Funcionário do Itamaraty, sempre de colete, flor na lapela, calças de vinco espetacular, tinha sempre o ar de que lavou o rosto há dez minutos. Essa pele enxuta dava o que pensar. Fazia-se a blague: “Aluízio não transpira. Aluízio não sua!” De resto, era a delicadeza personificada, incapaz de uma grosseria, de uma irritação. Julinha, reconhecendo as virtudes do rapaz, criava apenas uma objeção:

— É bom demais!

Dir-se-ia que esse conjunto de qualidades a desencantava. Há três anos atrás, Aluízio se declarara mais ou menos nestes termos:

— Eu gosto de você, amo você. Mas não tenho pressa. Você pensa, estuda o assunto e, depois, me dá uma resposta. Sim?

— O.k.

O tempo, porém, foi passando e nada de resposta. Andavam sempre juntos.

Nas festas, Aluízio era o par inevitável e constante. A própria Julinha o apresentava como “noivo”, “meu noivo”, embora não tivesse havido o pedido oficial. Intimamente, talvez tivesse desejado um amor mais sôfrego, mais impaciente. Mas como a situação ficasse em suspenso, a família começou a fazer pressão: “Casa logo! Casa de uma vez!” A mãe insistia:

— Um rapaz tão bom! E gosta tanto de mim!

Esta era uma virtude a mais de Aluízio: cortejava a sogra, a futura sogra, da maneira mais deslavada. E a coisa dava tanto na vista que uma prima de Julinha, meio destabanada, criticou: “Mas é um puxa-saco esse cara!”

Decisão

Tanto falaram que, por fim, Julinha viu-se sem argumento. Vira-se para a mãe, define-se:

— Caso, pronto. Caso.

Quando Aluízio soube, apanhou a mão da garota e a levou aos lábios. Sem uma palavra, Julinha teve o comentário interior: “Por que não me beijou na boca?” O fato é que ela, perplexa diante das próprias reações, ignorava se o amava ou não. De noite, sozinha com d. Matilde, suspira:

— Mamãe, eu acho que amor é ou deve ser isso que eu sinto!

Então, d. Matilde pensa, pensa e opina:

— Amor é ilusão, minha filha. A amizade tem muito mais valor.

Quarenta e oito horas depois, ocorre um pequeno episódio, cuja importância só se avaliaria muito posteriormente. Ia Julinha, da cidade para casa, de automóvel. Na esquina de Sete de Setembro com avenida, fecha o sinal. E, então, a garota vê apenas o seguinte: o inspetor de trânsito, que trabalhava no local, acaba de tirar o quepe. E surgiu a sua cabeça, à luz do dia. Mas não era uma cabeça normal, mas algo de liso, nu, sem a mais vaga, a mais remota, a mais sumária penugem. Uma bola de bilhar não seria mais depilada do que aquela calva resplandescente. Julinha ia com o Aluízio e o cutuca: “Espia! Espia!” Ele olhou, surpreso com o deslumbramento da noiva. Julinha prossegue, fremente:

— A cabeça de papai era assim. Também não tinha um fio de cabelo, nada.

O sinal abriu. O carro passou, deixando para trás o inspetor de tráfego.

Julinha não mentira: dr. Venâncio Almendariz, seu pai, alto funcionário do Ministério da Justiça, sofrera uma moléstia do couro cabeludo, perdendo, numa semana, todos os cabelos. Dir-se-ia uma dessas calvícies compactas e artificiais, que se usa no teatro. Seus subalternos, no ministério, costumavam dizer à boca pequena, que o dr. Venâncio era a “maior careca da história do Brasil”. Ele morrera assim. No caixão, era de arrepiar aquele defunto calvo. Alguém tapou com dálias e cravos o crânio nu.

Lamentável

Julinha adorava o pai e preservava sua memória como uma fanática. Ao chegar em casa, arremessou-se nos braços maternos: “Imagina! Imagina!” Referiu-lhe o caso. Diante do espanto de d. Matilde e do descontentamento de Aluízio, ela esvaiu-se em exclamações:

— Que coisa linda, meu Deus do céu!

Exagerou tanto que, dentro de sua polidez habitual, o noivo pondera:

— Espera lá! Onde é que você viu careca bonita?

Vira-se chocada:

— E não é?

Ele foi taxativo:

— Claro que não! Acho, até que há, num careca, qualquer coisa de imoral, de...

Julinha o interrompe, com violência:

— Pois olhe, eu gostaria que você fosse careca, que não tivesse cabelo nenhum. Percebeu?

Réplica do noivo:

— Fraco gosto!

Ressentimento

Era o primeiro incidente entre os noivos. D. Matilde tentou apaziguá-los: “Parecem crianças!” Julinha, porém, fugiu com o rosto, quando, na saída, o noivo quis beijá-la. Foi sumária: “Estou zangada.” No dia seguinte, a mesma coisa. Houve nova intervenção de d. Matilde. Mais tarde, o jovem diplomata chama a sogra à parte e desabafa, num tom cortês, mas franco. Concluiu, dizendo:

— Veja a senhora, eu acho que Julinha ficou meio biruta depois que viu o inspetor careca.

De uma forma ou de outra, Julinha nunca mais foi a mesma. Era apenas cordial e nada mais. Ao lado do noivo, tinha abstrações súbitas, certos silêncios, um ar de ausência. Uma noite, sonhou, até o amanhecer, com uma legião de crânios calvos.

Bodas

Finalmente, casaram-se. Primeiro, no civil, claro. E à tarde, no religioso. Julinha estava uma noiva de revista de modas. Ao entrar na igreja, houve um deslumbramento geral, quase desrespeitoso. Já caía a noite, quando os noivos entraram, num automóvel feérico, com chofer e ajudantes de luvas. Partiu o carro. Na avenida, justamente na esquina da avenida com a Sete de Setembro, fecha o sinal. Para o automóvel. Então, dá-se a coincidência: lá estava o mesmo guarda do tráfego.

E, por fatalidade, ele repete o gesto anterior: tira o boné para enxugar a cabeça nua. A calva surgiu, em todo o seu esplendor. Então, ocorre o imprevisto: Julinha desprende-se do noivo, abre a porta e corre, como um fantasma nupcial, pelo asfalto. Estupefato e sem se mexer, Aluízio viu aquela noiva em desvario, pôr-se na ponta dos pés e beijar o crânio resplandescente, que a magnetizara.

84 - O malandro

Recorreu ao amigo:

— Queres me emprestar vinte mangos, até amanhã? O outro só faltou virar os bolsos pelo avesso:

— Estou na maior prontidão de todos os tempos.

E ele, que contava o empréstimo como líquido e certo, arriou na cadeira, arrasado. Enquanto o amigo fazia a barba, diante do espelhinho, Nemésio despejou suas queixas, que eram muitas e amargas: “Imagina tu a calamidade! O velho escreveu suspendendo a mesada. Diz que eu sou um marmanjão e que devo viver às minhas próprias custas. Vê se te agrada!” Então, o Chagas, que fora até o quarto ano de medicina, pôs-se a fazer ponderações altamente judiciosas: “O culpado és tu! O culpado és tu!”

Espantou-se:

— Por que culpado, ora, bolas? Meu pai é rico, podre de rico e nada mais natural que me sustente! Ou não é?

E o outro:

— Não senhor, em absoluto! Um por si e Deus por todos! Você tem tudo para vencer na vida, tudo. Formou-se em medicina. Só isso é troço pra chuchu!

— Não amola!

Mas o Chagas insistia, grave:

— É sim, é! Há muita gente que acredita em médico, muita gente que pensa que médico é alguma coisa do outro mundo. Vai por mim!

Nemésio ergueu-se, enfiou as duas mãos nos bolsos. Andou de um lado para outro, medindo os prós e os contras. Justiça se lhe faça; foi de uma sinceridade heroica: “Mas o diabo é que eu não entendo tostão de medicina.” E repetia: “Entendo tanto de medicina quanto de chinês. Até hoje, eu não sei como tenho um título, um diploma, como é que me formei. Te juro, sob palavra de honra, que um médico como eu devia ser preso, na primeira esquina.” O outro bateu-lhe nas costas, surpreso e comovido com um desabafo tão simpático: “Não vamos exagerar. Não és o primeiro nem serás o último médico nessas condições.” E ajuntou:

— Queres uma solução genial pra teu caso? Fabulosa?

— Mete lá!

— Escreve pra teu pai e pede dinheiro para montar um consultório. Quero ser mico de circo, se ele não topar, em bruto. Experimenta, não custa!

O consultório

A princípio, reagiu: “Você é besta!” Mas o outro tanto insistiu, com a dupla autoridade da amizade e da dialética, que, por fim, o Nemésio escreveu uma carta patética ao velho. Houve uma resposta fulminante. O velho, que era duma austeridade tremenda, deve ter chorado, ao ler a mensagem do filho. Respondeu, imediatamente; dizia, entre outras coisas graves, o seguinte: “Dinheiro para farras, não dou. Mas gastarei até meu último tostão na tua carreira.” Nemésio leu aquilo apavorado. O amigo, ao lado, esfregava as mãos: “A pátria está salva! Vamos tirar o pé da lama!” Mas Nemésio, rápido, pôs tudo em pratos limpos:

— Espera lá! Espera lá! Vou empregar esse dinheiro, todinho, no consultório!

— E quem foi que disse o contrário, ora essa! — Piscou o olho, acrescentando:

— Menino! Pode-se fazer um consultório d’arromba. Um negócio assim de “Mil e uma noites”, com tapetes persas, almofadas, cortinas, abajur, o diabo a quatro. Deixa por minha conta!

Procuraram um andar, num arranha-céu central. E, de fato, instalaram um consultório que, segundo o Chagas, era bacana, mas que, na verdade, desafiava qualquer adjetivo. Era uma coisa dum mau gosto feérico, espetacular e carnavalesco. Do interior, vinham as cartas demagógicas do pai: “Dinheiro não há de faltar. Nada de economia.” Supunha o velho, com sua lancinante boa-fé, que ocorrera algum estalo na cabeça do filho; e que este passara, de vadio de marca, de farrista deslavado, a uma espécie de Pasteur. Muito bem. Tudo pronto para a inauguração, o Nemésio cai, novamente, em si: “Mas eu não sei nada! Não sei aplicar uma injeção!” O outro também impressionado, dizia: “Dá-se um jeito! Dá-se um jeito!” O fato, porém, é que o próprio Chagas, com todo o seu otimismo irresponsável, não atinava que jeito fosse este. Mas uma tarde, em pleno ônibus, tem a inspiração súbita: “Já sei! Já sei!” E baixa a voz:

— Vais ser psiquiatra. É o golpe!

Esbugalhou os olhos: “Mas não entendo tostão de psiquiatria!” Chagas foi sumário: “Nem precisa. É a especialidade mais sopa do mundo, mais canja. Com uma perna nas costas, tu podes ser psiquiatra.” E acrescentou o último argumento: “Olha aqui, seu zebu, um sujeito que tem seu consultório é o melhor

médico do mundo! Do mundo, ouviste?” Nemésio deixou-se convencer, mas suspirou:

— Médico como eu devia ser encanado, palavra de honra!...

A carreira

Durante uns 15 dias foi ao hospício, para adquirir uns laivos de prática. Mas era um bom coração. Tinha pena dos doentes. Uma manhã, às escondidas, distribuiu cigarros entre os doidos, assim infringindo todos os regulamentos universais. Os outros médicos quase deram nele. Saiu de lá escorraçado. O Chagas deu-lhe um baile: “Mas você é maluco? Bebeu?” Abriram, enfim, o consultório. E, no fundo, a esperança de Nemésio era que jamais aparecesse um cliente. Fazia cálculos patéticos: “Imagina se me entra alguém, aqui!” Então, o amigo pôs-se a argumentar, demonstrando que não há nenhum bicho de sete cabeças na psiquiatria: “Te dou minha palavra de honra que é um negócio de criança. Sabe o que é que é preciso? Só?”

— Não.

E o Chagas: “Cara e coragem.” Diante do outro, assombrado com tanto descaro, dava a fórmula: “Suponhamos que vem, aqui, um cliente. Você bate um papo de uma hora contada a relógio. E, depois, já sabe, manda extrair uns quatro dentes do freguês. Mas toma nota, ninguém leva a sério um especialista que não mande fazer as extrações, com ou sem focos.” O próprio Chagas admitia, grave: “O pior tu não sabes, o pior é que, às vezes, o doente sara.” Felizmente, não aparecia lá, ninguém. Os dois ficavam no consultório, lendo revistas e conversando sobre mulheres. Até que, de repente, batem a campainha. O Chagas se arremessa. Volta, espavorido: “O primeiro freguês! O primeiro freguês!” E cutuca o sucumbido Nemésio: “Uma boa, menino!” Antes, porém, de mandar entrar a doente, o Chagas cochichou:

— Pede radiografia dos dentes! Isso é importante, ouviste? Radiografia dos dentes...

A doente

Foi para Nemésio uma experiência patética. Vergou os ombros diante das recém-chegadas, para ocultar a vermelhidão da própria face. Eram duas velhas, uma magra e outra gorda, respectivamente, tia e mãe da doente, uma moça bonitinha ou, por outra, linda, de olhos rasgados e tristes. Chamava-se Clara, a pequena. E que tinha ela? Há três anos, em plena lua de mel, perdera o marido num desastre de aviação. Esta lua de mel inacabada era a sua frustração mortal. Desde então, tomara-se de melancolia e pensava no morto com uma doce obstinação. A família tentara tudo para libertá-la daquela tristeza suave, quase gostosa. Mas a menina se insurgia, crispada, ante a simples hipótese de um novo matrimônio: “Deus me livre!” Perguntavam por quê. E ela: “Vocês não percebem que um segundo casamento é um adultério?” Interpelava os parentes atônitos: “Como se pode trair um morto?” E, de fato, com a mais comovente boa-fé via o novo matrimônio como a pior das infidelidades. Certa vez, sonhara que outro homem, e por sinal, um amigo do defunto, a beijava na boca. Pior do que o fato em si mesmo, foi o prazer criminoso que experimentara dormindo. Ao despertar, julgou-se profanada; o sentimento de culpa foi uma dessas coisas indescritíveis. Quis, então, morrer. Claro que a família pôs as mãos na cabeça. Mãe e tia estavam ali agora, aflitas. Clarinha era filha única e...

Tratamento

Passaram, nessa primeira consulta, duas horas e 45 minutos, cronometrados. A partir de então, Clarinha ia lá três vezes por semana, e sozinha. A mãe fora impressionante: “Entrego-lhe a coisa que eu tenho de mais preciosa.” O cínico respondeu, com ligeira inclinação de cabeça: “Perfeitamente, perfeitamente.” E ficavam, o médico e cliente em intermináveis conversas, nas quais falavam de tudo, inclusive de futebol. Já o Nemésio perdera todas as inibições. Tinha uma confiança, uma clarividência, uma precisão inexcedíveis. Depois de cada consulta, virava-se para o Chagas: “Tinhas razão! Psiquiatria é um bate-papo! Uma conversa fiada!” Pouco a pouco, ia fixando suas opiniões, seus pontos de vista inflexíveis: “Injeção não cura! Não resolve! Pura tapeação!” Por último, era

dogmático:

— Quem toma remédio é burro. Remédio é veneno!...

A cura

E súbito, toda a família de Clarinha se tomou de fanatismo por esse jovem médico, que não extraía dentes de ninguém, nem receitava injeções. A verdade é que a pequena estava outra. Perdera a persistente melancolia; ria alto; pintava-se. Agora, ia, sem nenhum escrúpulo de viúva, a festas, a teatros, cinemas, com os bonitos ombros nus. Comentava-se: "É uma ressurreição! Um milagre!" Com assombro para o Nemésio e o Chagas, outros clientes vieram. E o que fascinava todo mundo era esta singularidade: ele não usava remédio de espécie alguma. Até que, uma tarde, Clarinha entra e diz: "Estou apaixonada! Estou apaixonada!" Virou-se espantado. Faz, sem querer a pergunta:

— Por quem?

E ela:

— Beija-me e verás.

Agarrou-a, ali mesmo. Deu-lhe um beijo sem fim e feroz.

85
Rainha de Sabá

Saíram juntos da festa. E o amigo vinha entusiasmado:

— Foi contigo! Fez fé com tua cara!

Referia-se à Teresinha Seixas que não tirara os olhos do Asdrúbal, num flerte escandaloso. Tinha sido uma coisa de chamar a atenção. Raimundo, eufórico, como se o beneficiado fosse ele, atiçava o outro:

— Está pra ti. Dá em cima, que é canja. Quero ser mico de circo se ela não entregar os pontos.

Mas o Asdrúbal, que era um tímido e exagerava as dificuldades, coçava a cabeça:

— O negócio não é assim, como você diz. É muito mais complicado.

— Complicado o quê! Barbada. E, ainda por cima, uma sujeita cheia da "erva". Tem pra lá de vinte mil contos. Sabes lá o que é isso?

Despediram-se, afinal. E o Asdrúbal, sujeito sem vintém, escravo do salário, entrou em casa, com aquilo na cabeça: vinte mil contos! Tirou a roupa e, nu da

cintura para cima, ficou ruminando a situação que, subitamente se criara na sua vida. O fato é que Teresinha, filha do Seixas dos lotações, parecia interessadíssima e ele já se via rico, milionário, o diabo.

Romance

No dia seguinte, pela manhã, quando Asdrúbal entrou no emprego, encontrou o Raimundo, à sua espera. Tomara-se de um interesse medonho pelo caso. E foi logo intimando: “Olha aqui, sua besta, você vai telefonar agorinha mesmo para fulana.” Asdrúbal, que tinha horror da situação, quis escapar. Mas ele, implacável, coagiu o outro e foi ao cúmulo de fazer a ligação. Asdrúbal, quisesse ou não, teve que falar. Gaguejou no telefone, suou, meteu os pés pelas mãos. Raimundo, do lado, bufava: “Mas que animal!” E foi preciso que Teresinha, desembaraçadíssima (sabia até francês) conduzisse a conversa e inventasse os assuntos. No fim de dez minutos, a timidez de Asdrúbal evaporava-se. Ele se permitia, até, piadas. Raimundo soprou: “Marca um encontro! Marca um encontro!” O rapaz acabou tomando coragem e sugerindo o encontro. E quando Raimundo percebeu que Teresinha concordava, assoviou, de pura delícia. Finalmente, despediram-se. E, então, triunfante, Raimundo cantou vitória:

— Mulher, quando cisma com um cara, já sabe. Está no papo, direitinho!

E Asdrúbal maravilhado: “Veremos. Veremos.” Pensava nos lotações do sogro e suspirava.

Horas depois, num café, ainda confabulavam; e foi, então, que baixando a voz, Raimundo insinuou: “Tu me arranjas um emprego com o velho, não me arranja? Vê lá! Sou teu, do peito!” E insistiu:

— Mas um emprego bacana. Mixaria, não interessa!

E começaram os encontros. Ofuscados pelo dinheiro da pequena, os dois amigos esqueciam-se de um pequeno detalhe: ou seja, a própria pequena. Tinham, desta, uma ideia vaga, nebulosa. E se lhes pedissem para descrever o feitio do nariz, do queixo, do corpo de Teresinha, não saberiam fazê-lo. Ignoravam, honestamente, se era bonita, feia ou simpática.

Noivos

Num instante, a menina meteu o namorado dentro de casa. Asdrúbal conheceu o pai, mãe, irmãs e tias. Jantou lá, e suou frio quando serviram o peixe.

Não sabia direito qual o garfo. Já por ocasião da sopa, recebeu um impacto tremendo, pois a moça soprou-lhe: “Faz menos barulho.” Saiu humilhado e, ao mesmo tempo, mais preso do que nunca àquela família. E, pouco a pouco, foi contando à menina as suas dificuldades e, sobretudo, as desconsiderações que sofria no emprego. Aliás, o amigo o industriara: “Conta miséria, rapaz.” E o Asdrúbal, segurando a mão da pequena, gemia: “O Chefe tomou assinatura comigo.” Ela, que o considerava um anjo, espantava-se:

— Mas por quê?

— Porque não sou puxa como os outros. Digo o que tenho de dizer e pronto.

Teresinha, solidária, reforçava:

— Faz bem, se ele se fizer de besta, mete-lhe a mão na cara.

— E o emprego?

— Por minha conta — e acrescentou: — Fome você não passa.

Raimundo, quando soube da conversa, inflamou-se:

— Ótimo! Se ela garante o negócio, nem se discute.

O fato é que Asdrúbal passou a ser outro, no escritório. Ele que sempre se caracterizara pela subserviência mais deslavada, pela humildade mais constrangedora — roncava grosso e já falava em “quebrar caras”. Um dia, o chefe soube que ele não saía do telefone e o convocou para o competente sabão:

— Que negócio é esse que andam me contando? O senhor pensa que isso aqui é a casa da mãe Joana? Não, senhor, absolutamente!

A princípio, por uma questão de hábito, Asdrúbal ouviu, só, calado. Mas lembrou-se de que o dinheiro do sogro cobria a retaguarda. Num instante, estava de dedo espetado na cara do chefe: “Seu palhaço! Vem cá para fora, que eu te parto a cara. Cretino!” O chefe, lívido, numa crise de pânico, escondia-se detrás dos móveis e punha a boca no mundo. Tiveram que arrastar Asdrúbal, arrastá-lo, aos apelos de “não faça isso”. Nos corredores, ele ainda esbravejava: “Eu sou é homem!” Da rua telefonou para a pequena, ainda heroico; terminou com a insinuação: “Estou sem emprego e imagina o ‘abacaxi’, devo três meses do quarto!”

O lar

O sogro deu-lhe emprego, na firma. Raimundo, animado com o exemplo, brigou no emprego, disse uns desaforos ao patrão. Mas este corpulento e feroz, correu com ele a taponas. Desempregado, o rapaz passou a viver às custas do Asdrúbal. Mordia-o, diariamente, em dez, vinte cruzeiros; e estava sempre reclamando: “Vê se te casas e me arranja o tal emprego.” Meses depois, casava-

se Asdrúbal. E parte para a lua de mel. No último momento, Raimundo fez-lhe um substancial pedido de dinheiro: quinhentos cruzeiros. O sogro fez a advertência: “Trata bem minha filha, rapaz, que tu estás feito.” Durou trinta dias a lua de mel e quando voltou, Asdrúbal parecia espantado. Começava a conhecer verdadeiramente a mulher. Até então, ele, na embriaguez do casamento rico, não tomara conhecimento dos defeitos e qualidades físicas e morais de Teresinha. A experiência conjugal abria-lhe os olhos. Descobria, antes de mais nada, que ela era somítica, demais. Tomava conta do dinheiro, regateava até o último tostão, examinava todas as contas. Sempre que, numa boate ele se permitia uma gorjeta muito alta, ela o imprensava: “Parece, até, que o dinheiro é teu. Calma, calma no Brasil!” E, não raro, o advertia antes: “Cuidado que meu pai custou muito a ganhar esse dinheiro!” Voltaram, da montanha, para morar num palacete, na Gávea. Vamos e venhamos: não lhe faltava nada. Casa de luxo, automóvel, piscina de mármore, garçom, o diabo. E, na rua, os lotações do sogro continuavam atropelando pedestres. E conseguiu, mesmo, um emprego de contínuo, para o Raimundo, na firma. Mas ao chegar de fora, teve uma surpresa: todas as criadas, de sua casa, eram pretas. Veio perguntar à mulher:

— Que negócio é esse?

E ela, categórica:

— Claro, ora essa! Ou você pensa que eu sou alguma boba? Pois sim! Criada branca não me entra aqui!

— Mas, criatura!

— Sim, senhor! Só preta e olhe lá! Não acredito em homem nenhum! Eu que ponha criada bonitinha aqui, para ver o que acontece!

A rainha de Sabá

Entre as cinco ou seis empregadas, havia uma, Mariana, que se destacava das demais. Quando Teresinha a viu teve um muxoxo: “Hum! Hum!” Mas deixou-se convencer pela cor. Porque a menina, com seus 19 anos, era uma figura singular. No carnaval anterior, saíra de rainha de Sabá num rancho, com espetacular sucesso. E Teresinha dizia para as visitas: “Tem bom corpo, mas é preta!” Mergulhado, até o pescoço, na nova vida, Asdrúbal procurava Raimundo. Parecia meio descontente; suspirava: “Não sei o que há comigo.” Raimundo, que era agora contínuo e de uniforme, fazia uma síntese:

— Vida chata, meu Deus do céu!

De vez em quando, ele ia à casa do amigo, levar encomendas. Um dia, chamou Asdrúbal, a um canto: “Tens, em casa, um material de primeira.”

Espanto de Asdrúbal: “Quem?” E o outro: “A Mariana.” Asdrúbal fez a restrição racial: “Mas é preta!” Raimundo saltou:

— Deixa de ser burro! Pode ser preta, mas que perfil. E o corpo, menino!

A verdade é que, Raimundo, inferiorizado dentro do uniforme de contínuo, tomava-se de ódio contra Teresinha. Em casa, na cama, devorado pelos percevejos, ele ruminava: “Vou fazer a caveira dessa gaja!” Não sabia como, mas... Sempre que podia, interpelava Asdrúbal: “Como vai a rainha de Sabá? Ah, se eu fosse você!” E Asdrúbal cruzando com Mariana, no corredor, já a olhava de uma certa maneira. O amigo o sugestionava: “Deixa de preconceito besta!”

O cheque

No dia em que Asdrúbal fez 35 anos, a mulher preparou um grande jantar, com a presença de muitos parentes, inclusive dos pais. Quando todos se sentaram à mesa o Asdrúbal apanhou o guardanapo e um papel caiu no chão. Surpreso, curvou-se e apanhou. Era um cheque de quinhentos mil cruzeiros! Enquanto ele, vermelhíssimo, relia a importância, os parentes batiam palmas e o sogro anunciava:

— Para uma viagem a Paris e outros bichos!

Teresinha ergueu-se e veio beijá-lo na testa. Então, aconteceu o seguinte. De pé, à cabeceira da mesa, o rapaz olhou ainda uma vez o papel e, sem exaltação, com método, o rasgou, em não sei quantos pedacinhos. Houve alarido na sala. Que é isso? Está louco? Bêbado? Mas todos emudeceram quando ele, em voz forte e nítida, anunciou:

— Comunico que vou me desquitar de minha mulher, aqui presente. E que me casarei com minha criada, Mariana, no México, no Uruguai ou no raio que o parta.

86
A mulher do próximo

Apareceu na sinuca e fez a pergunta:

— Vocês viram a besta do Gouveia?

Um sujeito, de mais dentes, que passava giz no taco, respondeu:

— Não vejo o Gouveia há trezentos anos!

Mas um outro, que vinha chegando, indaga:

— Hoje não é sexta-feira? — e insistiu: — Sexta-feira é o dia em que ele se encontra com a mulher do despachante.

Então, Arlindo, que também era despachante, teve que admitir: "É mesmo! É mesmo!" E, de fato, às sextas-feiras, o Gouveia era uma figura impraticável. Desapareceu, sem deixar vestígios. Mas os amigos, os íntimos, sabiam que ele estava em alguma parte do Distrito Federal, às voltas com uma trintona que, segundo ele próprio, era a sua mais recente paixão imortal. Esse único e escasso encontro semanal era sagrado para o Gouveia. Largava negócios, largava compromissos, largava outras mulheres, para se meter num apartamento, em Copacabana, que um amigo lhe emprestava, ou, antes, que um amigo alugava, numa base de duzentos cruzeiros por vez. Mas como era um *big* apartamento, com geladeira, vitrola, banho frio e quente, vista para o mar, o Gouveia reconhecia:

— Vale as duzentas pratas e até mais!

Arlindo saiu da sinuca, furioso: "Ora, pinoia!" Fez seus cálculos: o romance do Gouveia com a mulher do despachante começava, às sextas-feiras, às quatro da tarde. Mas a partir das sete da manhã, já o Gouveia não atendia nem telefone, a pretexto de que o amor exige uma concentração prévia e total. Conclusão: só reaparecia, para o mundo, às 11 da noite, meia-noite. Cercado de amigos, costumava dizer:

— Vocês não se admirem se, qualquer dia, eu sair do apartamento de rabecão!

Naquela sexta-feira, o Arlindo tinha que resolver um assunto urgente com o Gouveia; e dramatizava: "Assunto de vida e de morte!" Mas o fato é que teve de esperar que o tempo passasse. Às 11 da noite, aparece na sinuca. Mais, dez, 15 minutos, surge o Gouveia. Arlindo atira-se:

— Até que enfim, puxa! Vamos conversar, vamos bater um papo!

Gouveia, cansado, bocejando e com sono, queria sentar-se, queria conversar tomando cerveja. E, então, caminhando, pela calçada, lado a lado com o amigo, Arlindo começou:

— Responde: tens confiança em mim?

Admirou-se:

— Por quê?

— Tens?

— Tenho, claro!

Pararam na esquina. Arlindo puxa um cigarro e o acende. Atira fora o palito de fósforo e continua:

— Bem. Se tens confiança, tu vais me dizer o seguinte: quem é essa mulher

do despachante? Chama-se como? Eu conheço? Fala! Tu nunca me escondeste nada! Quero saber ou, por outra, preciso saber.

Pausa. Finalmente, o Gouveia balança a cabeça:

— Tem santíssima paciência, mas não abro a boca para falar dessa senhora. É um caso sério, muito sério, que pode dar em tiro, morte, o diabo. Desculpa, mas esse negócio de identidade é espeto.

Arlindo respira fundo:

— Quer dizer que você não diz?

E o outro, firme:

— Não. Arlindo põe-lhe a mão no ombro:

— Já que você não fala, falo eu. Tua distinção é inútil. Eu conheço, eu sei quem é essa cavalheira.

— Sabe?

— Sei. Perfeitamente. Sei.

Nova pausa. Gouveia arriscou:

— Quem é?

E o outro, baixo, sem desfitá-lo:

— Minha mulher. Sim, senhor. Minha mulher, sim.

Gouveia recua, lívido:

— Não, não!

Mas já o outro, rápido, o agarra pela gola. Na sua cólera contida, continua:

— Ontem, dormindo, ela falou num nome. Era o teu. Fui beijado como se fosse você. Então, descobri que a tal mulher do despachante era a minha. E que o despachante sou eu.

Lívido, Gouveia nega:

— Juro! — e repetia: — Juro!

Quis desprender-se, num repelão selvagem. Mas o outro, muito mais forte, o subjugou, com uma facilidade apavorante. E, súbito, Gouveia começou a chorar. Pedia: “Não me mate! Não me mate!” Arlindo larga-o:

— Olha, seu cachorro, não vou matar ninguém, nem a ti, nem a ela. Gosto demais de minha mulher. E gosto tanto, que não te mato, para que ela não sofra. Mas quero que saibas o seguinte — pausa e pergunta: — Estás ouvindo?

Soluçou:

— Sim.

E Arlindo:

— Minha vingança é a seguinte, daqui por diante, sempre que te encontrar, seja onde for, eu te cuspirei na cara. Vai começar, agora!

Era tarde e a rua estava deserta. Foi uma cena sem testemunhas: como um hipnotizado, Gouveia não esboçou um movimento de fuga, nada. E, até,

instintivamente, ergueu o rosto, pareceu oferecer o rosto. Viu Arlindo afastar-se, tranquilo e realizado, e ficou, em pé, na esquina, com a saliva alheia, a pender-lhe da face, elástica e hedionda. Finalmente, apanhou o lenço, fino, caro e perfumado, que usava, às sextas-feiras, para o encontro com a esposa do outro; e enxugou aquilo. Saiu dali, desvairado. Perguntava a si mesmo: “E agora? E agora?” O que havia, no mais profundo de si mesmo, era a certeza de que o outro havia de persegui-lo, a cusparadas, até a consumação dos séculos. Nessa noite, não conseguiu dormir. De manhã, com o olho rútilo, o lábio trêmulo, recorreu a amigos comuns, contava o episódio e pedia conselhos. Um, genioso, foi taxativo:

— Se um sujeito me cuspisse na cara, eu dava-lhe um tiro na boca!

Gouveia replicava:

— Mas eu tomei-lhe a mulher! Tu não compreendes? Eu tomei-lhe a mulher?!

E o amigo:

— E daí? Tu não és o primeiro, nem serás o último a dar em cima da mulher do próximo! Ninguém é perfeito, carambolas, ninguém é perfeito!

De todos os conselhos recebidos, o mais ponderado foi o de um tio de Gouveia. Eis o que sugeriu o velho: “Emigra, rapaz! Vai para a China, pra Conchinchina! Se não tens coragem de reagir, de partir-lhe a cara, a solução é emigrar!”

Bem que gostaria de fugir, desaparecer. Mas era um fascinado, um hipnotizado. Sempre que via o inimigo, plantava-se no meio da rua e o impulso de fuga morria nas profundezas do seu ser. O outro vinha e, publicamente, cuspia-lhe na face, sem que o Gouveia, ao menos, baixasse a cabeça, desviando o rosto. Já andava com um lenço especial, um lenço sobressalente para enxugar as cusparadas. Mas o pior foi no velório de um amigo comum: Arlindo apareceu e, sem o menor respeito pelo local, veio vindo na sua direção. Gouveia ainda balbuciou o apelo:

— Aqui, não! Aqui, não!

Mas o Arlindo, implacável, cuspiu-lhe, ainda uma vez. Era demais. Alucinado, Gouveia correu de lá. Mais tarde, em casa, meteu uma bala nos miolos.

87 - O decote

Era uma mãe enérgica, viril, à antiga. Diabética, asmática, com sessenta anos nas costas, apanhou um táxi na Tijuca, e deu o endereço do filho, em Copacabana. Chegou de surpresa. A nora, que não gostava da sogra perspicaz e autoritária, torceu o nariz. Já o filho, que a respeitava acima de tudo e de todos, precipitou-se, de braços abertos, trêmulo de comoção:

— Oh, que milagre!

Deu-lhe o braço. Há dois anos, com efeito, que d. Margarida não entrava naquela casa. Indispôs-se com a nora, cuja beleza a irritava, e cortou o mal pela raiz: "Não ponho mais os pés aqui, nunca mais." Clara deu graças a Deus. Aquela sogra, sem papas na língua, a exasperava. E Aderbal, que era um bom filho e melhor marido, limitou-se a uma exclamação vaga e pusilânime: "Mulher é um caso sério!" Foi só. Eis que dois anos depois, abandonando sua rancorosa intransigência, d. Margarida punha os pés naquela casa. Foi um duplo sacrifício, físico e moral, que ela se impôs, heroicamente. Trancou-se com o filho, no gabinete. Perguntou:

— Sabe por que eu vim aqui?

E ele impressionado:

— Por quê?

D. Margarida respirou fundo:

— Vim lhe perguntar o seguinte: você é cego ou perdeu a vergonha?

Não esperava por esse ataque frontal. Ergueu-se, desconcertado: "Mas como?" Apesar dos seus achaques, que faziam de cada movimento uma dor, d. Margarida pôs-se de pé também. Prosseguiu, implacável:

— Sua mulher anda fazendo os piores papéis. Ou você ignora? — e, já, com os olhos turvos, uma vontade doida de chorar, interpelava-o: — Você é ou não é homem?

Foi sóbrio:

— Sou pai.

O pai

Há 15 anos atrás, os dois se casaram, no civil e religioso, e, como todo o mundo, numa paixão recíproca e tremenda. A lua de mel durou o quê? Uns 15, 16 dias. Mas no 17º dia, encontrou-se Aderbal com uns amigos e, no bar, tomando uísque, ele disse, por outras palavras, o seguinte: "O homem é polígamo por natureza. Uma mulher só não basta!" Quando chegou em casa, tarde, semibêbado, Clara o interpelou: "Que papelão, sim senhor!" Ele podia ter posto panos quentes, mas o álcool o enfurecia. Respondeu mal; e ela, numa desilusão ingênua e patética, o acusava: "Imagine! Fazer isso em plena lua de mel!" A réplica foi grosseira:

— Que lua de mel? A nossa já acabou!

Durante três dias e três noites, Clara não fez outra coisa senão chorar. Argumentava: "Se ele fizesse isso mais tarde, vá lá. Mas agora..." A verdade é que jamais foi a mesma. Um mês depois, acusava os primeiros sintomas de gravidez, que o exame médico confirmou. E, então, aconteceu o seguinte: enquanto ela, no seu ressentimento, esfriava, Aderbal se prostrava a seus pés em adoração. Sentimental da cabeça aos pés, não podia ver uma senhora grávida que não se condoesse, que não tivesse uma vontade absurda de protegê-la. Lírico e literário, costumava dizer: "A mulher grávida merece tudo!" No caso de Clara, ainda mais, porque era o seu amor. No fim do período, nasceu uma menina. E foi até interessante: enquanto Clara gemia nos trabalhos de parto, Aderbal, no corredor, experimentava a maior dor de dente de sua vida. Mas ao nascer a criança, a nevralgia desapareceu, como por milagre. E, desde o primeiro momento, ele foi, na vida, acima de tudo, o pai. Esquecia-se da mulher ou negligenciava seus deveres de esposo. Mas, jamais, em momento algum, deixou de adorar a pequena Mirna. Incidia em todas as inevitáveis infantilidades de pai. Perguntava: "Não é a minha cara?" Os parentes, os amigos, comentavam:

— Aderbal está bobo com a filha!

A esposa

Quando Mirna fez oito anos, ele recebeu uma carta anônima em termos jocosos: “Abre o olho, rapaz!” Pela primeira vez, caiu em si. Começou a observar a mulher. Mãe displicente, vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus. Um dia, chamou a mulher: “Você precisa selecionar mais suas amizades...” Clara, limando as unhas, respondeu: “Vê se não dá palpite, sim? Sou dona do meu nariz!” Desconcertado, quis insistir. E ela, porém, gritou: “Você nunca me ligou! Nunca me deu a menor pelota!” Aderbal teve que dar a mão à palmatória!

— Bem. Eu não me meto mais. Mas quero lhe dizer uma coisa: nunca se esqueça de que você tem de prestar contas à sua filha.

Foi malcriada:

— Ora, não amola!

Foi esta a última vez. Nunca mais discutiram. Aderbal passou a ser apenas uma testemunha silenciosa e voluntariamente cega da vida frívola da mulher. Tinha uma ideia fixa, que era a filha. Uma vez na vida, outra na morte, dizia à esposa: “Nunca se esqueça que você é mãe.” E era só. Agora que Mirna completara 15 anos, d. Margarida invadia-lhe a casa. Discutiram os dois. A velha partia do seguinte princípio: Clara era infiel e, portanto, o casal devia separar-se e, depois, desquitar-se. Desesperado, Aderbal teve uma espécie de uivo: “E minha filha?” D. Margarida explodiu: “Ora, pílulas!” Ele foi categórico:

— Olhe, minha mãe, eu não existo. Compreendeu? Quem existe é a minha filha. Não darei esse desgosto à minha filha, nunca!

A velha usou todos os seus argumentos, mas em vão. Aderbal dava uma resposta única e obtusa: “Pode ter amante, pode ter o diabo, mas é mãe de minha filha. E se minha filha gosta dessa mulher, ela é sagrada para mim, pronto, acabou-se!” Por fim, já sem paciência, d. Margarida saiu, apoiada na sua bengala de doente. E, da porta, gritou:

— Você precisa ter mais vergonha nessa cara!

Pecadora

Uns quarenta minutos depois, Aderbal foi falar com Mirna: “Vem cá, minha filha, você gosta muito de sua mãezinha?” Ela pareceu maravilhada com a pergunta: “Você duvida, papai?” Pigarreou, disfarçando: “Brincadeira minha.” Sentada no colo paterno, a pequena, que era parecida com Clara, suspirou: “Gosto muito de mamãe e gosto muito de você.” Atormentado, ele deixou passar uns dois dias. No terceiro dia, discutiu com a mulher. E definiu a situação:

— Eu sei que você não gosta de mim. Mas respeite, ao menos, sua filha. A discussão podia ter tido um tom digno. Mas, Clara estava tão saturada daquele homem, que não resistiu. A voz do marido, o gesto, a roupa, as mãos, a pele — tudo a desgostava. Com 16 anos de casada, percebia que num casal, pior do que o ódio, é a falta de amor. Perdeu a cabeça, disse o que devia e o que não devia. Aderbal quis conservar a serenidade: “Minha filha não pode saber de nada.” Então, Clara teve um acinte desnecessário, uma crueldade inútil; interpelava-o: “Você fala de sua filha. E você? Afinal, o marido é você!” Muito pálido, Aderbal emudeceu. Ela continuou, agravando a humilhação do marido: “Ou você vai dizer que não sabe?” Na sua cólera, contida, quis sair do quarto. Mas, já Clara se colocou na sua frente, resoluta, barrando-lhe o caminho. Voltara, há pouco, de uma festa. Estava de vestido de baile, num decote muito ousado, os ombros morenos e nus, perfumadíssima. E, então, com as duas mãos nos quadris, fez a desfeita:

— Não vá saindo, não — e perguntava: — Você não me provocou? Agora, aguente!

E ele, em voz baixa:

— Fale baixo. Sua filha pode ouvir!

Sem querer, Clara obedeceu. Falou baixo, mas, pela primeira vez, disse tudo.

Assombrado, diante dessa maldade que rompia, sem pretexto, gratuita e terrível, ele se limitava: “Por que você diz isso? Por quê? Queria interrompê-la: “Cale-se! Cale-se! Eu não lhe perguntei nada! Eu não quero saber!” Mas a própria Clara não se continha mais:

— Você conhece Fulano? Seu amigo, deve favores a você, o diabo. Pois ele foi o primeiro!

— Fulano? Mentira!...

E ela:

— Quero que Deus me cegue, se minto! Sabe quem foi o segundo? Cicrano! Queres outro? Beltrano. Ao todo, 17! Compreendeu? Dezessete!

Então desfigurado, ele disse:

— Só não te mato, agora mesmo, porque minha filha gosta de ti! Disse isso e saiu do quarto.

A filha

Dez minutos depois, de bruços no divã, ele chorava, no seu ódio impotente. E, súbito, sente que uma mão pousa na sua cabeça. Vira-se, rápido. Era a filha que, nas chinelinhas de arminho, no quimono rosa e bordado, descera, de mansinho. Ajoelhou-se, a seu lado. Desconcertado, passou as costas das mãos, limpando as lágrimas. Então, meiga como nunca, solidária como nunca, Mirna disse: “Eu ouvi tudo. Sei de tudo.” Lenta e grave, continuou:

— Eu não gosto de minha mãe. Deixei de gostar de minha mãe.

Ele pareceu meditar, como se procurasse o sentido misterioso dessas palavras. Levantou-se, então. Foi a um móvel e apanhou o revólver na gaveta. Subiu, sem pressa. Diante do espelho, Clara espremia espinhas. Ao ver o marido, pôs-se a rir. Boa, normal, afável com os demais, só era cruel com aquele homem que deixara de amar. Seu riso, esganiçado e terrível foi outra maldade desnecessária. Então, Aderbal aproximou-se. Atirou duas vezes no meio do decote.

88 - O silencioso

Vinte e quatro horas antes do casamento, d. Eunice viu a tristeza da filha e estranhou:

— Estou achando você meio assim. Houve alguma coisa entre vocês, houve?

— Ora, mamãe! Mas que bobagem! Teria cabimento a gente brigar na véspera do casamento?

Dona Eunice suspirou: “Ótimo! Antes assim!” Mas não estava convencida. Achou na alegria de Maria Lúcia algo de artificial, de falso. Meia hora depois, surpreende a pequena com a pergunta: “Você está feliz, minha filha?”

— Eu?

— É.

Mas Lúcia teve uma brevíssima hesitação. “Sim. Claro!” Pausa e acrescenta: “Tenho um noivo quase perfeito.” D. Eunice fez um espanto: “Quase?” A garota parece desconcertada, admitindo:

— É o seguinte, Abelardo é formidável, etc. e tal, mas tem um defeito, fala pouco. Quase não fala. É um boca de siri.

Discreto

Parecia pouco. E d. Eunice, que estava sentada, levantou-se:

— Se ele só tem esse defeito, você deve dar graças a Deus.

Pararam por aí. E d. Eunice, que era uma otimista, não pensou mais no assunto. A união de Maria Lúcia e Abelardo era, teoricamente, o que se pode chamar um matrimônio perfeito. E, com efeito, Abelardo falava pouco, pouquíssimo, economizava cada palavra, vivia imerso quase sempre num silêncio que chegava a incomodar. Por vezes, com surda irritação, Lúcia pedia: "Fala, meu bem! Diz qualquer coisa!" Ele sorria, sem responder. Fosse como fosse, a garota gostava do noivo e gostava muito. Suspirava: "A gente se casa com as qualidades e os defeitos do marido. Paciência." E, de fato, casaram-se, no dia seguinte. Nas emoções do dia, Lúcia esqueceu-se de tudo mais; entregou-se, com todo o ser, à sua felicidade de noiva. Na volta da igreja, ela mudou a roupa. E, uns quarenta minutos depois, já sem véu, num vestido normal, parte com Abelardo para o hotel da montanha onde viveria sua lua de mel.

O silencioso

O automóvel corria na Rio-Petrópolis, numa velocidade macia, quase imperceptível. Passada a barreira, Maria Lúcia, já triste, tem um lamento:

— Meu anjo, desde que nós saímos de casa, você não disse uma palavra. Nenhuma resposta. Abelardo limitou-se a apertar sua mão. Decorreram dez minutos mais de silêncio. Dói, na pequena, que o noivo vá tão silencioso quanto o motorista. E não se contém. Crispa a mão no seu braço. Pede, com angústia:

— Fala, meu filho. Diz qualquer coisa.

Maria Lúcia espera. E nada, ainda. Sente que o noivo sorri, apenas. Insiste:

— Mas, Abelardo! Você não tem uma palavra para dizer, num dia como o de hoje? Será possível?!

Como resposta, Abelardo dá-lhe dois beijos curtos e rápidos. Em seguida, passa as mãos nos seus cabelos. Sem uma palavra, porém. E, então, com o coração apertado, Maria Lúcia suspira:

— Você só não é perfeito, meu bem, porque fala pouco. Eu daria tudo para que você falasse mais!

Lua de mel

Segundo os cálculos feitos, a lua de mel devia durar um mês. No fim de 12 dias, porém, com surpresa para a família, os noivos regressaram. D. Eunice, ao vê-los, arremessa-se. Abelardo, em pé, responde, lacônico: “Foi ela!” E, então, atribuladíssima, d. Eunice vira-se para o genro: “Sente-se!” Já a velha se apoderava da filha, levava a pequena para fora. E, sozinha com a mãe, Lúcia começa a chorar:

— Não aguento mais! Não posso, mamãe! Quero, mas não posso!

Aterrada, d. Eunice não sabe o que pensar, o que dizer. Senta-se ao lado da filha; toma, entre as suas, as mãos da moça: “Mas que foi que houve?” Lúcia ergue-se, anda de um lado para outro e, súbito, estaca:

— Esse homem não fala, mamãe. Não diz uma palavra! A senhora sabe o que é passar horas, dias, ao lado de um marido que não abre a boca? Eu acabo maluca, mamãe.

D. Eunice, sem uma palavra e cada vez mais assombrada, escuta só. Finalmente, pergunta: “Mas vem cá, é só isto?” Lúcia a interpela com violência:

— E a senhora acha pouco? Oh, mamãe!

A outra perde a paciência:

— Quem diz “oh” sou eu! Parece incrível, que você esteja fazendo tamanho barulho por um motivo tão bobo! Sossega!

E a outra, fremente:

— Pode ser bobo, mas o fato é o seguinte, eu vou me separar, mamãe. E das duas, uma: ou me separo ou a senhora não terá mais filha por muito tempo!

Pânico

Foi um pânico na família. Houve uma romaria de parentes; variavam as palavras, mas o argumento era o mesmo: “Ninguém se separa porque o marido fala de menos!”

Chorando, Maria Lúcia explicava:

— Quando eu vejo o meu marido calado, sem dizer nada, horas e horas, eu penso que ele está tramando algum crime.

O pai, feroz, esbraveja: “Mas isso é cômico, minha filha! Dá vontade de rir.” A pequena, sob verdadeira obsessão, parecia irredutível: “Vocês querem que eu volte, não é? Mas não volto!” Berrava, esganiçando a voz: “Não volto! Não volto!”

Solução

Mas voltou. Passara, longe do marido, sete dias. Ele que a deixara ir, sem uma palavra a recebeu, no retorno, mais silencioso do que nunca. Dir-se-ia que não acontecera nada. Com uma naturalidade inumana, abriu a porta para Maria Lúcia entrar e a beijou na testa. Só o pai que levara a filha, esfregava as mãos, numa falsa euforia:

— Tudo o.k. O que passou, passou. Já vou. *Au revoir.*

Marido e mulher jantaram num silêncio mais desesperador que se possa imaginar. Maria Lúcia pensava com o espírito trabalhado pelo sofrimento: "É demais, meu Deus, é demais!" Depois do café, passaram para a varanda. Ele, impassível, apanhou um cigarro e o acendeu. Então, fora de si, a mulher crispa a mão no seu braço e faz o apelo:

— Fala, diz qualquer coisa! Uma palavra!

Elevou a voz, enfurecida:

— Basta uma palavra, mas diz essa palavra, diz!...

Ele, mudo, calcou a brasa do cigarro no cinzeiro. Ela não pôde mais. Ergueu-se e entrou correndo. Abelardo continuou sentado, pelo espaço de duas horas. Depois, com sono, resolve subir. Ao chegar ao alto da escada, para. No fundo do corredor, vê, suspenso, um vulto. Desesperada do marido, que falava pouco, quase não falava, Maria Lúcia enforcara-se. Uma corrente de ar mexia nas saias da morta.

89 - O gatuno

Foi para São Paulo, de avião. Devia demorar, lá, talvez uma semana. Desembarcou, fez seus negócios e, às duas horas da manhã, apanhou o telefone do hotel:

— Eu queria um interurbano.

— Para onde?

— Rio.

Deu o número e nome. Estava no quarto, que era no 12º andar, e morto de saudades. Casado há três anos, era doido pela esposa. Confessava mesmo, com certo heroísmo: “Se eu perdesse a minha mulher, deixaria de ser homem!” Exagero, como se vê. Mas era incontestável a paixão do Euzebiozinho. Diga-se, de passagem, que a mulher merecia, fisicamente, essa paixão. Com 23 anos, podia ser considerada uma das pequenas mais bonitas do Rio de Janeiro. E, em casa, na rua, no ônibus, em toda a parte, viviam num agarramento de namorados ou amantes. Os amigos, diante desta sólida, compacta euforia conjugal, saudavam:

— O único casal feliz do mundo!

O ladrão

Enfim, foi completada a ligação. Euzebiozinho, sôfrego no telefone, desmanchava-se: “Como vai essa coisinha, maluca?” Ela respondeu qualquer coisa, que o marido não percebeu bem. O telefone estava péssimo. Na sua avidez de apaixonado, que não queria perder uma palavra, insistia: “Como é? Como é?” De repente, Euzebiozinho julgou captar a palavra “ladrão”. Perguntou:

— O que, meu coração? Fala mais alto! Fala com a boca encostada no fone! Repete!

Ela repetiu, soletrando quase:

— Entrou ladrão, hoje, aqui, em casa!

— Ladrão?

— Pois é.

Atônito, berrava, agarrado ao telefone:

— Mas que negócio é esse? Fala mais alto, meu bem! Não estou ouvindo bolacha!

A voz da mulher fugiu de todo. Histérico, bateu no gancho:

— Mas, ora, bolas! Telefonista! Telefonista!

Acabou desligando, fulo. E, então, no quarto do hotel, pôs-se a pensar nesse gatuno, que lhe invadira a casa. A perspectiva do prejuízo material não o incomodava. O que o fazia rilhar os dentes de pavor era o fato de Luciana estar só, em casa, e, por consequência, indefesa. Imaginou todas as possibilidades. Digamos que o miserável vendo Luciana, bonita e solitária nesse impudor que o sono dá; vendo Luciana numa de suas camisolas diáfanas, decotadas, perdesse a cabeça. Foi a hipótese de não sei que ultrajes que o decidiu. Bateu para o aeroporto. E, lá, pagando um preço nababesco, arranjou um avião especial. Disse para o piloto:

— É assunto de vida ou de morte.

O assalto

Morava numa ruazinha sossegada e lírica da Tijuca. Todos os moradores se conheciam e se davam como se fossem uma família só, numerosa e solidária. Quando Euzebiozinho saltou de um táxi, metade da vizinhança estava na sua casa. Luciana, num belo quimono, atirou-se nos seus braços:

— Ainda bem que você voltou! Graças, graças!

E ele, comovido como o diabo:

— Não te deixo mais, nunca mais. Mas como foi? Entrou gatuno, meu coração? Foi?

Luciana dramatizou: "Imagina o perigo, meu anjo! E sabe quem viu o ladrão? D. Tereza!"

Euzebiozinho virou-se para a indigitada, que confirmou. E veio, então, minuciosa reconstituição. A pobre da Luciana sem desconfiar de nada, deitara-se às dez horas. Como tinha um sono fácil, adormeceu logo, logo, na mais santa das inocências. O marido, do lado, fumando um cigarro atrás do outro, pensava nesse desconhecido, nesse homem que entrara no quarto de sua mulher. Ocorreu-lhe que, nas noites quentes, a esposa dormia nua.

No mais íntimo de si mesmo, teve ciúmes do ladrão. E continuava a história: cerca de meia-noite, d. Tereza, ali presente, estando com muito calor e devorada de insônia, viera à janela. E foi então que, de repente, vê, saindo da casa de Euzebiozinho, um vulto mais do que suspeito. Estando o dono da casa em São Paulo, uma coisa era óbvia ou, como dizia d. Tereza, "batata": aquele vulto masculino tinha que ser ladrão. Os presentes foram unânimes:

— Claro!

O mais dramático foi o cinismo do fulano: saíra pela porta da frente, com total naturalidade. Dir-se-ia o próprio dono da casa. O espanto como que amordaçara d. Tereza. Assim é que levou tempo antes que pusesse a boca no mundo.

Num instante, a rua inteira estava em polvorosa e a pobre da Luciana acordara, em sobressalto, com o alarido. Num ódio impotente, Euzebiozinho quis saber:

— Como era ele?

E d. Tereza:

— Bem-vestido, alinhado, bonitão!

O Raffles

Era um desses casos que excitam a imaginação pelo novelesco. O fato de ser um gatuno bonito, e não beiçudo e bestial, valorizava o episódio. E, além do mais, havia uma circunstância extraordinária: não desaparecera nada, absolutamente nada. Para Euzebiozinho, que tinha ciúmes até dos móveis, o caso assumia aspectos cada vez mais desagradáveis. Estava disposto a admitir um gatuno maltrapilho e boçal. Mas aquele larápio elegante ficou atravessado na sua garganta. Pediu um revólver emprestado: “Meto uma bala nesse desgraçado, ah, se meto!” Luciana ponderou: “Pra que matar, meu filho?” Ele, atirando patadas no chão, confirmou seus desígnios sanguinários: “Mato!”

E, de fato, desde o lamentável incidente, já não dormia mais direito. Qualquer rumor o fazia saltar da cama, de revólver em punho. Todas as tardes, ao voltar do emprego, parava na porta de d. Tereza; fazia a pergunta: “A senhora o reconheceria se o visse?” Ela afirmava:

— Lógico! Sou muito boa fisionomista, graças a Deus!

A coisa que mais deslumbrava a santa senhora era a analogia evidente entre o gatuno da Tijuca e o Raffles dos livros. Jamais imaginara encontrar, na vida real, um criminoso grã-fino. Fantasiava, para si mesma: “No mínimo frequenta bailes, usa casaca, o diabo!”

Surpresa

Uma noite, houve um baile grã-finíssimo na Gávea. E, por coincidência, d. Tereza também foi. No automóvel, Euzebiozinho veio conversando com a vizinha: “A única coisa que eu não topo é ladrão!” E exagerou: “Devia-se matar todos os ladrões no meio da rua, a pauladas!” D. Tereza, no fundo divertida com esta ferocidade, objetou:

— Mas você não pode se queixar. Arranjou um ladrão ultracamarada, que não roubou nada!

Enfim, chegaram na festa. Luciana ia muito linda e o próprio Euzebiozinho, apesar da sua condição de marido, olhava com interesse para o decote ousado e revelador. Fez, para si mesmo, uma reflexão melancólica: “Mulher bonita demais é espeto!” Pouco depois, estavam os três no salão. Euzebiozinho hesita, mas acaba rendendo à gorda e suada d. Tereza uma homenagem convencional: convidou-a para uma primeira dança, que, por sinal, era um fox. Logo nos passos iniciais, porém, d. Tereza estaca. De olhos esbugalhados, cutuca o par:

— O ladrão!

— Onde?

— Ali.

Lívido, Euzebiozinho olhava na direção indicada. Era ele sim, era o miserável. Num *smoking* impecável, quase belo, cercado de moças de ombros nus. Euzebiozinho ainda quis duvidar: “Mas tem certeza?” Foi categórica:

— Absolutíssima!

Então, o rapaz não perdeu tempo. Foi direto à dona da casa: “Há um ladrão entre os seus convidados!” Mas quando a dona da casa viu o suspeito, achou até graça:

— Aquele? Mas é o dr. Fulano, engenheiro, milionário, tem vários Cadillacs!...

Euzebiozinho, desconcertado, foi obrigado a admitir o engano, o mal-entendido. Eram duas horas da madrugada, quando voltaram o casal e d. Tereza. Esta, preocupada, com várias pulgas atrás da orelha, admitia um engano provável. E, de vez em quando, olhava, de lado, para Luciana, suspirando. Euzebiozinho não abria a boca e Luciana parecia feliz.

Podia ser engano, gafe, mal-entendido, o diabo. Mas o fato é que, mais tarde,

no quarto, ainda de *smoking*, ele se deixou possuir de uma certeza mortal. A mulher diante do espelho, tirava os brincos. Ele apanhou o revólver emprestado e, muito calmo, disse:

— Não tenho coragem de te matar.

Luciana viu, através do espelho, quando o marido encostou o cano do revólver na própria fronte e puxou o gatilho.

90 - O abismo

O amigo puxa uma cadeira, senta-se a seu lado. Conversa vai, conversa vem, e o outro diz, acendendo um cigarro:

— Conheci ontem teu futuro genro.

Eurilo estava em pé, junto ao armário de aço, vendo umas pastas. Vira-se, num espanto imenso: “Meu futuro quê?” O amigo repete:

— Teu futuro genro. O namorado da tua filha. A menor.

Atônito, Eurilo fecha a gaveta. Aproxima-se; começa:

— Eu não estou entendendo. Namorado de minha filha? Da caçula? Mas não pode ser! É impossível! Nenhuma das minhas filhas tem namorado e, muito menos, a menor! — e insistia: — Deve haver algum engano!

O outro teimou:

— Mas eu falei com o rapaz, ora, bolas? Falei também com a mãe do rapaz! É batata!

Eurilo ri, amargo:

— Já vi tudo! É o tal negócio: o pai é o último a saber. Mas não há de ser nada e Deus é grande.

A fera

Na rua, era cordial com todo mundo, cordial talvez demais. Uma vez, no ônibus, foi até interessante. Desfeiteado pelo trocador, não teve uma reação. Meteu-se num canto, lívido, enquanto o trocador esbravejava. Pois bem. Afável e, até, pusilânime, com os outros, era uma fera em casa. Viúvo há 16 anos, tinha cinco filhas, às quais dispensava um tratamento bárbaro. As meninas andavam, em casa, na ponta dos pés, no pânico desse pai terrível. O hábito da obediência, da sujeição, as petrificava. Eurilo ia do berro, do grito, ao castigo corporal. Das cinco, apenas a caçula, Terezinha, de 16 anos, permitia-se, às escondidas, umas certas audácias. Por exemplo: na ausência do velho Eurilo, ia ao cinema, com as coleguinhas; ou, então, flertava com rapazes da vizinhança, na porta do edifício onde moravam. As outras, não. Submetiam-se às ordens paternas com uma docilidade total; e o respeitavam, mesmo na ausência. Dr. Eurilo já avisara:

— Eu rebento a primeira que namorar! Estão avisadas!

Rebelde

De noite, ele entra em casa, fora de si. Tranca-se com a mais velha, no gabinete. Pergunta: “É verdade que Terezinha está namorando?” A filha crispa-se diante dele: “Não sei, não sei.” O pai a segura pelos dois braços: “Responde. Sim ou não?” Como a pequena vacilasse ainda, dr. Eurilo arranca o cinto. Então, a infeliz cai de joelhos, soluçando:

— É verdade, sim! Está namorando!

Com a voz estrangulada, o velho diz:

— Eu sabia! Tinha certeza!

E quando a filha, no seu terror, passa por ele, de cabeça baixa, o velho dá-lhe uma lambada com o cinto. Só no gabinete, deixa-se cair, na cadeira, exausto da própria cólera. Fecha os olhos e pensa: “Todas iguais! Todas a mesma coisa!” Cinco minutos depois, ele aparece na porta e chama a caçula, a Terezinha. Das cinco irmãs, quatro eram pobres e desbotadas figuras femininas, sem graça, sem viço, tristíssimas solteironas. Só a menor tinha encantos reais. Jeitosa de corpo e de rosto, uns olhos de sonho, lábios finos e meigos, chamava a atenção de todo o mundo. O pai vira-se para ela e, sóbrio, contido, pergunta:

— Tens um namorado, não tens?

— Eu?

O velho continua:

— Eu sei que tens. Pois bem. Manda o rapaz, amanhã, aqui falar comigo. E faz o seguinte: convida-o para jantar. Quero conhecer o meu futuro genro.

O jantar

O rapaz chamava-se Armando. No dia seguinte, aparecia na casa da pequena, com certo pânico. Dr. Eurilo, que chegara mais cedo, recebeu-o com relativa cordialidade. Primeiro, houve o triste, o fúnebre, o silencioso jantar. Servido o café, dr. Eurilo ergueu-se. Apoia as duas mãos na mesa e se dirige ao visitante:

— Suas intenções são boas? Você quer mesmo casar-se com a minha filha, aqui presente, Terezinha?

O rapaz pigarreia:

— Perfeitamente. Dr. Eurilo levanta a voz:

— Bem. Se o caso é assim, você precisa conhecer certas particularidades da família de sua namorada. Em primeiro lugar: minha filha lhe disse, com certeza, que a mãe morrera de parto, não disse?

Assentiu:

— Disse.

O velho dá um murro na mesa, simultâneo com o berro: “Mentira!” Passa a mão no colarinho, abre o nó da gravata, como se lhe faltasse ar. Prossegue arquejante:

— A morte de minha esposa, foi uma lenda que eu criei para as minhas filhas. Até hoje, até este momento, elas não conhecem a verdade que eu vou revelar agora. Minha mulher, vinte dias depois de dar à luz a Terezinha, fugiu com outro. Compreendeu? Ouviu bem? Fugiu!...

— Compreendi.

Tem um riso soluçante:

— Interessa-lhe a filha de uma cínica? Interessa-lhe a filha de uma desalmada que destruiu dois lares? Interessa-lhe? Responda! E saiba do seguinte: de todas as minhas filhas, a que se parece mais com minha mulher, o retrato de minha mulher, é justamente Terezinha!

Armando, lívido, com o lábio inferior tremendo, tem medo dessa violência. Dr. Eurilo projeta-se da cabeceira; faz a volta da mesa. Apavorado, Armando levanta-se. Estão, face a face, o velho possesso e o adolescente acovardado, dr. Eurilo agarra-o pelos dois braços e o sacode:

— Queres ser traído? Traído como eu fui, queres? Fala! Queres?

O rapaz tem um esgar de choro: “Não!” Dr. Eurilo arrasta-o. Abre a porta e

aponta:

— Some! Some!

A tragédia

Volta para o interior do apartamento com a respiração funda, e a boca marcada por um rítus hediondo. Contempla os rostos espantados das filhas. Então, a menor, a caçula, destaca-se do grupo atônito. Aproxima-se do pai. Diante dele, soluça:

— Eu me mato, pai, eu me mato!

Ele recua, numa espécie de deslumbramento: “Tu te matas? Terias coragem de te matar?” Começa a rir em crescendo. Súbito, corta a gargalhada. Cambaleando, vai escancarar a janela, que se abre para o abismo. Recomeça, então, a rir:

— Por sorte, moramos num 12º andar. Tão simples, tão fácil atirar-se daqui. Simplicíssimo. Queres, ou não queres? Vem, vem!

Ele próprio sobe no parapeito, enquanto as filhas acompanham todos os seus movimentos com deslumbramento. Em pé diante do abismo, instiga a filha; grita: “E se morreres, não trairás nunca! Não trairás como tua mãe! Anda!”

A caçula aproxima-se da janela, como magnetizada. As irmãs permanecem distantes, unidas e solidárias, num grupo de terror. De repente, há um grito na noite, mas um grito de homem e não de mulher, um tremendo uivo masculino. Ele perdera o equilíbrio, caíra lá de cima, de um mortal 12º andar. Todos pensaram num suicídio ou, quando muito, num acidente. Mas veio a polícia, a Rádio Patrulha. Então, sem uma lágrima, o rosto impassível e inescrutável como uma máscara, a caçula do morto apresenta-se:

— Não foi suicídio, não foi acidente. Eu empurrei meu pai, eu!...

91 - Casal de três

O sogro era um santo e patusco cidadão. Assim que o viu arremessou-se, de braços abertos:

— Como vai essa figura? Bem?

Filadelfo abraçou e deixou-se abraçar. E rosnou, lúgubre:

— Essa figura vai mal.

Espanto do sogro:

— Por quê, carambolas? — e insistia: — Vai mal por quê?

Caminhando pela calçada, lado a lado com o velho bom e barrigudo, Filadelfo foi enumerando as suas provações, só comparáveis às de Jó:

— É o gênio de sua filha. Sou desacatado a três por dois. Qualquer dia apanho na cara!

Dr. Magarão assentiu, grave, e consternado:

— Compreendo, compreendo — suspira, admitindo: — Puxou à mãe. Gênio igualzinho. A mãe também é assim!

Súbito, Filadelfo estaca. Põe a mão no ombro do outro; interpela-o:

— Quero que o senhor me responda o seguinte: isso está certo? É direito?

O velho engasga:

— Bem. Direito, propriamente, não sei — medita e pergunta: — Você quer uma opinião sincera? Batata? Quer?

— Quero.

E o sogro:

— Então, vamos tomar qualquer coisa ali, adiante. Vou te dizer umas coisas que todo homem casado devia saber.

Teoria

Entram num pequeno bar, ocupam uma mesa discreta. Enquanto o garçom vai e vem, com uma cerveja e dois copos, Dr. Magarão começa:

— Você sabe que eu sou casado, claro. Muito bem. E, além da minha experiência, vejo a dos outros. Descobri que toda mulher honesta é assim mesmo.

Espanto de Filadelfo:

— Assim como?

O gordo continua:

— Como minha filha. Sem tirar, nem pôr. Você, meu caro, desconfie da esposa amável, da esposa cordial, gentil. A virtude é triste, azeda e neurastênica.

Filadelfo recua na cadeira:

— Tem dó! Essa, não! — e repetia, de olhos esbugalhados, lambendo a espuma da cerveja: — Essa, não!

Mas o sogro insistiu. Pergunta:

— Sabe qual foi a esposa mais amável que eu já vi, na minha vida? Sabe? Foi uma que traía o marido com a metade do Rio de Janeiro, inclusive comigo! — espalmou a mão no próprio peito, numa feroz satisfação retrospectiva: — Também comigo! E tratava o marido assim, na palma da mão!

Uma hora depois, saíam os dois, do pequeno bar. Dr. Magarão, com sua barriga de ópera bufa e bêbado, trovejava:

Você deve-se dar por muito satisfeito! Deve lamber os dedos! Dar graças a Deus!

O genro, com as pernas bambas, o olho injetado, resmunga:

— Vou tratar disso!

O desgraçado

Não mentira ao sogro. Sua vida conjugal era, de fato, de uma melancolia tremenda. Descontado o período da lua de mel, que ele estimava em oito dias, nunca mais fora bem-tratado. Sofria as mais graves desconsiderações, inclusive na frente de visitas. E, certa vez, durante um jantar com outras pessoas, ela o fulmina, com a seguinte observação, em voz altíssima:

— Vê se para de mastigar a dentadura, sim?

Houve um constrangimento universal. O pobre do marido, assim desfeiteado, só faltou atirar-se pela janela mais próxima. Após três anos de experiência matrimonial, ele já não esperava mais nada da mulher, senão outros desacatos. E só não compreendia que Jupira, amabilíssima com todo mundo, fizesse uma exceção para ele, que era, justamente, o marido. Depois de ter deixado o sogro, voltou para casa, desesperado. Chega, abre a porta, sobe a escada e quando entra no quarto, recebe a intimação:

— Não acende a luz!

Obedeceu. Tirou a roupa no escuro e, depois, andou caçando o pijama, como um cego. E quando, afinal, pôde deitar-se, fez uma reflexão melancólica: há dez meses ou mesmo um ano que o beijo na boca fora suprimido entre os dois. O máximo que ele, intimidado, se permitia, era roçar com os lábios a face da esposa. Se queria ser carinhoso demais, ela o desiludia: “Na boca, não! Não quero!” Outra coisa que o amargurava era o seguinte: a negligência da mulher no lar. Não se enfeitava, não se perfumava. Deitado, ao seu lado, ele pensava agora, lembrando-se da teoria do sogro:

— Será que a esposa honesta também precisa cheirar mal?

Mudança

Um mês depois, ele chega em casa, do trabalho, e acontece uma coisa sem precedentes: a mulher, pintada, perfumada, se atira nos seus braços. Foi uma surpresa tão violenta que Filadelfo perde o equilíbrio e quase cai. Em seguida, ela aperta entre as mãos o seu rosto e o beija na boca, num arrebatamento de namorada, de noiva ou de esposa em lua de mel. Ele apanha o jornal, que deixara cair. Maravilhado, pergunta:

— Mas que é isso? Que foi que houve?

Jupira responde com outra pergunta:

— Não gostou?

Ele senta, confuso:

— Gostar, gostei, mas... — ri: — Você não é assim, você não me beija, nunca. Jupira tem um gesto de uma petulância que o delicia: vem sentar-se no seu colo, encosta o rosto no dele. Filadelfo é acariciado. Acaba perguntando:

— Explica este mistério. Aconteceu alguma coisa. Aconteceu?

Ela suspira:

— Mudei, ora!

Sofrimento

A princípio, Filadelfo conjecturou: “É hoje só.” No dia seguinte, porém, houve a mesma coisa. Ele coçava a cabeça: “Aqui há dente de coelho!” Coincidiu que, por essa ocasião, os seus sogros aparecessem, para jantar. Dr. Magarão, enquanto a mulher conversava com a filha, levou o genro para a janela: “Como é? Como vai o negócio aqui?”

Filadelfo exclama:

— Estou besta! Estou com a minha cara no chão!

O velho empina a barriga de ópera bufa:

— Por quê?

E o genro:

— Tivemos aquela conversa. Pois bem. Jupira mudou. Está uma seda; e me trata que só o senhor vendo!

Ao lado, mascando o charuto apagado, o velho balança a cabeça:

— Ótimo!

— O negócio está bom, tão gostoso, que eu já começo a desconfiar!

O sogro põe-lhe as duas mãos nos ombros:

— Queres um conselho? De mãe pra filho? Não desconfia de nada, rapaz. Te custa ser cego? Olha! O marido não deve ser o último a saber, compreendeu? O marido não deve saber nunca!

Lua de mel

Seguindo a sugestão do sogro, ele não quis investigar as causas da mudança da esposa. Tratou de extrair o máximo possível da situação, tanto mais que passara a viver num regime de lua de mel. Dias depois, porém, recebe uma minuciosíssima carta anônima, com dados, nomes endereços, duma imensa verossimilhança. O missivista desconhecido começava assim: “Tua mulher e o Cunha...” O Cunha era, talvez, o seu maior amigo e jantava três vezes na semana, ou no mínimo duas, com o casal. A carta anônima dava, até, o número do edifício e o andar do apartamento, em Copacabana, onde os amantes se encontravam. Filadelfo lê aquilo, relê, e rasga, em mil pedacinhos, o papel indecoroso. Pensa no Cunha, que é solteiro, simpático, quase bonito e tem bons dentes. Uma conclusão se impõe: sua felicidade conjugal, na última fase, é feita à base do Cunha. Filadelfo continuou sua vida, sem se dar por achado, tanto mais que Jupira revivia, agora, os momentos áureos da lua de mel. Certa vez, jantavam os três, quando cai o guardanapo de Filadelfo. Este abaixa-se para apanhar e vê, insofismavelmente, debaixo da mesa, os pés da mulher e do Cunha, numa fusão nupcial, uns por cima dos outros. Passa-se o tempo e Filadelfo recebe a notícia: o Cunha ficara noivo! Vai para casa, preocupadíssimo. E lá, encontra a mulher, de bruços, na cama, aos soluços. Num desespero obtuso, ela diz e repete:

— Eu quero morrer! Eu quero morrer!

Filadelfo olhou só: não fez nenhum comentário. Vai numa gaveta, apanha o revólver e sai à procura do outro. Quando o encontra, cria o dilema:

— Ou você desmancha esse noivado ou dou-lhe um tiro na boca, seu cachorro!

No dia seguinte, o apavorado Cunha escreve uma carta ao futuro sogro, dando o dito por não dito. À noite, comparecia, escabriado, para jantar com o casal. E, então, à mesa, Filadelfo vira-se para o amigo e decide:

— Você, agora, vem jantar aqui todas as noites!

Quando o Cunha saiu, passada a meia-noite, Jupira atira-se nos braços do marido:

— Você é um amor!

92 - O netinho

Aos 54 anos quase foi. Andou morre, não morre. Acabou superando a crise e saindo da câmara de oxigênio. Mas, já com o sentimento de morte próxima, chamou a esposa e a filha única. Começou, patético:

— Sou um homem liquidado!

A mulher fez o que lhe competia, protestou:

— Mas que bobagem! Liquidado por quê? Ora veja!

Por sua vez a filha muito bonitinha, nos seus 19 anos, bateu na madeira: “O senhor é muito cismado, papai!” Ele teimou:

— Sei o que digo. Estou mais pra lá, que pra cá. Qualquer dia desses, estouro.

Queria ser duro, mas tinha os olhos marejados. Pigarreou, clareando a voz e disse:

— Mas, antes de morrer, eu queria duas coisas: primeiro ver a minha filha casada. Segundo: conhecer o meu neto.

A filha que, chorosa, acabara de se assoar no lencinho, acudiu: “Mas evidente, papai! O senhor vai assistir meu casamento, sim. Nem se discute. E também há de batizar meu filho, se Deus quiser!”

Do lado, a mãe corroborou:

— Lógico!

O problema

Há cerca de um ano que, com conhecimento e aprovação dos pais, Jurema namorava Clementino. Era um amor tranquilo, sem arrebatamentos, mas estável. Já podiam estar noivos. Mas como Clementino ganhasse pouco e um e outro tivessem um temperamento acomodado — iam protelando. A própria Jurema explicava para as coleguinhas: “Está tão bom assim!” Uma de suas amigas, escandalizada com tamanha paciência, exclamou:

— Já vi tudo.

— Viu o quê?

A outra, incisiva, baixando a voz, concluiu:

— Você é fria!

E passou. Com a doença do pai, que teve um infarto, houve uma mudança de situação. Jurema era sentimental e, além disso, uma filha boníssima. Fez seus cálculos: “Papai pode mesmo morrer e...” Daí a vinte minutos, com a assistência e estímulo de sua mãe, batia o telefone para Clementino: “Vem mais cedo, hoje, meu filho. Grandes novidades.” De noite, o rapaz comparecia e trancaram-se os três para discutir a antecipação do casamento. Clementino, que era bancário e metódico, assustou-se: “Mas não ganho o suficiente!” Ao que as duas mulheres replicaram:

— Paciência! Temos que dar um jeito! Ninguém morre de fome no Brasil!

E Jurema, sobretudo, exaltada, teimava: “Quero dar essa satisfação ao meu pai. Faço questão!”

O namorado, tonto, coçava a cabeça: “É o diabo! O diabo!” Mais do que o casamento, aterrava-o a exigência de um filho. Resistia! “Está tudo tão caro! Uma chupeta que, antigamente, custava dez tostões, hoje custa um dinheirão!” Não houve, porém, argumento que as dissuasisse. Veio da sogra a palavra final:

— Vocês moram com a gente. Onde comem dois, comem quatro! Na saída, Jurema o levou até o portão. Contrariamente aos seus hábitos, parecia animadíssima:

— Meu bem, se Deus quiser, papai há de conhecer o netinho. Vai ser tão bom!

O casamento

Clementino não teve outro remédio senão concordar. Mas, no dia seguinte, bem cedinho, antes de ir para o emprego, acordou um amigo que, por sinal, era quartanista de medicina. O outro, rijamente sacudido, esbravejou: “Não chateia!” Acabou sentando-se na cama. Clementino estava ali, para propor a seguinte questão:

— O sujeito que tem uma doença, assim, assim, pode ter filhos?

Foi rotundo:

— Nunca mais!

E Clementino, insistente:

— Mas isso é batata ou palpite?

— Ora, não amola! Batata, sua besta!

Mas, como o Genival era apenas um quartanista de medicina, o rapaz ainda consultou dois ou três médicos de verdade. Houve uma compacta unanimidade: a pessoa que tivesse a doença mencionada estava incapaz, definitivamente incapaz, para a paternidade. Como um dos médicos consultados, conhecesse Jurema, Clementino pediu: “Moita, hein? Com o tempo, Jurema saberá. Já, não. Já, não convém.” Durante dois meses, não se fez outra coisa senão trabalhar nos preparativos do casamento. Mas aconteceu uma coisa profundamente desagradável para o noivo: só se falava no netinho. Cuidava-se da criança remota, hipotética, como se ela estivesse para nascer. As comadres opinavam sobre nome, sexo e tudo o mais. Uma tia, entendida, afirmava: “Jurema tem umas medidas ótimas!” E a pequena, inclinando-se sobre as mães presentes, indagava: “A dor é como dizem, é?” Do velho, então, nem se fala. Depois do acidente cardíaco, chorava com qualquer coisinha. Era preciso que a mulher ou a filha o controlassem: “Não se emocione! Cuidado!” Clementino ouvia um, ouvia outro e insinuava:

— Esse negócio de filho é meio complicado. Às vezes, custa. Às vezes, não vem de cara.

Choviam protestos:

—Vem, sim! Vem até sem querer! Como não?

Casaram-se no civil e no religioso. Às 11 e meia da noite, depois que saiu o último convidado, recolheram-se, também, os noivos. E, então, depois de um

beijo, não tão intenso como o momento comportava, Clementino suspirou: “Meu anjo, tenho uma má notícia.” Mais tarde, ele se arrependeria da revelação inoportuna. Naquele instante, porém, deixou-se levar por um arroubo de sinceridade. Concluiu, lento e grave:

— Não posso ter filhos. O médico avisou que não terei filhos, nunca. Compreendeu? Nunca...

Jurema, atônita, perguntou: “Não pode como? E meu pai? Com que cara vou aparecer diante do meu pai e dos outros?” Andando de um lado para outro, desorientado, o pobre-diabo, repetia: “Espeto! Espeto!” Súbito, ela se enfurece. Segura-o: “E por que você diz isso agora? Por que não disse antes, hein?” O rapaz quis segurá-la e tentou um beijo. Ela, porém, mais rápida, se desprendeu, irredutível:

— Não me toque!

O netinho

Ela passou a noite nupcial em claro. De manhã, atormentada pela vigília, desabafou: “Se eu pudesse não sairia nunca do meu quarto!” E, então, dia após dia, os dois passaram a viver num inferno. Os pais não falavam noutra coisa, senão nesse netinho ultrarremoto. O velho fazia os cálculos: “Daqui a um mês, Jurema já pode ir ao médico...” A mulher, porém, objetava: “Um mês é pouco. Não dá pra ver.” Com 15 dias, o pobre cardíaco já olhava para a filha, com um olhar mais atento e crítico, como se pudesse notar alguma transformação física. Aos trinta dias, Jurema, desesperada, foi ao médico. Na volta, o pai, trêmulo, perguntou: “Como é?” Pôs a bolsa em cima da mesa; sentou-se, com os olhos marejados:

— Nada.

O pai teve uma decepção pueril e medonha: “Ora essa!” De noite, houve uma cena entre Jurema e o marido. Ele procurava não perder o equilíbrio: “O negócio é o seguinte: temos que tapear teu pai. Não interessa dizer a verdade.” Então, fora de si, Jurema agarrou-se a uma esperança última e frenética: “E quem sabe se os médicos não estão enganados? Quem sabe?” Clementino, aterrado, admitiu: “Talvez...” A verdade é que Jurema, no seu desvario, fazia toda sorte de promessas. Punha-se de joelhos e, na presença do marido, erguia as mãos para o céu, soluçando:

— Quero um filho! Quero filho! Oh, meu Deus!...Quem sabe se é questão de posição? E se eu puser o travesseiro por baixo de mim?...

O avô

E, assim, se passaram dois meses, três, quatro. Todo o mês, uma desilusão. Jurema, num desabafo inevitável e necessário, contara tudo ao médico. Ele, já idoso e bom, prestara-se a enganar a família; era vago: “Às vezes, demora.”

Quanto ao avô desiludido, vivia numa irritação tremenda; por vezes, desabafava: “Casamento sem filhos é uma imoralidade.” Outras vezes, interpelava o genro; fazia blagues amargas: “Como é, rapaz. Que é que há contigo? Esse filho vem ou não vem?” Ou, então, sombrio, virava-se para a filha:

— Parece incrível que minha filha me negue esse favor!

Transcorreram mais três meses. No aniversário de Jurema, na presença dos convidados, o pai levantou a questão: “Afinal, de quem é a culpa? De minha filha ou do meu genro?” Foi um constrangimento geral. E, então, a mãe da pequena, que sabia de tudo, foi categórica:

— A culpa só pode ser do marido. Porque, na minha família, as mulheres são batatas. Uma tia minha teve 15 filhos.

O pai

Clementino emagrecera, andava numa tristeza de impressionar. E, além disso, fora visto, na rua, gesticulando e falando sozinho. Uma noite, chegou em casa e encontrou a mulher chorando, de bruços, na cama. Tomou-se de amor, de pena, de tudo. E teve um repente que a sobressaltou, ao anunciar: “Você há de ter esse filho, de qualquer maneira!” Deu, então, para aparecer em casa com um amigo, rapaz forte, bonito, duma grande vitalidade. Chamava-se Richard e tornou-se amicíssimo da família. Os pais de Jurema viviam gemendo: “Isso é que é homem!” Muitas vezes, os três saíam juntos, para passeios, piqueniques, excursões à Barra da Tijuca. Certa vez, chegando de um passeio, Clementino faz um comentário vago para a mulher: “Richard é discretíssimo. De toda a confiança.” Três meses depois, ela vai ao médico e volta alucinada: “Estou! Estou!” Foi uma alegria em casa. Os vizinhos compareceram, em massa, para dar os parabéns. De noite, chegou o marido. Sorria, com esforço e, para justificar a própria melancolia, alegou uma gripe.

Mais tarde, no quarto, trancados, houve uma cena atrás entre marido e mulher. Como ela começasse a chorar, ele a apertou de encontro ao peito: “Você não teve culpa de nada.” Disse mais, também chorando:

— Gostarei dessa criança como se fosse meu filho.

93 - O grande viúvo

Na volta do cemitério, ele falou para a família!

— Bem. Quero que vocês saibam o seguinte: minha mulher morreu e eu vou também morrer.

Houve, em torno, um espanto mudo. Os parentes entreolharam-se. O pai do viúvo ergueu-se:

— Calma, meu filho, calma!

Jair virou-se, violento:

— Calma porque a mulher é minha e não sua! Pois fique sabendo, meu pai: eu não tenho calma, não quero ter calma e só não me mato agora mesmo, já, sabe por quê?

Uma tia solteirona atalhou:

— Tenha fé em Deus!

Por um momento, Jair esteve para soltar um palavrão. Dominou-se, porém.

Numa serenidade intensa, fremente, completou:

— Não me mato imediatamente porque quero fazer o mausoléu de minha mulher. Aliás, dela e meu. Quero dois túmulos, lado a lado. E vocês já sabem: desejo ser enterrado com Dalila, perceberam?

Ninguém disse nada e vamos e venhamos: é muito difícil argumentar contra o desespero. E quando Jair passou, imerso na sua viuvez, a caminho do andar superior, os presentes o acompanharam com o olhar, esmagados de tanta dor. Ele subiu, lentamente, a escada e foi trancar-se, no quarto.

O inconsolável

Na ausência do rapaz, um tio arrisca: “Será que ele se mata?” O pai apanha um cigarro e dá sua opinião:

— Não creio. Cão que ladra não morde.

Ponderam:

— Às vezes, morde.

E o velho, que era um descrente de tudo e de todos:

— O que sei é o seguinte: a dor de um viúvo ou de uma viúva não costuma durar mais de 48 horas.

— Não exageremos!

O pai, porém, insistia, polêmico:

— Sim, senhor, perfeitamente! — e referiu um caso concreto, que todos conheciam: — Por exemplo: a nossa vizinha do lado. O marido foi enterrado de manhã e, de tarde, ela estava no portão, chupando chicabon. Isso é dor que se apresente?

O episódio do sorvete calou fundo na sala. Sentindo o sucesso, o velho carregou no otimismo:

— Vamos dar tempo ao tempo. Isso passa — e concluiu, profundo: — Tudo passa.

A dor

Quinze dias depois, porém, o viúvo estava tão desesperado como no primeiro momento. Não se podia dar um passo, naquela casa, que não se esbarrasse, que não se tropeçasse num retrato, numa lembrança da morta. E mais: sabia-se, por indiscrição da arrumadeira, que Jair dormia, todas as noites, com vestidos, camisolas, pijamas da esposa. Certa vez, foi até interessante: ele meteu a mão no bolso e tirou, de lá, sem querer, uma calcinha da falecida. O próprio pai já não sabia o que dizer, o que pensar. Começou a rosnar que o filho estava lelé, tantã. Com o seu implacável senso comum chegou a cogitar de internação. Tiveram que chamá-lo à ordem:

— Internação para saudade? Para viuvez? Sossega o periquito!

— Mas, qualquer dia, ele mete uma bala na cabeça, ora pipocas!

Alguém lembrou o que Jair dissera, isto é, que só se mataria quando estivessem concluídas as obras do mausoléu. Diante desse filho que entupia os bolsos com as calcinhas da falecida, o ancião gemia: “Por que que uma grande dor é sempre ridícula?” Desesperava-o que Jair passasse os dias, no cemitério, agarrado a um túmulo, chorando como no primeiro dia. E o pior é que a viuvez do filho era altamente declamatória. De volta do cemitério, ele vinha para casa deblaterar:

— Não se esquece a melhor mulher do mundo! Eu desafio que alguma mulher chegue aos pés da minha!

Dalila era muito mais amada morta do que em vida. O próprio Jair acabou sentindo um certo orgulho, uma certa vaidade, dessa dor que não arrefecia. E continuava fiel à ideia do suicídio. Batia sempre na mesma tecla: não acreditava nos viúvos e nas viúvas que sobrevivem. E quando, certa vez, o pai quis argumentar contra esse suicídio datado, ele cortou:

— Meu pai, não adianta: o senhor já perdeu o seu filho. Sou, praticamente, um defunto.

E coisa curiosa: fosse por autossugestão ou por motivo de saúde, o fato é que a pele de Jair adquiria um tom esverdeado de cadáver.

O outro

Então, a família começou a procurar, desesperadamente, uma maneira de salvá-lo. Foi quando um primo longe de Jair teve uma ideia. Chamou o pai do rapaz e começou:

— Olha aqui, o negócio é o seguinte: só há um meio de curar Jair.

— Qual?

O outro baixa a voz:

— Destruindo o amor que o prende à falecida.

O velho esbugalha os olhos: “Mas como? Com que roupa? É impossível!”

Seguro de si, o primo encosta o cigarro no cinzeiro: “Nada é impossível!” Pigarreia e continua:

— Digamos que se descobrisse, de repente, que a falecida teve um amante.

O outro pulou:

— Mas Dalila era honestíssima, séria pra chuchu!

Ri o primo:

— Que era séria, sei eu. Mas até aí morreu o Neves — novo pigarro e insinua: — Nenhuma mulher, viva ou morta, está livre de uma boa calúnia. Podíamos inventar, não podíamos, um amante de araque? E quem pode provar o contrário?

Pálido, o pai balbucia:

— Continua.

E o outro:

— Ora, uma vez convencido de que Dalila foi uma vigarista, Jair perderia, automaticamente, a paixão. Compreendeu o golpe?

Custou a responder:

— Compreendi.

A revelação

O achado da calúnia era tão persuasivo que, depois de uns escrúpulos frouxos, a família aprovou a ideia. Disseram, a título de excusa: “Os fins justificam os meios.” Uma manhã, enquanto prosseguiam, no cemitério, as obras do mausoléu, convocam o viúvo. O pai, nervoso, começa perguntando: “Você tem certeza que sua esposa merecia a sua dor?” Jair percebeu, no ar, a insinuação. Aperta o pai que, em dado momento, não tem outro remédio senão desfechar o golpe: “Embora seja muito desagradável falar de uma morta, a verdade é que Dalila teve um amante!” O viúvo recua: “Que amante? Como amante?” E não queria entender. Então, possuído pela calúnia, cada um, ali, confirmou que sabia do amante, sabia da infidelidade. Atônito, ele perguntava: “Mas quem era ele? Quero o nome! Quero a identidade!” A verdade é que ninguém tinha no detalhe. Fora de si, Jair agarrou o pai pelos dois braços e o sacudia:

— Eu estou disposto a acreditar no amante. Mas quero saber quem foi? Quem é? Digam! Pelo amor de Deus, digam!

O pai refugiou-se na desculpa pusilânime: “Diz-se o milagre, mas não o nome do santo!” Então, o filho fez, à frente de todos, promessas delirantes: “Vocês pensam que eu vou matar? Fazer e acontecer? Juro que não! Não tocarei num cabelo do cara!” E berrava, no meio da sala:

— Se me disserem quem foi, eu não me matarei! Preciso desse homem para viver, digam! Ele será meu amigo, meu único amigo, para sempre amigo!

Pausa. Espera o nome. E como ninguém fala, ele já dá um pulo para trás e puxa o revólver que, desde a morte da mulher, jamais o abandonava. Encosta o cano na fronte:

— Ou vocês dizem o nome ou me mato, agora mesmo! Então, o pai vira-se na direção do primo e o aponta:

— Ele!

Apavorado, o primo não sabe onde se meter. Jair pousa o revólver em cima do piano. Aproxima-se do outro, lentamente. Súbito, estaca e abre os braços para o céu:

— Graças por ter encontrado quem possa falar de Dalila, comigo, de igual para igual! — Agarra o primo em pânico: — Diz para esses cabeças de bagre se

ela foi ou não a melhor mulher do mundo? — E chorava no ombro do pobre-diabo, como se este fosse, realmente, seu irmão, seu sócio, seu companheiro em viuvez.

94 - Um miserável

Apanhou uma gripe danada. Contorcia-se nos acessos de tosse. E ela própria chamava o marido:

— Vem cá, Belmiro, vem cá.

Ele largava o jornal e vinha. A mulher perguntava:

— Escuta só.

E, de fato, os brônquios de Zuleika só faltavam assoviar. Ela própria, no fim de cada crise, gemia:

— Acho que apanhei algum golpe de ar.

E Belmiro:

— Vou te levar ao médico.

— Médico pra quê, homem de Deus? Sossega!

Tinha pavor dos médicos; acusava-os de exploradores e dizia a todo o mundo: “O meu dinheiro é que eles não levam!” Argumentava, fazia contas; o Belmiro ganhava pouco, uma miséria; e o dinheiro que ela fazia, com costura, não dava para nada. Discutia com o marido e era irredutível:

— Imagine se a gente for gastar dinheiro com médico e remédios.

Mas a gripe não a largava. Estava com febre há uma porção de dias, a respiração curta e suores frios noturnos. O pior de tudo, porém, era a tosse, que estalava os pulmões e a asfixiava. Parecia até coqueluche. Tentou um xarope, que lhe recomendaram. Não sentiu, porém, melhora nenhuma. De noite, acordava, sentava-se na cama para tossir. No seu desespero, chorava:

— Eu morro, meu Deus do céu! Morro!

O pulmão

Houve quem sugerisse:

— Por que a senhora não tira uma radiografia?

— E o dinheiro, criatura?

— Tire daquela pequenininha!

Zuleika era teimosa, sempre fora teimosa. Preferia morrer a entregar os pontos. Mas uma noite, depois de um acesso feroz, sentiu gosto de sangue na boca. Numa desconfiança, acendeu a luz, passou a língua no lençol e viu — a saliva rósea no pano. Ela, que fingia não dar importância à doença, taxando-a de "resfriado bobo", tomou-se de um medo súbito e selvagem. Lembrou-se de uma tia, irmã de sua mãe, que morrera doente do peito, em Campos do Jordão. Sacudiu o marido, que dormia, ao lado, aos gritos de:

— Sangue! Sangue!

Não dormiu mais, com a ideia fixa da tuberculose. E o gosto de sangue continuava. Já estava de lenço na cama. Qualquer coisinha acendia a luz e encostava a língua no lenço para ver a mancha cor-de-rosa. No dia seguinte, pela manhã, decidiu:

— Vamos ao dr. Borborema, agora mesmo.

O marido ainda fez a objeção:

— Ao dr. Borborema? Aquele boboca? Mas ele é um errado, minha filha!

— Outro, não! Quero o dr. Borborema!

Belmiro, enfiando o suspensório, fez o comentário:

— Amarra-se o burro à vontade do dono!

Ora, o dr. Borborema era um velhinho, bastante gagá, e de eficiência ultraproblemática. Não curava ninguém, o diabo do homem; e, a rigor, a sua maior e talvez única virtude consistia nas caronas ou abatimentos que concedia aos clientes menos favorecidos. Dava consultas num consultório, onde a imundície campeava, infrene; dizia-se, até, que fora encontrado, lá, não sei se escorpiões ou lacraias. No caminho, Belmiro ia resmungando:

— Um zebu, esse d. Borborema!

E ela pirracenta:

— Deixa, não faz mal!

Dentro do consultório miserável, o velhinho forrava as costas de Zuleika

com uma toalha e fazia ausculta. Como um médico do tempo de d. João Charuto, ele, com o ouvido nas costas da cliente, comandou:

— Diga trinta e três.

E ela:

— Trinta e três.

— Agora tussa.

Tossiu várias vezes. E a tosse provocada acabou se tornando involuntária e irresistível; contorceu-se, esteve em risco de se asfixiar. Na parede, estava emoldurado o seguinte dístico: “Enquanto no doente há vida, há esperança.” Belmiro, impressionado, perguntou:

— Então, doutor?

O velhinho já estava redigindo a receita, com a sua caneta-tinteiro. Sem deixar de escrever, deu sua opinião:

— Isso passa! Isso passa!

Belmiro, com a pulga atrás da orelha, insistiu:

— Nada no pulmão?

— Nada.

E o rapaz:

— O senhor me tirou um peso, doutor!

O médico ainda veio levá-los, até a porta. Além de não cobrar nada ou cobrar pouco, era gentil, educadíssimo. Com uma dentadura dupla, móvel, ele a deslocava continuamente, a título de distração e vício.

A tragédia

Zuleika voltou pior. E agora era ela quem, numa reviravolta inexplicável, malhava o dr. Borborema:

— Um burro! Não entende nada!

— Não foi você que escolheu, ora essa!

E a moça, cravando as unhas, no braço do marido:

— Eu vou morrer, Belmiro, vou morrer!

— Oh, deixa de bobagem! Morrer coisa nenhuma! Parece criança!

Mas ela se entregava, de corpo e alma, à ideia fixa. E isso era mais que um presságio, era uma convicção, uma certeza inapelável. Sentou-se na cadeira de balanço na sala, e lá ficou, horas a fio, numa meditação sem fim. Quando o marido falou em aviar a receita, opôs-se:

— Não quero!

— Não quer por quê? Tem cada uma!

Baixou a voz, numa obsessão:

— Porque é atirar dinheiro fora. Eu sei que vou morrer... Belmiro ainda ligou para uma novela, que ambos ouviam. Ela, na sua tristeza de condenada, pensou que não saberia o fim de várias novelas que escutava, em horas diferentes. Nessa noite, não conseguiu dormir. Primeiro, por causa da tosse amaldiçoada; depois, porque queria pensar muito nesse mundo que, em breve, ia deixar. E, na vigília, imaginou várias coisas, inclusive o próprio enterro. Queria que fosse muito bonito, de maneira a impressionar a rua inteira, sobretudo uma vizinha, com quem se indispusera. Pena é que os enterros modernos não fossem como os antigos, em que o carro fúnebre era puxado por cavalos brancos, empenachados. Súbito, ocorreu-lhe o problema: e o dinheiro? Onde, como e quando Belmiro poderia conseguir o dinheiro para um enterro de luxo? Até o sol raiar, ela não pensou senão nos meios, de que ele poderia lançar mão para os funerais. Queria que estes fossem espetaculares e o bastante para humilhar a tal vizinha. E tanto pensou que, descobrindo uma solução, acordou Belmiro. Ele, com um sono danado, virou-se, agressivo, malcriado. Mas quando a ouviu falar em morte controlou-se. Então, doce, persuasiva, Zuleika disse-lhe que queria um enterro bonito. Mas como sabia que ele não tinha dinheiro, ela sugeria que recorresse ao Humberto. O marido pulou, na cama:

— Mas eu nem conheço esse cara! Um sujeito metido a besta, só porque tem dinheiro!

E ela:

— Quando ele souber que é pra mim, que é para meu enterro, te dá, Belmiro, paga tudo! Te juro pela minha salvação!

Só, então, Belmiro teve a suspeita:

— Mas vem cá! Dá dinheiro por quê? Hein? Por quê? O que é que esse palhaço é teu?

Não sei se Zuleika diria ou não. Mas quando ia abrir a boca teve uma violentíssima hemoptise. Diante do sangue, que vinha em golfadas medonhas, dissolveram-se os ciúmes de Belmiro. Ele gritou: acudiram os vizinhos. Deram injeção, cálcio, puseram saco de gelo, mas quem disse que o sangue estancava. Nas hemoptises sucessivas, Zuleika só pensava na vizinha antipática e, mais do que nunca, desejou deslumbrá-la com um grande enterro. Olhava para o marido, como se dissesse: “Quero um enterro de luxo!” Se pudesse falar teria ampliado seu pedido para uma missa de sétimo dia, com violino, canto e não sei quantos coroinhas. Acabou não resistindo; fez um esforço supremo e sussurrou:

— Enterro... bonito... missa, missa e...

Já as suas unhas estavam roxas e este esforço a matou mais depressa. Diante da morte, Belmiro caiu numa crise violentíssima e teve que ser arrastado, à força, do quarto. Meia hora depois, na sala, enquanto, cá no quarto, se vestia a morta — ele pensava em Humberto. Era evidente que... Um vizinho interrompeu o curso de suas reflexões oferecendo-se para tratar do enterro. Sobressaltou-se:

— Obrigado, Fulano! Mas eu mesmo trato disso!

Os funerais

Foi bem estranho o que aconteceu. Humberto, que Belmiro mal conhecia de vista, recebeu-o, com um certo espanto e, pelo que o outro pôde deduzir, com um certo pânico. Ao receber, porém, a notícia da morte de Zuleika, teve, ali mesmo, na frente do marido espantado, quase que uma crise de loucura. E dizia, por entre os soluços:

— Coitadinha! Coitadinha!

Ainda chorava, quando soube dos últimos desejos da morta: o enterro caro e a missa.

Declarou que fazia questão de arcar com todas as despesas. Belmiro, com um máximo de discrição, disse:

— Vou saber quanto é. E volto já.

Na Santa Casa, a seu pedido, deram-lhe o orçamento de dois enterros: o mais caro e o mais barato. O primeiro perfazia um total de cinquenta contos. Belmiro encomendou o mais barato, com espanto do agente funerário. Voltou ao escritório do Humberto, de quem recebeu os cinquenta contos e mais algum para a compra de uma coroa monumental.

No dia seguinte, pela manhã, saía, da casa de Belmiro, o coche fúnebre quase de indigente. A vizinha, que não se dava com Zuleika, estava na janela, quando passou o enterro. Na volta do cemitério, o viúvo já pensava na missa. Felizmente, Humberto não aparecera, por naturais escrúpulos. E assim, Belmiro pôde procurá-lo, dias após, no escritório. Trouxe dinheiro para uma missa com três padres, dez coroinhas, canto, violino, etc., etc.

95 - Fatalidade

Diante do espelho, pintava os lábios, quando a filha entrou no quarto:

— Vai sair?

— Vou.

— Aonde?

Respondeu, sem paciência:

— Não é da sua conta.

E a menina, sumária:

— Também vou.

Já nervosa, atirou, longe o pincel de batom. Virou-se para Maria Lúcia:

— Você parece até que anda me espionando! — e a interpelou desesperada: — Você vai aonde, criatura?

— Aonde você for.

E Julieta, que estava de combinação, os belos ombros nus, ergueu-se:

— Será que eu tenho que levar sempre reboque atrás de mim? Ora veja!

Sem uma palavra, a pequena apanhava um vestido no guarda-roupa, enquanto a mãe, indignada, assistia a esses preparativos. Por fim, Julieta explodiu:

— Eu não vou mais a lugar nenhum, pronto! Mas olha aqui: você anda de marcação comigo há muito tempo. Mas eu vou me queixar a teu pai. Deixa estar!

Pôs o quimono em cima da combinação e saiu do quarto, bufando:

— Que mal fiz eu a Deus?!...

Duas mulheres

Era mãe ainda moça, ainda bonita, de uma filha única, de 15 anos. Há cerca de um ano começara a dizer, no fundo divertida: “Minha filha está de marcação comigo.” E era verdade. Todos os seus gestos, palavras e atos pareciam merecer o controle da menina. Se ela ria alto, Maria Lúcia a cutucava: “Não ri assim, mamãe!” O fato é que, com o correr do tempo, a sensação de vigilância, de espionagem, se tornou cada vez mais intensa. Sempre que se preparava para sair, a filha surgia como por encanto: “Eu também vou.” Isso, que acontecia muito, passou a acontecer sempre. E Julieta, que a princípio achava graça, começou a se irritar: “Ora, bolas!” Interpelava ao marido: “Será que eu não sou dona do meu nariz?” Ele, conciliatório e bem-humorado, aconselhava: “Deixa! Deixa!” E explicava: “Gosta de ti.” Mas chegou um momento em que a interferência da filha se tornou ousada e perturbadora. Um dia, numa festa, a mãe dançou muito com o mesmo par. A filha veio ralhando no automóvel:

— A senhora parecia nem sei o quê!

— Eu?...

— É, sim! Dançou quinhentas vezes com aquele sujeito! A minha cara caiu no chão!

Perdeu a paciência:

— Olha aqui, Maria Lúcia: vê se não dá palpites, ouviu? Você é uma pirralha muito audaciosa!

Mas a pequena, insolente, concluiu:

— Que papel!

Incidentes dessa natureza se multiplicaram. Julieta começou a experimentar uma sensação torturante: de que nunca estava sozinha e de que os dois olhos da pequena a acompanhavam por toda a parte. Nessa tarde, enquanto a filha lia no gabinete, ela, às pressas, se vestira para sair. Já vimos que Maria Lúcia surgira no último momento. Feito uma fúria, esperou o marido. Quando o marido apareceu, pouco depois das sete, ela exclamou:

— Nossa filha é de amargar, Heitor! Eu não aguento mais!

Pai e marido

Era um homem caladão, mas uma grande alma. Seu feitio sóbrio não combinava com a natureza expansiva e juvenil de Julieta. Esta gostava de festas, passeios, teatros, visitas. E ele, que preferia dormir cedo, aconselhava: “Arranja uma companhia e vai. Eu fico.” Como pai, era, também, um discreto nas suas expansões. E, contudo, ninguém mais amigo de sua filha. Naquele dia, ao ouvir as queixas da mulher, impressionou-se. Deu um tapinha na face de Julieta: “Deixa por minha conta. Vou falar, já, com Maria Lúcia.” Pouco depois, ralhava com a pequena:

— Que negócio é esse? Você quer mandar em sua mãe? Onde é que nós estamos? Em absoluto!

Maria Lúcia, que estava sentada, ergueu-se, lívida:

— Quer dizer que o senhor está contra mim?

— Mas evidente!

Então, aquela pequena, que adorava o pai. Exaltou-se: “O senhor não compreende, não vê que é por sua causa?” Agarrou-se a ele: “Mamãe é muito moça e bonita e...” Queria dizer, em suma, que a mulher formosa é mais ameaçadora e que sua presença de filha impedia muita coisa. Heitor tentou interrompê-la: “Basta!” E ela, obstinada e veemente:

— Minha mãe faz coisas que não devia. Dança com todo mundo!

Pela primeira vez, Heitor gritou:

— Nem mais uma palavra!

Arquissensível, Maria Lúcia pôs-se a chorar. Heitor, passou-lhe um verdadeiro sermão:

— Isso que você está dizendo não se diz, nunca! Nenhum filho pode julgar a própria mãe! Seja ela a pior mulher do mundo, ele tem que respeitá-la, sempre!

Ergueu o rosto:

— Quer dizer que minha mãe pode fazer o diabo?

E ele:

— Esse é um problema de sua mãe e não de você. O que eu não quero, nem admito, é que você critique sua mãe. Por quê? Sim, por quê? Eu, que sou o marido, tenho absoluta confiança em minha mulher — e sublinhou: — Absolutíssima!

Levantou-se a menina. Por entre lágrimas, disse:

— Eu tomava conta de minha mãe. Mas já que o senhor não quer, nem ela, paciência. Mas eu quero que o senhor saiba de uma coisa — pausa e continuou: — Se algum dia, eu souber de alguma coisa, eu... eu... Juro, papai, que me mato!

Menina triste

Durante cerca de um ano, Maria Lúcia tiranizara Julieta. E, súbito, mudava a situação. O próprio Heitor impôs com sua maneira discreta, mas inflexível: “Você não me sai com sua filha, Maria Lúcia precisa aprender.” Julieta respirou. Sentiu-se, enfim, libertada. Na companhia de amigas, de temperamento alegre também, vivia em festas, teatros, passeios. As amigas diziam: “Estás com tudo!” Admitia, feliz: “Mais ou menos.” Nunca a sensação de liberdade lhe fora mais doce. Quando, nos bailes, perguntavam pelo marido, explicava:

— Meu marido gosta de dormir cedo.

Teve, ainda, uma última discussão com a filha. Esta viera dizer: “A senhora está livre. Papai não liga e eu não saio mais com a senhora...” Julieta, tirando os brincos, suspirou: “Mas que xarope é você, Deus me livre!” Sem se dar por achada, a filha continuou:

— Não faça nunca o que uma esposa não possa fazer... E se fizer, já sabe: há de chorar lágrimas de sangue...

Usava, pela primeira vez, a expressão “lágrimas de sangue” que, para ela, parecia traduzir o supremo horror. A verdade é que, não tanto as palavras, mas um certo quê de adulto e de viril no seu rosto, abalou Julieta. Pouco depois, porém, estava de novo imersa na sua vida deliciosa e frívola; e já não se lembrou mais do rosto inescrutável da filha.

Doença

Mas a pequena mudara por completo. Uma noite, depois do jantar, chamou o pai. Disse, baixo:

— Ela não gosta do senhor... Eu sei que ela não gosta do senhor...

No primeiro momento, Heitor quis ser enérgico. Mas sentiu tanta tristeza em Maria Lúcia, uma doçura tão patética nos seus olhos lindos e desesperados que se calou. Pouco depois com a mulher, diria: “Talvez fosse negócio levar Maria Lúcia a um psicanalista...” Julieta, que limava as unhas, admirou-se:

— Por quê?

Acendeu um cigarro: “Ela não está normal. Anda com umas ideias, umas atitudes meio esquisitas!” Julieta deu um muxoxo:

— O que ela quer é movimento! O que ela quer é carnaval!

Pecado

Mas no dia seguinte, pela manhã, Julieta falou um tempo infinito no telefone, baixinho. Por puro instinto feminino, Maria Lúcia conjeturou: “É homem.” E não perdeu mais a mãe de vista. À tarde, Julieta fez uma interminável *toilette*, com toda minúcia e deleite. Ao sair do quarto, pronta, a própria filha admitiu: “É linda!” Esperava a mãe, no corredor, e quis barrar-lhe a passagem: “Não vá... Eu não admito que a senhora faça isso com papai...” Foi empurrada. E, então, a pequena correu na frente. Com desesperada agilidade, apanhou um copo em cima do aparador. Julieta estacou atônita. A filha dizia, numa euforia tremenda: “Isso é veneno! Veneno!” Já no limite entre a vida e a morte, completou:

— A senhora não pode trair nunca meu pai, nunca! Eu não quero! Nunca!

A mãe avançou, como louca. Mas só pôde bater num copo vazio. Maria Lúcia bebera tudo, de uma só vez e se torcia em dores medonhas, no chão. E, então, aquela mãe se sentiu culpada da morte da menina. Quando o marido chegou, Julieta gritava dentro da casa:

— Ela quis evitar uma coisa, que tinha acontecido ontem! Coitadinha!..

96 - Sórdido

Começa perguntando:

— Topas uma farrinha, hoje?

Do outro lado, Camarinha boceja:

— Hoje, não posso. Outro dia.

E o Nonato:

— Escuta, seu zebu. Tem que ser hoje. Vamos hoje. Escuta, Camarinha. Eu acabo de ler o Corção. Deixa eu falar. E quando leio o Corção tenho vontade de fazer bacanais horrendas, bacanais de Cecil B. DeMille!

Novo bocejo do Camarinha:

— Não faz piada!

Com alegre ferocidade, Nonato continua: “Piada, vírgula! Batata!” Sua tese era a de que o Corção “compromete os valores que defende”. E insistia, com jocunda agressividade:

— Por causa do Corção já desisti da vida eterna. Já não quero mais ser eterno, percebeste? Quando penso na virtude do Corção, eu prefiro, sob a minha palavra de honra: prefiro ser um canalha abjeto!

O Camarinha achava graça. Por fim, admitiu:

— Está bem. Vamos fazer a farra. Levo aquelas duas garotas.

— Leva. E olha: rachamos as despesas.

O lanterneiro

Deixa o telefone e anuncia para os companheiros: “Hoje vou fazer uma bacanal de Cecil B. DeMille!” Uma datilógrafa, de óculos e maus dentes, sorri-lhe, melíflua: “O senhor gosta de uma boa pândega!” Foi aí que, num repelão teatral, Nonato puxa do bolso o artigo do Corção. Esfrega-o na cara dos colegas:

— Vê como o artigo do Corção cheira mal!

A datilógrafa (ainda por cima dentuça) geme, extasiada: “Você é um número! Uma bola!” E, então, com uma falsa gravidade, o rapaz estende-lhe o recorte:

— Fora de brincadeira, a senhora leia! Por obséquio, leia. Depois me diga se tenho ou não tenho razão. Certas virtudes fedem. A do Corção é dessas!

Do fundo do escritório, veio o Zé Geraldo, tropeçando nas cadeiras. Era um “lanterneiro” frenético. Começa:

— Você, olha! Um momento! O Corção está muito acima de você. Muito acima. Você não tem nem competência para entender o Corção!

Com um alegre tom polêmico, o outro replicava:

— Depois de ler o Corção, eu tenho vontade de roubar galinhas! De agarrar mulher no peito, “à galega!” E, se hoje vou fazer uma farra sórdida, agradeça ao Corção!

Ao lado, meio atônita, a datilógrafa ouviu só. Instintivamente, farejou o recorte. E, fosse por sugestão, ou por outro motivo qualquer, achou que o artigo exalava realmente, um odor esquisito. O “Lanterneiro” estrebucha: “Sórdido!” Ao que Nonato replicou na sua fúria radiante:

— A minha sordidez fede menos que a virtude do Corção!

A bacanal

A briga deu em nada. Às seis horas sai o Nonato, às carreiras. Encontra-se com o Camarinha, na esquina de México com Araújo Porto Alegre. O outro parecia lúgubre. Rosna:

— Michou.

— O que é que michou?

— A farra.

Protesta: “Mas não me diga uma coisa dessas! Eu já estava todo engatilhado!”

Contou que lera o Corção e que o artigo lhe dera uma violenta nostalgia do excremento. O outro explicava, com certo humor:

— Eu já sou normalmente sórdido, mesmo sem ler o Corção. Mas o caso é o seguinte: uma das pequenas, a menorzinha, comeu uma empada, que fez mal e...

Nonato pôs as mãos na cabeça: “Que peso! Que azar!” Caminhando com o amigo, em direção ao Pardelas, fazia-lhe apelos:

— Arranja outra! Outras! Tu conheces todo mundo!

— Dou um jeito — prometeu o Camarinha. Entram no Pardelas, sentam-se. Dentro em pouco, estão bebendo. Mais uns 15, vinte minutos e o chope começa a atuar nos dois. Nonato continua na ideia fixa:

— Por causa do Corção, já chutei a vida eterna. Prefiro apodrecer dignamente.

Estão semibêbados. Súbito, o Camarinha levanta a cabeça:

— Descobri. Tenho uma mulher pra ti. Uma cara. Boa pra burro.

Com o olhar apagado, quer saber: “Quem é?” Camarinha passa as costas da mão na boca encharcada. Disse (ri pesadamente):

— Surpresa.

O próprio Camarinha paga a despesa. Saem, com um equilíbrio meio deficiente. Nonato faz perguntas: “Onde é? Eu conheço?” A resposta foi a mesma:

— Surpresa.

Tomam um táxi. Nonato insiste: “Diz logo! Não chateia!” O outro reage, ofendido: “Você confia ou não confia em mim?” Respondeu que confiava. Mas o Camarinha era um bêbado insistente:

— Se não confia, a gente salta!

— Confio. Em você, confio. Juro.

Quando param, Nonato dormia no ombro do Camarinha. Este teve de sacudi-lo. Pagam e descem. Nonato olha em torno. Reconhece a praça Saens Peña. Com a vista turva e as pernas bambas, é puxado pelo amigo. Apesar de tudo, Camarinha é o mais sóbrio. Dobram uma esquina. Nonato, que pouco andava por aqueles lados, estava perdido. Súbito, Camarinha estaca: “É aqui.” Crispa a mão no braço do outro e baixa a voz:

— Eu quero me vingar dessa cara. Eu te apresento e olha: antes de sair, você dá a ela cinco cruzeiros. Cinco. Eu quero humilhar. Dá-lhe cinco cruzeiros. Se não tem trocado, toma aqui. Olha. Aqui, cinco cruzeiros, toma. Segura.

Nonato embolsa a cédula. Empurra o portão e entram. Batem. Uma moça (linda, linda) abre. Camarinha a afasta, com um palavrão. Nonato parou:

— Mas essa é tua mulher!

Ela não se mexe, firme, ereta. Camarinha ri pesadamente:

— É minha mulher. Me traiu. Eu descobri e todo dia trago um. Ouviu? Trago um e o sujeito paga cinco cruzeiros. Hoje é você. Entra ali. Naquela porta. Ali.

Sem uma palavra, a mulher foi na frente. Nonato tem um esgar de choro: “Mas é tua esposa!” O outro sacode: “Vai ou te arrebento!” Empurra-o. Nonato caminha, entra. A mulher fecha a porta a chave. Olham-se. Ela espera. Nonato começa:

— Eu não tocarei na senhora. Não tocarei.

E, súbito, cai-lhe aos pés. De joelhos, abraçado às suas pernas, repetia: “Minha santa! Oh, minha santa!” Na sua tristeza quase doce, ela passou-me, de leve, a mão pela cabeça.

97 - Excesso de trabalho

Era um pai muito escrupuloso. Sabendo que a filha estava com um romance, não perdeu tempo: tratou de saber, direitinho, quem era o namorado. Durante quatro ou cinco dias, andou de baixo para cima, de cima para baixo, fazendo sindicâncias. Aconteceu, sistematicamente, o seguinte: as pessoas interrogadas, sobre os predicados do rapaz, diziam sempre a mesma coisa:

— Muito trabalhador!

No fim de certo tempo, o velho estava crente de que nada caracterizava tanto o futuro genro como a sua fenomenal capacidade de trabalho. Deu-se enfim por satisfeito. Chamou a esposa e a filha. Andando de um lado para outro, ia dizendo:

— Bem. Andei tomando informações.

Fez uma pausa proposital. A filha, expectante, prendeu a respiração. Veio a pergunta:

— Que tal?

Seu Juventino estaca:

— Parece que é um bom rapaz, trabalhador e outros bichos.

Laurinha, que estava sentada, ergue-se, de olho aceso:

— O senhor então consente, papai?

Respirou fundo:

— Consinto.

O trabalhador

Seu Juventino sempre tivera particular e feroz ojeriza pelos ociosos e pela ociosidade. A perspectiva de um genro laborioso o deslumbrou: “Esse é dos meus”, disse, esfregando as mãos, numa satisfação profunda. Laurinha, radiante, foi correndo, dizer ao namorado: “Papai é teu fã! Teu admirador!” Raimundo, grave, pigarreia:

— Antes assim! Antes assim!

O namoro durou um ano e meio, pouco mais ou menos. Durante esse espaço de tempo, Raimundo vinha ver a namorada três vezes por semana. Chegava depois do jantar, passava meia hora com a pequena e partia, célere, afobado, para outro emprego. Trabalhava em três lugares diferentes e andava procurando uma quarta atividade. Dormia, todos os dias, às três horas da manhã e levantava-se às seis. Tanto trabalho teria que devastá-lo. E, de fato, o rapaz tinha um sono medonho, incoercível. Dormia no bonde, no ônibus, no lotação, sentado ou em pé. E, sobretudo, dormia ao lado da namorada. Parecia um cansado nato e hereditário. Impressionada por tamanha fadiga, Laurinha, levanta, certa vez, a hipótese:

— Você não está trabalhando demais, hein, meu filho?

Era óbvio que sim. Raimundo, na ocasião, cochilava espetacularmente, recostado ao ombro de Laurinha. Despertou, porém, quase indignado:

— Minha filha, parte do seguinte princípio: não existe o excesso de trabalho, percebeste? Nunca se trabalha demais!

Herói

Toda a família, com seu Juventino à frente, aplaudia esse dinamismo pavoroso de Raimundo. E Laurinha também, é claro. O máximo que a garota podia alegar é que, ao peso de tanto emprego e de tanto serviço, não sobrassem ao rapaz nem tempo, nem ânimo para o namoro. Ele passava semanas, meses, sem um carinho, um beijo, um galanteio. Laurinha, porém, tinha bastante discernimento para aceitar e compreender. De resto, o pai, a mãe, todo o mundo vinha sugestioná-la: “Tiraste a sorte grande! O Raimundo é um partidão!” E quando, em pleno namoro, vencido pelo cansaço, ele se punha a dormir, o sogro ou a sogra corria a desligar o rádio, com a recomendação:

— Não faz barulho, que o Raimundo está dormindo!

Enlace

O fato era o seguinte: o cansaço imenso, inenarrável do rapaz, passava a ser um orgulho, uma vaidade para a família. Quando os dois ficaram noivos, foi, até, comovente. Seu Juventino abraçou-se, chorando, ao futuro genro. E soluçava: “Meu filho! Meu filho!” Assoava-se e declarava, em alto e bom som:

— Eu sei, tenho certeza que um rapaz como você, trabalhador como você, fará a felicidade de minha filha!

Raimundo, com a exaustão de sempre, balbucia:

— Deus é grande! Deus é grande!

Três meses depois, houve o casamento.

Romântica

Laurinha era, como ela própria dizia, “muito romântica”. Duas coisas a atraíam, no casamento, de uma maneira irresistível: primeiro, a cerimônia religiosa, com o fabuloso vestido de noiva e toda a pompa nupcial; segundo, o que ela chamava, num arrepio, de “primeira noite”. Tinha uma amiga casada, aliás, desenvolta e sabidíssima, que afirmava:

— Todo o futuro do casamento depende da “primeira noite”!

Laurinha, trêmula, perguntava: “É batata, é?” A amiga suspirava: “Espera e verás!” Com o espírito trabalhado pela sugestão da conhecida, Laurinha sonhava, de olhos abertos: “Se eu tiver que morrer, que seja depois da ‘primeira noite’. Antes, não.”

Pois bem. Casou-se e, depois da cerimônia religiosa, em grande estilo, com música, luminárias, partiu com o noivo para o apartamento do Grajaú, onde passariam a residir. Chegam, entram. Diga-se, a título ilustrativo, que, no carro iluminado, Raimundo chegara a cochilar. Laurinha, aflita, de véu, grinalda, o sacudira: “Que coisa feia, meu filho! Acorda!” Enfim, estão no apartamento. E chegou o momento em que Laurinha entreabre a porta do quarto e avisa:

— Pode vir, meu bem.

Em seguida, ela se coloca em pé, no meio do quarto. Veste a camisola do dia, transparente, um decote ideal. Nunca se sentira tão nua. Seus pés calçam chinelinhas brancas. Na sua imaginação de noiva, antevê o deslumbramento do ser amado. Mas os minutos se escoam e nada. Para si mesma faz o espanto: “Ué!” Até que vem espiar na porta. Eis o que vê: o noivo, sentado, numa poltrona, a cabeça pendida, dorme de uma maneira profunda, irremediável. No maior espanto de sua vida, e sem se lembrar de cobrir-se com um quimono aproxima-se. Sacode-o: “Dormindo, meu filho?” O pobre-diabo levanta-se, em sobressalto. Vê, identifica a noiva, coça a cabeça: “És tu?” Diante dela, tem um desses bocejos medonhos. Laurinha atônita, não sabe o que fazer, o que pensar. Raimundo a enlaça:

— Vamos, meu anjo?

Primeira noite

Estão dentro do quarto. A fadiga acumulada do homem que trabalha muito, trabalha demais, dá um ritmo lerdo a tudo o que ele diz, pensa ou faz. Não obstante, Laurinha comove-se outra vez. Oferece a boca fresca e linda:

— Beija, me beija!

Ainda não foi desta vez. Pois o noivo bate na testa:

— Quedê o despertador?

E ela:

— Pra quê?

Raimundo, aflito, anda de um lado para outro, procurando: Onde está a droga do despertador?" Só falta olhar debaixo da cama. Laurinha insiste: "Mas pra que o despertador?" Ele para no meio do quarto, irritado:

— Tenho que acordar cedo, carambolas! Tenho que trabalhar!

Laurinha recua:

— Você vai trabalhar amanhã? Vai? Amanhã?

Explode:

— Claro! Vou, sim! Tenho um serviço urgentíssimo. Marquei com o chefe, às sete da manhã!

A pequena senta-se numa das extremidades da cama. Custa a acreditar: "Não é possível!" Ele, porém, acaba de descobrir o despertador detrás de uma jarrinha de flores. Exulta, aperta o relógio, de encontro ao peito; e vira-se, eufórico, para a mulher: "Agora eu posso dormir tranquilo!" Coloca o despertador em cima da mesinha de cabeceira. Laurinha, de braços cruzados, sem uma palavra, acompanha os movimentos do marido. Ele se põe de cócoras diante do camiseiro, apanha o pijama e vai mudar de roupa no banheiro. Volta, de pijama e descalço, bocejando que Deus te livre. Diante da mulher, coçando o peito, propõe:

— Queres me fazer um favor? De mãe pra filho? É o seguinte: eu estou num prego danado. Vamos fazer o seguinte: tu me deixas dormir uma meia hora e, depois, me acordas. O.k.?

— O.k.

Alucinação

Foi, até, interessante. Uma vez obtida a autorização, ele desaba na cama, como que fulminado pelo sono. Laurinha contempla aquele homem, com certo espanto e asco. Levanta-se; marca o despertador de seis para 12. Em seguida apaga a luz e vem para a janela, espiar a rua e a noite. Assim permaneceu, em dilacerada vigília. Pensa: “Foi-se por água abaixo a minha primeira noite!” Três ou quatro horas depois, continuava na janela. Súbito, ouve um rumor embaixo: era o leiteiro que, naquela manhã, começava o fornecimento dos novos fregueses. Então, dá nela uma fúria súbita, uma cólera obtusa e potente. Sem rumor, deixa o quarto e desce, pela escada, os dois andares do apartamento. Leva o quimono em cima da camisola diáfana. Abre a porta da rua e sai para o jardim; alcança o leiteiro, quando este partia, empurrando a carrocinha. Ele vira-se, assombrado. Laurinha se põe na ponta dos pés e o beija na boca, com loucura.

98 - Caixa de sapato

Na antevéspera do casamento, andou sentindo umas coisas esquisitas. Chamou a atenção de d. Flor:

— Mamãe, olha meu braço!

A velha veio espiar:

— O quê?

E Olivinha, num suspiro:

— Estou toda arrepiada!

Era verdade. De vez em quando, apesar do dia quente, experimentava um frio breve e intenso. Por alguns segundos, chegava a tiritar. D. Flor coçou a cabeça com a agulha de tricô. Surpresa e inquieta, sugeriu:

— Gripe?

Olivinha negava: “Não, não.” Explicava, sumária:

— Nervoso.

Era a natural e quase necessária emoção da noiva prestes a ser esposa. Então, numa brusca nostalgia do seu noivado antediluviano, a mãe suspirou, também:

— Ah, comigo foi a mesma coisa. Igualzinho. E sabe que, na igreja, a caminho do altar, eu estava tão nervosa que quase enjoei?

Olivinha pasmou:

— Que coisa!

O medo

Amava e era amada. De noite, apareceu o noivo. Chamava-se Gilberto (sobrenome, Peçanha) e era um desses Apolos de banho de mar que fazem um sucesso tremendo no voleibol de praia. Orgulhosa do noivo bonito e atlético, Olivinha lamentava uma coisa: que ele não pudesse andar, o dia todo, de calção de banho, só de calção, ostentando o peito de estátua. Gilberto veio nessa euforia que dá uma antevéspera de casamento. Beijou a pequena na face e, gaiato, soprou:

— Está chegando a hora da onça beber água!

E esfregava as mãos, numa felicidade escandalosa, inconveniente. Insistiu, baixo, no mesmo tom:

— Sabe como é, vamos fazer uma lua de mel caprichadíssima!

Olivinha o encarou, com falso melindre:

— Você hoje está impróprio pra menores!

Riram ambos, numa alegria recíproca e perfeita. Súbito, a pequena estaca.

Sentia o mesmo arrepio. Cruzou instintivamente os braços, apertou os lábios. Gilberto inclinou-se, surpreso:

— Que foi?

Fechou os olhos, ergueu o rosto. Balbuciou num presságio:

— Tenho medo!

— De que, ora, bolas? E medo de quê?

E ela, baixando a cabeça:

— Sou feliz demais. Minha felicidade está passando dos limites.

Mas Gilberto, no seu otimismo de “astro” de voleibol, enfiou as duas mãos nos bolsos:

— Ótimo! Se é feliz, ótimo!...

Ela insistiu:

— Mas tenho medo que, antes do casamento, aconteça alguma coisa, que...

Rápido, Gilberto se pôs de cócoras. Bateu no próprio assoalho as três pancadinhas. Otimista, mas supersticioso, bufou:

— Isola!

Presságio

Ele despedia quase à meia-noite. Antes, ralhou com a noiva:

— Parece criança! Tira essas ideias da cabeça!

Fosse como fosse, Olivinha foi dormir, quase de madrugada, e numa tristeza de todo o ser. O presságio existia, no mais íntimo de si mesma, contaminando sua vida. Imaginou não sei que misteriosas e catastróficas possibilidades. E uma das hipóteses, que se fixavam no seu espírito, era a de que ou ela ou o ser amado morresse antes da cerimônia. Chorou, então, no escuro do quarto, temerosa de uma felicidade que lhe parecia quase um pecado. Mas quando acordou, na manhã seguinte, era outra. Geralmente, costumava ir da cama para o banheiro, de pés descalços. Desta vez, foi mais prudente. No medo de um resfriado, uma gripe e talvez de uma fantástica pneumonia, enfiou os pés, pequenos e nus, nas sandalinhas de arminho. E, depois, quando desceu, tinha um meio-sorriso, que a tornava mais linda. Suspirou:

— Faltam 24 horas!

Todo o medo se extinguira no seu coração. Já não se acovardava diante da própria alegria. Vangloriou-se, na mesa do café, como se desafiasse todas as mulheres do mundo, passadas, presentes e futuras:

— Ninguém é mais feliz do que eu!

O presente

Ainda estava na mesa, comendo bolachinha de água e sal, quando bateram na porta. A criada foi atender e demorou. Quando reapareceu, parecia espantada: “Tem uma pessoa com uma encomenda pra senhora.” Apanhando entre os dentes uma bolachinha, deu a ordem sumária: “Apanha.” E a empregada:

— Ela diz que só entrega em mão. E que se não for assim, não entrega.

Na presunção de um presente, d. Flor catucou Olivinha: “Vai, minha filha, vai.” A pequena obedeceu. Foi encontrar, na porta, com um embrulho na mão, uma Fulana que ela não conhecia. Miúda, magra, duma polidez inimaginável, uma cara de preá, a desconhecida fez questão de saber:

— A senhora é que é d. Olivinha?

— Pois não.

Convencida de que não havia mistificação de identidade, a Fulana passou a encomenda, dizendo, baixo, sem desfitar a destinatária:

— Mandaram isso pra senhora.

— Está entregue.

Ocorreu, ainda, a Olivinha, a ideia de perguntar pelo remetente. Mas já a estranha se afastava, rente à parede, como se fugisse. Olivinha voltou para o interior da casa, com aquilo nas mãos. Fez a reflexão: “Parece caixa de sapato.” Sentou-se numa poltrona do hall e, um pouco espantada, desembrulhou o que era, de fato, uma caixa de sapato. Mas quando, com a maior das inocências, destampou, pôs-se a gritar, numa pavorosa histeria.

O anjo

Todas as pessoas da casa acudiram. E os vizinhos, alarmados, apareceram de roldão. Soluçando perdidamente, Olivinha apontava: no chão estava a caixa de sapato aberta; dentro, um guri, de dias, nuzinho e morto. Tiveram que arrastá-la dali, porque, no seu desespero, estava no limite da loucura. No quarto, com a mãe e umas senhoras da vizinhança, soluçava: “Mandaram isso na véspera do meu casamento!” O pai, que foi chamado às pressas, não compreendia aquele presente fúnebre. Andando de um lado para outro, mascando um charuto apagado, estrebuchava:

— Que mágica besta!

Suspeita

Veio a polícia. Até repórter e fotógrafos apareceram. Súbito, acontece o imprevisto. Olivinha, que chorava baixinho, num desmoronamento total, tem um repelão feroz. Grita: “Já sei!” Encara com a mãe, com as vizinhas e anuncia, com os olhos terríveis e videntes: “É dele! Esse menino é filho do Gilberto!” Insistia, fanatizada pela própria suposição: “Tenho certeza!” Pronto. Era uma hipótese gratuita e cruel, mas tremendamente persuasiva. Todos na casa se entreolharam, tocados por uma quase certeza. E quando Gilberto surgiu, espavorido, requisitado pela família, o pai se trancou com ele. Fez-lhe a pergunta frontal: “É teu ou não é teu?” A princípio, quis negar; acabou admitindo: “Deve ser.” Então, o sogro o segurou, enérgico: “Mas não confessa! Nem a bacamarte! Em amor, deve-se mentir, sempre! O golpe é mentir!” Arrasado arquejou: “O.k.”

Drama

Pouco depois, era interpelado pela noiva. Mentiu. Mas ela criou o dilema: “Ou tu confessas ou não caso!” A família pôs as mãos na cabeça. Com medo de escândalo, o pai queria casamento de qualquer maneira. Em pé, os braços cruzados, uns olhos frios e cruéis, Olivinha teimava: “Ou confessas ou...” Gilberto era um fraco, um pusilânime e, além do mais, um apaixonado. Explodiu, afinal:

— Era meu, sim. Era meu filho.

Com minuciosa curiosidade, Olivinha extorquiu o resto; e Gilberto, chorando, reduzido a um trapo, contou o romance com uma menina pobre, que o perseguia com o apelo: “Quero um filho teu.” Sabia-o comprometido com outra, o diabo. Mas queria assim mesmo. Com a maternidade, mudou, num ciúme súbito e medonho. Provavelmente, matara a criança.

Quando ele acabou, Olivinha encostou-se à parede, com as duas mãos no estômago. Trancava os lábios, numa náusea de todo o ser. E começou a gritar:

— Tirem esse homem daqui! Pelo amor de Deus, tirem esse homem! Tenho nojo desse homem!

O casamento não pôde ser realizado. E Gilberto, que a amava com loucura, tentou reconquistá-la. Mas sempre que surgia, Olivinha se crispava em ânsias mortais. A simples presença do noivo ou ex-noivo tinha o poder de fixar no seu espírito a imagem do anjo morto, na caixa de sapato. Primeiro, era só com Gilberto. Depois, passou a abominar e a ter náusea de todos os homens. E, por fim, já via em cada mulher uma possível assassina de anjos.

99 - O beijo

Quando souberam que ele estava namorando a Aída, foi um deus nos acuda:

— Mas não faça isso! Pelo amor de Deus!

Outros pressagiavam:

— Olhe que sua mãe vai ter um desgosto tremendo! Com tanta pequena interessante, tanta pequena séria, você vai escolher logo essa? Tem dó!

E, de fato, Aída tinha um passado tenebroso; dizia-se, a seu respeito, o diabo; que andava como todo mundo; que fora vista não sei onde, de madrugada, com o dono de uma tinturaria. Alegava-se, por outro lado, que era de uma falta de modos, de compostura absolutíssimos. Carlos ouvia, com paciência, os detratores. Por vezes admitia:

— Não há dúvida! Eu sei de tudo isso! Ela própria me contou!

E acrescentava:

— Mas Aída mudou muito! Criou juízo! Só você vendo!

Os parentes, os amigos, tinham um fundo suspiro; despediam-se dizendo:

— Abre o olho, rapaz! Não é pequena pra casar! Vai por mim!

Ele, porém, continuou firme com a menina. Era teimoso por natureza e, além disso, sentia o que ele próprio classificava como um “rabicho tremendo”. Podia o mundo vir abaixo, que não a largaria, salvo na hipótese de... E, a rigor, só levava em conta a oposição materna, que era realmente feroz. A mãe o advertia, dia e noite: “Toma nota, escreve o que eu te digo: não serve, não presta!” E como a velha senhora andasse com pressão baixa, diabética, Carlos não discutia, ouvia só.

Uma menina levada

Sim, Aída fora uma moça levadíssima. Ela própria, andando de braço, com ele, pela calçada, confessava:

— Eu não era sopa! Fiz misérias!

— E agora?

— Agora, não, claro! Agora é diferente! Agora, eu tenho você, gosto de você. Mas antes, ninguém podia comigo!

E no tom, na inflexão com que dizia isso e em toda a sua atitude havia uma espécie de vaidade retrospectiva, como se a memória de não sei que loucuras passadas, ainda a comovesse. Fizera para o namorado um levantamento completo de todos os seus namoros, flertes, leviandades, como se ele fosse um confessor profissional. E Carlos atraí-do, fascinado, exigia que ela esmiuçasse cada caso, fazia questão do detalhe ínfimo e inconfessável. A princípio, Aída teve escrúpulo de contar certas passagens, mas, pouco a pouco, vencida pela insistência do outro e cedendo ao próprio prazer evocativo, foi de uma sinceridade minuciosa e implacável. Um dia, chegou mais longe: surpreendeu-se a mentir, a inventar episódios, incidentes, atitudes. Ele, quieto, num assombro mudo, dizia, por vezes:

— Como pode! Como pode!

A dúvida

Havia nas confissões de Aída, dois aspectos: por um lado, o deslumbrava pela sinceridade total; por outro, o aterrava, sugerindo todas as dúvidas possíveis e imagináveis. Ele a defendia, em todos os lugares, inclusive na própria casa; mas, no mais íntimo de si mesmo, tinha medo ou, por outra, começava a ter medo. Imagine se ela, depois do casamento... A mãe, d. Isaura, o esperava, todas as noites, com uma novidade amarga:

— Soube mais uma da tua pequena. Uma notável! Imagine que ela também namorou, sabe quem?

E, na sua fúria, na sua tenacidade de mulher que odeia outra mulher, contava mais um caso que era, a um só tempo, grotesco e abjeto. Em suma: ela fora vista, com o senhorio, de automóvel, na estrada da Tijuca. O senhorio! Devia ter três ou quatro meses de aluguel e liquidaria a dívida assim, com favores dessa natureza. E a grande verdade era a seguinte: desde então, a família da moça não pagava mais aluguel, morava de graça! D. Isaura punha as mãos na cabeça:

— É possível? Responda! É possível?

Fazia paralelos entre Aída e uma série de “meninas direitas”, que ele conhecia ou conhecera. Citava, sobretudo, como exemplo de grande mulher — fiel, abnegada, infalível — uma vaga, uma fabulosa prima, chamada Suzana. Recontava o caso, pela décima vez: Suzana gostava muito de um rapaz. E, em pleno namoro, o rapaz aparece com umas tantas manifestações, uns tantos sintomas que o levaram ao médico. Constatou-se, então, apenas isto: ele estava morfético! Que fez Suzana? Correu para desinfetar as mãos, a boca, os cabelos? D. Isaura fazia as perguntas e ela própria respondia, com uma exasperação de fanática:

— Pois sim!

A prima Suzana, assim que soube da notícia, simultaneamente com o parecer médico contrário ao casamento, precipitou-se ao encontro do ser amado. Houve, então, a grande cena: na frente de parentes atônitos, ela o beijara na boca! O episódio ocorrera há uns trinta anos ou mais. Não se casaram, porque o próprio namorado não quis. Mas ela acabou contaminada, também. E a mesma doença os uniu mais, muito mais, do que um simples vínculo matrimonial.

A moléstia

Tanto tempo depois, d. Isaura interpelava o filho:

— Duvido que Aída fizesse o mesmo por você! Aposto a minha cabeça!

Carlos ouvia, de cabeça baixa, e num interesse imenso. Tudo o que se dissesse sobre a mulher amada, desde o comentário mais trivial até a acusação mais dramática, tinha o dom de comovê-lo. Ia para o quarto, enquanto a mãe, no seu rancor de nervosa, de obcecada, gemia para si mesma: "Ah, meu Deus! Por que esse diabo não, morre?" No quarto, tirando a gravata, desabotoando a camisa, Carlos evocava essa remotíssima e notável prima. Na sua imaginação, criava o quadro: ela e o namorado apodrecendo juntos, numa ternura hedionda. Depois, já deitado, pouco a pouco, ia transferindo o caso para si mesmo: punha-se no lugar do doente e Aída no lugar da prima. Aída seria capaz de beijá-lo, sabendo-o contaminado? Pelo espaço de um mês ou dois, andou com o problema na cabeça. Já era uma ideia fixa. Até que, uma noite, não resistiu. Com um objetivo secreto, começou a fazer uma série de perguntas a Aída:

— Se eu ficasse doente, muito doente, se eu apanhasse por exemplo, uma tuberculose?

Ela reclamou:

— Ih, meu filho! Você hoje está fúnebre! Isola!

Com doçura, insistiu:

— Façamos de conta que eu ficasse doente do peito. Você brigaria comigo?

— Quanta bobagem!

— Isso não é resposta. Você me beijaria na boca, hein?

Aída teve um desabafo:

— Beijaria, sim, pronto, acabou-se! Mas vamos mudar de assunto, que esse não interessa.

Durante 15 dias, só falaram de coisas triviais. De vez em quando, alguém sugeria: "Larga essa pequena! Dá o fora, rapaz!" Ele, intimamente, sabia que o abandono era impossível. Todo homem nasce condenado a uma mulher, única e insubstituível; a dele era Aída. Felizmente, tudo ia muito bem e a confiança entre os dois, recíproca e perfeita. Numa atitude de admirável lealdade, ela acabara de fazer a confissão extrema: de que, há tempos, dera um mal passo. Carlos adorou esta sinceridade e beijou, uma após outra, as mãos da pequena, como se a

venerasse. Ela, na vaidade da própria franqueza, insistiu:

— Eu não tapeio ninguém! Comigo é pão, pão, queijo, queijo! Sou assim!

Enfim, cada vez mais seguro do próprio e do amor de Aída, resolveu fazer a grande experiência com a namorada. Foi mais cedo, nesse dia, e conversando, de braço dado, ele a levou para o jardim. Sentaram-se num banco. Carlos simulava tristeza. Por sua vez, Aída parecia, senão triste, pelo menos diferente. Bocejava de vez em quando. Então Carlos começou dizendo que, naquele dia, estava meio adoentado. Novo bocejo de Aída, com a observação lacônica:

— Gripe.

A prova de amor

Foi a trivialidade da doença, que a pequena lhe atribuía, que o decidiu. O fato é que, com um certo senso de teatro, ele disse:

— Você vai ver o que nunca viu. Olha só, olha!

Tirou um cigarro da carteira e o acendeu; tragou duas ou três vezes. Já atraída, interessada, Aída acompanhava cada movimento do rapaz. Ele, como um prestidigitador na iminência da prova, mostra o cigarro. E, então, ante o espanto da outra, encostou a ponta acesa na palma da própria mão. Fora de si, Aída gritou que parasse e perguntou se estava louco. O rapaz atirou o cigarro fora e tomou entre as suas as mãos da pequena:

— Eu não senti nada, absolutamente nada, nenhuma sensação, compreendeu? E sabe por quê? Porque tenho uma doença mil vezes pior que a tuberculose.

A princípio, Aída não compreendeu. Perguntou:

— Que doença? Que espécie de doença? Será que...?

Ergueu-se, lentamente. Havia, dentro dela, uma suspeita que não tardou a se fundir em certeza. E ele, no escrúpulo do nome desagradável e mais popular, usou a expressão “lázaro” e se apresentou, franca e decisivamente, como “lázaro”. Ao mesmo tempo, agarrou-a pelos dois braços, pediu “o beijo na boca”. Ela deu dois gritos:

— Me solte! Me largue!

Desprendeu-se violentamente e correu. Ele foi no seu encalço como louco, dizendo que voltasse, que era mentira, brincadeira. Ela, porém, não o escutava, numa revolta de todo o seu ser. Parou, adiante, passou as costas das mãos nos lábios, como se os limpasse dos beijos recebidos. Foi alcançada, subjugada. Mas fugia, com o rosto, da boca obstinada, demente, que perseguia a sua. Dizia, numa obsessão que já era loucura:

— Leproso! Leproso!

Estavam num lugar deserto, ninguém os viu, ninguém a socorreu. Enquanto foi viva, ele não a conseguiu beijar. Carlos, sem saber o que fazia, apertou sou pescoço até que ela não se mexeu mais e ficou muito quieta e largada, os olhos abertos para o céu da tarde. Então, pôde beijá-la muitas vezes.

100 - A desconhecida

Interpelou os companheiros:

— Sou ou não sou bonito?

Um deles, tomando um refrigerante, na própria garrafa, com um canudinho, aventurou:

— Não acho homem bonito. Pra mim, qualquer homem é um bucho.

Acharam graça, riram. Mas Andrezinho, no seu paletó cintado, camisa de um cinza quase roxo, insistia:

— Sou, sim. Sou pintoso. Qualquer mulher gosta de mim.

— Qualquer uma?

Enfiou as duas mãos nos bolsos:

— Qualquer uma.

Então, o Peixoto, que tomava uma média num canto do boteco, ergueu-se de sua mesa. Aproximava-se segurando um pedaço de pão e ainda mastigando. A manteiga escorria-lhe do lábio como uma baba. Sentou-se perto do Andrezinho. De boca cheia, dizia:

— Vou te provar que és um mascarado. Queres ver?

Recostou-se na cadeira:

— Duvi-d-o-dó.

E o outro:

— Ah, duvidas? Pois então escuta e vocês também: eu conheço uma pequena com quem tu não arranjarias tostão. Aposto os tubos!

Andrezinho piscou o olho para os demais. Inclinou-se, gaiato:

— E se eu conquistar?

Se você conquistar, pode me cuspir na cara.

Andrezinho levantou-se. Anunciou:

— Está no papo!

O bonitão

Perguntava, por toda a parte: “Sou ou não sou bonito?” A princípio, fazia isso por brincadeira. Mas, pouco a pouco, pela repetição, aquilo tornou-se um hábito, um vício. E acontecia, não raro, uma coisa interessante: apresentado a uma pessoa, em vez de dizer “muito prazer”, perguntava:

— Sou ou não sou bonito?

Já o dominava um desses automatismos irresistíveis. Como fosse realmente bonito e, de resto, simpático, todos achavam graça. Sua sorte no amor era fantástica. Em casa, o telefone não parava. Eram pequenas, de todos os tipos e classes, que o perseguiam. Dizia-se que até senhoras casadas, muito mais velhas que ele, o adoravam. E o jeito, meio terno, meio infantil, meio voluptuoso, com que ele exaltava a própria aparência física, era um atrativo a mais. De resto, com o orgulho de Narciso confesso, Andrezinho implicava, na mesma vaidade, até peças de roupa. Mostrava meias de um amarelo extravagante, as gravatas ultracoloridas, os sapatos. E interpelava os conhecidos:

— Que tal? Viste a classe?

— Mais ou menos.

E ele, numa risada:

— Elas não me deixam!

Misteriosa

Até que, numa conversa de café, o Peixoto, que não gostava do Andrezinho, diz que conhecia uma fulana. Andrezinho saltou. Já com seu instinto de sedutor nato em polvorosa, pôs a mão no ombro do outro:

— Pra mim, não existe a mulher inconquistável.

Peixoto, que tinha uma perna mais curta que a outra e era um sujeito taciturno e caladão, teimou: “Pra teu governo, essa cara é. Nem você, nem duzentos como você, arranja nada.” Andrezinho esfregou as mãos, na euforia da conquista que supunha próxima e inevitável.

— Dá nome, endereço, telefone e deixa o resto por minha conta.

Peixoto teve um meio-riso sardônico:

— Pra quê? Dar nome pra quê? Nem adianta.

— Tens medo?

Ergueu-se o outro:

— Não interessa, não interessa. E te digo mais: não quero que um amigo meu banque o palhaço. Até logo.

Já ia saindo, com sua perna mais curta do que a outra. Então, o Andrezinho arremessou-se no seu encalço: “Mas como é essa Fulana? Bonita?” Peixoto parou na porta do boteco e rilhava os dentes:

— Se é bonita? Um espetáculo! Duzentas vezes melhor que a Heddy Lamarr! Mete a Lana Turner no chinelo!...

Romance

Nessa noite, Andrezinho custou a dormir. Estava acostumado à mulher bonita, à conquista fácil, mas o fato é que Peixoto soubera criar uma sugestão diabólica. Quem seria? Como seria? Imaginava um nome, um rosto ou, por outra: imaginava vários nomes e um rosto múltiplo para a estranha. De manhã, escovando os dentes, ainda pensava nela com apaixonada obstinação. No ônibus, veio com um amigo. Primeiro perguntou: “Sou bonito?” Em seguida, admitiu:

— Estou interessadíssimo por uma cara que nunca vi mais gorda. Não é gozado?

Do escritório, ligou para o Peixoto: “Deixa de ser sujo e diz logo, quem é a Fulana?”

O outro divertiu-se cruelmente: “Mas você já não está tão cheio de mulher? Entupido de mulheres?” E Andrezinho:

— Solteira, casada ou viúva?

Peixoto foi irredutível:

— Sossega, Andrezinho, que eu não vou te dizer nada. Ou tu me achas com cara de arranjar mulher pra ti?

Espantou-se:

— Mas olha aqui, seu animal! Não foste tu que tiveste a ideia? Foi ou não foi?

Concordou que sim, aduzindo: “Foi, sim. Porém mudei de opinião, ora, bolas! O que é que eu ganho com isso? Ganho alguma coisa? Nada!” Andrezinho desligou o telefone, assombrado. E fez o comentário para si mesmo:

— Que mágica besta!

Imaginação

De noite, encontraram-se no café. Andrezinho, com a imaginação em chamas, arrastou-o para um canto. Naquela noite, fez o monopólio do amigo, absorveu-o. Mandou vir cerveja, com a ideia de puxar por ele. E, de fato, à medida que ia bebendo, Peixoto abriu-se. Lambendo a espuma dos beiços, admitiu que a outra o conhecia. Andrezinho tomou um susto: “Ah, me conhece? E qual é a impressão dela, a meu respeito?” Semibêbado, Peixoto piscou o olho:

— Te considera um cretino de pai e mãe. Um idiota chapado!

Doeu-se:

— Mentira tua!

E Peixoto:

— Palavra de honra!

Continuaram a conversa, com um imenso consumo de cerveja. Querendo pôr água na boca do outro, Peixoto exagerava: “É boa até depois de amanhã. Dessas que derretem edifícios!” E, por fim, iluminado pela cerveja, praguejava, como um possesso:

— Olha aqui, seu zebu! Eu sou aleijado, sei que sou! Mas a minha vingança, sabe qual é? — parou, para tomar fôlego. — É que tu não vais conhecer essa pequena, não, percebeste?

Na sua cólera de bêbado, investiu, querendo agredi-lo:

— Pelo menos essa, tu não vais conquistar, porque eu não deixo!

Obsessão

Três ou quatro dias depois, o próprio Andrezinho reconhecia, em pânico, para os amigos mais íntimos: “Estou apaixonado e não sei por quem. Vê se pode?” Mandou emissários ao Peixoto, com apelos desesperados. Mas o outro foi irredutível; fazia um gesto de quem usa fecho-ecler: “Sou um boca de siri.”

E acrescentava: “Andrezinho pode ser bonito lá pra o raio que o parta. Pra mim, não.” O fato é que, depois do seu desabafo no boteco, Peixoto mudara com Andrezinho. Cruzava os braços, fechava a fisionomia, quando o amigo ou ex-amigo vinha pedir:

— Diz quem é. Dá o nome. Só quero saber o nome. Nada mais.

Peixoto calcava a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro. Parecia hesitar. Inclinava-se:

— O nome não digo. Basta que você saiba o seguinte: é a melhor mulher do Rio de Janeiro. A melhor, percebeu?

Andrezinho partia desesperado. Os amigos, impressionados com sua obsessão, tentavam chamá-lo à ordem: “Quem sabe se não é gozo do Peixoto em cima de ti? Vai ver que é!” Incapaz de atender a qualquer raciocínio, ele explodia: “Eu só quero saber o nome. Bastava o nome. Ou, então, um retrato!” Já não se dizia “bonito”, nem “pintoso”. Admitia: “Acabo maluco, se já não estou.” No emprego, passava horas imerso numa ardente e inútil meditação. Até que um dia recebe a notícia: ao atravessar uma rua, Peixoto morrera imprensado entre um bonde e um ônibus. Andrezinho uivou: “Morto?” E soluçava: “Não é possível! Não pode ser!” Uns 15 minutos depois, entrava no necrotério. Ao ver o outro, na mesa, definitivamente silencioso, sentiu-se condenado a amar uma mulher, que jamais conheceria. Enfureceu-se. Atirou-se ao cadáver, sacudia-o, gritando:

— Diz o nome! Quero o nome! Fala!...

Foi agarrado, dominado. Então, caiu de joelhos, no ladrilho. Seu choro era grosso como um mugido.

Sobre o autor

Nelson Rodrigues nasceu em Recife, em 1912, e morreu no Rio de Janeiro, em 1980. Foi com a família para a então capital federal com sete anos de idade. Ainda adolescente começou a exercer o jornalismo, profissão de seu pai, vivendo em uma cidade que, metáfora do Brasil, crescia e se urbanizava rapidamente. O país deixava de ser predominantemente agrícola e se industrializava de modo vertiginoso em algumas regiões. Os padrões de comportamento mudavam numa velocidade até então desconhecida. O Brasil tornava-se o país do futebol, do jornalismo de massas, e precisava de um novo teatro para espelhá-lo, para além da comédia de costumes, dos dramalhões e do alegre teatro musicado que herdara do século XIX.

De certo modo, à parte algumas iniciativas isoladas, foi Nelson Rodrigues quem deu início a esse novo teatro. A representação de *Vestido de noiva*, em 1943, numa montagem dirigida por Ziembinski, diretor polonês refugiado da Segunda Guerra Mundial no Brasil, é considerada o marco zero do nosso modernismo teatral.

Depois da estreia dessa peça, acompanhada pelo autor com apreensão até o final do primeiro ato, seguiram-se outras 16, em trinta anos de produção contínua, até a última, *A serpente*, de 1978. Não poucas vezes teve problemas com a censura, pois suas peças eram consideradas ousadas demais para a época, tanto pela abordagem de temas polêmicos como pelo uso de uma linguagem expressionista que exacerbava imagens e situações extremas.

Além do teatro, Nelson Rodrigues destacou-se no jornalismo como cronista e comentarista esportivo; e também como contista e romancista, escrevendo, sob o pseudônimo de Suzana Flag ou com o próprio nome, obras tidas como sensacionalistas, sendo as mais importantes *Meu destino é pecar*, de 1944, e *Asfalto selvagem*, de 1959.

Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso

1. *Dom Casmurro*, Machado de Assis
2. *O príncipe*, Nicolau Maquiavel
3. *A arte da guerra*, Sun Tzu
4. *A República*, Platão
5. *Assassinato no Expresso do Oriente*, Agatha Christie
6. *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida
7. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis
8. *Discurso do método*, René Descartes
9. *O contrato social*, Jean-Jacques Rousseau
10. *Orgulho e preconceito*, Jane Austen
11. *Cai o pano*, Agatha Christie
12. *Seus trinta melhores contos*, Machado de Assis
13. *A náusea*, Jean-Paul Sartre
14. *Hamlet*, William Shakespeare
15. *O manifesto comunista*, Karl Marx
16. *Morte em Veneza*, Thomas Mann
17. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
18. *Orlando*, Virginia Woolf
19. *Ilíada*, Homero
20. *Odisseia*, Homero
21. *Os sertões*, Euclides da Cunha
22. *Antologia poética*, Fernando Pessoa
23. *A política*, Aristóteles
24. *Poliana*, Eleanor H. Porter
25. *Romeu e Julieta*, William Shakespeare
26. *Iracema*, José de Alencar
27. *Apologia de Sócrates*, Platão
28. *Como vejo o mundo*, Albert Einstein
29. *A consciência de Zeno*, Italo Svevo
30. *A vida como ela é*, Nelson Rodrigues
31. *Madame Bovary*, Gustave Flaubert

32. *O anticristo*, Friedrich Nietzsche
33. *Razão e sentimento*, Jane Austen
34. *Senhora*, José de Alencar
35. *O primeiro homem*, Albert Camus
36. *Kama Sutra*, Mallanaga Vatsyayana
37. *Esaú e Jacó*, Machado de Assis
38. *O profeta*, Khalil Gibran
39. *Dos delitos e das penas*, Cesare Beccaria
40. *Elogio da loucura*, Erasmo de Roterdã